VINTE ANNOS DEPOIS

POR

M. ALEXANDRE DUMAS

(Traducção de Gastão da Fonseca)



Typographia do «Diario Illustrado», rua da Atalaya, 173, Lisboa

VINTE ANNOS DEPOIS

I

Phantasma de Richelieu

Em um dos quartos do paço do cardeal, que já conhecemos, ao pé de uma meza com cantos de prata doirada, carregada de livros, estava sentado um homem, com a cabeça encostada ás mãos. Por traz d'elle havia um fogão grande, com muito lume, e de que os tições inflammados eram sustidos por ferros doirados. A chamma do fogão alumiava posteriormente o vestuario magnifico d'esse pensador, que a luz de um candalabro cheio de velas alumiava por diante.

Ao ver-lhe a samarra roxa e as ricas rendas, ao ver-lhe a fronte pallida e curvada pela meditação, ao ver a solidão do gabinete, o silencio das ante-camaras, e o passo compassado dos guardas no patamar da escada, acreditar-se-hia que ainda estava no seu quarto a sombra do cardeal de Richelieu.

Ali era effectivameete só a sombra do grande homem. A França enfraquecida, a auctoridade do rei esquecida, os rendimentos minguados e difficeis de cobrar, o inimigo dentro das fronteiras, tudo testemunhava que Richelieu já não estava ali.

Mas o que mostrava ainda mais que a samarra roxa não era a do velho cardeal, era este isolamento que, como disse-

mos, mais parecia de um phantasma do que de um vivo; eram esses corredores sem cortezãos, esses pateos cheios de guardas; era o sentimento motejador que ascendia da rua e penetrava pelos vidros d'esse quarto abalado pelo sopro de uma cidade inteira ligada contra o ministro; eram rumores longinquos e incessantes renovados com tiros, dados felizmente sem proposito e sem resultado, mas só para fazer ver aos guardas, aos suissos, aos mosqueteiros e aos soldados que rodeavam o paço real, porque o proprio paço do cardeal mudara de nome, que o povo tambem tinha armas.

O phantasma de Richelieu era Mazarino.

Ora Mazarino era só e sentia-se fraco.

—Estrangeiro! murmurava elle; italiano! é o palavrão d'elles! Com esta palavra assassinaram, enforcaram e devoraram Concini, e, se eu os deixasse, assassinar-me-hiam egualmente, com quanto nunca lhes fizesse outro mal senão lançar-lhes alguns impostos. Parvos! não percebem que o seu inimigo não é este italiano que falla mal o francez, mas são os que teem o talento de lhes dizerem lindas palavras com tão pura e tão boa pronuncia parisiense.

—Sim, sim, continuava o ministro com o seu sorriso astuto, que d'esta vez parecia singular em seus labios desbotados, sim, os seus rumores bem o dizem, é precaria a sorte dos favoritos; mas, se sabem isto, devem saber tambem que eu não sou um favorito trivial! O conde de Essex tinha um annel esplendido e adornado de diamantes que lhe dera a sua real amante, eu tenho um simples annel com uma cifra e uma data, mas este annel foi benzido na capella do paço real (1); por isso não hão de dar cabo de mim como desejariam. Não percebem que como seu grito eterno: «Abaixo Mazarino!» os faço gritar ora «Viva o sr. de Beaufort», ora «Viva o principe», ora «Viva o parlamento». Pois o sr. de Beaufort está em Vincennes, o principe ha de ir ter com elle um dia ou outro, e o parlamento...

N'este ponto o sorriso do cardeal tomou uma expressão de

(1) Sabe-se que Mazarino, que não tomara nenhuma das ordens que impedem o casamento, casara com Anna de Austria. Vid. s Memorias de Laporte e as da princeza palatina.

odio de que o seu meigo rosto parecia incapaz. E o parlamento... Oral o parlamento... veremos o que fazemos d'elle, temos Orleans e Montargis... Oh! hei de empregar n'isso algum tempo; mas os que começaram a gritar «Abaixo Mazarino» hão de acabar por gritar «Abaixo toda esta gente»; a pedra a quem toca... Richelieu, que elles odiavam quando era vivo, e de que fallam sempre depois que morreu, esteve mais abaixo do que eu, porque foi demittido muitas vezes, e mais ainda teve medo de o ser. A rainha não me demittirá a mim, e se eu for obrigado a ceder ao povo, ella ha de ceder comigo, se eu fugir ella fugirá, e veremos então o que fazem os rebeldes sem a sua rainha e sem o seu rei... Oh! se eu não fosse estrangeiro, se fosse francez, se fosse fidalgo!

E tornou a meditar.

A posição era realmente difficil, e o dia que acabava de passar mais a havia complicado. Mazarino, acicatado sempre pela sua sordida avareza, vexava o povo com impostos, e o povo, a que restava só a alma, como dizia o procurado geral Talon, e a alma não se podia vender em almoeda, o povo, a que se desejava que tivesse paciencia com o ruido das victorias que se ganhavam, e que achava que os louros não eram carne com que podesse alimentar-se, o povo havia muito que começara a murmurar.

Mas não era tudo, porque, quando só o povo murmura, a corte, d'elle separada pela burguezia e pelos fidalgos, não o ouve; mas Mazarino tinha tido a imprudencia de se declarar contra os magistrados! Tinha vendido doze diplomas de referendarios, e, como os officiaes pagavam muito caro os seus cargos, e a nomeação d'estes doze novos collegas, ia deprecial-os, tinham-se reunido, tinham jurado aos santos Evangelhos não aturar o augmento, e resistir a todas as perseguições da corte, promettendo uns aos outros, no caso de algum perder o cargo por causa d'esta rebellião, quotisarem-se para o reembolsarem do seu valor.

Eis o que succedia por estes dois lados:

A 7 de janeiro haviam-se reunido e alvorotado setecentos e oitocentos commerciantes de Paris, por causa de uma nova taxa que se queria impor aos proprietarios de casas, e tinham mandado uma deputação de dez para fallar ao duque de Or-

jeans, que, segundo o seu antigo costume, tratava de obter popularidade. O duque de Orleans tinha-os recebido, e elles haviam-lhe declarado que estavam decididos a não pagar a nova taxa, ainda que tivessem de se defender a mão armada dos empregados do rei que se lhes dirigissem para a cobrar. O duque de Orleans ouvira-os com muita benevolencia, dera-lhes esperança de alguma moderação, promettera-lhes fallar n'isso á rainha, e despedira-os com a palavra usual dos principes: «Veremos».

A 9 os referendarios, pela sua parte, tinham ido ter com o cardeal, e um d'elles, que tomara a palavra em nome de todos, fallara-lhe com tanta firmeza e tanta audacia que o cardeal ficara espantado; e por isso despedira-os, dizendo, como o duque de Orleans, que se havia de ver.

Então, para ver, reunira-se o conselho e mandara-se chamar o superintendente das finanças d'Emery.

Este d'Emery era detestadissimo pelo povo, primeiro porque era superintendente das finanças, e todo o superintendente das finanças deve ser detestado; e depois, deve dizer-se, porque o merecia até certo ponto. Era filho de um banqueiro de Lyon, que se chamava Particelli, e que, tendo mudado de nome, em seguida a uma quebra, se fizera chamar d'Emery. O cardeal de Richelieu, que reconhecera n'elle um grande merito financeiro, apresentou-o ao rei Luiz XIII com o nome de sr. d'Emery, e queria fazel-o nomear intendente das finanças, dizendo-lhe d'elle maravilhas.

—Ah! melhor, respondeu o rei, estimo que me falle do sr. d'Emery para esse logar, que deve ser exercido por um homem honrado. Disseram-me que o cardeal queria promover o patife de Particelli, e eu tinha medo de que me forçasse a admittil-o de novo.—Mas, sire, respondeu o cardeal, tranquilise-se vossa magestade, o Particelli de que falla foi enforcado.—Ah! melhor, respondeu o rei, não é por coisa nenhuma que me chamaram Luiz o Justo.

E assignou a nomeação do sr. d'Emery.

Era o mesmo d'Emery que era superintendente das finanças.

O conselho mandara-o chamar, e elle apresentara-se pal-

lido o esbaforido, dizendo que n'esse mesmo dia lhe iam assassinando o filho na praça do Paço: encontrara-o a multidão e exprobrara-lhe o luxo de sua mulher, que tinha uma casa forrada de velludo encarnado com franjas de ouro. Era filha de Nicolau Lacamus, secretario do rei em 1617, que tinha ido para Paris com vinte libras, e que, reservando para si quarenta mil libras de renda, acabava de fazer partilhas de sete milhões a seus filhos.

O filho de d'Emery ia sendo estrangulado, porque um dos amotinadores propozera apertar-lhe o gasnete até elle deitar cá fora o oiro que devorara. O conselho nada decidiu n'esse dia, porque o superintendente, muito preoccupado com esse acontecimento, não tinha a cabeça em muito bom estado.

No dia seguinte o primeiro presidente Matheus Molé, cuja coragem em todos os negocios, diz o cardeal de Retz, egualou a do duque de Beaufort e a do principe de Condé, isto é, dos dois homens que eram tidos como os mais bravos da França, no dia seguinte, o primeiro presidente, dizemos, tinha sido tambem atacado; o povo ameaçava-o de o fazer pagar os males com que o queriam affligir; mas o primeiro presidente respondera com a sua serenidade habitual, sem tremer nem admirar-se, que, se os perturbadores não obedecessem ás vontades do rei, ia mandar levantar forcas nas praças para serem immediatamente enforcados os mais bulhentos. E a isto haviam elles respondido que muito desejariam ver levantar as forcas, e que serviriam para enforcar os maus juizes que compravam as boas graças da corte á custa da miseria do povo.

E não é ainda tudo: a 11, a rainha, indo á missa a Notre-Dame, o que fazia regularmente todos os sabbados, tinha sido seguida por mais de duzentas mulheres gritando e pedindo justiça. Não tinham más intenções, o que queriam só era pôr-se de joelhos diante d'ella para ver se lhe excitavam a compaixão; mas os guardas não lh'o permittiram, e a rainha passou altiva e soberba sem attender aos seus clamores.

Houve de tarde outra vez conselho, e decidiu-se n'elle mentar a auctoridade do rei; e em consequencia d'isso foi convocado o parlamento para o dia seguinte, 12.

N'este dia, em cuja noite nós começamos esta nova historia, o rei, então da edade de dez annos, e que acabava de ter a variola, tinha, a pretexto de ir a Notre-Dame dar graças do seu restabelecimento, feito levantar os seus guardas, os seus suissos e os seus mosqueteiros, tinha-os formado em volta do paço real, nos caes e na Ponte Nova, e, depois da missa, passara para o parlamento, onde não só mantivera os seus edictos passados, como tambem decretara mais cinco ou seis,—todos, diz o cardeal de Retz, mais ruinosos uns do que os outros. De sorte que o primeiro presidente, que, como se viu, era nos dias anteriores a favor da corte, protestara ousadamente contra este modo de levar o rei ao palacio para surprender e forçar a liberdade dos votos.

Mas quem mais que todos reagiu energicamente contra os novos impostos foram o presidente Blancmesnil e o conselheiro Broussel.

Feitos esses edictos, o rei tornou a entrar no paço real. No transito via-se uma grande multidão; mas, como se sabia que elle vinha do parlamento e se ignorava se ahi tinha ido para fazer justiça ao povo ou para o opprimir de novo, nem um grito de alegria se ouviu no caminho para o felicitar pelo seu restabelecimento de saude. Todos os rostos estavam tristes e inquietos, e alguns até ameaçadores.

Apezar do seu regresso, as tropas conservaram-se nas posições em que estavam: receiava-se que rebentasse uma revolta quando fosse sabido o resultado da sessão do parlamento; e o facto é que, tão depressa se espalhou pelas ruas o boato de que o rei em vez de aliviar os impostos os augmentara, formaram-se grupos e soltaram-se terriveis clamores: Abaixo Mazarino! viva Broussel! viva Blancmesnil! porque o povo soubera que Broussel e Blancmesnil tinham fallado a seu favor, e, com quanto a sua eloquencia de nada houvesse servido, nem por isso deixara de lhes estar obrigado pelo facto.

Quizeram dissipar esses grupos, fazer calar esses gritos, e, como acontece em casos similhantes, os grupos haviam augmentado e os gritos tinham duplicado. Acabara de ser dada ordem aos guardas do rei e aos guardas suissos não só de se conservarem firmes, mas tambem de fazerem patrulhas

nas ruas Saint-Denis e Saint-Martin, onde esses grupos pareciam mais numerosos e mais animados, quando se annunciou no paço real o preboste dos commerciantes.

Foi immediatamente introduzido: ia dizer que, se não cessassem no mesmo instante essas demonstrações hostis, todo Paris estaria em armas dentro de duas horas.

Deliberava-se acerca do que se havia de fazer, quando entrou Comminges, tenente dos guardas, com a farda esfarrapada e a cara a escorrer sangue. Ao vel-o, a rainha deu um grito de surpreza e perguntou-lhe o que queria aquillo dizer.

Queria dizer que á vista dos guardas, como o preboste dos commerciantes previra, se haviam exasperado os espiritos. Tinham corrido ás torres e tocado os sinos a rebate. Comminges resistira, prendera um homem que parecia um dos principaes amotinadores, e, para dar exemplo, ordenara que fosse enforcado no mesmo instante. Os soldados haviam-o arrastado para executar essa ordem, mas haviam sido corridos á pedra e agredidos por alabardas; o rebelde aproveitara a occasião para se evadir, correra para a rua Tiquetone, e mettera-se para uma casa de que immediatamente se arrombaram as portas.

Fora inutil esta violencia; não se podera dar com o culpado. Comminges deixara uma guarda na rua e com o resto do seu destacamento, voltara ao paço real, para relatar á rainha o que succedera. Em todo o caminho, fora perseguido por gritos e ameaças; muitos dos seus soldados tinham sido feridos com golpes de chuços e alabardas, e elle mesmo levara com uma pedra que lhe fizera um ferimento na sobrancelha.

A narração de Comminges corroborara o aviso do preboste dos commerciantes: não se estava preparado para se fazer frente a uma revolta importante: o cardeal mandou propalar no povo que as tropas não haviam formado no caes e na Ponte Nova senão por causa da ceremonia, e iam retirar. E o caso é que, pelas quatro horas da tarde, se encontraram todas no paço real; collocou-se uma guarda na barreira dos Sargentos, outra no Hospicio dos Cegos, e outra no alto de Saint-Roch. Encheram-se as cortes e os rez-de-chaussée de suissos e mosqueteiros, e esperou-se.

Estavam assim as coisas quando introduzimos os leitores no gabinete do cardeal Mazarino, que fora outrora o do cardeal de Richelieu; e já vimos em que estado de espirito ella ouvio os murmurios do povo e o eco dos tiros que resoavam no seu quarto.

Senão quando, ergueu a cabeça, de sobrolho meio carregado, como um homem que tomou uma resolução, fitou os olhos em uma enorme pendula que ia dar seis horas, e, pegando em um apito de prata doirada que estava em cima da mesa ao alcance da mão, apitou duas vezes.

Abriu-se sem ruido uma porta occulta na tapeçaria, avançou silenciosamente e ficou de pé, atraz da poltrona, um homem vestido de preto.

—Bernouin, disse o cardeal sem se voltar sequer, porque, havendo apitado duas vezes, sabia que devia ser o seu criado de quarto, quaes são os mosqueteiros que estão de guarda ao palacio?

—Os mosqueteiros negros, senhor.

—De que companhia?

—Companhia de Tréville.

—Esta algum official d'essa companhia na ante-camara?

—O tenente d'Artagnan.

—Um bom, não?

—Sim, senhor.

—Dá-me uma farda de mosqueteiro e ajuda-me a vestir-me.

O criado de quarto saiu tão silenciosamente como tinha entrado, e voltou passado um instante com a farda requisitada.

O cardeal começou então silencioso e pensativo a despir o trajo de ceremonia que envergara para assistir á sessão do parlamento e a vestir o trajo militar, que usava com certo desembaraço, graças ás suas antigas campanhas de Italia; e, depois de estar vestido, disse:

—Traze-me cá o sr. d'Artagnan.

E o criado saiu d'esta vez pela porta do meio, mas sempre silencioso e mudo. Dir-se-hia uma sombra.

Ficando só, o cardeal mirou-se com certa satisfação a um espelho; era novo ainda, porque tinha tão sómente qua-

renta e seis annos; tinha figura elegante e um tanto abaixo da mediana; tinha a tez viva e bella, o olhar cheio de fogo, o nariz grande, mas soffrivelmente proporcionado, a fronte alta e magestosa, os cabellos castanhos e um tanto encarapinhados, o bigode e a pera mais escuros do que os cabellos e sempre encrespados pelo ferro, o que lhe dava graça. Poz então o talabarte, olhou com satisfação para as mãos que tinha bonitas e de que cuidava muito, e depois, atirando com as luvas de gamo em que já tinha pegado e que eram do uniforme, calçou luvas de seda.

N'este momento tornou a abrir-se a porta.

—O sr. d'Artagnan, disse o criado.

Entrou um official.

Era homem de trinta e nove a quarenta annos, de pequena estatura, mas proporcionada, magro, de olhos vivos e espertos, bigode e pera pretos e cabellos grisalhos, como succede sempre que se tem passado uma vida muito boa ou muito má, e principalmente quando se é trigueiro.

D'Artagnan deu alguns passos no gabinete, que reconhecia por ali ter ido uma vez no tempo do cardeal de Richelieu, e, vendo que não estava no gabinete senão um mosqueteiro da sua companhia, fitou os olhos n'esse mosqueteiro, e reconheceu logo n'elle o cardeal.

Conservou-se de pé, com uns modos respeitosos, mas dignos, e como convem a um homem na sua posição que tem tido muitas occasiões de estar com homens altamente collocados.

O cardeal fitou n'elle um olhar mais astuto do que profundo, examinou-o com attenção, e, depois de alguns minutos de silencio, disse-lhe:

—E' o sr. d'Artagnan?

—Um criado de vossa eminencia, respondeu o official.

O cardeal olhou ainda por um momento para essa cabeça tão intelligente e para essa cara de que a excessiva mobilidade havia sido como que arrepanhada pelos annos e pela experiencia; mas d'Artagnan sustentou o exame como homem que tinha sido fitado outrora por olhos muito mais penetrantes do que os de que sustentava agora a investigação.

—O senhor, disse o cardeal, vai sair comigo, ou melhor, ou vou sair com o senhor.

—A's ordens de vossa eminencia, respondeu d'Artagnan.

—Eu queria ir visitar os postos de guarda que rodeam o paço real; que lhe parece, haverá perigo?

—Perigo? qual?

—Diz-se que o povo está amotinado.

—O uniforme dos mosqueteiros do rei é muito respeitado, e que não o fosse, eu, e mais quatro homens, far-me-hia com terra de fazer fugir um cento d'esses lapuzes.

—Mas viu o que aconteceu a Comminges.

—O sr. de Comminges pertence aos guardas e não aos mosqueteiros, respondeu d'Artagnan.

—O que quer dizer, tornou o cardeal sorrindo, que os mosqueteiros são melhores soldados do que os guardas.

—Cada um tem o amor proprio do seu uniforme.

—Excepto eu, tornou Mazarino sorrindo, porque bem vê que larguei o meu para vestir o seu.

—Isso é modestia. Eu por mim declaro que, se tivesse o de vossa eminencia, contentava-me com elle.

—Sim, mas para sair esta noite, talvez não fosse muito seguro. Bernouin, o meu chapeu.

O criado do quarto entrou trazendo um chapeu de uniforme de abas largas. O cardeal pol-o de um modo desembaraçado, e, voltando-se para d'Artagnan, perguntou-lhe:

—Tem cavallos arreiados nas cocheiras, não?

—Sim, senhor.

—Bom! vamos.

—Quantos homens quer vossa eminencia que nos acompanhem?

—O senhor disse que com quatro homens se encarregava de fazer fugir cem lapuzes; como podemos encontrar duzentos, traga oito homens.

—Quando vossa eminencia quizer.

—Eu sigo-o, ou melhor, tornou o cardeal, vamos por aqui; alumia-nos, Bernouin.

O criado pegou em um castiçal, o cardeal tirou de cima da sua secretária uma chavinha, e, abrindo a porta de uma

escada secreta, achou-se passado um instante no pateo do paço real.

II

Uma ronda nocturna

Dez minutos depois, saía o pequeno esquadrão pela rua de Bons-Enfants, por traz da sala de espectaculos que o cardeal de Richelieu havia construido para se representar *Mirame*, e em que o cardeal Mazarino, mais amador de musica do que de litteratura, acabava de fazer subir á scena as primeiras operas que se representaram em França.

O aspecto da cidade apresentava todos os signaes de uma grande agitação; grupos numerosos percorriam as ruas, e, embora d'Artagnan tivesse dito d'elles o que tinha dito, paravam para ver passar os militares, com uns modos sarcasticos e ameaçadores que indicavam que os burguezes haviam momentaneamente trocado a sua brandura ordinaria por intenções mais bellicosas. De tempos a tempos vinham rumores do lado dos mercados. Para as bandas da rua Saint-Denis viam-se fuzilar tiros de espingarda, e ás vezes, subitamente, sem se saber porque, entrava a tocar algum sino, movido pelo capricho popular.

D'Artagnan ia seu caminho com a negligencia de um homem em quem similhantes bagatellas não teem influencia. Quando um grupo tomava o meio da rua, dirigia o cavallo para cima d'elle sem dizer nada, e, como se, rebeldes ou não, os que o compunham soubessem com que casta de homem tinham que se haver, desviavam-se e deixavam passar a patrulha. O cardeal invejava-lhe a serenidade, que attribuia ao habito do perigo, mas nem por isso deixava de ter pelo official, debaixo de cujas ordens se collocara momentaneamente, a consideração que a propria prudencia concede á coragem descuidosa.

Quando se aproximaram do posto da barreira dos Sargentos, a sentinella gritou: «Quem vem lá?» D'Artagnan respondeu, e tendo perguntado a senha ao cardeal, avançou dizendo-a: a senha era «*Luiz e Rocroy.*»

Trocados estes signaes de reconhecimento, d'Artagnan perguntou se não era o sr. de Comminges que commandava o posto. A sentinella mostrou-lhe então um official que estava conversando de pé, com a mão no pescoço do cavallo do seu interlocutor. Era aquelle por quem d'Artagnan perguntava:

—Aqui está o sr. de Comminges, disse d'Artagnan voltando para o cardeal.

O cardeal avançou o cavallo, e d'Artagnan recuou por discrição, mas pelo modo por que o official que estava de pé e o official que estava a cavallo tiraram os chapeus viu que tinham reconhecido sua eminencia.

—Bravo, Guitaut! disse o cardeal ao cavalleiro, vejo que, a despeito dos teus sessenta e quatro annos, és sempre o mesmo, vigilante e delicado. O que estavas a dizer a esse rapaz?

—Estava a dizer-lhe que vivemos em uma epoca singular, e que o dia de hoje se parecia muito com um dos dias da Liga que vi quando era rapaz. Sabe que se tratava nas ruas Saint-Denis e Saint-Martin, nada menos do que de fazer barricadas.

—E o que te respondia Comminges, meu querido Guitaut?

—Eu, senhor, disse Comminges, respondia-lhe que para elles fazerem uma liga só lhes faltava uma coisa que me parecia essencialissima: era um duque de Guise; e demais não se faz duas vezes a mesma coisa.

—Não, mas farão uma Fronda (1), como elles dizem, tornou Guitaut.

—O que é uma Fronda? perguntou Mazarino.

—E' o nome que elles dão ao seu partido.

—E d'onde vem esse nome?

—Parece que ha dias o cavalheiro Bachaumont disse no palacio que todos os promotores das revoltas se pareciam

(1) *Fronde*—funda.

com os estudantes que atiram pedras com fundas nos fossos de Paris, e se dispersam quando avistam a auctoridade civil, e tornam a juntar-se depois de ella passar. Apanharam então a palavra no ar, como fizeram os pobretões de Bruxellas, e chamaram-se *frondistas*. Hoje e hontem tudo era á Fronda, o pão, os chapeus, as luvas, os regalos, os leques, e até, cuja.

O facto é que n'este momento se abriu uma janella, e se poz a essa janella um homem que começou a cantar:

Ergue-se da Fronda
Um grito mofino,
De botar abaixo
O tal Mazarino.
Ergue se da Fronda
Um grito mofino.

—Insolente! murmurou Guitaut.

—Vossa eminencia, disse Comminges, que estava mal disposto por causa do seu ferimento, e que almejava por tirar a desforra, quer que eu envie áquelle patife uma bala para o ensinar a cantar.

E poz a mão nos coldres do cavallo do seu tio.

—Não, não, exclamou Mazarino. Diavolo! meu querido amigo, ia estragar tudo, quando as coisas caminham maravilhosamente. Conheço os seus francezes como se os tivesse feito desde o primeiro até ao ultimo: cantam, hão de pagar. Durante a Liga, de quem Guitaut fallava indagora, só se cantava a missa. Anda, Guitaut, anda, e vamos ver se se faz tão bon guarda no Hospicio dos Cegos como na barreira dos Margentons.

E, cumprimentando Comminges com a mão, foi ter com d'Artagnan, que tornou a collocar-se á frente do pequeno esquadrão, sendo seguido immediatamente por Guitaut e pelo cardeal, que eram seguidos pelo resto da escolta.

—E' exacto, murmurou Comminges vendo-o afastar, eu esqueci-me do que, uma vez que se pague, elle de nada mais precisa.

Tomaram outra vez, pela rua Saint-Honoré, sempre des-

locando grupos; esses grupos não fallavam senão nos edictos do dia; lamentavam o rei, que arruinava assim o povo sem o saber; e lançavam toda a culpa a Mazarino; lembravam dirigirem-se ao duque de Orleans e ao principe; exaltavam Blancmesnil e Broussel.

D'Artagnan passava por meio dos grupos, descuidoso como se elle e o seu cavallo fossem de ferro; Mazarino e Guitaut fallavam em voz baixa; os mosqueteiros, que haviam por fim reconhecido o estrdeal, seguiam em silencio.

Chegaram á rua Saint-Thomaz-du-Louvre, onde era o posto do Hospicio dos Cegos; Guitaut chamou um official subalterno, que veiu ter com elle.

—E d'ahi? perguntou Guitaut.

—Ah! meu capitão, disse o official, tudo vai bem por este lado, mas parece que ha o que quer que seja n'aquelle palacio.

E indigitava um magnifico palacio situado no local onde foi depois o Vaudeville.

—N'aquelle palacio? disse Guitant, mas é o palacio Rambouillet!

—Não sei se é o palacio Rambouillet, tornou o official, o que sei é que tenho visto entrar para lá muita gente mal encarada.

—Ora essa! disse Guitaut desatando a rir, são poetas.

—Faze favor, Guitaut, disse Mazarino, de não fallar d'esses senhores com tanta irreverencia. Não sabes que eu tambem fui poeta nos meus tempos de rapaz, e que fazia versos no genero dos do sr. de Benserade.

—Vossa eminencia?

—Sim eu. Queres que t'os recite?

—Para mim é o mesmo, não entendo o italiano.

—Sim, mas entendes o francez, meu bom e bravo Guitaut; tornou Mazarino pondo-lhe amigavelmente a mão no hombro, e executas qualquer ordem que te derem n'essa lingua?

—De certo, senhor, como já o tenho feito, com tanto que venha da rainha.

—Ah! sim, disse Mazarino mordendo os labios, sei que lhe és inteiramente dedicado.

—Sou capitão das su«s guardas, ha mais de vinte annos.

—A caminho, senhor d'Artagnan, tornou o cardeal, tudo vai bem por este lado.

D'Artagnan tornou a pôr-se á frente da columna, sem dar palavra e com a obediencia passiva que caracterisa o soldado velho.

Encaminhou-se para o alto de Saint-Roch, onde era o terceiro posto, passando pela rua Richelieu e pela rua Vaugirard. Era o mais isolado porque quasi que chegava ás muralhas, e a cidade era pouco povoada para este lado.

—Quem commanda este posto? perguntou o cardeal.

—Villequier, respondeu Guitaut.

—Diabo! disse Mazarino, falla-lhe só tu; bem sabes que estamos em divergencia desde que tu te encarregaste de prender o sr. duque de Beaufort; no seu entender pertencia-lhe essa honra como capitão dos guardas do rei.

—Ham sei, o disse-lhe cem vezes que não tinha rasão; o rei não podia dar-lhe essa ordem, porque n'esse tempo tinha só quatro annos.

—Sim, mas podia dar-lh'a eu, Guitaut, e preferi que fosse tu.

Guitaut, sem responder, picou o cavallo, e fazendo-se reconhecer pela sentinella, mandou chamar o sr. de Villequier.

—Ah! é você, Guitaut, disse com os modos de mau humor que lhe eram habituaes, que diabo vem cá fazer?

—Venho perguntar-lhe se ha alguma novidade para estes lados.

—O que quer que haja? gritam: «Viva o rei!» e «Abaixo Mazarino!» E isto não é novidade, ha muito tempo que estamos costumados a estes gritos.

—E você faz coro? respondeu Guitaut rindo.

—Palavra, que tenho muita vontade de o fazer; acho que elles teem carradas de rasão, Guitaut; eu dava de boa mente cinco annos do meu soldo, que me não pagam, para que o rei tivesse mais cinco annos.

—Hum! E o que aconteceia se o rei tivesse mais cinco annos?

—Aconteceia, no instante em que fosse maior, que era o rei quem dava as suas ordens, e ha mais gosto em obe-

decer ao neto de Henrique IV do que ao filho de Pietro Mazarino. Pelo rei, deixava-me eu matar de boa vontade; mas se fosse morto por causa de Mazarino, como esteve hoje para o ser seu sobrinho, não havia paraiso, por mais bem situado que estivesse, que me consolasse d'isso.

—Bem! bem! senhor de Villequier! disse Mazarino. Fique descançado que eu farei constar ao rei a sua dedicação. Depois, voltando-se para a escolta:

—Vamos, senhores, continuou, tudo vai bem, retiremos-nos.

—Ora esta! disse Villequier, Mazarino estava ali! Melhor, ha muito tempo que tinha vontade de lhe dizer na cara o que d'elle pensava; você, Guitaut, proporcionou-me occasião para isso, e com quanto a sua intenção para comigo talvez não seja das melhores, agradeço-lh'o.

E, dando uma reviravolta, entrou para o corpo da guarda assobiando uma aria de Fronda.

Mazarino porém retirava pensativo. O que successivamente ouvira a Comminges, a Guitaut e a Villequier, confirmava-o no pensamento de que no caso de acontecimentos graves não teria a seu favor senão a rainha, e essa mesma tantas vezes abandonara os seus amigos que o seu apoio parecia ás vezes ao ministro, apezar das precauções que tomara, muito incerto e muito precario.

Em todo o tempo que durara este passeio nocturno, isto é, cerca de uma hora, o cardeal, estudando ora Comminges, ora Guitaut, ora Villequier, examinara um homem. Esse homem, que se conservara impassivel diante da ameaça popular, e que não pestanejara nem aos gracejos de Mazarino nem aos de que elle fora alvo, esse homem parecia-lhe um ente á parte e com tempera para acontecimentos no genero d'aquelles em que se encontravam, e principalmente d'aquelles em que iam metter-se.

O nome de d'Artagnan não lhe era de todo desconhecido, e, posto que elle, Mazarino, não tivesse vindo para França senão em 1634 ou 1635, isto é, sete ou oito annos depois dos acontecimentos que contámos em uma historia precedente, parecia ao cardeal que tinha ouvido pronunciar esse nome como o de um homem que, em uma circumstancia

que já lhe não lembrava, se tornara notavel como modelo de coragem, destreza e dedicação.

Este tinha apoderado-se do seu espirito tanto que resolveu esclarecer-se quanto antes; mas as informações que desejava sobre d'Artagnan, não era ao proprio d'Artagnan que *havia de pedil-as*. Por algumas palavras que o tenente de mosqueteiros pronunciara, o cardeal reconhecera-lhe a origem da Gasconha: ora, italianos e gascões conhecem-se muito e parecem-se muito para esperarem que outrem diga o que elles mesmos podem dizer. Por isso, ao chegar aos muros que encerravam o jardim do paço real, o cardeal bateu a uma portinha situada pouco mais ou menos onde se vê hoje o café de Foy, e, depois de haver agradecido a d'Artagnan o de o haver convidado a esperal-o no pateo do paço real, acenou a Guitaut para que o seguisse. Apearam-se ambos, entregaram as redeas dos cavallos ao lacaio que abrira a porta e desappareceram no jardim.

—Meu querido Guitaut, disse o cardeal encostando-se ao braço do velho capitão dos guardas, disseste-me ha pouco que ia fazer vinte annos que estavas ao serviço da rainha.

—Sim, é verdade, respondeu Guitaut.

—Ora, meu querido Guitaut, continuou o cardeal, tenho notado que, além da tua coragem, que não tem contestação, e da tua fidelidade, que é a toda a prova, tens uma memoria admiravel.

—Vossa eminencia tem notado isso? disse o capitão dos guardas; diabo! peior para mim.

—Peior porque?

—De certo, porque uma das primeiras qualidades do cortesão é saber esquecer.

—*Mas tu, Guitaut*, não és um cortezão, és um valente soldado, um d'esses capitães como ainda ha alguns do tempo de Henrique IV, mas como desgraçadamente poucos haverá em breve.

—Pelo que vejo vossa eminencia quiz que eu viesse na sua companhia para me tirar o horoscopo.

—Não, disse Mazarino rindo; foi para te perguntar se tens reparado no nosso tenente de mosqueteiros.

—O sr. d'Artagnan?

—Sim.

—Não tenho tido precisão de reparar n'elle, ha muito tempo que o conheço.

—Então que casta de homem é?

—Ora, disse Guitaut, admirado da pergunta, é um gascão.

—Sim, bem sei; mas eu queria perguntar-te se era homem em quem se podesse ter confiança.

—O sr. de Tréville estima-o muito, e o sr. de Tréville, como vossa eminencia sabe, é muito dedicado á rainha.

—Desejava saber se era homem experimentado.

—Se me pergunta se é soldado valente, posso responder-lhe que sim. No cerco da Rochella, em Suza, e em Perpignan, ouvi dizer que tinha feito mais do que o seu dever.

—Mas, tu bem sabes, Guitaut, que nós, pobres ministros, não carecemos só de homens bravos; carecemos muitas vezes de homens astutos. O sr. d'Artagnan não andou, no tempo do cardeal, envolvido em alguma intriga de que seja voz publica que se saisse com muita sagacidade?

—A esse respeito, disse Guitaut, que viu que o cardeal o queria fazer fallar, sou forçado a dizer a vossa eminencia que não sei o que a voz publica lhe diria. Nunca me metti em intrigas por minha conta, e se alguma vez me fizeram confidencia das intrigas dos outros, como o segredo me não pertence, vossa eminencia ha de permittir-me que eu o guarde a quem m'o confiou.

Mazarino meneou a cabeça.

—Ah! disse, palavra que ha ministros muito felizes e que sabem tudo quanto querem saber.

—Esses, replicou Guitaut, não pesam todos os homens na mesma balança e sabem dirigir-se aos homens de guerra para a guerra, e aos intrigantes para a intriga. Dirija-se vossa eminencia a algum intrigante da epoca de que falla, e d'elle saberá o que quer... bem entendido, pagando.

—Oh! com a breca! tornou Mazarino fazendo uma careta que lhe era habitual sempre que lhe fallavam em dinheiro no sentido em que Guitaut acabava de o fazer... pagar-se-ha... se não se poder conseguir de outro modo.

—E' a serio que vossa eminencia me pede que lhe indi-

que um homem que andasse envolvido em todas as cabalas d'essa epoca?

—Per Bacchol respondeu Mazarino, que começava a perder a paciencia, ha uma hora que não te pergunto outra coisa, meu teimoso!

—Ha um por quem fico, se elle quizer fallar.

—Isso é comigo.

—Ah! nem sempre é facil fazer dizer a uma pessoa o que elle não quer.

—Oral com paciencia consegue-se. Então quem é esse homem?

—E' o conde de Rochefort.

—O conde de Rochefort!

—Infelizmente sumiu-se ha quatro ou cinco annos, e eu não sei o que é feito d'elle.

—Eu o saberei, Guitaut, disse Mazarino.

—Então porque era que vossa eminencia se queixava, ha pouco, de nada saber?

—E crês que Rochefort...

—Era a alma damnada do cardeal; mas previno a vossa eminencia de que lhe ha de custar caro; o cardeal era prodigo com os que o serviam.

—Sim, sim, Guitaut, era um grande homem, mas tinha esse defeito. Obrigado, aproveitarei o teu conselho, e já esta noite.

E, como n'este momento os dois interlocutores eram chegados ao pateo do paço real, o cardeal disse adeus com a mão a Guitaut, e, dando com os olhos em um official que passeava de cá para lá, acercou-se d'elle.

Era d'Artagnan que esperava, como o cardeal lhe ordenara.

—Venha cá, sr. d'Artagnan, disse Mazarino com a sua voz mais aflautada, tenho de lhe dar uma ordem.

D'Artagnan curvou-se, seguiu o cardeal pela escada secreta, e, passado um instante, viu-se de novo no gabinete d'onde partira.

O cardeal sentou-se diante da sua secretária e pegou em uma folha de papel, na qual escreveu algumas linhas.

D'Artagnan, de pé, impassivel, esperou sem impaciencia

e sem curiosidade: tornara-se um automato militar, que se mechia, ou melhor obedecia por meio de molas.

O cardeal dobrou a carta e imprimiu-lhe o seu sinete.

—Sr. d'Artagnan, disse, queira levar este despacho á Bastilha, e trazer comsigo a pessoa a que elle se refere; vá em uma carruagem, faça-se acompanhar por uma escolta, e guarde cuidadosamente o preso.

D'Artagnan pegou na carta, levou a mão ao chapeu, rodou nos calcanhares como o faria o mais habil sargento instructor, saiu, e, passado um instante, ouviu-se-lhe a voz breve e monotona dizendo:

—Quatro homens de escolta, uma carruagem e o meu cavallo.

Cinco minutos depois, ouviram-se as rodas da carruagem e as ferraduras dos cavallos resoar na calçada do pateo.

III

Dois inimigos antigos

D'Artagnan chegou á Bastilha estavam a dar oito horas e meia. Mandou dizer quem era ao governador, que, quando soube que ia da parte e com uma ordem do ministro, o foi receber ao patim.

O governador da Bastilha era então o sr. de Tremblay, irmão do famoso capucho José, terrivel favorito de Richelieu e a quem chamavam a eminencia parda.

Quando o marechal de Bassompierre estava na Bastilha, onde se conservou doze annos bem puxados, e os seus companheiros, nos seus sonhos de liberdade, diziam uns aos outros—Eu hei de sair d'aqui em tal tempo, e eu em tal tempo—Bassompierre respondia—E eu, senhores, hei de sair quando sair o sr. de Tremblay. O que queria dizer que por morte do cardeal o sr. de Tremblay não podia deixar de per-

der o seu logar na Bastilha, e Bassompierre de tornar a occupar o seu na corte.

A sua predicção realisou-se, mas por modo differente do que Bassompierre pensava, porque, morto o cardeal contra toda a expectativa, continuaram as coisas como estavam, e o sr. de Tremblay não saiu e Bassompierre esteve a ponto de não sair.

Era pois ainda governador da Bastilha o sr. de Tremblay quando d'Artagnan lá se apresentou para cumprir a ordem do ministro; recebeu-o com a maior polidez, e como ia sentar-se á meza, convidou d'Artagnan para ceiar.

—Aceitaria com o maior prazer, disse d'Artagnan; mas, se me não engano, no sobrescripto da carta diz-me *urgentissimo*.

—É verdade, disse o sr. Tremblay. Olá! major, o numero 256 que desça.

Quando se entrava na Bastilha deixava-se de ser um homem e tornava-se a gente um numero.

D'Artagnan estremeceu com o barulho das chaves. E por isso se deixou ficar a cavallo, sem querer apear-se, olhando para os grados, para as janellas mettidas na parede, e para os muros enormes que nunca tinha visto senão do outro lado dos fossos e que tanto medo lhe tinham causado haveria vinte annos.

Ouviu-se uma badalada.

—Dá-me licença, disse-lhe o sr. de Tremblay; chamam-me para assignar a saida do prisioneiro. Até á vista, senhor d'Artagnan.

—O diabo me leve se eu corresponder ao teu cumprimento! murmurou d'Artagnan, acompanhando a sua impreca-ção com o mais gracioso sorriso. Só de estar cinco minutos no patio, estou doente... Vamos, vamos, vejo que antes quero morrer sem ter onde cair morto, o que provavelmente me ha de acontecer, do que juntar dez mil libras de renda a ser governador da Bastilha.

Mal acabava este monologo, appareceu o preso. Ao vel-o, d'Artagnan fez um gesto de surpreza que immediatamente reprimiu. O preso subiu para a carruagem sem dar mostras de reconhecer d'Artagnan.

—Meus senhores, disse d'Artagnan aos quatro mosqueteiros, recommendaram-me a maior vigilancia sobre o preso. Como a carruagem não tem fechaduras nas portinholas, vou para o pé d'elle. Senhor de Lillebonne, queira ter a bondade de levar o meu cavallo á redea.

—Manda o meu tenente é quanto basta, respondeu o mosqueteiro a quem elle se dirigira.

D'Artagnan apeou-se, entregou a redea do cavallo ao mosqueteiro, entrou para a carruagem, collocou-se ao lado do preso, e com uma voz em que era impossivel distinguir a menor commoção, disse:

—Para o paço real e a trote.

Tão depressa a carruagem partiu, d'Artagnan aproveitando a escuridão que havia debaixo da abobada que atravessavam, lançou-se ao pescoço do preso.

—Rochefort! exclamou. O senhor! é o senhor! não me engano.

—D'Artagnan! exclamou Rochefort admirado.

—Ah! meu pobre amigo, continuou d'Artagnan, como não o via ha quatro ou cinco annos, pensava que estava morto.

—Palavra, disse Rochefort, que não vai muita differença de um morto a um enterrado, e eu estou enterrado ou pouco menos.

—E então por que crime é que está na Bastilha?

—Quer que lhe diga a verdade?

—Quero.

—Não sei.

—Desconfia de mim, Rochefort?

—Não, á fé de cavalheiro, digo que não sei, porque é impossivel que eu esteja na Bastilha pela causa que me imputam.

—Que causa é?

—Como ladrão nocturno.

—O senhor ladrão nocturno! Está gracejando.

—O caso pede explicação, não?

—Confesso que sim.

—Pois eu lhe conto o que succedeu. Uma noite, depois de uma orgia em casa de Reinard, nas Tulherias, com o du-

que d'Harcourt, Fontrailles, de Rieux e outros, o duque d'Harcourt propoz que fossemos tirar capotes na Ponte Nova. Era, como sabe, um divertimento a que o sr. duque d'Orleans deu muita voga.

—Estava louco, Rochefort? Na sua edade!

—Não, estava embriagado, e, como o divertimento me parecesse insignificante, convidei o cavalheiro de Rieux para sermos espectadores em vez de sermos actores, e, para ver a festa do camarote, montarmos no cavallo de bronze. Dito e feito. Crayam ás esporas, que nos serviram de estribos, em um instante nos achámos escarranchados na garupa. Estavamos maravilhosamente e viamos o melhor possivel. Já tinham sido tirados quatro ou cinco capotes, com muita perícia e sem que os padecentes se atrevessem a dizer uma palavra, quando não sei que imbecil, menos soffredor do que os outros, se lembra de gritar: «O' da guarda!» e faz apparecer uma patrulha de archeiros. O duque d'Harcourt, Fontrailles e os outros fugiram. De Rieux quer fugir tambem; agarro-o dizendo-lhe que não podem imaginar que estamos ali. Não me attende, põe o pé na espora para descer; a espora parte-se; elle cai, quebra uma perna, e, em vez de se calar, entra a gritar desesperadamente. Quero tambem saltar, mas era tarde: caio nos braços dos archeiros que me conduzem para o Châtelet, onde durmo socegadamente, na certeza de sair d'ali no dia seguinte. Passa o dia seguinte, o outro, passam cito dias... Escrevo ao cardeal. Vão buscar-me n'esse mesmo dia, e levam-me para a Bastilha. Ha cinco annos que lá estou. Acredita que seja por haver commettido o sacrilegio de montar de garupa com Henrique IV?

—Não, tem rasão, meu querido Rochefort, não podia ser por isso; mas vai saber provavelmente porque foi.

—Ah! sim, esquecia-me de lhe perguntar onde é que me leva?

—Ao cardeal.

—Que me quer elle?

—Não sei, pois que até ignorava que era o senhor que ia buscar.

—É impossivel... O senhor, um favorito...

—Um favorito, eu? exclamou d'Artagnan. Ah! meu po-

bre conde, sou mais filho segundo da Gascunha do que quando o vi em Meung vai fazer vinte e dois annos, ai!

E terminou-lhe a phrase um suspiro.

—Mas foi encarregado de um serviço.

—Porque estava casualmente na ante-camara, e o cardeal se dirigiu a mim como se dirigiria a outrem; mas continuo sendo tenente de mosqueteiros, e, se me não engano, ha cerca de vinte annos que o sou,

—O certo é que não lhe aconteceu desgraça, e já é muito.

—E que desgraça queria que me acontecesse? Como diz não sei que verso latino que esqueci, ou melhor que nunca sube, o raio não fulmina os valles, e eu sou um valle, meu querido Rochefort, e dos mais baixos.

—Então Mazarino não deixa de ser Mazarino?

—Mais que nunca, meu querido... Dizem que está casado com a rainha.

—Casado!

—Se não é marido d'ella, é com toda a certeza amante.

—Resistir a Buckingham e ceder a Mazarino!

—Mulheres! replicou d'Artagnan philosophicamente.

—Mulheres, bem; mas rainhas?

—Ora! n'esse ponto as rainhas são duas vezes mulheres.

—E o sr. de Beaufort continúa na prisão?

—Continúa. Porque?

—Como me era affeiçoado, podia valer-me a mim.

—Provavelmente o senhor está mais perto de ser solto do que elle. E em tal caso será o senhor quem lhe ha de valer.

—Então, a guerra...

—Vai travar-se.

—Com os hespanhoes?

—Nada, com Paris.

—O que quer dizer?

—Ouve esses tiros?

—Ouço; e d'ahi?

—São os burguezes que respingam.

—Suppõe que se poderia fazer alguma coisa dos burguezes?

—Com toda a certeza; se tivessem uma cabeça que fizesse de todos os grupos uma junção...

—E' uma desgraça não estar eu livre.

—Ora não desanime. Se Mazarino o manda buscar, é porque precisa do senhor, e, se precisa do senhor, faço-lhe os meus cumprimentos. Ha muitos annos que ninguem precisa de mim, e por isso não passo da cepa torta.

—Queixe-se!

—Ouça, Rochefort, façamos um pacto.

—O que é?

—Bem sabe que somos bons amigos.

—Ora! tenho provas da nossa amisade: tres espadeiradas!...

—Se cair em graça, não se esqueça de mim.

—A' fé de Rochefort, mas o senhor ha de fazer-me outro tanto.

—Está dito. Venha lá essa mão.

—Então na primeira occasião que tiver para fallar de mim...

—Fallo, e o senhor?

—Tambem. A proposito, e dos seus amigos tambem será preciso fallar?

—Que amigos?

—Athos, Porthos e Aramis... Pois já os esqueceu?

—Quasi.

—O que é feito d'elles?

—O que é feito d'elles? Não sei.

—Sim?

—Sim. Separámos-nos como sabe. Vivem, é quanto posso dizer-lhe. De tempos a tempos tenho d'elles noticias indirectas, mas o diabo me leve se sei onde param! Palavra de honra, o unico amigo que tenho agora é o senhor, Rochefort.

—E o illustre... como se chamava o rapaz que eu fiz sargento no regimento do Piemonte?

—Planchet.

—E' isso... E que é feito do illustre Planchet?

—Casou com uma confeitaria na rua dos Lombardos. E' um rapaz que sempre gostou muito de doces. De modo que

é burguez de Paris, e que, segundo todas as probabilidades. anda a estas horas no motim. Ha de vel-o vereador antes de eu ser capitão.

—Vamos, meu querido d'Artagnan, coragem... quando uma pessoa está no ponto mais baixo da roda, ella dá volta e eleva-a. Talvez esta noite a sua sorte mude.

—*Amen*, disse d'Artagnan mandando parar a carruagem.

—O que faz? perguntou Rochefort.

—Estamos quasi chegados, e não quero que me vejam sair da sua carruagem... Não nos conhecemos.

—Tem rasão.

—Adeus.

—Até á vista. Não se esqueça do que me prometteu.

E d'Artagnan tornou a montar a cavallo e poz-se á frente da escolta.

Cinco minutos depois entravam no pateo do paço real.

D'Artagnan conduziu o preso pela escada principal e fel-o atravessar a ante-camara e o corredor. Chegando á porta do gabinete de Mazarino, preparava-se para se fazer annunciar quando Rochefort lhe poz a mão no hombro.

—D'Artagnan, disse Rochefort sorrindo, quer que lhe confesse uma coisa em que pensei todo o caminho ao ver os grupos de burguezes que atravessavamos e que olhavam para si e para os seus quatro homens, com olhos chammejantes?

—Diga, respondeu d'Artágnan.

—E' que bastava que eu gritasse por soccorro para que elles o fizessem em postas e á sua escolta, e ficava eu livre.

—E porque não o fez?

—Ora essa! E a amisade jurada? Se fosse outro que me conduzisse, não digo que não.

D'Artagnan curvou a cabeça.

—Tornar-se-hia Rochefort melhor do que eu? disse de si para si; e fez-se annunciar ao ministro.

—Mande entrar o sr. de Rochefort, disse a voz impaciente de Mazarino tão depressa ouviu pronunciar os dois nomes, e peça ao sr. d'Artagnan que espere; tenho ainda que lhe dizer.

Estas palavras causaram alegria a d'Artagnan. Como dissera, havia muito tempo que ninguem precisava d'elle, e esta insistencia de Mazarino a seu respeito parecia-lhe de bom agouro.

Em Rochefort o effeito que produziu foi ficar com a pedra no sapato. Entrou no gabinete e achou Mazarino sentado á meza, com o seu fato de uso, isto é de monsenhor, e que era pouco mais ou menos o fato dos abbades d'aquelle tempo, excepluando as meias e o capote roxo.

Tornaram a fechar-se as portas, Rochefort olhou de sosslaio para Mazarino e surpreudeu um olhar do ministro que cruzava com o seu.

O ministro continuava na mesma, bem penteado, bem frisado, bem perfumado, e, graças aos seus arrebiques, nem parecia ter a edade que tinha. Rochefort era outra coisa, os cinco annos que havia passado na prisão tinham feito muito velho este digno amigo do sr. de Richelieu; os cabellos pretos tinham-se feito brancos, e a cor bronzeada da tez tinha sido substituida por uma pallidez que parecia fadiga. Ao vel-o, Mazarino sacudiu imperceptivelmente a cabeça com uns modos que queriam dizer:—Aqui está um homem que não me parece que preste já para muito.

Depois de um silencio que na realidade foi longo, mas que pareceu um seculo a Rochefort, Mazarino tirou de um maço de papeis uma carta aberta, e mostrando-lh'a disse:

—Achei aqui uma carta em que reclama a sua liberdade, senhor de Rochefort. Então está preso?

Rochefort estremeceu a esta pergunta.

—Mas, disse este, parecia-me que vossa eminencia o sabia melhor que ninguem.

—Eu? nada. Estão ainda na Bastilha muitos presos de tempo do sr. de Richelieu, e de que nem sequer sei os nomes.

—Oh! mas comigo o caso é differente, vossa eminencia sabia o meu, porque foi por sua ordem que me transferiram do Châtelet para a Bastilha.

—Parece-lhe isso?

—Tenho a certeza.

—Sim, parece-me que me recordo. Não recusou o senhor

em tempo fazer uma viagem a Bruxellas em serviço da rainha?

—Ah! ah! Foi essa a verdadeira causa; procurava-a ha cinco annos. Parvo que sou! e não a achei.

—Mas, entendamos-nos bem, não lhe digo que fosse a causa da sua prisão; faço-lhe esta pergunta: Não recusou ir a Bruxellas em serviço da rainha, quando é certo que lá tinha ido em serviço do defunto cardeal?

—Era exatamente porque lá tinha ido em serviço do defunto cardeal que não podia voltar em serviço da rainha. Tinha estado em Bruxellas em uma ocasião terrivel, quando foi da conspiração de Chalais. Tinha estado lá para surprender a correspondencia de Chalais com o archiduque, e já n'essa epoca, quando mereconheceram, me iam fazendo em postas. Como queria que lá voltasse? Perdia a rainha em vez de a servir.

—Ora ahi tem, meu querido senhor de Rochefort, como as melhores intenções são ás vezes mal interpretadas. A rainha não viu na sua recusa senão uma pura e simples recusa; e sua magestade tinha muita rasão de queixa do senhor do tempo do defunto cardeal.

Rochefort sorriu com despreso.

—Era exactamente, replicou, porque servi bem o sr. cardeal de Richelieu contra a rainha, que, morto elle, vossa eminencia devia pensar que eu serviria bem a vossa eminencia contra toda a gente.

—Eu, sr. de Rocheforf, disse Mazarino, não sou como o sr. de Richelieu, que mirava á omnipotencia; sou um simples ministro que não carece de servidores porque serve a rainha. Ora sua magestade é muito susceptivel; soube da sua recusa, tomou-a por uma declaração de guerra, e sabendo que é um homem superior e portanto perigoso, meu querido sr. de Rochefort, ordenou-me que o mandasse prender. Aqui tem porque está na Bastilha.

—Pois, senhor, parece-me que se é por equivoco que estou na Bastilha...

—Sim, sim, decerto, tudo se pode remediar. O senhor é um homem que comprehende certos negocios, e que sabe dirigil-os bem.

—Era a opinião do sr. cardeal de Richelieu, e a minha admiração por esse grande homem augmenta ainda ouvindo dizer a vossa eminencia que é tambem a sua.

E' verdade, o sr. cardeal tinha muita politica; era o que fazia a sua muita superioridade em relação a mim, que sou um homem muito simples e sem rodeios; e o que me prejudica é que tenho uma franqueza muito franceza...

Rochefort mordeu os labios para não sorrir.

—Vamos ao meu fim: careço de bons amigos, de sêrvidores fieis; quando digo careço, quero dizer: a rainha careces. Eu nada faço senão por ordem da rainha, entenda-me bem; não sou como o sr. cardeal de Richelieu, que fazia tudo pelo seu capricho. Por isso não hei de ser nunca um homem como elle; mas, em compensação, sou um bom homem, sr. de Rochefort, e espero poder provar-lh'o.

Rochefort conhecia aquella voz sedosa, em que de tempos a tempos sobresaía um silvo que se parecia com o de uma vibora.

—Quero crer a vossa eminencia, disse, embora, pela minha parte, poucas provas tenha tido da bondade de que me falla. Não se esqueça, continuou Rochefort, vendo o movimento que o ministro tratava de reprimir, não se esqueça de que estou na Bastilha ha cinco annos, e de que nada ha que confunda as idéas como é ver as cousas atravez das grades de uma prisão.

—Ah! senhor de Rochefort, já lhe disse que nada tinha com a sua prisão. A rainha (colera de mulher e de princeza, que quer? mas passa como vem, e depois não se pensa mais n'isso)...

—Sua magestade, que tem passado estes cinco annos no paço real no meio de festas e de cortezãos, já de certo se não lembra d'isso; mas eu que os passei na Bastilha...

—Oh! meu Deus! pensa, meu querido Rochefort, que o paço real é uma vivenda muito alegre? Não é, não. Asseguro-lhe que tambem nós cá temos tido muita barafunda. Mas, não fallemos n'isso. Eu jogo com as cartas na meza, como sempre. Vejamos, é dos nossos, sr. de Rochefort?

—Vossa eminencia ha de perceber que estou muito disposto a isso, mas não estou ao facto de coisa nenhuma. Na

Bastilha não se falla em politica senão com os soldados e os carcereiros, e vossa eminencia não comprehende como essa gente está pouco ao facto do que se passa. Eu era amigo do sr. de Bassompierre... Elle continúa sendo um dos dezesete magnates?

—Morreu, senhor, e foi uma grande perda. Era homem dedicado á rainha, e os homens dedicados são raros!

—Ora essa! Vossa eminencia, quando os tem, manda-os para a Bastilha.

—Mas o que é que prova a dedicação?

—A acção.

—Ah! sim, a acção, replicou o ministro reflectindo; mas onde se encontram homens de acção?

Rochefort meneou a cabeça.

—Nunca faltam, disse. Vossa eminencia porém procura mal.

—Procuro mal? o que quer dizer, meu querido sr. de Rochefort? Vamos, ensine-me. Aprendeu de certo muito na intimidade do fallecido sr. cardeal. Ah! era um grande homem!

—Vossa eminencia zangar-se-ha se eu lhe prégar moral?

—Eu? nunca. Bem sabe que podem dizer-me tudo. O que eu desejo é ser estimado e não temido.

—Na parede do meu carcere está escripto com a ponta de um prego um proverbio.

—E que proverbio é?

—*Tal amo...*

—Bem sei: *tal criado.*

—Nada: tal *servidor.* Foi uma mudançasinha que os homens dedicados de que lhe fallei lhe fizeram para sua satisfação particular.

—Então o que significa esse proverbio?

—Significa que o sr. de Richelieu soube arranjar servidores dedicados, e ás duzias.

—Elle! o alvo de todos os punhaes! Elle que passou a vida a aparar todos os golpes que lhe dirigiam!

—Mas aparou-os, e comtudo eram-lhe dirigidos com gana. E foi porque, se tinha bons inimigos, tinha tambem bons amigos.

—Ora eis ahi o que eu desejo!

—Conheci homens, continuou Rochefort, que pensou que era chegado o momento de cumprir a promessa que fizera a d'Artagnan, conheci homens que, pela sua astucia, cem vezes fizeram falhar a penetração do cardeal; pela sua bravura, lhe derrotaram os guardas e os espiões; homens que, sem *dinheiro*, *sem apoio*, sem credito, conservaram a coroa a uma tonta coroada, e fizeram que o cardeal pedisse perdão.

—Mas esses homens de que falla, disse Mazarino sorrindo comsigo mesmo por ver Rochefort chegar onde elle queria conduzil-o, esses homens não eram dedicados ao cardeal porque lutavam com elle.

—Não. Se o fossem teriam sido melhor recompensados. Mas tinham a desgraça de ser dedicados á mesma rainha para a qual vossa eminencia ha pouco pedia servidores.

—Mas como sabe essas coisas?

—Sei-as, porque esses homens eram meus inimigos n'aquella epoca, porque lutavam comigo, porque lhes fiz todo o mal que pude, porque não m'o fizeram a dever, porque um d'elles com quem tive de me haver mais particularmente, me deu uma espadeirada, ha dezesete annos; era a terceira que recebia da mesma mão... final de umas contas antigas.

—Ah! disse Mazarino, com uma bondade admiravel, se eu conhecesse homens assim!...

—Oh! vossa eminencia tem um á sua porta ha seis annos, e ha seis annos que não o julgou ainda bom para coisa nenhuma.

—Quem é?

—O sr. d'Artagnan.

—O gascão? exclamou Mazarino com uma surpreza muito bem fingida.

—O gascão salvou uma rainha e levou o sr. de Richelieu a confessar que em questão de habilidade, astucia e politica, não passava de um aprendiz.

—Sim?

—E' como tenho a honra de dizer a vossa eminencia.

—Conte-me lá isso, meu querido senhor de Rochefort.

—E' difficil, disse Rochefort sorrindo.

—Contar-m'o-ha elle então.

—Ponho-lhe minha duvida.

—E porque?

—Porque o segredo não lhe pertence: porque, como já disse, esse segredo é de uma grande rainha.

—E foi elle só a levar a cabo a empreza?

—Não senhor; tinha tres amigos, tres bravos que o auxiliavam; bravos como vossa eminencia procurava indagora.

—E esses quatro homens eram unidos?

—Como se esses quatro homens fossem um só; como se esses quatro corações pulsassem no mesmo peito. E o que elles quatro não fizeram!

—Na verdade, meu querido senhor de Rochefort, está excitando a minha curiosidade a um ponto extraordinario. Não poderia narrar-me essa historia?

—Não, mas posso contar-lhe um conto, um verdadeiro conto de fadas.

—Oh! conte, sr. de Rochefort; gosto muito de contos.

—Vossa eminencia assim o quer? disse Rochefort diligenciando descortinar uma intenção n'aquella cara subtil e astuta. Então ouça:

Era uma vez uma rainha... mas uma rainha poderosa, a rainha de um dos maiores reinos do mundo, a quem um grande ministro queria muito mal por lhe haver querido antes muito bem. Não procure vossa eminencia, que não pode adivinhar quem era. Tudo isso se passava muito tempo antes de vossa eminencia ter vindo para o reino onde essa rainha reinava. Ora, veiu á corte um embaixador, tão valente, tão rico, e tão elegante que todas as mulheres se apaixonaram por elle, e que a propria rainha, como lembrança de certo da maneira por que elle tratara os negocios do estado, teve a imprudencia de lhe dar certo enfeite tão notavel que não podia ser substituido. Como esse enfeite era prenda do rei, o ministro fez com que este exigisse da princeza que elle figurasse na sua toilette no proximo baile. É inutil dizer a vossa eminencia que o ministro sabia, de sciencia certa, que o enfeite havia sido levado pelo embaixador, que estava muito longe, do outro lado dos mares. A grande rainha estava perdida, perdida como a infima das suas subditas, porque caía do alto de toda a sua grandeza.

—Sim? disse Mazarino.

—Pois quatro homens resolveram salval-a. Esses quatro homens não eram príncipes, nem duques, nem homens poderosos, nem sequer homens ricos; eram quatro soldados de grande alma, bom braço e excellente espada. Partiram. O ministro sabia da partida d'elles e tinha postado gente no caminho para impedir que chegassem ao seu destino. Tres foram postos fóra de combate pelos numerosos assaltantes; só um chegou ao ponto, matou ou feriu aquelles que queriam detel-o, atravessou o mar, e trouxe o enfeite á grande rainha, que poude pol o ao hombro no dia designado, o que ia fazendo desesperar o ministro. O que diz vossa eminencia d'esta proeza?

—E' magnifica! disse Mazarino pensativo.

—Pois podia citar dez proezas similhantes.

Mazarino não fallava já, meditava...

Decorreram cinco ou seis minutos.

—Vossa eminencia não tem mais que me perguntar? disse Rochefort.

—Tenho. E o sr. d'Artagnan era um d'esses quatro homens, não?

—Foi elle quem dirigiu a empreza.

—E quem eram os outros?

—Permitta-me vossa eminencia que eu deixe ao sr. d'Artagnan o encargo de os nomear. Eram amigos seus e não meus. Só elle pode ter influencia n'elles, e eu nem sequer os conheço pelos seus verdadeiros nomes.

—Desconfia de mim, sr. de Rochefort. Pois eu quero ser franco até ao fim; careço do senhor, d'elle, de todos.

—Comecemos por mim, uma vez que vossa eminencia me mandou buscar e que eu aqui estou; depois vossa eminencia passará aos outros. Não se admire da minha curiosidade: quem está cinco annos preso não desgosta de saber para onde o mandam.

—O senhor, meu querido Rochefort, terá um logar de confiança, irá para Vincennes, onde está preso o sr. de Beaufort, e guardar-m'o-ha á vista. Então o que é que tem?

—Propõe-me uma coisa impossivel, disse Rochefort sacudindo a cabeça com modos desanimados.

—Como! uma coisa impossivel? E porque é coisa impossivel?

—Porque o sr. de Beaufort é meu amigo, ou melhor porque eu sou amigo d'elle. Já vossa eminencia se esqueceu de que foi elle quem se responsabilisou por mim para com a rainha?

—O sr. de Beaufort, de então para cá, é inimigo do estado.

—Pode ser, mas como eu não sou nem rei, nem rainha, nem ministro, não é meu inimigo, e não posso acceitar o que vossa eminencia me offerece.

—É a isso que chama dedicação? Felicito-o! A sua dedicação não o compromette a muito, sr. de Rochefort.

—E, demais, vossa eminencia comprehende que sair da Bastilha para entrar em Vincennes não é senão mudar de prisão.

—Diga que é do partido do sr. de Beaufort, e será mais franco.

—Estou encarcerado ha tanto tempo que não sou senão de um partido, o partido do ar livre. Empregue-me vossa eminencia em outra coisa; encarregue-me de uma missão; occupe-me activamente, mas nas estradas reaes, se é possivel.

—Meu querido sr. de Rochefort, disse Mazarino com os seus modos chocarreiros, o seu zelo exalta-o; julga-se ainda rapaz, porque tem coragem, mas faltar-lhe-hiam as forças. Acredite-me, do que precisa agora é descanço... Olá! venha alguem!

—Então vossa eminencia nada resolve a meu respeito?

—Já resolvi.

Entrou Bernouin.

—Chama um archeiro, disse, e deixa-te estar ao pé de mim, acrescentou em voz baixa.

Entrou um archeiro, Mazarino escreveu algumas palavras que entregou a esse homem, e depois fez uma cortezia, e disse:

—Adeus, sr. de Rochefort.

Rochefort curvou-se respeitosamente.

—Vejo, disse, que volto para a Bastilha.

—É intelligente.

—Volto para lá, mas, repito, vossa eminencia não faz bem em não saber empregar-me.

—Ao senhor, amigo dos meus inimigos!...

—Que quer? era preciso fazer-me inimigo dos seus inimigos.

—Pensa que é unico, sr. de Rochefort? Creia-me, hei de achar quem valha tanto como o senhor.

—Assim lh'o desejo.

—Bem. Ande, ande!... A proposito, escusa de tornar a escrever-me, sr. de Rochefort; as suas cartas seriam cartas perdidas.

—Tirei as castanhas do lume, murmurou Rochefort retirando-se, e se d'Artagnan não ficar satisfeito comigo quando eu logo lhe contar o elogio que d'elle fiz, é muito exigente. Mas onde diabo me levam?

O facto é que conduziam Rochefort pela escada secreta, em vez de o fazerem passar pela ante-camara onde d'Artagnan esperava. No pateo encontrou a carruagem e os quatro homens da escolta, mas debalde procurou o seu amigo.

—Ah! ah! disse comsigo o proprio Rochefort, o negocio muda muito de figura, e, se nas ruas estiver ainda tanto populacho como estava ha pouco, trataremos de demonstrar a Mazarino que, graças a Deus, ainda servimos para alguma coisa mais do que para guardar um prisioneiro.

E saltou para a carruagem com tanta ligeireza como se não tivesse mais de vinte e cinco annos.

IV

Anna de Austria nos quarenta e seis annos

Quando se viu só com Bernouin, Mazarino deixou-se estar pensativo por um momento; sabia muito e comtudo não sabia ainda o sufficiente. Mazarino era trapaceiro ao jogo; é uma circumstancia que Brienne nos conservou: chamava a isto valer-se das suas vantagens. Resolveu não encetar a partida com d'Artagnan senão quando conhecesse bem as cartas do parceiro contrario.

—Vossa eminencia não manda nada? perguntou Bernouin.

—Mando, respondeu Mazarino, alumia-me, vou aos aposentos da rainha.

Bernouin pegou em um castiçal e principiou a andar na frente.

Havia um corredor secreto que communicava os aposentos e o gabinete de Mazarino com os aposentos da rainha; e era por esse corredor que o cardeal passava para ir ter com Anna de Austria.

Quando chegou ao quarto de dormir onde ia dar o corredor, Bernouin encontrou a sr.ª Beauvais. A sr.ª Beauvais e Bernouin eram os confidentes intimos d'estes amores caducos, e a sr.ª Beauvais encarregou-se de annunciar o cardeal a Anna de Austria, que estava no seu oratorio com o rei Luiz XIV.

Anna de Austria, sentada em uma grande poltrona, de cotovelo fincado em uma meza e cabeça encostada á mão, olhava para o real menino, que, deitado em um tapete, folheava um enorme livro de batalhas. Anna de Austria era a rainha que melhor sabia enfastiar-se com magestade; ás ve-

zes estava assim horas no seu quarto ou no seu oratorio sem ler nem resar. O livro com que o rei brincava era um Quinto Curcio adornado de gravuras representando as proezas de Alexandre.

A sr.ª Beauvais appareceu á porta do oratorio e annunciou o cardeal Mazarino.

O menino levantou-se em um joelho, de sobrolho carregado, e, olhando para sua mãe, disse:

—Então porque é que elle entrou sem pedir audiencia?

Anna corou levemente.

—É importante, replicou ella, que um primeiro ministro, nos tempos em que estamos, possa a toda a hora vir dizer á rainha o que se passa, sem ter de provocar a curiosidade ou os commentarios de toda a corte.

—Mas parece-me que o sr. de Richelieu não entrava assim, respondeu o menino implacavel.

—Como te lembras do que o sr. de Richelieu fazia? não podias sabel-o, eras muito pequeno.

—Não me lembro, mas perguntei e disseram-m'o.

—E quem t'o disse? tornou Anna de Austria com um gesto de zanga mal disfarçada.

—Sei que nunca devo nomear as pessoas que respondem ás perguntas que lhes faço, respondeu o menino, ou não me tornam a dizer mais nada.

N'este momento entrou Mazarino. O rei levantou-se então de todo, pegou no livro, dobrou-o e levou-o para cima da meza, junto da qual se deixou ficar de pé para obrigar Mazarino a estar tambem de pé.

Mazarino via com os seus olhos intelligentes toda esta scena, á qual parecia pedir a explicação da que a precedera.

Curvou-se respeitosamente diante da rainha e fez uma profunda reverencia ao rei, que lhe correspondeu com um aceno de cabeça muito desabrido; mas um olhar de sua mãe exprobrou-lhe o entregar-se assim aos sentimentos de odio que Luiz XIV desde muito pequenino devotara ao cardeal e elle acolheu, de sorriso nos labios, o cumprimento do ministro.

Anna de Austria procurava adivinhar no rosto de Mazarino a causa d'esta visita imprevista. O cardeal ordinariamente

não ia aos aposentos d'ella senão quando todos estavam recolhidos.

O ministro fez um signal imperceptivel com a cabeça; e então a rainha, dirigindo-se á senhora Beauvais, disse:

—São horas de o rei se deitar; chama Laporte.

Já a rainha dissera duas ou tres vezes ao rei Luiz que se retirasse, e o menino insistira sempre ternamente em ficar; mas d'esta vez nenhuma observação fez, mas trincou os labios e descorou. Um instante depois entrou Laporte. O menino foi direito a elle sem beijar sua mãe.

—Então Luiz, disse Anna, porque é que me não dás um beijo?

—Julgava que minha mãe estava zangada comigo; põe-me fóra.

—Não te ponho fóra, mas acabaste de ter a variola, estás doente ainda, e tenho medo de que te faça mal deitares-te tarde.

—Minha mãe não teve egual medo quando fez com que eu fosse hoje a palacio publicar esses depravados edictos que tanto fizeram murmurar o povo.

—Sire, disse Laporte, para se passar a outra coisa, a quem quer vossa magestade que eu entregue o castiçal?

—A quem quizeres, Laporte, respondeu o menino, com tanto que, acrescentou em voz alta, não seja ao sr. Mancini.

O sr. Mancini era um sobrinho do cardeal que Mazarino collocara junto do rei como servidor honorario, e sobre o qual Luiz XIV fazia recair parte do odio que tinham ao seu ministro.

E o rei saiu sem beijar a rainha e sem cumprimentar o cardeal.

—Ainda bem! disse Mazarino; gosto de ver que educam sua magestade no horror da dissimulação.

—E porque? perguntou a rainha com voz quasi timida.

—Mas parece-me que a saida do rei não carece de commentarios. Demais, sua magestade não se dá ao incommodo de occultar a sua pouca affeição para comigo, o que ainda assim me não inhibe de ser inteiramente dedicado ao seu serviço como ao de vossa magestade.

—Peço-lhe perdão para elle, cardeal, disse a rainha; é

uma creança que não pode saber ainda as obrigações que lhe deve.

O cardeal sorriu-se.

—Mas, continuou a rainha, o senhor vem cá de certo para algum objecto importante. Então que novidades ha?

Mazarino sentou-se, ou melhor atirou comsigo para uma grande cadeira, e com modos melancolicos disse:

—Segundo todas as probalidades, seremos obrigados a separar-nos dentro de pouco tempo, a menos que a senhora não leve a sua dedicação para comigo a acompanhar-me a Italia.

—E porque? perguntou a rainha.

—Porque, como diz a opera de *Thisbe*, tornou Mazarino:

«Para nos separar toda a gente conspira.»

—Está gracejando, senhor, disse a rainha diligenciando recuperar a sua antiga dignidade.

—Oh! não, senhora, não gracejo, mais depressa choraria, peço-lhe que o acredite, e ha motivo para isso, porque note que disse:

«Para nos separar toda a gente conspira.»

Ora, como a senhora faz parte de toda a gente, quero dizer que tambem a senhora me desampara!

—Cardeal!

—Oh! meu Deus! não a vi um dia d'estes sorrir com muito agrado para o sr. duque de Orleans, ou melhor para o que elle lhe dizia?

—E o que me dizia elle?

—Dizia-lhe, senhora: «O seu Mazarino é que é a pedra de escandalo; retire-se elle e tudo irá bem.»

—Que queria que eu fizesse?

—Oh! parece-me que a senhora é a rainha!

—Boa realeza! á mercê do primeiro rabiscador de papel do paço real ou do primeiro fidalgote do reino!

—Mas a senhora tem bastante força para afastar as pessoas que lhe desagradam?

—Quer dizer as que desagradam ao senhor.

—A mim!

—Sem duvida. Quem se desfez da senhora de Chevreuse que, durante doze annos, fora perseguida no outro reinado?

—Uma intrigante que queria continuar contra mim as cabalas começadas contra o sr. de Richelieu!

—Quem se desfez da senhora de Hautefort, uma amiga tão completa que havia recusado as boas graças do rei para se conservar nas minhas?

—Uma enredadeira que todas as noites lhe dizia, quando a despia, que era perder a sua alma amar um padre, como se se fosse padre porque se é cardeal!

—Quem mandou prender o sr. de Beaufort?

—Um enredador que fallava nada menos do que em me assassinar!

—O cardeal bem vê, replicou a rainha, que os seus inimigos são os meus.

—Não é bastante ainda, senhora: seria preciso mais que os seus amigos o fossem tambem meus.

—Os meus amigos, senhor! (A rainha meneou a cabeça.) Ai! já não tenho.

—Pois que! não tem amigos na fortuna, quando os tinha na adversidade?

—Porque, na fortuna, me esqueci d'esses amigos, senhor; porque fiz como a rainha Maria de Médicis, que, no regresso do seu primeiro exilio, despreson todos os que tinham soffrido por ella, e que, proscripta segunda vez, morreu, em Colonia, abandonada de toda a gente, e até de seu filho, porque toda a gente tambem a despresava.

—Pois, vejamos, não seria tempo de reparar o mal? busque entre os seus amigos, os seus amigos mais antigos.

—Que quer dizer, senhor?

—Não mais do que o que digo: busque.

—Ai! por mais que olhe em redor de mim, não tenho influencia sobre ninguem. Monsieur faz o que o seu favorito quer. Hontem, era Choisy; hoje é Larivière; ámanhã será outro. O Principe faz o que quer a sr.ª de Longueville, que é dirigida pelo principe de Marsillac, seu amante. O sr. de

Conti faz o que quer o coadjutor que é dirigido pela sr.ª de Guéménée.

—Por isso, senhora, lhe não digo que busque entre os seus amigos da actualidade, mas entre os seus amigos de outrora.

—Entre os meus amigos de outrora!

—Sim, entre os seus amigos de outrora, entre os que a ajudaram a lutar com o sr. duque de Richelieu, e até a vencel-o...

—Ao que quererá elle chegar? murmureu a rainha olhando para o cardeal com inquietação.

—Sim, continuou este, em certas circumstancias, com o espirito potente e astuto que a caracterisa, vossa magestade soube, graças ao auxilio dos seus amigos, repellir os ataques d'esse adversario.

—Eu! soffri e nada mais.

—Sim, como soffrem as mulheres: vingando-se. Vejamos, vamos ao facto, conhece o sr. de Rochefort?

—O sr. de Rochefort não era dos meus amigos, mas muito pelo contrario, dos meus inimigos mais encarniçados, e dos amigos mais ficis do sr. cardeal. Julgava que sabia isto.

—Sei-o tão bem, respondeu Mazarino, que o mandámos metter na Bastilha.

—E saiu de lá? perguntou a rainha.

—Não, socegue, continua lá; e não lhe fallo n'elle senão para chegar a outro. Conhece o sr. d'Artagnan? continuou Mazarino, olhando cara a cara para a rainha.

Anna de Austria recebeu o golpe em cheio no coração.

—Seria o gascão indiscreto? murmurou:

E depois, em voz alta:

—D'Artagnan? acrescentou. Espere lá. Sim, de certo, conheço esse nome. D'Artagnan, um mosqueteiro que amava uma das minhas açafatas, pobre rapariga que morreu envenenada por minha causa.

—E d'ahi? disse Mazarino.

A rainha olhou admirada para o cardeal.

—Mas parece, disse, que o senhor me está fazendo um interrogatorio.

—A que, em todo o caso, replicou Mazarino com o seu eter-

no sorriso e a sua voz sempre meiga, a senhora não responde senão segundo a sua phantasia.

—Exponha claramente os seus desejos, senhor; e responder-lhe-hei do mesmo modo, tornou a rainha com um começo de impaciencia.

—Pois, senhora, disse Mazarino curvando-se, desejo que me dê os seus amigos, como eu lhe dei a industria e o talento que o ceu me concedeu. As circumstancias são graves e ha de ser preciso proceder energicamente.

—Continua! julgava que ficariamos quites com o sr. de Beaufort.

—A senhora não viu senão a torrente que devasta e não deu attenção á agua estaguada. Ha todavia em França um proverbio acerca da agua que estagna.

—Acabe, disse a rainha.

—Pois, continuou Mazarino, eu soffro todos os dias as affrontas que me fazem os seus principes e os seus criados titulares, automatos que não veem que tenho o fio na mão, e que, sob a minha gravidade paciente, não adivinham o rir do homem irritado, que jurou comsigo mesmo ser um dia o mais forte. Mandámos prender o sr. de Beaufort, é verdade, mas era o menos perigoso de todos; ha ainda o Principe.

—O vencedor de Rocroi! e pensa n'isso?

—Sim, senhora, e muitas vezes, mas patienza, como nós, os italianos, dizemos. E depois do sr. de Condé ha o sr. duque de Orleans.

—O que está dizendo! o primeiro principe de sangue, o tio do rei!

Não o primeiro principe de sangue, não o tio do rei, mas o covarde conspirador, que, no outro reinado, impellido pela sua indole caprichosa e phantastica, atormentado por tedios miseraveis, devorado por uma vil ambição, invejoso de tudo quanto o excedia em lealdade e coragem, irritado por não ser coisa nenhuma, graças á sua nullidade, se fez ecco de todos os maus boatos, se fez alma de todas as cabalas, acenou para que fossem para a frente os pobres diabos que caíram na tolice de crer na palavra de um homem de sangue real, e renegou-os quando subiram ao

cadafalso! não o primeiro principe de sangue, não o tio do rei, repito, mas o assassino de Chalais, Montmorency e Cinq-Mars, que quer ver se joga hoje o mesmo jogo e imagina que ha de ganhar a partida, porque o parceiro contrario é outro, e porque, em vez de ter diante de si um homem que ameaça, tem um homem que sorri. Mas engana-se, perdeu com a perda do sr. de Richelieu, que eu não tenho interesse em deixar junto da rainha esse fermento de discordia, com que o finado cardeal fez ferver vinte annos a bilis do rei.

Anna corou e escondeu a cabeça nas mãos.

—Não quero humilhar a vossa magestade, proseguiu Mazarino com a maior serenidade, mas com uma firmeza desusada; quero que respeitem a rainha e que respeitem o seu ministro, uma vez que aos olhos de todos não sou senão isso. Vossa magestade sabe que não sou, como muita gente diz, um manequim que veiu de Italia! É preciso que toda a gente o saiba como vossa magestade.

—Então o que hei de fazer? disse Anna de Austria, curvada sob esta voz dominadora.

—Queira procurar na sua memoria o nome dos homens fieis e dedicados que passaram o mar, a despeito do sr. de Richelieu, deixando vestigios do seu sangue por todo o caminho, para restituirem a vossa magestade certo enfeite que vossa magestade havia dado ao sr. de Buckingham.

Anna levantou-se magestosa e irritada como se uma mola de aço a houvesse feito saltar, e, olhando para o cardeal com a altivez e a dignidade que a tornavam tão poderosa nos dias da sua mocidade, disse:

—O senhor insulta-me!

—Quero, continuou Mazarino, acabando o pensamento que a exclamação da rainha cortara ao meio, quero que faça hoje por seu marido o que fez em outro tempo pelo seu amante.

—Ainda essa calumnia! exclamou a rainha. Julgava-a extincta e bem extincta, porque é a primeira vez que lh'a ouço. Tambem vem agora com ella. Melhor! porque a questão é agora entre nós, e ha de acabar por uma vez, ouve-me?

—Mas, senhora, disse Mazarino, espantado com essa fortaleza, não lhe peço que me diga tudo.

—E eu quero dizer-lhe tudo, respondeu Anna de Austria. Ouça lá. Quero dizer-lhe que havia effectivamente n'essa epoca quatro corações dedicados, quatro almas leaes, quatro espadas fieis, que me salvaram mais do que a vida, senhor, que me salvaram a honra.

—Ah! confessal

—Então só os culpados é que teem a honra compromettida, senhor, e não se pode deshonrar alguem, e principalmente uma mulher, com apparencias? Sim, as apparencias eram contra mim, eu ia ser deshonrada, e comtudo, juro, não era culpada. Juro...

A rainha procurou uma coisa santa sobre que podesse jurar, e, tirando de um armario mettido na tapeçaria um pequeno cofre de pau rosa incrustado de prata, e pondo-o em cima do altar, continuou:

—Juro sobre estas reliquias sagradas que amei o sr. de Buckingham, mas o sr. de Buckingham não era meu amante.

—E que reliquias são essas sobre que faz esse juramento, senhora? disse Mazarino sorrindo, porque, previno-a, na minha qualidade de romano sou incredulo. Ha reliquias e reliquias.

A rainha desprendeu do pescoço uma chavinha de oiro, apresentou-a ao cardeal, e disse-lhe:

—Abra, senhor, e veja.

O cardeal, admirado, pegou na chave e abriu o cofre, em que encontrou só uma faca comida de ferrugem, e duas cartas, de que uma estava suja de sangue.

—O que é isto? perguntou Mazarino.

—O que é isso, senhor! disse Anna de Austria com o seu gesto de rainha e estendendo por cima do cofre aberto o braço que apezar dos annos se conservava lindo; vou dizer-lh'o. Essas duas cartas são as unicas cartas que lhe escrevi; essa faca é a faca com que Felton o feriu. Leia as cartas, senhor, e verá que não lhe menti.

A despeito da permissão que lhe era dada, Mazarino, por um sentimento natural, em vez de ler as cartas, pegou na faca que Buckingham, moribundo, arrancara da sua ferida

e mandara á rainha por Laporte. A folha estava toda comida, porque o sangue se tornara ferrugem. E, depois de um instante de exame, durante o qual a rainha se fez tão branca como a toalha do altar a que estava encostada, tornou a mettel-a no cofre com um estremecimento involuntario.

—Bem, senhora, disse; confio no seu juramento.

—Não, não, leia, disse a rainha carregando o sobrolho; leia, quero, mando, para que, como resolvi, acabe tudo por uma vez, e não tornemos mais a fallar n'isto. Pensa, accrescentou com um sorriso terrivel, que estou disposta a tornar a abrir este cofre a cada uma das suas accusações futuras?...

Mazarino, dominado por esta energia, obedeceu quasi machinalmente e leu as duas cartas. Uma era a em que a rainha pedia as agulhetas á Buckingham, que d'Artagnan tinha levado, e que chegara a tempo. A outra era a que Laporte entregara ao duque, em que a rainha o prevenia de que ia ser assassinado, e que chegara já tarde.

—Bem, senhora, e não ha que responder a isto.

—Ha, senhor, disse a rainha fechando o cofre e pondo-lhe a mão em cima; ha alguma coisa que responder, e é que fui uma ingrata para com os homens que me salvaram a mim, e fizeram quanto poderam para o salvar a elle; é que não dei ao valente d'Artagnan, de que o senhor me fallou indagora, senão a mão a beijar e este diamante.

A rainha estendeu a linda mão para o cardeal e mostrou-lhe uma pedra admiravel que lhe scintillava no dedo.

—Vendeu-o, ao que parece, continuou, em um momento de apuro; vendeu-o para me salvar outra vez, porque foi para enviar um mensageiro ao duque a prevenil-o de que ia ser assassinado.

—Então d'Artagnan sabia isso?

—Sabia tudo. Como? ignoro; mas vendeu-o ao sr. des Essarts, em cuja mão o vi, e a quem o tornei a comprar. Mas este diamante pertence-lhe... Restitua-lh'o, senhor, da minha parte, e uma vez que tem a fortuna de ter junto de si esse homem aproveite-o.

—Obrigado, senhora, hei de seguir o seu conselho.

—E agora, disse a rainha, como quebrada pela commoção, tem outra coisa a perguntar-me?

—Nada, senhora, respondeu o cardeal com a sua voz mais carinhosa, supplico-lhe que perdoe as minhas suspeitas injustas; mas amo-a tanto que não é para espantar que tenha ciumes, mesmo do passado.

Aos labios da rainha assomou um sorriso de indefinivel expressão.

—Então, senhor, se não tem outra coisa a perguntar-me, queria deixar-me... Ha de comprehender que, depois de uma scena d'estas, eu careça de estar só.

Mazarino curvou-se.

—Retiro-me, senhora. Permitte-me que volte?

—Sim, mas amanhã. E talvez não seja tempo sufficiente para me restabelecer.

O cardeal pegou na mão da rainha e beijou-lh'a graciosamente; e depois retirou-se.

Tão depressa elle saiu a rainha dirigiu-se ao quarto de seu filho e perguntou a Laporte se o rei estava deitado. Laporte mostrou-lhe com a mão o menino que dormia.

Anna de Austria subiu o degrau do leito, chegou os labios á fronte enrugada de seu filho, e feito isto retirou-se silenciosa como tinha ido contentando-se com dizer ao aio:

—Veja, meu querido Laporte, se o rei mostra melhor cara ao sr. cardeal, a quem elle e eu devemos tantas obrigações.

V

Gascão e italiano

N'este meio tempo, voltara o cardeal para o seu gabinete, a cuja porta velava Bernouim, a quem perguntou se nada se passara de novo e se não tinham vindo noticias de

fóra. E, recebida resposta negativa, acenou-lhe para que se retirasse.

Quando se viu só, foi abrir a porta do corredor, e depois a da ante-camara. D'Artagnan, fatigado, dormia em cima de um banco.

—Sr. d'Artagnan! disse com voz meiga.

D'Artagnan não deu signal de si.

—Sr. d'Artagnan! disse em voz mais alta.

D'Artagnan continuou a dormir.

O cardeal acercou-se d'elle e tocou-lhe no hombro com a ponta do dedo.

D'esta vez d'Artagnan estremeceu, acordou, e, acordando, achou-se de pé e como um soldado em armas.

—Aqui estou, disse, quem me chama?

—Eu, disse Mazarino com os seus modos mais risonhos.

—Peço a vossa eminencia que me perdoe, mas estava tão fatigado...

—Não me peça perdão, senhor, porque se fatigou no meu serviço.

D'Artagnan admirou as maneiras graciosas do ministro.

—Olá! disse com os seus botões. Será verdadeiro o proverbio que diz que o bem vem quando se está a dormir?

—Acompanhe-me, senhor, disse Mazarino.

—Vamos, vamos, murmurou d'Artagnan, Rochefort foi homem de palavra; mas por onde diabo saiu elle?

E olhou para todos os cantos do gabinete, sem dar com Rochefort.

—Sr. d'Artagnan, disse Mazarino sentando-se á vontade na sua poltrona, pareceu-me sempre um homem bravo e gentil.

—E' possivel, pensou d'Artagnan, mas levou seu tempo para m'o dizer! o que não o inhibiu de cumprimentar Mazarino até ao chão para lhe corresponder ao cumprimento.

—Chegou o momento, continuou Mazarino, de me aproveitar dos teus talentos e do seu valor.

Os olhos do official lançaram como um relampago de alegria que immediatamente se desvaneceu, porque elle não sabia a que Mazarino queria chegar.

—Ordene, senhor, disse; estou prompto para obedecer a vossa eminencia.

—O sr. d'Artagnan, continuou Mazarino, fez no ultimo reinado certas façanhas...

—Vossa eminencia é muito amavel em se lembrar... E' verdade, fiz a guerra com bastante exito.

—Não fallo das suas façanhas guerreiras, disse Mazarino, porque, embora dessem que fallar, foram excedidas pelas outras.

D'Artagnan mostrou-se admirado.

—Então, disse Mazarino, não responde?

—Espero que vossa eminencia me diga de que façanhas quer fallar.

—Fallo da aventura... Oh! o senhor bem sabe o que quero dizer.

—Ai! não, senhor, respondeu d'Artagnan muito espantado.

—E' discreto, melhor! Quero fallar da aventura da rainha, d'aquellas agulhetas, d'aquella viagem que o senhor fez com tres amigos seus...

—Oh! oh! pensou o gascão, será uma cilada, conservemos-nos firmes.

E vestiu as suas feições com uma estupefacção que Mondori ou Bellerore, os dois melhores comicos da epoca, lhe invejariam.

—Muito bem, disse Mazarino rindo; bravo! tinham-me dito que o senhor era o homem de que eu carecia. Vejamos, o que está disposto a fazer por mim?

—Tudo quanto vossa eminencia me ordenar que faça.

—Faria por mim o que fez em outro tempo por uma rainha?

—Decididamente, disse d'Artagnan comsigo mesmo, quer-me fazer fallar; deixar ver. Diabo! elle não é mais fino do que Richelieu.

—Por uma rainha, senhor? Não comprehendo.

—Não comprehende que careço do senhor e dos seus tres amigos?

—De que amigos, senhor?

—Dos seus tres amigos de outro tempo.

—Em outro tempo eu não tinha tres amigos, tinha cincoenta. Aos vinte annos todos são amigos.

—Bem, bem, senhor official, disse Mazarino, a discrição é uma bella coisa; mas hoje poderá vir a arrepender-se de ser demasiado discreto.

—Pythagoras fazia que seus discipulos guardassem silencio durante cinco annos, para os ensinar a calar.

—E o senhor tem-o guardado vinte. São quinze annos mais do que um philosopho pythagorico, o que me parece rasoavel. Falle portanto hoje, porque a propria rainha o releva do seu juramento.

—A rainha! disse d'Artagnan com uma estupefacção que, d'esta vez, não era fingida.

—Sim, a rainha! e a prova de que lhe fallo em seu nome é que ella me disse que lhe mostrasse este diamante, que diz que o senhor conhece e que tornou a comprar ao sr. des Essartes.

E Mazarino estendeu a mão para o official, que suspirou ao reconhecer o annel que a rainha lhe dera na noite do baile do Hotel de Ville.

—E' verdade, disse d'Artagnan, reconheço esse diamante que pertenceu á rainha.

—Bem vê portanto que lhe fallo em seu nome. Responda-me pois sem representar mais comedia. Já lh'o disse e repito, depende d'isso a sua fortuna.

—Palavra, senhor, que tenho muita necessidade de fazer fortuna, vossa eminencia tem-se esquecido tanto tempo de mim!

—Não são precisos mais de oito dias para reparar isso. Vejamos, o senhor está ahi, mas onde estão os seus amigos?

—Não sei, senhor.

—Pois que! não sabe?

—Não, ha muito tempo que nos separámos, porque todos tres deixaram o serviço.

—Mas onde ha de encontral-os?

—Onde estiverem; isso é comigo.

—Bem. As suas condições?

—Dinheiro, tanto quanto for preciso para as nossas emprezas. Lembro-me muito bem de quanto ás vezes nos

vimos atrapalhados por falta de dinheiro, e, sem esse diamante que me vi obrigado a vender, teriamos ficado no caminho.

—Diabo! dinheiro, e muito, disse Mazarino; é bom de dizer, senhor official. Não sabe que não ha dinheiro nos cofres do rei?

—Pratique vossa eminencia então como eu, venda os diamantes da corôa; creia-me, não regateie, se quer que se faça alguma coisa.

—Veremos se podemos satisfazel-o.

—Richelieu, pensou d'Artagnan, tinha-me dado já quinhentas pistolas.

—Será meu então?

—Sim, se os meus amigos quizerem.

—Mas, ainda que recusem, poderei contar comsigo?

—Sósinho nunca fiz nada que prestasse, disse d'Artagnan sacudindo a cabeça.

—Então vá ter com elles.

—Que hei dizer-lhes para os determinar a servirem vossa eminencia?

—Conhece-os melhor do que eu. Faça-lhes promessas conforme os caracteres d'elles.

—Que lhes hei de prometter?

—Sirvam-me como serviram a rainha, e o meu reconhecimento não deixará nada a desejar.

—Que havemos de fazer?

—Tudo, pois parece que tudo sabem fazer.

—Quando ha confiança nas pessoas e se quer que ellas tenham confiança na gente, dão-se-lhes mais instrucções do que as que vossa eminencia dá.

—Tenha a certeza de que, quando chegar o momento de proceder, lhe hei de dizer todo a meu pensamento.

—E até lá?

—Espere, e procure os seus amigos.

—Talvez não estejam em Paris; é até provavel que eu tenha de jornadear. Sou um tenente de mosqueteiros pobrissimo e as jornadas são caras.

—Não me faz conta que o senhor se apresente com gran-

de pompa; os meus projectos carecem de mysterio e ficariam prejudicados com grande apparato.

—Mas, senhor, não posso fazer jornada com o meu soldo, que está tres mezes atrazado, e não posso fazer jornada com as minhas economias, porque estou ha vinte e dois annos no serviço e não tenho economisado senão dividas.

Mazarino deixou-se ficar pensativo como se n'elle se desse uma grande luta; e depois, dirigindo-se a um armario fechado com tres fechaduras, tirou um saco e, tomando-lhe o peso na mão duas ou tres vezes antes de o dar a d'Artagnan, disse-lhe com um suspiro:

—Tome lá para a jornada.

—Se forem dobrões de Hespanha ou escudos de oiro, pensou d'Artagnan, ainda poderemos entender-nos.

Cumprimentou o cardeal e metteu o saco na algibeira.

—Então, está dito, tornou o cardeal, o senhor vai fazer ornada...

—Sim, senhor.

—Escreva-me todos os dias para me dar noticias suas.

—Não deixarei de o fazer.

—Bem. A proposito, o nome dos seus amigos?

—O nome dos meus amigos? repetiu d'Artagnan com um resto de inquietação.

—Sim! emquanto o senhor busca per um lado, informar-me-hei eu por outro, e talvez possa vir a saber alguma coisa.

—O sr. conde de la Fère, outrora Athos, o sr. Duvallon, outrora Porthos, e o cavalheiro d'Herblay, ou o abbade d'Herblay, outrora Aramis.

O cardeal sorriu.

—Filhos segundos, disse, que se haviam alistado nos mosqueteiros usando nomes suppostos, para não comprometterem os nomes de suas familias. Espadas pesadas, mas bolsas leves, é caso que se conhece.

—Se Deus quizer que essas espadas passem para o serviço do vossa eminencia, ouso exprimir um desejo, e é que a bolsa de vossa eminencia se torne leve e a d'elles pesada, porque, com esses tres homens e comigo, vossa eminencia dará volta a toda a França, e até a toda a Europa, se isso lhe convier.

—Estes gascões, disse Mazarino rindo, não são inferiores aos italianos em fanfarronadas.

—Em todo o caso, disse d'Artagnan com um sorriso similhante ao do cardeal, valem mais do que elles para as estocadas.

E saiu, depois de ter pedido uma licença que lhe foi concedida no mesmo instante e assignada pelo proprio Mazarino.

Mal se viu no pateo, aproximou-se de um candieiro e olhou precipitadamente para dentro do saco.

—Escudos de prata! disse com despreso; já desconfiava! Ah! Mazarino, Mazarino! não tens confiança em mim! peior! não has de tirar bom resultado.

N'esse meio tempo o cardeal esfregava as mãos.

—Cem pistolas! murmurava, cem pistolas! por cem pistolas, apanhei um segredo que o sr. de Richelieu teria pago por vinte mil escudos. Sem contar com este diamante, accrescentou deitando amorosamente os olhos para o annel que tinha guardado, em vez de o dar a d'Artagnan; sem contar com este diamante que não vale menos de dez mil libras.

E o cardeal tornou a entrar para o seu quarto, satisfeito com a noite em que tinha realisado tão bom lucro, collocou o annel em um estojo cheio de toda a casta de brilhantes, porque o cardeal gostava de pedras, e chamon Bernouin para o despir, sem se importar com os rumores que continuavam a bater nos vidros ás rabanadas, e com os tiros de espingarda que ainda resoavam em Paris, embora fossem mais de onze horas da noite.

N'este meio tempo, d'Artagnan dirigia-se para a rua Tiquetonne, onde morava, na hospedaria da Cabrinha.

Vamos ver como d'Artagnan chegara a fazer escolha de esta casa.

VI

D'Artagnan aos quarenta annos

Ai! desde a epoca em que, no nosso romance dos *Tres Mosqueteiros*, deixámos d'Artagnan, rua des Fossoyerus, 12, tinham-se passado muitas coisas, e principalmente muitos annos. D'Artagnan não tinha faltado ás circumstancias, mas as circumstancias tinham faltado a d'Artagnan. Em qnanto os seus amigos o rodeavam, d'Artagnan conservara a sua mocidade e a sua poesia; era uma d'estas naturezas astutas e engenhosas que facilmente adquirem as qualidades dos outros. Athos communicava-lhe a sua grandeza, Porthos o seu enthusiasmo, Aramis a sua elegancia. Se d'Artagnan tivesse continuado a viver com esses tres homens, ter-se-hia tornado um homem superior. Athos foi o primeiro que o deixou, para se retirar para a pequena terra que herdara, para os lados de Blois; Porthos foi o segundo, para casar com a sua procuradora; e Aramis o terceiro, para entrar definitivamente para as ordens e fazer-se abbade. A datar d'esse momento, d'Artagnan, que parecia ter confundido o seu futuro com o dos seus tres amigos, achou-se isolado e fraco, sem coragem para proseguir em uma carreira na qual reconhecia que não podia vir a ser alguma coisa senão com a condição de que algum dos seus amigos lhe cedesse, se assim se pode dizer, uma parte do fluido electrico que recebera do ceu.

Por isso, embora tenente de mosqueteiros, d'Artagnan achou-se mais isolado: não era de nascimento bastante elevado, como Athos, para que se lhe abrissem as casas importantes; não era bastante vaidoso, como Porthos, para fazer acreditar que visitava a alta sociedade; não era bastante fidalgo, como Aramis, para se manter na sua elegancia nativa, tirando a sua elegancia de si mesmo. A recordação encantadora da senhora Boneciaux imprimira por algum tempo no espirito do joven tenente uma certa poesia; mas essa recordação, como a de todas as coisas d'este mundo, desvaneceu-

se a pouco e pouco; a vida de guarnição é fatal, até para as organisações aristocraticas. Das duas naturezas oppostas que compunham a individualidade de d'Artagnan, prevalecera a pouco e pouco a natureza material, e muito suavemente, sem dar por isso, d'Artagnan, sempre na guarnição, sempre no acampamento, sempre a cavallo, tornara-se (não sei como se chamava n'essa epoca) o que nos nossos dias se chama um verdadeiro commodista.

Não era porque d'Artagnan houvesse perdido a sua astucia primitiva, não. Talvez, ao inverso, essa astucia houvesse augmentado, pelo menos parecia duplamente notavel sob um envolucro um tanto mais grosseiro; mas havia-a applicado ás pequenas coisas e não ás grandes coisas da vida; ao bem estar material, ao bem estar como os soldados o entendem, isto é, a ter uma boa casa, boa meza, e boa patroa. E d'Artagnan achara tudo isso, havia seis annos, na rua Tiquetonne, taboleta da *Cabrinha*.

Nos primeiros tempos da sua estada n'essa hospedaria, a dona da casa, bella e louçã flamenga de vinte e cinco a vinte e seis annos, enamorara-se simplesmente d'elle depois de alguns amores contrariados por um marido incommodo, ao qual d'Artagnan dez vezes fingira que atravessava o corpo com a sua espada, e esse marido havia desapparecido uma bella manhã, desertando para sempre, depois de ter vendido furtivamente algumas porções de vinho, e levado comsigo o dinheiro e as joias. Julgaram-o morto. E principalmente sua mulher, a quem a doce idéa de estar viuva lisongeava muito, sustentava ousadamente que elle tinha morrido. Até que, depois de tres annos de uma ligação que d'Artagnan não era tão parvo que quebrasse, achando cada anno a casa e a amante mais agradaveis do que nunca, porque uma acreditava a outra, a amante teve a exorbitante pretenção de ser esposa, e propoz a d'Artagna casar com ella.

— Ora essa! respondeu d'Artagnan. Bigamia, minha querida! Vamos, nem pensar n'isso.

— Mas elle morreu, tenho a certeza.

— Era um patife muito arreliador e capaz de voltar para fazer com que fossemos enforcados.

— Pois se voltar, mata-o; tu és tão valente e tão habil!

— Diabo! minha querida, outro meio de ser enforcado!

— Então repelles o meu pedido?

— Podera! e com toda a energia!

— A linda estalajadeira ficou desolada. Faria de boa mente de d'Artagnan não só seu marido, mas até o seu Deus; era um homem tão gentil e um bigode tão bonito!

No quarto anno d'esta ligação veiu a expedição de Franche-Conté. D'Artagnan foi designado para fazer parte d'ella e preparou-se para partir. Houve muito desgosto, lagrimas sem fim, juramentos solemnes de fidelidade, já se sabe que da parte da estalajadeira. D'Artagnan era *muito fidalgo* para fazer juramentos; o que prometteu foi fazer o que podesse para augmentar a gloria do seu nome.

A este respeito, é conhecida a coragem de d'Artagnan; fez coisas admiraveis, e, carregando á frente da sua companhia, recebeu no peito uma bala que o deixou estirado ao comprido no campo de batalha. Viram-o cair, e não o viram levantar; julgaram-o morto, e todos os que tinham a esperança de lhe succeder no posto disseram que o estava. Crê-se facilmente o que se deseja; e, no exercito, desde os generaes de divisão, que desejam a morte do general em chefe, até aos soldados, que desejam a morte dos cabos de esquadra, toda a gente deseja a morte de alguem.

Mas d'Artagnan não era homem que se deixasse matar assim. Depois de ter estado sem sentidos no campo de batalha, durante o calor do dia, a frescura da noite fel-o tornar a si; dirigiu-se a uma aldeia, foi bater á porta da melhor casa, foi recebido como o são em toda a parte e sempre os francezes, ainda que estejam feridos; foi afagado, tratado com desvelo, curado, e, com mais saude do que nunca, tornou a tomar o caminho de França; logo que chegou a França, o caminho de Paris; e logo que chegou a Paris, a direcção da *rua Tiquetonne*.

Mas d'Artagnan achou o cabide do seu quarto occupado com um fato completo de homem, excepto a espada.

— Voltou, disse. Tanto peior e tanto melhor!

Escusado é dizer que d'Artagnan pensava no marido.

Informou-se: criados novos, criada tambem nova; a patroa tinha ido passear.

— Só? perguntou d'Artagnan.

— Com o senhor.

— Então o senhor voltou?

— Sem duvida, respondeu a criada ingenuamente.

— Se eu tivesse dinheiro, disse d'Artagnan com os seus botões, safava-me; mas não o tenho, preciso ficar e seguir os conselhos da patroa, contrariando os projectos conjugaes de esse importuno espectro.

Acabava este monologo, o que prova que nas mais serias circumstancias nada ha mais natural do que o monologo, quando a criada, que estava espreitando á porta, exclamou de repente:

— Olhe, ali vem a senhora e o senhor.

D'Artagnan deitou os olhos para a rua ao longe, e viu, ao voltar da rua Montmartre, a estalajadeira agarrada ao braço de um enorme suisso, que se pavoneava com modos que fizeram lembrar agradavelmente Porthos ao seu antigo amigo.

—Aquelle é que é o senhor? disse d'Artagnan comsigo. Oh! oh! parece-me que tem crescido muito!

E sentou-se na sala, em um logar que ficava muito ávista.

A estalajadeira, quando entrou, deu logo com os olhos em d'Artagnan, e soltou um grito.

A esse grito, d'Artagnan julgando-se reconhecido, levantou-se, correu para ella e abraçou-a com ternura.

O suisso olhava espantado para a estalajadeira, que estava muito pallida.

—Ah! é o senhor! Que me quer? perguntou ella no meio da maior perturbação.

—Este senhor é seu primo? Este senhor é seu irmão? disse d'Artagnan sem se perturbar no papel que representava, e, sem esperar que ella respondesse, lançou-se nos braços do helvecio, que o deixou fazer o que queria, como uma grande frieza.

—Quem é este homem? perguntou.

A estalajadeira não respondeu senão com suffocações.

—Quem é este suisso? perguntou d'Artagnan.

—Este senhor vai casar comigo, respondeu a estalajadeira no meio de dois espasmos.

—Então seu marido morreu?

—Que lhe importa! disse o suisso.

—Importa-me muito, bradou d'Artagnan, por isso que o senhor não pode casar com esta senhora sem o meu consentimento, e que...

—E que? perguntou o suisso.

—E que... não o dou, respondeu o mosqueteiro.

O suisso fez-se encarnado como uma papoila; usava um uniforme doirado muito bonito, e d'Artagnan vinha embrulhado em uma especie de capote escuro; o suisso tinha seis pés, e d'Artagnan não tinha mais de cinco; o suisso julgava-se em sua casa, e d'Artagnan parecia-lhe um intruso.

—Faz favor de se mandar mudar? perguntou o suisso batendo violentamente com o pé no chão como homem que começa a zangar-se bastante.

—Eu? Isso nunca! disse d'Artagnan.

—Mas o que ha a fazer é ir chamar soccorro, disse um criado, que não podia comprehender que um homem tão pequeno disputasse o logar a um homem tamanho.

—Tu, disse d'Artagnan, que começava a ser assaltado pela colera, e agarrando no criado por uma orelha; tu deixa-te estar aqui, e não te mechas, ou eu te arranco as orelhas. E o senhor, illustre descendente de Guilherme Tell, queira ir fazer uma trouxa do fato que tem no meu quarto e que me incommoda, e partir depressa a procurar outra hospedaria.

—Partir e porque?

—Ah! bem, vejo que comprehende o francez. Então, venha dar uma volta comigo, e eu lhe explicarei o resto.

A estalajadeira, que conhecia d'Artagnan por uma espada ollada, começou a chorar e a arrancar os cabellos.

D'Artagnan voltou para o lado da bella desolada, e disse-lhe:

—Então, ponha-o na rua.

—Ora essa! replicou o suisso, que levara tempo para perceber a proposta de d'Artagnan; ora essa! quem é o senhor para me propor ir dar uma volta na sua companhia?

—Sou tenente dos mosqueteiros de sua magestade, disse d'Artagnan, e por consequencia seu superior em tudo; mas

como não se trata aqui de graduações, e só de bilhetes de residencia, o senhor sabe o costume. Venha buscar o seu; o primeiro de nós que voltar aqui occupará o seu quarto.

D'Artagnan levou comsigo o suisso, a despeito das lamentações da estalajadeira, que era verdade que sentia o coração inclinado para o amor antigo, mas que não teria desgotado de dar uma lição a esse orgulhoso mosqueteiro, que lhe fizera a affronta de recusar a sua mão.

Os dois adversarios foram direitos aos fossos Montmartre; era noite quando lá chegaram; d'Artagnan pediu cortezmente ao suisso que lhe cedesse o quarto e não voltasse lá; e o suisso recusou com um aceno de cabeça e desembainhou a espada.

—Então, deitar-se-ha aqui, disse d'Artagnan; é má pousada, mas a culpa não é minha é o senhor que assim o quer.

E, ditas estas palavras, desembainhou tambem a espada e cruzou-a com o seu adversario.

Tinha que se haver com um pulso rijo, mas a sua agilidade era superior a toda a força. A durindana do allemão nunca encontrava a do mosqueteiro. O suisso recebera duas espadeiradas sem dar por isso, por causa do frio; mas, subitamente, a perda de sangue e a fraqueza que lhe causou obrigaram-o a sentar-se.

—Ora, disse d'Artagnan, o que lhe predisse eu? Não está mal servido, seu cabeçudo! Felizmente isso fica curado dentro de quinze dias. Deixe-se ficar aqui, e eu vou-lhe mandar o fato pelo criado. Até á vista. A proposito, vá hospedar-se na rua Montorgueil, para o *Gato que joga a pela*, tratam ahi perfeitamente, se a estalajadeira é ainda a mesma. Adeus.

E dito isto voltou ligeiro para casa, e mandou o fato ao suisso, que o criado encontrou sentado no mesmo logar onde d'Artagnan o deixara, e consternado ainda com o desassombro do seu adversario.

O criado, a estalajadeira e toda a casa tiveram por d'Artagnan todas as contemplações que se teriam por Hercules se elle voltasse á terra para recomeçar os seus doze trabalhos.

Mas, quando se viu só com a estalajadeira, disse-lhe:

—Agora, bella Magdalena, sabe a distancia que vai de

um suisso a um fidalgo; a senhora portou-se como uma taverneira. E o mal é seu, porque com esse comportamento perdeu a minha estima e a minha freguezia. Puz fora o suisso para a humilhar, mas não me hospedarei aqui, não tomo quarto a quem voto o meu desprezo. Olá, rapaz levar a minha mala para o *Moinho do amor*, rua des Bourdonnais. Adeus, senhora.

D'Artagnan foi, ao que parece magestoso e compassivo, quando pronunciou estas palavras. A estalajadeira deitou-se-lhe aos pés, pediu-lhe perdão, e deteve-o com doce violencia. Que mais dizer? O espeto volteava, a frigideira crepitava, a bella Magdalena chorava; d'Artagnan sentiu um assalto de fome, frio e amor ao mesmo tempo, perdoou, e havendo perdoado, deixou-se ficar.

Eis como d'Artagnan estava hospedado na rua de Tiquetanne, hospedaria da *Cabrinha*.

VII

D'Artagnan vê-se atrapalhado, mas acode-lhe um dos nossos antigos conhecimentos,

Saía pois d'Artagnan muito pensativo, sentindo muito prazer em levar comsigo o saco do cardeal Mazarino, e lembrando-se do formoso diamante que fora seu e que por um instante vira brilhar no dedo do primeiro ministro.

—Se esse diamante tornasse alguma vez ao meu poder, dizia, reduzia-o immediatamente a dinheiro, comprava algumas propriedades em volta do castello de meu pae, que é uma linda habitação, mas que não tem como dependencias senão um jardim, do tamanho do cemiterio dos Innocentes, e ahi esperava, na minha magestade, que alguma herdeira seduzida pela minha boa cara, casasse comigo; depois tinha tres filhos: do primeiro fazia um fidalgo como Athos; do se-

gundo um excellente soldado como Porthos; e do terceiro um gentil abbade como Aramis. Palavra que isso valia muito mais do que a vida que eu levo; mas desgraçadamente Mazarino é um bigorrilha incapaz de me dar o diamante.

O que diria d'Artagnan se soubesse que o diamante tinha sido confiado pela rainha a Mazarino para lhe ser entregue.

Quando entrou na rua Tiquetonne, ouviu muita bulha e viu um ajuntamento consideravel nas proximidades da hospedaria.

—Oh! oh! disse comsigo, pegaria fogo na hospedaria da Cabrinha, ou regressaria effectivamente o marido da bella Magdalena?

Não era nem uma nem outra coisa: quando se aproximou, d'Artagnan reconheceu que o ajuntamento não era diante da sua habitação, mas diante da casa visinha. Soltavam-se grandes gritos, corria-se de um lado para o outro com archotes e á luz d'elles distinguiam-se uniformes.

Perguntou o que era.

Responderam-lhe que um burguez havia atacado com uns vinte amigos uma carruagem escoltada pelos guardas do sr. cardeal, viera um reforço, e os burguezes tinham sido obrigados a fugir. O cabeça de motim refugiara-se na casa visinha da hospedaria e estava sendo dada busca a essa casa.

Na mocidade d'Artagnan teria corrido onde via uniformes e prestado auxilio aos soldados contra os burguezes; mas todas essas exaltações tinham passado; e demais levava na algibeira as cem pistolas do cardeal, e não queria arriscar-se em um ajuntamento.

Entrou para a hospedaria sem fazer mais perguntas. Outrora d'Artagnan queria sempre saber tudo, agora sabia sempre bastante.

Encontrou a bella Magdalena que não o esperava, julgando, como d'Artagnan lhe dissera, que elle passaria a noite no Louvre; ella fez-lhe muita festa por este regresso inesperado, e que d'esta vez lhe quadrava tanto melhor que tinha muito medo do que se passava na rua e que não tinha nenhum suisso para a guardar.

Quiz pois entabolar conversação com elle e contar-lhe o que se passara; mas d'Artagnan estava reflectindo e por consequencia não tinha vontade de conversar. Mostrou-lhe a ceia a deitar fumo, e d'Artagnan disse-lhe que lh'a mandasse para o quarto e lhe juntasse uma garrafa de velho Borgonha.

A bella Magdalena estava costumada a obedecer militamente, isto é a um aceno. D'esta vez, d'Artagnan dignara-se de fallar, e portanto foi obedecido com dobrada presteza.

D'Artagnan pegou na sua chave e no seu candieiro e subiu para o seu quarto. Tinha-se contentado, para não se tornor pesado, com um quarto no quarto andar. O respeito que consagramos á verdade força-nos até a dizer que o quarto ficava immediatamente por cima do beirado e por baixo do telhado.

Era ali a sua tenda de Achilles. D'Artagnan encerrava-se n'esse quarto quando queria punir com a sua ausencia a bella Magdalena.

Do que primeiramente cuidou foi de guardar em uma secretária velha, em que só a fechadura era nova, o seu saco, que não se deu ao incommodo de verificar para saber a somma que continha; e depois, como passado um instante tinha a ceia na meza e a garrafa que pedira, despediu o criado, fechou a porta e sentou-se á meza.

Não era para reflectir, como se poderia julgar, mas d'Artagnan pensava que não se fazem muitas coisas senão cada uma por sua vez. Tinha fome, ceiou, e, depois de ceiar, deitou-se. D'Artagnan tambem não era d'aquelles que pensam que a noite é boa conselheira: á noite dormia. Era de manhã que, fresco e bem avisado achava as melhores inspirações. Havia muito tempo que não tinha tido occasião de pensar de manhã, mas tinha dormido sempre de noite.

Ao romper do dia acordou, saltou da cama abaixo com uma resolução militar, e entrou a passear no quarto reflectindo.

—Em 43, disse elle, uns seis mezes antes da morte do cardeal recebi uma carta de Athos. Onde foi? Vejamos... Ah! foi no cerco de Besançon, agora me lembro... estava na trincheira. O que me dizia elle? Que habitava uma terrola, sim é isto uma terrola, mas onde? Quando eu chegava a este

ponto uma lufada de vento levou-me a carta. Em outro tempo teria ido buscal-a, embora o vento a tivesse levado para um logar muito exposto. Mas a mocidade é um grande defeito... quando já se não é moço. Deixei ir a minha carta levar a indicação da morada de Athos aos hespanhoes, que não se importavam com ella, e deviam reenviar-m'a. Escusado é pois pensar em Athos. Vamos a ver... Porthos.

Recebi uma carta d'elle; convidava-me para uma grande caçada nas suas terras para o mez de setembro de 1646. Desgraçadamente, como n'essa epoca eu estava em Béarn, por causa da morte de meu pae, a carta seguiu-me lá; tinha eu partido quando ella chegou. Mas foi-me no encalço e chegou a Montmédy alguns dias depois de eu ter deixado a cidade. Até que me chegou ás mãos no mez de abril, mas como foi no mez de abril de 1647 que me chegou ás mãos e o convite era para o mez de setembro de 1646, não pude aproveital-o. Procuremos essa carta; ha de estar junta com os meus titulos de propriedade.

D'Artagnan abriu uma caixa velha que estava a um canto do quarto, cheia de pergaminhos relativos á terra de d'Artagnan, que, havia duzentos annos, tinha deixado de pertencer a sua familia, e soltou um grito de alegria: acabava de reconhecer a letra grauda de Porthos, e, em baixo, algumas linhas de garatujas traçadas pela mão de sua digna esposa.

D'Artagnan não se deteve a ler novamente a carta, sabia o que elle continha, correu á indicação da morada.

Era datada do castello du Vallon.

Porthos esquecera-se de dar mais informações. No seu orgulho, julgava que toda a gente sabia onde era o castello a que elle tinha dado o seu nome.

—O diabo leve o vaidoso! disse d'Artagnan, sempre o mesmo! bem fazia eu em começar por aqui, uma vez que não deve ter necessidade de dinheiro elle que herdou as oitocentas mil libras do sr. Coquenard. E falta-me o melhor. Athos provavelmente está já idiota de tanto beber. E Aramis deve estar immerso nas suas praticas de devoção.

D'Artagnan deitou ainda uma vez os olhos para a carta de Porthos. Tinha um *post-scriptum*, e o *post-scriptum* continha esta phrase:

«Escrevo pelo mesmo correio ao nosso digno Aramis no seu convento».

—No seu convento! sim, mas que convento? Ha duzentos em Paris e tres mil em França. E depois, talvez que entrando para o convento elle mudasse terceira vez de nome. Ah! se eu fosse sabio em theologia e ao menos me lembrasse do assumpto das suas theses, que discutia tão bem em Crévecoeur, com o cura de Montdidier e o superior dos jesuitas, saberia a doutrina a que é mais affecto e deduziria d'ahi a que santo elle podia devotar-se... E se eu fosse ter com o cardeal e lhe pedisse um passe para entrar em todos os conventos possiveis, até nos das religiosas? E' uma idéa, e podia ser que o achasse lá como Achilles. Sim, mas é confessar, logo de começo, a minha insufficiencia, e ficar immediatamente perdido no espirito do cardeal. Os grandes não são reconhecidos senão quando se faz por elles o impossivel. «Se fosse possivel, dizem-nos elles, fal-o-hia eu», e os grandes teem rasão. Mas esperemos um pouco, e vejamos. Tambem recebi uma carta de Aramis, e por tal signal que me pedia um pequeno obsequio que lhe fiz. Ah! sim; mas onde metti essa carta?

D'Artagnan reflectiu um instante e dirigiu-se ao cabide onde estava pendurado o seu fato velho, procurou o seu gibão do anno de 1648, e como era um rapaz arranjado, achou-o no seu logar. Metteu a mão na algibeira e tirou um papel; era exactamente a carta de Aramis.

«Senhor d'Artagnan, dizia-lhe elle, saiba que tive uma questão com certo cavalheiro, com quem tenho de me bater esta noite, na praça Real; como sou homem de egreja, e o negocio poderia lesar-me se o participasse a quem não fosse meu amigo tão certo como o senhor, escrevo-lhe para me auxiliar.

«Entrará pela rua Nove-Sainte-Catherine; debaixo do segundo candieiro á direita encontrará o seu adversario. Eu estarei com o meu debaixo do terceiro.

«Sempre seu, *Aramis*.»

D'esta vez, nem havia adeus. D'Artagnan puxou pela memoria; tinha ido ao sitio aprasado, tinha encontrado o adversario indicado, de quem nunca soubera o nome, tinha-

lhe dado uma excellente espadeirada no braço, e depois aproximara-se de Aramis, que se dirigia para elle, tendo acabado já a sua pendencia.

—Está acabado, dissera Aramis. Julgo que matei o insolente. Mas, querido amigo, se carecer de mim para alguma coisa, pode saber que fico ás suas ordens.

Dito isto Aramis apertara-lhe a mão e desapparecera debaixo das arcadas.

D'Artagnan tanto sabia pois onde estava Aramis como onde estava Athos e Porthos, e a situação começava a ser embaraçosa, quando lhe pareceu ouvir quebrar um vidro da janella do quarto. Pensou immediatamente no saco que estava na secretária e saiu do gabinete. Não se enganara: no momento em que entrava pela porta, entrava um homem pela janella.

—Ah! miseravel! exclamou d'Artagnan, julgando esse homem um ladrão e desembainhando a espada.

—Senhor, exclamou o homem, em nome do ceu metta a espada na bainha e não me mate sem me ouvir. Não sou um ladrão, nem pensar n'isso! Sou um honrado burguez bem estabelecido, com loja n'uma rua proxima. Chamo-me... Ora, não me engano, é o sr. d'Artagnan!

—E tu Planchet! exclamou o tenente.

—Para o servir, senhor, disse Planchet satisfeitissimo, se ainda tiver merecimentos para isso.

—Pode ser, disse d'Artagnan, mas que diabo fazes tu por cima dos telhados ás sete horas da manhã no mez de janeiro?

—O senhor ha de saber... mas talvez não saiba...

—O que? Mas primeiro que tudo tapa o vidro com um panno e corre a cortina.

Planchet obedeceu, e quando acabou esse serviço·

—Então? disse d'Artagnan.

—Antes de mais nada, deixe-me perguntar-lhe, disse o prudente Planchet, em que relações está o senhor com o sr. de Rochefort?

—Nas melhores. Rochefort é actualmente um dos meus maiores amigos.

—Melhor!

—Mas o que tem Rochefort com esse modo de entrares no meu quarto?

—Lá vamos! Devo primeiro dizer-lhe que o sr. de Rochefort está...

Planchet hesitou.

—Com a breca! disse d'Artagnan, bem sei, está na Bastilha.

—Quer dizer, estava.

—O que! estava? teria a fortuna de se safar?

—Ah! senhor, se considera isso uma fortuna, bom é; devo então dizer-lhe que parece que hontem mandaram buscar Rochefort á Bastilha.

—Que novidade me dás! Fui eu quem o foi lá buscar.

—Mas não foi o encarregado de o levar outra vez para lá, felizmente para elle, porque se eu o tivesse reconhecido na escolta, pode crer que tive sempre muito respeito pelo senhor...

—Acaba, animal! dize lá, o que succedeu?

—Quando a carrugem do sr. de Rochefort, no meio da rua de la Féronnerie atravessava um grupo de povo e a escolta maltratava os burguezes, levantaram-se murmurios; o preso pensou que era boa occasião, declarou o seu nome e gritou por soccorro! Eu que estava ali, reconheci o nome do conde de Rochefort; lembrei-me de que fora elle quem me fizera sargento no regimento do Pimonte; e disse em voz alta que era um preso, amigo do sr. duque de Beaufort. O povo amotinou-se, fez parar os cavallos e deu cabo da escolta. N'esse meio tempo abri a portinhola, o sr. de Rochefort saltou em terra e sumiu-se por entre a multidão. Desgraçadamente passava n'esse momento uma patrulha; reuniu-se aos guardas e deu-nos uma carga. Eu dei á canela para as bandas da rua Tiquetonne, era perseguido de perto. Refugiei-me na casa contigua a esta; bloquearam-a, deram-lhe volta, inutilmente: eu tinha encontrado no quinto andar uma pessoa compadecida que me escondeu entre dois colchões. Deixei-me estar no meu esconderijo ou perto, até ser dia, e pensando que á tarde recomeçassem as buscas, tenho andado por cima dos telhados, procurando primeiro uma entrada e depois uma saida em qualquer casa, que não estivesse guar-

dada. Aqui está a minha historia, e, pela minha honra, senhor, affligir-me-hia que lhe fosse desagradavel.

—Não é, pelo contrario estimo muito que Rochefort esteja em liberdade; mas sabes uma coisa? se cais nas mãos dos soldados do rei, és enforcado sem misericordia.

—Ora se sei! é o que me atormenta; e ahi está porque estou tão contente de o ter encontrado. Se o senhor quizer occultar-me, ninguem o poderá fazer melhor.

—Sim, estou muito disposto a isso, embora arrisque o meu posto, se se souber que dei asylo a um rebelde.

—Ah! bem sabe que eu arriscaria a minha vida pelo senhor.

—Podias acrescentar que a arriscaste, Planchet. Não esqueço senão as coisas que devo esquecer, e, no que respeita a essa, quero lembrar-me. Senta-te pois ahi e come socegado, porque vejo que estás a olhar para o resto da minha ceia com uns olhos dos mais expressivos.

—Sim, senhor, porque a despensa da visinha estava muito mal de coisas succulentas, e não coma de hontem ao meio dia para cá senão uma fatia de pão com manteiga e doces. Com quanto não desprese os doces quando vem no seu logar, achei a ceia um tanto leve.

—Pobre rapaz! vamos, socega.

—Ah! o senhor salvou-me duas vezes a vida.

E Planchet sentou-se á meza, onde começou a devorar como nos bons dias da rua des Fossoyeurs. D'Artagnan continuava a passear de um lado para o outro; buscava no seu espirito que proveito podia tirar de Planchet nas circumstancias em que estava. N'este meio tempo, Planchet trabalhava quanto podia para recuperar as horas perdidas. Ate que soltou o suspiro de satisfação do homem esfomeado, que indica que depois de estar meio satisfeito pára um pedaço.

—Vamos, disse d'Artagnan, que pensou que era occasião de começar o interrogatorio. Procedamos por ordem. Sabes onde está Athos?

—Não, senhor.

—Diabo! Sabes onde está Porthos?

—Menos.

—Diabo! diabo!... E Aramis?

—Tão pouco.

—Diabo! diabo! diabo!

—Mas, disse Planchet com os seus modos velhacos, sei onde está Bazin.

—O que! sabes onde está Bazin?

—Sim, senhor.

—E onde está?

—Em Notre-Dame.

E o que é que faz em Notre-Dame?

—E' maceiro.

—Bazin, maceiro em Notre-Dame! tens a certeza de isso?

—Toda a certeza; vi-o e fallei-lhe.

—Ha de saber onde está seu amo.

—Sem duvida.

D'Artagnan reflectiu, e depois pegou no chapeu e na espada e preparou-se para sair.

—Então abandona-me assim? disse Planchet com modos lastimosos. Lembre-se de que não tenho esperança senão no senhor!

—Não vêm cá procurar-te, redarguiu d'Artagnan.

—Mas, se vierem, objectou o prudente Planchet, lembre-se de que, para as pessoas da casa que não me viram entrar, sou um ladrão.

—E' verdade, vamos, fallas qualquer algaravia?

—Melhor do que isso, fallo uma lingua; fallo flamengo.

—E onde diabo o aprendeste?

—Em Artois, onde fiz a guerra dez annos. Ouça: Goeden morgen, mynheer, ith ben begeeray te weeten the ge sond hects omstand.

—O que quer dizer?

—Bom dia, senhor; apresso-me a informar-me do estado da sua saude.

—E chama áquillo uma lingua! Mas não importa, isso é uma maravilha.

D'Artagnan dirigiu-se á porta, chamou um criado e ordenou-lhe que dissesse á bella Magdalena que subisse.

—O que faz, senhor? disse Planchet, vai confiar o nosso segredo a uma mulher!

—Podes ficar descançado, esta não dará palavra.

N'este momento entrou a estalajadeira; acorria, risonha, esperando encontrar d'Artagnan sósinho; mas, ao ver Planchet, recuou espantada.

—Minha querida patroa, disse d'Artagnan, apresento-lhe o sr. seu irmão, que chegou de Flandres, e que eu tomo por alguns dias para o meu serviço.

—Meu irmão! disse a estalajadeira cada vez mais admirada.

—Dá os bons dias a tua irmã, Peter.

—Wilkom, zuster! disse Planchet.

—Goeden day, brôer! respondeu a estalajadeira estupefacta.

—A coisa é esta, disse d'Artagnan: este homem é seu irmão, que a senhora talvez não conheça, mas que conheço eu; chegou de Amsterdam. A senhora veste-o em quanto ando lá por fóra; quando eu voltar, isto é d'aqui a uma hora, apresenta-m'o, e, a pedido seu com quanto não diga uma palavra de francez, como nada posso recusar-lhe, tomo-o para o meu serviço, entende?

—Quer dizer que adivinho o que deseja e é quanto preciso, disse Magdalena.

—A senhora é uma mulher preciosa, confio em si.

E, dito isto, tendo feito um aceno a Planchet, d'Artagnan saiu para ir a Notre-Dame.

VIII

Das differentes influencias que meia pistola pode ter em um maceiro e em um menino do coro

D'Artagnan tomou pela ponte Nova felicitando-se por ter de novo encontrado Planchet, porque, com quanto desse mos-

tras de fazer um serviço ao digno rapaz, era na realidade d'Artagnan quem recebia um favor de Planchet. Nada podia effectivamente ser-lhe mais agradavel n'este momento do que um lacaio bravo e intelligente. E' verdade que Planchet, segundo todas as probabilidades, não devia demorar-se muito tempo ao seu serviço; mas tornando a occupar a sua posição social na rua des Lombards, Planchet ficava agradecido a d'Artagnan, que, escondendo-o em sua casa, lhe havia salvado a vida, ou quasi; e d'Artagnan não desgostava de ter relações na burguezia, no momento em que esta se preparava para fazer a guerra á corte. Era um amigo no campo inimigo, e, para um homem tão astuto como d'Artagnan, as mais pequenas coisas podiam encaminhar ás grandes.

Foi pois com o espirito satisfeito com o acaso e comsigo mesmo que d'Artagnan chegou a Notre-Dame. Subiu o patim, entrou na egreja, e dirigindo-se a um sacristão que varria uma capella, perguntou-lhe se conhecia o sr. Bazin.

—O sr. Bazin, o maceiro? disse o sacristão.

—Esse mesmo.

—Olhe, está ajudando á missa lá adiante, na capella da Virgem.

D'Artagnan estremeceu de alegria; parecia-lhe que, embora Planchet lh'o houvesse dito, não encontraria Bazin; mas agora que tinha na mão um extremo do fio comprometia-se a chegar ao outro extremo.

Foi ajoelhar defronte da capella para não perder o homem de vista. Era felizmente uma missa resada e que devia acabar depressa. D'Artagnan, que esquecera as suas resas e não levara um livro de missa, aproveitou o tempo a examinar Bazin.

Bazin usava o seu trajo, pode dizer-se, com tanta magestade quanta beatitude. Comprehendia-se que chegara, ou pouco menos, ao apogeu das suas ambições, e que a maça de barba de baleia enfeitada de prata que tinha na mão lhe parecia tão honrosa como o bastão do commando que Condé atirou ou não atirou ás linhas inimigas na batalha de Fribourg. O seu physico experimentara tambem uma mudança, se se pode dizer, analoga em tudo ao trajo. O corpo arredondara-se-lhe. No rosto, parecia que haviam des-

apparecido as saliencias. Tinha o nariz, mas as faces, arredondando-se, haviam chamado a si uma parte d'elle; a barba fugira-lhe para o pescoço; tapava-lhe os olhos mais um inchaço do que gordura; e cobriam-lhe a testa até tres linhas das sobrancelhas os cabellos cortados direitos. Apressemo-nos a dizer que a testa de Bazin, mesmo nos tempos em que estivera mais descoberta, não tinha senão pollegada e meia de altura.

O celebrante acabou a missa ao mesmo tempo que d'Artagnan acabava o seu exame; pronunciou as palavras sacramentaes e retirou-se dando, com grande espanto de d'Artagnan, a sua benção, que todos recebiam de joelhos. Mas o espanto de d'Artagnan cessou quando no padre reconheceu o coadjutor, isto é o famoso João Francisco de Gondi, que, n'essa epoca, presentindo o papel que ia desempenhar, começava, á força de esmolas, a fazer-se popularissimo. Era com o fim de augmentar essa popularidade que dizia de tempos a tempos uma das missas matinaes a que só o povo costuma assistir.

D'Artagnan poz-se de joelhos como os outros, recebeu a sua parte da benção, e fez o signal da cruz; mas, no momento em que Bazin passava de olhos levantados ao ceu e atraz do padre, d'Artagnan puxou-lhe pela batina.

Bazin abaixou os olhos e deu um pulo para traz, como se tivesse visto uma serpente.

—O sr. d'Artagnan! exclamou: *Vade retrò, Satanas!...*

—Então, meu querido Bazin, disse o official rindo é assim que recebe um antigo amigo?

—Senhor, respondeu Bazin, os verdadeiros amigos do christão são os que o ajudam á salvação, e não os que o desviam d'ella.

—Não o comprehendo, Bazin, disse d'Artagnan, e não vejo em que eu possa servir de tropeço á sua salvação.

—Esquece-se, senhor, respondeu Bazin, de que ia destruindo para sempre a do meu pobre amo, concorrendo para que elle continuasse a ser mosqueteiro, quando a sua vocação o puxava com tanto ardor para a Egreja.

—Meu querido Bazin, replicou d'Artagnan, você deve ver, pelo logar em que me encontra, que estou muito mu-

dado em tudo. A edade traz o juizo, e, como não duvido que seu amo não esteja a caminho da sua salvação, venho informar-me de você onde elle está, para que me ajude com os seus conselhos a alcançar a minha.

—Diga antes que é para tornar a leval-o comsigo para o mundo. Felizmente, acrescentou Bazin, ignoro onde está, porque como estamos em um logar santo, não me atreveria a mentir.

—O que! exclamou d'Artagnan no auge do desalento, você não sabe onde está Aramis?

—Aramis era o seu nome de perdição; Aramis é anagramma de Simara, que é o nome de um demonio, e, por fortuna sua, deixou esse nome para sempre.

—Por isso, disse d'Artagnan resolvido a ter paciencia até ao fim, eu não procuro Aramis, mas o abbade d'Herblay. Vamos, meu querido Bazin, diga-me onde elle está.

—Não ouviu, sr. d'Artagnan, que lhe respondi que não sabia?

—Ouvi, mas a isso respondo eu que é impossivel.

—Mas é verdade, senhor, a pura verdade, a verdade do bom Deus.

D'Artagnan viu que não tirava nada de Bazin; era evidente que Bazin mentia, mas mentia com tanto ardor e tanta firmeza que facilmente se podia adivinhar que não voltaria atraz na mentira.

—Bem, Bazin, disse d'Artagnan, como você não sabe onde reside seu amo, não fallemos mais n'isso, separemos-nos bons amigos, e pegue lá esta meia pistola para beber á minha saude.

—Eu não bebo, senhor, disse Bazin empurrando magestosamente a mão do official, isso é bom para os leigos.

—E' incorruptivel! murmurou d'Artagnan. Na verdade estou infeliz!...

E como d'Artagnan, distrahido pelas suas reflexões, havia largado a batina de Bazin, este aproveitou essa circumstancia para se safar para a sacristia, onde ainda assim não se julgou seguro senão depois de fechar a porta.

D'Artagnan ficou immovel, pensativo e de olhos fitos na porta que viera levantar uma barreira entre elle e Bazin,

quando sentiu que lhe tocavam de leve no hombro com a ponta do dedo.

Voltou-se e ia soltar uma exclamação de surpreza, quando a pessoa que lhe havia tocado com a ponta do dedo levou esse dedo aos labios em signal de silencio.

—O senhor aqui, meu querido Rochefort! disse elle a meia voz.

—Caluda! disse Rochefort. Sabia que eu estava solto?

—Sube-o em primeira mão.

—E por quem?

—Por Planchet.

—Por Planchet?

—Sim, foi elle quem o salvou.

—Planchet?... E a verdade é que me pareceu que o reconhecia. E isso prova, meu querido, que nunca se perde em fazer bem.

—E o que vem aqui fazer?

—Venho agradecer a Deus o meu feliz livramento.

—E mais o que? porque desconfio que isso não é tudo.

—E receber as ordens do coadjuctor, para ver se podemos pregar alguma peça ao Mazarino.

—Que cabecinha! Vai fazer com que o encaixem outra vez na Bastilha.

—Ora isso ha de ser difficil, asseguro-lh'o. E' tão bom o ar livre! Por isso, continuou Rochefort respirando a plenos pulmões, vou passear ao campo, dar uma volta na provincia.

—Sim! disse d'Artagnan, e eu tambem.

—E, sem indiscrição, pode perguntar-se-lhe onde vai?

—Em busca dos meus amigos.

—De que amigos?

—Dos de que hontem me perguntava noticias.

—De Athos, Porthos e Aramis? Procura-os?

—Sim.

—Palavra de honra?

—Então o que ha n'isso de espantar?

—Nada. E' exquisito. E da parte de quem os procura?

—Não adivinha?

—Não.

—Desgraçadamente não sei onde estão.

—E não tem meio de saber noticias d'elles? Deixe passar oito dias, e dar-lh'as-hei eu.

—Oito dias é muito; é-me preciso encontral-os antes de tres dias.

—Tres dias é pouco, e a França é grande.

—Não importa, o senhor conhece as palavras *é preciso;* com estas palavras fazem-se muitas coisas.

—E quando é que começa?

—Já ando n'isso.

—Boa fortuna!

—Boa viagem!

—Pode ser que nos encontremos no caminho.

—Não é provavel.

—Quem sabe? O acaso é tão caprichoso!

—Adeus.

—Até á vista. A proposito, se Mazarino lhe fallar em mim, diga-lhe que o encarreguei de lhe fazer saber que antes de pouco tempo ha de ver se eu sou, como elle diz, muito velho para me mecher.

E Rochefort afastou-se com um dos sorrisos diabolicos que em outro tempo tantas vezes tinham feito estremecer d'Artagnan; mas d'Artagnan olhou para elle d'esta vez sem angustia; e, sorrindo tambem com uma expressão de melancolia que talvez que só essa recordação podesse dar-lhe ao semblante:

—Vai, demonio, disse, e faze o que quizeres, pouco me importa: não ha segunda Constança no mundo!

Voltando-se, d'Artagnan viu Bazin, que, depois de largar os habitos ecclesiasticos, conversava com o sacristão, a quem elle, d'Artagnan, tinha fallado quando entrara na egreja. Bazin parecia muito animado e fazia com os braços grossos e curtos muitos gestos. D'Artagnan comprehendeu que, segundo todas as probabilidades, lhe recommendava a maior discrição para com elle.

D'Artagnan aproveitou a preoccupação dos dois homens de egreja para sair mansamente da cathedral e ir embuscar-se á esquina da rua des Canettes. Bazin não podia sair sem que d'Artagnan o visse do sitio onde estava escondido.

Cinco minutos depois, appareceu Bazin na rua; olhou para um lado e para o outro para se certificar de que não o espreitavam, mas não podia avistar o nosso official, de quem só a cabeça apontava á esquina de uma casa, a cincoenta passos de distancia. Tranquillisado pelas apparencias, seguiu pela rua Notre-Dame. D'Artagnan saiu do seu esconderijo e chegou a tempo de o ver voltar para a rua de la Juiverie e entrar, na rua de la Calandre, em uma casa de tal ou qual apparencia. O nosso official suppoz que era ali que morava o digno maceiro.

D'Artagnan não caiu em ir informar-se a essa casa; o porteiro, se o tinha, já devia estar prevenido, e, se não o tinha, a quem se havia de dirigir?

Entrou em uma taverna que havia á esquina da rua Saint-E loi para a rua de la Calandre e pediu uma medida de hyppocrás. Era bebida que levava meia hora a preparar, e d'Artagnan tinha muito tempo para espreitar Bazin sem causar suspeitas.

Deparou no estabelecimento com um rapaz de doze a quinze annos, que nos modos mostrava esperteza, e que julgou reconhecer por ter visto vinte minutos antes com o trajo de menino do coro. Interrogou-o, e como o aprendiz de subdiacono nenhum interesse tinha em dissimular, d'Artagnan soube que elle exercia das seis ás nove horas da manhã a profissão de menino do coro, e das nove á meia noite a de moço da taverna.

Em quanto conversava com o rapaz, levaram um cavallo para o pateo da casa de Bazin. O cavallo ia arreiado. Um instante depois, desceu Bazin.

—Olhe! disse o rapaz, lá vai o nosso maceiro passear a cavallo.

—E onde irá elle? perguntou d'Artagnan.

—Isso é que eu não sei.

—Dou-te meia pistola se m'o souberes.

—Para mim, disse o rapaz, cujos olhos scintillaram de alegria, se eu souber onde vai o sr. Bazin? Não é difficil. O senhor não está brincando comigo?

—Não, palavra de official... Olha, aqui está a meia pistola.

E mostrou-lhe a moeda corruptora, mas não lh'a deu.

—Vou perguntar-lh'o.

—Era o meio de nada saber. Espera que elle parta, e depois pergunta, interroga, informa-te. Isso é lá comtigo: a meia pistola está aqui.

E tornou a mettel-a na algibeira.

—Percebo, disse o rapaz, com o sorriso astuto que só o gaiato de Paris tem; então esperaremos.

A demora não foi longa. Cinco minutos depois Bazin partia a trote curto, batendo com um guarda-chuva na anca do cavallo. Bazin sempre tivera o costume de trazer um guarda-chuva á laia de chicote.

Mal voltara á esquina da rua de la Juiverie, o rapaz correu-lhe na pista como um galgo.

D'Artagnan tornou a sentar-se á meza a que se havia sentado quando entrara, com a certeza de que antes de dez minutos saberia o que queria saber.

E o caso é que o rapaz regressou antes d'esse praso.

—E d'ahi? perguntou d'Artagnan.

—E d'ahi! disse o rapaz, já se sabe a coisa.

—Onde vai elle?

—A meia pistola sempre é para mim?

—É... responde.

—Deixe-m'a ver. Empreste-m'a para verificar que não é falsa.

—Aqui a tens.

—O' patrão, este senhor quer que lhe troque esta moeda.

O patrão estava ao balcão. Deu o troco e guardou a meia pistola.

O rapaz metteu o dinheiro na algibeira.

—E agora dize-me onde é que elle vai, disse d'Artagnan que tinha assistido a tudo isto rindo.

—Vai a Noisy.

—Como o sabes?

—Ora essa! não é preciso ser muito esperto. Reconheci o cavallo do carniceiro que o aluga de tempos a tempos ao sr. Bazin. E pensei que o carniceiro não alugava o cavallo sem mais nem mais, sem perguntar onde lh'o levavam, em-

bora eu não julgue o sr. Bazin capaz de estafar um cavallo.

—E respondeu-te que o sr. Bazin...

—Ia a Noisy. E penso que é costume: vai lá duas ou tres vezes cada semana.

—E conheces Noisy?

—Se conheço: tenho lá a minha ama de leite.

—Em Noisy ha um convento?

—Ha um magnifico convento de jesuitas.

—Bom! disse d'Artagnan, não ha que duvidar.

—Então está satisfeito?

—Sim. Como te chamas tu?

—Friquet.

D'Artagnan tirou a sua carteira de lembranças e escreveu n'ella o nome do rapaz e o numero da porta da taverna.

—Faz favor de me dizer, sr. official, perguntou o rapaz, se poderei vir a ganhar mais algumas meias pistolas.

—Pode ser, respondeu d'Artagnan.

E como já sabia o que queria, pagou a medida de hippocrás que não bebera, e voltou á rua Tiquetonne.

IX

De que modo d'Artagnan, procurando Aramis longe, depara com elle montado na garupa atraz de Planchet

Quando entrou em casa, d'Artagnan viu um homem sentado ao pé do lume: era Planchet, mas Planchet tão bem motamorphoseado, graças ao fato velho que o marido da estalajadeira havia deixado quando fugira, que lhe custou a reconhecel-o. Magdalena apresentou-lh'o á vista de todos os criados. Planchet dirigiu ao official uma linda phrase flamenga. O official respondeu-lhe com algumas palavras que não eram de lingua nenhuma, e disse. O irmão de Magdalena ficava ao serviço de d'Artagnan.

O plano de d'Artagnan era muito bem combinado: não queria chegar de dia a Noisy, com medo de que o conhecessem. E como Noisy ficava a tres ou quatro leguas de Paris na estrada de Meaux, tinha muito tempo de seu. Começou por almoçar substancialmente, o que pode ser mau quando a cabeça tem de trabalhar, mas o que é excellente precaução quando é o corpo que ha de mecher-se; mudou de fato, com receio de que a sua farda de mosqueteiro causasse desconfiança: pegou na mais forte e mais solida das tres espadas que tinha, e que não usava senão nas occasiões de mais circumstancia; e, pelas duas horas, mandou arreiar os dois cavallos, e, seguido de Planchet, saiu pela barreira de la Villette. Continuavam na casa contigua á hospedaria da Cabrinha as mais activas diligencias em busca de Planchet.

A legua e meia de Paris, d'Artagnan, que, na sua impaciencia, tinha partido muito cedo, parou para dar folga aos cavallos. A estalagem estava cheia de gente de má catadura, que parecia que ia tentar alguma expedição nocturna. A' porta appareceu um homem embrulhado em um capote; mas, vendo um estranho, fez um aceno com a mão, e para conversarem com elle sairam dois bebedores. D'Artagnan acercou-se descuidosamente da dona da casa, gabou-lhe o vinho, que era um vinho horrivel de Montreuil, fez-lhe algumas perguntas acerca de Noisy, e soube que não havia na aldeia senão duas casas de boa apparencia: uma que pertencia ao senhor arcebispo de Paris e na qual estava n'esse momento sua sobrinha, a sr.ª duqueza de Longueville, e a outra que era um convento de jesuitas e que, segundo o costume era propriedade d'esses dignos padres. Não podia enganar-se.

A's quatro horas continuou d'Artagnan o seu caminho a passo, porque não queria chegar senão de noite fechada. Quando se anda a cavallo a passo, em um dia de inverno, por um tempo carregado, no meio de uma paysagem que não é accidentada, o melhor que ha a fazer é o que faz, como diz la Fontaine, uma lebre na sua toca: meditar. D'Artagnan meditava e Planchet tambem. As meditações d'elles eram porem differentes, como vai ver-se.

Uma palavra da estalajadeira dera direcção particular aos

pensamentos de d'Artagnan; e a palavra era o nome da sr.ª de Longueville.

O facto é que a sr.ª de Longueville tinha tudo quanto era necessario para fazer meditar: era uma das damas mais elevadas do reino; era uma das mulheres mais formosas da corte. Casada com o velho duque de Longueville, que ella não amava, tinha primeiro passado por amante de Coligny. que por sua causa fora morto pelo duque de Guise em duelo na praça Real; depois fallara-se em uma amisade d'ella terna de mais pelo principe de Condé, seu irmão, e que escandalisara as almas timoratas da corte; e, por ultimo, dizia-se que a essa amisade succedera um odio verdadeiro e profundo, e que a duqueza de Longueville, n'esse momento, tinha uma ligação politica com o principe de Marsillac, filho mais velho do velho duque de la Rochefoucault, que tratava de tornar inimigo do sr. duque de Condé, seu irmão.

D'Artagnan pensava em todas estas coisas. Pensava que quando estava no Louvre, tinha visto passar muitas vezes diante de si, radiosa e deslumbrante, a linda senhora de Longueville. Pensava em Aramis, que, não sendo mais do que elle, tinha outrora sido amante da senhora de Chevreuse, que era para com a outra corte o que a sr.ª de Longueville era para esta. E perguntava a si mesmo porque ha no mundo pessoas que conseguem tudo quanto desejam, umas em ambição, outras em amor, e ha outras pessoas que, ou por acaso, ou por má sorte, ou por impedimento que a natureza lhes ponha, ficam a meio caminho de todas as suas esperanças.

Era obrigado a confessar que a despeito de todo o seu espirito, a despeito de toda a sua aptidão, era e provavelmente havia de ser sempre das ultimas, quando Planchet se aproximou d'elle e lhe disse:

—Aposto, senhor, que pensa na mesma coisa que eu.

—Duvido, Planchet, disse d'Artagnan sorrindo; mas em que é que tu pensas? dize lá.

—Penso n'aquella gente de má catadura que estava bebendo na estalagem onde parámos.

—Prudente sempre, Planchet.

—E' por instinto, senhor.

—Vamos a ver, o que é que o teu instincto te diz n'esta circumstancia?

—O meu instincto dizia-me que essa gente estava reunida na estalagem para maus fins, e eu reflectia no que o meu instincto me dizia no canto mais escuro da cavallariça, quando n'essa cavallariça entrou um homem embrulhado em um capote, e seguido por outros dois homens.

—Ah! ah! exclamou d'Artagnan, porque a narração de Planchet condizia com as suas observações precedentes. E d'ahi?

—Um d'esses homens dizia:

«—Elle ha de estar em Noisy ou ir lá esta noite, porque lhe reconheci o criado.

«—Tens a certeza? disse o homem do capote.

«—Sim, meu principe.»

—Meu principe? interrompeu d'Artagnan.

—Sim, meu principe. Mas ouça:

«—Se lá estiver, vejamos, o que havemos de lhe fazer? disse o outro bebedor.

«—O que havemos de lhe fazer? disse o principe.

«—Sim. Não é homem que se deixe apanhar assim; puxará pela espada.

«—Ha de se fazer o mesmo que elle; mas vê se o apanhas vivo. Vocês teem cordas para o amarrar e uma mordaça para lhe pôr na boca?

«—Temos tudo isso.

«—Olha bem que, segundo todas as probabilidades, ha de ir vestido á paizana.

«—Oh! sim, sim, meu principe, socegue.

«—Demais, como eu lá hei de estar, eu te encaminharei.

«—Responsabilisa-se por que a justiça?...

«—Responsabiliso-me por tudo, disse o principe.

«—Bem, faremos o que podermos.»

E dito isto sairam da cavallariça.

—Então, perguntou d'Artagnan, o que temos nós com isso? É alguma empreza das que se fazem todos os dias.

—E tem a certeza de que não é contra nós?

—Contra nós, e porque?

—Demonio! Repare nas palavras:

—«Reconheci-lhe o criado,» disse um, o que pode muito bem referir-se a mim.

—E d'ahi?

—«Elle ha de estar em Noisy ou ir lá ter esta noite,» disse o outro, o que pode muito bem referir-se ao senhor.

—E depois?

—«Olha bem que, segundo todas as probabilidades, ha de ir vestido á paizana,» o que parece que não deixa duvida, porque o senhor está vestido de cavalheiro e não de official de mosqueteiros. Então o que me diz a isto?

—Ai! meu querido Planchet, disse d'Artagnan soltando um suspiro, digo que desgraçadamente já lá vai o tempo em que os principes me mandavam assassinar. E era bom tempo! Socega, essa gente não nos quer mal a nós.

—Tem a certeza?

—Respondo.

—Bem, não fallemos mais n'isso.

E Planchet voltou para o seu logar atraz de d'Artagnan, com a sublime confiança que tivera sempre em seu amo, e que quinze annos de separação não havia alterado.

Andaram assim cerca de uma legua. Ao cabo d'essa legua, Planchet tornou a aproximar-se de d'Artagnan.

—Senhor? disse.

—O que é?

—Olhe para aquelle lado; não lhe parece, no meio da escuridão, ver passar sombras? Escute, a modos que se sentem passos de cavallos.

—E' impossivel! a terra está humedecida pelas chuvas; mas, como dizes, parece-me que vejo o que quer que seja.

E parou para olhar e para escutar.

—Se não se ouvem os passos dos cavallos, ouvem-se-lhes os rinchos; ouça.

E o facto é que o rincho de um cavallo veiu, atravessando o espaço e a escuridão, parar aos ouvidos de d'Artagnan.

—São os nossos homens que estão de embuscada, mas isso não é comnosco, continuemos o nosso cammho.

E continuaram a andar.

Meia hora depois chegaram ás primeiras casas de Noisy; podiam ser oito horas e meia a nove horas da noite.

Segundo os costumes aldeãos, estava toda a gente deitada, e nem uma luz brilhava em toda a aldeia.

D'Artagnan, e Planchet continuaram o seu caminho. A' direita e á esquerda da estrada recortavam-se na escuridão do ceu os telhados mas escuros ainda das casas; de tempos a tempos ladrava um cão dentro de uma porta, ou um gato espantado fugia precipitadamente do meio da estrada e refugiava-se em uma meda de lenha, onde se lhe viam brilhar os olhos como carbunculos. Eram os unicos seres vivos que parecia que habitavam a aldeia.

No meio da povoação, dominando a praça principal, elevava-se uma massa sombria, isolada entre duas travessas, e para cuja fachada enormes tilias estendiam os ramos descarnados. D'Artagnan examinou com attenção o edificio.

—Isto, disse elle a Planchet ha de ser o palacio do arcebispo, a morada da formosa senhora de Longueville. Mas onde é o convento?

—O convento, respondeu Planchet, é no extremo da aldeia. Conheço-o.

—Bem! tornou d'Artagnan, dá uma galopada até lá, em quanto eu aperto a cilha ao meu cavallo, e volta aqui para me dizeres se os jesuitas teem alguma janella aberta.

Planchet obedeceu e afastou-se na escuridão, em quanto d'Artagnan, apeando-se, apertava, como havia dito, a cilha do cavallo.

A cabo de cinco minutos, voltou Planchet.

—Senhor, disse, só se vê luz em uma janella da fachada que deita para os campos.

—Hum! disse d'Artagnan, se eu fosse frondista, batia aqui á porta e tinha a certeza de alcançar excellente pousada; se fosse frade, batia lá á porta e tinha a certeza de apanhar uma boa ceia; e é possivel que entre o palacio e o convento nos deitemos na terra dura mortos de sede e de fome.

—Sim, acrescentou Planchet, como o celebre burro de Buridan. Quer que eu bata á porta?

—Caluda! Desappareceu a luz da janella que estava aberta.

—Ouve, senhor?

—Sim, que barulho é este?

Era como que o rumor de um furacão que se aproximava; no mesmo instante dois grupos de cavalleiros, cada um composto de dez homens, desembocaram das travessas que ladeavam a casa, e, tapando a saida, envolveram d'Artagnan e Planchet.

—Olá! disse d'Artagnan desembainhando a espada e fazendo anteparo do cavallo, em quanto Planchet fazia a mesma manobra; acertarias tu, e será isto comnosco?

—Eil-o! apanhámol-o! disseram os cavalleiros correndo para d'Artagnan, de espadas desembainhadas.

—Não o deixem escapar! disse uma voz.

—Não, descance vossa alteza.

D'Artagnan entendeu que era chegado o momento de se intrometter na conversação.

—Olá! senhores, disse com a sua pronuncia de gascão, o que querem, o que procuram?

—Vais ver, berraram em coro os cavalleiros.

—Suspendam! suspendam, gritou aquelle a quem tinham dado o tratamento de alteza; suspendam! não é a voz d'elle.

—Ora esta! Estará damnada a gente cá em Noisy? Mais cuidado, senhores! previno-os de que estripo o primeiro que se chegar ao alcance da minha espada e a minha espada é comprida.

Aproximou-se o chefe.

—O que faz ahi? perguntou com voz altiva e como costumada ao commando.

—E o senhor? disse d'Artagnan.

—Não seja incivil, ou o mando desancar, porque, embora eu não queira proferir o meu nome, desejo que respeitem a minha jerarchia.

—Não quer proferir o seu nome, porque dirige uma cilada, disse d'Artagnan, mas eu que jornadeio tranquillamente com o meu lacaio, não tenho as mesmas rasões para occultar o meu nome.

—Basta! basta! como é que se chama?

—Digo-lhe o meu nome para que o senhor ou vossa alteza, ou o meu principe, como lhe aprouver que lhe chamem, saiba onde me encontrar, disse o nosso gascão, que não queria parecer que cedia a uma ameaça. Conhece d'Artagnan?

—Tenente dos mosqueteiros do rei? perguntou a voz.

—Isso mesmo.

—Conheço.

—Então ha de ter ouvido dizer que é bom pulso e valente espada.

—E' o sr. d'Artagnan?

—Sou.

—Então vem aqui para o defender?

—*O?* que *o?*...

—O que nós procuramos.

—Parece, continuou d'Artagnan, que vindo a Noisy, entrei sem dar por isso no reino dos enigmas.

—Vamos, responda! disse a mesma voz altiva, espera-o debaixo d'estas janellas? Veiu a Noisy para o defender?

—Não espero ninguem, disse d'Artagnan que começava a impacientar-se: não tenciono defender ninguem senão a minha pessoa, mas a minha pessoa hei de defendel-a vigorosamente, pode ter a certeza d'isso.

—Bem, disse a voz, retire-se d'aqui, deixe-nos o campo livre.

—Retirar-me d'aqui, disse d'Artagnan, a quem esta ordem contrariava nos seus projectos, não é facil, porque não posso comigo de cançado e o meu cavallo está no mesmo caso, a não ser que o senhor esteja disposto a offerecer-me ceia e pousada nos arredores.

—Patife!

—Peço-lhe que meça as sus palavras, porque se me diz segunda como essa, seja embora marquez, duque, principe, ou rei, faço-lh'a engulir: ouve?

—Vamos, vamos, disse o chefe, não ha que enganar, é um gascão que falla, e, por conseguinte não é quem nós procuramos. Esta noite não fazemos nada, retiremos-nos.

—Havemos de tornar a encontrar-nos, sr. d'Artagnan, continuou o chefe elevando a voz.

—Sim, mas não com as mesmas vantagens, disse o gascão zombeteando, porque talvez esteja só e seja dia.

—Bem, bem, disse a voz, a caminho, senhores.

E os cavalleiros, murmurando e resmungando, sumiram-se nas trevas, voltando para as bandas de Paris.

D'Artagnan e Planchet conservaram-se ainda um instante na defensiva; mas, como o ruido das patas dos cavallos se ia distanciando, embainharam as espadas.

—Bem vês, imbecil, disse d'Artagnan tranquillamente a Planchet, que a coisa não era comnosco.

—Mas então com quem era?

—Não sei, e pouco me importa. O que me importa é entrar no convento dos jesuitas. A cavallo, e vamos lá bater. Seja o que for, não nos hão de comer!

E d'Artagnan montou a cavallo. Planchet acabava de fazer outro tanto, quando um peso inesperado caiu na anca do cavallo, que se foi abaixo.

—Oh! Senhor, gritou Planchet, tenho um homem na garupa.

D'Artagnan voltou-se e viu effectivamente duas formas humanas em cima do cavallo de Planchet.

—Então é o diabo que nos persegue! exclamou tirando a espada da bainha, e preparando-se para bater no recem-chegado.

—Não, meu querido d'Artagnan, disse este: sou eu, Aramis. A galope, Planchet, e no extremo da aldeia, toma para a esquerda.

E Planchet, levando Aramis de garupa, partiu a galope, seguido por d'Artagnan, que começava a crer que o afectava algum sonho phantastico e incoherente.

X

O abbade d'Herblay

No extremo da aldeia, Planchet tomou para a esquerda, como lh'o ordenara Aramis, e parou por baixo de uma janella illuminada. Aramis saltou em terra e bateu tres vezes as palmas. A janella abriu-se immediatamente e d'ella foi deitada uma escada de corda.

—Meu querido, disse Aramis, se quer subir, terei muito gosto em o receber

—Ora esta! disse d'Artagnan, então é assim que entra para o convento?

—Depois das nove horas da noite, de certo. Com os demonios! as ordens são muito severas.

—Parece-me que lhe ouvi dizer «com os demonios.»

—Diria. Você não imagina os maus costumes que se apanha n'estes malditos conventos, e que má é esta gente de egreja com quem tenho de viver. Mas não sobe?

—Suba você, que eu o sigo.

—Como dizia o fallecido cardeal ao fallecido rei: «Para lhe ensinar o caminho, sire».

E Aramis subiu ligeiramente a escada, e em um instante galgou á janella. D'Artagnan subiu atraz d'elle, porém mais de vagar; via-se que esta casta de caminho lhe era menos familiar do que ao seu amigo.

—Se soubesse, disse Aramis, notando-lhe o pouco geito, que ia receber a sua visita, tinha mandado buscar a escada do jardineiro. Mas, para mim só, basta esta.

—Senhor, disse Planchet, quando viu d'Artagnan quasi no fim da sua ascensão, isso é bom para o sr. Aramis, é bom ainda assim para o senhor, e, em rigor, tambem o seria para mim, mas os dois cavallos não podem subir a escada.

—Leva-os para o alpendre, meu amigo, disse Aramis, mostrando-lhe um telheiro que se destacava na planicie. Ha lá palha e aveia para elles.

—Mas para mim? perguntou Planchet.

—Voltarás aqui debaixo da janella, baterás palmas tres

vezes, e nós te daremos de comer; podes socegar, aqui não se morre de fome.

E Aramis, puxando a escada, fechou a janella.

D'Artagnan examinava o quarto.

Nunca tinha visto um quarto mais guerreiro e mais elegante. Em todos os cantos havia tropheus de armas, offerecendo á vista e á mão espadas de todas as castas, e quatro quadros grandes representavam nos seus trajos de batalha o cardeal de Lorena, o cardeal de Richelieu, o cardeal de Lavalette e o arcebispo de Bordeus. É verdade que no resto coisa nenhuma indicava a residencia de um abbade; os reposteiros eram de damasco, os tapetes vinham de Alençon, e o leito principalmente parecia mais leito de uma elegante com cortinado de rendas e coberta bordada, do que o de um homem que tinha feito voto de ganhar o ceu pela abstinencia e pela maceração.

—Você está analysando a minha toca? perguntou Aramis. Ah! meu caro amigo, desculpe, estou aqui como um frade cartuxo. Mas o que é que procura com os olhos?

—Procuro quem lhe deitou a escada; não vejo ninguem, e comtudo a escada não caiu por si.

—Não, foi Bazin.

—Ah! ah!

—Mas Bazin é um rapaz de tino, que vendo que eu não vinha só, se retirou de certo por discrição. Sente-se, meu amigo, e conversemos.

E Aramis chegou a d'Artagnan uma poltrona enorme, em que elle se estirou.

—Você ceia comigo, não? perguntou Aramis.

—Ceio, se você quizer, respondeu d'Artagnan, e com o maior prazer; o passeio abriu-me a vontade de comer.

—Ah! meu pobre amigo, a ceia é uma miseria, você não era esperado.

—Terei de comer outra omeleta como a de Crévecoeur e theobromos? Não era assim que você chamava n'outro tempo aos espinafres?

—É de esperar que, com a ajuda de Deus e de Bazin, achemos coisa melhor na ucharia dos dignos padres jesuitas. Bazin, meu amigo, Bazin, anda cá.

Abriu-se a porta e appareceu Bazin; mas, logo que viu d'Artagnan, soltou uma exclamação que se parecia com um grito de desespero.

—Meu querido Bazin, disse d'Artagnan, muito gostei de ver o desassombro com que você mentia, mesmo em uma egreja.

—Senhor, disse Bazin, aprendi com os dignos padres jesuitas que era permittido mentir quando se mentia com boa intenção.

—Bem, bem, Bazin, d'Artagnan e eu estamos mortos de fome; dá-nos de ceiar, o melhor que poderes, e traze-nos bom vinho.

Bazin curvou-se em signal de obediencia, soltou um grande suspiro e saiu.

—Agora que estamos sós, meu querido Aramis, disse d'Artagnan, olhando para elle, e acabando no seu trajo o exame começado nos moveis, diga-me, d'onde diabo vinha quando corria na garupa atraz de Planchet?

—Ora bem vê! vinha do ceu.

—Do ceu? Você tem tanto cara de vir do ceu como de para lá ir.

—Meu querido, disse Aramis com uns modos de fatuidade que d'Artagnan nunca lhe vira no tempo em que era mosqueteiro, se não vinha do ceu, saía do paraiso, o que se parece muito.

—Que descoberta para os sabios! Até agora não se sabia ao certo a situação do paraiso; uns collocavam-o no monte Ararat; outros entre o Tigre e o Euphrates; procuravam-o longe e elle estava perto. O paraiso é em Noisy-le-Sec, no local do palacio do sr. arcebispo de Paris. Sai-se de lá, não pela porta, mas pela janella; desce-se, não pelos degraus de marmore do peristylo, mas pelos ramos de uma tilia; e o anjo de espada rutilante que o guarda dá-me ares de haver mudado o seu nome celeste de Gabriel no mais terrestre de principe de Marsillac.

Aramis desatou a rir.

—Você continua sendo um companheiro jovial, meu amigo, disse elle, não o largou o seu espirito humoristico de gascão. É verdade, ha de tudo isso no que diz, mas não se

lembre de suppor que eu tenho amores com a sr.ª de Longueville.

—Ora! nem pensar em tal! Depois de ter sido tanto tempo amante da sr.ª de Chevreuse, você não podia dedicar o coração á mortal inimiga d'ella.

—É verdade, disse Aramis, com uns modos sacudidos; é verdade, amei muito em outro tempo a pobre duqueza, e, faça-se-lhe justiça, foi-nos de muito proveito; mas que quer! teve de sair de França, era terrivel adversario o demonio do cardeal! continuou Aramis, deitando os olhos para o retrato do antigo ministro; deu ordem para a prenderem e levarem para o castello de Loches; e era capaz de lhe mandar cortar a cabeça como a Chalais, a Montmorency e Cincy-Mars; ella safou-se, vestida de homem, com a sua aia, a pobre Ketty; succedeu-lhe até, segundo ouvi dizer, uma aventura singular, não sei em que aldeia, não sei com que cura a quem pediu hospitalidade, e que, tendo só um quarto, e suppondo que era um homem lhe offereceu ficarem ambos n'elle. Quando vestia fato de homem, ninguem era capaz de dizer que era uma mulher. Só conheço outra mulher que o veste com a mesma galhardia. Por isso lhe fizeram a copla:

Diga-me, Laboissière, etc.

—Sabe-a?

—Não, cante-a lá, meu amigo.

E Aramis entrou a cantar:

Diga-me, Laboissière,
Vestida de homem vou bem?
—Permitta que lhe assevere
Que monta como ninguem.
Mas que sainete!
Cercada das alabardas,
No regimento dos guardas,
E' um cadete.

—Bravo! você continua cantando maravilhosamente, e vejo que a missa não lhe estragou a voz.

—Meu amigo, você percebe... No tempo em que era

mosqueteiro, eu fazia as menos guardas que podia; agora que sou abbade, digo as menos missas que posso. Mas tornemos a fallar na pobre duqueza.

—Em qual? na de Chevreuse ou na de Longueville?

—Já lhe disse que entre mim e a duqueza de Longueville não havia nada; talvez galanteios, e disse. Não, eu fallava da duqueza de Chevreuse.

—Viu-a quando voltou de Bruxellas, depois da morte do rei?

—Vi, e era ainda bella.

—E mais para o diante?

—Sim. Vi-a algumas vezes e dei-lhe excellentes conselhos que não quiz seguir. Matei-me a dizer-lhe que Mazarino era amante da rainha; não quiz acreditar-me, dizendo-me que conhecia Anna de Austria, e que era muito orgulhosa para amar similhante patife. Depois envolveu-se na cabala do duque de Beaufort, e o patife mandou prender o sr. duque de Beaufort e exilar a sr.ª de Chevreuse.

—Sabe que obteve permissão de voltar para o reino.

—Sei e que voltou.

—E' capaz de fazer ainda alguma loucura.

—Lá isso é.

—Oh! mas d'esta vez ao menos ha de seguir os seus conselhos.

—D'esta vez não a vi; está muito mudada.

—Não é como você, meu querido Aramis, porque está na mesma, você tem ainda os cabellos pretos, a figura elegante, e mãos de senhora, que se tornaram admiraveis mãos de prelado.

—Sim, disse Aramis, é verdade, eu trato muito de mim. Mas olhe que vou para velho, vou fazer trinta e sete annos.

—Ouça, meu amigo, disse d'Artagnan com um sorriso, uma vez que nos encontrámos, havemos de combinar uma coisa, a edade que havemos de ter para o futuro.

—O que diz?

—Em outro tempo era eu mais novo que você dois ou tres annos, e, se me não engano, tenho quarenta annos bem puxados.

—Sim! Então era eu que me enganava, porque você foi

sempre um admiravel mathematico. Segundo a sua conta, tenho quarenta e tres annos? Diabo! diabo! meu amigo, não o vá dizer ao palacio Rambouillet, porque me prejudicaria.

—Pode ficar descançado, não vou lá.

—Mas o que está fazendo aquelle maroto de Bazin?... Bazin, avia-te! estamos desesperados com fome e com sede!

Bazin, que entrava n'este momento, levantou ao ceu as mãos em cada uma das quaes levava uma garrafa.

—Está tudo prompto? perguntou Aramis.

—Promptissimo, respondeu Bazin, mas nada se faz sem tempo...

—Porque tu te julgas sempre com a samarra de maceiro no corpo, interrompeu Aramis, e passas o teu tempo a ler o breviario. Mas previno-te de que, se á força de limpar quantas imagens ha nas capellas, descuras o polir a minha espada, faço uma fogueira de todas esas imagens, e ponho-te n'ella a assar.

Bazin, escandalisado, fez um signal da cruz com a garrafa que tinha na mão direita. E d'Artagnan, mais admirado do que nunca dos modos do abbade d'Herblay, que faziam tanto contraste com os do mosqueteiro Aramis, conservou-se de olhos esbogalhados defronte do seu amigo.

D'Artagnan poz na meza uma toalha adamascada e na toalha tantas coisas doiradas, perfumadas, appetitosas que d'Artagnan ficou admirado.

—Esperava alguem? perguntou o official.

—Ora! disse Aramis, sempre se faz conta com uma pessoa a mais; e eu sabia que você andava á minha procura.

—Quem lh'o disse?

—Bazin que julgou que você era o diabo, e que correu a prevenir-me do perigo que ameaçava a minha alma se eu tornasse a ver tão má companhia como é um official de mosqueteiros.

—Oh! senhor! disse Bazin de mãos postas e com ar supplicante.

—Vamos, nada de hypocrisias! bem sabes que é coisa de que não gosto. Melhor farias se abrisses a janella e passasses um pão, um frango e uma garrafa de vinho ao teu

amigo Planchet, que se esfalfa ha uma hora a bater as palmas.

O facto é que Planchet, depois de haver dado a palha e a aveia aos cavallos, viera para baixo da janella e repetira duas ou tres vezes o signal indicado.

Bazin obedeceu, prendeu ao extremo de uma corda os tres objectos designados e passou-os para Planchet, que, sem querer saber de mais nada, se retirou immediatamente para o alpendre.

—Agora ceiemos, disse Aramis.

Sentaram-se á meza os dois amigos, e Aramis começou a trinchar frangos e perdizes e presuntos com pericia gastronomica.

—Safa! disse d'Artagnan, como você se trata!

—Menos mal: tenho para os dias de magro dispensas de Roma que o sr. coadjutor me alcançou, por causa da minha saude; e tomei para meu cosinheiro o cosinheiro de Lafollone, sabe? o antigo amigo do cardeal, um famoso gastronomo cujas orações depois de jantar eram sómente: «Meu Deus, fazei-me a mercê de digerir bem o que tão bem comi.»

—O que não obstou a que morresse de indigestão, disse d'Artagnan rindo.

—Que quer! replicou Aramis com modos resignados, ninguem pode fugir ao seu destino!

—Mas ha de desculpar-me, meu amigo, que lhe faça a pergunta que vou fazer.

—Ora essa! pergunte; bem sabe que entre nós não pode haver indiscrição.

—Então você está rico?

—Qual! faço umas doze mil libras por anno, sem contar um beneficiosinho de mil escudos que o Principe me arranjou.

—E com que é que faz essas doze mil libras? é com os seus poemas?

—Nada, renunciei á poesia, excepto para fazer de vez em quando algum dithyrambo, alguns sonetos eroticos ou algum epigramma innocente. Faço sermões, meu querido.

—Sermões?

—Oh! mas sermões prodigiosos! segundo parece, pelo menos.

—Que você prega?

—Não, que vendo.

—A quem?

—Aos meus collegas, que querem ser grandes prégadores!

—Ah! sim? E não se deixou tentar pela gloria para si?

—Deixei, mas venceu-me a natureza. Quando estou no pulpito, e, por acaso, olha para mim uma mulher bonita, olho eu para ella; se ella se sorri, sorrio eu tambem. Perco a tramontana: em vez de fallar dos tormentos do inferno, fallo dos gosos do paraiso. Olhe, aconteceu-me isto um dia na egreja de Saint-Louis, no Marais... Um sujeito riu-me na bochecha. Interrompi-me para dizer que elle era um tolo. O povo saiu para apanhar pedras, mas, n'esse meio tempo, sube fazer dar tamanha volta ao espirito dos assistentes, que o apedrejado foi elle. E' verdade que no dia seguinte se me apresentou no convento, julgando que eu era um abbade como todos os abbades.

—E o que resultou da visita? perguntou d'Artagnan sem se poder ter com riso.

—Resultou o fixar-se hora para nos encontrarmos na tarde seguinte na praça Real. Você sabe alguma coisa a este respeito.

—Seria por ventura contra esse impertinente que eu lhe servi de padrinho?

—Exactamente. Você viu como o arranjei.

—Morreu?

—Não sei, mas, em todo o caso, dei-lhe a absolvição *in articulo mortis*. Basta matar o corpo sem matar a alma.

Bazin fez um signal de desespero, que queria dizer que approvava talvez esta moral, mas que reprovava os modos com que era prégada.

—Bazin, meu amigo, lembra-te de que te vejo n'aquelle espelho, e que já uma vez por todas te prohibi todo e qualquer signal de approvação ou reprovação. Faze-nos pois o favor de nos servir o vinho de Hespanha e de te retirar para o teu quarto. Além de que o meu amigo d'Artagnan tem que me dizer em segredo. Não é verdade, d'Artagnan?

D'Artagnan fez um aceno affirmativo com a cabeça, e

Bazin retirou-se depois de pôr o vinho de Hespanha em cima da meza.

Os dois amigos, vendo-se sós, conservaram-se por algum tempo silenciosos um defronte do outro. Aramis parecia que esperava uma suave digestão. D'Artagnan preparava o seu exordio. Cada um d'elles, quando o outro não o fitava, deitava um olhar de soslaio.

Aramis foi o primeiro a quebrar o silencio.

XI

Os dois Gaspares

—Em que pensa, d'Artagnan? perguntou, e o que é que o faz sorrir?

—Penso, meu amigo, em que você quando era mosqueteiro propendia todo para abbade, e que actualmente que é abbade me parece que propende muito para mosqueteiro.

—E' verdade, disse Aramis rindo. O homem, como você sabe, é um animal singular, todo composto de contrastes. Desde que sou abbade, não sonho senão com batalhas.

—Isso vê-se na sua mobilia; você tem aqui chanfalhos de todos os tamanhos e para todo os gostos. E você continua jogando bem a espada?

—Tão bem como você a jogava em outro tempo, ou melhor ainda. Não faço todo o dia outra coisa.

—E com quem?

—Com um excellente mestre de esgrima que temos cá.

—Que teem cá?

—Sim, no convento. Ha de tudo em um convento de jesuitas.

—Então você tinha morto o sr. de Marsillac se elle tivesse vindo atacal-o sósinho em vez de vir á frente de vinte homens.

—Tel-o-hia morto mesmo á frente dos seus vinte homens, se podesse desembainhar a espada sem ser reconhecido.

—Deus me perdoe! disse d'Artagnan em voz baixa, creio que se fez mais gascão do que eu.

E em voz alta:

—Bem, meu querido Aramis, perguntava-me porque era que eu o procurava?

—Não, não lh'o perguntava, disse Aramis com os seus modos astutos, mas esperava que m'o dissesse.

—Procurava-o para lhe offerecer o meio de matar o sr. de Marsillac, embora seja principe.

—Ta, ta, ta, disse Aramis, é uma idéa!

—De que o convido a aproveitar-se. Vejamos, com a sua abbadia de 1:000 escudos e as 12:000 libras que ganha vendendo sermões, é rico? Responda francamente.

—Eu? sou pobre como Job, e, esquadrinhando algibeiras e cofres, creio que você não acharia aqui cem pistolas.

—Safa! cem pistolas! disse d'Artagnan em voz baixa, e chama a isso ser pobre como Job! Se eu as tivesse sempre diante de mim, julgava-me rico como um Creso.

E em voz alta:

—E' ambicioso?

—Como Encelado!

—Bem! meu amigo, trago-lhe com que ser rico, e poder fazer o que quizer.

Pela fronte de Aramis passou a sombra de uma nuvem tão rapida como as que fluctuam em agosto sobre os trigos; mas, ainda assim, não escapou a d'Artagnan.

—Falle, disse Aramis.

—Mais uma pergunta antes d'isso. Você trata de politica?

Pelos olhos de Aramis passou um lampejo, rapido como a sombra que lhe passara pela fronte, mas não tão rapido que d'Artagnan não o visse.

—Não, respondeu Aramis.

—Então todas as propostas poderão ser acceitas, porque você não tem n'este momento outro senhor senão Deus, disse o gascão rindo.

—E' possivel.

—Pensou alguma vez, meu querido Aramis, nos bellos dias da nossa mocidade que passavamos rindo, bebendo e combatendo?

—De certo, e mais de uma vez tenho tido saudades d'elles. Feliz tempo! *Delectabile tempus!*

—Pois, meu querido, esses bellos dias podem repetir-se, esse tempo feliz pode volta! Recebi o encargo de ir ter com com os meus companheiros, e quiz começar por você, que era a alma da nossa associação.

Aramis curvou-se mais delicada do que affectuosamente.

—Tornar a metter-me na politica? disse com voz desfallecida e balouçando-se na sua poltrona; ah! meu querido d'Artagnan, veja como eu vivo regularmente e á vontade. Já sabemos o que é a ingratidão dos grandes.

—E' verdade, disse d'Artagnan, mas pode ser que os grandes se arrependam de terem sido ingratos.

—N'esse caso seria outra coisa. Vejamos: todos os peccados teem absolvição. Demais, você tem rasão em um ponto: se tivessemos o desejo de nos intrometermos nos negocios do estado, parece-me que era agora a occasião.

—Como sabe isso, você que não trata de politica?

—Ora essa! sem tratar d'ella pessoalmente, vivo no meio de gente que a cultiva. Fazendo versos e amor travei relações com o sr. Sarrazin, que é todo do sr. de Conti; com o sr. Voiture, que é todo do coadjuctor, e com o sr Bois-Robert, que, desde que não é do cardeal de Richelieu, não é de ninguem ou é de todos, como lhe approuver, de modo que não me é desconhecido o movimento politico.

—Lá me queria parecer.

—Mas não tome você o que vou dizer-lhe senão como palavras de um cenobita, de um homem que falla como um ecco, repetindo pura e simplesmente o que ouviu dizer. Ouvi dizer que n'este momento o cardeal Mazarino estava muito inquieto com o modo por que caminham as coisas. Parece que não ha para com as suas ordens o respeito que havia outr'ora para com as do antigo espantalho, o defunto cardeal, de que vê ali o retrato, porque, a despeito do que se disse havemos de concordar em que era um grande homem.

—Não o contradirei a esse respeito; foi elle quem me fez tenente.

—A minha opinião primitiva foi toda favoravel ao cardeal Mazarino; eu dizia com os meus botões que um ministro nunca é amado, mas que, como engenho que dizem que elle tem, acabava por triumphar dos seus inimigos e por se fazer temer, o que, no meu modo de entender, talvez valha mais do que fazer-se amar.

D'Artagnan fez com a cabeça um aceno que queria dizer que approvava inteiramente esta duvidosa maxima.

—Esta era a minha primeira opinião, continuou Aramis; mas como eu sou muito ignorante n'estas materias e a humildade que professei me impõe a obrigação de me não satisfazer só com o meu parecer, informei-me. Mas meu caro amigo...

Aramis fez uma pausa.

—Mas! o que? perguntou d'Artagnan.ei.

—Mas tornou Aramis, é mister confessar que me enganei.

—Deveras.

—Decerto; informei-me com algumas pessoas, todas de differente gosto e ambição: Mazarino não é homem de genio, como eu acreditava. E' um homem inepto, que de simples famulo do cardeal de Bentivoglio, se tem elevado por meio da intriga; um aventureiro, um homem sem nome, que só fará em França a figura de um intrigante politico; afferrolhará sommas de escudos, delapidará quanto podér as rendas reaes, e recolherá na sua burra pensões que o defunto cardeal pagava a todos, mas nunca governará pelo direito do mais forte, do maior, ou do mais honrado. Além d'isto, parece que não é cavalheiro nem nas maneiras, nem no coração: é um ministro, especie de lobo, de Pulcinello, de Pantanlon. Conhece-o? Eu não o conheço.

—Ah! exclamou d'Artagnan, ha alguma verdade no que acaba de dizer.

—Bom! enche-me de orgulho, meu caro, porque pude, graças a certa penetração vulgar de que sou dotado, concordar com um homem como o sr. que vive na côrte.

—Mas fallou-me n'elle pessoalmente, e não do seu partido e recursos.

—E' verdade. O cardeal tem por si a rainha.

—E parece-me que não é pouco.

—Mas não tem o rei.

—Uma creança!

—Uma creança que d'aqui a quatro annos já não será menor.

—E'-o presentemente.

—Sim, mais não o ha de ser no futuro, e ainda agora não tem por si nem o parlamento, nem o povo, isto é, o dinheiro; não tem por si nem a nobreza, nem os principes quer dizer, a espada.

D'Artagnan viu-se obrigado a confessar interiormente que as palavras do seu amigo eram judiciosas.

—Veja meu amigo se sou ou não ainda dotado da minha perspicacia. Parece-me que fiz mal em lhe ter exposto francamente a minha opinião, porque o julgo affeiçoado a Mazarino.

—Eu! exclamou d'Artagnan, eu! o menos possivel!

—Fallou-me de uma incumbencia que teve.

—Eu de uma incumbencia! Então disse mal. Nada, pensei exactamente como o sr.; disse comigo: vejam com se intrigam os negocios. Pois bem! lancemos as penas ao vento, e tomando de novo a vida de aventureiros, vamos para o lado que o venta as levar. Nós eramos quatro valentes cavalleiros, quatro corações ternamente unidos, unamos de novo não os nossos corações, que nunca estiveram separados, mas as nossas fortunas e coragem. A occasião é propicia para adquirir alguma cousa melhor do que um diamante.

—Tem razão, muita razão d'Artagnan, e a prova é que eu tive tambem o mesmo pensamento; todos carecem hoje de auxiliares; teem-me feito immensas propostas, e sem duvida porque transpirou alguma cousa das nossas antigas proezas, e confesso-lhe francamente que o coadjuctor...

—O senhor de Gondy, o inimigo do cardeal! exclamou d'Artagnan.

—Não o amigo do rei, disse Aramis, entende; trata-se de servir o rei, que é o dever de um cavalleiro,

—Mas o rei está com Mazarino, meu caro!

—De facto, mas não de vontade; apparentemente, mas

não realmente. E' um laço que os inimigos do rei armam ao innocente menino.

—Então é a guerra civil que me quer propôr, meu caro Aramis?

—A guerra pelo rei.

—Mas o rei estará á testa de exercito a favor de Mazarino.

—Com o coração no exercito que commandar o senhor de Beaufort.

—O senhor de Beaufort? esse está em Vincennes?

—Eu disse o senhor de Beaufort, ou o principe.

—Mas o principe vae partir para o exercito, é inteiramente a favor do cardeal!

—Duvida-se, disse Aramis, ha entre elles agora algumas dissensões. Porém se não fôr o principe, o sr. de Conti...

—Mas o sr. de Conti vae ser cardeal, pede-se para elle o barrete.

—E não teem havido cardeaes valentes guerreiros? disse Aramis. Ora veja, eis em redor do senhor quatro cardeaes, que, á frente dos exercitos, valeriam tanto como Guebriant e Gassion.

—Mas um general corcovado!

—Debaixo da sua couraça não se lhe vê a corcova. Demais, lembre-se que Alexandre coxeava, e que Annibal era cégo de um olho.

—Vê grandes vantagens n'esse partido? perguntou d'Artagnan.

—A protecção de principes poderosos,

—Com a prescripção do governo.

—Annullada pelos parlamentos e revoltas.

—Tudo isso se poderia fazer, como diz, se se chegasse a separar o rei de sua mãe.

—Talvez se lá chegue.

—Nunca! exclamou d'Artagnan, entrando d'esta vez na sua convicção. Appello para o sr., Aramis, para o sr; que conhece Anna d'Austria tão bem como eu. Julga que ella possa esquecer que seu filho é a sua segurança, o seu palladio, o penhor da sua consideração, da sua fortuna e da sua vida? Era necessario que ella passasse com elle para o par-

tido dos principes, abandonando Mazarino; mas o senhor sabe melhor do que ninguem haverem fortes motivos para que ella nunca o abandone.

—Talvez tenha razão, disse Aramis, n'esse caso não me comprometterei.

—Com elles, disse d'Artagnan, mas comigo?

—Com pessoa alguma. Sou padre, que tenho eu com a politica?! eu não leio breviario algum, e tenho um sufficiente numero de espirituosos abbades e de mulheres encantadoras; tanto menos ruido farão as minhas extravagancias; estou perfeitamente sem me intrometter com elles, e decididamente não me intrometterei.

—Ah! meu caro amigo, a sua philosophia vence-me, palavra de honra; não sei que maldita mosca de ambição me mordêra; eu tenho um cargo que me dá com que viver, e á morte do pobre Tréville, que está velho, posso vir a ser capitão; é um lindissimo bastão de marchall para um gascão, e sinto ligar-me do novo aos encantos do pão modesto, mas quatidiano: em vez de correr aventuras, acceitarei os convites de Porthos, irei caçar para as suas terras; sabe que Porthos possue terras?

—Assim me parece. Dez legoas de bosque, lagos e valles; é senhor do monte e da planicie, e anda em demanda com o bispo de Noyon por causa dos direitos feudaes.

—Bom! disse d'Artagnan comsigo, eis o que eu queria saber; Porthos está na Picardia.

—E elle tomou o seu antigo nome de Vallon?

—A que accrescentou o de Bracieux, uma terra que já foi baronia.

—De maneira que ainda veremos Porthos barão.

—Não duvido. A baronia de Porthos principalmente é admiravel.

Os dois amigos pozeram-se a rir.

—Então, perguntou d'Artagnan, não quer ser de Mazarino.

—Nem o sr. dos principes?

—Não; nem sejamos de ninguem, fiquemos amigos; não sejamos nem cardinalistas, nem frondistas.

—Sim, disse Aramis, sejamos mosqueteiros.

—Mesmo com o minorista.

—Sobre tudo com o minorista exclamou Aramis, é o que lhe dá encanto.

—Então, adeus, disse d'Artagnan,

—Não o detenho, disse Aramis, porque não sei onde o deitaria, e porque não posso decentemente offerecer-lhe metade do telheiro de Planchet.

—Além de quê, estou apenas distante tres legoas de Paris; os cavallos estão em descanço e em menos de uma hora terei chegado.

E d'Artagnan bebeu um ultimo copo.

—Ao nosso antigo tempo! disse elle.

—Sim, replicou Aramis, desgraçadamente já lá vae... *fugit irreparabile tempus*:

—Talvez que ainda volte, disse d'Artagnan. Em todo o caso se tiver necessidade de mim, rua do Tiquetone, hospedaria da lá Chevrette.

—E eu, convento dos jesuitas: das seis horas da manhã ás oito da noite pela porta, e das oito da noite ás seis da manhã pela janella.

—Adeus, meu caro.

—Oh! não o deixo partir assim, consinta-me que o acompanhe.

E tomou a capa ea espada.

—Quer certificar-se de que parto, disse comsigo d'Artagnan.

Aramis chamou Bazin, mas Bazin dormia na ante-camara sobre os restos da sua ceia, e Aramis viu-se obrigado a puchar-lhe pela orelha para o acordar.

Bazin esfregou os olhos, estendeu os braços e esforçou-se por de novo pegar no somno.

—Vamos, senhor dorminhoco, a escada.

—Mas, disse Bazin abrindo a boca e mostrando os dentes, ficou junto á janella.

—A outra, a do jardineiro: não viste que o sr. d'Artagnan lhe custou a subir? pois ainda mias lhe ha de custar a descer.

D'Artagnan ia certificar Aramis de que desceria sem custo, quando lhe veiu uma ideia que o fez callar.

Bazin soltou um grande suspiro, e saiu para ir procurar a escada.

Pouco depois, uma boa e solida escada era encostada á janella.

—Eis o que se chama um meio de communicação, uma mulher subiria sem custo esta escada.

Um olhar investigador de Aramis pareceu profundar o pensamento do seu amigo até ao fundo do seu coração, mas d'Artagnan affastou esse olhar com ar de admiravel ingenuidade.

N'este momento descia elle o primeiro degrau da escada. Depois de estar em terra, voltou-se para Bazin que ficára á janella.

—Fica ahi, disse Aramis, hei de voltar.

Ambos se encaminharam para o telheiro; á sua aproximação. Planthet saiu com os cavallos pela redea.

—Ora eis um creado activo e vigilante, disse Aramis, não é como aquelle madraço de Bazin, que não presta para nada depois que se fez ecclesiastico. Segue-nos, Planchet; vamos conversando até ao fim da aldeia. Effectivamente os dois amigos atravessaram toda a aldeia, conversando em differentes assumptos. Chegando ás ultimas casas, Aramis disse para d'Artagnan:

—Vá, meu amigo, siga a sua carreira, a fortuna sorrilhe, não a deixe escapar-lhe; lembre-se de que ella é uma cortezã, trate-a como tal; quanto a mim, fico no meu ocio e humildade; adeus.

—Então está decidido, não lhe agrada o que lhe propuz?

—Pelo contrario, muito me agradaria, disse Aramis, se fosse um homem como outro qualquer, mas eu repito-lhe, sou um composto de contrastes; o que hoje despreso, adorarei ámanhã *et vice versa*. Bem vê que não posso comprometter-me comsigo que tem idéas firmes.

—Mentes, sonso, murmurou d'Artagnan, és pelo contrario, o unico qne sabes procurar um fim, e que caminhas na sombra.

—Então, adeus, continuou Aramis, e agradeço-lhe as suas boas intenções, e principalmente pelas boas recordações que a sua presença me despertou.

Abraçaram-se. Planchet estava já a cavallo, e d'Artagnan montou tambem, apertando de novo a mão ao amigo. Os cavalleiros metteram esporas aos cavallos, e tomaram para o lado de Paris.

Aramis permaneceu immovel no meio da rua até os perder de vista.

—Tendo avançado cousa de duzentos passos, d'Artagnan parou de repente, apeou-se, lançou as redeas do seu cavallo aos braços de Planchet, e tomou as pistolas dos coldres que pôz á cintura.

—Que tem senhor? perguntou Planchet assustado.

—Que tenho! E' que apezar de tão fino como elle é, não se dirá que me logrou. Deixa-te aqui estar e não te mechas; mas tira-te da estrada e espera-me.

A estas palavras, d'Artagnan lançou-se para o outro lado do fosso, que bordava a estrada, e caminhou atravez da planicie de maneira que volteasse a aldeia. Tinha notado que entre a casa da senhara de Longueville, e o convento dos jesuitas havia um descampado, que só era tapado por uma sébe.

Uma hora antes talvez lhe custasse a achar essa sébe, mas a lua acabava de nascer, e posto que de tempos a tempos se encobrisse com alguma nuvem, via-se com tudo sufficientemente para achar a sébe.

D'Artagnan foi occultar-se por detraz da sébe, porém ao passar por defronte da casa, onde teve logar a scena que acabamos de narrar, notou que ainda estava allumiada a mesma janella, e convenceu-se que Aramis ainda não tinha entrado, e que quando entrasse não seria só.

De feito, um instante depois ouviram-se passos que se aproximavam, e ruido de vozes que fallavam baixo.

Ao principio da sébe pararam.

D'Artagnan pôz um joelho em terra, procurando o sitio mais espesso da sébe para se occultar.

N'este momento dois homens appareceram com grande espanto de d'Artagnan; mas bem depressa cessou a sua admiração, porque ouviu o som de uma voz dôce e harmoniosa; um d'estes dois era uma dama disfarçada em cavalleiro.

—Fique descançado, meu caro Renato, dizia a voz dôce;

não tornará a succeder-lhe o mesmo; descobri uma especie de subterraneo que passa por baixo da rua, e não teremos a fazer mais que levantar uma das lageas que estão diante da porta para lhe dar uma entrada e uma saida.

—Oh! disse a outra voz que d'Artagnan conheceu ser a de Aramis, juro-lhe, princeza, que se o seu nome não dependesse de todas essas precauções, e que eu não arriscasse ahi mais que a minha vida...

—Sim, sim, conheço a sua bravura e coragem, mas não pertence só a mim, pertence a todo o nosso partido. Seja prudente e sabio!

—Obedeço, senhora, sempre que me sabem ordenar com uma voz tão dôce.

E beijou-lhe a mão.

—Ah! exclamou o cavalleiro de voz dôce.

—Que foi? perguntou Aramis.

—Não vê que o vento me levou o chapeu.

E Aramis deitou a correr atraz do fugitivo chapéu, D'Artagnan approveitou-se do ensejo para procurar na sébe um logar menos espesso, que deixasse penetrar seu olhar livremente até ao problematico cavalleiro. N'este momento, a lua, curiosa talvez como o official, saiu detraz de uma nuvem, e á sua indiscreta claridade, reconheceu d'Artagnan os grandes olhos azues, os cabellos de ouro, e a nobre cabeça da duqueza de Longueville.

Aramis voltou rindo, trazendo um chapéu na cabeça, e outro na mão, e ambos se dirigiram para o convento dos jesuitas.

—Bom! disse d'Artagnan levantando-se e sacudindo o joelho, já sei, és frondista, e amante da senhora de Longueville.

XII

O senhor Porthos du Vallon de Bracieux de Pierrefonds

Graças ás informações que d'Artagnan colhêra d'Aramis, sabia já que Porthos se appellidava du Vallon, do seu nome de familia, e Bracieux, e que por causa d'essa terra de Bracieux andava em demanda com o bispo de Noyon.

Era pois aos arrabaldes de Noyon que elle devia ir procurar essa terra, na fronteira da ilha de França e da Picardia.

O seu itinerario foi immediatamente traçado: iria até Dammartin, onde se cruzam duas estradas, uma que vae direita a Soissons, outra a Compiegne; ahi informar-se-hia da terra de Bracieux, e segundo a resposta que lhe dessem tomaria para a direita ou para a esquerda.

Planchet, que não estava ainda tranquillo com a sua fugida, declarou que acompanharia seu amo até ao fim do mundo, tomasse elle para a direita ou para a esquerda; apenas supplicou ao seu antigo senhor que partisse de noite, porque o escuro da noite offerecia mais garantias. D'Artagnan propoz-lhe então que prevenisse sua mulher ácerca do que se passava; mas Planchet respondeu com muita sagacidade, que estava certo que sua mulher não morreria de inquietação por não saber o sitio onde elle estava, em quanto que, conhecendo a indiscrição da sua lingua, elle, Planchot, é que morreria de inquietação se ella o soubesse.

Estas rasões pareceram tão justas a d'Artagnan que não insistiu mais e pelas oito horas da noite, quando principiava a escurecer, partiu da hospedaria da Chevrette, e, seguido de Planchet, saiu da capital pela porta de Saint-Dénis.

Pela meia noite os viajantes estavam em Dammartin.

Era muito tarde para obter informações. O estalajadeiro do *Cysne da Cruz* estava deitado; d'Artagnan reservou a cousa para o outro dia.

No dia seguinte mandou chamar o estalajadeiro. Era

um dos astutos normandos que não dizem nem sim, nem não, e que estão sempre cuidando que se compromettem respondendo directamente á pergunta que se lhe faz; d'Artagnan tendo apenas sabido d'elle o equivoco indicio, que devia seguir todo o caminho direito, continuou a sua jornada. Ás nove horas da manhã estava em Nanteuil, onde parou para almoçar.

D'esta vez, o estalajadeiro era um bom e franco Picardo que conhecendo em Planchet um patricio, não teve difficuldade em lhe dar as instrucções que elle desejava. A terra de Braciex distava algumas leguas de Villers-Cotterets.

D'Artagnán sabia onde era Villers-Cotterets por ahi ter ido duas ou tres vezes com a familia, porque esta n'esse tempo tinha uma residencia. Tomou por tanto a direcção d'essa cidade, e foi para a sua hospedaria costumada, isto é, a do *Delfim de Ouro*.

Aqui foram as informações mais satisfactorias. Soube que a terra de Bracieux estava situada a quatro leguas d'essa cidade, mas que não era ahi que devia ir procurar Porthos. Este tinha effectivamente pleiteado com o bispo de Noyons por causa da terra de Pierrefonds, que pegava com a sua; mas para acabar com as demandas, de que elle nada entendia, tinha comprado esta terra, e juntado aos seus antigos nomes o novo de Pierrefonds. Chamava-se du Vallon de Bracieux de Pierrefonds, e habitava na sua nova propriedade. Por falta de outro titulo, Porthos aspirava evidentemente ao de marquez de Carabas.

Era mister esperar ainda para o dia seguinte para dar descanço aos cavallos. É verdade que poderiam tomar outros, mas tinham a atravessar florestas e Planchet não gostava de atravessar florestas de noute.

Havia ainda uma cousa de que Planchet não gostava, e era de pártir em jejum, e por isso quando d'Artagnan acordou, achou já o almoço prompto. Não havia motivos para queixar-se de uma tal promptidão. D'Artagnan pôz-se á mesa; devemos tambem dizer que Planchet tomando de novo as suas antigas funcções, retomára a sua antiga humildade, e não tinha mais escrupulo de comer os

restos de d'Artagnan, do que o tinham de comer os de Anna d'Austria as senhoras de Monteville e de Fargis.

Pelas oito horas pozeram-se a caminho. Não podiam enganar-se; era seguir a estrada que conduz a Villers-Cotterets, e ao sair do bosque tomar para a direita.

Era uma das bellas manhãs da primavera, os passaros gorgeavam nas arvores, e os raios do sol coando-se atravez das folhas faziam-nas parecer veus de seda dourada.

N'outrós sitios, a luz rompia a custo a espessura das folhas; os pés dos annosos carvalhos, que attraíam precipitadamente a vista aos viandantes, e os ageis esquilos permaneciam immersos na sombra. De toda esta natureza saía um perfume de hervas, de flôres e folhas que alegrava o coração. D'Artagnan, enfastiado do fetido cheiro de Paris, dizia, comsigo, que quando se possuiam taes nomes encadeados uns nos outros, dever-se-hia ser mui feliz n'um tal paraizo; depois, meneando a cabeça dizia: «Se eu fosse Porthos, e que d'Artagnan me viesse fazer a proposta que eu vou fazer a Porthos, sei bem o que devia responder a d'Artagnan.»

Em quanto a Planchet, não pensava, digeria.

Ao lado do bosque, d'Artagnan divisou o caminho indicado, e na extremidade do caminho as torres de um grande castello feudal.

—Oh! oh! murmurou elle, parece-me que este castello pertencia ao antigo ramo d'Orleans, ter-se-hia Porthos ligado com o duque de Longueville.

—Lindas terras, senhor, disse Planchet, se ellas pertencem ao senhor Porthos, dar-lhe-hei os parabens.

—Olha lá! disse d'Artagnan, não lhe vás chamar Porthos, nem mesmo du Vallon; chama-lhe de Bracieux, ou de Pierrefonds. Far-me-hias falhar a minha embaixada.

A' medida que se aproximava do castello, que lhe atraira a vista, d'Artagnan ia vendo que não era ali que podia habitar o seu amigo: as torres, apesar de solidas, e que pareciam acabadas de construir, estavam com grandes abertu-

ras como se tivessem sido escaladas. Dir-se-hia que algum gigante as abrira a golpes de machado.

Na extremidade do caminho, d'Artagnan apercebeu um aprasivel valle, no fundo do qual se viam ao pé de um pequeno e formoso lago algumas casas espalhadas aqui e ali, e que, cobertas umas de telhas, e outras de colmo, pareciam reconhecer humildemente por suzerano um lindo castello edificado pelos principios do reinado de Henrique IV, coroado de grimpas senhoriaes. D'esta vez, d'Artagnan não duvidou estar á vista da habitação de Porthos.

O caminho ia direito a esse lindo castello, que era em relação ao castello da montanha, o que um mestre de etiqueta do duque de Enghien é em relação a um cavalleiro carregado de ferro do tempo de Carlos VII; d'Artagnan metteu o seu cavallo a trote e foi seguindo o seu caminho; Planchet regulou os passos do seu corsel pelos do de seu amo.

Dez minutos depois, d'Artagnan achou-se na extremidade de uma alea regularmente plantada de bellos alamos, e que ia dar a uma grade de ferro, cujas pontas e varões transversaes eram douradas. No meio d'esta avenida estava um sujeito a cavallo, vestido de verde e com galões de ouro. A' direita e esquerda estavam dois creados com galões de ouro em todas as costuras, um grande numero de aldeões lhe prestavam respeitosas homenagens.

— Ah! exclamou d'Artagnan, será este o senhor do Vallon de Gracieux de Pierrefonds? Como elle está encarquilhado depois que deixou o nome de Porthos!

— Não póde ser elle, disse Planchet respondendo á pergunta que a si mesmo fizéra. O senhor Porthos tinha mais de seis pés, e este apenas terá cinco. Todavia respeitam bem a este senhor.

A estas palavras, d'Artagnan picou o cavallo em direcção ao rocim do desconhecido. A' medida que se aproximava parecia-lhe reconhecer as feições d'este personagem.

— Jesus Maria! disse Planchet, que tambem julgava reconhecel-o, será possivel que seja elle?

A esta exclamação, o homem a cavallo voltou-se com ar de nobreza, e os dois viandantes viram brilhar com toda a vivacidade os grandes olhos, a cara vermelha e o sorriso tão eloquente de Mousqueton.

De feito, era Mousqueton; Mousqueton gordo, forte, e inchado pelo seu bem estar, que, reconhecendo d'Artagnan, ao contrario d'aquelle hypocrita de Bazin, se apeou do seu rocim, e com o chapéo na mão se aproximou do official, de maneira que um quarto das homenagens da assembléa se dirigiu para este novo sol que eclipsava o antigo.

—O senhor d'Artagnan! o senhor d'Artagnan! repetia Mousqueton mechendo as suas enormes faces, e saltando de alegria, o senhor d'Artagnan! Oh! que alegria para meu amo o senhor du Vallon de Bracieux de Pierrefonds!

—Bom Mousqueton, móra aqui teu amo?

—Está nos seus dominios.

—Como estás bello, gordo e corado! continuava d'Artagnan, infatigavel em enumerar as menores minucias das mudanças que a fortuna tinha operado na casa do seu amigo.

—Oh! sim, graças a Deus! disse Mousqueton, passo perfeitamente.

—Então não dizes nada a teu amigo Planchet?

—Ao meu amigo Planchet! Planchet, serás tu por acaso? exclamou Mousqueton de braços abertos e lagrimas nos olhos.

—Eu mesmo, disse Planchet, mas queria ver se tu te tinhas tornado soberbo.

—Soberbo com um antigo amigo! Nunca, Planchet; tu nunca pensaste n'isso, aliás não conheces Mousqueton.

—Ah! exclamou Planchet apeando-se e abraçando-se a Mousqueton; este não é como aquelle maroto de Bazin, que me deixou estar duas horas debaixo de um telheiro, sem mesmo dar ares de me reconhecer.

E Planchet e Mousqueton abraçaram-se com uma tal ternura que commoveu bastante os assistentes, e lhes fez acre-

ditar que Planchet era algum senhor disfarçado; tão grande era o valor que elles davam á posição de Mousqueton. E agora senhor, disse Mousqueton, quando se viu livre dos braços de Planchet; agora senhor, permitta-me que o deixe, porque não quero que meu amo saiba senão por mim a nova da sua chegada, aliás não me perdoaria.

—Esse caro amigo, disse d'Artagnan, evitando assim tratar Porthos pelo seu antigo ou novo nome, não me tem esquecido?

—Esquecido! elle! exclamou Mousqueton; não ha dia, senhor, em que nós não estejamos á espera de ver a sua nomeação de marchal, ou em logar de Gassion, ou em logar de Bassompierre.

Um dos raros sorrisos melancolicos que lhe sobreviveram no mais intimo do coração ao perder as illusões da sua mocidade, se deslisou pelos labios de d'Artagnan.

—E os senhores, continuou Mousqueton dirigindo-se á sua comitiva, fiquem junto do sr. conde d'Artagnan, e prestem-lhe todas as honras devidas, em quanto vou prevenir meu amo da sua chegada.

E, ajudado de duas almas caritativas, montou no seu robusto cavallo, em quanto que Planchet, mais agil, montava só no seu; Mousqueton deu sobre a avenida um pequeno galope, que testimunhava mais em favor dos rins que das pernas do quadrupede.

—Oh! como tudo se annuncia perfeitamente! disse d'Artagnan. Aqui não ha nada de hypocrisia nem politica; ri-se quanto se póde, chora-se de alegria, não vejo senão caras gordas; realmente, parece que a mesma natureza está risonha, e que as arvores em logar de flores e folhas estão cobertas de rubins verdes e rosados.

—E a mim, disse Planchet, parece-me que sinto aqui um aprazivel cheiro de assado, e que vejo os cosinheiros collocarem-se todos em alas para nos ver passar. Ah! senhor, que bello cosinheiro deve ter o senhor de Pierrefonds, elle que gostava tanto do bom quando se não chamava senão o senhor Porthos.

—Cala-te! disse d'Artagnan, mettes-me medo, se a realidade corresponde ás apparencias, estou perdido. Um ho-

mem tão feliz nunca sairá da sua felicidade, e vou embasbacar ao pé d'elle, como ao pé de Aramis.

XIII

Como d'Artagnan, ao ver Porthos, conheceu que a fortuna não é que dá a felicidade

D'Artagnan passou a grade, e achou-se em frente do castello; estava a apear-se quando uma especie de gigante lhe appareceu no patamar. Façamos justiça a d'Artagnan que a par de todo o sentimento de egoismo, e coração batia-lhe com alegria ao aspecto d'essa alta estatura, e d'essa figura marcial, que lhe fazia recordar um homem bom e bravo.

Precipitou-se nos braços de Porthos; toda a creadagem, collocada em circulo n'uma distancia respeitosa, olhava para elles com humilde curiosidade. Mousqueton, que estava adiante, limpou os olhos; o pobre rapaz não cessava de chorar de alegria depois que reconhecera d'Artagnan e Planchet.

Porthos tomou o seu amigo pelo braço.

—Que alegria tenho em tornar a ver o caro d'Artagnan! exclamou elle com uma voz que de tiple passára a baixo, o senhor nunca me esqueceu.

—Esquecel-o! ah! amigo du Vallon, esqueccm-se por ventura os mais bellos dias da mocidade, os amigos do coração e os perigos que juntos affrontámos? mas isso é o mesmo que dizer que agora que o vejo me não occorre nenhuma lembrança da sua antiga mocidade.

—Sim, sim, disse Porthos, tentando dar ao seu bigode o geito casquilho que perdera na solidão, sim fizemos excel-

lentes façanhas no nosso tempo; démos que fazer áquelle pobre cardeal.

E soltou um suspiro.

D'Artagnan encarou-o.

Em todo o caso, continuou Porthos com um tom languido, seja bem vindo, espero que me ajudará a recuperar a minha alegria, daremos ámanhã uma corrida a uma lebre na minha planicie, que é magnifica, ou aos cabritos nas minhas florestas, que são bellissimas; tenho quatro galgos, que são tidos pelos mais velozes da provincia, e uma matilha que não tem egual n'estas vinte leguas em redor.

E Porthos soltou um segundo suspiro.

—Oh! oh! exclamou d'Artagnan baixo, dar-se-ha caso que o meu folgasão não seja tão feliz como parece? Mas primeiro que tudo, disse elle alto, apresentar-me-ha á senhora du Vallon, porque me recordo de certa carta de convite, que se dignou escrever-me, e no fundo da qual se viam algumas linhas d'ella.

Porthos soltou um terceiro suspiro.

—Ha dois annos que perdi a senhora du Vallon, e por isso me vê tão magoado. Foi por essa causa que deixei o meu castello du Vallon junto a Corbeil, para vir habitar a minha terra de Bonacieux, mudança que me levou a comprar esta. Pobre senhora du Vallon! continuou Porthos fazendo um gesto de pesar, não era mulher dotada de caracter muito submisso, mas por fim tinha chegado a acostumar-se ás minhas maneiras e a obedecer ás minhas mais insignificantes vontades.

—Então está rico e livre?

—Ai! disse Porthos, estou viuvo e tenho quarenta mil francos de renda, quer vir almoçar?

—Oh! se quero! disse d'Artagnan, o ar da manhã causou-me appetite.

—Sim, disse Porthos, este ar é excellente.

E entraram para o castello; de alto a baixo não se viam senão douraduras, as cornijas, as molduras e o pau das poltronas era tudo dourado.

Uma meza bem sortida os aguardava.

—Vê, disse Porthos, é este o meu usual.

—Muito bem! disse d'Artagnan, dou-lhe os parabens: o rei de certo não tem uma meza egual.

—E' verdade, disse Porthos, já ouvi dizer que não era lá muito nutrido pelo senhor de Mazarino. Prove d'esta costelleta, meu caro d'Artagnan, é de um dos meus carneiros.

—Tem carneiros muito tenros, muito me alegra.

—Sim, pastam nos meus campos, que são excellentes.

—Dê-me mais.

—Não, coma antes d'esta lebre, que hontem matei nas minhas coelheiras.

—Que gosto! disse d'Artagnan. Mas então não alimenta as lebres senão com serpão?

—E que lhe parece o meu vinho? disse Porthos, é agradavel, não é verdade?

—Excellente!

—Pois é vinho da minha lavra.

—Deveras?

—Sim; uma lavra para o sul nas faldas da minha montanha, que me dá vinte pipas.

—Mas isso é uma grande vinha!

Porthos suspirou pela quinta vez.

D'Artagnan tinha contado os suspiros de Porthos.

—Que é isso? disse elle curioso de atinar com o problema; dir-se-hia, meu caro amigo, que o apoquenta alguma tristeza; soffrerá por acaso?... Como vae de saude?

—Perfeitamente, melhor que nunca, serei capaz de matar um boi com um murro.

—Então, pesar de familia?...

—De familia! por felicidade sou só no mundo.

—Mas então que é o que o faz suspirar?

—Meu caro, disse Porthos, eu não sou feliz.

—O sr., Porthos! o sr. que tem um castello, prados, montanhas e bosques; o sr. que tem emfim quarenta mil francos de renda, não é feliz?

—Meu caro, tenho tudo isso, é verdade, mas no entanto vivo só.

—Ah! comprehendo, está rodeado de villões que não póde encarar sem se affligir.

Porthos empallideceu ligeiramente e despejou um enorme copo de vinho da sua lavra.

—Pelo contrario, imagine que são uns fidalgotes que teem todos um titulo, e que pretendem remontar a Pharamond, a Carlos Magno, ou quando menos a Hugo Capeto. Ao principio eu era o ultimo vindo, e por isso tive de dar os primeiros passos, e dei-os; mas, meu caro, a senhora du Vallon...

Porthos ao dizer estas palavras parecia engulir a custo a saliva.

—A senhora du Vallon, tornou elle, era de uma nobreza duvidosa; contraíra as primeiras nupcias, julgo não lhe contar nada de novo, meu caro d'Artagnan, com um procurador, acharam isto nauseabundo, e deram-lhe este nome, entende? era uma palavra para fazer matar trinta mil homens; matei dois, o que fez calar os outros, mas não os tornou meus amigos; de maneira que já não tenho sociedade, vivo só; o que me rala e consome.

D'Artagnan sorriu; esteve observando qual era o lado franco do amigo, para ahi apontar o seu tiro.

—Mas emfim, disse, o senhor é nobre de si mesmo, e sua mulher nada póde prejudical-o. Mas, bem comprehende que, não sendo de nobreza historica como os Coucys que se contentavam de ser sires, e os Rohans que não queriam ser duques, todos estes fidalgos, viscondes ou condes que por ahi ha, tem a primazia sobre mim na egreja, nas ceremonias, e em toda a parte, e eu nada tenho a dizer-lhe. Ah! se eu fosse ao menos...

—Barão, não é verdade, disse d'Artagnan concluindo a phrase do amigo.

—Ah! exclamou Porthos, em cujas feições se viam as provas de uma alegria intima. Ah! se eu fosse barão!

—Bom! pensou d'Artagnan, consiguirei o meu fim. Pois bem! meu amigo, disse elle, é esse mesmo titulo que venho hoje trazer-lhe.

Porthos deu um salto que fez tremer toda a sala: duas ou tres garrafas perderam o equilibrio e cairam em terra onde se esmigalharam. Mousqueton correu ao estrondo, e vio Planchet de bôca cheia e com o guardanapo na mão.

—Vossa excellencia chama-me, perguntou Mousqueton.

Porthos fez com a mão signal a Mousqueton de apanhar as estilhas das garrafas.

—Sinto gosto, disse d'Artagnan, em ver que ainda conserva este bravo rapaz.

—E' meu mordomo, disse Porthos; depois accrescentou a meia voz: elle tem tratado de si, o maroto, bem se vê; mas, continuou mais baixo ainda, é meu amigo, e não me deixará por tudo o que ha no mundo.

—E trata-o por excellencia, pensou d'Artagnan.

—Sae, Mouston, disse Porthos.

—Chama-lhe Mouston; ah! sim, por abreviação; Mousqueton era muito longo para pronunciar.

—Sim, disse Porthos, mas quando elle entrou estavamos fallando de negocios.

—Não ha duvida, disse d'Artagnan, todavia guardaremos a conversação para mais tarde, porque a sua gente poderia suspeitar alguma cousa, e talvez haja espiões no paiz; adivinha que se trata de negocios sérios.

—Diabo! disse Porthos, então para fazer melhor a digestão, vamos dar um passeio pelo parque,

—De boa vontade.

E, como tivessem já sufficientemente almoçado, foram passear para um jardim magnifico. Alleas de castanheiros e de tilias occupavam um espaço de trinta geiras pouco mais ou menos; ao cabo de cada plantadio de arvores viam-se correr os coelhos desapparecendo por meio das altas hervas.

—O parque, disse d'Artagnan, corresponde a tudo o mais, e ha tantos peixes nos seus lagos, como de coelhos nas suas coelheiras; é um homem feliz, por pouco que tenha conservado o gosto da caça e adquirido o da pesca.

—Meu amigo, disse Porthos, eu deixo a pesca a Mousqueton; é um prazer mecanico; ás vezes caço, quero dizer, quando estou aborrecido sento-me n'um d'estes bancos de marmore, mando trazer a minha espingarda e conduzir Gredinet meu cão favorito, e começo a atirar aos coelhos.

—Mas isso é um bello divertimento, disse d'Artagnan.

—Sim, é bom divertimento tornou Porthos com um suspiro.

D'Artagnan esquecera-se de os contar.

—Depois, accrescentou Porthos, Gredinet vae buscal-os e leva-os elle mesmo ao cozinheiro; foi ensinado para isso.

—Que encantador animal! disse d'Artagnan.

—Mas deixemos Gredinet, que eu lhe darei se gostar d'elle, porque já me começa a enfastiar, e voltemos ao nosso negocio.

—De boa vontade, disse d'Artagnan, mas previno-o que é mister mudar de vida.

—Como assim?

—Tornar a pôr os arnezes, cingir a espada, correr aventuras, derramar, como antigamente, algum sangue pelos caminhos, em fim a vida d'outr'ora, bem sabe.

—Oh! diabo! exclamou Porthos.

—Sim, comprehendo, tem enfraquecido, e só cuidado de engordar, o pulso já não tem aquella elasticidade, que os guardas do cardeal tantas vezes experimentaram.

—O pulso está ainda bom, juro-lhe, disse Porthos estendendo a mão do tamanho da espadua de um carneiro.

—Tanto melhor.

—Então é mister que nós guerreemos?

—E' verdade.

—E contra quem?

—Tem seguido a politica, meu amigo?

—Eu, o menos possivel.

—Então é pelo Mazarino, ou pelos principes?

—Eu, por ninguem.

—Quer dizer que é por nós, tanto melhor, Porthos, temos agora boa occasião. Dir-lhe-hei que venho da parte do cardeal.

Esta palavra fez o seu effeito sobre Porthos, como se ainda estivesse em 1640, e se tratasse ainda do verdadeiro cardeal.

—Oh! disse elle, então que me quer sua eminencia?

—Sua eminencia quer tel-o ao seu serviço.

—E quem lhe fallou de mim?

—Rochefort; recorda-se d'elle?

—Se recordo! o que nos fez tanto mal, e que nos fez correr tanto pelos caminhos, o mesmo a quem o sr. deu successivamente tres espadeiradas.

—Mas não sabe que elle tornou-se nosso amigo? disse d'Artagnan.

—Não sabia. Ah! então o homem não é rancoroso.

—Engana-se, Porthos, disse d'Artagnan, eu é que o não sou.

Porthos não comprehendeu.

Ainda se devem recordar de que não era muito forte em comprehensão.

—Diz então que foi o conde de Rochefort que fallou de mim ao cardeal.

—Sim e depois á rainha.

—Quê! á rainha?

—Sim para nos inspirar confiança, ella mesma lhe entregou o famoso diamante, que eu vendi a d'Essarts, e que ignoro como lhe tornou á mão.

—Mas parece-me, disse Porthos com o seu rude bom senso, que o faria melhor em o entregar a si.

—Tambem esse é o meu parecer, disse d'Artagnan, mas que quer, os reis e as rainhas são ás vezes singulares nos seus caprichos. Por fim de contas como são elles, que possuem as riquezas e as honras, que destribuem o dinheiro e os titulos, sempre se lhes é dedicado.

—Sim, sempre se lhes é dedicado, disse Porthos, então o sr. é dedicado...

—Ao rei, á rainha e ao cardeal, e respondo tambem pela sua dedicação.

—E disse que tinha feito certas condições a meu respeito?

—Magnificas, meu caro, magnificas. Tem dinheiro, não é verdade, quarenta mil francos de renda, disse o senhor.

Porthos principiou a desconfiar.

—Oh! meu amigo, disse elle, não tenho tanto dinheiro como parece; a senhora du Vallon deixou-me uma herança bastante embaraçada, de maneira que não vivo com muita grandeza.

Receia que venha pedir-lhe dinheiro emprestado, pensou d'Artagnan.

—Ah! meu amigo, continuou este, em voz alta, tanto melhor se estou n'essas circumstancias.

—Tanto melhor.

—Sim, porque sua eminencia dar-me-ha terras, dinheiro e titulos.

—Ah! exclamou Porthos arregalando os olhos ao ouvir esta ultima palavra.

—No tempo do outro cardeal, continuou d'Artagnan, não soubemos aproveitar-nos da fortuna; era o essencial; eu não digo isto por si que tem quarenta mil francos de renda, e que me parece o homem mais feliz da terra.

Porthos suspirou.

—Todavia, continuou d'Artagnan, apesar dos seus quarenta mil francos de renda, e talvez mesmo por causa dos seus quarenta mil francos, parece-me que uma coroasinha diria bem na sua carroagem.

—Não ha duvida, disse Porthos. Pois então, meu caro, ganhe-a, está ao alcance da sua espada, nós não nos prejudicaremos, a sua ambição é um titulo, a minha é dinheiro. É me preciso tanto, quanto seja necessario para construir de novo d'Artagnan, que meus antepassados empobrecidos pelas cruzadas deixaram cair em ruinas desde esse tempo, e para comprar trinta geiras de terra em redor d'elle; conseguido isto morrerei descançado.

—E eu, disse Porthos, quero ser barão.

—Sel-o-ha.

—E não pensou nos nossos outros amigos? perguntou Porthos.

—Certamente, já vi Aramis.

— E que ambiciona elle; ser bispo?

—Aramis, disse d'Artagnan, que não queria descontentar Porthos, imagine que se tornou um perfeito monge, e jesuita, vi-o como um urso, renuncia tudo e só pensa na sua salvação. As minhas propostas não poderam movel-o.

—Tanto peior, disse Porthos, elle tinha espirito. E Athos?

—Ainda o não vi, mas vou procural-o em o deixando. Sabe onde o poderei encontrar?

—Junto a Blois, n'uma pequena terra, que herdou não sei de que parente.

—E como se chama?

—Bragelone. Comprehende, meu caro; Athos que era

nobre como um imperador, herda uma terra com o titulo de condado. Que fará elle de todos estes condados? Condado de La Fére, condado de Bragelone.

—E não tem filhos? perguntou d'Artagnan.

—Ah! exclamou Porthos, ouvi dizer que adoptára um jo ven, que tem o rosto muito parecido com o d'elle.

—Athos, nobre Athos, que era virtuoso como um Scipião, tornou a vel-o?

—Não.

—Então irei ámanhã dar-lhe noticias suas. Aqui para nós receio que a sua inclinação para o vinho o tenha feito muito velho.

—É verdade, disse Porthos, bebia a valer.

—Além disso, era o mais velho de nós todos.

—Só alguns annos; replicou Porthos, o seu ar sério é que o fazia parecer mais velho.

—Sim, é verdade. Portanto, se tivermos Athos, melhor será, se o não tivermos, passaremos sem elle, nós sós veleremos por doze.

—Sim, mas nós quatro valeriamos bem por trinta e seis; e durará muito o que temos a fazer.

—Tres ou quatro annos.

—Bater-nos-hemos muito?

—Assim o espero.

—Melhor! exclamou Porthos, não faz idéa do quanto me doem os ossos aqui! Algumas vezes ao domingo, quando saio da missa, metto o cavallo pelos campos e terras dos visinhos, a ver se dou logar a alguma altercação, porque sinto a necessidade de algum duello, mas nada de novo! Ou porque me respeitam, ou porque me temem, o que é mais provavel, deixam-me fazer quanto quero, e volto ainda mais aborrecido. Ao menos diga-me, encontrar-se-hão mais facilmente duellos em Paris!

—Quanto a isso, meu caro, é o mais agradavel possivel, nenhuns decretos, nem guardas do cardeal; Joussac e outros que taes já por lá não exitem nem se vêem; é frondista, pucha-se da espada e está tudo dito. O sr. de Guise matou o sr. de Coligny no meio da Praça Real, e nada lhe succedeu.

—Ah! então tudo vae bem.

—E em breve, continuou d'Artagnan, teremos batalhas renhidas, tiros de canhão, incendios; tudo será variado.

—Então vou.

—Tenho a sua palavra?

—Sim, bater-me-hei de todas as maneiras por Mazarino. Mas...

—Mas, quê?

—Mas elle far-me-ha barão.

—De certo, disse d'Artagnan, foi o nosso ajuste; disse-lhe já, e repito-lhe ainda, respondo pela sua baronia.

Seguro com esta promessa, Porthos, que nunca duvidára da palavra do seu amigo, dirigiu-se com elle para o castello.

XIV

Onde se mostra que, se Porthos estava descontente do seu estado, Mousqueton estava muito contente com o seu.

Em quanto iam para o castello, e Porthos sonhava com a sua baronia, d'Artagnan reflectia na miseria da natureza humana, descontente sempre do que é, e sempre desejosa do que não é. No logar de Porthos, d'Artagnan julgar-se-hia o homem mais feliz do mundo, e para Porthos ser feliz faltava lhe, o que? cinco letras para pôr antes dos seus nomes, e uma pequena corôa na sua carroagem.

—Passarei pois toda a minha vida, dizia comsigo d'Artagnan, a olhar para todos os lados sem nunca vêr um homem completamente feliz?

Fazia elle esta philosophica reflexão quando a Providencia pareceu querer vir desmentil-o. No momento em que Porthos acabava de o deixar para dar algumas ordens ao seu cozinheiro, viu aproximar-se d'elle Mousqueton. O

semblante do fiel creado, á excepção de uma leve inquietação que como uma nuvem do estio, lhe assombreava o rosto, parecia o de um homem perfeitamente feliz.

— Eis o que eu procurava, pensou d'Artagnan, mas ah! pobre rapaz! não sabe para que eu vim.

Mousqueton conservou-se a alguma distancia. D'Artagnan sentou-se n'um banco, e fez-lhe signal que se aproximasse.

— Senhor, disse Mousqueton aproveitando-se da permissão, tenho uma graça a pedir-lhe.

— Falla, meu amigo disse d'Artagnan.

— Não me atrevo. Tenho receio qne pense que a prosprosperidade me perdeu.

— Então és feliz, meu amigo?

— Tão feliz como é possivel sêl-o, e todavia pode fazer-me ainda mais feliz.

— Então falla, e se a cousa depende de mim, conta com ella.

— Oh! não depende senão do senhor.

— Então dize.

— Senhor, a graça que tenho a pedir-lhe é que me chame Mouston em logar de Mousqueton. Desde que tenho a honra de ser mordomo de sua excellencia, tomei aquelle nome, que é mais digno e melhor para me fazer respeitar de meus inferiores; bem sabe, senhor, quão precisa é a subordinação entre a creadagem.

D'Artagnan sorriu-se: Porthos estendia os seus nomes, e Mousqueton encurtava o seu.

— Então, senhor? disse Mousqueton tremendo.

— Então, deixa estar, meu caro Mouston, não esquecerei o teu pedido, e se te agradar nem mesmo te tratarei por tu.

— Oh! exclamou Mousqueton córando de alegria, se me concede uma tal honra, ficar-lhe-hei eternamente reconhecido, mas isso seria talvez pedir demasiado.

— Ai! disse comsigo d'Artagnan, nada é em compensação das attribulações que trago a este pobre diabo, que tão bem me recebeu.

— E o senhor fica muito tempo comnosco? disse Mous-

queton, cujo rosto tornára de novo á sua antiga serenidade.

— Não, meu amigo, parto ámanhã.

— Ah! senhor, disse Mousqueton, então foi sómente para nos despertar as saudades que veiu ver-nos?

— Assim o receio, disse d'Artagnan tão baixo que Mousqueton, que se retirava, saudando-o, não o poude ouvir.

D'Artagnan sentia que um remorso lhe corroia o espirito: não tinha pena de lançar Porthos n'uma carreira em que a sua vida e fortuna iam talvel pôr-se em risco, porque Porthos arriscava de boa vontade tudo isto pelo titulo de barão, que ha quinze annos anhelava; mas Mousqueton, que não desejava senão que lhe chamassem Mouston, era bem cruel arrancal-o á vida deliciosa que elle passava no seio da sua abundancia. Preoccupava-o essa idéa quando Porthos appareceu.

— Para a meza, disse elle.

— Para a meza, disse d'Artagnan. Então que horas são?

— É uma hora já dada. A sua habitação é um paraizo, Porthos, passa-se o tempo sem se sentir; sigo-o, mas não tenho fome.

— Venha; se não ha vontade de comer, ha sempre vontade de beber, é uma das maximas d'aquelle pobre Athos, cuja exactidão reconheço desde que levo esta vida monotona.

D'Artagnan, a quem o seu natural gascão fizera sempre sombrio, não parecia tão convencido como o seu amigo da verdade do axioma de Athos, todavia fez o que poude para se conformar com o seu hospede; comtudo, vendo Porthos comer e beber ainda melhor, occorreu a d'Artagnan o pedido de Mousqueton, e mais violentamente, porque Mousqueton, sem servir á meza, o que era indigno da sua nova posição, apparecia de vez em quando á porta, e attraía o reconhecimento de d'Artagnan pelos vinhos mais velhos e melhores, que lhe fazia subministrar; quando chegaram á sobremeza, a um signal de d'Artagan, Porthos despediu os seus creados, e os dois amigos acharam-se sós.

— Porthos, disse d'Artagnan, quem o acompanhará nas suas campanhas?

— Provavelmente Mouston.

Estas palavras foram como um raio para d'Artagnan; estava já vendo converterem-se em caretas dolorosas o benevolo sorriso do mordomo.

— Todavia, tornou d'Artagnan, Mousqueton já não está na sua mocidade, engordou muito, e talvez mesmo perdesse o costume do serviço activo.

— Bem sei, disse Porthos, mas eu estou costumado a elle, e talvez mesmo o rapaz não quizesse deixar-me; ama-me tanto!

— Oh! cego amor proprio! pensou d'Artagnan.

— E o senhor não tem conservado ao serviço o mesmo creado; aquelle bom, aquelle bravo, aquelle intelligente... Como lhe chamava?

— Planchet. É verdade, encontreio-o, mas não é meu creado.

— Então que é?

— Com os mil e seiscentos francos que ganhou na Rochella levando a carta a lord Winter, estabeleceu uma loja de confeiteiro na rua dos Lombardos.

— Ah! é confeiteiro na rua dos Lombardos! mas então como o serve elle?

— Fez algumas rapaziadas, respondeu d'Artagnan, e teme que o persigam.

E o mosqueteiro contou ao seu amigo como achára Planchet.

— Então, disse Porthos se lhe dissessem que um dia Planchet salvaria Rochefort, e que o senhor o occultaria por isso!...

— Não o acreditaria. Mas que quer! os acontecimentos fazem mudar os homens.

— É exactissimo, disse Porthos, mas o que não muda para melhor é o vinho; prove d'este, é hespanhol do Xerez, gostava muito d'elle o nosso amigo Athos.

N'este momento entrou o mordomo, que vinha consultar o seu senhor sobre o que se havia de fazer no dia seguinte, e tambem ácerca da caçada projectada.

—Mousqueton, perguntou-lhe Porthos, as minhas armas estão em bom estado?

—As suas armas! Que armas, senhor?!

— Que pergunta! os meus arnezes?

— Que arnezes!

— Os de guerra.

— Mas... sim, senhor. Pelo menos, assim o penso.

—Amanhã te certificarás, e os farás limpar se precisarem d'isso. Qual é dos cavallos o melhor para carreira?

—Vulcano.

—E para fadiga?

—Bayard.

—E de qual gostas tu mais?

—De Rustand, senhor; é um bom animal, com que me entendo perfeitamente.

—E' forte, não é assim?

—E' atravessado, normando Mecklemburg, póde andar de dia e de noite.

—E' o que queremos. Farás dar descanço aos tres cavallos e limparás, ou mandarás limpar as minhas armas; e tu pega nas pistolas, e uma faca de matto.

—Então teremos de viajar, senhor? perguntou Monsqueton já algum tanto inquieto.

D'Artagnan sentiu redobrar-se-lhe o seu desassocego.

—Melhor que isso! respondeu Porthos.

—Teremos de fazer alguma expedição, senhor? disse o mordomo, cujas rosas se começavam a transformar em lirios.

—Entramos no serviço, Mouston! respondeu Porthos, esforçando-se por dar ao bigode aquelle geito marcial que tinha perdido.

Acabavam apenas estas palavras de ser pronunciadas, quando Mousqueton foi agitado de um tremor que lhe abalava as pernas; fixou o official com um inexprimivel ar de terna reprehensão, que d'Artagnan não poude supportar sem se enternecer; depois vacilou, e com uma voz suffocada:

—Ao serviço! ao serviço dos exercitos do rei? disse elle.

—Sim, e não. Vamos entrar em campanha, procurar to-

da a sorte de aventuras, tomar finalmente a vida d'outr'ora.

Estas ultimas palavras produziram em Mousqueton o mesmo effeito que teria produzido um raio. Era este outr'ora tão terrivel que fazia o *agora* tão dôce.

—Oh! meu Deus! Que ouço? exclamou Mousqueton, dirigindo a d'Artagnan um olhar ainda mais supplicante que o primeiro.

—Que queres, meu pobre Mousqueton? disse d'Artagnan, a fatalidade...

Não obstante a precaucão tomada por d'Artagnan, de o não tratar por tu, e de dar ao seu nome a medida que elle ambicionava, Mousqueton não sentiu menos o golpe, e foi este tão terrivel que saiu atterrado, esquecendo-se fechar a porta.

—Este bom Mousqueton, não cabe em si de alegria! disse Porthos com o tom que D. Quichote empregaria para animar Sancho Pança a sellar o seu ruço para uma ultima campanha.

Tendo ficado sós, os dois amigos, principiaram a fallar do futuro e a formar milhares de castellos no ar. O bom vinho que Mousqueton trouxera, fazia-lhes vêr, a d'Artagnan uma reluzente perspectiva de dobrões e pistolas, a Porthos o cordão azul e manto ducal. O facto é que dormiam sobre a meza quando os vieram chamar para se deitarem.

Comtudo, no dia seguinte, Mousqueton foi alguma cousa confortado por d'Artagnan, que lhe disse que a guerra provavelmente se faria sempre dentro de Paris e á porta do castello du Vallon, que era de Corbeil; de Bracieux, que era perto de Melou, e de Pierrefonds, que era entre Compiegne e Villers-Cotterets.

—Mas parece-me que n'outro tempo... disse timidamente Mousqueton.

—Oh! disse d'Artagnan, não se fará guerra como n'outro tempo. Hoje são negocios diplomaticos; pergunte-o a Planchet.

Mousqueton foi ter com o seu antigo amigo, que o confirmou em tudo o que disséra d'Artagnan; mas accrescentou: n'esta guerra os prisioneiros correm o risco de ser enforcados.

—Irra! disse Mousqueton, parece-me que antes desejava o cêrco da Rochella.

Porthos, depois de ter mandado matar um cabrito para o seu hospede, depois de o ter levado das suas florestas á sua montanha, da sua montanha aos lagos, depois de lhe mostrar os seus galgos, matilha, Gredinet, tudo emfim que elle possuia, e depois de tres outros banquetes sumptuosos, perguntou a d'Artagnan as suas instrucções definitivas, porque este via-se obrigado a continuar a sua jornada.

—Meu amigo! disse d'Artagnan são-me precisos quatro dias para ir d'aqui a Blois, um dia para ir la ficar, tres ou quatro dias para voltar a Paris. Parta pois em uma semana com as equipagens: descerá a rua de Tiquetone, na hospedaria de la Chevrette, e ahi esperará pela minha chegada.

—Está dito, disse Porthos.

—Vou ter com Athos sem esperança, disse d'Artagnan, mas apezar de o julgar já incapaz, é preciso comtudo observar a etiqueta para com os amigos.

—Se eu fosse comsigo, disse Porthos, talvez isso me distraisse.

—E' possivel, e a mim tambem; mas não teria então tempo de fazer os seus preparativos.

—E' verdade, disse Porthos. Parta então, quanto a mim sinto-me com o melhor animo.

—A's mil maravilhas! disse d'Artagnan.

E separaram-se nos limites da terra de Pierrefonds, até onde o quiz acompanhar o seu amigo.

—Ao menos não serei só, dizia comsigo d'Artagnan tomando a estrada de Villers-Cotterets, ao menos não serei só. O diabo de Porthos ainda está bem vigoroso. Se Athos vem, então bem! seremos tres para zombar d'Aramis, d'aquelle sotaina namoradeiro.

Em Villers-Cotterets escreveu ao cardeal.

«Meu senhor, já tenho um para offerecer a vossa eminencia, e este vale por vinte homens. Parto para Blois, o conde de la Fére habita o castello de Bragelonne nos arrabaldes d'esta cidade.»

E feito isto tomou a estrada de Blois, conversando com

Planchet, que era para elle uma grande distracção n'esta longa jornada.

XV

Duas cabeças de Anjo

Era longa a estrada; mas d'Artagnan não se inquietava; sabia que os seus cavallos tinham passado bem em casa do sr. de Bracieux: principiou por isso confiadamente a sua jornada seguido do seu fiel Planchet.

Como já dissemos, estes dois homens para se distrairem do enfado da jornada, caminhavam a par um do outro, e conversavam sempre juntos. D'Artagnan tinha-se pouco a pouco despido do caracter de amo, e Planchet deixára juntamente a libré de lacaio. Era um matreiro, que, desde a sua burguezia improvizada, sentia muitas vezes a saudade dos regalados banquetes, da brilhante companhia dos cavalleiros, e que, conhecendo-se com algum valor pessoal, desdenhava de se ver em perpetuo contacto com gente de fracas idéas.

Bem depressa se elevou ao posto de confidente d'aquelle que elle chamava ainda seu amo. D'Artagnan havia já muitos annos que não abrira o seu coração; aconteceu pois que estes dois homens ao encontrarem-se se entenderam admiravelmente. De mais, Planchet não era um companheiro de aventuras de todo vulgar; era homem de bons conselhos; sem procurar o perigo, não recuava aos golpes, como d'Artagnan muitas vezes tivera occasião de vêr; emfim, tinha sido soldado, e as armas ennobrecem, e além d'isto, o que era de mais peso, se Planchet tinha necessidade d'elle, Planchet não lhe era de todo inutil.

Foi pois tratando-se quasi como dois bons amigos, que d'Artagnan e Planchet chegaram a Blaisois.

Pelo caminho d'Artagnan dizia meneando a cabeça, e voltando á sua idéia fixa:

—Sei perfeitamente que a minha visita a Athos será inutil e absurda, mas eu devo este proceder para com o meu antigo amigo, o homem mais nobre e generoso.

—O sr. Athos era um soberbo cavalleiro! disse Planchet.

—Não é verdade? replicou d'Artagnan.

—Espalhando o dinheiro como o ceu a saraiva, continuou Planchet; empunhando a espada que parecia um rei. Lembra-se ainda do duello que elle teve com os inglezes na cerca dos carmelitas. Ah! como estava formoso n'esse dia, quando disse ao seu adversario: «Exigiu que lhe dissesse o meu nome, senhor; tanto peior para si, porque vejo-me obrigado á matal o!» Eu estava ao pé d'elle, e ouvi-lh'o dizer. São *ipsis verbis* as suas palavras. E vi-o, senhor, quando elle varou o seu adversario, como o tinha dito, o qual caiu redondamente, sem mesmo dizer ai! Ah! senhor, repito-o, o sr. Athos era um soberbo cavalleiro.

—Sim, disse d'Artagnan, tudo isso é verdade, mas um só defeito lhe terá causado a perda de todas essas boas qualidades.

—E' verdade, ainda me lembro de que elle gostava muito de beber, ou para melhor dizer, bebia-lhe bastante, mas não como os outros. Os seus olhos não exprimiam nada quando levava o copo aos labios. Quanto a mim, parece-me que o ouvia murmurar: «Entra, licor! e desterra as minhas maguas.» E quando elle lhe quebrava o fundo de um copo, ou o gargalo de uma garrafa! só elle era capaz d'isso.

—Não ha duvida! mas queres saber hoje o triste espectaculo que nos espera? Esse nobre fidalgo de olhar altivo, esse gentil cavalheiro tão radiante com as armas, que era admirado sempre quando tinha a espada na mão, em logar do bastão de commando, vel-o-hemos transformado em decrepito ancião, de naris vermelho, e olhos lacrimosos. Talvez o vamos encontrar sobre alguma relva, d'onde nos contemplará com olhar terno, e póde acontecer que nos não reconheça! Deus é testemunha, Planchet, que eu fugiria d'este triste espectaculo, se não tivesse de prestar o meu respeito para com essa sombra illustre do glorioso conde de La Fére, que tanto amamos.

Planchet meneou a cabeça, e não disse palavra; conhecia-se facilmente que partilhava os receios de seu amo.

—E, continuou d'Artagnan, além d'essa decrepitude, porque Athos é agora já velho, talvez a miseria, porque de certo terá esperdiçado o pouco que possuia; e o mal arranjado Grimaud mais mudo que nunca e mais bebado ainda que seu amo... tudo isto, Planchet, me despedaça o coração.

—Parece-me que estou já lá, e que o vejo andar gaguejando e cambaleando, disse Planchet n'um tom de piedade.

—Confesso que o meu unico receio, replicou d'Artagnan, é que Athos não acceite as minhas proposições n'algum momento de embriaguez guerreira. Seria para Porthos e para mim uma grande desgraça, e principalmente um verdadeiro embaraço; mas durante a sua primeira orgia, deixal-o-hemos; em voltando a si, então comprehenderá.

—Em todo o caso, senhor, disse Planchet, julgo que não trataremos de ficar livres de duvidas, porque me parece que aquelles altos muros, em que o sol está batendo de chapa, são os muros de Blois.

—É provavel, respondeu d'Artagnan, e aquelles campanarios ponteagudos e esculpidos teem algumas parecenças com o que ouvi dizer a Chambort

—Entraremos na cidade? perguntou Planchet.

—Certamente, para nos informarmos.

—Ah! senhor, já que lá entramos, aconselho-o de provar certos piresinhos de crême que eu tenho ouvido elogiar muito, mas que desgraçadamente não é possivel fazel-o ir a Paris.

—Comeremos d'elles, fica descançado, disse d'Artagnan.

N'este momento um dos pesados carros, puxados por bois, que acarretam a lenha das bellas florestas que n'este paiz se estendem até ás porta de La Loire, desembocou d'um caminho, bastante trilhado por carros, para a estrada por onde iam os nossos dois cavalleiros. Acompanhava-o um homem, armado de uma comprida vara com um bico na ponta e com a qual picava os bois.

—Olá, meu amigo, gritou Planchet ao carreiro.

—Em que posso ser-lhes prestavel, meus senhores? perguntou o camponez com aquella pureza de lingua particular aos naturaes d'este paiz, e que fazia envergonhar os cidadãos puristas da praça de Sarbonne e rua da Universidade.

—Procuramos a casa do sr. conde de la Fére, disse d'Artagnan, conhece d'este nome algum senhor dos arredores.

O camponez tirou o chapeu ao ouvir pronunciar este nome, e respondeu:

—Meus senhores, esta lenha que acarreto é para elle; cortei-a no bosque, e conduzo-a para o seu palacio.

D'Artagnan não quiz interrogar mais o homem; repugnava lhe ouvir da boca de um outro, o que elle mesmo dissera a Planchet.

—O palacio, dizia elle comsigo, o palacio! Ah! comprehendo! Athos obrigaria, do mesmo modo que Porthos, os seus camponezes a tratarem-o por excellencia, e a chamar palacio á sua casinhola; este bom Athos, tinha a mão pesada, principalmente quando bebia.

Os bois caminhavam vagarosamente, D'Artagnan e Planchet iam atraz do carro. Esta demora impacientou-os.

—É este o caminho, perguntou d'Artagnan ao carreiro, e podemos seguil-o sem medo de errar?

—Sim, senhor, póde seguil-o, em logar de ir acompanhando estes animaes tão vagarosos. Não tem a andar mais que meia legua; descobrirá um palacio á direita, que já d'aqui se divisaria, se não fosse aquelle bosque de choupos que o não deixa ver. Esse palacio não é Bragelonne, é La Valliére; passará adiante, a distancia de tres tiros de mosquête está uma casa branca, com telhados ardoziados, edificada n'uma pequena collina plantada de enormes sycomoros; é o palacio do sr. conde de la Fére.

—E esta meia legoa é comprida? perguntou d'Artagnan, porque ha legoas de legoas no nosso bello paiz de França.

—Com as boas pernas dos seus cavallos, gastarão quando muito, dez minutos.

D'Artagnan, agradeceu ao carreiro, e picou o cavallo; depois, inquieto, a pesar seu, pela idéa de tornar a ver o homem singular que amára tanto, e que, com os seus conselhos e exemplo, tanto contribuira para a sua educação de cavalheiro, encurtou pouco a pouco o passo do seu cavallo e continuou a andar cabisbaixo como um homem que está meditando.

Planchet achára tambem no encontro e attitude d'este camponez, materia para sérias reflexões. Nunca, nem na Normandia, nem no Franco-Condado, nem no Artois, nem na Picardia, paizes que elle particularmente tinha habitado, encontrára entre os aldeões este porte desembaraçado, este ar civilisado, esta linguagem apurada. Ia tentado a acreditar que na pessoa d'aquelle carreiro vira algum fidalgo, frondista como elle, que, por motivos politicos, se vira obrigado a disfarçar-se.

Bem depressa, na volta da estrada, os olhos dos viandantes depararam, como dissera o carreiro, com o solar de La Valière, um quarto de legoa mais adiante, a casa branca, mettida entre os seus sycomoros, desenhava-se á vista no fundo de um basto pomar de arvores que a primavera apolvilhava de flores.

A' sua vista, d'Artagnan, que de ordinario era pouco dado a emoções, sentiu que uma inquietação extraordinaria lhe penetrava até ao mais recondito do coração; tão poderosas são por toda a vida as recordações da mocidade! Planchet que não tinha os mesmos motivos de impressão, estupefacto de ver seu amo tão agitado, olhava alternativamente para d'Artagnan e para a casa.

Mais adiante alguns passos, o mosqueteiro achou-se em frente de uma grade de ferro, feita segundo o gosto da época.

Viam-se por essa grade jardins esmeradamente cultivados, um pateo espaçoso, em que passeavam muitos cavallos á mão varios criados de differentes librés, e uma carroagem puchada a dois cavallos do paiz.

—Ou nos enganámos, ou aquelle homem nos enganou, disse d'Artagnan, não é possivel que seja a habitação de Athos Meu Deus! terá elle morrido, e pertencerá esta propriedade

a alguem do seu nome. Apeia-te, Planchet, e vae informar-te confesso que me falta a coragem.

Planchet apeou-se.

—Accrescentarás, disse d'Artagnan, que um cavalheiro, que vae de passagem, deseja ter a honra de cumprimentar o sr. conde de La Fére, e se ficar satisfeito com os indicios que te derem, então nomeia-me.

Planchet levando pela redea o seu cavallo, approximou-se do portão, bateu á argola da grade, e immediatamente um homem de cabellos grisalhos, mas robusto ainda, não obstante a sua edade, se apresentou a receber Planchet.

—E' aqui que mora o sr. conde de La Fére? perguntou.

—O sr. Grimaud não se acha agora cá, disse o porteiro começando a examinar Planchet dos pés até á cabeça, por não estar costumado a similhantes interrogatorios.

—Então, exclamou Planchet contentissimo, vejo que é o mesmo conde de La Fère que nós procuramos. Abra então, porque eu desejaria annunciar ao sr. conde de La Fère que meu amo, um cavalheiro dos seus amigos, deseja cumprimental-o.

—Porque não disse isso ha mais tempo! disse o porteiro abrindo a grade. Mas seu amo onde está?

—Vem ahi.

O porteiro abriu a grade e precedeu Planchet, acenando este para d'Artagnan, que, com o coração mais palpitante que nunca entrou no pateo a cavallo.

Quando Planchet chegou ao patamar da escada, ouviu uma voz que saía de uma sala baixa, e que dizia:

—Então onde está esse cavalheiro, e porque o não conduzem.

Essa voz, que chegou a ferir os ouvidos de d'Artagnan, despertou em seu coração mil recordações que estavam esquecidas. Apeou-se precipitadamente, emquanto que Planchet, com o sorriso nos labios, se aproximava do dono da casa.

—Mas eu conheço este rapaz, disse Athos que apparecia então no limiar da porta.

—Oh! sim, sr. conde, conhece-me, e eu tambem o co-

nheço perfeitamente. Sou Planchet, sr. conde, Planchet, bem sabe...

Mas o honrado rapaz não poude dizer mais, tanto a presença inesperada do conde o tinha impressionado!

—Quê! Planchet! exclamou Athos. O sr. d'Artagnan estará por acaso aqui?

—Aqui me tem, amigo! aqui me tem, caro Athos, disse d'Artagnan, balbuciando, e quasi vacillante.

A estas palavras uma visivel emoção se pintou tambem no bello rosto e tranquillas feições d'Athos. Deu rapidamente dois passos para d'Artagnan sem desviar os olhos d'elle, e apertou-o com ternura nos seus braços. D'Artagnan, livre da perturbação, apertou-o por sua vez com uma cordealidade que reflectia nas lagrimas que lhe borbulhavam dos olhos.

Athos tomou-o então pela mão, que elle apertava entre as suas, e conduziu-o ao salão, onde estavam reunidas muitas pessoas, que se levantaram logo.

—Tenho a honra de lhes apresentar, senhores, disse Athos, o cavalheiro d'Artagnan, tenente dos mosqueteiros de sua magestade, um amigo meu de coração, e um dos mais bravos e amaveis cavalheiros que na minha vida conheci.

D'Artagnan, segundo a etiqueta, recebeu os cumprimentos dos assistentes, retribuiu-os o melhor que poude, tomou logar no circulo, e, em quanto a conversação por um momento interrompida se tornava geral, pôz-se a examinar Athos.

Cousa extraordinaria! Athos tornára-se apenas um pouco mais velho. Seus bellos olhos, sem terem esse circulo de bistre frequente nos velhos e nos dados á embriaguez, pareciam maiores e de um fluído mais puro que nunca: seu rosto, um pouco comprido, ganhára em magestade, o que perdera em agitação febril; sua mão, sempre admiravelmente bella e nervosa, apesar da flexibilidade das carnes, resplandecia debaixo de um punho de renda, como certas mãos de Ticiano e Van-Dick; estava agora ainda mais esbelto que outr'ora; seus longos cabellos negros, premeados apenas de alguns ruços, caíam-lhe sobre os hombros elegantemente e em ondulações; a sua voz era ainda fresca como se tivesse vinte e

cinco annos, e os seus magnificos dentes, que sempre conservára brancos e intactos, davam um indizivel encanto ao seu sorriso.

Entretanto os hospedes do conde, que conheceram a frieza imperceptivel de entertenimento, porque os dois amigos ardiam em desejos de se acharem sós, começaram com toda a arte e politica d'outr'ora, a preparar a sua partida, o principal cuidado das pessoas da alta sociedade; mas n'este comenos um grande latido de cães soou pelo pateo, e muitas pessoas disseram ao mesmo tempo:

—Ah! é Raul que chega.

Athos, ao ouvir o nome de Raul, fixou d'Artagnan, e pareceu querer descobrir a curiosidade que este nome fazia apparecer nas suas feições. Mas d'Artagnan ainda nada comprehendia, ainda não estava bem livre da sua agitação. Voltou-se quasi machinalmente, quando um bello rapaz de quinze annos, vestido com simplicidade, mas com um gosto apurado, entrou na salão, tirando graciosamente o seu chapeu ornado de grandes plumas vermelhas.

Todavia, este novo personagem inteiramente desconhecido arrebatou-o. Um mundo de idéas novas se lhe apresentava ao espirito explicando-lhe a mudança de Athos, que até então lhe tinha parecido inexplicavel. Uma singular similhança entre o joven e o cavalheiro, explicava-lhe o mysterio d'esta vida regenerada. Esperou, olhando e escutando.

—Eil-o de volta, Raul! disse o conde.

—Sim, senhor, respondeu o rapaz com respeito, cumpri o que me ordenou.

—Mas que tem, Raul? tornou Athos com sollicitude, está pallido e parece-me agitado.

—Isso provém, senhor, de uma desgraça, que acaba de succeder á nossa joven visinha.

—A menina la Vallière? perguntou vivamente Athos.

—Que lhe succedeu? perguntaram algumas vozes.

—Passeava com a sua boa Marcellina na tapada, onde os lenheiros racham as arvores, quando passando eu a cavallo divisei-a e parei. Ella viu-me tambem, e querendo saltar do alto de uma pilha de lenha, para onde tinha subido, o pé da

pobre menina caiu em falso e não se poude tornar mais a levantar. Parece-me que torceu o tornozello.

—Oh! meu Deus! disse Athos, e sua mãe, a sr.ª de Saint-Remy, foi prevenida?

—Não, senhor, a sr.ª de Saint-Remy está em Blois na companhia da sr.ª duqueza de Orleans. Reccei que os primeiros soccorros não fossem bem applicados, e corri a tomar o seu parecer.

—Mande depressa a Blois, Raul! ou antes tire um cavallo, e vá o senhor mesmo.

Raul inclinou-se.

—Mas onde está Luiza? continuou o conde.

—Trouxe-a para aqui, e deixei-a em casa da mulher de Carlos, que lhe metteu o pé n'agua fria.

Apoz esta explicação, que dava um pretexto para a saída; os hospedes d'Athos despediram-se d'elle; só o velho duque de Barbé, que tinha familiaridade com a casa de la Vallière em virtude de uma amisade de vinte annos, foi ver a menina Luiza, que chorava, e que ao ver Raul enxugou os seus bellos olhos e sorriu immediamente.

O duque própoz conduzir a menina Luiza para Blois na sua carruagem.

—Tem razão, senhor, disse Athos, mais depressa estará na companhia de sua mãe; quanto a si, Raul, estou certo que procedeu irreflectidamente, e que isto foi culpa sua.

—Oh! não, não, senhor, eu juro-lhe! exclamou a menina, emquanto que o mancebo empallidecia com a lembrança de que talvez fôra elle a causa d'este accidente...

—Oh! senhor, certifico-lhe... murmurou Raul.

—Irá sempre a Blois, continuou o conde com bondade, e apresentará as suas e minhas desculpas á sr.ª de Saint-Remy, depois voltará.

Os olhos do mancebo tornaram a adquirir a sua côr natural; depois de ter consultado os olhos do conde, tomou em seus braços já vigorosos a menina, cuja formosa cabeça dolorida e alegre ao mesmo tempo, pousava no seu hombro, e foi collocal-a docemente na carruagem; depois saltando no seu cavallo com a elegancia e agilidade de um escudeiro consumado, depois de ter saudado Athos e d'Artaguan, afas-

tou-se rapidamente, acompanhando a portinhola da carruagem, no interior da qual iam sempre fixos os seus olhos.

XVI

O palacio de Bragelonne

D'Artagnan permanecera durante toda esta scena com os olhos espantados e bocca semi-aberta; achava as cousas de tal forma contrarias ao que elle até ali tinha pensado, que estava como que estupefacto.

Athos tomou-o pelo braço e conduziu-o ao jardim.

—Em quanto nos preparam a ceia, disse elle sorrindo, não levará a mal, não é verdade meu amigo? que o esclareça um pouco em todo este mysterio que lhe dá que pensar?

—É verdade, sr. conde, disse d'Artagnan, que conhecia que Athos retomára sobre elle aquella immensa superioridade de aristocracia, que sempre tivera.

Athos fixou-o com um doce sorriso.

—Meu caro d'Artagnan, aqui não ha senhor conde. Se lhe chamei cavalheiro, foi para o apresentar aos meus hospedes, para que soubessem quem era; mas para si, d'Artagnan, espero que continuarei a ser sómente Athos, seu companheiro, seu amigo. Preferirá o ceremonial porque já me não ama tanto?

—Oh! Deus me defenda de tal! disse o gascão com um d'esses impetos da mocidade que raramente se encontram na edade madura.

—Então voltemos ao nosso costume, e, para começar, sejamos francos. Tudo aqui o espanta, não é assim?

—Muitissimo.

—Mas o que o espanta mais sou eu, não é verdade? disse Athos sorrindo.

—Confesso que sim.

—Sou ainda novo, não é verdade, apesar dos meus quarenta e nove annos, sou ainda bem parecido.

—Ao contrario, disse d'Artagnan prompto a passar ainda além da recommendação de franqueza que lhe fizera Athos, não é o absolutamente.

—Ah! comprehendo, disse Athos córando, nada ha que não tenha um fim, a loucura tambem o tem como qualquer outra cousa.

—Além d'isso, parece que se operou grande mudança na sua fortuna. Vive n'uma casa magnifica, que lhe pertence, segundo presumo.

—Sim; são os poucos bens, como já lhe disse, meu amigo, que eu herdára, quando deixei o serviço.

—Tem parque, cavallos, equipagem.

Athos sorriu-se.

—O parque tem vinte geiras, meu amigo, disse elle; vinte geiras, em que estão incluidas as hortas. Os meus cavallos reduzem-se a dois; bem entendido, não contando com o do meu creado. As minhas equipagens reduzem-se a quatro cães de caça, dois galgos e um cão de guarda; e ainda todo este luxo de matilha não é por meu respeito, acrescentou elle sorrindo-se.

—Sim, comprehendo, disse d'Artagnan, é para Raul.

E d'Artagnan fixou Athos com um sorriso involuntario.

—Adivinhou, meu amigo! disse Athos.

—E esse mancebo é seu commensal, seu afilhado, seu parente talvez! Ah! como está mudado, meu caro Athos.

—Esse rapaz, respondeu Athos com tranquillidade, esse rapaz, d'Artagnan, é um orphão que sua mãe abandonou em casa de um pobre cura de aldeia; nutrio-o e creei-o.

—Deve amal-o.

—Julgo que me ama como se eu fôra seu pae.

—E é reconhecido?

—Oh! quanto a reconhecimento, disse Athos, devo-lhe tanto quanto elle me deve; eu não lh'o digo a elle, mas digo-o a si d'Artagnan, sou-lhe ainda obrigado.

—Como assim? disse o mosqueteiro admirado.

—E' o que lhe digo; é elle que tem operado em mim a mudança que vê; ia-me finando como uma pobre arvore isolada, que não tem nada sobre a terra; só uma affeição profunda me poderia fazer prender as raizes na vida. Uma amante? era muito velho. Amigos? já os não possuia. Pois bem! este rapaz fez-me achar tudo quanto eu perdera; não tinha coragem de viver para mim, tenho vivido para elle. As lições valem de muito para um rapaz, mas o exemplo é mil vezes melhor. Tenho-lhe dado exemplo, d'Artagnan. Corrigi-me dos vicios que tinha: e tenho-me esforçado por adquirir as virtudes que não possuia. Não julgo abusar, d'Artagnan, mas Raul está destinado a ser um dos cavalheiros mais perfeitos, que estes nossos desgraçados tempos podem apresentar.

D'Artagnan fixava Athos com uma admiração crescente. Passeavam pela allea fresca e sombria, atravez da qual filtravam alguns raios de sol no occaso. Um d'esses raios doirados allumiava o rosto de Athos, e os seus olhos pareciam retribuir o morno e tranquillo fogo da tarde que estavam recebendo.

A lembrança de *Milady* occorreu a d'Artagnan.

—E é feliz? perguntou elle ao amigo.

O olhar penetrante d'Athos pareceu profundar até ao mais intimo do coração de d'Artagnan, e ler-lhe ali o seu pensamento.

—Tão feliz, como é permittido a uma creatura de Deus sel-o sobre a terra. Mas acabe o seu pensamento, d'Artagnan, porque não m'o disse todo.

—E' terrivel, Athos, nada se lhe póde occultar, disse d'Artagnan. Pois bem! eu queria perguntar-lhe se não tem ás vezes movimentos inesperados de terror, que se assimilham...

—A remorsos?! continuou Athos. Eu concluo a sua phrase, meu amigo. Sim, e não: não os tenho, porque julgo que aquella mulher merecia a pena que soffreu; não os tenho,

porque se a tivessemos deixado viver, teria, sem duvida alguma, continuado a sua obra de destruição; mas com isto não quero dizer, amigo, que tivessemos o direito de fazer o que fizemos. Talvez que todo o sangue derramado requeira uma expiação; ella já teve a sua; talvez que tambem nós venhamos a cumprir a nossa.

—Já por differentes vezes tenho pensado como o senhor, disse d'Artagnan.

—Essa mulher tinha um filho.

—Sim.

—Ouviu alguma vez fallar d'elle?

—Nunca.

—Deve ter vinte e tres annos, murmurou Athos; penso muitas vezes n'esse rapaz, d'Artagnan.

—E' singular; e eu tinha-o esquecido!

Athos sorriu-se melancolicamente.

—E lord de Winter, sabe alguma cousa d'elle?

—Sei que é muito querido do rei Carlos I.

—Terá tido a mesma fortuna que elle, que presentemente é bem desgraçado. Olhe, d'Artagnan, isso comprova o que eu lhe disse ha pouco. Elle permittiu que se derramasse o sangue de Straford; o sangue requer sangue. E a rainha?

—Que rainha?

—Henriqueta de Inglaterra, a filha de Henrique IV?

—Está no Louvre, como sabe.

—Sim, onde lhe falta tudo. não é verdade? Durante os grandes frios do inverno, sua filha doente via-se obrigada a estar deitada, pela falta de lenha. Ouve isto? disse Athos sorrindo. A filha de Henrique IV tiritando de frio por falta de lenha. Porque, em vez de ir pedir hospitalidade a Mazarino, a não veiu pedir a qualquer de nós!? Nada lhe faltaria.

—Então conhece-a, Athos!

—Não, mas minha mãe viu-a quando menina. Já lhe tinha dito que minha mãe fôra dama de honor de Maria de Medicis?

—Nunca. O senhor não costuma dizer essas cousas, Athos.

—Ah! meu Deus! se a visse, replicou Athos: mas é preciso que haja occasião.

—Porthos não a esperaria com tanta paciencia, replicou d'Artagnan com um sorriso.

—Cada qual tem seu genio, meu caro d'Artagnan. Porthos, não obstante alguma vaidade, tem qualidades excellentes. Viu-o?

—Deixei-o ha cinco dias.

E d'Artagnan, com todo o seu humor gascão contou a Athos todas as magnificencias de Porthos no seu solar de Pierrefonds, não deixando de mencionar tambem o excellente ar Mouston.

—Admiro, replicou Athos sorriudo-se com aquella alegria que lhe recordáva o seu bom tempo, que nós formassemos n'outro tempo ao acaso uma sociedade de homens ainda hoje tão ligados uns aos outros apesar de vinte annos de ausencia. A amisade lança raizes bem profundas nos corações honrados, d'Artagnan, Só os maus negam a amizade, porque a não conhecem. E Aramis?

—Vi-o tambem, mas pareceu-me frio.

—Ah! viu tambem Aramis, continuou Athos, fixando d'Artagnan com o seu olhar investigavor. Então meu caro amigo, é uma verdadeira perigrinação que fez ao templo da amizade, como dizem os poetas.

—Mas... sim, disse d'Artagnan embaraçado.

—Aramis, como sabe, é naturalmente frio; depois está sempre envolvido nas suas intrigas amorosas.

—Creio que agora tem uma bastante complicada, disse d'Artagnan.

Athos não respondeu.

—Não é curioso, pensou d'Artagnan.

Não só Athos não respondeu, mas até mudou de conversa.

—Olhe, disse Athos observando a d'Artagnan que se achavam já ao pé do palacio, em uma hora de passeio demos quasi uma volta á roda dos meus dominios.

—Tudo aqui é encantador, e principalmente tudo aqui revela seu o senhor, respondeu d'Artagnan.

N'este momento ouviram-se passos de um cavallo.

—E' Raul que volta, vamos saber noticias da pobre menina.

Effectivamente o rapaz assomou á grade. e entrou no pateo todo coberto de poeira; depois de se ter apeado, e deitado as redeas aos braços de uma especie de palatreneiro, veio saudar o conde e d'Artagnan com uma politica respeitosa.

—Este senhor, disse Athos pondo a mão no hombro de d'Artagnan, é o cavalheiro d'Artagnan, de que tantas vezes me tem ouvido fallar, Raul.

—Senhor. disse o rapaz saudando de novo e com mais respeito, o senhor conde tem pronunciado diante de mim o seu nome como o typo de cavalheiros intrepidos e generosos.

Este pequeno cumprimento não deixou de tocar d'Artagnan, que estendeu a mão para Raul dizendo-lhe.

—Meu joven amigo, os elogios que me têem feito devem recair todos no senhor conde, porque foi elle que me ensinou tudo, e não é culpa sua, se o discipulo não soube bem aproveitar-se; porém elle se indeminisára em si, estou certo disso. Gosto dos seus modos, Raul, e a sua cortesia impresionou-me.

Athos ficou contentissimo; olhou para d'Artagnan com reconhecimento, depois lançou sobre Raul um d'esses singulares sorrisos com que as creanças se ensoberbecem tanto.

—Agora, disse comsigo d'Artagnan, a quem não escapára este jogo mudo de phisionomia, já sei o que queria.

—Então? disse Athos, espero que o accidente não tenha resultados?

—Por hora nada se sabe, senhor, e o medico nada poude dizer por causa da inchação; receia-se no entanto que tenha algum nervo combalido.

—E não se demorou mais em casa da senhora de Saint-Remy?

—Receei de não chegar ás horas em que costuma cear, disse Raul, e por consequencia de o fazer esperar.

N'este momento um rapasito, meio camponez, meio lacaio, veio advertir que a ceia estava na meza,

Athos conduziu o seu hospede para uma sala de jantar muito simples, mas cujas janellas davam de um lado para o jardim e do outro para uma estufa, onde se viam maguificas flores. D'Artagnan lançou os olhos para a baixela; era magnifica: conhecia-se que era a porta da casa. O que porém attraiu mais a attenção de d'Artagnan foi um jarro de optima prata, que estava sobre um aparador.

—Ah! eis um trabalho primoroso, disse elle.

—Sim, respondeu Athos, é o primor de arte de um grande artista florentino, chamado Benvenuto Cellini.

—E que batalha é esta?

—É a de Mazarino. Foi na occasião em que um dos meus antepassados deu a espada a Francisco I, que acabára de partir a sua. Foi então que Enguerrand de la Fère, meu avô, foi feito cavalleiro de S. Miguel. Quinze annos mais tarde, o rei, porque se não esquecera que combatera tres horas com a espada de seu amigo Enguerrand sem ella se quebrar, fez-lhe presente d'este jarro e de uma espada que o sr. talvez visse n'outro tempo em minha casa, e que é egualmente uma obra delicada. Era o tempo dos gigantes, continuou Athos, a par d'elles parecemos uns pigmeus. A proposito, disse Athos para o creado, que estava servindo á meza, vá chamar Carlos.

O rapaz saiu e um instante depois voltou acompanhado do homem, a quem os dois viajantes se tinham dirigido quando chegaram.

—Meu querido Carlos, disse Athos, recommendo-lhe particularmente Planchet, o creado do sr. d'Artagnan, durante todo o tempo que elle aqui estiver; note que Planchet gosta de bom vinho, e, como o senhor tem as chaves das adegas, de-lhe do melhor. Elle tem passado mal estas noites, e, ha de estimar muito uma boa cama; tenha cuidado em tudo isto, peço-lhe.

Carlos inclinou-se e saiu.

—Carlos é tambem um bravo, disse o conde, ha dezoito annos que me serve.

—Em tudo pensa, disse d'Artagnan, agradeço por Planchet, meu caro Athos.

O rapaz abriu os olhos ao ouvir pronunciar este nome, e

reparou se era realmente ao conde que d'Artagnan fallava.

—Este nome parece-lhe extravagante, não é assim, Raul? disse Athos sorrindo, era o meu nome de guerra, quando o sr. d'Artagnan, dois valentes amigos, e eu faziamos as nossas proezas na Rochella, no tempo do defunto cardeal, e do sr. Bassompierre, que morreu pouco depois. Este senhor digna-se em me tratar ainda por este nome de amisade, e cada vez que o ouço sinto alegrar-se-me o coração.

—Este nome era muito celebre, disse d'Artagnan, e um dia gosou das honras do triumpho.

—Que quer dizer, senhor? perguntou Raul com a sua curiosidade juvenil.

—Palavra que não sei, disse Athos.

—Acaso esqueceu o forte de S. Gervasio, Athos, e aquelle guardanapo, de que trez ballas fizeram uma bandeira? Tenho melhor memoria do que o senhor, poque ainda me lembro perfeitamente e vou contar-lh'o, meu amigo.

E contou a Raul toda a historia do forte, como Athos lhe contára a de seu avô.

A esta narração o mancebo julgou ouvir um d'esses feitos de armas narrados por Tasso ou Ariosto, e que pertencem aos prestigiosos tempos da cavallaria.

—Mas o que d'Artagnan lhe não disse, Raul, replicou Athos, é que elle era uma das melhores espadas do seu tempo; jarrete de ferro, pulso de aço, e olhar seguro e ardente, eis o que elle offerecia ao seu adversario: tinha dezoito annos, tres annos mais que tu Raul, quando o vi pela primeira vez, batendo-se contra homens experimentados.

—E o sr. d'Artagnan foi vencedor? perguntou o moço cujos olhos faiscavam durante esta conversação, e que pareciam implorar as menores minucias.

—Parece-me que matei um! disse d'Artagnan interrogando com os olhos a Athos, quanto ao outro, não me recordo se o desarmei, se o feri.

—Sim, feriu-o. Oh! o sr. era um rude athleta!

—Mas ainda não estou muito fraco, replicou d'Artagnan com o seu sorrisosinho gascão, cheio de contentamento de si mesmo, e ultimamente ainda...

Fel-o calar um relancear d'olhos.

—Quero que o saiba, Raul, proseguiu Athos, já que se julgava um bom jogador de espada, e cuja vaidade poderia algum dia soffrer uma cruel decepção; quero que saiba quanto é perigoso o homem que reune o sangue frio á destreza, porque nunca poderei offerecer-lhe um exemplo mais conveniente: peça amanhã ao sr. d'Artagnan, se não estiver muito fatigado, que lhe dê uma lição.

—Diabo! meu caro Athos! o sr. é um bom mestre, sobretudo a respeito d'essas qualidades com que me está adulando. Ainda hoje Planchet me fallou do famoso duello na cerca dos Carmelitas com lord de Winter e seus companheiros. Meu querido amigo, continuou d'Artagnan, elle deve ter ahi em alguma parte uma famosa espada a que eu chamei muitas vezes a primeira do reino.

—Oh! eu teria estragado a mão com esta creança, disse Athos.

—Ha mãos que nunca se estragam, meu caro Athos, disse d'Artagnan, mas que estragam bastante os outros.

O moço desejaria prolongar a conversação por toda a noite; mas Athos observou-lhe que o seu hospede estava fatigado e que por isso carecia de repouso. D'Artagnan escusou-se por politica, mas Athos insistiu para que d'Artagnan fosse para o seu quarto; Raul foi acompanhal-o até lá, e como Athos pensou que elle se demoraria o mais que podesse ao pé de d'Artagnan para lhe ouvir as façanhas do seu tempo, foi elle mesmo buscal-o um instante depois, concluindo o dia por um aperto de mão bem amigavel, e dando as boas noites ao mosqueteiro.

XVII

A diplomacia de Athos

D'Artagnan deitou-se menos para dormir do que para estar só e pensar em tudo que vira e ouvira n'aquella noite.

Como era de uma bondade natural e como tivera antecedentemente uma inclinação instinctiva para Athos, que acabára por se converter em sincera amisade, ficou encantado de achar um homem brilhante de intelligencia e força em logar do bebado embrutecido, que esperava encontrar cozendo a sua embriaguez sobre algum monturo; aceitou, sem lhe custar muito, a superioridade constante de Athos sobre elle, e, em vez de sentir o ciume e inveja que entristeceria uma natureza menos generosa, não experimentou mais que uma alegria sincera e leal, o que lhe fez conceber as mais favoraveis esperanças para a sua negociação.

Parecia-lhe entretanto que Athos não era franco e claro a todos os respeitos. Quem era aquelle rapaz, que elle dizia ter adoptado, e que tinha com elle uma tão grande similhança? Que significava este regresso á vida do mundo, a esta sobriedade exaggerada, que notára á meza? Tudo dava que pensar a d'Artagnan, até mesmo uma cousa insignificante na apparencia, a ausencia de Grimaud, de quem outr'ora Athos se não podia separar, e cujo nome mesmo não fôra pronunciado apesar das occasiões que d'Artagnan dera para isso. Já não possuia portanto a confiança do seu amigo, ou Athos estava preso a alguma cadeia invisivel, ou fôra prevenido de antemão contra a visita que elle lhe fazia.

Lembrou-se então de Rochefort, e do que elle lhe dissera na egreja de Nossa Senhora. Teria Rochefort precedido d'Artagnan a casa de Athos?

D'Artagnan não tinha tempo que perder em longos estudos; por isso resolveu que logo no dia seguinte teria uma explicação com o seu amigo. A pouca fortuna de Athos, tão habilmente disfarçada, annunciava o desejo que tinha de parecer, e trahia um resto de ambição facil de despertar. O vigor de espirito e a clareza de idéas de Athos faziam d'elle um homem mais prompto que qualquer outro em tomar uma

decisão. Penetraria nos planos do ministro com tanto mais ardor, quanto a sua actividade necessaria se duplicára pela necessidade.

Estas idéas conservavam d'Artagnan acordado, não obstante a sua fadiga, traçando os seus planos de ataque e posto que soubesse que Athos era um rude adversario, fixou a sua attenção para depois do almoço do dia seguinte.

Pensava por outro lado que sobre um terreno inteiramente novo, era mister avançar com prudencia, estudar durante muitos dias os conhecimentos de Athos, seguir os seus novos costumes e tomar conta d'elles, esforçar-se por tirar da simplicidade do joven, ou jogando com elle as armas, ou correndo com elle alguma caça, as informações intermediarias que lhe faltavam para comparar o Athos d'outr'ora com o de agora; e isto não devia ser difficil, porque o percepor devia ter influencia no coração e espirito do seu discipulo.

Mas mesmo d'Artagnan, que se conhecia dotado de alguma tactica comprehendeu immediatamente todos os obstaculos contra que tinha a luctar, onde uma palavra indiscreta manifestaria a suas manobras ao olho practico de Athos.

Além d'isto, d'Artagnan, preparado para usar de astucia contra a firmeza de Aramis, ou a vaidade de Porthos, envegonhava-se de usar de rodeios com Athos, o homem franco, o coração leal. Parecia-lhe que reconhecendo-o superior em diplomacia, Aramis e Porthos o estimariam mais, em quanto que pelo contrario Athos o estimaria menos.

—Ah! porque rasão não está aqui Grimaud, o silencioso Grimaud? dizia d'Artagnan; ha muitas coisas no seu silencio que eu teria comprehendido; Grimaud tinha um silencio tão eloquento!

Entretanto todos os rumores se tinham successivamente extinguido; d'Artagnan ouvira fechar as portas e janellas; os cães, depois de se terem respondido uns aos outros no campo, tinham-se tambem por sua vez callado; finalmente um rouxinol, que duraute algum tempo no meio das trevas da noite soltára de um pomar de arvores os seus sons harmoniosos, adormecera tambem: no castello não se ouvia mais

que um ruido de passos monotono e egual por cima do seu quarto; d'Artagnan suppunha que era o quarto d'Athos.

—Anda meditando, pensou d'Artagnan, mas em que? é o que é impossivel adivinhar. Poder-se-hia saber o mais, mas isto é que não.

Por fim Athos deitou-se, porque mesmo este ultimo ruido se extinguiu.

O silencio e fadiga venceram d'Artagnan; fechou os olhos e quasi logo adormeceu.

D'Artagnan não era de muito dormir. Apenas rompeu a alva, saltou a baixo da cama e abriu as janellas; pareceu-lhe então ver atravez dos vidros alguem que andava no pateo evitando fazer bulha. Segundo o seu costume de não deixar escapar nada sem se certificar do que era, espreitou com attenção, e reconheceu o sobretudo, o os louros cabellos de Raul.

O rapaz, porque era exactamente elle, abriu a porta da cavallariça, tirou d'ella o cavallo baio, que já na vespera tinha montado, seliou-o elle mesmo com tal promptidão e destreza que faria inveja ao mais habil escudeiro, depois metteu o cavallo pela alea direita do jardim, que deitava para um caminho, tirou-o para fóra da porta, fechando-a de novo, e por cima da crista do muro d'Argnan viu-o passar veloz como uma frecha, curvando-se por debaixo dos ramos pendentes e floridos dos bordos e acacias.

D'Artagnan notára na vespera que este caminho ia dar a Blois.

—Oh! oh! disse o gascão, eis um excellente rapaz que faz já das suas, e que não parece partilhar o odio d'Athos contra o bello sexo: não vae caçar, porque não leva armas nem cães; não leva uma mensagem porque se occulta. De quem se occulta elle, de mim ou de seu pae?... Porque eu estou certo que o conde é seu pae... Eu o saberei logo, porque fallarei a Athos francamente.

Era já alto dia; todos os ruidos que na vespera ouvira extinguir-se successivamente se renovavam uns apoz outros; o passaro nos ramos; os cães no pateo; os carneiros nos campos; os bateis amarrados no Loire pareciam tambem animar-se, destacando-se da praia e deixando-se ir ao correr da

agua. D'Artagnan deixou-se ficar assim á janella para não acordar ninguem; porém depois que sentiu abrirem-se as portas e janellas da casa, passou a mão pelos cabellos, alisou mais uma vez o bigode, escovou, segundo o seu ostume, com a manga do seu gibão as abas do chapeu, e desceu. Tinha apenas chegado ao patamar da escada quando divisou Athos inclinado para o chão, e na attitude de um homem que procura alguma cousa.

—Bom dia, caro hospede, disse d'Artagnan.

—Bom dia, caro amigo, passou bem a noite?

—Perfeitamente, Athos. Mas que está ahi procurando com tanta attenção? Tornar-se-hia por acaso amador de tulipas?

—Meu caro amigo, não zombe de mim. No campo mudam muito os gostos, e chega-se a gostar, sem lhe prestar attenção, de todas as bellas cousas que a Natureza faz brotar do centro da terra, e que tanto são despresadas nas cidades, Estava eu vendo estes lirios, plantados por mim proprio n'este canteiro, e que foram calcados esta manhã. Estes jardineiros são as pessoas mais desastradas que ha; quando troxeram o cavallo da agua deixaram-no vir pisando o alegrete.

D'Artagnan sorriu-se.

—Ah! disse elle, pois acredita?

E levou o seu amigo pela rua do jardim, onde se viam impressos passos eguaes aos que calcaram os lirios, em maior numero.

—Parece-me que aqui tambem os ha; olhe, Athos, disse elle indifferentemente.

—Não ha duvida, e passos ainda de fresco.

—De fresco, repetiu d'Artagnan.

—Quem saiu por aqui esta manhã? perguntou Athos com inquietação. Fugiria algum cavallo?

—Não é possivel, porque os passos são eguaes e bem assentes.

—Onde está Raul? exclamou Athos, e como é possivel que ainda hoje o não visse?

—Silencio! disse d'Artagnan sorrindo-se e levando o dedo á bôca.

—Que aconteceu? perguntos Athos.

D'Artagnan contou então o que vira, reparando na phisionomia do seu hospede.

—Ah! agora já sei, disse Athos fazendo um leve movimento de hombros; o pobre rapaz foi a Blois.

—Para que?

—Ora! para saber do estado da menina La Valliére. Sabe que esta menina torceu hontem um pé?

—Acredita? disse d'Artagnan incredulo.

—Não sómente acredito, mas estou certo, respondeu Athos. Não reparou ainda que Raul está namorado?

—De quem? d'essa menina de sete annos?

—Meu caro, na edade de Raul está o coração tão cheio, que é preciso desvial-o para alguma parte, quer sonho, quer realidade. Pois bem: o seu amor para elle, é metade um, metade outra.

—Está gracejando! aquella menina!... Não viu hontem? É a mais linda creatura que existe: cabellos de um louro prateado, olhos azues já seductores e languidos ás vezes.

—Mas qne diz d'esse amor?

—Eu nada, rio e zombo de Raul; mas as primeiras necessidades do coração são de tal maneira imperiosas; estas effusões da melancolia amorosa entre as crianças são tão doces e amargas ao mesmo tempo, que isto parece ter, muitas vezes, todos os caracteres da paixão. Eu recordo-me que na edade de Raul me namorei de uma estatua grega que o bom Henrique IV tinha dado a meu pae, e pensei enlouquecer de dôr, quando se me disse que a historia de Pygmalião não passava de uma fabula.

—E' descuido. O senhor não occupa sufficientemente Raul, procura elle occupar-se pelo seu lado.

—Já pensei em o apartar d'aqui.

—E fazia bem.

—Certamente; mas isso ser-lhe-hia bastante doloroso, e soffreria como se fosse um verdadeiro amor. Ha tres ou quatro annos, e então era elle ainda creança, habituou-se a admirar este pequeno idolo, que acabaria um dia por adorar, se aqui permanecesse. Estas creanças meditam todo o dia juntos, e conversam ácerca de milhares de cousas serias, como

verdadeiros amantes de vinte annos. Durante muito tempo foi isto causa de riso para os parentes da menina La Valliére, mas parece-me que já começam a franzir as sobrancelhas.

—Creancisse! mas Raul carece de distrair-se; aparte-os mais depressa d'aqui, ou não fará d'elle nunca um homem.

—Parece-me, disse Athos, que o vou mandar para Paris.

—Ah! exclamou d'Artagnan.

E pensou que era chegado o momento de principiar as hostilidades.

—Se quizer, disse elle, podemos fazer a fortuna d'esta creança.

—Ah! exclamou por sua vez Athos.

—Quero mesmo consultal-o sobre uma cousa que me passou pela cabeça.

—Então falle.

—Acredita que chegou a occasião de tornarnos a entrar no serviço.

—Porquê? o senhor não tem estado sempre ao serviço, d'Artagnan?

—Não fallo d'esse, do serviço activo. Não acha na vida d'outro tempo nada que o tente, e, se o esperassem vantagens reaes, não seria capaz de começar na minha companhia e na do nosso amigo Porthos as proezas da nossa mocidade?

—Então é uma proposta que me faz?

—Simples e franca.

—Para entrar em campanha?

—Sim.

—Da parte de quem e contra quem? perguntou de repente Athos fixando no gascão o seu olhar investigador.

—Ah! com a breca! é muito apressado!

—E' essencial sabel-o. Olhe, d'Artagnan: um homem como eu, só póde ser util a uma pessoa, ou para melhor dizera uma causa, a do rei.

—E' exactamente o que se exige, disse o mosqueteiro.

—Sim; mas entendamo-nos, replicou seriamente Athos, se, pela causa do rei, entende a d Mazarino, deixamos d e nos comprehender.

—Eu não digo exactamente, respondeu o gascão embaraçado.

—Vejamos, d'Artagnan, não estejamos brincando. A sua hesitação e rodeio revelam-me de que parte vem. Na verdade essa causa não se póde revelar com franqueza, e quando se anda alliciando para ella, é com desalento e voz embaraçada.

—Ah! meu caro Athos! disse d'Artagnan.

—Sabe perfeitamente, continuou Athos, que eu não fallo por si, é a perola dos valentes e intrepidos, fallo-lhe do italiano mesquinho e intrigante, desse famulo que se esforça por pôr na cabeça uma corôa que roubou debaixo de um travesseiro; desse villão que chama ao seu partido o partido do rei, e que imagina metter na cadeia princípes de sangue, não ousando matal-os, como nos fazia a nós o nosso cardeal, o grande cardeal; um avarento que pesa os seus escudos de ouro, e guarda os cerceados, com medo de os perder no jogo do dia seguinte, apesar das suas trapassas; um maroto emfim, que maltracta a rainha, segundo se diz, em quanto ao mais tanto peior para ella! e que d'aqui a tres mezes nos vae originar uma guerra civil para conservar as suas pensões. E' este senhor que me propõe, d'Artagnan? Muito lhe agradeço.

—E' mais vivo que outr'ora, Deus me perdoe, disse d'Artagnan; os annos teem-lhe aquecido o sangue em vez de o esfriarem. Quem foi que lhe disse que era esse o meu senhor, e que lh'o queria propor?

«Diabo, murmurava o gascão, não confiemos os nossos segredos a um homem tão mal disposto.

—Mas então, meu caro amigo, replicou Athos, diga-me quaes são as suas propostas?

—Ah! meu Deus, nada mais simples, vive nas suas terras, e parece-lhe que é feliz na sua dourada mediocridade. Porthos tem talvez cincoenta, ou sessenta mil francos de renda; Aramis tem sempre quinze duquezas que disputam entre si o prelado, como disputavam o mosqueteiro. E ainda um menino estragado com os mimos da sorte; mas eu que faço n'este mundo? trago a couraça ha vinte annos, agarrado a este posto mesquinho, sem avançar sem recuar, sem viver; estou morto, n'uma palavra! e quando se trata de resusci-

tar um pouco, veem todos dizer-me: É um villão! um maroto! um pedante! um tyranno! C'os diabos! eu concordo plenamente, mas procurem-me um melhor ou dêem-me uma renda.

Athos reflexionou tres segundos, durante os quaes comprehendeu a estrategia de d'Artagnan.

—Bem! disse comsigo Athos, d'Artagnan é partidário de Mazarino.

D'esde então comedio-se com extrema prudencia.

Pelo seu lado d'Artagnan acautelou-se cada vez mais.

— Mas, emfim, tem alguma idéa! continuou Athos.

— Certamente. Queria tomar parecer com o meu amigo, e procurar o meio de fazer alguma cousa, porque uns sem outros seremos sempre incompletos.

—Fallava me de Porthos, decidiu-o a procurar fortuna? Mas fortuna tem elle.

—Sem duvida que a tem; mas a natureza do homem é tal que o faz sempre desejar alguma cousa.

—E que deseja Porthos?

—Ser barão.

— Ah! é verdade já me esquecia, disse Athos, rindo.

—É verdade? repetia d'Artagnan E donde o sabe elle? Terá correspondencia com Aramis? Ah! se eu soubesse isso, saberia tudo.

A conversação foi imterrompida pela chegada de Raul. Athos quiz reprehendel-o; mas a creança vinha tão triste, que não teve coragem, e imterrompeu-se para lhe perguntar o que tinha.

— Estará peior a nossa visinha? disse d'Artagnan.

—Ah! senhor, tornou Raul quasi suffocado pela dôr, a queda foi gráve, e sem disformidade apparente, receia-se que fique coxeanco toda a sua vida.

—Oh! isso causa horror! disse Athos.

D'Artagnan, tinha já um gracejo na ponta da lingua, mas vendo a parte que Athos tomava n'esta desgraça, conteve-se.

—Ah! senhores disse Raul, o que me desespera mais é ter eu sido a causa d'esta desgraça.

—O senhor, Raul!

—Sem duvida; não foi para vir ao meu encontro que ella saltou da pilha de madeira?

—Não lhe resta mais que um recurso, meu caro Raul, e é desposal-a em expiação, disse d'Artagnan.

—Ah! senhor, graceja com uma dôr real: isso não é bom.

E Raul, que carecia de estar só para chorar á sua vontade, retirou-se para o seu quarto, d'onde não saiu senão á hora do almoço.

A amisade dos dois amigos não tinha sido alterada nem o mais levemente; por isso comeram com o melhor appetite, olhando de tempos a tempos para o pobre raul que com os olhos lacrimosos e o coração comprimido, apenas comia.

Acabavam de almoçar quando chegaram duas cartas para Athos que as leu com muita attenção, e estremecendo por varias vezes. D'Artagnan, que estava em frente do outro lado da meza, notado como era de uma vista penetrante, conheceu logo n'uma carta a letra de Aramis, e na outra a letra grande e confusa de uma mulher.

—Vamos, disse d'Artagnan a Raul, vendo que Athos desejava estar só, ou para responder ás cartas, ou para reflectir no seu conteúdo; vamos dar um gyro pela sala das armas, isto distrahil-o-ha.

O mancebo olhou para Athos, que lhe respondeu por um signal de assentimento.

Ambos passaram para a sala, em cujas paredes se viam suspensos floretes, mascaras, manoplas, peitos de aço, e todos os accessorios de esgrima.

—Então? disse Athos chegando um quarto de hora depois.

—Tem já a sua mão, Athos, disse d'Artagnan, e se tivesse o seu sangue frio, não teria senão que dar-lhes os parabens...

Quanto ao mancebo estava um pouco envergonhado. Por uma ou duas vezes que tocára em d'Artagnan, no braço ou na coxa da perna, lhe tinha elle dado em cheio vinte vezes no corpo.

N'este momento entrou Carlos com uma carta para d'Artagnan, que um mensageiro acabava de lhe entregar.

Foi Athos que então olhou para vêr se percebia a letra.

D'Artagnan leu a carta sem alguma emoção apparente; quando acabou de a lêr, meneou um pouco a cabeça, e disse para o seu amigo:

—Vê, meu caro amigo, o que é o serviço, na verdade tinha razão para o não tornar a acceitar. O senhor de Tréville adoeceu, e a companhia não póde estar sem mim; de maneira que se acha inutilisada a minha licença.

—Volta para Pariz? disse vivamente Athos.

—Sim, disse d'Artagnan; o senhor não vae até lá?

Athos córou e respondeu:

—Se lá fôr, serei bem feliz em o ver.

—Oh lá Planchet! exclamou d'Artagnan da porta; em dez minutos havemos de partir: vae dar aveia aos cavallos.

Depois voltando-se para Athos:

—Parece-me que me falta aqui alguma cousa, e estou verdadeiramente desesperado de partir sem ver o bom de Grimaud.

—Grimaud! disse Athos. É verdade; admirava-me tambem que o senhor me não perguntasse por elle. Emprestei-o a um meu amigo.

—Comprehenderá os seus signaes.

—Assim o espero, disse Athos.

Os dois amigos abraçaram-se cordialmente. D'Artagnan apertou a mão a Raul, e fez-lhe prometter de o visitar no caso de ir a Paris, e de lhe escrever, não indo. Montou a cavallo, achando Planchet já no sellim; tal era a sua exactidão.

—Não vem comigo? disse elle rindo a Raul, eu passo por Blois...

Raul voltou-se para Athos, que o reteve com um signal impercepitavel.

—Não, senhor, respondeu o rapaz, fico ao pé do senhor conde.

—N'esse caso, adeus, meus bons amigos, disse d'Artagnan apertando-lhe a mão pela ultima vez. Deus o guarde! como nós diziamos todas as vezes que nos separavamos, no tempo do defunto cardeal.

Athos fez-lhe um signal com a mão, Raul uma reverencia, e d'Artagnan e Planchet partiram.

O conde seguiu-os com os olhos, tendo a mão apoiada nos hombros do joven, cuja altura era egual á sua.

—Raul, disse o conde para o rapaz apenas elles desappareceram por detraz do muro, partimos para Paris.

—Como! disse o moço empallidecendo.

—Pode ir apresentar os meus e seus adeuses á senhora de Saint-Remy. Esperal-o-hei até ás sete horas.

Raul inclinou-se com uma expressão misturada de dôr e de reconhecimento, e retirou-se para ir sellar o seu cavallo.

Em quanto a d'Artagnan, apenas fóra da vista, tirou a carta da algibeira; eis o seu contheudo:

«Volte immediatamente a Paris.

«*J M...*»

—A carta é secca, murmurou d'Artagnan, e se não tivesse um *post-scriptum*, talvez que não tivesse comprehendido, mas felizmente tem um *post-scriptum*.

«P. S. Passe por casa do thesoureiro real, em Blois: diga-lhe o seu nome, e mostre-lhe esta carta; receberá duzentas pistolas.»

—Decididamente, disse d'Artagnan, gosto d'esta prosa, e agora vejo que o cardeal escreve melhor do que eu pensava. Então. Planchet, vamos fazer uma visita ao senhor thesoureiro real, e depois partiremos.

—Para Paris, senhor?

—Sim.

E partiram a galope.

XVIII

O senhor de Beaufort

Eis o que tinha acontecido, e quaes as causas que exigiam a volta de d'Artagnan a Paris.

Uma noite em que Mazarino, segundo o seu costume, ia para o quarto da rainha, ao passar pela sala dos guardas, cuja porta dava para as ante-camaras, sentiu vozes. Quiz saber o assumpto da conversação dos soldados, aproximou-se pé ante pé, como tinha por costume, entre-abriu a porta, e introduziu a cabeça pela fenda.

Havia uma altercação entre os guardas.

—E eu digo-lhe, dizia um d'elles, que se Coysel predisse isso, a cousa é tão certa como se tivesse acontecido. Eu não o conheço, mas tenho ouvido dizer que não só é astrologo, mas ainda magico.

—Diabo, meu caro, se é dos teus amigos, acautela-te! Não lhe dás nenhum proveito.

—Porque?

—Porque poder-se-lhe-ia bem fazer o seu processo.

—Ora! agora já se não queimam os feiticeiros.

—Não! parece-me que ainda não ha muito que o defunto cardeal fez queimar Urbano Crandier. Sei alguma coisa d'isso. Estava de guarda á fogueira, e vi-o arder.

—Meu amigo, Urbano Grandier não era feiticeiro, era um sabio, o que tem alguma differença. Urbano Grandier não predizia o foturo, sabia o passado, o que ás vezes é peior.

Mazarino abanou a cabeça, signal de que concordava; mas desejando saber a predicção que era objecto da conversa, ficou onde estava.

—Eu não te digo, tornou o guarda, que Coysel não seja um feiticeiro, mas digo-te que se se publica anticipadamente a sua predicção, nunca chegará a cumprir-se.

—Porque?

—Certamente. Se nós estivermos brigando um contra outro, e te eu disser: «Vou-te dar por este ou aquelle sitio,» tu naturalmente defenderás esse sitio. Pois bem! se Coysel diz a ponto do cardeal ouvir: «Antes de tal dia, tal preso ha de

fugir,» é certo que o cardeal tomará as suas precauções para que o preso não fuja.

—Ah! meu Deus, disse um outro que fingia dormir sobre um banco, e que, não obstante o seu somno apparente, não perdia uma palavra da conversação, julga que os homens possam evitar o seu destino? Se Deus determinou que o duque de Beaufort se salvaria, o senhor de Beaufort salvar-se-ha, e todas as precauções do cardeal serão baldadas.

Mazarino estremeceu, porque na sua qualidade de italiano era supersticioso. Avançou rapidamente para o meio dos guardas, que, ao verem-no, interromperam a conversação.

—Que estavam dizendo, senhores! disse elle com o seu modo acariciador, que o sr. de Beaufort se tinha evadido?

—Oh! não, senhor, por ora ainda não, disse o soldado incredulo. Diz-se sómente que se ha de evadir.

—E quem o disse?

—Vejamos, repita a sua historia, S. Lourenço, disse o guarda, voltando-se para o narrador.

—Senhor, disse o guarda, contei pura e simplesmente a estes senhores, o que ouvi dizer da predicção de um chamado Coysel, e que reza: «Por mais bem guardado que esteja o sr. de Beaufort, evadir-se-ha antes de Pentecostes.»

—E esse Coysel é algum visionario, algum louco! perguntou o cardeal sorrindo sempre.

—Não, senhor, disse o guarda, teimoso na sua credulidade, tem predicto muitas coisas, que se tem realisado, como por exemplo, que a rainha teria um filho, que o sr. de Coligny morreria no seu duello com o duque de Guise, e finalmente que o coadjuctor seria nomeado cardeal. Pois bem! a rainha não só teve um filho, mais dois annos depois teve outro, e outro, e o sr. de Coligny foi effectivamente morto.

—Sim, disse Mazarino, mas o coadjuctor não é ainda cardeal.

—Não, senhor, mas sel-o-ha.

Mazarino fez uma careta que queria dizer: »Ainda elle não tem o barrete.»

—Então, o seu parecer, meu amigo, disse o cardeal, é que o sr. de Beaufort ha de evadir-se?

—Tanto é o meu parecer, senhor, disse o soldado, que se vossa eminencia me offerecesse agora o logar do sr. de Cbavigny, isto é, o de governador do castello de Vincennes, eu não o acceitaria. Mas no dia immediato a Pentecostes, é outro caso.

Nada ha mais convincente que uma grande convicção, influe mesmo sobre os incredulos; e além de ser credulo, já dissemos que Mazarino era supersticioso. Retirou-se pensativo.

—Avarento! disse o guarda que estava encostado á parede, parece não acreditar o nosso magico, S. Lourenço, por não ter nada que lhe dar; mas não entrará tão cedo para o seu quarto, porque se aproveitará da sua predicção.

E realmente, em logar de se dirigir para o quarto da rainha, Mazarino entrou no seu gabinete, e, chamando Bernouin, ordenou-lhe que no dia seguinte, ao romper da aurora, fosse chamar o ajudante que collocára junto ao sr. de Beaufort, e que o acordasse logo que elle chegasse.

Não havia duvida que o guarda tocára na chaga mais viva do cardeal. Havia cinco annos que o sr. de Beaufort estava preso, e não se passava um dia sem que Mazarino pensasse que de um momento para outro elle se escaparia.

Não se podia ter preso por toda a vida um neto de Henrique IV, que apenas tinha trinta annos. Mas, saisse elle por qualquer modo, que odio não concentraria na sua prisão, contra o author d'ella, que o arrabatára rico, bravo, glorioso, amado das damas, temido dos homens, para lhe tirar da vida os seus mais bellos annos, porque o viver n'uma prisão não é viver. Attendendo a isto, Mazarino redobrava de vigilancia contra o sr. de Beaufort, mas era similhante ao avarento da fabula, que não podia dormir ao pé do seu thesouro. Muitas vezes de noite se levantava sobresaltado, sonhando que lhe roubavam o sr. de Beaufort. Então informava-se d'elle, e tinha a magoa de saber que o preso jogava, bebia, e cantava, que era umas delicias; mas que no meio de tudo isto se interrompia sempre para jurar que Mazarino lhe pagaria bem caro todo o prazer que o obrigava a gosar em Vincennes.

Este pensamento preoccupava muito o ministro durante o seu somno; assim logo que Bernouin se apresentou no seu quarto para o acordar, a sua primeira palavra foi:

—Que ha de novo? Evadiu-se o sr. de Beaufort, fugiu de Vincennes?

—Parece-me que não, disse Bernouin, mas em todo o caso, vae ter noticias d'elles, porque o ajudante de La Ramée, que vossa eminencia me ordenou, que fosse chamar esta manhã a Vincennes, está ali esperando as suas ordens.

—Mande-o entrar para aqui, disse Mazarino encostando-se ao travesseiro.

O official entrou; era um homem alto, gordo, bochechudo e de boa presença. Tinha um ar de tranquillidade que deu serias inquietações a Mazarino.

—Este maroto parece palerma, murmurou elle.

O ajudante ficou á porta de pé e callado.

—Aproxime-se, senhor, disse Mazarino.

O official obedeceu.

—Sabe o que por ahi corre? continuou o cardeal.

—Não, eminentissimo.

—Pois corre que o sr. de Beaufort vae evadir-se de Vincennes, se se não evadiu já,

O rosto do official exprimiu o mais profundo pasmo; abriu ao mesmo tempo os pequenos olhos e a grande boca, para melhor saborear o gracejo que sua eminencia lhe fazia a honra de lhe dirigir; depois, não podendo por mais tempo reprimir-se a uma similhante supposição, começou a rir, mas de tal modo, que os seus membros gordos eram abalados pela hilaridade como por uma febre violenta.

Mazarino ficou contentissimo d'esta expressão pouco respeitosa: mas todavia não abandonou a seriedade.

Quando La Ramée se satisfez de rir, e depois de ter enxugado os olhos, julgou que era tempo de fallar e de desculpar a inconveniencia da sua alegria.

—Evadir-se, senhor! disse elle, evadir-se! mas então vossa eminencia não sabe onde está o sr. de Beaufort?

—Sei que está na torre de Vincennes.

—Sim, senhor, n'um quarto, cujas paredes teem sete pés

de espessura com as janellas gradeadas em cruz, e cujos varões são tão grossos como o braço de um homem.

—Senhor, disse Mazarino, com paciencia furam-se todos os muros, e com uma lima serram-se todos os ferros.

—Mas sua eminencia ignora então que estão sempre ao pé d'elle oito guardas, quatro na sua ante-camara, e quatro no seu quarto, e que estes guardas nunca o deixam?

—Mas elle sae do quarto, joga a malha e a péla.

—Senhor, esses são os divertimentos permittidos aos presos. Entretanto se vossa eminencia quer, ser-lhe-hão prohibidos.

—Não, não, disse Mazarino que receiava, tirando-lhe estes unicos divertimentos, que se o preso chegasse a sair de Vincennes, saisse mais exaspe ado contra elle. Sómente pergunto com quem é que elle joga.

—Senhor, joga com o official da guarda, comigo, ou com os outros presos.

—Mas não se aproxima das muralhas quando está jogando?

—Pelo que vejo vossa eminencia ainda não viu as muralhas! As muralhas teem sessenta pés de altura, e não acredito que o sr. de Beaufort esteja tão cançado da vida que se arrisque a saltar d'ellas.

—Hum! exlamou o cardeal, que começava a tranquillisar-se. Diz então, meu caro La Ramée?...

—Que a não achar o sr. de Beaufort meio de se metamorphosear em passaro, respondo por elle.

—Tome sentido, o senhor avança muito, replicou Mazarino. O sr. de Beaufort disse aos guardas que o conduziram a Vincennes, que pensára muitas vezes no caso de ser preso, e que n'este caso, tinha quarenta meios de se evadir da prisão.

—Senhor, se entre quarenta meios tivesse um bom, acredite-me, já ha muito estava na rua.

—É verdade! tão ignorante que eu era! murmurou Mazarino.

—De mais, esquece-se que o sr. de Chavigny é governador de Vincennes, continuou Ramée, e que o sr. de Chavigny não é do numero dos amigos do sr. de Beaufort.

—Sim, mas o sr. de Chavigny ausenta-se.

—Quando elle se ausenta estou eu lá.

—Mas quando tambem o senhor se ausenta?

—Oh! quando eu me ausento, tenho em meu logar um valente rapaz, que aspira a ser ajudante de sua magestade, e pelo qual respondo. Ha tres mezes que o tomei para o meu serviço, não tenho que exprobrar-lhe senão uma coisa: é ser muito rigoroso para o preso.

—E quem é esse cerbero? perguntou o cardeal.

—Um tal Grimaud.

—E que fazia elle antes de ir para Vincennes?

—Estava na provincia, pelo que disse quem m'o recommendou Fez ali não sei que maroteira, pela sua má cabeça, e parece-me que deseja bastante o uniforme do rei para passear impune.

—E quem lhe recommendou esse homem?

—O intendente do duque de Grammont.

—Então, póde-se ter confiança n'elle?

—Como em mim, senhor.

—Não é indiscreto?

—Não, senhor, cheguei até a julgar por muito tempo que era mudo; não falla nem responde senão por signaes: parece que foi o seu antigo amo que o ensinou a isto.

—Pois então, diga-lhe, meu caro sr. La Ramée, replicou o cardeal, que se elle nos fôr fiel, fechar-se-ha os olhos ao que praticou na provincia, que se lhe restituirá um uniforme real, que o fará respeitar, e que nas algibeiras d'este uniforme se metterão algumas pistolas para beber á saude do rei.

Mazarino não era avaro de promessas; era inteiramente o contrario do bom de Grimaud, que La Ramée elogiava, e que era escasso nas palavras e abundante nas obras.

O cardeal ainda fez a La Ramée uma immensidade de perguntas ácerca do preso, do seu sustento, quarto e cama, ás quaes este respondeu de um modo tão satisfatorio, que o despediu quasi tranquilisado.

Quando eram nove horas da manhã, vestiu-se, penteou-se, perfumou-se e foi ao quarto da rainha dar-lhe parte das causas que o retiveram no seu quarto. A rainha que não te-

mia menos pelo sr. de Beaufort que o cardeal, e que era quasi tão supersticiosa como elle, fez-lhe repetir palavra por palavra todas as promessas de La Ramée e todos os elogios que elle dera ao seu immediato.

—Ai! senhor, disse ella a meia voz quando o cardeal acabou, que não tenhamos nós um Grimaud junto a cada principe.

—Paciencia, disse Mazarino com o seu sorriso italiano, talvez que um dia possamos conseguir isso; mas em quanto esperamos...

—Que ha a fazer?

—Vou sempre tomar as minhas precauções.

E em consequencia d'isto, tinha elle escripto a d'Artagnan para apressar a sua vinda.

XIX

Em que se entretinha o duque de Beaufort no castello de Vincennes

O preso que tanto medo causava ao cardeal, e cujos meios de evasão davam sérios cuidados a toda a côrte, não duvidava de que todo este receio, que por via d'ella havia, se fizesse sentir no palacio real.

Via-se tão admiravelmente guardado, que tinha reconhecido a inutilidade das suas tentativas; toda a sua vingança consistia em vociferar contra Mazarino innumeraveis imprecações e injurias. Tinha mesmo tentado fazer-lhe alguns epigrammas, mas bem depressa renunciou a isto. Effectivamente, o sr. de Beaufort não só não recebera do ceu o dom de fazer versos, mas até muitas vezes se não exprimia em prosa, se não com muito custo. Por isso, Blot, o cancioneiro da epoca, dizia d'elle:

Nos combates de Beaufort
E' temido, e com razão,
Mas do modo porque falla
Julgar-se-hia um pavão.

Gastão p'ra se exprimir
Menos enleio teria
Porque não tem falla Beaufort?
E Gastão a valentia?

Sabido isto, comprehender-se-ha que o preso se teria limitado ás injurias e imprecações.

O duque de Beaufort era neto de Henrique IV e de Gabriella d'Estrées; tão bom, tão bravo, tão altivo, e sobretudo tão gascão como seu avô, mas muito menos litterato, depois de ter sido durante algum tempo, depois da morte de Luiz XIII, o favorito, o confidente, emfim o primeiro da côrte, viu-se um dia obrigado a ceder o logar a Mazarino, e a ficar como segundo; no dia seguinte, como teve a impertinencia de se queixar d'esta transposição, e a imprudencia de o dizer, a rainha tinha-o mandado prender, e levar para Vincennes pelo mesmo Guitaut, que vimos apparecer no começo d'esta historia, e que teremos occasião de encontrar em outras partes. Bem entendido, o que disse a rainha, disse Mazarino. Não só d'este modo se tinha livrado da sua pessoa e pretenções, mas até não contavam mais com elle, apezar de ser um principe bastante popular, e ha cinco annos que habitava uma camara bem pouco digna de um principe na torre de Vicennes.

Este tempo, que teria tornado prudente qualquer outro que não fosse o duque de Beaufort, passou sem operar n'elle mudança alguma. E de facto, um outro reflectiria que se elle tivesse tenção de insultar o cardeal, de despresar os principes, e de marchar só, sem outros acolytos, como disse o cardeal de Retz, que alguns melancolicos pareciam scismaticos, obteria, n'estes cinco annos, ou a sua liberdade, ou defensores. Estas considerações nem a furto vieram á lembrança do duque, porque a sua longa reclusão não fez senão tornar-lhe cada vez mais forte a sua obstinação, e todos os dias o cardeal recebia noticias d'elle a qual mais desagradavel para sua eminencia.

Depois de ter baldadamente tentado a poezia, o sr. de Beaufort experimentou a pintura. Desenhava a carvão as feições do cardeal, e, como os seus talentos assaz mediocres n'esta arte lhe não permittiam pintal-as com muita similhança, para não haver duvida sobre o original do retrato, escrevia por baixo: «Ritralto dell'illustrissimo facchino Mazarini.» Tendo sido informado d'isto o sr. de Chavigny, veiu este visitar o duque, e lhe rogou de se entreter em outra cousa, ou ao menos que fizesse retratos sem inscripções: no dia seguinte estava o quarto cheio de retratos e inscripções. O sr. de Beaufort, como todos os presos, parecia-se muito com as creanças que não teimam em fazer senão as cousas que se lhes prohibe.

O sr. de Chavigny foi informado d'este accrescimo de perfis, o sr. de Beaufort, pouco seguro de si para arriscar a cabeça de cara a cara, transformára o seu quarto em uma verdadeira sala de exposição.

D'esta vez o governador não disse nem uma palavra; mas um dia, na occasião em que o duque estava jogando a péla, mandou limpar todos os desenhos e pintar o quarto.

O sr. de Beaufort agradeceu a Chavigny, por ter a bondade de lhe tornar novos os seus cartões; e d'esta vez dividiu o quarto em repartições, cada uma das quaes destinou a uma passagem da vida de Mazarino.

A primeira devia representar o illustrissimo facchino Mazarini recebendo pauladas do cardeal de Bentivoglio, de quem tinha sido creado.

A segunda, o illustrissimo facchino Mazarini representando o papel de Ignacio de Loyola na tragedia d'este nome.

A terceira, o illustrissimo facchino Mazarini roubando a pasta de primeiro ministro ao sr. de Chavigny, que pensava já tel-a nas mãos.

Finalmente a quarta, o illustrissimo facchino Mazarini recusando os lençoes a Laporte, camarista de Luiz XIV, dizendo que era bastante para um rei de França mudar de lençoes de trimestre a trimestre

Isto eram grandes composições, e que excediam certa-

mente o talento do preso, por isso contentou-se de traçar os desenhos e por-lhe as inscripções.

Mas os traços e as inscripções bastaram para despertar a susceptibilidade de Chavigny, que mandou prevenir o sr. de Beaufort de que se não renunciasse aos projectados quadros, tirar-lhe-hia todos os meios de execução. O sr. de Beaufort respondeu, que, já que se lhe tiravam os meios de adquirir reputação pelas armas, queria adquiril-a pela pintura, e que, não podendo ser um Bayard ou um Trivalce, queria ser um Miguel Angelo ou um Raphael.

Um dia que o senhor de Beaufort andava passeando no pateo, tiraram-lhe o fogo, com o fogo os carvões, e com estes a cinza, de maneira que quando entrou não achou nem o mais pequeno objecto de que podesse fazer um carvão.

O senhor de Beaufort praguejou, berrou e trovejou, disse que o queriam fazer morrer de frio e humidade como tinham feito a Puy-Laurens, ao marechal Ornano, ao grande prior de Vendôme, a que Chavigny respondeu, que não tinha mais do que dar a sua palavra de honra, que renunciava ao desenho, ou prometter de não fazer pinturas historicas, para que immediatamente lhe restituissem a lenha e tudo o que lhe era necessario para o aquentar. O sr. de Beaufort não quiz dar a sua palavra, e ficou sem fogo durante todo o resto do inverno.

Depois disto, durante uma das saidas do preso, rasparam-se as inscripções, e as paredes acharam-se brancas e nuas, sem o menor traço de fresco.

O sr. de Beaufort comprou então a um dos seus guardas um cão chamado Pistache; não se oppondo nada a que os presos tivessem um cão, o sr. de Chavigny consentiu que o quadrupede mudasse de dono. O duque permanecia ás vezes horas inteiras fechado com o seu cão. Não se duvidava que, durante este tempo, o preso se occupava da educação do animal, mas ignorava-se a que fim ella se dirigia. Um dia, o sr. de Beaufort, vendo que o animal estava já sufficientemente ensinado, convidou o sr. de Chavigny e os officiaes de Vincennes para um grande espectaculo que elle deu no seu quarto. Os convidados chegaram; o quarto era illumi-

nado por quantas vélas o duque tinha podido achar. Os exercicios deram começo.

O preso com um bocado de caliça arrancada da parede, riscou ao canto do quarto uma longa linha branca representando uma corda. Pistache, á primeira ordem do seu dono, foi collocar-se sobre esta linha, levantou-se nas patas trazeiras, e tendo um varinha de bater o fato nas dianteiras começou a percorrer a linha com todos os trejeitos de um dançarino de corda; depois de a ter percorrido duas ou tres vezes para diante e para traz, em todo o seu cumprimento, entregou a varinha ao senhor de Beaufort, e recomeçou as mesmas evuloções sem tremer.

O intelligente animal foi muito applaudido.

O espectaculo era dividido em tres partes; acabada a primeira, passou-se á segunda.

Tratava-se de saber que horas eram.

O sr. de Chavigny mostrou o seu relogio a Pistache. Eram seis horas e meia.

Pistache levantou e abaixou a pata seis vezes, e á setima ficou com a pata no ar. Era impossivel ser mais claro. Um quadrante solar não responderia mais acertadamente; mas como todos sabem o quadrante solar tem a desvantagem de não dizer as horas senão quando ha sol.

Em seguida tratou-se de reconhecher em toda a sociedade qual era o melhor carcereiro de todas as prisões de França.

O cão deu tres voltas á roda do circulo, e foi deitar-se de modo mais respeitoso aos pés do sr. de Chavigny.

O sr. de Chavigny pareceu achar o gracejo agradavel, e um leve sorriso se lhe deslisou pelos labios; quando acabou de rir, mordeu os labios e começou a franzir as sobrancelhas.

Finalmente o sr. de Beaufort deu ordem a Pistache para resolver a difficilima questão de saber qual era o maior ladrão do mundo.

D'esta vez, Pistache deu uma volta á roda do quarto sem parar defronte de alguem, e dirigindo-se para a porta, pôz-se a raspar e a uivar.

—Vêem, sehores, disse o principe, este interessante ani-

mal, não encontrando aqui aquelle por quem lhe pergunto, vae procural-o lá fóra, mas fiquem descançados de que por isso não serão privados da sua resposta. Pistache, meu amigo, continuou o duque, vem cá.

O cão obedeceu.

—Será acaso, continuou o principe, o maior ladrão do mundo conhecido o secretario d'el-rei, o sr. Chato, que veio para Paris com vinte francos e que possue hoje seis milhões?

O cão abanou a cabeça em signal negativo.

— Será, continuou o principe, o ministro das fianças, d'Emery, que deu a seu filho, o sr. Thoré, quando se casou, trezentos mil francos de renda e um palacio, a par do qual o das Tulherias é um casebre, e o Louvre uma baiúca?

O cão meneou a cabeça em signal negativo.

—Ainda não é este, replicou o principe, vejamos mais: será por acaso o illustrissimo facchino Mazarino di Piscina, hein?

Pistache fez desesperadamente signal que sim, levantando e abaixando a cabeça oito ou dez vezes seguidamente.

—Bem vêem, meus senhores, disse o duque para os assistentes, que d'esta vez nem se quer ousaram sorrir-se; o illustrissimo facchino Mazarini é o maior ladrão do mundo conhecido; pelo menos assim o diz Pistache. Passemos a um outro exercicio. Senhores continuou o duque de Beaufort aproveitando-se de um grande silencio que houvera para se ouvir o programma da terceira parte do espectaculo, recordem-se todos de que o sr. duque de Guise ensinára todos os cães de Paris a saltar pela sr.ª de Pons, que elle proclamára a bella das bellas! pois bem, senhores, isso não era nada, porque esses animaes obedeciam machinalmente sem saberem fazer dissidencia, (o sr. de Beaufort queria dizer differença) entre aquelles por quem deviam saltar, e aquelles por quem não deviam. Pistache vae mostrar-lhes, que é muito superior aos seus co-irmãos. Sr. de Chavigny, tem a bondade de me emprestar a sua bengala.

Chavigny emprestou a bengala ao sr. de Beaufort.

O duque de Beaufort pôl-a horisontalmente á altura de um pé.

—Pistache, meu amigo, disse elle, faze-me o favor de saltar pela senhora de Monthazon.

Todos se pozeram a rir: sabia-se que quando fôra preso, o duque de Beaufort era o amante declarado da senhora de Monthazon.

Pistache não teve difficuldade alguma e saltou alegremente por cima da bengala.

—Mas, disse o sr. de Chavigny, parece-me que Pistache faz exactamente o mesmo que faziam os seus co-irmãos quando saltavam pela senhora de Pons.

—Espere, disse o principe, Pistache, meu amigo, salte pela rainha.

E o duque levantou a bengala mais seis polegadas.

O cão saltou respeitosamente por cima da bengala.

—Pistache, meu amigo, continuou o duque levantando a bengala mais seis polegadas, salta pelo rei.

O ceo formou o pulo, e, não obstante a grande altura, saltou ligeiramente por cima da bengala.

—E agora attenção, replicou o duque pondo a bengala quasi ao nivel do sobrado. Pistache, meu amigo, salte pelo illustrissimo facchino Mazarini de Piscini.

O cão virou o focinho.

—Então! que é isso? disse o duque descrevendo um semi-circulo da cauda á cabeça do animal, e apresentando-lhe de novo a bengala; salte, sr. Pistache.

Mas Pistache, como da primeira vez, deu uma meia volta sobre si mesmo, e voltou o trazeiro para a bengala.

O sr. de Beaufort fez a mesma evolução, e repetiu a mesma phrase.

Mas d'esta vez Pistache perdeu a paciencia, lançou-se furiosamente sobre a bengala, arrancou-a das mãos do principe, e despedaçou-a entre os dentes.

O duque tirou os dois bocados da boca do animal, e, muito sériamente, entregou-os ao sr. de Chavigny, pedindo-lhe innumeraveis desculpas, e dizendo-lhe que o espectaculo tinha cessado, mas que se elle quizesse dentro em tres mezes assistir a uma outra reunião, Pistache teria aprendido novos exercicios.

Tres dias depois Pistache estava envenenado.

Procurou-se o culpado; mas, como é de presumir, nunca se veiu a saber quem foi. O duque de Beaufort fez-lhe erigir um tumulo com este epitaphio:

«Aqui jaz Pistache, cão dos mais intelligentes que tem existido.»

Nada havia que dizer a este elogio: Chavigny não o poude impedir.

Mas então o duque poz-se a berrar que tinham ensaiado no cão o veneno de que se haviam de servir, para o matar, e um dia, depois do jantar, deitou-se no leito gritando que tinha colicas, e que Mazarino o tinha mandado envenenar,

Esta nova travessura chegou aos ouvidos do cardeal, e causou-lhe bastante medo. A torre de Vincennes passava por muito doentia e a sr.ª de Rambouillet tinha dito que a camara onde tinham sido mortos Puy-Lauiens, o marechal Ornano, e o grão-prior de Vendome valia o seu peso em arsenico, e o dito tinha-se espalhado. Ordenou por tanto que o preso não comesse mais nada sem que se experimentassem o vinho e as carnes. Foi então que La Ramée foi collocado junto d'elle a titulo de provador.

Entretanto Chavigny não perdoára ao duque as impertinencias que lá tinha expiado o innocente Pistache. Chavigny era uma creatura do defuncto cardeal, e até mesmo corria que era seu filho; devia por tanto ser algum tanto conhecido em tyrannia; principiou a tomar vingança do sr. de Beaufort, mandando-lhe primeiro tirar o que até então lhe tinham permittido, facas de ferro e garfos de prata, e mandando substituir isto por facas de prata e garfos de pau. O duque queixou-se: Chavigny mandou-lhe responder que acabava de saber que o cardeal dissera á sr.ª de Vendome que seu filho estava na torre de Vincennes por toda a vida, é que receiava que o seu preso ao receber esta desastrosa nova fizesse algumas tentativas de suicidio. Quinze dias depois, o sr. de Beaufort achou duas fileiras de arvores tão grossas como o dedo minimo, plantadas no caminho que ia dar ao jogo da péla; perguntou o que isto era, e responderam-lhe que era para que elle algum dia tivesse sombra. Finalmente, uma manhã, o jardineiro veiu ao seu encontro e, sob a apparencia de lhe agradar, annunciou-lhe que iam fazer para elle

plantações de espargos. Ora, como todos sabem, os espargos, que carecem agora de quatro annos para produzirem, n'aquelle tempo careciam de cinco, porque a horticultura estava menos aperfeiçoada. Esta civilidade fez enfurecer o duque.

O sr. de Beaufort pensou então ser chegado o momento de recorrer a um dos seus quarenta meios, e principiou pelo mais simples que era corromper La Ramée; mas La Ramée, que tinha comprado o seu cargo de ajudante por quinhentos escudos, estava muito aferrado a elle. Por isso em vez de se deixar subornar pelo preso foi á pressa prevenir o sr. de Chavigny; immediatamente o sr. de Chavigny postou oito homens no proprio quarto do principe, dobrou as sentinellas e triplicou os postos. A partir de então, o principe andava como um verdadeiro rei de comedia com quatro homens adiante e quatro atrás, sem contar os que iam em serrafila.

O duque riu-se muito d'esta civilidade que lhe dava alguma distracção. Repetiu-o quantas vezes poude: Isto diverte-me, isto me *intretenem* (o sr. de Beaufort queria dizer entretem: mas como já se sabe, nem sempre dizia o que queria dizer), depois accrescentava: Alem de que, quando eu quizer subtrahir-me ás honras que me fazem tenho ainda trinta e nove meios. Mas esta distracção converteu-se-lhe por um fim em aborrecimento; por fanfarronada, o sr. de Beaufort conservou-se callado seis mezes; mas ao fim d'elles, vendo sempre oito homens sentando-se quando elle se sentava, levantando-se quando elle se levantava, começou a carregar os sobr'olhos e a contar os dias.

Esta nova perseguição fez augmentar o odio contra Mazarino.

O principe praguejava desde pela manhã até á noite, não fallando senão de guisados das orelhas de Mazarino. Era para fazer tremer; o cardeal, que sabia tudo o que se passava em Vincennes, enterrava a seu pesar o barrete até ao pescoço.

Um dia o sr. de Beaufort juntou os guardas, e, não obstante a sua difficuldade de elocução, tornada já proverbial, fez-lhes o seguinte discurso, que, é mister confessar, estava preparado de antemão.

—Senhores, disse elle, soffrem então que um neto do bom rei Henrique IV seja accumulado de ultrages e *ignobilias*? (queria dizer ignominias) *Ventre-saint-gris!* como dizia meu avô, quasi que reinei em Paris, sabem-o! tive em minha guarda durante um dia inteiro o rei e *Monsieur*. A rainha acariciava-me então, e chamava-me o mais honrado homem do reino.

Senhores burguezes, deixem-me agora sair: irei ao Louvre, torcerei o pescoço a Mazarino, os senhores serão meus guardas do corpo, e fal-os-hei officiaes a todos, e com boas pensões; *ventre-saint-gris*! avante! marchemos.

Mas por mais patetica que fosse a eloquencia do neto de Henrique IV, não chegou a abalar estes corações de pedra; nenhum se mecheu. Vendo isto o sr. de Beaufort disse-lhes que elles eram todos uns velhacos, e converteu-os então em seus inimigos crueis.

Algumas vezes, quando o sr. de Chavigny o vinha ver, a que não faltava duas ou tres vezes por semana, o duque aproveitava-se d'esta occasião para lhe fazer ameaças.

—Que faria, senhor, disse elle, se n'um bello dia visse apparecer um exercito de parisienses, todos cobertos de ferro e armados de mosquetes, para me virem soltar!

—Senhor, respondeu Chavigny saudando respeitosamente o principe, tenho nas muralhas vinte peças de artilheria, e nas minhas casamattas trinta mil ballas; far-lhes-ha fogo com toda a vontade.

—Sim, mas quando o senhor tivesse já disparado os seus trinta mil tiros, tomariam elles a torre, e tomada a torre ver-me-hia obrigado a deixal-o prender, o que me causaria bastante pesar.

E por sua vez o principe saudou a Chavigny com a maior politica.

—Mas eu, senhor, tornou Chavigny, ver-me-hia obrigado, bem a meu pesar, a matal-o por minha propria mão, visto que o senhor me está confiado particularmente, e que devo entregal-o morto ou vivo, apenas passasse o limiar da minhas portas algum d'esses farroupilhas.

E de novo saudou sua alteza.

—Sim, continuou o duque, mas como certamente esses

bravos não virão aqui, senão depois de terem enforcado o sr. Julio Mazarino, abster-se-hia de levantar a mão para mim e deixar-me-hia viver com receio de ser atado a quatro cavallos pelos parisienses, o que é mais desagradavel ainda do que ser enforcado.

Estes agro-doces duravam assim dez minutos, um quarto de hora, vinte minutos ou mais, mas acabavam sempre d'esta maneira.

O sr. de Chavigny voltando-se para a porta.

—Olá! La Ramée! gritava elle.

La Ramée entrava.

—La Ramée, continuava Chavigny, recommendo-lhe muito particularmente o sr. de Beaufort: trate-o com todos os respeitos devidos ao seu nome e cathegoria, e para isso não o perca de vista.

Depois retirava-se sandando o duque com uma politica ironica, que o fazia encolerisar.

La Ramée tornára-se portanto o commensal forçado do principe, o seu guardião eterno, a sombra do seu corpo; mas, é mister confessar, a companhia de La Ramée, rapaz folgasão, conviva franco, bebedor de fama, grande jogador de pela, no interior um pobre diabo, e não tendo para o sr. de Beaufort senão um defeito, o de ser incorruptivel, era para o principe mais uma distracção que uma fadiga.

Desgraçadamente, não obstante La Ramée estimar algum tanto a honra de se achar em familiaridade com um preso de tão alta importancia como era o neto de Henrique IV, o prazer que elle sentia em viver com o sr. duque de Beaufort não compensava o que elle teria em ir fazer de vez em quando uma visita á sua familia. Pode-se ser excellente ajudante do rei, ao mesmo tempo que bom pae e bom esposo. Ora La Ramée adorava sua mulher e seus filhos, que apenas via do alto da muralha, quando elles iam passear do lado d'além dos fossos, para lhe dar esta consolalação paternal e conjugal; decididamente era pouco para elles e La Ramée sentia que o seu humor folgasão, que considerára como a causa da sua boa saude, sem calcular que pelo contrario não era provavelmente senão o effeito, não soffreria por muito tempo este regimen.

Esta convicção augmentava cada vez mais no seu espirito, quando as relações dos srs. de Beaufort e Chavigny se interromperam pouco a pouco, até que de todo cessaram de se vêr.

La Ramée sentiu então a responsabilidade pesar mais forte sobre a sua cabeça, e, como justamente, pelos motivos que acabamos de expôr, desejava quem podesse allivial-o, acolheu com muita alegria o offerecimento que lhe fez o seu amigo, o intendente do marechal Grammont, de lhe dar um substituto; fallou logo a este respeito ao sr. de Chavigny, o qual respondeu que nada se oppunha a isto, com a condição, todavia, que o sujeito lhe agradasse.

Julgamos inteiramente inutil fazer aqui aos nossos leitores o retrato physico ou moral de Grimaud: se, como esperamos, não esqueceram de todo a primeira parte d'esta obra devem ter conservado uma recordação bem clara d'este estimavel personagem, em quem se não operára outra mudança que ter vinte annos de mais, acquisição que só o tinha tornado mais taciturno e silencioso, posto que Athos, desde a mudança que n'elle se operára, lhe restituira toda a permissão de fallar.

Mas n'esta época, havia já doze ou quinze annos que Grimaud estava costumado a ser silencioso, e um costume de doze ou quinze annos torna-se uma segunda natureza.

VII

Grimaud entra em funções

Grimaud apresentou-se com favoraveis recommendações na torre de Vincennes. Chavigny tinha presumpções de ter um olhar infallivel, o que poderia fazer acreditar que era verdadeiramente o filho do cardeal de Richelieu, como todos julgavam; examinou portanto com attenção o pretendente; e conjecturou que as sobrancelhas muito chegadas,

os beiços delgados, o nariz retorcido, e as faces salientes de Grimaud eram indicios perfeitos. Dirigiu-lhe só doze palavras; Grimaud respondeu quatro.

—Eis um homem distincto, eu assim o tinha julgado, disse Chavigny. Vá vêr se agrada a La Ramée, e diga-lhe que convem a todos os respeitos.

Grimaud deu uma volta sobre si mesmo e foi passar pela inspecção mais rigorosa de La Ramée, e como Chavigny sabia que podia confiar n'este, e este queria poder confiar-se em Grimaud, o exame de La Ramée tornava-se muito difficultoso.

Grimaud tinha justamente as qualidades que podem seduzir um ajudante que deseja um sub-ajudante; por isso depois de milhares de perguntas, que não obtiveram cada uma mais que um quarto de resposta, La Ramée, fascinado por esta sobriedade de palavras, esfregou as mãos e assentou no livro: Grimaud.

—A senha? perguntou este.

—E' esta: não deixar nunca o preso só, tirar-lhe todo o instrumento picante ou cortante, impedil-o de fazer alguns signaes para as pessoas de fóra, ou conversar muito tempo com os seus guardas.

—Só isso? perguntou Grimaud.

—Só, por agora, respondeu La Ramée. Circumstancias novas trarão novas ordens.

—Bom, respondeu Grimaud.

E entrou para a quarto do duque de Beaufort.

Este estava-se preparando para pentear a barba, que deixára crescer assim como os cabellos, para mortificar Mazarino fazendo gala da sua miseria e mau estado. Mas como uns dias antes lhe pareceu vêr do alto da sua torre, no interior de uma carroagem, a sr.ª de Monthazon, cuja lembrança lhe era sempre grata, não quiz ser para ella, o que era para Mazarino; tinha pois, na esperança de a tornar a vêr, pedido um pente de chumbo que lhe era concedido.

Grimaud apenas entrou viu o pente que o principe acabava de pôr na meza; tomou-o, fazendo uma cortezia.

O duque olhou com espanto para esta estranha figura.

Grimaud metteu o pente no bolso.

—Oh lá! oh lá! que é isso? exclamou o duque, quem é este velhaco?

Grimaud não respondeu, mas saudou-o pela segunda vez.

—E's mudo? exclamou o duque.

Grimaud fez signal que não.

—Quem és então? responde, ordeno-te.

—Guarda, respondeu Grimaud.

—Guarda! exclamou o duque, está bom, não me faltava senão esta figura patibular para a minha collecção. La Ramée!

La Ramée veiu á pressa.

Desgraçadamente para o principe, elle ia, confiando-se em Grimaud, para partir para Paris; estava já no pateo, e subiu descontente.

—Que ha, meu principe? perguntou elle.

—Quem é este velhaco que me tira o pente, e o mette na sua algibeira? perguntou o duque.

—E' um dos seus guardas, senhor; um rapaz cheio de merito, e que, estou certo, o apreciará, assim como eu e o sr. de Chavigny o apreciamos.

—Porque me tirou elle o pente?

—E' verdade, disse La Remée, porque tiraste o pente a sua alteza?

Grimaud tirou o pente do bolso, passou-lhe o dedo por cima, e mostrando o dente maior, contentou-se com pronunciar uma só palavra:

—Picante.

—E' verdade, disse La Remée.

—Que diz este animál? perguntou o duque.

—Que todo o instrumento picante é prohibido por sua magestade el-rei.

—Ah! disse o duque, o senhor, enlouqueceria La Ramée; mas foi o mesmo que me deu o pente.

—E grande mal fiz, senhor, porque dando-lh'o fui contra as minhas proprias ordens.

O duque fixou furiosamente Grimaud, que tinha entregado o pente a La Ramée.

—Prevejo que este marote me ha de desagradar bastante, murmurou o principe.

E na verdade na prisão não ha sentimento médio. Como tudo ali, tantos homens como coisas, são amigos ou inimigos, ama-se ou odeia-se algumas vezes com razão, mas muitas mais ainda pelo instincto. Ora, pela simples razão de que Grimaud tinha agradado ao primeiro lance de olhos ao sr. de Chavigny e La Ramée, convertendo-se as suas qualidades aos olhos do governador e do ajudante em defeitos aos olhos do preso, devia forçosameete desagradar ao sr. de Beaufort.

Entretanto Grimaud não quiz logo no primeiro dia dar-se a conhecer ao preso; tinha necessidade, não de uma repugnancia improvisada mas de um odio tenacissimo. Retirou-se pois para dar logar a que quatro guardas que tinham de almoçar podessem entrar de novo de serviço junto ao principe.

Este pelo seu lado andava imaginando um novo gracejo com que muito contava: tinha pedido para o seu almoço do dia seguinte caranguejos, e contava passar o dia em preparar uma pequena forca para o mais bello no meio do seu quarto. A côr vermelha que lhe devia dar a cozedura não deixaria duvida alguma sobre a allusão, e desta maneira teria o gósto de enforcar o cardeal em estatua, em quanto esperava para o enforcar realmente, sem que todavia lhe podessem accusar mais que de ter enforcado um caranguejo.

O dia passou-se nos preparativos da execução Na cadeia convertem-se as pessoas em creanças, e o sr. de Beaufort tinha o caracter de se converter ainda mais que qualquer outro. Foi passear como de costume, quebrou dois ou tres ramos, destinados a representarem um papel na execução que ia praticar, e, depois de ter feito muitas buscas, encontrou um bocado de vidro, achado que pareceu dar-lhe o maior gosto. Quando entrou fez em tiras o seu lenço.

Nada d'isto escapára ao prescrutador olhar de Grimaud.

No dia seguinte a forca estava prompta e, a fim de a poder collocar no quarto, o sr. de Beaufort afiava uma das extremidades com o seu vidro.

La Ramée estava vendo fazer isto com a curiosidade de um pae que julga aprender um novo entretimento para os seus filhos, e os quatro guardas com a da mandriice, que fa-

zia n'esta época, como ainda hoje, o caracter principal da phisionomia do soldado.

Grimaud entrou quando o principe acabava de pousar o bocado de vidro, não obstante não ter ainda acabado de afiar o pé da forca; mas interrompera-se para prender o fio á extremidade opposta.

O duque deitou sobre Grimaud um olhar em que se revelava um resto de mau humor da vespera, mas como estava muito influido com o bom resultado que não podia deixar de ter o seu novo invento, não lhe prestou attenção.

Mas depois de ter dado um nó na extremidade do cordel, e um corredio na outra, e quando já tinha lançado uma vista para o prato de caranguejos, e escolhido com a vista o mais magestoso, voltou-se para procurar o bocado do vidro. Tinha desapparecido.

—Quem me tirou o meu vidro? perguntou o principe franzindo o sobr'olho.

Grimaud fez signal que fôra elle.

—Como! tu ainda! e porque m'o tiraste?

—Sim, perguntou La Ramée, porque tiraste o vidro a sua alteza?

Guimaud que tinha na mão o bocado de vidro passou o dedo pelo fio e disse:

—Cortante.

—E' justo, sr., disse La Ramée. Ah! que formidavel rapaz adquirimos.

—Sr. Grimaud, disse o principe, para interesse seu aviso-o de que se conserve sempre a distancia que eu não possa chegar-lhe.

Grimaud fez uma cortezia e retirou-se para o fundo do quarto.

—Chiton, chiton, senhor! disse La Ramée, dê-me a sua pequena forca que eu a afiarei com a minha faca.

—O senhor? disse o duque rindo.

—Sim, eu; não é isso o que deseja?

—Sem duvida. Aqui a tem, disse o duque, isto seria mais gracioso. Aqui a tem, meu caro sr. La Ramée.

La Remée, que nada comprehendêra da exclamação do principe, afiou o pé da forca do melhor modo possivel.

—Bom! disse o duque, agora faça-me um pequeno buraco no sobrado em quanto vou buscar o paciente.

La Ramée ajoelhou, e furou o chão,

N'este meio tempo o principe suspendia o caranguejo do cordel. Depois collocou a forca no meio da casa, dando estrondosas gargalhadas.

La Ramée ria tambem, sem saber de quê, os guardas fizeram côro.

De todos o que não ria era Grimaud. Aproximou-se de La Ramée, e, mostrando-lhe o caranguejo que volteava no cordel, disse:

—Cardeal!

—Enforcado por sua alteza o duque de Beaufort, replicou o principe mais estrondosamente que nunca, e pelo sr. Thiago Chrisostomo La Ramée, carcereiro do rei.

La Ramée soltou um grito de terror, e precipitou-se sobre a forca, que arrancou do chão, e fez em pedaços, deitando-os pela janella fóra. Ia fazer o mesmo ao caranguejo, tal era a perturbação de espirito, quando Grimaud lh'o arrancou das mãos.

—Bom para o comer! disse elle e metteu-o no bolso.

D'esta vez, o duque tinha achado tanto prazer n'esta scena, que quasi perdoou a Grimaud o papel que n'ella representára. Mas como, pelo dia adiante, reflectiu no intento que tivera o seu guarda, que lhe pareceu não ser bom, sentiu crescer a aversão que tinha contra elle de uma maneira sensivel.

Mas, com grande desespero de La Ramée, a historia do caranguejo fez um grande estrondo no interior da torre e mesmo fóra d'ella. Chaviny que, no fundo do coração, detestava o cardeal, contou a anecdota a dois ou tres amigos, que a espalharam immediatamente.

Isto fez com que o sr. de Beaufort passasse dois ou tres dias perfeitamente.

Todavia o duque notára entre os guardas um homem de boa presença, e sympatisava cada vez mais com elle, quanto de dia para dia ia antipatisando com Grimaud. Ora, n'uma manhã em que o chamára á parte, e que chegou a fallar com elle particularmente durante algum tempo, Grimaud entrou,

viu o que se passava, aproximou-se respeitosamente do guarda e do principe, e tomou pelo braço o guarda.

—Que pretende? gritou brutalmente o duque.

Grimaud conduziu o guarda a quatro passos, e mostrou-lhe a porta.

—Retire-se, disse elle.

O guarda obedeceu.

—Oh! mas o senhor é insupportavel, exclamou o duque, eu o castigarei.

Grimaud saudou-o respeitosamente.

—Quebrar-lhe-hei os ossos! exclamou o principe desesperado.

Grimaud saudou-o recuando.

—Senhor espião, continuou o duque, estrangulal-o-hei com as minhas proprias mãos.

Grimaud saudou-o, recuando sempre.

—E, continuou o principe, ha de ser já em vez de o guardar para mais tarde.

E estendeu as mãos para Grimaud, que se contentou em empurrar o guarda para fóra e fechar a porta nas suas costas; ao mesmo tempo sentiu as mãos do principe que lhe tocavam já nos hombros similhantes a duas tenazes de ferro; mas em logar de chamar por soccorro, levou a index aos labios e pronunciou baixinho, sorrindo-se o mais graciosamente que poude:

—Silencio!

Era uma coisa tão rara da parte de Grimaud ver-lhe um gesto, um sorriso, ou uma palavra, que sua alteza parou immediatamente no cumulo da espectação.

Grimaud aproveitou se d'esta occasião para tirar da manga do seu casaco uma encantadora cartinha com o sinete aristocratico, e que não obstante o muito tempo que estivera nos fatos de Grimaud não tinha podido perder inteiramente o seu primeiro perfume, e apresentou-a ao duque sem pronunciar uma palavra.

O duque, cada vez mais espantado, deixou Grimaud, arrebatou-lhe a carta, e ao reconhecer a lettra, exclamou:

—Da sr.ª de Monthazon?!

Grimaud acenou-lhe que sim.

O duque tirou-lhe o lacre, passou a mão pelos olhos, tão deslumbrado estava, e leu o que se segue:

« Meu caro duque

«Podo confiar inteiramente no bravo portador d'este bilhete, que é o creado de um cavalleiro dos nossos, e que nol-o affiança como experimentado por vinte annos de fidelidade. Elle consentiu entrar ao serviço do seu ajudante, e encerrar-se com o senhor em Vincennes para preparar e ajudar a sua fuga, da qual nos occupamos. A sua liberdade aproxima-se; tenha paciencia e coragem, pensando que apezar do tempo e ausencia todos os seus amigos teem conservado os sentimentos que lhe tinham consagrado.

Sempre sua affeiçoda

«*Maria de Monthason.*»

« P. S. Assigno-me com todas as letras, porque seria muita vaidade pensar que após cinco annos de ausencia reconhecesse ainda as minhas iniciaes.»

O duque permaneceu um instante aturdido; o que elle procurava ha cinco annos sem o ter podido achar, isto é um servidor, um amigo, caía-lhe agora do ceu no momento em que menos o esperava. Olhou para Grimaud com espanto, e tornou a lêr a carta de principio ao fim.

—Oh! querida Maria, murmurou elle quando acabou, foi então ella que eu o outro dia vi dentro da sua carroagem, como pensa ainda em mim após cinco annos de separação! Diabo! eis uma constancia que só se encontra na *Astrea*.

Depois voltando-se para Grimaud.

—E tu meu bravo, consentes em nos ajudar?

Grimaud fez signal que sim.

—E vieste aqui expressamente para isso.

Grimaud repetiu o mesmo signal.

—E eu que te queria estrangular!

Grimaud sorriu-se.

—Mas espera...

E o duque metteu a mão na algibeira.

Espera, continuou elle, renovando outra vez a experiencia infructuosa, não se dirá que uma similhante dedicação pelo neto de Henrique IV ficará sem recompensa.

O movimento do duque de Beaufort denunciava a melhor intenção; mas uma das precauções que se tomavam em Vincennes era não deixar dinheiro aos presos.

Grimaud ao ver que o duque ficára contrariado em não achar o que queria, tirou da sua algibeira uma bolsa cheia de oiro, e apresentou-lh'a.

—Eis o que procura disse elle.

O duque abriu a bolsa e quiz despejal-a nas mãos de Grimaud, mas este meneou a cabeça.

—Agradecido, senhor, tornou elle, já estou pago.

O duque cada vez se espantava mais; estendeu-lhe a mão Grimaud aproximou-se, e beijou-lh'a respeitosamente. Grimaud tinha aprendido maneiras delicadas com Athos.

—E agora, perguntou o duque, que devemos fazer?

—São onze horas da manhã, replicou Grimaud, vossa alteza ás duas peça para jogar uma partida de péla com La Ramée, e atire com duas ou tres bolas por cima dos muros.

—Bem, e depois?

—Depois... vossa alteza aproximar-se-ha dos muros, e gritará para um homem que trabalha nos fossos de lh'as atirar.

—Comprehendo, disse o duque.

No rosto de Grimaud transluziu uma viva satisfação; o pouco uso que fazia da palavra, tornava-lhe a conversação difficil.

Fez um movimento para se retirar.

—Então, disse o duque, não queres nada de mim.

—Queria que vossa alteza me fizesse uma promessa.

—Qual? falla.

—E' que quando fugirmos serei eu o primeiro, porque se chegam a agarrar o senhor duque, o maior risco que corre é voltar de novo á prisão, em quanto que se me agarram, o menos que me póde succeder é ser enforcado.

—E' muito justo, disse o duque, e dou-te palavra de cavalheiro que será feito como pedes.

—Agora, disse Grimaud, não tenho mais que uma coisa a pedir-lhe, e vem a ser que me continue a fazer a honra de me tratar como até aqui.

—Assim o farei, disse o duque.

Bateu-se á porta.

O duque metteu a carta e a bolsa na algibeira, e foi deitar-se. Sabia-se que era isto o que elle fazia quando estava aborrecido. Grimaud foi abrir: era La Ramée, que vinha de casa do cardeal onde se passára a scena que já narramos.

La Ramée lançou um olhar investigador ao redor de si, e vendo sempre os mesmos symptomas de antipathia entre o preso, e o seu guarda, riu-se cheio de uma satisfação interior.

Depois voltando-se para Grimaud:

—Bem, meu amigo, disse elle, venho de fallar de si em boa parte, e espero que bem depressa receberá noticias que lhe serão agradaveis.

Grimaud cortejou-o de uma maneira que tentou fazer engraçada, e retirou-se: era este o seu costume quando o seu superior entrava.

—Então, sr., disse La Ramée sorrindo-se, ainda está zangado com este pobre creado.

—Ah! é o senhor, La Ramée, disse o duque, já era tempo que voltasse. Tinha-me mettido na cama, e voltado a cara para a parede para não ceder á tentação de estrangular o scelerado de Grimaud.

—Mas duvido, disse La Ramée fazendo uma espirituosa allusão á mudez do seu subordinado, que elle dissesse alguma coisa que desagradasse a vossa alteza.

—Mudo, sim, c'os diabos! parece-me um mudo oriental. Jaro lhe que era tempo de que voltasse, e que tinha pressa de o tornar a ver.

—Vossa alteza é muito bom, disse La Ramée lisongeado com o comprimento.

—Sim, continuou o duque, sinto-me hoje com tão pouca habilidade que estou certo lhe hei de causar prazer.

—Então jogaremos uma partida de péla? perguntou machinalmente La Ramée.

—Se assim o quizer.

—Estou ao dispor de vossa alteza.

—E' um homem encantador, e desejaria ficar eternamente em Vincennes, para ter o gosto de passar toda a minha vida comsigo.

—Senhor, disse La Ramée, parece-me que o cardeal satisfará os seus desejos.

—Como assim? viu-o ha pouco?

—Mandou-me chamar esta manhã.

—Certamente para lhe fallar de mim?

—De quem queria que elle me fallasse? na verdade, senhor, para elle é um pesadelo.

O duque sorriu-se amargamente.

—Ah! disse, se acceitasse os meus offerecimentos, La Ramée!

—Ora, senhor, ahi principiamos nós outra vez a fallar d'isso, mas bem vê, não é rasoavel.

—La Ramée, disse-lhe e repito-lhe que farei a sua fortuna.

—Com quê? Apenas saisse da prisão ser-lhe-hiam logo confiscados os bens.

—Em saindo da prisão estou logo senhor de Paris.

—Basta, basta! acaso poderá um official do rei ouvir e ter uma conversação similhante. Vejo bem, senhor, que é necessario que eu procure um segundo Grimaud.

—Não fallemos mais n'isso. Então conversou a meu respeito com o cardeal? La Ramée, para fazer bem, devia um dia quando elle o mandasse chamar deixar-me vestir o seu fato; eu iria em seu logar, e palavra de cavalheiro, que se fosse essa uma condição, voltaria para a torre.

—Senhor, vejo que é necessario chamar Grimaud.

—Disse mal. E que lhe disse o villão?

—Disse-me, disse La Ramée sorrindo-se, disse-me que não o perdesse de vista.

—E para quê, perguntou o duque inquieto.

—Porque um astrologo predisse que vossa alteza fugiria.

—Ah! um astrologo, predisse isso? perguntou o duque estremecendo apesar seu.

—Oh! meu Deus! estes imbecis dos magicos não sabem o que hão de imaginar para atormentar as pessoas de bem.

—E que respondeu á illustrissima eminencia?

—Que se o astrologo fazia almanaks, aconselhava-lhe que os não comprasse.

—Porque?

—Porque para o senhor fugir seria necessario que se convertesse em tentelhão ou ave rei.

—Desgraçadamente tem razão; vamos jogar uma partida de pela, La Ramée?

—Peço perdão a vossa alteza, mas conceda-me meia hora.

—E para que?

—Porque o senhor de Mazarino não obstante não ter tão nobre nascimento como vossa alteza, é comtudo mais soberbo do que vossa alteza, e esqueceu-se de me convidar para o almoço.

—Então quer que mande trazer o almoço para aqui?

—Não, senhor. E' preciso dizer-lhe que o pasteleiro que morava defronte do castello, a quem chamavam o tio Marteau...

—Que succedeu?

—Succedeu que ha oito dias vendeu a sua loja a um pasteleiro de Paris, a quem os medicos, segundo parece, recommendaram o ar do campo.

—E isso que tem comigo?

—Espere, senhor; de maneira que este damnado pasteleiro tem diante da sua loja certas coisas que fazem chegar a agua á boca.

—Goloso!

—Oh! senhor, não se é goloso, porque se gosta de comer bem. E' da natureza do homem procurar a perfeição nos pasteis como em qualquer outra coisa. Ora o velhaco do pasteleiro, quando me viu parar defronte da sua loja saiu-me ao encontro, e com a boca toda enfarinhada, disse: « Senhor La Ramée, é preciso que eu tenha conhecimento com os presos do castello. Comprei o estabelecimento do meu

predecessor, porque me certificou que fornecia para o castello; e entretanto, sr. La Ramée, ha oito dias que aqui estou, e ainda o sr. de Chavigny me não mandou comprar um pastelinho.

—Mas, disse-lhe eu então, é talvez porque o sr. Chavigny receia que os meus pasteis não sejam bons.

—Que não sejam bons os meus pasteis! Então, sr. La Ramée, quero-o fazer juiz, e ha de ser já.

—Não posso, é absolutamente preciso que entre já no castello, respondi eu.

—Então, vá fazer o que tem a fazer, porque me parece apressado, mas d'aqui a meia hora volte.

—D'aqui a meia hora?

—Sim. Almoçaria já?

—Ainda não.

—Então aqui o espera um pastel com uma garrafa do velho Borgonha. E comprehende, senhor, como estou em jejum quereria com a permissão de vossa alteza...

E La Ramée inclinou-se.

—Vá, vá; mas tome sentido que lhe não dou mais que meia hora.

—Posso prometter a sua freguezia ao successor do tio Marteau, serenissimo senhor?

—Sim, com tanto que elle não metta cogumelos nos seus pasteis; bem sabe, continuou o principe que os cogumelos do bosque de Vincennes são mortaes para a minha familia.

La Ramée saiu sem perceber a allusão, e, cinco minutos depois sua saida entrou o official da guarda sob pretexto de fazer companhia ao principe, mas, realmente, para cumprir as ordens do cardeal, que, como já dissemos, recommendava de não perder de vista o preso.

Porem, nos cinco minutos que estivera só, o duque tinha tido tempo de reler o bilhete da sr.ª de Monthazon que lhe provava que os seus amigos não o tinham esquecido, e que se occupavam da sua liberdade; de que modo? ignorava-o ainda; mas elle jurou para comsigo que, apesar da sua mudez, faria fallar Grimaud, no qual tinha uma confiança tanto maior, quanto era a satisfação que tinha de todo o seu pro-

cedimento; agora comprehendia que não inventára todas as leves perseguições que lhe fazia senão para tirar aos seus guardas toda a idea de que se podia entender com elle.

Esta astucia deu ao duque uma alta idéa do engenho de Grimaud, em quem resolveu fiar-se inteiramente.

XXI

O que continham os pasteis do successor do tio Marteau

Passada meia hora, La Ramée entrou alegre e folgasão como um homem que comeu bem e bebeu melhor. Tinha achado os pasteis excellentes e o vinho delicioso.

O tempo estava bom, e permittia o jogo da péla projectado, que em Vincennes se costumava jogar atirado muito alto; portanto nada havia mais facil para o duque do que fazer o que lhe recommendára Grimaud, que fôra atirar com as pélas para os fossos.

Emquanto não deram duas horas, o duque não esteve muito infeliz, porque esta era a hora ajustada. Comtudo não doixou de perder as partidas, o que o fez zangar e commetter erros sobre erros, como era seu costume em similhantes occasiões.

Apenas eram duas horas as pélas começaram a tomar o caminho dos fossos, com grande alegria de La Ramée, que marcava quinze pontos por cada uma que o principe fazia saltar para lá.

Tantas foram as que cairam nos fossos que vieram a faltar

La Ramée disse então que mandaria alguem para as apanhar.

Mas o duque observou-lhe muito judicciosamente que era tempo perdido; e, aproximando-se do muro, que, n'este lo-

gar, como dissera o ajudante, tinha pelo menos cincoenta pés de altura, avistou um homem que trabalhava n'um dos muitos jardinsinhos que os camponezes cultivam para além dos fossos.

—Olá! patrão? gritou o duque.

O homem levantou a cabeça, e o duque por pouco que não soltou um grito de surpreza. O homem, o camponez, o jardineiro, era Rochefort, que o principe julgava na Bastilha.

—Que ordena? perguntou o homem.

—Faça-nos o favor de nos atirar com as nossas pelas, disse o duque.

O homem fez um signal com a cabeça, e começou a atirar com as pélas que Ramée e os guardas apanharam. Uma d'ellas caiu aos pés do duque, e como esta lhe era visivelmente destinada, metteu-a no bolso.

Depois, tendo feito ao jardineiro um signal de agradecimento voltou ao jogo.

Mas decididamente o duque estava n'um dia de infelicidade, as pélas continuaram a tomar o caminho do fosso, e duas ou tres cairam n'elle; mas como o jardineiro já lá nao estava para as atirar, perderam-se; o duque disse então que se envergonhava de estar tão desasado e que não queria continuar.

La Ramée estava contentissimo de ter derrotado tão completamente um principe de sangue.

O principe entrou para o seu quarto e deitou-se; era o que elle fazia durante todo o dia, depois que lhe tinham tirado os livros.

La Ramée pegou nos fatos do principe, sob pretexto de que que estavam cheios de pó, e, queria mandal-os escovar, mas na realidade para estar certo de que o principe não se levantaria.

La Ramée era um homem previdente.

Felizmente o principe tinha tido tempo de occultar a péla debaixo do travesseiro.

Logo que a porta se fechou, o duque rasgou a capa da pela com os dentes, porque lhe não deixavam nenhum instrumento cortante; comia com facas de folha de prata flexivel e que não cortavam.

Debaixo da capa estava uma carta, que continha o seguinte:

«Senhor.

«Os seus amigos velam, e a hora da liberdade está proxima: peça para depois de ámanhã um pastel feito pelo pasteleiro que comprou a loja do tio Marteau, e que é Noirmont, o seu mordomo, não abra o pastel senão quando estiver só, e espero que ficará contente com o que n'elle achar.

«De vossa alteza sempre e em toda a parte servidor muito submisso.

«*Conde de Rochefort.*»

«P. S. Vossa alteza póde em tudo confiar-se em Grimaud, é um criado de muita intelligencia e que nos é affeiçoado a todos os respeitos.»

O duque de Beaufort, a quem tinham dado lume depois que renunciára a pintura, queimou a carta, como fizera á da sr.ª de Monthazon com mais pezar, e ia a fazer o mesmo á péla, quando pensou que lhe poderia ser util para levar a sua resposta a Rochefort.

Tinha-se acautelado bem, porque ao movimento que fez La Ramée entrou.

—Vossa alteza tem necessidade de alguma coisa? disse elle.

—Tinha frio, respondeu o duque, estava atiçando o fogo para que désse mais calor. Sabe, meu caro, que os quartos da torre de Vincennes são afamados pela sua friagem. Aquelles em que morreram Puy-Laurens, o marechal de Ornano e o grão-prior, meu tio, valiam, a este respeito, como dizia a sr.ª de Ramboillet, o seu peso em arsenico.

O duque tornou-se a deitar mettendo a péla debaixo do travesseiro. La Ramée sorriu-se. Era um homem honrado, que se tinha affeiçoado muito ao seu illustre preso e que se entristecia se lhe acontecesse alguma desgraça. Ora, as desgraças successivas, acontecidasás tres pessoas que o duque nomeava eram incontestaveis.

—Senhor, disse elle, não deve entregar-se a similhantes pensamentos. São elles que matam e não o salitre.

—Oh! meu caro, é encantador, disse o duque, se podesse como o senhor comer pasteis e beber vinho de Borgonha em casa do successor do tio Marteau, isso distrahir-me-hia.

—A verdade é, senhor, disse La Ramée, que os seus pasteis são excellentes, e o seu vinho optimo.

—Em todo o caso replicou o duque, não é preciso muito para que a sua adega e cosinha sejam melhores que as do sr. de Chavigny.

—Então, senhor disse La Ramée, caindo no laço, quem lhe impede de os aproveitar? além d'isso prometti-lhe a sua freguezia.

—Tem razão, disse o duque, se eu ficar aqui para sempre, como o *sôr* Mazarino teve a bondade de o dar a entender, é preciso que eu adquira uma distracção para a minha velhice; devo fazer-me goloso.

—Senhor, ucredite, um bom conselho, para isso não espere pela velhice.

—Bom, disse á parte o duque de Beaufort, todo o homem deve ter, para perder o seu corpo ou a sua alma, recebido da munificencia celeste um dos sete peccados capitaes, quando não receber dois; parece que o de La Ramée é a gula. Aproveitemo-nos d'ella. Muito bem! meu caro La Ramée, ajuntou em voz alta, depois de amanhã é dia de festa.

—Sim, senhor, é domingo de Pentecostes.

—Quer dar-me uma lição depois de amanhã.

—De quê?

—De gastronomia.

—Com todo o gosto, senhor.

—Mas uma lição a sós. Mandaremos cear os guardas para a frasgueira do sr. de Chavigny, e teremos aqui uma ceia, cuja direcção lhe entrego.

—Hum exclamou La Ramée.

O offerecimento era seductor; mas La Ramée, apesar da fraca idéa que se formaria d'elle ao vel-o o cardeal; era um velho matreiro que conhecia todas as ciladas que póde armar um preso. O duque de Beaufort, dizia elle, tinha levantado

quarenta meios para a sua evasão. Occultaria este almoço algum d'elles?

Reflectiu algum tempo, mas o resultado das suas reflexões foi que elle mesmo encommendaria os viveres e o vinho, e por conseguinte nenhum pó se misturaria nas comidas, nem licor nos vinhos. Quanto a embriagal-o, o duque não podia pensar em tal, e só esta lembrança o fez rir; depois occorreu-lhe uma idéa, que conciliou tudo.

O duque tinha seguido o monologo interior de La Bamée com um olhar inquieto, á medida que via trair-se-lhe a physionomia, mas o rosto do ajudante aclarou-se por fim,

—Então, perguntou o duque, acceita?

—Sim, senhor, com uma condição.

—Qual?

—E' que Grimaud servir-nos-ha á meza.

Nada podia ser mais conforme com os desejos do principe.

Teve comtudo a força de dar ao seu semblante um gesto carregado.

—Os demonios levem o sr. Grimaud! exclamou elle. Tirar-me-ha todo o prazer da festa.

—Ordenar-lhe-hei que se conserve atraz de vossa alteza e como elle não pronuncia uma palavra, vossa alteza não o verá nem ouvirá, e com alguma boa vontade, poderá imaginar que está cem leguas distante.

—Meu caro, sabe o que vejo de mais claro n'isto? é que desconfia de mim.

—Serenissimo senhor, depois de ámanhã é domingo de Pentecostes.

—E que me importa a mim isso? Receia que o Espirito Santo desça na figura de uma lingua de fogo para me vir abrir as portas da prisão?

—Não, senhor; mas eu já lhe disse a predicção d'aquelle maldito magico.

—E que predisse elle?

—Que não passaria o dia de Pentecostes sem que vossa alteza estivesse fóra de Vincennes.

—E tu, imbecil, acreditas nos magicos?

—Eu! faço tanto caso d'elles como d'isto, e deu estalos

com os dedos. Mas o sr. Giulio acredita; na sua qualidade de italiano é supersticioso.

O duque encolheu os hombros.

—Pois bem! seja assim, disse o duque com uma simplicidade perfeitamente representada; acceito Grimaud, já que não ha remedio, mas não quero mais ninguem que elle. O senhor encarregar-se-ha de tudo; encommendará a ceia, como lhe parecer; a unica coisa que peço é um dos pasteis de que fallou. Encommendal-o-ha para mim, afim de que o successor do tio Marteau se esmere, e prometter-lhe-ha a minha freguezia, não só em quanto eu estiver na prisão, mas mesmo depois de sair d'ella.

—Então sempre acredita, que chegará a sair? perguntou La Ramée.

—Ora essa! respondeu o principe, ainda que não fosse senão á morte de Mazarino; eu tenho quinze annos de menos do que elle. E' verdade que em Vincennes vive-se menos.

—Senhor, replicou La Ramée, senhor.

—Ou que se morre mais depressa, accrescentou o duque de Beaufort, vem a dar no mesmo.

—Senhor, disse La Ramée vou encommendar o almoço.

—E acredita que pode fazer alguma coisa do seu discipulo?

—Assim o espero, senhor, respondeu La Ramée.

—Se elle lhe der tempo, murmurou o duque.

—Que diz, senhor?

—Digo que não poupe a bolsa do cardeal, porque se quiz encarregar da nossa pensão.

La Ramée parou á porta.

—Quem quer vossa alteza que eu lhe mande?

—Quem quizer, excepto Grimaud.

—O official das guardas então?

—Com o seu jogo de xadrez.

—Sim.

E La Ramée saiu.

Cinco minutos depois, o official entrava, e o sr. de Beaufort parecia profundamente sepultado nas sublimes combinações do xeque e mate.

E' uma singular coisa o pensamento e as revoluções que n'elle operam um signal, uma palavra, uma esperança. O duque estava ha cinco annos preso, e um olhar lançado para o passado fazia-lhe parecer estes cinco annos, que todavia tinha passado bem lentamente, mais breves que os dois, as quarenta e oito horas que o separavam do momento da evasão.

Havia sobretudo uma coisa que o preoccupava horrorosamente. Era de que maneira se operaria esta evasão. Tinham-lhe feito esperar pelo resultado, e occultaram-lhe o que continha o mysterioso pastel. Que amigos o esperavam? Teria então elle ainda amigos depois de cinco annos de prisão? N'este caso era um principe bem privilegiado.

Esquecia-lhe que alem dos seus amigos, coisa extraordinaria! uma mulher se lembrára d'elle; é verdade que ella talvez lhe não tivesse sido escrupulosamente fiel, mas não o tinha esquecido, o que já era muito.

Não era preciso tanto para dar sérias preoccupações ao duque; por isso succedeu-lhe ao xadrez o mesmo que á péla: o sr. de Beaufort commetitia erros sobre erros, e o official venceu-o de tarde como de manhã o fizera La Ramée.

Mas as suas derrotas successivas tinham-lhe feito alcançar uma vantagem, e era de ter estado entretido até ás oito horas da tarde; porque aproximava-se a noite, e com ella o somno.

O duque, pelo menos, assim o pensava; mas o somno é uma divindade muito caprichosa, e é justamente quando se invoca que ella se faz esperar. O duque esperou-o até á meia noite, virando-se e revirando-se nos colchões, como S. Lourenço nas suas grelhas. Por fim adormeceu.

Mas ao despertar da aurora já elle tinha acordado; sonhos phantasticos o tinham atormentado por toda a noite; tinha-se sentido com azas, o que lhe inspirou o mui natural desejo de voar, e então as azas sustentaram-o perfeitamente; mas chegado a uma certa altura, este estranho apoio faltou-lhe de repente, as azas tinham-se-lhe quebrado, e pareceu-lhe rolar para uns abysmos sem fundo, e acordou com a testa banhada em suor como se na realidade desse uma quéda.

Depois tornou a adormecer para vaguear de novo n'um dedalo de sonhos, qual o mais insensato: apenas se lhe cerraram de novo os olhos, o seu espirito, impellido para um só fim, a sua fuga, esquivava-se a tentar esta evasão. Então succedia outra coisa: achou-se uma passagem subterranea, que devia conduzil-o para fóra de Vincennes; metteu-se por esta passagem e Grimaud ia adiante com uma lanterna na mão; mas pouco a pouco a passagem estreitava-se, e todavia o duque continuava o seu caminho; por fim o subterraneo tornava-se tão estreito, que o fugitivo debalde tentava ir mais para diante; as paredes da muralha, iam-se fechando cada vez mais, e apertando-o entre si; fazia inuteis esforços para avançar, mas era impossivel; e comtudo via ao longe Grimaud com a sua lanterna que continuava a marchar; queria chamal o para que o ajudasse a tirar d'este estreito que o abafava, mas era-lhe impossivel soltar uma só palavra. N'esse comenos, na outra extremidade, n'aquella por onde tinha entrado, ouviu os passos dos seus perseguidores; que se aproximavam incessantemente; estava descoberto, não tinha já esperança de fugir. A muralha parecia estar de intelligencia com os seus inimigos e opprimia-o tanto mais, quanto maior era a necessidade que tinha de fugir; emfim ouvia a voz de La Ramée. Este estendia-lhe a mão, e pousava-lh'a no bombro soltando gargalhadas; estava outra vez preso, e era conduzido para a camara baixa e abobada onde tinham morrido o marechal Ornano, Puy-Laurens e seu tio; viam-se já os seus tres tumulos, amolgando o terreno; uma outra cova estava aberta, não esperava senão pelo cadaver.

Por esta razão, o duque quando acordou fez tantos esforços por se conservar acordado, quantos fizera para adormecer, e quando La Ramée entrou, achou-o tão pallido e fatigado, que lhe perguntou se estava doente.

—De facto, disse um dos guardas que ficára no quarto, e que não podéra adormecer por causa de uma dôr de dentes que lhe produzia a humidade, sua alteza passou a noite muito agitado, e duas ou tres vezes nos seus sonhos chamou por soccorro.

—Que teve vossa alteza? perguntou La Ramée.

—Ah! foste tu, imbicil, e com todos os teus disparates de evasão com que me quebraste hontem a cabeça, a causa de que eu sonhasse com a liberdade, e que quando me libertava quebrava o pescoço.

La Ramée entrou a rir.

—Vê senhor, disse La Ramée, é uma advertencia do ceu; por isso espero que vossa alteza não commetterá nunca similhantes imprudencias senão em sonhos.

—Tem razão, meu caro La Ramée, disse o duque limpando o suor que lhe corria ainda da fronte, não obstante estar já bem acordado, não quero pensar mais do que em beber e comer.

—Chiton! disse La Ramée.

E affastou os guardas uns após outros sob differentes pretextos.

—Então, disse o duque quando se acharam sós.

—Então, disse La Ramée, a sua ceia está encommendada.

—Ah! exclamou o principe, e de que se compõe ella? Diga, senhor meu mordomo.

—Vossa alteza prometteu-me deixar isso ao meu cuidado.

—Haverá um pastel?

—Assim o creio! e como uma torre.

—Feito pelo successor do tio Marteau?

—Está encommendado.

—E disse-lhe que era para mim?

—Sim, senhor.

—E elle respondeu?

—Que faria o que podesse para agradar a vossa alteza.

—Está bom! disse o duque esfregando as mãos.

—Diabo! disse La Ramée, como vossa alteza hoje está goloso; ha cinco annos que lhe não vejo o rosto tão alegre como agora.

O duque viu que não era senhor de si; mas n'este momento, Grimaud, como se tivesse estado a escutar á porta, e comprehendido que era urgente uma distracção para as ideias de La Ramée, entrou, e fez signal aeste que tinha alguma coisa a dizer-lhe.

La Ramée aproximou-se de Grimaud, que lhe fallou em segredo.

Entretanto o duque tornou a si.

—Prohibi já a este homem, disse elle, de se apresentar aqui sem minha permissão.

—Senhor, é mister perdoar-lhe, porque fui eu que o mandei.

—E para que o mandou, sabendo que o aborreço?

—Vossa alteza recorda-se do que convencionámos, disse La Ramée, e que é elle que nos deve servir a famosa ceia?

—Esquecer-se-hia vossa álteza.

—Não. Mas esqueci Grimaud.

—Vossa alteza bem sabe de que sem elle não haverá...

—Então faça o que quizer.

—Aproxime-se, disse La Ramée para Grimaud, e ouça o que vou dizer-lhe.

Grimaud aproximou-se com o semblante taciturno.

La Ramée continuou:

—Sua alteza quer fazer-me a honra de me convidar para cear com elle ámanhã á noite.

Grimaud fez um signal de cabeça que queriá dizer, que aquillo nada tinha com elle.

—Tem, sim, disse La Ramée, ao contrario, muito lhe importa, porque terá a honra de nos servir, sem contar, que, por maior que seja o appetite e a sede que tenhamos, alguma coisa crescerá, tanto nos pratos, como nas garrafas, e essa alguma coisa será para si,

Grimaud inclinon-se em signal de agradecimento.

—E agora, sr., disse La Ramée, peço desculpa a vossa alteza; parece que o sr. de Chavigny se ausenta por alguns dias, e mandou-me prevenir que tinha ordens a dar-me antes de partir.

O duque esforçou-se por trocar um lance de olhos com Grimaud, mas os olhos d'este estavam fixos.

—Vá, disse o duque a La Ramée, e volte o mais cedo possivel.

—Vossa alteza quer tomar a desforra da partida de péla de hontem?

Grimaud fez um imperceptivel signal de cabeça de alto a baixo.

—Sim, respondeu o duque, mas acautele-se, porque os dias passam, e nem sempre são os mesmos. De maneira que estou hoje decidido a ganhar-lhe muito.

La Ramée saiu; Grimaud seguiu com os olhos, sem que o resto do corpo se desviasse uma linha; apenas viu que a porta estava fechada, tirou apressadamente da sua algibeira um lapis e um bocado de papel.

—Escreva, senhor, disse elle.

—E que devo escrever.

Grimaud fez um signal com o dedo e dictou:

«Tudo está preparado para ámanhã á noite, censerve-se de atalaia das sete as nove horas, e tenha dois cavallos promptos; desceremos pala primeira janella da galeria.»

—Que mais? disse o duque.

—Que mais, senhor?! Assigne.

—E só isso?

—Que quer mais, senhor? replicou Grimaud, que era o mais conciso possivel.

O duque assignou.

—Agora, disse Grimaud, vossa alteza perdeu a péla.

—Que péla?

—A que continha a carta?

—Não; pensei que nos podia ser util. Aqui está.

E o duque tirou a péla que tinha posto debaixo do seu travesseiro, e apresentou-a a Grimaud.

Grimaud sorriu-se o mais agradavelmente que lhe foi possivel.

—Que diz? perguntou o duque.

—N'este caso, senhor, disse Grimaud, metto-lhe o papel dentro, e quando estiver jogando, atire-a por cima do muro para o fosso.

—Mas talvez que se perca?

—Fique descançado, senhor, alguem la estará para a apanhar.

—Um jarnineiro?

Grimaud fez signal que sim.

—O mesmo que hontem?

Grimaud repetiu-o mesmo signal.

—O conde de Rechefort?

Grimaud fez trez vezes signal que sim.

—Mas, disse o duque, dê-me ao menos alguns esclarecimentos sobre a nossa evasão.

—Isso é-me prohibido antes do momento da execução.

—Quem são os que me esperam do outro lado do fosso?

—Não sei, senhor.

—Mas ao menos, se não queres que eu endoideça, dize-me o que conterá o famoso pastel.

—Seuhor, disse Grimaud, conterá dois punhaes, uma córda para nós, e uma pera agonisante. (1)

—Bem. Comprehendo.

—Repare vossa alteza que ali haverá para todos.

—Tomaremos para nós os punhaes e a corda, disse o duque.

—E a pera fal-a-hemos comer a La Ramée, disse Grimaud.

—Meu caro Grimaud, tu fallas raras vezes, mas quando fallas, deve-se dizer, em abono da verdade, que dizes bocadinhos de ouro.

XXII

Uma aventura de Maria Michon

Ao mesmo tempo que Beaufort e Grimaud tramavam os projectos para a sua evasão dois homens, seguidos a alguma distancia porum lacaio, entravam em Paris pela rua do Faubourg-Saint-Marcel. Estes dois homens eram o conde de La Fére e o visconde de Bragelonne.

(1) A pera agonisante era uma mordaça aperfeiçoada; tinha a forma de uma pera, mettia-se na bôca, e com ajuda de certos meios estendia-se a ponto de fazer abrir o mais possivel os queixos.

Era a primeira vez que o rapaz vinha a Paris, e Athos não tinha conceituado muito no seu espirito a capital, sua antiga amiga, mostrando-l'ha por este lado. E de certo, a mais ordinaria aldeia da Turenna é mais agradavel aos olhos, que Paris vista pelo lado fronteiro a Blois. Por isso, é força confessal-o para vergonha d'esta cidade toda cheia de presumpção, que produziu um fraco effeito sobre o nosso mancebo.

Athos conservava sempre o seu ar indolente e sereno.

Ao chegar de Saint-Medrad, Athos que servia n'este grande labyrintho de guia ao seu companheiro de jornada, tomou pela ruu das Postas, depois pelos fossos de S. Miguel, e em seguida pela do Vaugirard. Chegados á rua Feron, os viandantes pararam ali. No meio d'esta rua, Athos levantou os olhos sorrindo-se, e mostrando uma casa de apparente burguezia ao mancebo, disse-lhe:

—Olhe, Raul, aqui está uma casa onde passei sete dos mais doces e mais crueis annos da minha vida.

O moço sorriu-se tambem e saudou a casa. A amisade de Raul para com o seu bemfeitor manifestava-se em todos os actos da sua vida.

Quanto a Athos, já dissemos que Raul era para elle não só o centro, mas até, á excepção das suas antigas recordações do regimento, o unico objecto de suas affeições, e comprehender-se-ha com quanta força e ternura amaria agora o coração d'Athos.

Os dois viandantes pararam na rua do Vieux Colombier, n'uma casa que tinha o distico *Renard-vert* (Raposa verde), Athos conhecia a taberna de ha muito, centenares de vezes ali viera com os seus amigos; mas ha vinte annos a esta parte que se tinham feito muitas mudanças na casa, a começar pelos amos.

Os viajantes entregaram os seus cavallos ás mãos dos creados, e, como eram animaes de nobre raça, recommendaram que tivessem com elles o maior cuidado, que só lhe dessem palha e aveia, e que lhe lavassem com vinho tepido as pernas. Tinham andado n'aquelle dia vinte leguas. Depois de se terem occupado, como verdadeiros cavalleiros, dos seus cavallos, pediram dois quartos para si.

—Vá preparar-se, Raul, disse Athos, que hei de apresentol-o a alguem.

—Hoje, senhor? perguntou o rapaz.

—Daqui a meia hora.

Raul saudou-o.

Talvez que este, menos infatigavel que Athos, que parecia de ferro, preferisse um banho no Senna, rio de que elle tanto ouvira fallar, e depois a cama; mas o conde de la Fére tinha fallado, não cuidou senão em obedecer.

—A proposito, disse Athos, vista-se bem, Raul; quero que o achem bello.

—Espero, senhor, disse o rapaz sorrindo, que se não trate de casamento. Bem sabe os meus compromettimentos com Luiza.

—Não, fique descançado, não obstante ser a uma mulher que tenho de apresental-o.

—Uma mulher? perguntou Raul.

—Sim, e até mesmo desejo que a ame.

O mancebo fixou o conde com certa inquietação, mas um sorriso d'este tranquillisou-o.

—E que edade tem ella? perguntou o visconde de Bragelonne.

—Meu caro Raul, sirva-lhe isto de lição: essa pergunta nunca se faz. Quando se pode ler a edade no rosto de uma mulher escusado é perguntar-lh'a; quando se não pode, é indiscrição.

—E' formosa?

—Ha dezeseis annos passava ella não só pela mais formosa, mas até pela mais graciosa dama de França.

Esta resposta tranquillisou completamente o visconde.

Não era possivel que Athos tivesse projectos alguns sobre elle e uma mulher, que passava pela mais bella e formosa da França, um anno antes ainda d'elle nascer.

Retirou-se por tanto para o seu quarto, e com esse galanteio que tão bem condiz com a mocidade, applicou-se a seguir as instrucções d'Athos, isto é, a fazer-se o mais bello que lhe era possivel. Ora isto era-lhe facil com os dotes que a natureza lhe dera.

Quando tornou a apparecer, Athos recebeu-o com o sor-

riso paternal com que outr'ora acolhia d'Artagnan, mas que tinha de mais uma profunda ternura para com Raul.

Athos rolanceou-lhe um olhar sobre os pés, sobre as mãos, e sobre os cabellos, os tres signaes de raça. Os seus cabellos pretos estavam elegantemente apartados, como então era moda, e caiam-lhe em anneis pelas faces; luvas de pellica cinzenta, e que harmonisavem perfeitamente com o seu bonet, desenhavam-lhe a mão fina e elegante, em quanto que as suas botas, da mesma côr, que as luvas e o bonet, deixavam ver a fórma de um pé que se parecia com o de um menino de dez annos.

—Vamos, murmurou elle, é preciso que seja muito intractavel para que não fique orgulhosa com elle.

Eram tres horas da tarde, hora conveniente para as vizitas. Os dois viandantes dirigiram-se pela rua da Grenelle, tomaram pela rua dos Rosiers, entraram na de S. Domingos, e pararam em frente de um magnifico palacio situado em frente dos Jacobinos, e ornade das armas dos Luynes.

—E' aqui, disse Athos.

Entrou no pateo com o passo firme e tranquillo que indica ao porteiro que o que assim entra tem direito para isso; subiu a escada, e dirigindo-se a um lacaio, que esperava em grande libré, perguntou se a senhora duqueza de Chevreuse estava visivel e se podia receber o conde de La Fère.

Pouco depois, o lacaio entrou e disse que, posto que a senhora duqueza de Chevreuse não tivesse a honra de conhecer o sr. conde de La Fère, rogava-lhe a graça de entrar.

Athos seguiu o lacaio que atravessava uma longa fileira de quartos, e parou defronte de uma porta fechada; era a de um salão. Athos fez signal ao visconde de Bragelonne de ficar onde estava.

O lacaio abriu e annunciou o sr. conde de La Fère.

A sr.ª de Chevreuse, de que tantas vezes fallamos na nossa historia dos *Tres Mosqueteiros*, sem ter occasião de a pôr em scena, passava ainda por uma formosissima dama. De facto, posto que ella n'esta epoca tivesse já quarenta e quatro a quarenta e cinco annos, apenas se julgaria de trinta e oito ou trinta e nove; tinha ainda os formosos cabellos louros, os olhos vivos e intelligentes que a intriga tantas vezes

abrira, e o amor tantas vezes fechára, e o seu talhe de nympha, que fazia com que, quando se via pelas costas, parecesse ainda a joven que saltava com Anna d'Austria o fosso das Tulherias, que privou, em 1623, a corôa de França de um herdeiro.

Em quanto ao mais era ainda a mesma louca que dava aos seus amores um tal sello de originalidade, que fazia com que elles se tornassem quasi uma illustração para a sua familia.

Quando entrou Athos, estava ella n'uma camara, cuja janella dava para um jardim, e que, segundo a moda que introduzira a sr.ª de Rambouillet na construcção do seu palacio, estava forrada de uma especie de damasco azul com flores de rosa e folhagem de oiro. A sr.ª de Chevreuse estava recostada n'uma grande poltrona, e com a cabeça apoiada na tapeçaria.

Na mão tinha um livro entreaberto, e para sustentar o braço que segurava este livro, tinha junto de si uma almofada.

Ao annuncio do lacaio, levantou curiosamente a cabeça.

Athos appareceu.

Estava vestido de veludo côr de violeta com passadores da mesma côr; as agulhetas eram de prata burnida, a capa não tinha bordado algum, e na gorra preta apenas fluctuava uma pluma da mesma côr que o fato.

Nos pés trazia calçados botins de couro e de um cinturão envernisado pendia-lhe a espada de magnificos copos que Porthos tantas vezes admirára na rua Fèron, mas que Athos não tinha querido nunca emprestar-lhe. Esplendidos folhos formavam o cabeção da camisa, assim como lhe pendiam magnificas rendas do canhão dos botins. Havia em toda este homem, que se acabava de annunciar sob um nome inteiramente desconhecido á sr.ª de Chevreuse, um tal ar de grandeza, que ella quasi se levantou de todo e lhe fez graciosamente signal de tomar um assento ao pé de si.

Athos saudou-a e obedeceu-lhe. O lacaio ia retirar-se, mas Athos fez-lhe signal que o retivesse.

—Senhora, disse elle á duqueza, tive a ousadia de me apresentar no palacio sem ser conhecido seu; fui bem suc-

cedido, pois que se dignou receber-me. Tenho agora a honra de lhe pedir meia hora de conversação.

—Concedo, senhor, respondeu a sr.ª de Chevreuse com o seu mais gracioso sorriso.

—Mas não basta, isso, senhora. Oh! sou um grande ambicioso, bem o sei; o entretenimento que lhe peço, deve ser só entre nós, e teria grande desejo de não ser interrompido.

—Não estou em palacio para ninguem, disse a duqueza ao lacaio, retire-se.

O lacaio saiu.

Houve um instante de silencio, durante o qual os dois personagens, que no primeiro lance de olhos se reconheciam bem por serem de alta jerarchia, se examinaram sem algum embaraço de parte a parte.

A duqueza de Chevreuse foi a primeira a romper o silencio.

—Então, senhor, disse ella sorrindo, não vê que espero impacientemente.

—E eu, senhora, respondeu Athos olho com admiração.

—Senhor, disse a duqueza, é preciso desculpar-me, porque tenho pressa de saber a quem fallo. Que é da côrte, é incontestavel, mas comtudo nunca lá o encontrei. Sairia acaso da Bastilha?

—Não, senhora, respondeu Athos, sorrindo mas talvez esteja no caminho que lá vae dar.

—Ah! n'esse caso diga-me depressa quem é, e afaste-se em seguida, respondeu a duqueza com o tom enjoado, que n'ella tinha um tão formoso attractivo, porque já estou bastante comprometida, sem ter dado motivos para isso.

—Quem sou, senhora? já se lhe disse o meu nome; sou o conde de La Fère. Nunca ouviu este nome. Antigamente usava eu de um outro, que de certo ouviu, mas que provavelmente esqueceu.

—Diga sempre, senhor.

—N'outro tempo, disse o conde de La Fère, chamava-me Athos.

A sr.ª de Chavreuse abriu os olhos com espanto. Era

evidente, como lhe dissera o conde, que tal nome não se lhe apagara de todo da memoria, posto que se achasse muito confundido com as suas antigas reminiscencias.

—Athos? disse ella, espere!...

E a duqueza levou as duas mãos á fronte como para obrigar milhares de ideas fugitivas que lhe corriam pela mente a fixarem-se durante um momento, a fim de vêr claramente no meio da sua multidão brilhante e matisada.

—Quer que a ajude, senhora, disse Athos sorrindo.

—Sim, disse a duqueza já fatigada de pensar, dar-me-ha muito gosto n'isso.

—Esse Athos estava unido com tres jovens mosqueteiros, que se chamavam d'Artagnan, Porthos e...

Athos parou.

—E Aramis, disse vivamente a duqueza.

—E Aramis, replicou Athos, exactamente, então não esqueceu de todo esse nome?

—Não, disse ella, não era um encantador cavalheiro, elegante, discreto e que fazia muito bonitos versos: creio que lhe succedeu algum mal, acrescentou ella.

—O peior que podia ser; fez-se abbade.

— Ah! que desgraça, disse a senhora de Chevreuse abanando-se negligentemente com o seu leque, na verdade, senhor, agradeço-lhe.

—O que senhora?

—Ter-me recordado isso, que é uma das mais agradaveis recordações da minha mocidade.

—Mas permittir-me-ha então, disse Athos, que lhe avive outra recordação?

—Que tem ligação com esta?

—Sim, e não

—Falle, disse a sr.ª de Chevreuse, de um homem como o senhor, confio tudo.

Athos cumprimentou-a.

—Aramis, continuou elle, tinha relações com uma joven lavadeira de Tours.

—Uma joven lavadeira de Tours? disse a duqueza de Chevreuse.

—Sim, sua prima que se chamava Maria Michon.

a pobre Maria Michon, e conduzil-a para o castello de Loches; felizmente a coisa não se pôde effectuar tão secretamente que não transpirasse; o caso estava prevenido: se Maria Michon fosse ameaçada de algum perigo, a rainha mandar-lhe-hia um livro de horas, encadernado em veludo.

—É verdade, está bem informado.

—Uma manhã chegou o livro verde trazido pelo principe de Marsillac. Não havia tempo a perder. Por felicidade Maria Michon e uma creada que elle tiuha chamada Ketty vestiam admiravelmente os fatos de homem. O principe procurou-lh'os; para Maria Michon um fato de cavalleiro, e para Ketti uma farda de lacaio, apromptou-lhes dois excellentes cavallos, e as duas fugitivas deixaram rapidamente Tours dirigindo-se para Hespanha, tremendo ao menor ruido, seguindo os caminhos desviados, porque não ousavam caminhar pelas estradas, e pedindo hospitalidade oude não achavam estalagem.

—Mas na verdade isso succedeu assim? exclamou a sr.ª de Chevreuse batendo as palmas, seria sem duvida curioso...

A duqueza suspendeu-se.

—Que eu seguisse as duas fugitivas até ao fim da viagem? disse Athos, não, senhora, não abusarei assim dos seus momentos, acompanhal-as-hemos até uma pequena aldeia do Limousin, situada entre Tulle e Angonlême, uma pequena aldeia, que chamam, Roche-l'abeille.

A sr.ª de Chevreu-se soltou um grito de surpreza e fixou Athos com uma expressão de espanto, que fez sorrir o antigo mosqueteiro.

—Espere, senhora, continuou Athos, porque o que tenho a dizer-lhe é mais extraordinario do que tudo o que lhe tenho dito.

—Senhor, disse a sr.ª de Crevreuse, estou-o acreditando um feiticeiro; tem-me em tudo ao seu seu dispor, mas na verdade... não importa, continue.

—D'esta vez, a jornada tinha sido longa e fatigada; fazia frio; era o dia onze de outubro; a aldeia não apresentava nem estalagem nem castello; as casas dos camponezes eram pobres e sujas. Maria Michon era uma pessoa muito aristocratica; como a rainha, sua irmã, estava habituada aos bons

a pobre Maria Michon, e conduzil-a para o castello de Loches; felizmente a coisa não se pôde effectuar tão secretamente que não transpirasse; o caso estava prevenido: se Maria Michon fosse ameaçada de algum perigo, a rainha mandar-lhe-hia um livro de horas, encadernado em veludo.

—É verdade, está bem informado.

—Uma manhã chegou o livro verde trazido pelo principe de Marsillac. Não havia tempo a perder. Por felicidade Maria Michon e uma creada que elle tinha chamada Ketty vestiam admiravelmente os fatos de homem. O principe procurou-lh'os; para Maria Michon um fato de cavalleiro, e para Ketti uma farda de lacaio, apromptou-lhes dois excellentes cavallos, e as duas fugitivas deixaram rapidamente Tours dirigindo-se para Hespanha, tremendo ao menor ruido, seguindo os caminhos desviados, porque não ousavam caminhar pelas estradas, e pedindo hospitalidade oude não achavam estalagem.

—Mas na verdade isso succedeu assim? exclamou a sr.ª de Chevreuse batendo as palmas, seria sem duvida curioso...

A duqueza suspendeu-se.

—Que eu seguisse as duas fugitivas até ao fim da viagem? disse Athos, não, senhora, não abusarei assim dos seus momentos, acompanhal-as-hemos até uma pequena aldeia do Limousin, situada entre Tulle e Angonlême, uma pequena aldeia, que chamam, Roche-l'abeille.

A sr.ª de Chevreu-se soltou um grito de surpreza e fixou Athos com uma expressão de espanto, que fez sorrir o antigo mosqueteiro.

—Espere, senhora, continuou Athos, porque o que tenho a dizer-lhe é mais extraordinario do que tudo o que lhe tenho dito.

—Senhor, disse a sr.ª de Crevreuse, estou-o acreditando um feiticeiro; tem-me em tudo ao seu seu dispor, mas na verdade... não importa, continue.

—D'esta vez, a jornada tinha sido longa e fatigada; fazia frio; era o dia onze de outubro; a aldeia não apresentava nem estalagem nem castello; as casas dos camponezes eram pobres e sujas. Maria Michon era uma pessoa muito aristocratica; como a rainha, sua irmã, estava habituada aos bons

perfumes e linho fino; resolveu pois ir pedir hospitalidade ao presbiterio.

Athos fez uma pausa.

—Oh! continue, disse a duqueza, previno-o de que estou anciosa pelo fim.

—As duas viandantes bateram á porta; era tarde; o padre, que estava deitado, gritou-lhes que entrassem; ellas entraram, porque a porta não estava fechada; a confiança é grande nas aldeias. Maria Michon, qne parecia o mais encantador cavalleiro do mundo, empurrou a porta, metteu a cabeça, e pediu hospitalidade.

—De boa vontade, meu joven cavalleiro, disse o padre se o satisfazem os restos da minha ceia, e a metade do meu leito.

As duas viandantes consultaram-se um instante; o padre ouviu-as rir; depois o senhor, ou antes a senhora, respondeu:

—Agradecido, meu cura, eu acceito.

—Então ceie, e faça o menor ruido possivel, respondeu o padre, porque tambem hoje caminhei todo o dia, e desejaria dormir esta noite.

A sr.ª de Chevreuse ia evidentemente da surpreza para o espanto, e do espanto para a estupefacção; o seu rosto, ao ver Athos, tinha tomado uma expressão impossivel de pintar: via-se que desejava fallar, e comtudo calava-se, com medo de perder algumas palavras do seu interlecutor.

—E depois? pergunton ella.

—Depois? respondeu Athos. Ah! eis justamente o mais difficil.

—Diga, diga, diga! a mim tudo se póde dizer. E demais, isso nada tem comigo, é um negocio de Maria Michon.

—E' verdade, disse Athos, n'esse caso então, Maria Michon ceou com a sua criada, e, depois de ter ceado, segundo a permissão que lhe fôra dada, entrou para o quarto, onde dormia o seu hospede, emquanto que Ketti se recostava em uma poltrona no primeiro quarto, isto é, n'aquelle onde tinham ceado.

—Realmente, senhor, disse a duqueza, a não ser o demonio em pessoa, não sei como pôde saber tudo isso.

—Era uma encantadora mulher aquella Maria Michon, replicou Athos, uma d'essas loucas a quem incessantemente occorrem ao espirito as maiores extravagancias, um d'esses seres nascidos para nos condemnar a nós todos. Ora, ao pensar que o seu hospede era padre, veiu-lhe ao pensamento o galanteio, e que seria uma risonha recordação para a sua velhice, no meio de tantas recordações alegres que ella tinha, o ter condemnado um abbade.

—Conde, disse a duqueza, dou-lhe a minha palavra de honra de que me espanta!

—Ah! replicou Athos, o pobre abbade não era um Santo Ambrosio, e, repito-o, Maria Michon era uma adoravel creatara.

—Senhor, exclamou a duqueza agarrando nas mãos de Athos, diga-me já como sabe todas essas minucias, ou mando chamar um monge de Santo Agostinho, e faço-o exorcismar.

Athos poz-se a rir.

—Nada mais facil, senhora, um cavalleiro que estava encarregado de uma missão importante tinha tambem vindo, uma hora antes, pedir hospitalidade ao presbyterio, e era no mesmo momento em que o cura, chamado para junto de um moribundo, deixava não só a casa, mas a aldeia por toda a noite. Então o homem de Deus, cheio de confiança no seu hospede, que era cavalheiro, abandonou-lhe a casa, a ceia e o leito. Foi pois ao hospede do bom abbade, e não ao proprio abbade, que Maria Michon tinha vindo pedir hospitalidade.

—E esse cavalleiro, esse hospede, esse fidalgo, chegado antes d'ella...

—Era eu, o conde de La Fére, disse Athos levantando-se, e saudando respeitosamente a duqueza de Chevreuse.

A duqueza ficou por um momento estupefacta, mas de repente soltou uma gargalhada.

—Ah! é singular, disse ella, e a louca da Maria Michon achou-o melhor do que ella pensava. Sente-se e continue a sua historia.

—Agora, resta accusar-me, senhora, já lhe disse que eu viajava para uma missão de muita pressa; ao romper do dia

saí do quarto sem fazer ruido, deixando a dormir o meu encantador companheiro de cama. No primeiro quarto dormia tambem, com a cabeça deitada n'uma poltrona, a criada em tudo digna de sua ama. O seu lindo rosto tocou-me; aproximei-me e reconheci a pequena Ketty, que o nosso amigo Aramis collocava junto d'ella. Foi d'esta maneira que vim a saber que a encantadora viandante era...

—Maria Michon, disse vivamente a sr.ª de Chevreuse.

—Maria Michon, replicou Athos. Saí então de casa, fui á cavallariça, achei o meu cavallo sellado e o meu lacaio prompto; partimos.

—E não tornou a passar por essa aldeia? perguntou vivamente a sr.ª de Chevreuse.

—Um anno depois, senhora.

—E então?

—Então? quiz tornar a ver o bom cura. Achei-o muito proccupado com uma aventura de que elle não comprehendia nada. Havia oito dias que recebera em um berço um formoso menino de tres mezes, com uma bolsa cheia de oiro, e estas unicas palavras: «onze de outubro de 1633.»

—Era a data da estranha aventura.

—Sim, mas o cura não comprehendia senão que essa noite passára elle junto de um moribundo, porque Maria Michon deixára tambem o presbyterio antes que elle tivesse voltado.

—Deve sabel-o, senhor, que Maria Michon, quando voltou a França em 1643, mandou pedir immediatamente noticias d'esse menino, porque com a sua fugida não o podia guardar; mas voltando a Paris, queria fazel-o educar junto a si.

—E que lhe disse o abbade? perguntou Athos.

—Que um senhor, que elle não conhecera, se quizera encarregar d'elle, e o levára comsigo.

—É verdade.

—Ah! comprehendo então; esse homem, era o senhor, era seu pae!

—Falle mais baixo, elle está ali.

—Ah! exclamou a senhora de Chevreuse levantando-se apressadamente; ali! meu filho, o filho de Maria Michon está ali! mas, quero vêl-o no mesmo instante.

—Tome sentido, senhora, elle não conhece o pae nem a mãe, interrompeu Athos.

—Tem guardado segredo, e traz-m'o assim, pensando que me faria feliz; oh! agradecida, agradecida, senhor, exclamou a duqueza de Chevreuse, pegando-lhe na mão, que tentou levar aos labios; agradecida, tem um nobre coração.

—Vou apresentar-lh'o, disse Athos, retirando a mão para que tambem faça alguma coisa em seu beneficio, senhora. Até agora tenho cuidado da sua educação, e parece-me que fiz d'elle um perfeito cavalleiro, mas é chegado o momento em que tenho de principiar de novo a minha vida errante e perigosa de homem partidista. Depois de ámanhã vou metter-me n'uma aventura em que talvez posso perder a vida; não haverá então senão uma pessoa que lhe faça occupar no mundo o logar que lhe é devido, e essa pessoa é a senhora duqueza.

—Oh! fique descançado! exclamou a duqueza. Desgraçadamente tenho agora pouco credito, mas o que tenho é para elle. E em quanto á sua fortuna e titulo...

—D'isso não se inquiete, senhora; substitui-lhe a terra de Bragelonne, que possuo de herança, a qual lhe dá o titulo de visconde, e dez mil francos de renda.

—Realmente, senhor, disse a duqueza, é um verdadeiro cavalheiro! mas tenho pressa de vêr o nosso joven visconde. Onde está elle?

—No salão; eu o vou chamar se quizer.

Athos fez um movimento para a porta. A duqueza deteve-o.

—É formoso? perguntou ella.

Athos sorriu-se.

—Parece-se com sua mãe, disse elle.

Ao mesmo tempo abriu a porta, e fez signal a Raul que appareceu no limiar.

A senhora de Chevreuse não pôde conter um grito de alegria ao vêr um tão formoso cavalheiro, que excedia todas as esperanças que o seu orgulho tinha podido conceber.

—Visconde, aproxime-se, disse Athos, a senhora de Chevreuse permitte que lhe beije a mão.

O joven aproximou-se com o seu encantador sorrisosinho, e com a cabeça descoberta, ajoelhou e beijou a mão da senhora de Chevreuse.

—Senhor conde, disse elle, voltando-se para Athos, não foi para me tornar mais affoito que me disse que esta senhora era a duqueza de Chevreuse, sendo ella talvez a rainha?

—Não, visconde, disse a sr.ª de Chevreuse pegando-lhe na mão, fazendo-o sentar junto a si; e fixando-o com olhos que brilhavam de prazer, não, desgraçadamente não sou a rainha, porque se fosse, faria no mesmo instante em seu favor tudo o que merece; mas vejamos, tal como é, accrescentou ella, sustendo-se a custo de lhe beijar a testa, que carreira desejaria seguir.

Athos de pé olhava-os com uma expressão de indisivel felicidade.

—Mas, senhora, disse o joven com a sua voz dôce e sonora ao mesmo, parece-me que não ha outra carreira para um cavalleiro senão a das armas. O senhor conde parece-me que me tem educado na intenção de fazer de mim um soldado, e fez-me esperar que me apresentaria em Paris a alguem que me podesse recommendar talvez ao senhor principe.

—Sim, comprehendo; convem a um general como elle; mas, espere... pessoalmente estou mal com elle por causa de uma discussão entre a sr.ª de Monthazon, minha madrasta, e a sr.ª de Longuevine: mas pelo principe de Marsillac... É verdade, conde! O sr. principe do Marsillac é um antigo amigo meu; elle recommendará o nosso joven amigo á sr.ª de Longueville, a qual lhe dará uma carta para seu irmão, o senhor principe, que a ama muita ternamente, para não fazer no mesmo intante por elle tudo o que ella lhe pedir.

—N'esse caso vae tudo ás mil maravilhas, disse o conde. Mas poderei eu ter a ousadia de recommendar-lhe a maior pressa? tenho razões para desejar que o visconde não esteja já ámanhã em Paris.

—Deseja que se saiba que se interessa por elle, senhor conde?

—Seria talvez mais conveniente para o seu futuro que se ignorasse que elle me é conhecido.

—Oh! senhor exclamou o joven.

—Bem sabe, Bragelonne, disse o conde, que não faço nada sem motivo.

—Sim, senhor, respondeu o mancebo, sei que é dotado de uma suprema sabedoria, e obedecer-lhe-hei, como sempre tenho feito.

—N'esse caso, confie-m'o, conde, disse a duqueza; vou mandar procurar o principe de Marsillac, que por felicidade está agora em Paris, e não o deixarei sem o negocio estar concluido.

—Muito bem, senhora duqueza, milhares de agradecimentos. Tenho hoje mesmo que dar alguns passeios, e á minha volta, isto é, ás seis horas da tarde esperarei o visconde na hospedaria.

—Que farei esta noite?

—Vamos a casa do abbade Scarron para o qual tenho uma carta, e em casa de quem devo encontrar um dos meus amigos.

—N'esse caso, disse a duqueza de Chevreuse, passarei tambem lá um bocado de tempo, e por isso não deixe o salão sem que me tenha visto.

Athos saudou a senhora de Chevreuse e preparou-se para sair.

—Então, senhor conde, disse a duqueza sorrindo, assim se separem os antigos amigos?

—Ah! murmurou Athos, se eu tivesse sabido que Maria Michon era uma tão encantadora creatura!...

E Athos retirou-se suspirando.

XIII

O abbade Scarron

Havia na rua das *Tournelles* uma casa conhecida de todos os moços de cadeirinhas e de todos os lacaios de Paris, e todavia essa casa não pertencia nem a um alto senhor, nem a um grande financeiro. Ali não se comia, não se jogava, nem tão pouco se dançava.

Entretanto era o ponto de reunião da alta sociedade, e todos os parisienses ali iam.

Esta casa era a do pequeno Scarron.

Folgava-se muito em casa d'esse espirituoso abbade; davam-se ali tantas noticias que eram tão depressa commentadas, golpeadas e transformadas já em contos, já em epigrammas, que todos queriam passar uma hora com o pequeno Scarron, ouvir o que elle dizia, e contar por fóra o que dissera. Muitos desejavam ir ali dizer alguma coisa, e, se o que diziam revelava espirito, eram bem recebidos.

O abbadesinho Scarron, que não era abbade senão porque tinha uma abbadia, e não porque fosse ordenado, fôra outr'ora um dos mais galanteadores prebendonios da cidade de Mans, em que habitava. Um dia de entrudo, quiz que a cidade, de que elle era a alma, se regosijasse excessivamente; para isso tinha-se feito untar de mel por um criado; depois deitára-se n'nma cama de pennas, e principiou a rebolar-se n'ella; de maneira que se tornou no mais grutesco volatil que é possivel imaginar-se. Começou então a visitar os seus amigos e amigas n'este singular traje. Primeiro seguiram-n'o com pasmo, passado elle com apupos, depois começaram a insultal-o e apedrejal-o quantos garotos o encontravam, a ponto que se viu obrigado a fugir para escapar aos innumeraveis projectis que lhe arremessavam. Porém apenas deu mostras de que se retirava, correram todos atraz d'elle, apertaram-n'o, cercaram-n'o e empurraram-n'o.

Scarron não achou outro meio de escapar aos seus perseguidores, senão lançando-se ao rio. Nadava como um peixe, mas a agua estava gelada. Scarron estava a suar, o frio

apossou-se d'elle de repente, e ao chegar á outra margem estava paralytico.

Tinham então tentado por todos os meios conhecidos restituir-lhe o uso dos seus membros, e tanto lhe fizeram soffrer quando o trataram, que elle despediu todos os medicos, dizendo que antes preferia a doença; depois viera para Paris, onde já tinha estabelecida a sua reputação de homem espirituoso.

Aqui fizera com que lhe arranjassem uma cadeirinha inventada por elle; e indo n'ella visitar Anna d'Austria, esta, encantada do seu espirito, perguntára-lhe se queria algum titulo.

—Sim, senhora, ha um que eu muito ambiciono, respondeu Scarron.

—E qual? perguntou Anna d'Austria.

—O de seu doente, respondeu o abbade.

E Scarron fôra nomeado *doente da rainha* com uma pensão de mil e quinhentos francos.

Desde então não tendo que inquietar-se pelo seu futuro, Scarron passou uma vida alegre, comendo da sua renda.

Um dia, comtudo, um emissario do cardeal deu-lhe a entender que fazia mal em receber o coadjutor.

—E porque? perguntou Scarron, não é um homem de elevado nascimento?

—Sim.

—Amavel?

—Não ha duvida.

—Espirituoso?

—Desgraçadamente tem espirito de mais.

—Então, respondeu Scarron, porque quer que eu deixe de ver similhante homem?

—Porque pensa mal.

—Sim! e de quem?

—Do cardeal.

—Pois eu, disse Scarron, que continúo a ver com o melhor agrado ao sr. Gilles Despreaux, que pensa mal de mim, quer que deixe de ver o sr. coadjutor porque não pensa bem de um outro? é um disparate!

A conversação parou aqui, e Scarron, por espirito de contrariedade, ainda mais vezes continuou a receber o sr. de Gondy.

Ora, na manhã do dia em que fallámos, e que era o do termo de trimestre, Scarron, como de costume, mandára o creado com o recibo para receber o dinheiro na caixa das pensões, mas tinha-se-lhe respondido:

—Que o estado não tinha dinheiro para o abbade Scarron.

Quando levaram esta resposta a Scarron, estava elle de visita com o duque de Longueville, que offereceu dar-lhe uma pensão duplicada da que Mazarino lhe supprimia; mas o astuto paralitico não quiz acceitar. Trabalhou de modo, que ás quatro horas da tarde toda a cidade sabia a recusa do cardeal

Era justamente uma quinta feira, dia de reunião em casa do abbade; vieram em grandes turbas e *frondaram* desesperadamente por toda a cidade.

Athos encontrou na rua Santo-Honorato dois cavalleiros que não conhecia, a cavallo como elle, seguidos tambem de um lacaio, e trilhando o mesmo caminho que elle. Um d'elles tirando o chapeu disse:

—Sabe, senhor, que aquelle maroto de Mazarino supprimiu a pensão ao pobre Scarron?

—E' extraordinario, disse Athos saudando por sua vez os dois cavalleiros.

—Bem se vê que é homem de bem, replicou o mesmo cavalleiro que já tinha dirigido a palavra a Athos, este Mazarino é um verdadeiro flagello.

—Ah! senhor! respondeu Athos, a quem o diz!

E separaram-se fazendo muitas cortezias.

—Isto vem mesmo ás mil maravilhas; como deviamos esta noite ir a sua casa, disse Athos ao visconde, cumprimentaremos a esse pobre homem.

—Mas quem é esse sr. Scarron que põe assim em movimento toda a cidade de Paris? perguntou Raul, é algum ministro desvalido?

—Oh! meu Deus, não, visconde! respondeu Athos, é simplesmente um fidalgote muito espirituoso que provavel-

mente incorreu no desagrado do cardeal por ter feito alguma poesia contra elle.

—Por ventura os fidalgos fazem versos? perguntou ingenuamente Raul, acreditava que isso era uma deshonra.

—Sim, meu caro visconde, respondeu Athos sorrindo, quando elles os fazem maus; mas quando os fazem bons, ainda os honra mais. Veja o sr. de Rotrou. Comtudo, continuou Athos, como se désse um conselho salutar, julgo que é melhor não os fazer.

—E, perguntou Raul, este sr. Scarron é poeta?

—Sim, é, e então já o previno, visconde, tome conta em si, não falle senão por gestos, ou melhor seria que escutasse só.

—Sim, senhor, respondeu Raul.

—Ha de ver-me fallar com um cavalheiro dos meus amigos, que ha de ser o abbade de Herblay, de que tantas vezes me ouviu fallar.

—Bem me lembro, senhor.

—Aproxime se algumas vezes de nós, mas não falle, nem escute, e só para que os importunos nos não embaracem.

—Sim, senhor, obedecer-lhe-hei em tudo.

Athos foi fazer duas visitas a Paris. A's sete horas dirigiram-se para a rua des Tournelles. Estava toda cheia de moços, cavallos e criados de pé. Athos fez com lhe dessem passagem, e entrou seguido de Raul. A primeira pessoa que encontrou ao entrar foi Aramis, junto a uma poltrona de rodas, muito larga, coberta por um docel de tapeçaria, em que se movia, envolvida n'uma coberta de brocado, uma figura juvenil, risonha, mas algumas vezes pallida, sem que os seus olhos cessassem comtudo de exprimir um sentimento vivo, espiritual ou gracioso. Era o abbade Scarrón, sempre a rir, a zombar, a cumprimentar, soffrendo e coçando-se com uma varinha.

Em torno d'esta especie de tenda volante apinhava-se uma multidão de cavalheiros e damas. A sala estava muito aceada e decentemente mobilaba. Grandes cortinas de seda bordadas de flores, que outr'ora foram côres vivas e que

agora estavam alguma coisa desbotadas, caíam de largas janellas; a tapeçaria era modesta, mas de bom gosto. Dois lacaios de bom tom faziam o serviço com distincção.

Ao visitar Athos, Aramis dirigiu-se para elle, pegou-lhe na mão, e apresentou-o a Scarron, que mostrou tanto prazer quanto respeito pelo novo hospede, e fez um cumprimento muito espirituoso ao visconde. Raul ficou interdicto, porque não estava preparado para a magestade do bello espirito.

Não obstante saudou-o com muita graça. Athos recebeu os cumprimentos de dois ou tres senhores a quem Aramis o apresentou; depois o tumulto que a sua entrada causára extinguiu-se, e a conversação tornou se geral.

No fim de quatro ou cinco minutos, que Raul empregou em rehaver o sangue frio e tomar conhecimento topographico da assembléa, a porta abriu-se de novo e um escudeiro annunciou a sr.ª Paulet.

Athos tocou com a mão no hombro do visconde.

—Olhe para esta dama, Raul, disse elle, porque é uma personagem historica; era para casa d'ella que ia Henrique IV quando foi assassinado.

Raul estremeceu; havia alguns dias, que a cada momento elle via levantar cortinas que lhe mostravam cada uma um aspecto heroico: esta mulher, joven e bella ainda, conhecera Henrique IV e tinha-lhe fallado.

Todos se dirigiram para a recem-chegada, porque ella era sempre da moda. Alta, de talhe delicado e onduloso, tinha grossas madeixas de cabellos como as desejava Raphael, e Ticiano as poz em todas as suas Magdalenas. A sua côr loira, ou talvez a primazia, que ella conseguira sobre as outras damas tinha-a feito appellidar leôa.

As nossas formosas damas de hoje que ambicionam este título taful, saberão que lhes vem, não da Inglaterra, como ellas talvez julgariam, mas da sua elegante e espirituosa compatriota a sr.ª Paulet.

A sr.ª Paulet dirigiu-se para Scarron no meio do murmurio que de todas as partes se levantou á sua chegada.

—Então, meu caro abbade! disse ella com a sua voz socegada, está desvalido? soubemos isso esta tarde, em casa do sr. de Rambouillet; o sr. de Grasse foi quem nol-o disse.

—Sim, mas o estado agora está rico; disse Scarron, é preciso saber sacrificar-se pelo seu paiz.

—O sr. cardeal com mil e quinhentos francos vae comprar mais pomadas e perfumes, disse um frondista que Athos reconheceu pelo que lhe tinha fallado na rua de Santo Honorato.

—Mas que dirá a musa, respondeu Aramis com a sua voz meliflua, a musa que necessita da mediocridade dourada? porque emfim:

Si Virgilio puer aut tolerabile desit
Haspitium caderent omnes o crinibus hydri

—Sim, disse Scarron estendendo a mão para a sr.ª Paulet, mas se já não tenho a minha hydra, resta-me ao menos a minha leôa.

Todas as palavras de Scarron pareciam esta noite exquisitas e levavam Menage ao ultimo ponto do enthusiasmo. E' o privlegio da perseguição.

A sr.ª Paulet foi sentar-se no seu logar costumado, mas antes d'isso, passeou pela assembléa um olhar de rainha, e seus olhos fixaram-se em Raul.

Athos sorriu-se.

—Foi visto pela sr.ª Paulet, visconde; vá cumprimental-a; mostre o que é, quer dizer, um provincia no franco; mas não lhe falle de Henrique IV.

O visconde aproximou-se, corando, da leôa, e bem depressa se confundiu com os cavalheiros que rodeavam a sua cadeira.

Isto fazia já dois grupos bem distinctos, o que rodeavam o sr. Menage, e o que rodeava a sr.ª Paulet. Scarron ia de um para o outro, dirigindo a sua poltrona de rodas no meio de toda esta gente, com tanta destreza como um piloto experimentado livraria o seu baixel no meio de uma muitidão de cachopos.

—Quando poderemos fallar? disse Athos a Aramis.

—Logo, respondeu este, não ha ainda bastante gente, e seriamos vistos.

N'este momento abriu-se a porta, e o porteiro annunciou o sr. coadjutor.

Todos se voltaram ao ouvir pronunciar este nome, que p incipiava já a tornar-se celebre.

Athos fez como os mais. Não conhecia o abbade de Gondy, senão pelo nome.

Viu entrar um homem baixo, mal feito, myope, sem outra habilidade de mãos que não fosse jogar á espada e pistola, e que foi logo esbarrar contra uma meza que quasi deitou em terra, mas conservando todavia sua altivez no semblante.

Scarron voltou-se tambem e veiu-lhe ao encontro na sua poltrona; a senhora Paulet saudou-o do seu logar.

—Então, disse o coadjutor ao vêr Scarron, o que só foi quando elle já se lhe tinha aproximado, eil-o descaido da graça, abbade?

Era a phrase sacramental, tinha sido dita durante a noite mais de cem vezes; e Scarron já lhe tinha respondido com boas palavras; por isso ao ouvil-a d'esta vez ficou embasbacado. Mas um esforço desesperado o salvou.

—O sr. cardeal de Mazarino houve por bem pensar em mim, disse elle.

—Prodigioso! exclamou Menage.

—Mas, que vae fazer agora para nos continuar a receber, continuou o coadjutor, se as suas rendas faltam, ver-me-hei obrigado a nomeal-o conego de Nossa Senhora.

—Oh! não, disse Scarron, compromettel-o-hia muito.

—Então tem recursos que nós não conhecemos.

—Pedirei emprestado á rainha.

—Mas sua magestade não tem nada de seu, disse Aramis, não vive ella debaixo do regimen de communidade?

O coadjutor voltou-se e sorriu-se para Aramis, fazendo-lhe com a ponta do dedo um signal de amisade.

—Perdão, meu caro abbade, disse elle, demorou-se, é preciso que eu lhe faça um presente.

—De que? disse Aramis.

—De um cordão de chapeu.

Todos se voltaram para o coadjutor, que tirou da algibeira um cordão de seda de fórma singular.

—Ah! disse Scarron, mas isso é uma fronda.

—Exactamente! disse o coadjutor, agora tudo se faz á

fronda. Menina Paulet, tenho para si um leque á fronda; e para o sr., de Herblay, indicar-lhe-hei o meu luveiro, que faz luvas á fronda; e para si, Scarron, o meu padeiro com um credito illimitado: faz pães á fronda, que são excellentes.

Aramis pegou no cordão e lançou-o á roda do chapeu.

N'este momento abriu-se a porta, e o creado disse em alta voz:

—A sr.ª duqueza de Chevreuse.

Ao nome da sr.ª de Chevreuse todos se levantaram.

Scarron dirigiu apressadamente a sua poltrona para o lado da porta. Raul córou. Athos fez um signal a Aramis que se foi occultar no vão de uma janella.

No meio dos respeitosos cumprimentos que acolheram a sua entrada, a duqueza procurava visivelmente alguem, ou alguma coisa. Por fim distinguiu Raul, e seus olhos brilharam de alegria; divisou Athos e tornou-se pensativa, viu Aramis no vão da janella, e fez um imperceptivel movimento de surpreza por detraz do seu leque.

—A proposito, disse ella, como para expulsar as idéas que a acommettiam apesar seu, como vae o pobre Voiture? Sabe, Scarron.

—Pois Voiture está doente? perguntou o sugeito que fallára a Athos na rua Santo-Honorato, então que fez elle?

—Jogou sem ter a cautela de fazer tomar ao seu creado camisas de reserva, disse o coadjutor, de sorte que tem soffrido um grande frio e está quasi a expirar.

—E aonde?

—Ora essa! em minha casa; faça de conta que o pobre Voiture tinha feito um voto solemne de não tornar a jogar. Ao cabo de tres dia não pôde conter-se por mais tempo, e dirigiu-se ao arcebispado para que eu o libertasse dos seus votos; desgraçadamente eu estava occupado em negocios muito sérios com o conselheiro Broussel, quando Voiture viu o marquez de Luynes a uma meza á espera de um jogador. O marquez chama-o, convida-o a sentar-se, porém Voiture responde que não podia jogar sem que eu o libertasse do seu voto.

Luynes compromette-se em meu nome, toma ás suas costas o peccado. Voiture sentou-se á meza, perde quatro-

centos escudos, arrefece ao sair, e deita-se para nunca mais se levantar.

—Pois está tão mal o caro Voiture? perguntou Aramis meio escondido com as cortinas da janella.

—Ah! respondeu Menage, está muito mal, e esse grande homem vae provavelmente deixar-nos, *deseret orbem*.

—Bom! disse com azedume a menina Paulet, elle morre, não tem cautela! está sempre rodeado de sultanas como um turco. A senhora de Saintot foi a correr ter com elle, e dá-lhe os caldos. La Renaudot aquece-lhe os lençoes, e todas, até a nossa amiga, a marqueza de Rambouillet, lhe mandam tisanas.

—Não gosta d'elle, minha cara Parthenia, disse Scarron rindo.

—Oh! que injustiça, o meu caro doente! odeio-o tão pouco que com gosto mandaria dizer dez missas pelo repouso da sua alma.

—Não é sem motivo que lhe chamam leôa, minha querida, disse a sr.ª de Chevreuse do seu logar, morde rudemente.

—Maltrata um grande poeta, segundo me parece, atreveu-se a dizer Raul.

—Um grande poeta! elle?!... bem se vê, visconde, que chega da provincia, como disse ha pouco, e que nunca o viu; elle! um grande poeta! ora essa! tem apenas cinco pés.

—Bravo, bravo! disse um homem alto, magro e trigueiro, com um bigode orgulhoso e uma enorme farrusca, bravo! bella Paulet! é tempo emfim de dar o seu logar competente a esse pequeno Voiture; declaro em alta voz que julgo entender alguma coisa de poesia, e que sempre tenho achado a d'elle muito detestavel.

—Quem é este capitão, senhor? perguntou Raul a Athos.

—O sr. Scudery.

—O autor da *Clelia* e de *Cyrs o Grande?*

—Que elle compoz conjunctamente com sua irmã, que é a que agora está conversando com aquella formosa dama que está junto de Scarron.

Raul voltou-se e viu effectivamente duas novas persona-

gens que acabavam de entrar: uma d'ellas, encantadora, debil, triste e de formosos cabellos negros, com olhos aveludados, como as bellas flores violetas, por baixo das quaes resplandece um calice de oiro; a outra dama parecia ter esta debaixo da sua tutela, era fria, sêca e amarella; uma verdadeira figura de aia velha, ou de beata.

Raul prometteu para comsigo de não sair do salão sem ter fallado á formosa joven de olhos aveludados, que por um estranho jogo de pensamentos, acabava de fazer-lhe recordar, posto que nenhumas parecenças tivesse com ella, a pobre Luizinha, que elle deixará soffrendo no castello de la Valliére, e que no meio d'este mundo esquecêra por um momento.

N'este meio tempo Aramis tinha-se aproximado do coadjutor, que, com o semblante risonho, lhe disse algumas palavras ao ouvido. Aramis, apesar do grande poder que tinha sobre si mesmo, não se pôde conter que não fizesse um ligeiro movimento.

—Ria, ria, disse a sr.ª de Betz, estão-nos observando.

E deixou-o para ir conversar com a sr.ª de Chevreuse, que tinha em redor de si numerosos convidados.

Aramis fingiu rir para distrair a attenção de alguns curiosos espectadores, e, vendo que Athos se tivera tambem recolhido para o vão da janella, onde elle por algum tempo estivera, depois de ter dado para a direita e para a esquerda algumas palavras, foi ter com elle sem affectação.

Apenas se viram juntos e sós entabolaram uma conversação, acompanhada de muitos gestos.

Raul aproximou-se d'elles, como lhe ordenára Athos.

—E' um rondó de Voiture que me está recitando o senhor abbade, e que eu acho incomparavel.

Raul demorou-se alguns instantes ao pé d'elles, depois foi confundir-se no grupo da sr.ª de Chevreuse, de quem se tinham aproximado a sr.ª Paulet por um lado, e a sr.ª Scudery por outro.

—Pois eu, disse o coadjutor, não sou inteiramente do parecer do sr. de Scudery; acho pelo contrario que Voiture é um poeta, mas um puro poeta. Ideas politicas não tem absolutamente nenhumas.

—Então? perguntou Athos.
—E' ámanhã, disse precipitadamente Aramis.
—A que horas?
—A's seis.
—Onde?
—Em Saint-Mande.
—Quem lh'o disse?
—O conde de Rochefort.
Alguem se aproximava.
—E as ideias philosophicas? Eram estas exactamente que faltavam ao pobre Voiture. Eu cá sou do parecer do senhor coadjutor; puro poeta.
—Não ha duvida, na poesia era prodigioso, disse Menage, e todavia a posteridade, no meio da sua admiração, terá de lhe reprehender uma coisa, e é de usar de demasiada licença na composição de seus versos; matou a poesia sem o saber.
—Matou, isso mesmo, disse Scudery.
—Mas que obra prima as suas cartas, disse a sr.ª de Chevreuse.
—Oh! a esse respeito é um *illustre completo*.
—E' verdade, replicou a sr.ª Paulet, mas quando graceja, porque no genero epistolar sério é mesmo uma lastima, se não diz coisas mui grosseiras, ao menos hão de convir em que as diz muito mal.
—Mas concorda ao menos que no gracejo é inimitavel.
—Sim, certamente, tornou Scudery torcendo o bigode, mas acho que o seu comico é forçado, e o seu jocoso muito vulgar. Vêja a sua *Carta da carpia ao lucio*.
—Não contando que as suas melhores inspirações lhe vinham do palacio Rambouillet. Vêja *Zelida e Alcidalea*.
—Quanto a mim, disse Aramis aproximando se do circulo, e saudando respeitosamente a sr.ª de Chevreuse, que lhe respondeu por um gracioso sorriso, accusal-o-hei de ter sido muito livre para com os grandes. Muitas vezes faltou ao respeito á senhora princeza, ao marechal d'Albret, ao sr. de Schombeg, e á propria rainha.
—O que, á rainha? perguntou Scudery avançando com

a perna direita como para se pôr em guarda. Ora essa! eu não sabia de tal! E como desatendeu elle a sua magestade?

—Não conhece a sua poesia: *Eu pensava?*

—Não, disse a sr.ª de Chevreuse.

—Não, disse a sr.ª de Scudery.

—Não, disse a sr.ª Paulet.

—De facto, parece-me que a rainha a poucas pessoas a tem dado; mas eu pessuo-a de mãos fidedignas.

—E sabe?

—Parece-me que ainda a não esqueci.

—Vejamos! vejamos! disseram todas as vozes.

—Eis a occasião em que ella fôra feita. Voiture estava na carroagem da rainha, que passeava com elle no bosque de Fontaineblau; fingiu pensar, para que a rainha lhe perguntasse em que elle pensava; de facto assim succedeu. «Em que pensa, sr. Voiture? perguntou a rainha.» Voiture sorriu-se' fingiu reflectir alguns instantes para se acreditar que improvisava, e respondeu: «Eu pensava que, depois de tantas injustas desgraças, afinal o destino corôou vossa magestade justamente de honras, gloria e brilho. Mas que agora seja mais feliz, quando outr'ora era, não direi mais amorosa... mas assim o quer a rima.

Scudery, Menage e a sr.ª Paulet encolheram os hombros.

—Espere, espere, disse Aramis, ha tres strophes.

—Oh! diga antes tres coplas, disse a sr.ª Scudery, isso é quando muito uma canção.

«Eu julgava já banido do seu coração, com todos os seus encantos, o pobre amor que sempre lhe emprestou as suas armas; desde que poderei eu aproveitar-me, se pode maltratar tanto os que a teem tão bem servido.»

—Oh! quanto a esse ultimo pensamento, disse a sr.ª de Chevreu-se, não sei se elle está segundo as regras poeticas, mas demando favor para elle como verdade, e se fôr mister, as sr.ªs de Hautfort e de Senecey comprovarão o que eu digo, sem contar o sr. de Beaufort.

—Continue, continue, disse Scarron, isso já me não importa: desde esta manhã que já não sou seu doente.

—E a ultima copla? disse a sr.ª de Scudery, a ultima copla, vejamos.

—Eil-a, disse Aramis, esta tem a vantagem de proceder por nomes proprios, de maneira que não deixa duvida alguma.

«Eu pensava, nós os poetas pensamos extravagantemente, o que faria agora com esse humor com que está se visse chegar o duque de Buckingham, que cairia na desgraça do duque ou do tio Vicente.»

A esta ultima estrophe, todos soltaram um grito sobre a impertinencia de Voiture.

—Mas, disse a meia voz a menina de olhos aveludados, tenho a infelicidade de achar bellissimos esses versos.

Era tambem o parecer de Raul, qúe se approximou de Scarron e lhe disse córando :

—Sr. Scarron, tenha a bondade de me dizer, quem é aquella menina, que é a unica de opinião contraria á de toda esta illustre assembléa.

—Ah! ah! meu joven visconde, disse Scarron parece-me que tem desejos de lhe propor uma alliança offensiva e defensiva.

Raul corou de novo.

—Confesso, disse elle, que acho lindos esses versos.

—E de facto o são, disse Scarron; mas, silencio; entre poetas nunca se disse isso.

—Mas eu, disse Raul, não tenho a honra de ser poeta, e perguntava-lhe...

—Quem era aquella menina; não é verdade?

E' a bella indiana.

—Perdão, senhor, disse Raul corando, mas tanto sei agora como antes da resposta. Se eu sou provinciano!

—O que quer dizer que não tem conhecimento algum do phebo que anda aqui na bocca de todos. Tanto melhor, meu amigo, tanto melhor; não tente saber, porque seria tempo perdido; e quando emfim chegasse a saber era preciso perder as esperanças de lhe fallar.

—Então, senhor, disse Raul, dignar-se-ha dizer-me quem é a pessoa a quem chama a bella indiana.

—Pois não! é uma das mais formosas damas que existem, a menina Francisca d'Aubigné.

—Então pertence ella á formosa amiga do famoso Aggrippa, o amigo de Henrique IV?

—E' sua neta, chega da Martinica, e eis porque lhe chamo a bella indiana.

Raul abriu muito os olhos que foram encontrar-se com os da joven senhora, que sorria.

Continuava-se a fallar de Voiture.

—Senhor, disse a menina d'Aubigné dirigindo-se a Scarron como para entrar na conversação entre elle e o joven visconde, não admira os amigos do pobre Voiture! mas ouça como elles o ridicularisam louvando-o! Um tira-lhe o bom senso, outro a poesia, outro a originalidade, outro o comico, outro a independencia, outro... Mas, meu Deus; que deixarão elles a esse illustre completo? como disse a menina de Scudery.

Scarron poz-se a rir e Raul tambem. A mesma bella indiana, admirada do effeito que causára, abaixou os olhos e retomou o seu ar natural.

—E' uma pessoa espirituosa, disse Raul.

Athos, sempre no vão da janella, olhava para toda esta scena, com o sorriso de desdem nos labios.

—Chame o sr conde de La Fére, disse a sr.ª de Chevreuse para o coadjutor, preciso fallar-lhe.

—E eu, disse o coadjuctor, preciso de que julguem que não lhe fallo. Gosto d'elle e admiro-o, porque conheço as suas antigas aventuras, pelo menos algumas; porém não tenho tenção do o cumprimentar senão depois d'amanhã pela manhã.

—E porque só depois d'amanhã pela manhã? perguntou a sr.ª de Chevreuse.

—A'manhã á noite o saberá, disse o coadjuctor rindo.

—A fallar-lhe a verdade, meu caro Gondy, disse a duqueza, falla como o Apocalypse. Sr. de Herblay, accrescentou ella voltando-se para Aramis, quer ser ainda esta noite meu servidor.

—Pois não, duqueza! disse Aramis, esta noite, ámanhã e sempre; ordene.

—Então vá procurar o conde de La Fere, quero fallar-lhe.

Aramis aproximou-se d'Athos e voltou com elle.

—Senhor conde, disse a duqueza entregando uma carta a Athos, aqui tem o que lhe prometti. O seu protegido será recebido perfeitamente.

—Senhora, disse Athos, elle é muito feliz em lhe ser devedor de alguma coisa.

—A esse respeito nada lhe tem a invejar; porque eu devo tel-o conhecido, replicou a maliciosa dama com um sorriso, que fez recordar tanto a Aramis como a Athos a celebre Maria Michon.

E tendo dito isto levantou-se e mandou vir a carroagem. A menina Paulet tinha já partido, e a menina de Scudery estava para fazer o mesmo.

—Visconde, disse Athos a Raul, acompanhe a sr.ª duqueza de Chevreuse; peça-lhe que acceite a sua mão para descer, e quando descer agradeça-lhe.

A bella indiana aproximou-se de Scarron para se despedir d'elle.

—Retira-se já? disse elle.

—Bem vê que sou das ultimas que me retiro. Se receber noticias do sr. de Voiture, e se forem boas, com especialidade faça-me o favor de m'as participar ámanhã.

—Oh! agora, disse Scarron, póde elle morrer.

—Como? disse a menina de olhos aveludados.

—Sem duvida, o seu panegyrico está já feito.

E apartaram-se rindo, a menina voltando-se para olhar para o pobre palalytico com interesse, e o paralytico seguindo-a com olhos de amor.

Pouco a pouco os grupos desfizeram-se, Scarron fingiu não ter notado que alguns dos seus hospedes tinham fallado mysteriosamente, que outros tinham recebido cartas, e que á sua reunião parecia ter tido um dia inteiramente estranho á litteratura, de que com tudo tanta bulha se fizera. Mas que importava isto a Scarron? agora em sua casa podia-se *frondar* á vontade: desde a manhã d'este dia, como elle mesmo dissera, deixára de ser o doente da rainha.

Raul tinha com effeito acompanhado a duqueza até á sua carroagem, onde ella se sentára dando-lhe a sua mão a beijar; de repente, por um d'esses loucos caprichos que a torna-

vam tão adoravel e sobretudo tão perigosa, agarrou-o pela cabeça e beijando-o na testa disse-lhe:

—Visconde, que os meus votos e este beijo o façam feliz.

Depois despediu-se e deu ordem ao cocheiro de se dirigir para o palacio de Luyne.

A carroagem tinha partido, e a sr.ª de Chevreuse fizera um ultimo signal pela portinhola a Raul que subia a escada sobre maneira confuso.

Athos comprehendeu o que se passava e sorriu-se.

—Venha, visconde, disse elle, é tempo de se retirar; parte ámanhã para o exercito do sr. principe, e ha de dormir bem esta noite como paisano.

—Serei então soldado? disse o rapaz, oh! senhor, agradeço-lhe de todo o coração.

—Adeus, abbade, disse o coadjuctor, hei de prégar ámanhã, e tenho de consultar ainda vinte textos esta noite.

—Adeus, senhor, disse o conde, vou dormir vinte e quatro horas a fio, estou a cair de cansaço.

Os tres homens, cumprimentaram-se depois de terem trocado um ultimo olhar.

Scarron seguiu-os até ás portas do salão com um olhar de soslaio.

—Nenhum d'elles fará o que diz, murmurou elle com o seu sorrisosinho ironico, mas vão bravos cavalheiros! quem sabe se trabalharão para me dar a minha pensão! Elles podem trabalhar com os braços, e não é pouco: eu não tenho mais que a lingua, mas enforcar-me-hei por provar que tambem serve para alguma coisa. Olá, Champenois, estão dando onze horas; vem rodar-me para o meu leito... Na realidade esta menina d'Aubigné á muito encantadora!

E tendo dito isto, o paralytico desappareceu no seu quarto de dormir, cuja porta se lhe fechou nas costas e as luzes do salão na rua des Tournelles apagaram-se pouco a pouco.

XIV

S. Diniz

Começava a alvorescer quando Athos se levantou e fez com que o vestissem; era facil ver pela sua pallidez maior que de costume, e pelos signaes que deixa a insomnia no rosto, que passara quasi toda a noite sem dormir.

Contra o costume d'este homem tão resoluto, havia esta manhã em toda a sua pessoa uma mistura de fleugma e irresolução.

E' porque se occupava dos preparativos para a partida de Raul, e porque procurava ganhar tempo. Primeiramente poliu uma espada que tirou de uma rica bainha, examinou se o punho estava bem defendido e se a folha estava solidamente segura ao punho.

Depois deitou no fundo de uma mala destinada para Raul um saquinho cheio de *luizes*, (1) chamou Oiivain, (era o nome do lacaio que o seguira de Blois,) e fez com que elle a arranjasse diante de si, cuidando em que todas as coisas necessarias a quem vai para a guerra não deixassem de ir n'ella.

Emfim, depois de ter empregado uma hora pouco mais ou menos n'estes cuidados, abriu a porta que deitava para o quarto do visconde e entrou n'elle sem fazer ruido.

O sol penetrava no quarto pela janella de caixilhos largos, cujas cortinas, como Raul entrara tarde, esquecera de correr.

Dormia ainda, com a cabeça descançando graciosamente no braço. Os seus longos cabellos negros cobriam-lhe quasi todo o seu rosto formoso e então humido por esse vapor que corre em perolas pelas faces do rapaz fatigado.

Athos aproximou-se, e, com o corpo inclinado n'uma attitude cheia de terna melancholia, olhou por muito tempo para aquelle rapaz de boca risonha, de palpebras meio fechadas, cujos sonhos deviam ser doces e o somno leve, tanto cuidado e affeição empregava o seu anjo protector na sua si-

(1) *Luiz,* moeda de ouro de vinte e quatro franco

lenciosa guarda. Pouco a pouco, Athos deixou-se arrastar pelos encantos do seu pensar em presença d'esta mocidade tão rica e tão pura. A sua mocidade tornou-lhe a apparecer, trazendo todas essas lembranças agradaveis que são antes perfumes que pensamentos do passado. Entre o passado e o presente havia um abysmo. Mas a imaginação tem a ligeireza do anjo e do relampago; passa os mares onde nós estivemos quasi a naufragar; as trévas onde as nossas illusões se perderam, o precipicio onde a nossa felicidade se absorveu. Recordou-se que a primeira parte da sua vida fôra quebrada por uma mulher; pensou com terror que influencia podia exercer o amor n'uma organisacão delicada e rigorosa ao mesmo tempo.

Lembrando-se de tudo o que soffrera, presentira tudo o que poderia succeder a Raul, e uma expressão da terna e profunda piedade que passou no seu coração se traduziu no olhar humido que fixou no joven.

N'este momento Raul accordou d'esse somno sem nuvens, sem trevas e sem fadigas, que caracterisa certas organisações delicadas como a de uma ave. Seus olhos fixaram-se em Athos, e comprehendeu sem duvida tudo o que se passava no coração d'este homem que esperava que elle accordasse como um terno amante espera o despertar da sua namorada, porque o seu olhar tomou a expressão de um amor infininito.

—Estava ahi, senhor? disse elle com respeito.

—Sim, Raul, disse o conde.

—E não me accordava?

—Queria que gosasse ainda por alguns momentos mais d'esse bom somno, meu amigo; devia estar cançado de hontem, porque esteve a pé até muito tarde.

—Oh! senhor, quanto é bom! disse Raul.

Athos sorriu-se.

—Como passou a noite, disse elle.

—Pérfeitamente, senhor, e estou já restabelecido.

—E' porque está crescendo ainda, continuou Athos com um interesse paternal e agradavel de um homem de edade madura para com o mancebo, e porque as fadigas são dolorosas na sua edade.

—Oh! senhor, peço-lhe perdão, disse Raul envergonhado de tantas attenções, d'aqui a um momento estarei vestido.

Athos chamou Olivain, e com effeito no fim de dez minutos depois, com essa pontualidade que Athos aprendera no serviço militar e transmittira ao seu pupillo, Raul estava prompto.

—Agora, disse o rapaz ao creado, trate das minhas bagagens.

—As suas bagagens estão promptas, Raul, disse Athos. Fiz apromptar a mala diante de mim, e nada lhe faltará. Ella e a do criado devem já estar sobre os cavallos, se cumpriram o que ordenei.

—Cumpriu-se tudo o que o sr. conde ordenou, disse Olivain, e os cavallos estão á espera.

—E eu que dormia! exclamou Raul, em quanto que o sr. tinha a bondade de se occupar de todas essas minucias!

—Então ama-me alguma coisa; pelo menos assim o espero! replicou Athos de um modo quasi enternecido.

—Oh! senhor, disse Raul, que para não mostrar a sua emoção por uma expansão de tornura, se reprimia tanto que quasi se suffocava, oh! Deus é testemunha em como o venero e o respeito.

—Veja não se esqueça de alguma coisa, disse Athos fingindo procurar em redor de si alguma coisa para occultar a sua emoção.

—Não, senhor, disse Raul.

O creado aproximou-se de Athos com alguma hesitação e disse baixo:

—O sr. visconde não tem espada, porque o sr. conde me ordenou que lhe tirasse a que elle hontem deixou.

—Bem sei disse Athos, isso está a meu cuidado.

Raul pareceu não notar o colloquio. Desceu olhando para o conde a cada passo, para ver se era chegado o momento das despedidas; mas Athos nem pestanejava.

Tendo chegado ao limiar, Raul viu tres cavallos

—Oh! senhor! exclamou elle radiante de alegria, acompanha-me?

—Quero acompanhal-o um pouco, disse Athos.

A alegria brilhou nos olhos de Raul, e que saltou ligeiramente no cavallo.

Athos montou vagarosamente no seu, depois de ter dito algumas palavras ao criado, que em logar de os seguir immediatamente, tornou a subir. Raul não cabendo em si de alegria por estar na companhia de Athos, não viu, ou fingiu não ver coisa alguma.

Os dois cavalleiros foram pela Ponte-Nova, seguiram o cáes, ou antes o que então se chamava bebedouro Pepino, e costearam os muro do Grand-Châtelet. Entraram na rua de S. Diniz quando o criado os alcançou.

Caminharam silenciosamente. Raul antevia já que o momento da separação estava proximo; o conde dera na vespera algumas ordens para coisas que lhe diziam respeito, durante todo o dia. Os seus olhares redobravam de ternura e algumas palavras que deixava escapar redobravam de amor. De tempos a tempos uma reflexão, ou um conselho lhe escapava, e nas suas palavras transluzia a sua solicitude.

Depois de terem passado a porta S. Diniz, quando os dois cavalleiros chegavam ao alto dos Recolletos, Athos lançou os olhos para o cavallo.

—Tome sentido, Raul, já lh'o disse muita vez; e é preciso não o esquecer, porque é um grande defeito n'um cavalleiro. Olhe! o seu cavallo está cançado; escuma, em quanto que o meu parece ter agora saído da cavallariça. Calleja-lhe a boca puxando-lhe assim pelas rédeas, e, tome sentido, não poderá fazel-o manobrar com a ligeireza necessaria. A salvação de um grande cavalleiro está muitas vezes na prompta obediencia de um cavallo. Note que d'aqui a oito dias não manobrará n'uma picaria, mas n'um campo de batalha

De repente, para não dar uma muito triste importancia a esta observação:

—Veja Raul, continuou Athos, que bella planicie para caçar uma perdiz.

O rapaz aproveitava-se da lição, e admirava sobretudo com que delicadeza e ternura era dada.

—Tambem notei no outro dia outra coisa, continuou Athos, e é que quando atira á pistola estende muito o braço. Isto faz com que quasi nunca se acerte bem. Por isso em doze vezes errou tres o alvo.

—Em que o sr. sempre deu, disse Raul sorrindo.

—Porque eu curvava o braço e descançava assim a mão. Comprehende o que quero dizer Raul?

—Sim, senhor, e depois quando estava só, atirei seguindo esse conselho, e sempre acertei.

—E' como jogando a espada, continuou Athos, carrega muito o seu adversario. E' um defeito da sua edade, bem o sei; mas o movimento do corpo quando se avança tira sempre a espada da linha; e se tivesse de se haver com um homem de sangue frio, elle o faria parar ao primeiro passo que d'esse por um simples desvio, ou mesmo por um golpe direito.

—Sim, como o senhor fez bastantes vezes; mas nem toda a gente tem a sua destreza e coragem.

—Ahi vem um vento fresco! replicou Athos, é uma lembrança do inverno. A proposito, se entrar em fogo, o que lhe ha de acontecer, porque está recommendado a um joven general, que gosta muito da polvora, lembre-se bem que n'uma lucta particular, como principalmente acontece a nós os cavalleiros, lembre-se bem de que nunca deve ser o primeiro a atirar; quem primeiro atira raramente alcança o seu adversario, porque o faz com receio de ficar desarmado diante do seu inimigo armado; depois, quando elle estiver para atirar, faça empinar o seu cavallo; esta manobra salvou-me duas ou tres vezes a vida.

—Usarei d'ella, ainda que não fosse senão por gratidão.

—Oh! disse Athos, não foram caçadores furtivos que acolá prenderam? Sim de certo... Ainda outra coisa importante, Raul; se fôr ferido n'um ataque, se cair do cavallo, e lhe restar alguma força, affaste-se da linha que seguiu o seu regimento; aliás póde elle voltar, e será esmagado sob as patas dos cavallos. Em todo o caso se fôr ferido, escreva-me no mesmo instante, ou mande escrever; nós outros conhecemos o caracter das feridas, disse Athos sorrindo.

—Obrigado, senhor, respondeu Raul muito commovido.

—Ah! eis-nos em S. Dinis! murmurou Athos.

Chegavam effectivamente n'este momento á porta da cidade guardada por dois guardas. Um disse para o outro:

—Eis um joven fidalgo que me parece ir para o exercito.

Athos voltou-se; tudo o que dizia respeito, ainda mesmo indirectamente, a Raul, tinha a seus olhos interesse.

—Porque lhe parece isso? perguntou elle.

—Pelo seu ar, senhor, disse a sentinella. Tem a edade propria. É o seguudo que hoje por aqui passa.

—Já hoje de manhã por aqui passou um rapaz como eu? perguntou Raul.

—Sim, alto e com bella equipagem; pareceu-me ser filho de boa casa.

—Será o meu companheiro de viagem, replicou Raul continuando o seu caminho; mas, ah! elle não me fará esquecer o que eu perco.

—Não acredito que o alcance, Raul, porque tenho de lhe fallar aqui, e o que vou dizer-lhe talvez dure bastante para que esse fidalgo se adiante.

—Como lhe agradar, senhor.

Conversando d'esta maneira, iam elles atravessando ruas apinhadas de gente em rasão da solemnidade da festa, e chegaram á frente da antiga basilica, na qual se estava celebrando a primeira missa.

—Apeêmo-nos, Raul, disse Athos; tu Olivain, guarda os nossos cavallos, e da-me a espada.

Athos pegou na espada, que lhe apresentava o creado, e os dois cavalleiros entraram na egreja.

Athos apresentou o hyssope a Raul. Ha em certos corações paternos uns taes ou quaes laivos d'esse amor que um amante tem pela sua amada.

O rapaz apertou a mão de Athos, saudou-o e persignou-se.

Athos disse uma palavra a um dos guardas, que se inclinou e marchou na direcção dos carneiros.

—Venha, Raul, disse Athos, e sigamos este homem.

O guarda abriu a grade dos tumulos reaes, e conservou-se no primeiro degrau em quanto Athos e Raul desciam. As profundezas da escada sepulchral eram allumiadas por uma alampada argentina, que estava aceza, sobre o ultimo degrau, e exactamente por baixo d'esta alampada via-se envolvida em uma larga capa de veludo rôxo matizado de flores de liz de ouro, uma eça sustentada por cavaletes de carvalho.

O rapaz, preparado para isto pelo estado do seu proprio coração, cheio de tristeza, pela magestade da egreja que atravessava, tinha descido com passo vagaroso e solemne, e conservava-se de pé ante os despojos mortaes do ultimo rei, que não podia ir juntar-se aos seus antepassados, sem que o seu successor se viesse tambem juntar a elle, e que parecia estar ali para dizer ao orgulho humano, ás vezes tão facil de exaltar-se no throno: Pó terrestre aqui te aguardo!

Houve um instante de silencio.

Depois Athos levantou a mão, e apontando com o dedo para o feretro:

—Este sepulchro incerto, disse elle, é de um homem fraco sem grandeza, e que não obstante isto teve um reinado cheio de acontecimentos; é porque por cima d'este rei pairava o espirito de um outro homem como por cima d'este feretro paira esta alampada, e o allumia. Esse é que era o verdadeiro rei, Raul, este não passava de um fantasma em que elle mettia a sua alma. E entretanto, tão poderosa é a magestade entre nós, que este homem nem mesmo gozou da honra de ser sepultado aos pés d'aquelle, por cuja gloria trabalhou toda a sua vida; porque este homem, Raul, lembre-se bem d'isto, se fez o rei pequeno, tornou a realeza grande, e duas coisas estão encerradas no palacio do Louvre: o rei que morre, e a realeza que não morre. Este reinado já lá vae, Raul, o ministro que tanto receio infundia, e que tão temido e detestado era por seu senhor, desceu ao tumulo arrastando apóz de si o rei, que elle não queria deixar viver só, com receio sem duvida, que destruisse a sua obra, porque um rei não edifica senão quando tem junto a si ou Deus, ou o seu espirito. Todavia, então, todos olharam a morte do

cardeal como uma feliz regeneração, e eu mesmo, tão cégos são os contemporaneos, algamas vezes fui de encontro aos designios d'esse grande homem, que nas suas mãos tinha a França, e que, segundo as apertava ou alargava, assim a suffocava ou lhe dava a respiração a seu bello prazer. Se elle me não esmagou a mim e aos meus amigos no momento da sua terrivel colera, era sem duvida para que eu hoje podesse dizer-lhe: Raul, procure distinguir o rei da realeza; o rei não é senão um homem, a realeza é o espirito de Deus. Quando estiver em duvida a qual deve servir abandone a apparencia material pelo principe invisivel, porque este é tudo; mas Deus quiz fazer o seu principe palpavel, encarnando-o n'um homem. Raul parece-me distinguir o seu futuro como que atravez de uma nuvem; é melhor que o nosso, assim o creio. Inteiramente ao contrario de nós que tivemos um ministro sem rei, o senhor terá um rei sem ministro. Poderá por tanto servir, amar e respeitar o rei. Se este rei fôr um tyranno, porque o supremo poder tem um frenezi que o impelle á tyrannia, sirva, ame, e respeite a realeza, quero dizer a coisa infallivel, o espirito divino sobre a terra, isto é. a faisca celeste que faz o pó tão poderoso e santo, que nós cavalheiros, mesmo da alta posição em que nos achamos somos tão insignificantes aos olhos d'este cadaver, deitado sobre o ultimo degrau, quanto este mesmo o é ante o throno do Senhor.

—Adorarei a Deus, senhor, disse Raul, respeitarei a realeza; servirei o rei, e farei com que, no caso de morrer, a minha morte seja pelo rei, pela realeza ou por Deus. Comprehendi-o como desejava?

Athos sorriu-se.

—E' uma nobre alma, disse elle, aqui tem a sua espada.

Raul poz um joelho em terra.

—Foi empunhada por meu pae, um cavalleiro leal; eu tambem usei d'ella, e por vezes a honrei, quando a tinha na mão, e me pendia ao lado a sua bainha. Se o seu pulso ainda se sentir fraco para manejar esta espada, Raul, tanto melhor, terá mais tempo para aprender que não a deve desembainhar senão quando fôr a occasião propria.

—Senhor, disse Raul, acceitando a espada da mão do conde, devo-lhe tudo quanto sou, todavia esta espada é o mais precioso presente que me tem feito. Juro-lhe que a trarei, como homem reconhecido.

E aproximou os labios dos copos da espada, que beijou respeitosamente.

—Muito bem, disse Athos. Levante-se, visconde, e abracemo-nos.

Raul levantou-se e lançou-se com effusão nos braços de Athos.

—Adeus, murmurou a conde, que sentia abalar-se-lhe o coração; adeus, e pense em mim.

—Oh! eternamente! eternamente! exclamou o rapaz; oh! juro, senhor, que se me acontecer alguma desgraça, o ultimo nome que eu pronunciar será o seu, o meu ultimo pensamento será para si.

Athos subiu precipitadamente para occultar a sua emoção, deu uma moeda de oiro ao guarda dos tumulos, inclinou-se na frente do altar, e dirigiu-se apressadamente para a porta da igreja, em cujo adro esperava Olivain com dois outros cavallos.

—Olivain, disse elle, apontando para o boldrié de Raul, aperte o cinto d'aquella espada, que cae algum tanto para baixo. Bem. Acompanhará o senhor visconde, até que Grimaud o vá render; apenas elle chegar, deixará o senhor visconde. Ouviu, Raul, Grimaud é um velho creado, cheio de coragem e de prudencia, elle o servirá.

—Sim, senhor.

—Então monte, que quero vel-o partir.

Raul obedeceu.

—Adeus, Raul, disse o conde, adeus meu caro filho!

—Adeus, senhor, disse Raul, adeus meu querido protector.

Athos fez um signal com a mão, porque não ousava fallar, e Raul afastou-se com a cabeça descoberta.

Athos ficou immovel, e vendo-o afastar-se, até ao momento em que elle desappareceu ao virar de uma esquina.

Então o conde deixou as redeas do seu cavallo nas mãos de um homem, subiu vagarosamente os degraus, entrou na

egreja, e foi ajoelhar-se no mais obscuro canto, onde começou a orar.

XV

Um dos quarenta meios de evasão do senhor de Beaufort

Entretanto passava-se o tempo, tanto para o preso como para os que se occupavam da sua evasão; mas passava-se mais vagarosamente. Bem ao contrario dos homens que tomam com ardor uma resolução perigosa, e que vão arrefecendo á medida, que se aproxima o momento de a pôrem acção, o duque de Beaufort, cuja ardente coragem passava, em proverbio, e que soffrêra uma inacção de cinco annos parecia apressar o tempo, e chamar com todas as suas forças a hora da acção. Tinha na sua fuga, afóra os projectos que, é de força confessar, eram ainda muito vagos e inacabados, um germen de vingança que lhe borbulhava no coração. A sua evasão era n'este caso um mau acontecimento, não só para Chavigny, contra quem elle concebera odio em rasão das mesquinhas perseguições que lhe fizera, mas tambem para Mazarino, contra quem nutria um odio mortal, em razão das grandes exprobações que tinha a fazer-lhe. Vê-se que o duque guardára toda a proporção devida entre os sentimentos votados ao governador e ao ministro, ao subordinado e a chefe.

Além d'isto, o sr. de Beaufort, que tão bem conhecia o interior do palacio real, que não ignorava as relações entre a rainha e o cardeal, já da sua prisão lhe parecia vêr todo o movimento dramatico que ia operar-se, quando retumbasse do gabinete do ministro ao quarto de Anna d'Austria o estampido: «O sr. de Beaufort evadiu-se!» Dizendo isto comsigo, o duque sorria-se docemente, julgava-se já livre, res-

pirando o ar das planices e dos bosques, apertando entre as pernas o seu vigoroso cavallo, e bradando bem de rijo: «Estou livre!»

Verdade é que passados estes pensamentos, o duque achava-se entre as suas quatro paredes, via a dez passos distantes La Ramée, que brincava com os dedos, e na antecamara os seus guardas, que riam ou bebiam,

A unica coisa que elle via agradavel n'este odioso quadro (tão grande é a instabilidade do espirito humano!) era a figura de Grimaud, a quem primeiro odiára, e que depois se lhe tornára a sua unica esperança. Grimaud parecia-lhe um Antinoo.

Escusado é dizer que tudo isto era um jogo da febril imaginação do preso. Grimaud era sempre o mesmo, e por isso tinha conservado a inteira confiança do seu superior La Ramée, que agora se fiaria mais n'elle que em si proprio; porque nós já dissemos, que La Ramée sentia interiormente certa inclinação para com o sr. de Beaufort.

D'esta maneira o bom La Ramée alegrava-se pela ceia que ia comer com o seu preso. La Ramée não tinha senão um defeito, e era o ser goloso; tinham os pasteis bons, e o vinho excellente. Ora o successor do tio Marteau promettera-lhe em vez de um pastel de frango um de faisão, e vinho de Chambertin em vez do Macon. Tudo isto rematado com a presença d'este excellente principe, que no seu fundo era tão bom, que inventava tão bellas *partidas* contra o sr. de Chavigny, e tão bons gracejos contra Mazarino, fazia para La Ramée, da bella Pentecostes que estava proxima, uma das quatro grandes festas do anno.

La Ramée esperava pois as seis horas com tanta impaciencia como o duque.

Desde pela manhã tinha-se occupado com todos os detalhes, e não se fiando senão em si proprio, tinha feito pessoalmente uma visita ao successor do tio Marteau. Este caprixára: mostrou-lhe um verdadeiro pastel-monstro, ornado na tampa com as armas do sr. de Beaufort: o pastel estava ainda vazio, mas ao pé d'elle via-se um faisão e duas perdizes, tão miudamente picados, que cada uma d'estas aves se parecia com uma almofadinha de alfinetes. La

Ramée sentia crescer-lhe a agua na boca, e entrou no quarto do duque esfregando as mãos.

Por cumulo de felicidade, Chavigny, confiando, como já dissemos, em La Ramée, tinha partido n'esta mesma manhã para uma pequena viagem, o que fazia de La Ramée o vice-governador do castello.

Grimaud parecia mais carrancudo que nunca.

De manhã o duque tinha jogado com La Ramée uma partida de péla; um signal de Grimaud fizera-lhe comprehender que devia reparar em tudo.

Grimaud marchando adiante riscava o caminho que á noite deveriam seguir. O jogo da péla era n'um sitio que chamavam a cerca do pequeno pateo do castello, sitio bastante deserto, onde só se postavam sentinellas quando o sr. de Beaufort estava jogando; provavelmente julgavam esta precaução superflua attendendo á altura das muralhas.

Havia tres portas a abrir antes de chegar a esta cerca. Cada uma se abria com differente chave.

Apenas chegaram á cerca, Grimaud foi machinalmente sentar-se junto de uma setteira, com as pernas pendentes para a banda de fóra do muro. Era evidente que n'este sitio é que devia ser postada a escada de corda.

Deve-se notar que toda esta manobra comprehensivel para o duque de Beaufort, era inintelligivel para La Ramée.

Começou o jogo. D'esta vez o sr. de Beaufort estava de maré e dir-se-hia que ia pôr com a mão as pélas no sitio onde queria que ellas fossem bater. La Ramée foi completamente vencido.

Quatro dos guardas do sr. de Beaufort tinha-n'o seguido e apanhavam as pélas; terminado o jogo o duque, mofando á sua vontade da infelicidade de La Ramée, offareceu aos guardas dois luizes para irem beber á sua saude com os seus quatro camaradas.

Os guardas pediram a authorisação de La Ramée que lh'a concedeu, mas somente para a noite. Até então La Ramée tinha que occupar-se de importantes minucias; e, como precisava dar alguns passeios, desejava que não perdessem o preso de vista.

Bateram finalmente seis horas; posto que só ás sete devessem ir para a mesa, a ceia estava já prompta. Em cima de um bofete estava o pastel colossal com as armas do duque, e, a julgar-se pela sua côr vermelha, parecia estar bem cozido. O resto da ceia era proporcionado a isto.

Todos estavam impacientes, os guardas por beber. La Ramée por sentar-se á mesa e Beaufort por se evadir. Só Grimaud parecia impassivel. Dir-se-hia que Athos o tinha educado assim de antemão para esta grave circumstancia.

Havia momentos em que o duque de Beaufort, contemplando o semblante de marmore de Grimaud, a si mesmo perguntava se isto tudo não era um sonho, e se aquelle rosto immovel estava na realidade ao seu serviço, e se animaria chegada a occasião.

La Ramée despediu os guardas recommendando-lhe que bebessem á saude do principe, apenas sairam, fechou as portas, metteu as chaves na algibeira e mostrou ao principe a meza, com um modo que bem traduzido significava:

—Quando vossa alteza quizer.

O principe olhou para Grimaud, Grimaud olhou para o ponteiro; eram apenas seis horas e um quarto, e a evasão estava fixada para as sete; ainda havia portanto tres quartos de hora de espera.

O principe para passar um quarto de hora, tomou por pretexto uma leitura que lhe interessava, e pediu para acabar o seu capitulo. La Ramée aproximou-se, olhou por cima do hombro que livro era que exercia no principe tal influencia, que o impedia de se pôr a mesa, quando a ceia já lá estava.

Eram os *Commentarios de Cezar*, que elle mesmo, contra as ordens do sr. da Chavigny lhe trouxera tres dias antes.

La Ramée jurou de nunca mais contrariar o regimen da torre. Entretanto, foi destapar as garrafas, e tomar o cheiro ao pastel.

A's seis horas e meia, o duque levantou-se dizendo com gravidade.

—Decididamente, Cezar era o maior homem da antiguidade.

—Julga senhor? disse La Ramée.

—Julgo.

—Pois eu, replicou La Ramée, gosto muito mais de Annibal.

—E a razão, sr. La Ramée? perguntou o duque.

—Porque não deixou Commentarios, disse La Ramée sorrindo-se grosseiramente.

O duque comprehendeu a allusão e foi sentar-se á meza, fazendo signal a La Ramée de ir sentar-se na sua frente. O vice-carcereiro não se fez rogar duas vezes.

Não ha figura tão expressiva como a de um verdadeiro gastronomo, que se vê junto a uma meza bem servida, por isso o rosto da La Ramée, ao receber de Grimaud o seu prato de sôpa, denotava o sentimento da perfeita felicidade.

O duque fixou-o sorrindo-se.

—Com os diabos! La Ramée, exclamou o duque, sabe que se me dissessem que havia agora na França um homem mais feliz que o senhor, eu não o acreditava!

E tinha razão, sr., disse La Ramée. Eu cá confesso que quando tenho fome, não conheço cousa mais agradavel do que uma meza bem servida; e se accrescentar a isto que o que faz as honras d'essa meza é o neto de Henrique-o-Grande, comprehenderá então que a honra que se recebe duplica o prazer que se gosa:

O principe inclinou-se por sua vez, e um imperceptivel sorriso assomou aos labios de La Ramée.

—Meu caro La Ramée, disse o duque, não ha na verdade ninguem que seja tão lisongeiro como o senhor.

—Não, serenissimo sr., disse La Ramée no transporte da sua alegria; não, certamente, eu digo o que sinto; no que lhe disse nada ha de lisonja.

—Então é-me affeiçoado? perguntou o duque.

—Quero dizer, replicou La Ramée, que nunca chegaria a consolar-me se vossa alteza saisse de Vincennes.

—Pessimo modo de me testemunhar a sua *afflicção*! (O principe queria dizer affeição).

—Mas, senhor, disse La Ramée, que faria lá fóra? Alguma estravagancia que o compremetteria com a corte, e que o faria encarcerar na Bastilha, em logar de estar em Vincennes,

continuou La Ramée saboreando um copo de Madeira, mas o sr. de Tremblay é peior.

—Não ha duvida, disse o duque a quem devertia o aspecto que ia tomando a conversação, e que de tempos a tempos lançava os olhos para o relogio, cujo ponteiro andava com um vagar de causar desespero.

—Que quer esperar do irmão de um capuchinho, educado na escola do cardeal de Richelieu! Ah! senhor, acredite que foi uma grande felicidade, que a rainha, que sempre lhe quiz bem, pelo menos segundo tenho ouvido dizer, lhe mandasse para aqui, onde ha passeios, jogo de péla, boa mesa e ar embalsamado.

—Na verdade, ao ouvil-o, La Ramée, sou bem ingrato de por um instante ter tido a idéa de sair d'aqui?

—Oh! senhor, é o cumulo da ingratidão, tornou La Ramée; mas vossa alteza nunca pensou n'isso seriamente.

—Oh se pensei! replicou o duque, e é talvez uma doudice, não digo que não, mas confesso-lhe que ainda de vez em quando me vem isso á idéa.

—Sempre por um dos vossos quarenta meios, senhor?

—Sim, replicou o duque.

—Ora, disse La Ramée agora que estamos sós, vossa alteza dir-me-ha um d'esses quarenta meios, não é verdade?

—Com muito gosto, disse o duque, Grimaud dê-me o pastel.

—Presto attenção, disse La Ramée, recostando-se na sua poltrona, levantando o copo e piscando o olho para vêr a luz atravez do liquido que continha.

O duque lançou um olhar para o relogio. Mais dez minutos e bateriam as sete horas.

Grimaud trouxe o pastel para defronte do principe, que pegou na sua faca de folha de prata para lhe tirar a tampa; mas La Ramée, receiando que succedesse algum prejuizo a esta bella peça, deu ao duque a sua faca de folha de ferro.

—Obrigado, La Ramée, disse o duque pegando na faca.

—Então, senhor, disse La Ramée, o famoso meio?

—Quer que lhe diga aquelle sobre que eu contava mais, aquelle que eu resolvera empregar primeiro?

—Sim, esse, disse La Ramée.



Vinte annos depois 2.ª estampa, 1.º vol.

... La Ramée sentiu a folha do punhal,

da e uma mordaça. Ponho um dos punhaes ao peito de La Ramée, e digo-lhe: «Meu amigo, tenho pena de ser obrigado a fazer isto, mas se fazes um gesto, se soltas um só grito que seja, morres!»

Dissemos já que o duque, ao pronunciar estas ultimas palavras, juntára a acção ás palavras. O duque estava de pé ao pé de La Ramée, e apoiava a ponta de um punhal sobre o peito d'elle com um modo, que o não deixava duvidar da resolução do aggressor.

Durante isto, Grimaud, sempre silencioso, tirava do pastel o outro punhal, a escada de corda, e a pera agonisante.

La Ramée contemplava todos estes objectos com um terror crescente.

—Oh! vossa alteza, exclamou elle, olhando para o duque com uma expressão de pasmo, que muito fazia rir o principe, não terá coração de me matar!

—Não, se te não oppozeres á minha fuga.

—Mas, senhor, se eu deixo fugir estou perdido.

—Embolsar-te hei do teu ordenado.

—E estás bem decidido a deixar o castello?

—Boa pergunta!

—Tudo o que eu lhe disser não fará mudar de resolução?

—Esta noite quero estar livre.

—E se eu me defender, se chamar, se gritar?

—Palavra de cavalheiro que te mato.

N'este momento o relogio bateu sete horas.

—Sete horas, disse Grimaud que ainda não tinha pronunciado uma só palavra.

—Sete horas! disse o duque, bem vês, já me demoro.

La Ramée fez um movimento como para descargo da sua consciencia.

O duque carregou o sobr'olho, e La Ramée sentiu a folha do punhal, que depois de ter atravessado os seus vestidos, se preparava para lhe entrar no peito.

—Bem, senhor, é quanto basta. Não me mecherei mais.

—Apressemo-nos, disse o duque.

—Senhor, uma ultima graça.

—Qual? falla, avia-te.

—Amarre-me bem.

—Para quê?

—Para que me não acreditem seu cumplice.

—As mãos? disse Grimaud. Não por diante, por detraz, por detraz?

—Mas com que? disse o duque.

—Com o seu cinto, senhor, disse La Ramée.

O duque tirou o cinto e deu-o a Grimaud, que ligou com elle as mãos de La Ramée como elle desejava.

—Os pés, disse Grimaud.

La Ramée estendeu as pernas; Grimaud pegou n'um guardanapo, rasgou-o em tiras, e amarrou La Ramée.

—Agora a minha espada, disse La Ramée; liga-me os copos da minha espada.

O duque arrancou uma das fitas dos calções, e satisfez o desejo do seu carcereiro.

—Agora, disse o pobre La Ramée, ponha-me a mordaça: sem isto processar-me-iam, porque não gritei.

Grimaud ia já a satisfazer ao desejo de La Ramée, quando este fez um movimento como signal que tinha alguma coisa a dizer.

—Falla, disse o duque.

—Não se esqueça, senhor, disse La Ramée, que se me acontecer alguma desgraça por sua causa, que eu tenho mulher e quatro filhos.

—Fica descançado. Mette-lhe a mordaça, Grimaud.

N'um momento La Ramée foi mordaçado, e deitado no chão, duas ou tres cadeiras foram derrubadas em signal de lucta. Grimaud tirou das algibeiras de La Ramée todas as chaves que ellas continham, abriu a porta do quarto em que se achavam, deu duas voltas á chave quando sairam, e tomaram rapidamente o caminho da galeria, que ia dar á pequena cêrca. As tres portas foram successivamente abertas e fechadas, com uma brevidade que honrava a destreza de Grimaud. Chegaram finalmente ao jogo da péla, que estava perfeitamente deserto; nem uma sentinella se divisava, nem uma pessoa se via ás janellas.

O duque correu ao muro, e viu do outro lado do fosso tres cavalleiros com dois cavallos pela redea, trocou um si-

gnal com elles; era exactamente por sua causa que elles alli estavam.

Entretanto, Grimaud amarrava a corda, conductora. Não era uma escada de corda mas sim um novello de seda com um pau, em que se devia escarranjar o que tivesse de descer.

—Vae, disse o duque.

—Primeiro, senhor? perguntou Grimaud.

—Certamente, disse o duque; porque se me agarrarem a mim, não tenho outro risco mais do que tornar a ser preso em quanto que se te agarrassem a ti, enforcar-te-iam.

—E' justo, disse Grimaud.

E immediatamente Grimaud montando-se no pau, começou a sua perigosa descida; o duque acompanhou-o com os olhos com um terror involuntario; tinha já descido tres quartas partes da altura do muro, quando de repente a corda quebrou. Grimaud caiu precipitadamente no fosso.

O duque soltou um grito, mas Grimaud nem um suspiro, e comtudo devia estar gravemente ferido, porque tinha ficado extendido, no sitio onde caira.

Immediatamente um dos homens que o aguardavam desceu ao fosso, atou aos hombros de Grimaud a ponta de uma corda e os outros dois, que tinham a ponta opposta, pucharam Grimaud para si.

—Descei, senhor, disse o homem qne estava no fosso, ha apenas quinze pés de distancia, e a relva é macia.

O duque estava já com mãos á obra. A sua empreza era mais difficultosa, porque não tinha pau em que sustentar-se; era mister fazer uma descida de cincoenta pés de altura, sustentando-se só nas mãos. Mas nós já dissemos, que o duque era agil, vigoroso, e cheio de sangue faio: em menos de cinco minutos achou-se na extremidade da corda e como ouvira ao cavalleiro que só faltavam quinze pés, deixou o apoio que o sustentava, e caiu a pés juntos sem lesão alguma. Subiu logo para o alto do fosso onde encontrou Rochefort. Os dois outros cavalleiros eram-lhe desconhecidos. Grimaud estava desmaiado e ligado sabre um cavallo.

—Senhores, disse o principe, mais tarde lhe agradecerei, mas agora não ha um instante a perder. A caminho, e ávante! quem me ama que me siga!

E saltando no cavallo, partiu a gallope, respirando com todas as forças, e gritando com uma expressão de alegria impossivel de dizer:

—Livre!... Livre!... Livre!..

XVI

D'Artagnan chega a proposito

D'Artagnan recebeu em Blois a somma que Mazarino, ancioso de o vêr junto a si, se tinha decidido a dar-lhe pelos seus futuros serviços.

De Blois a Paris são quatro dias de jornada para um cavalleiro ordinario. D'Artagnan chegou pelas quatro horas da tarde do terceiro dia á barreira de S. Diniz. Outr'ora não teria elle gasto mais do que dois. Já vimos que Athos, que partira tres horas depois d'elle, chegara vinte e quatro horas antes.

Planchet tinha perdido o costume dos seus passeios forçados; d'Artagnan reprehendeu-o pela sua molesa.

—Oh! senhor, quarenta leguas em tres dias! já é andar muito para um confeiteiro.

—Então realmente fizeste-te confeiteiro, Planchet, e contas permanecer na tua loja, agora que nos tornamos a encontrar?

—Ai! só o senhor é que nasceu para a vida activa. Veja senhor Athos, quem diria que era aquelle intrepido aventureiro, que nós conhecemos? Vive agora como um verdadeiro fidalgo camponez. Olhe, senhor, que nada ha que eguale uma existencia tranquilla.

—Hypocrita! disse D'Artagnan, bem se vê que tu te aproximas de Paris, e que em Paris a corda e a forca te aguardam.

Estava n'esse ponto a sua conversação, quando chegaram á barreira.

Planchet abaixava a aba do chapeu julgando que ia passar em ruas onde era muito conhecido, d'Artagnan puchava pelo bigode lembrando-se que Porthos o devia esperar na rua de Tiquetonne. Ia dando tratos á mente a vêr se se recordava de um meio que lhe fizesse esquecer a senhoria de Bracieux e as cosinhas homericas de Pierrefonds.

Ao virar a esquina da rua de Montmartre, divisou a uma das janellas de la Chevselta, Porthos vestido com um gibão azul celeste, bordado de prata, e bocejando a ponto de derrear os queixos, de maneira que os passageiros contemplavam com certa admiração respeitosa este cavalleiro tão bello e tão rico, que parecia tão aborrecido da sua riqueza e da sua grandeza.

Da mesma fórma, Porthos, apenas d'Artagnan e Planchet voltaram a esquina da rua, reconheceu-os immediatamente.

—Deus seja louvado, d'Artagnan! até que a final nos encontramos.

—Bom dia caro amigo! respondeu d'Artagnan.

Uma sucia de palermas reuniu-se bem depressa á roda dos cavallos, que os criados da hospedaria seguravam pela redea, e dos cavalleiros que assim conversavam na rua; mas um franzir de sobrancelhas de d'Artagnan, e dois ou tres gestos mal intencionados de Planchet, e bem comprehendidos dos assistentes, fizeram dissipar a multidão que começava a tornar-se tanto mais compacta, quanto mais ignorava porque se tinha reunido.

Porthos tinha já descido até á porta da hospedaria.

—Ah! meu caro amigo, disse elle que mal que estão aqui os meus cavallos!

—Na verdade, disse d'Artagnan, estou zangado em razão d'esses nobres animaes.

—E eu tambem estou bem mal, e se não fosse a estalajadeira, disse Porthos balanceando-se nas pernas, como que contente de si mesmo, que é bastante agradavel, e que sabe do galanteio, teria já ido allojar-me a outra parte.

A bella Magdalena que se tinha aproximado durante este colloquio, deu um passo á retaguarda e fez-se pallida como a morte ao ouvir as palavras de Porthos, porque julgava que se renovaria a scena do Suisso: mas com grande admiração

sua, d'Artagnan não fez nem o mais leve movimento ; e em logar de se zangar, disse rindo a Porthos :

—Comprehendo, caro amigo, o ar da rua Tiquetonne não vale o de Pierrefonds ; mas, tranquillise-se, que eu vou subministrar-lhe um melhor.

—E quando ?

—Bem depressa.

—Ah ! tanto melhor !

Ainda bem Porthos não tinha soltado esta exclamação, quando se ouviu um gemido baixo e profundo que partia do canto de uma porta. D'Artagnan, que acabava de apear-se, viu então desenhar-se em relevo na parede o enorme bojo de Mosqueton, cuja boca magoada deixava escapar surdos gemidos.

E o senhor tambem, meu pobre Mosqueton, se acha desalojado n'esta mesquinha hospedaria, não é verdade ? perguntou d'Artagnan com um modo que podia dizer-se tão compassivo, como zombador.

—Acho a comida pessima, respondeu Porthos.

—Mas, disse d'Artagnan, porque a não fazia elle mesmo como em Chantilly ?

—Oh ! senhor, eu não tinha aqui, como lá, os lagos do principe, para alli ir pescar as bellas carpas, e os bosques de sua alteza para ir caçar ao laço as delicadas perdizes. Quanto á adega. visitei-a circumstanciadamente, e na verdade é bem ridicula.

—Senhor Mosqueton, disse d'Artagnan, lastimar-vos-ia se não tivesse agora uma coisa diversa que me custa bastante.

E chamando Porthos á parte:

—Meu caro du Vallon, coutinuou elle está vestido o que é bom, porque vou já conduzil-o ao cardeal Deveras ! disse Porthos, abrindo em ar de pasmo os seus grandes olhos pretos.

—Sim, meu amigo.

—Uma apresentação ?

—Então causa-lhe medo ?

—Não, mas emmudece-me.

—Oh ! fique descançado ; não tem que fallar com o outro

cardeal; e este não o humilhará na presença de sua magestade.

—E' a mesma coisa, a côrte!

—Qual historia! agora já não ha côrte!

—A rainha!

—Eu ia dizer: já não temos rainha. A rainha? fique descançado que a não veremos.

—E dizes que vamos já ao Palacio Real?

—Já mesmo. Mas para o não demorar, imprestar-me-ha um dos seus cavallos.

—Qual quizer. Estão todos quatro ao seu dispor.

—Não preciso agora mais do que um.

—Não levamos os nossos lacaios?

—Sim, leve Mosqueton; mas Planchet ha motivos que o impedem de ir á côrte.

—E porque?

—Está mal com sua eminencia.

—Mousqueton, disse Porthos, selle Vulcano e Bayard.

—E eu, senhor levarei Rustard?

—Não, leve um cavallo de luxo, selle Phebo ou Suberbo vamos fazer uma visita.

—Ah! disse Mosqueton respirando, então só se trata de fazer uma visita?!

—Sim, nada mais. Mas em todo o caso; para o que der e vier, mettei sempre pistolas nos coldres; achareis no meu sellim as minhas carregadas.

Mouston soltou um suspiro; elle comprehendia pouco d'estas visitas de cerimonia, que se faziam armados dos pés á cabeça.

E' verdade, disse Porthos vendo apartar-se completamente o seu lacaio, tens razão, d'Artagnan, Mouston bastará, elle tem uma bella apparencia.

D'Artagnan sorriu-se.

—E o senhor, disse Porthos, não vae vestir outro facto?

—Não, vou como estou.

—Mas está todo alagado de suor e coberto de poeira; as suas botas estão enlameadas.

—Este trajo de jornada testemunhará ao cardeal a ligeireza com cumpro as suas ordens.

N'este momento, chegou Mousqueton com os tres cavallos sellados. D'Artagnan deu um pulo para o seltim, como se ha oito dias estivesse de descanço.

—Oh! disse elle a Planchet, a minha espada...

—Eu, disse Porthos mostrando uma pequena espada com os copos dourados, levo a minha espada da côrte.

—Leve sempre a farrusca, meu amigo.

—E porque?

—Não sei, mas leve-a sempre.

—A minha espada antiga, Mousqueton.

—Mas então são todos os preparativos de guerra, senhor! disse este, vamos então garrear. Se assim é dizei-m'o para tomar as minhas precauções.

—Comnosco, Mousqueton, bem sabe que as precauções são sempre boas de tomar. Ou não tem grande memoria, ou já se esqueceu que não temos o costume de passar as noites em bailes e saraus.

—Ai! é verdade, disse Mousqueton armando-se de pés até á cabeça, mas já o tinha esquecido.

Partiram a um passo assás rapido e chegaram pelas sete horas e um quarto ao palacio real. Havia uma immensidade de povo pelas ruas, porque era o dia de Pentecostes, e esta multidão via com pasmo passarem estes dois cavalleiros, dos quaes um tão fresco que parecia sair de uma redoma, e o outro tão coberto de poeira que dir-se-ia vir de um campo de batalha.

Mousqueton attraia tambem as vistas dos papalvos, e como o romance *D. Quixote* estava então em toda a sua voga, alguns diziam que era Sancho Pança, que, depois de perder um amo, tinha achado dois.

Ao chegar á ante-camara, d'Artagnan achou-se em paiz conhecido. Eram exactamente os mosqueteiros da sua companhia, que estavam de guarda. Mandou chamar o porteiro, e mostrou-lhe a carta de sua eminencia, que o chamava sem perda de um segundo. O porteiro inclinou-se e entrou no quarto de sua eminencia.

D'Artagnan voltou-se para Porthos, e julgou notar-lhe uma leve agitação. Sorriu-se e aproximando-se do ouvido, lhe disse baixo:

—Coragem, meu bravo amigo! Nada temei: o olho de aguia já está fechado, é um simples abutre com quem temos a tratar. Conserve-se direito como no famoso dia do forte de S. Gervasio, e não cumprimente demasiado a este italiano: isto daria do senhor uma fraca idéa.

—Bem, bem, respondeu Porthos.

O porteiro appareceu.

—Entrem, senhores, sua eminencia espera-os.

Mazarino está sentado no seu gabinete, occupado em riscar os nomes que podia de uma lista de pensões e beneficios. Com o canto do olho viu entrar d'Artagnan e posto que tivesse pestanejado de alegria ao ouvir o annuncio do porteiro, não pareceu abalar-se.

—Ah! é o senhor tenente? disse elle, veiu com presteza; muito bem: sêde bem vindo.

—Obrigado, eminentissimo senhor. Estou ás ordens de vossa eminencia, assim como o senhor du Vallon, o dos meus antigos amigos, que debaixo do nome de Porthos accultava a sua nobreza.

Porthos saudou o cardeal.

—E' um magnifico cavalleiro, disse Mazarino.

Porthos meneou a cabeça para a direita e para a esquerda, e fez movimentos cheios de dignidade.

—A melhor espada do reino, senhor, disse d'Artagnan, e muitas pessoas o sabem que não o dizem, e que não o podem dizer.

Porthos saudou d'Artagnan.

Mazarino amava tanto os soldados como mais tarde Frederico os amou. Admirava as mãos nervosas, os largos hombros, e o olhar fixo de Porthos. Parecia-lhe ter diante de si a salvação do seu ministerio e do reino, talhada em carne e osso; isto trouxe-lhe á memoria que a associação dos mosqueteiros se compunha de quatro pessoas.

E os seus outros dois amigos? perguntou Mazarino.

Porthos ia a abrir a boca, julgando ser chegada a occasião de dizer uma palavra; mas a um signal de d'Artagnan callou-se.

—Os nossos dois outros amigos estão por ora impedidos, mais tarde se nos reunirão.

Mazarino tossiu levemente.

E este senhor, mais livre que elles, tornará a acceitar o serviço? perguntou Mazarino.

—Sim, senhor, e isto por pura dedicação, porque o senhor de Bracieux é rico.

—Rico! disse Mazarino, a quem esta palavra tinha sempre o privilegio de inspirar n'elle uma grande consideração.

—Cincoenta mil francos de renda, disse Porthos.

Era a primeira palavra que pronunciava.

—Por pura dedicação, tornou Mazarino, então por simples dedicação?

—Vossa eminencia não acredita talvez muito n'essa palavra? perguntou d'Artagnan.

—E o sr. Gascão? disse Mazarino apoiando na papelleira os dois cotovellos e a barba nas duas mãos.

—Eu, disse d'Artagnan, creio na dedicação como no nome de baptismo, que naturalmente é seguido de algum nome de terra. E' verdade que cada um tem um genio mais ou menos dedicado, mas é preciso que no fim sempre haja alguma coisa.

—E o seu amigo, que coisa desejaria elle a troco da sua dedicação.

—O meu amigo possue tres magnificas terras; a du Vallon, em Corbeil; a de Bracieux, em Soissonais, e a de Pierrefonds, em Valois; desejava senhor que uma d'essas terras fosse erecta em baronnia.

—Nada mais do que isso? disse Mazarino, cujos olhos scintillaram de alegria, vendo que podia recompensar Porthos sem ter de abrir a bolsa, se nada mais é que isso, a coisa póde arranjar-se.

—Então serei barão! exclamou Porthos dando um passo para a vanguarda.

—Já eu lh'o tinha dito, tornou d'Artagnan fazendo-o parar com a mão, e ouviu agora sua eminencia que lh'o repete.

—E o sr. d'Artagnan, que deseja?

—Senhor, faz vinte annos no mez de setembro proximo que o senhor cardeal de Richelieu me deu a patente de tenente.

—Entendo; quer que o cardeal de Mazarino lhe dê a de capitão?

D'Artagnan abaixou a cabeça.

—N'esse caso nada é impossivel. Veremos, veremos, senhores. Agora, senhor du Vallon que serviço proferis? o da cidade ou o do campo.

Porthos abriu a boca para responder.

—Senhor, disse d'Artagnan, o senhor du Vallon é como eu, gosta do serviço, isto é, das emprezas que se reputam loucas e impossiveis.

Esta gasconhada não desagradou a Mazarino, que se poz a meditar.

—Confesso-lhe todavia que o tinha mandado vir para um posto sedentario. Mas... que ruido é este, disse Mazarino.

Effectivamente ouviu-se um grande ruido na ante-camara, e quasi ao mesmo tempo abriu-se a porta do gabinete, e por ella se precipitou um homem todo coberto de poeira gritando:

—O senhor cardeal! onde está o senhor cardeal?

Mazarino julgando que o queriam assassinar, recuou e fez rodar comsigo a sua poltrona. D'Artagnan e Porthos fizeram um movimento que os metteu de permeio entre o cardeal e o recem-chegado.

—Eh lá, senhor! que ha de novo para entrar aqui como se fosse n'uma praça?

—Senhor, disse o official a quem se dirigia esta exprobração, duas palavras, eu queria fallar-lhe immediatamente e em segredo. Sou de Poins, official das guardas, de serviço na Torre de Vincennes.

O official estava tão pallido e desfigurado que Mazarino, persuadido que era portador de alguma importante noticia, fez signal a d'Artagnan e Porthos que dessem logar ao mensageiro.

D'Artagnan e Porthos retiraram-se para um canto do gabinete.

—Falle, senhor, depressa, que ha então de novo? perguntou Mazarino.

—O sr. de Beaufort acaba de evadir-se do castello de Vincennes.

Mazarino soltou um grito, e fez-se mais pallido ainda que o que lhe annunciava esta noticia, e quasi desmaiado se deixou cahir sobre a poltrona.

—Evadiu-se! disse elle, evadiu-se!

—Vi-o fugir do alto da esplanada.

—E não lhe atirastes?

—Estava já fora de alcance.

—Mas o senhor de Chavigny que fazia?

—Estava ausente.

—Mas La Ramée?

—Foi encontrado amarrado no quarto do prezo, com uma mordaça na boca e um punhal ao pé.

—Mas o seu ajudante?

—Era cumplice do duque e evadiu-se com elle.

Mazarino soltou um gemido.

—Senhor, disse d'Artagnan avançando para o cardeal.

—Que? disse Mazarino.

—Parece-me que vossa eminencia está perdendo um tempo precioso.

—Que quer dizer?

—Se vossa eminencia ordenasse que seguissem o preso, talvez ainda se encontrasse. A França é grande e a mais visinha fronteira dista sessenta leguas.

—E quem será capaz de o seguir? exclamou Mazarino.

—Ora essa, eu!

—E prendel-o-heis?

—Porque não?

—Prenderias o duque de Beaufort armado em campo?

—Se vossa eminencia me ordenar que prenda o diabo, eu lh'o trarei aqui preso.

—E eu tambem, disse Porthos.

—O senhor tambem disse Mazarino fixando com espanto estes dois homens. Mas o duque não se renderá senão após um combate encarniçado.

—Melhor, disse d'Artagnan cujos olhos se afoguearam; batalha! Ha muito tempo que nos não batemos, não é verdade Porthos?

—Batalha! disse Porthos?

—E está convencido que o prenderá?

—Sim, se estivermos mais bem montados do que elles.

—Então leve todos os guardas que encontrar e parta.

—Dá-nos a ordem, senhor.

—Eu lh'a assigno, disse Mazarino tomando um papel e assignando algumas linhas.

—Accrescente, senhor, que podemos levar todos os cavallos que encontrar pelo caminho.

—Sim, sim, disse Mazarino, serviço d'el-rei! Partam!

—Bom, senhor.

—Senhor du Vallon, disse Mazarino, a sua baronia está na garupa do duque de Beaufort; não se trata senão de o colher ás unhas. Ao senhor d'Artagnan, nada prometto; mas se m'o trouxer morto ou vivo, pode pedir o que quizer.

—A cavallo, Porthos! disse d'Artagnan pegando na mão do seu amigo.

—Eis-me aqui, disse Porthos com o seu sublime sangue-frio.

E desceram a escada principal, levando comsigo os guardas que encontravam no caminho e bradando: A cavallo! a cavallo.

Coisa de dez homens se acharam reunidos.

D'Artagnan e Porthos saltaram, um sobre Vulcano, outro sobre Bayard; Mosqueton escarranchou-se em Phebus.

—Segui-me! bradou d'Artagnan.

—A'vante! disse Porthos.

E cravaram na barriga dos seus nobres corceis, que partiram com a velocidade de um furioso furacão pela rua de Santo Honorato.

—Então! senhor barão! eu tinha-lhe promettido exercicio, não cumpri a minha palavra?!

—Sim, meu capitão, respondeu Porthos.

Olharam para traz. Mosqueton, mais alagado em suor que o seu cavallo, conservava-se em distancia respectiva. Por detraz de Mosqueton caminhavam os dez guardas.

Os burguezes vinham espantados ás portas, e os cães assustados acompanhavam, ladrando aos cavallos.

Ao canto do cemiterio de S. João, d'Artagnan atropellou um homem, mas isto de nada valia para que obrigasse a parar gente tão apressada.

A cavalgada continuou por tanto o seu caminho com rapidez que parecia que os cavallos tinham azas.

Ai! N'este mundo não ha successos de pouca monta, e adiante veremos que este esteve em risco de fazer baquear a monarchia.

XVII

A estrada

A nossa comitiva correu assim em toda a extensão do bairro de Santo Antonio, e da estrada de Vincennes, depressa chegaram a estar fóra dos muros da cidade, depois no bosque, e em seguida á vista da aldeia.

Os cavallos pareciam animar se progressivamente a cada passo que davam, e uma respiração semilhante á de uma fornalha ardente lhe principiava a sair das ventas. D'Artagnan, com as esporas enterradas na barriga do cavallo, tinha, quando muito dois pés de avance a Porthos. Mousqueton seguia-os em dobrada distancia, e os guardas vinham uns mais atraz, outros mais adiante, segundo o andar mais ou menos veloz das suas cavalgaduras.

Do alto de uma eminencia, D'Artagnan apercebeu um grupo de pessoas que estavam paradas do outro lado do fosso, em frente da fachada da torre que está virada para Saint-Maur. Logo comprehendeu que era por ali que o prezo tinha fugido, e que por este lado é que elle podia obter informações.

Em cinco minutos achava-se ao pé dos guardas.

Todos os que compunham o grupo estavam muito preoccupados; examinavam a corda ainda pendente da setteira, e quebrara a vinte pés do chão. Os olhos mediam a altura e formavam mil conjecturas. No alto da muralha crusavam-se continuamente as sentinellas com um ar espantado.

Um posto de soldados, commandado por um sargento

apartava os burguezes do sitio onde o duque montara a cavailo.

D'Artagnan galopou direito ao sargento.

—Meu official, disse o sargento, aqui ninguem pode parar.

—Essa ordem não me diz respeito. Perseguiram-se os fugitivos?

—Sim, meu official, mas desgraçadamente vão montados em bons cavallos.

—Quantos são elles?

—Quatro validos, afóra um que levaram ferido.

—Quatro! disse d'Artagnan trocando uma vista d'olhos com Porthos, ouviste barão? não são mais que quatro!

Um alegre sorriso se deslisou pelos labios de Porthos.

—E que tempo levam de avance?

—Duas horas e um quarto, meu official.

—Duas horas e um quarto, nada é: nós estamos bem montados, não é verdade Porthos?

Porthos soltou um fundo suspiro; pensou no que aguardava aos seus pobres cavallos.

—Muito bem, disse d'Artagnan, e agora porque lado partiram?

—Quanto a isso meu official, é-me prohibido dizer-lh'o.

D'Artagnan tirou um papel do bolso.

—Ordem de el-rei, disse elle.

—Falle então ao governador.

—E onde está elle?

—No campo.

—A colera subiu ao rosto de d'Artagnan, enrogou-se-lhe a testa, e as fontes coloriram-se-lhe.

—Ah! miseravel! disse elle ao sargento, parece-me que zombas de mim. Espera.

E d'Artagnan desdobrou o papel, apresentando-o ao sargento com uma mão, e com a outra uma pistolla que engatilhou.

—Ordem de el-rei, te disse eu. Lê e responde, ou metto-te uma bala nos cascos! Que caminho seguiram?

O sargento viu que d'Artagnan fallava seriamente.

—O de Vaudemois, respondeu elle.

—E porque porta sairam?

—Pela de Saint-Maur.

—Se me enganas, miseravel, ámanhã és enforcado.

—E se o senhor chegar a encontral-os, nãs voltará para me fazer enforcar, murmurou o sargento.

D'Artagnan, encolheu os hombros, fez um signal á sua escolta, e avançou.

—Por aqui, meus senhores, gritou elle dirigindo-se para o parque indicado.

Porém como se tinha evadido o duque, a sentinella julgara conveniente fechar a porta. Foi portanto mister obrigal-o a abril-a, e isto demorou-os ainda dez minutos.

Vencido este ultimo obstaculo, os nossos homens tornaram a pôr-se em caminho com a mesma velocidade.

Mas os cavallos não continuaram com o mesmo ardor; alguns não poderam sustentar este galopar continuo; após uma hora de marcha, tres já tinham parado e um caido.

D'Artagnan, que não voltava a cabeça não persentio isto. Porthos disse-lhe com o seu ar tranquillo.

Comtanto que cheguemos nós dois, disse d'Artagnan, é quanto basta, pois que não são senão quatro.

—E' verdade, disse Porthos.

E continuou esporeando mais o seu cavallo.

Ao cabo de duas horas, os cavallos tinham avançado doze leguas sem parar; as pernas começavam-lhe a tremer, a escuma que deitavam manchava as polainas dos cavalleiros, em quanto que o suor lhe penetrava atravez dos calções.

—Dêmos um instante de descanço a estas desgraçadas bestas, disse Porthos, para tomarem folego.

—Ao contrario, matemol-os, matemol-os! disse d'Artagnan. Já vejo signaes frescos de cavallos; não ha um quarto de hora que por aqui passaram.

Effectivamente o reverso da estrada via-se cheio das pegadas dos cavallos. Com os ultimos raios do sol percebiam-se ainda os signaes.

—Tornaram a marchar, mas duas leguas depois, o cavallo de Mousqueton caiu.

—Bello! disse Porthos, eis Phebus perdido!

—O cardeal lhe pagará mil pistollas.

—Oh! disse Porthos isso não me abala.

—Então continuemos, e a galope!

—Sim; se podermos.

E de feito o cavallo de d'Artagnan recusou dar mais um passo; uma ultima esporada, em logar de o fazer avançar, deitou-o por terra.

—Mau! exclamou Porthos. Lá vae Vulcano.

—'os demonios! exclamou d'Artagnan arrepelando os cabellos á mão cheia, é preciso então parar! Dê-me o seu cavallo Porthos. Mas que diabo é isso?

—Que diabo ha de ser? Sou eu que caio ou para melhor dizer é Bayard que abate.

D'Artagnan quiz obrigal-o a levantar-se em quanto Porthos se tirava dos estribos, mas viu que o sangue lhe saia pelas ventas.

—Todos tres! disse elle, agora acabou-se tudo!

N'este momento ouviu-se um rincho de cavallo.

—Calluda! disse d'Artagnan.

—Que é?

—Ouço um cavallo.

—E' algum dos nossos companheiros que vem ter comnosco.

—Nada, disse d'Artagnan, é para a frente.

—Então, é outro caso, disse Porthos; e poz-se á escuta, com a cabeça inclinada para o lado, para que apontara d'Artagnan.

—Senhor, disse Mousqueton, que, depois de ter abandonado na estrada o seu cavallo, vinha por seu pé reunir-se a seu amo; Phebus não pôde resistir, e...

—Então silencio! disse Porthos.

N'este momento a brisa da noite trouxe pela segunda vez ao ouvido dos nossos dois amigos um rincho.

—Está na nossa frente, a quinhentos passos, disse d'Artagnan.

—E na verdade, senhor, disse Mousqueton, a quinhentos passos de nós está uma pequena casa de caça.

—As tuas pistollas, Mousqueton.

—Tenho-as nas mãos, senhor.

—Porthos tire as suas dos coldres.

—Aqui as tenho.

—Bem! disse d'Artagnan, pegando tambem nas suas, comprehende agora, Porthos?

—Não muito.

—Nós corremos ao serviço de el-rei.

—E então?

—Para o serviço de el-rei requesitamos aquelles cavallos.

—Está bom.

—Então, nem uma palavra, e mãos á obra.

Todos tres avançaram pelo meio das trevas da noite, silenciosos como fantasmas. N'um cotovelo formado pela estrada, viram fulgurar uma luz por entre as arvores.

—Lá está a casa, disse d'Artagnan em segredo; deixe tudo por minha conta, e Porthos faça tudo o que me vir fazer.

Foram andando surrateiros de arvore para arvore, até que chegaram a vinte passos de distancia da casa; aqui, com a ajuda de uma lanterna suspensa de um telheiro descubriram quatro soberbos cavallos. Um lacaio estava tratando d'elles, ao pé dos quaes estavam os sellins e as redeas,

D'Artagnan aproximou-se rapidamente, fazendo signal aos seus dois companheiros de se conservarem alguns passos á retaguarda.

—Compro estes cavallos, disse elle para o lacaio.

Este voltou-se espantado, mas sem dizer nada.

—Não ouviste, maroto? replicou d'Artagnan.

—Perfeitamente, disse o lacaio.

—Então porque não respondes?

—Porque os cavallos não são para vender.

—Então, tomo-os, disse d'Artagnan.

E lançou a mão ao que lhe estava mais perto. Os seus dois companheiros appareceram no mesmo instante, e fizeram outro tanto.

—Mas, senhores! exclamou o lacaio, elles acabam de fazer uma jornada de seis leguas, e apenas ha meia hora que estão desapparelhados.

E quanto basta de descanço, disse d'Artagnan, e o exercicio far-lhe-ha bem.

O lacaio gritou por soccorro. Um que parecia intendente appareceu exactamente no momento em que d'Artagnan e os seus companheiros punham o sellim no dorso dos cavallos.

O intendente quiz engrossar a voz.

—Meu caro amigo disse d'Artagnan, se solta uma só palavra atiro-lhe com os miolos pelos ares.

E mostrou-lhe o cano de uma pistola, que metteu logo debaixo do braço para continuar com o seu trabalho.

—Mas, senhor, saiba que esses cavallos são do senhor de Montbazon?

—Tanto melhor! disse d'Artagnan, devem ser bons.

—Senhor, disse o intendente recuando passo a passo, e tentando ganhar a porta, previno-o que vou chamar a minha gente.

E eu a minha, disse d'Artagnan. Sou tenente dos mosqueteiros d'el-rei, e dez guardas me acompanham, e, ouvi, não sente o seu galopar? Então veremos!

Não se ouvia nada, mas o intendente teve medo de ouvir.

—Em que estado está isso, Porthos?

—Prompto.

—E o senhor, Mouston.

—Eu tambem.

—Então a cavallo, e partamos.

Todos tres montaram nos seus cavallos.

—Lacaios! bradou o intendente. Lacaios!... carabinas!

—Pressa pressa! disse d'Artagnan, parece-me que temos aqui fuzilaria.

E todss tres partiram velosos como o vento.

—A mim! berrou o intendente, em quanto que o lacaio corria á casa visinha.

—Acautelem-se de matar os seus cavallos! gritou d'Artagnan dando furiosas gargalhadas.

—Fogo! respondeu o intendente.

Um clarão similhante ao do relampago alumiou o caminho; ao mesmo tempo da detonação, os tres cavalleiros ouviram sibilar as ballas, que se perderem no espaço.

—Atiram como lacaios, disse Porthos. Atirava-se melhor

que isto no tempo de Richelieu. Recorda-se da estrada de Crevecœur, Mousqueton?

—Ah! senhor, ainda padeço da nadega direita.

—Está certo que lhe vamos na pista, d'Artagnan? perguntou Porthos.

—Ora essa! Não reparastes no que elles disseram?

—Que foi?

—Que estes cavallos pertenciam ao senhor de Montbazon.

—E então?

—E então! o senhor de Montbazon.

—E depois?

—A senhora de Monthazon é a amante do senhor de Beaufort.

—Ah! comprehendo, elles tinham disposto mudas.

—Exactamente.

—E' nós vamos perseguindo o duque nos mesmos cavallos que elle acaba de deixar.

—Meu caro Porthos, és na realidade dotado de uma intelligencia superior, disse d'Artagnan com o seu modo costumado.

—Sou como sou! disse Porthos.

Correram assim uma hora; os cavallos estavam brancos de espuma, e o sangue e corria-lhe pela barriga.

—Que diabo vejo eu acolá em baixo? disse d'Artagnan.

—E's muito feliz se podeis vêr alguma coisa no meio de um tal escuro! disse Porthos.

—Coisas que luzem.

—Eu tambem as vi, disse Mousqueton.

—Ah! ah! encontral-os-iamos a final?!

—Bom! um cavallo morto! disse d'Artagnan, parece que elles tambem já vão estafados.

—Parece-me ouvir o tropel de uma cavalgadura, disse Porthos inclinando-se no pescoço do cavallo.

—Impossivel.

—São muitos.

—Então, é outro caso.

—Mais um cavallo! disse Porthos.

—Morto? Não expirando.

—Apparelhado ou desapparelhado?

—Apparelhado.

—Então são elles.

—Coragem temol-os agarrados.

—Mas elles são numerosos, disse Mousqueton, e então não somos nós que os temos agarrados a elles, mas sim elles a nós.

—Enganas-te! disse d'Artagnan, elles julgam-nos mais fortes, porque os perseguimos; isto incutir-lhes-ha medo e fal-os-ha dispersar.

—E' certo, disse Porthos.

—Ah! vê? exclamou d'Artagnan.

—Sim, d'esta vez vi os tambem, disse Porthos.

—A'vante! ávante! disse d'Artagnan com a sua voz stridente, em cinco minutos temos com que nos divertir.

E de novo se lançaram a galope. Os cavallos, furiosos pela dôr e emolução, voavam pela estrada sombria, no meio da qual se começava a perceber uma massa mais compacta e mais obscura que o resto do horisonte.

XVIII

Encontro

Dez minutos se passaram ainda assim.

De repente, dois pontos negros se destacaram da massa, avançaram, engrossaram, e á medida que engrossavam tomaram a forma de dois cavalleiros.

—Oh! oh! exclamou d'Artagnan, caminham para nós.

—Tanto peior para os que vêem, dissse Porthos.

—Quem vem lá? gritou uma voz rouca.

Os tres cavalleiros não pararam nem responderam, mas ouviu-se o ruido do desembainhar das espadas, e os estalos dos cães das pistolas, que os dois fantasmas negros ingatilharam.

—Redea nos dentes ! disse d'Artagnan.

Porthos comprehendeu, e tanto elle como d'Artagnan tiraram com a mão esquerda um pistola dos coldres, armaram-nas tambem.

—Quem vem lá? ouviu-se uma segunda vez. Se dão mais um passo morrem !

—Eia ! respondeu Porthos quasi suffocado pela poeira e mordendo na redea como o seu cavallo no freio, eia ! nós bem vimos outros !

A estas palavras as duas sombras atravessaram-se no caminho, e viu-se com a claridade das estrellas, reluzirem os canos das pistolas abaixadas.

—Para traz ! gritou d'Artagnan, ou então morrem !

Dois tiros responderam a esta ameaça, mas os assaltantes avançavam com uma tal rapidez, que no mesmo instante cairam sobre os seus adversarios. Um terceiro tiro se ouviu, disparado á queima roupa por d'Artagnan, e o seu inimigo caiu. Quanto a Porthos, deu no seu adversario com tal impeto que, não obstante se lhe ter dobrado a espada, com a violencia do choque fel-o ir cair a dez passos de distancia do seu cavallo.

—Acaba Mousquetou, acaba !

E precipitou-se para a frente ao lado do seu amigo, que havia já continuado o seu caminho.

—Então ? disse Porthos.

—Esmigalhei-lhe a cabeça, disse d'Artagnan ; e o senhor.

—Eu cá deitei-o sómente por terra ; mas escute...

Ouviu-se um tiro de carabina ; era Mousqueton que ao passar executava a ordem de seu amo.

—Bom, bom ! disse d'Artagnan, por ora não vae mal, a primeira ganhamos nós.

—Ah ! ah ! disse Porthos, novos contendores.

De feito, dois outros cavalleiros appareciam destacados do grupo principal, e avançavam rapidamente para tolherem de novo a passagem.

D'esta vez, d'Artagnan nem mesmo esperou que se lhe dirigisse a palavra.

—Deixe passar, gritou elle primeiro, deixe passar.

—Que quer? disse uma voz.

—O duque, bradaram ao mesmo tempo Porthos e d'Artagnan.

Uma gargalhada foi a resposta, mas veio a acabar em gemido: d'Artaguan tinha varado o ridente de parte a parte com a sua espada.

Duas detonações se ouviram ao mesmo tempo parecendo não ser mais que um tiro: eram Porthos e o seu adversario que atiraram um ao outro.

D'Artagnan voltou-se e viu Porthos ao seu lado.

—Bravo, Porthos, pelo que parece, mataste-o?

—Creio que só toquei no cavallo, disse Porthos.

—Que quer, meu caro! nem sempre se consegue tudo o que se quer, e quando ao menos se consegue parte do que se deseja não nos devemos lastimar. Mas que diabo tem o meu cavallo.

—O seu cavallo vae a cair, disse Porthos fazendo parar o seu.

De feito, o cavallo de d'Artagnan cambaleava e caia sobre os joelhos, depois um stestor e finalmente expirou. Tinha recebido no peito a balla do primeiro adversario de d'Artagnan.

D'Artagnan rogou uma praga capaz de fazer tremer todo o céo.

—O senhor quer um cavallo? disse Mousqueton.

—Ora essa! se o quero, bradou d'Artagnan.

—Eil-o aqui, disse Mousqueton.

—Como diabo trazes tu dois cavallos pela redea? disse d'Artagnan, montando n'um d'elles.

—Os seus donos estão mortos: pensei que nos podiam ser uteis, trouxe-os comigo.

Entretanto Porthos tinha carregado a sua pistola.

—A'lerta! disse d'Artagnan, eis outros dois.

—Ah! mas então estaremos com isto até ámanhã! disse Porthos.

Effectivamente dois outros cavalleiros marchavam rapidamente.

—Oh! senhor, disse Mousqueton, o que deitou por terra, lá torna a levantar-se.

—Porque não lhe fizeste tu o mesmo que ao primeiro?

—Eu estava atrapalhado com os dois cavallos pela mão.

Um tiro partiu, Mousqueton deu um grito de dôr.

—Ah! senhor, continuou elle, na outra! exactamente na outra! Esta ferida fará a continuação da da estrada de Amiens.

Porthos voltou-se como um leão, deu sobre s cavalleiro que estava a pé, e que se esforçou por desembainhar a espada; mas antes que ella estivesse fóra da bainha, Porthos, com o punho, lhe tinhn dado um tão terrivel golpe na cabeça, que caiu como um boi sob o cutelo do carniceiro.

Mousqueton, gemendo, tinha-se deixado cair do cavallo, porque a ferida que recebera lhe não permittia estar mais tempo montado.

D'Artagnan, ao aperceber os cavalleiros, tinha parado e carregado a sua pistola, demais, o seu cavallo tinha uma carabina no arção da sella.

—Prompto! disse Porthos, aguardemol-os, ou avançamos.

—Avancemos, disse d'Artagnan.

—Avancemos, disse Porthos.

E metteram as esporas na barriga de seus cavallos.

Os cavallos não estavam mais que a vinte passos.

—Da parte d'el-rei! bradou d'Artagnan, deixe-nos passar.

—El-rei não tem aqui que fazer! tornou uma voz sombria e vibrante, que parecia sair de uma nuvem, porque o cavalleiro vinha envolvido n'um turbilhão de poeira.

—Pois bem! veremos se el-rei passa ou não por toda a parte! replicou d'Artagnan.

—Pois veja, disse a mesma voz.

Dois tiros partiram quasi ao mesmo tempo, um disparado por d'Artagnan, e outro pelo adversario de Porthos. A balla de d'Artagnan atirou pelos ares com o chapeu do seu inimigo; a balla do adversario de Porthos varou o pescoço do seu cavallo, que caiu estartalado soltando um gemido.

—Pela ultima vez, onde vae? disse a mesma voz.

—Ao diabo! respondeu d'Artagnan.

—Então bem, fique descançado que lá chegará.

D'Artagnan viu apontar-se-lhe para elle a boca de um mosquete; não tinha tempo de remecher nos coldres, lembrou-se então de um conselho que outr'ora lhe dera Athos: fez empinar o seu cavallo.

A balla deu um cheio na barriga do animal. D'Artagnan percebeu que elle ia caindo, e com a sua maravilhosa agilidade saltou para o lado.

—Está bom! disse a mesma voz, pelo que vejo, isto não passa da matança de cavallos. A' espada! senhor, á espada!

E saltou a terra.

—A' espada, seja! disse d'Artagnan, sempre foi o meu forte.

Em dois pulos, d'Artagnan se achou cruzando a sua espada com a do seu adversario; mas, com a sua destreza habitual, elle tinha posto a espada em terça, sua guarda favorita.

Durante este tempo, Porthos ajoelhado por detraz do seu cavallo, que estrebuchava com as convulsões da agonia, conservava uma pistola em cada mão.

Entretanto d'Artagnan já tinha travado combate com o seu adversario. D'Artagnan attacara-o, segundo o seu costume, rudemente; mas d'esta vez encontrou que lhe d'esse que fazer. Por duas vezes d'Artagnan se viu obrigado a mudar de posição e a recuar um passo á retaguarda; o seu adversario nem o mais leve movimento fez, d'Artagnan voltou e poz-se de novo na mesma posição.

—Dois ou tres tiros foram successivamente disparados de parte a parte sem resultado, faiscas de fogo se distacavam aos montões das espadas.

—Emfim d'Artagnan pensou que era chegado o momento de utilisar do seu disfarce favorito; executou-o com summa habilidade, e rapidez do torvão, descarregando o golpe com um vigor que julgava irresistivel.

O golpe foi aparado.

—C'os diabos! bradou elle com o seu acento gascão.

A esta exclamação o seu adversario deu um salto á retaguarda, e inclinando a sua cabeça desbarretada, esforçou-se por distinguir atravez das trévas o rosto de d'Artagnan.

Quanto a d'Artagnan, temendo alguma traição, conservou-se na defensiva.

—Tome sentido, disse Porthos ao seu adversario, tenho ainda as minhas pistolas carregadas.

—Razão de mais para atirar primeiro, respondeu este.

Porthos disparou; o fuzilar da pistola alumiou o campo da batalha.

A este clarão, os dois outros combatentes soltaram cada um grandes gritos.

—Athos! disse d'Artagnan.

—D'Artagnan! disse Athos.

Athos levantou a sua espada, d'Artagnan abaixou a sua.

Aramis! bradou Athos, não atire!

—Ah! ah! é o sr. Aramis? disse Porthos.

E atirou ao chão com a sua pistola.

Aramis metteu a sua nos coldres e embainhou a espada.

—Meu filho! disse Athos estendendo a mão a d'Artagnan.

Era este o nome que outr'ora lhe dava nos seus momentos de ternura.

—Athos, disse d'Artagnan torcendo as mãos, o senhor defende-o! E eu que tinha jurado de o levar morto ou vivo! Ah! estou deshonrado!

—Mate-me, disse Athos descubrindo o peito, se a sua honra carece da minha morte.

—Oh! desgraçado! desgraçado que eu sou! exclamava d'Artagnan, só um homem havia no mundo capaz de me fazer parar, e logo a fatalidade quiz que este homem me apparecesse no caminho. Ah! que direi eu ao cardeal?

—Dir-lhe-heis, senhor, respondeu uma voz que dominava o campo da batalha, que elle enviara contra mim os dois unicos homens que me podiam matar quatro, de luctar corpo a corpo contra o conde de La Fère e o cavalleiro d'Herbelay, e de não se renderem senão a cincoenta homens.

O principe! disseram ao mesmo tempo Athos e Aramis, fazendo um movimento para deixarem vêr o duque, que em quanto que d'Artagnan e Porthos davam um passo a retaguarda.

Cincoenta cavalleiros! murmuraram d'Artagnan e Porthos.

—Se duvida, olhe em torno do senhor, disse o duque.

D'Artagnan e Porthos olharam em torno de si; estavam effectivamente cercados por uma multidão de homens a cavallo.

—Ao ruido do seu combate, disse o duque, julguei que seriam alguns vinte homens, e retrogradei com todos os que me rodeavam, porque, cançado já de fugir, desejava tambem desembainhar a minha espada; os senhores não eram mais que dois.

—É verdade, senhor, disse Athos, mas como disse, dois que valem por vinte.

—Vamos, senhores, as suas espadas, disse o duque.

—As nossas espadas! disse d'Artagnan levantando a cabeça, e voltando a si, as nossas espadas! nunca!

—Nunca, disse Porthos.

Alguns homens se moveram.

—Um instante, senhor, disse Athos, apenas duas palavras.

E aproximou-se do principe, que se inclinou para elle e ao ouvido do qual disse algumas palavras.

—Como quizer, conde, disse o principe, devo-lhe muito para lhe recusar o seu primeiro pedido. Dêem passagem, senhores, disse elle para os homens que o escoltavam. Senhores d'Artagnan e du Vallon estão livres.

A ordem foi immediatamente executada, e d'Artagnan e Porthos se acharam formando o centro de um vasto circulo.

—Agora, d'Herblay, disse Athos, apeie-se e siga-me.

Arami saltou abaixo do cavallo e aproximou-se de Porthos, em quanto Athos se aproximava de d'Artagnan. Todos quatro então se acharam reunidos.

—Amigo, disse Athos, terão ainda pena de não ter derramado o nosso sangue.

—Não, disse d'Artagnan; de que eu tenho pena é de nos vermos uns contra os outros, nós que sempre vivemos tão unidos. Tenho pena de nos encontrarmos em dois campos oppostos. Ah! nada nos fará ter um bom exito!

—Ah! meu Deus! por certo que não, disse Porthos, está tudo acabado.

—Então! passe para o nosso lado, disse Aramis.

—Silencio, d'Herblay, disse Athos, não se fazem similhantes propostas a homens como a estes senhores. Se entraram no partido do Mazarino, é porque a sua consciencia os empelliu para aquelle, como a nossa nos empellio para o dos principes.

—Entretanto, eis-nos inimigos, disse Porthos; diabo! quem tal pensaria?

D'Artagnan não disse nada, mas soltou um gemido.

Athos fixou-os a ambos, e pegou-lhes nas mãos.

—Senhores, disse elle, o caso é serio, e o meu coração soffre como se o tivesse varado de um lado ao outro. Sim, estamos desunidos, eis a maior e mais triste verdade; mas nós ainda não declaramos guerra, talvez que tenhamos condições a propôr, e por isso é indispensavel uma derradeira entrevista: Quanto a mim, reclamo-a, disse Aramis.

—Eu aceito-a, disse d'Artagnan com altivez.

Porthos abaixou a cabeça em signal de que concordava.

—Assignemos pois um logar para ella, continuou Athos que esteja ao alcance de nós todos, e n'uma derradeira entrevista regulemos dilinitivamente a nossa reciproca posição, e a conducta que devemos ter uns para os outros.

—Bem! disseram os outros tres.

—São então do meu parecer? perguntou Athos.

—Em tudo. N'esse caos, o logar.

—Na Praça Real, convem-lhe? perguntou d'Artagnan.

—Em Paris?

—Sim.

Athos e Aramis olharam um para o outro; Aramis fez um signal de approvação.

—A Praça Real, seja! disse Athos.

—E quando?

—A'manhã á noite, se quizer.

—Terá o senhor, regressado?

—Sim.

—A que hora?

A's dez da noite, convem-lhe?

—Perfeitamente.

—D'alli, disse Athos, sortirá a paz ou a guerra, mas ao menos, amigos, a nossa honra ficará incolume.

—Ai! murmurou d'Artagnan, a nossa honra militar já nós perdemos.

—D'Artagnan, disse gravemente Athos, juro-lhe que me faz mal em pensar n'isso, quando eu não penso senão em uma coisa, e é que cruzei a espada comvosco. Sim, continuou elle meneando dolorosamente a cabeça, sim, o senhor o disse, desgraçados que nós somos: siga-me, Aramis.

—E nós, Porthos, voltemos a levar a nossa vergonha ao cardeal.

—E diga-lhe sobretudo, gritou uma voz, que eu ainda não sou muito velho para ser um homem de acção.

D'Artagnan reconheceu a voz de Rochefort.

—Posso eu ser-lhe util para alguma coisa, senhores, disse o principe.

—Attestar que fizemos o que podemos senhor.

—Isso farei, fique descançado. Adeus, senhores, dentro em algum tempo, tornar-nos-hemos a vêr, ao pé de Paris, assim o espero, e talvez mesmo dentro de Paris, e então poderão desforrar-se.

A estas palavras o duque cumprimentou-os com a mão, metteu o seu cavallo a galope, e desappareceu seguido da sua escolta, cuja vista se perdeu na obscuridade, e o ruido no espaço.

D'Artagnan e Arthos acharam-se sós no meio da estrada, com um homem que tinha pela mão dois cavallos.

Julgaram que era Mousqueton e aproximaram-se.

—Que vejo! exclamou d'Artagnan, és tu Grimaud?

—Grimaud? disse Porthos.

Grimaud fez signal aos dois amigos que se não enganavam.

—E a quem pertencem os cavallos? perguntou d'Artagnan. Quem lh'os deu? perguntou Porthos.

—O senhor conde de La Fère.

—Athos, Athos, murmurou d'Artagnan, em tudo pensa, é um verdadeiro cavalheiro.

—Não foi mau, disse Porthos, que eu tinha medo de ser obrigado a fazer a jornada a pé.

E montou a cavallo. D'Artagnan, já tinha feito o mesmo.

—Então! para onde vaes tu, Grimaud? perguntou d'Artagnan, deixas teu amo?

—Sim, disse Grimaud, vou ter com o visconde de Bragelonne no exercito de Flandres.

Deram em seguida alguns passos silenciosamente pela estrada na direcção de Paris, mas de repente ouviram gritos que pareciam sair de uma cova.

—Que é isto? perguntou d'Artagnan.

—E' Mousqueton, disse Porthos.

—Sim, senhor, sou eu, disse uma voz dolorosa, emquanto que uma sombra se levantava no reverso da estrada.

Porthos correu ao seu intendente, a quem era realmente affeiçoado.

—Estarás tu ferido perigosamente, meu caro Mouston? disse elle.

—Mouston! replicou Grimaud arregalando os olhos.

—Não, senhor, não o acredito, mas de uma maneira que incommoda bastante.

—Então não podes montar a cavallo?

—Quem deu lá, senhor!

—E a pé podes andar?

—Farei por poder até á proxima casa.

—Que faremos? disse d'Artagnan, é todavia necessario que voltemos a Paris.

—Eu me encarrego de Mousqueton, disse Grimaud.

—Obrigado, meu bom Grimaud! disse Porthos.

Grimaud saltou a terra e foi dar o braço ao seu antigo amigo que o acolheu com as lagrimas nos olhos, sem que Grimaud ficasse positivamente sabendo se estas lagrimas provinham do prazer de o tornar a vêr, ou da dôr que lhe causava a ferida.

D'Artagnan e Porthos continuaram silenciosamente o seu caminho.

Tres horas depois, um correio lhes passou adiante, coberto de poeira: era um homem enviado pelo duque e que levava ao cardeal uma carta, na qual como o principe pro-

mettera, testimunhava o que Porthos e d'Artagnan tinha feito.

Mazarino tinha passado uma pessima noite, quando recebeu a carta, em que elle proprio lhe annunciava que estava livre, e que ia fazer-lhe uma guerra de morte.

O cardeal leu-a duas ou tres vezes, dobrou-a e metteu-a na algibeira.

—Já que d'Artagnan o não pôde agarrar; dizia o cardeal, consola-me ao menos, que em quanto corria em sua perseguição esmigalhou Broussel. Decididamente o gascão é um homem precioso, e até mesmo nas suas infelicidades me é util.

O cardeal alludia ao homem que d'Artagnan atropellara ao canto do cemiterio de S. João em Paris, e que era o conselheiro Broussel.

XIX

Quatro antigos amigos preparam-se para uma entrevista

—Então! disse Porthos, sentado no pateo da hospedaria de La Charette, a d'Artagnan, que, com o rosto carregado e aborrecido, vinha do palacio cardeal; então! recebeu-o mal, meu bravo d'Artagnan?

—Bofé que sim! decididamente é um horrendo animal aquelle homem! Que está comendo, Porthos?

—Não vê?! estou molhando um biscoito em vinho de Hespanha. Faça o mesmo.

—Tem razão. Gimblou, um copo!

O rapaz apostrophado por este nome harmonioso trouxe o copo pedido, e d'Artagnan sentou-se ao pé do seu amigo.

—Como se passou isso? conte lá.

—Ora! bem comprehende, não havia senão dois meios para lhe narrar a coisa. Entrei, olhou-me de travez, encolhi

os hombros, e disse-lhe: «Senhor, nós não fomos os mais fortes.»

—E' verdade, já sei isso; mas conte-me isso circumstanciadamente. O senhor comprehende, Porthos, eu não podia narrar-lh'o circumstanciadamente sem nomear os nossos amigos, e nomeal-os era perdel-os.

—Não ha duvida!

—Eminentissimo senhor, disse eu, eram cincoenta, e nós dois.

—Sim, mas isso não obstou, respondeu elle, que houvessem tiros de pistola, segundo ouvi dizer.

—Não ha duvida, senhor, de parte a parte dispararam-se alguns tiros.

—E as espadas viram o dia? accrescentou elle.

—A noite sim, senhor, respondi eu.

—Muito bem, continuou o cardeal, eu julgava-o gascão, meu caro.

—Eu não sou gascão senão quando comsigo o que quero. A resposta agradou-lhe porque entrou a rir-se, «Isto me servirá de lição, disse elle, para que dê melhores cavallos aos meus guardas; porque se elles tivessem podido alcançal-os, e se todos tivessem feito tanto como o senhor e o seu amigo, teriam cumprido a sua palavra, e m'o trariam morto ou vivo.»

—Mas parece-me que essa resposta nada tem de má, respondeu Porthos.

—Ora essa! por certo que não, meu caro, mas é a maneira com que foi dada. E' incrivel, interrompeu d'Artagnan, como estes biscoitos chupam o vinho! São umas verdadeiras esponjas! Gimblou, uma outra garrafa.

A garrafa foi trasida com uma ligeireza que provava o grau de consideração de que d'Artagnan gosava no estabelecimento. Continuou:

—Ia a retirar-me, quando me chamou. «Perdestes tres cavallos, não é verdade? me perguntou elle.

—Sim, senhor.

—Quanto valliam elles?

—Mas, disse Porthos, isso parece-me uma generosa acção.

—Mil pistolas (1), respondi eu.

—Mil pistolas! disse Porthos, c'os diabos! foi demasiado, e se elle entende de cavallos, devia regatear.

—Bastantes desejos teria d'isso, o somitigo, porque deu um sobresalto terrivel, e fixou-me com espanto. Eu fiz o mesmo, então elle comprehendeu, e mettendo a mão n'um armario, tirou d'elles lettras sobre o banco de Lyão.

—Para mil pistolas?

—Sim. Nem mais uma, o avarento do diabo!

—E tral-as.

—Ei-las.

—Bofé! Penso que é obrar cortezmente.

—Cortezmente! com homens que nem só acabam de arriscar a sua vida, mas ainda de fazer-lhe um grande serviço.

—Um grande serviço! e qual? perguntou Porthos.

—Parece que eu atropellei-lhe um conselheiro do parlamento.

—Como assim! Aquelle homemzito que deitaste a terra no canto do cemiterio de S João?

—Exactamente, meu caro. Parece que lhe fazia guerra. Infelizmente não o calquei em cheio. Julga-se que escapará, e que lhe continuará a fazer guerra.

—E eu que desviei o meu cavallo, que ia mesmo passar-lhe por cima. Será para outra occasião!

—Dever-me-ia pagar o conselheiro, o pedante!

—Mas se elle não estava esmagado de todo...

—Ora! se fosse Richelieu, diria: Quinhentos escudos pelo coeselheiro! Emfim, não fallemos mais n'isso. Quanto lhe custaram os seus cavallos, Porthos?

—Ah! meu amigo, se o pobre Mousqueton aqui estivesse, elle lhe diria isso sem discrepar um seitil.

—Não importa! dizei sempre, dez escudos de mais ou de menos não faz ao caso.

—Vulcano e Bayard cuataram-me cada um duzentas pistolas, e avaliando Phebo em cento e cincoenta, julgo que nos aproximaremos da conta.

(1) 1:600$000 réis.

—Então restam quatrocentas e cincoenta pistolas, disse d'Artagnan mui satisfeito.

—Sim, disse Porthos, mas ha tambem os arreios.

—E' verdade, é verdade! E quanto os arreios?...

—Avalliando isso em cem pistollas todos tres...

—Vá, cem pistollas, disse d'Artagnan. Restam então trezentas e cinconta pistollas.

Porthos abaixou a cabeça em signal de concordancia.

—Demos as cincocnta á estalajadeira pelo nosso gasto, disse d'Artagnan, e devidamos as outras trezentas.

—Dividamos, disse Porthos.

—Que ridicularia! murmurou d'Artagnan apertando os seus bilhetes.

—Ai! disse Porthos, é sempre isso. Mas dizer?...

—O quê?

—Não lhe disse elle nada a meu respeito.

—Oh! se disse, exclamou d'Artagnan receiando desanimar o seu amigo, dizendo-lhe que o cardeal nem uma palavra dissera a seu respeito, se disse! disse...

—Disse?!...

—Espere, quero vêr se me recordo das suas palavras; disse: Quanto ao seu amigo, annuncie-lhe que póde dormir descançado.

—Bom! disse Porthos isso mostra, mais claro que agua, que elle sempre conta fazer-me barão.

N'este momento bateram nove horas na egreja visinha. D'Artagnan estremeceu.

—Ah! é verdade, disse Porthos, nove horas que soam, e ás dez como sabes, temos entrevista na praça real.

—Ah! cale-se, Porthos! exclamou d'Artagnan com um movimento de impaciencia, não me recordei isso, que é o que me tem feito andar zangado desde hontem. Eu não irei.

—E porque? perguntou Porthos.

—Porque é bem doloroso tornar a ver dois homens que fizeram falhar a nossa empreza.

—Entretanto tornou Porthos, nem um nem outro levou a melhor. Eu estava ainda com uma pistola carregada, e vós ainda em frente um do outro, com a espada na mão.

—E' verdade isso, disse d'Artagnan ; mas se esta entrevista serve de capa a alguma coisa...

—Oh ! disse Porthos, não acredite d'Artagnan.

Era verdade. D'Artagnan não julgava Athos capaz de empregar alguma traição, mas imaginava um pretexto para não comparecer no logar marcado.

—E' mister ir, continuou o soberbo senhor de Bracieux; acreditariam que temos medo. Oh ! meu caro ! nós affrontaremos cincoenta inimigos no meio de uma estrada, affrontaremos tambem dois amigos na praça real.

—Sim, sim, disse d'Artagnan ; bem o sei, mas elles tomaram o partido dos principes sem nos prevenir ; mas Athos e Aramis jogaram comigo um jogo que me põe de alcatea. Nós dissemos-lhe hontem a verdade ; de que serve hoje ir ouvir outra coisa ?

—Desconfia então realmente ?

—D'Aramis, sim, depois que se fez abbade. Não pode fazer uma idéa, meu caro, como elle está mudado ? Vê-nos no caminho que deve conduzil-o ao seu bispado, e não se desgostaria talvez em nos subjugar.

—Ah ! da parte d'Aramis, é o outro caso, disse Porthos, e isso não me admiraria.

—E mesmo talvez que o senhor de Beaufort tente agarrar-nos.

—Nada, isso não ! porque em seu poder nos tinha elle, e nos deixou vir ! Demais, estejamos precavidos, armemo-nos e levemos comnosco Planchet com a sua carabina.

—Planchet é frondista, disse d'Artagnan.

—Diabos levem as guerras civis ! disse Porthos ; não se póde ninguem fiar nem nos seus amigos, nem nos seus lacaios. Ah ! se o pobre Mousqueton aqui estivesse ! Era um que não me deixaria.

—Sim, em quanto fores rico. Ora, meu caro, não são as guerras civis que nos desunem ; é que nós já não temos cada um vinte annos, é que os sinceros laços da mocidade desappareceram para dar logar ao murmurio dos interesses, ao sopro das ambições, aos conselhos do egoismo. Sim, tem razão, vamos, Porthos, mas vamos bem armados. Se lá não fossemos, diziam que tivemos medo. Oh la ! Planchet !

Planchet! appareceu.

—Selle os nossos cavallos, pegue na sua carabina.

—Mas, senhor, contra quem vamos então?

—Nós não vamos contra ninguem, disse d'Artagnan; é uma simples medida de precaução no caso em que sejamos attacados.

—Nao sabeis, senhor, que pretenderam matar o conselheiro Broussel, o pae do povo?

—Ah! deveras? disse d'Artagnan.

—Sim, mas elle foi bem vingado, porque foi transportado a casa nos braços do povo. Desde hontem ainda a sua casa não deixou de estar cheia. Recebeu a visita do coadjutor, do senhor de Longueville e do principe de Conti. A senhora de Chevreuse e de Vendôme fizeram-se inscrever em sua casa, e qnando elle agora quizer...

—Então, quando elle quizer...

Planchet poz-se a cantar,

Forte vento matutino
Lá da Fronde se levantou,
Contra esse Mazarino
Eu julgo que elle soprou.
Forte vento matutino
Lá da Fronde se levantou.

—Já me não admira, disse d'Artagnan baixo a Porthos, que Mazarino tivesse preferido a morte do conselheiro.

—Comprehende então, senhor, tornou Planchet, que se fosse para uma empresa semilhante áquella que tramaram contra Brousset, que me pedisse para pegar na carabina...

—Não fique, descançado; mas de quem seubestes todos esses detalhes?

—De boa fonte, senhor. Soube-os de Friquet.

—De Friquet? disse d'Artagnan. Eu conheço esse nome.

—E' o filho da creada do senhor Brousset; rapaz vivo, e por quem respondo.

—Não é o menino do côro em Nossa Senhora? perguntou d'Artagnan.

—Sim, é esse; Bazin protege-o.

—Ah ! ah ! bem sei, disse d'Artagnan.

—E' creado da taberna da rua da Calhandra ?

—Justamente.

—Que nos fez esse maroto ? disse Porthos.

—Já me deu n'uma occasião bem bons indicios, e presentemente podia-me tambem fazer o mesmo.

—Ao senhor, que estove a ponto de lhe esmigalhar o amo ?

—Quem lh'o disse ?

—E' verdade.

N'este momento Athos e Aramis entraram em Paris pelo bairro de Santo Antonio. Elles tinham-se refrescado no caminho, e apressavam-se para não faltarem á hora marcada. Só Bazin os seguia. Grimaud, como ainda nos devemos recordar, havia ficado junto a Mousqueton, e devia ir ter com o joven visconde de Bragelonne, que partia para o exercito de Flandres.

—Agora, disse Athos, é preciso entrarmos n'alguma hospedaria para vestirmos o trajo da cidade, largarmos as nossas pistolas e espadas, e desarmarmos em seguida o nosso creado.

—Oh ! em todo não, caro conde, e n'isso permittir-me-ha não só não ser do seu parecer, mas de mais a mais de tentar porsuadil-o o meu.

—E porque ?

—Porque é a uma entrevista de guerra que nós vamos.

—Que quer dizer, Aramis ?

—Que a Praça Real é a continuação da estrada de Vendemois, e não outra coisa.

—Como assim ! os nossos amigos...

—Tornaram-se os nossos mais perigosos inimigos, Athos ; desconfiemos, e sobretudo, desconfie.

—Oh ! meu caro d'Herblay !

—Quem lhe disse que d'Artagnan não quererá vingar-se em nós o seu mau exito, e que não terá prevenido o cardeal? Quem lhe disse que o cardeal não se aproveitará d'essa entrevista para nos mandar, prender ?

—Que ? ! Aramis, acredite que d'Artagnan, que Porthos praticariam uma tal infamia?

—Entre amigos meu caro Athos, tem razão, seria uma infamia; mas entre inimigos é uma strategia.

Athos crusou os braços e deixou pender sobre o peito a sua bella cabeça.

—Que quer Athos? disse Aramis, é esta a natureza humana; os homens nem sempre teem vinte annos. Bem sabes que cruelmente ferimos o amor proprio, que cegamente dirige as acções de d'Artagnan. Foi vencido. Não viste como olle se desesperou no meio da estrada? Quanto a Porthos, a sua baronia dependia talvez do cumprimento d'aquella empreza. Pois bem! encontrou-nos no caminho, e d'esta feita ainda não será barão, Quem lhe disse que essa famosa baronia dependa d'essa entrevista? Tomemos as nossas precauções, Athos.

—Mas se elles lá vão sem armas? Que vergonha para nós, Aramis!

—Oh! fique descançado; eu lhe prometto que não succederá assim. Além de que tem uma boa desculpa; vimos de jornada e somos rebeldes.

—Uma escusa para nós! é-nos preciso prever o caso em que teriamos necessidade de uma desculpa para d'Artagnan ou para Porthos! Oh! Aramis, Aramis, continuou Athos meneando tristemente a cabeça, pela minha alma, que me faz o mais desgraçado dos homens! Desencantou um coração que não estava inteiramente morto para a amisade. Olhe, Aramis, juro-lhe que estimaria quasi tanto que me arrancassem do peito o coração. Vá o senhor como quizer Aramis, que eu irei desarmado.

—Não, porque eu não o deixarei. Não é um homem, não é Athos, não é mesmo o conde de Lá Fère, que trais por essa fraqueza; é um partido inteiro a quem pretenceis, e que conta comvosco.

—Seja como quizeres, respondeu tristemente Athos.

E continuaram o seu caminho.

Apenas chegavam, pela rua du Pas-de-la-Mule, as grades da praça, então deserta, que elles devisaram debaixo da arcada, ao desembocar da rua de Santa Catharina, tres cavalleiros.

Eram d'Artagnan e Porthos que vinham embuçados nas

suas capas e com as espadas levantadas. Atraz d'elles vinha Planchet com o mosquete pendente pela coxa.

Athos e Aramis, ao aperceberem d'Artagnan e Porthos apearam-se. Estes fizeram o mesmo.

D'Artagnan notou que os tres cavallos em logar de ficarem seguros pela mão de Bazin eram prezos aos anneis da arcadas. Ordenou a Planchet de fazer como via fazer a Bazin.

Então caminharam uns para os outros seguidos dos seus creados, e cumprimentaram-se politicamente.

—Onde quer que conversemos, senhores? disse Athos, que via que muitas pessoas paravam e os fixavam como se se tratasse de um d'esses duelos ainda frescos na memoria dos parisienses, e principalmente nos que habitavam a Praça Real.

—A grade está fechada, disse Aramis; mas se os senhores gostam do fresco das arvores, e uma solidão inviolavel, eu tomarei a chave da casa de Rohan e estaremos ás mil maravilhas.

D'Artagnan fez por penetrar o seu olhar no meio da obscuridade da praça, e Porthos metteu a cabeça por entre os varões para sondar as trevas.

—Se proferis outro logar disse Athos com a sua voz nobre e presuasiva, escolhei-o.

—Este logar, se o senhor de Herblay poder obter a chave, parece-me que será o melhor possivel.

Aramis affastou-se no mesmo instante, prevenindo Athos que não ficasse assim ao alcance de d'Artagnan e Porthos, mas aquelle a quem este dava este conselho não fez senão rir desdenhosamente e deu um passo para os seus dois antigos amigos que ficaram no mesmo logar.

Aramis tinha effectivamente ido bater ao palacio de Rohan; appareceu bem depressa um homem que dizia:

—Jura-m'o senhor?

—Tome, disse Aramis dando-lhe um luiz.

—Ah! não quer jurar, meu fidalgo! disse o guarda abanando a cabeça.

—Ora! pode-se jurar de alguma coisa? disse Aramis. Affirmo-lhe sómente que por ora estes senhores são nossos amigos.

—Sim, de certo, disseram friamente Athos, d'Artagnan e Porthos.

D'Artagnan ouvira o colloquio e tudo comprahendera.

—Veja disse elle a Porthos.

—O que é que eu vejo?

—Que elle não quiz jurar.

—Jurar o que?

—Aquelle homem queria que d'Artagnan lhe jurasse que não iamos á Praça Real para nos batermos.

—E Aramis não quiz jurar?!

—Não.

—Sentido então.

Athos não perdia de vista os dois falladores. Aramis abriu a porta e affastou-se para que d'Artagnan e Porthos podessem entrar. Ao passar pela grade o punho da espada de d'Artagnan embaraçou-se na grade e viu-se obrigado a desembuçar-se. Quando desdobrava a capa viram-se-lhe as coronha lusidias das suas pistollas, sobre as quaes se reflectiu um raio da lua.

—Veja? disse Aramis tocando com uma mão no hombro de Athos e com a outra mostrando-lhe o arsenal que d'Argnan trazia á cinta.

—Ah! sim, disse Athos com um profundo suspiro.

E entrou depois de Porthos e d'Artagnan. Aramis foi o ultimo e fechou a grade por detraz d'elle. Os dois creados ficaram de fóra; mas como desconfiassem um do outro, conservaram-se em distancia.

XX

A Praça Real

Até ao meio da praça caminharam silenciosamente; mas como n'este momento a lua acabara de se desembaraçar de uma nuvem, reflectiram que n'esta praça descoberta seriam

facilmente vistos, e dirigiram-se para debaixo das tilliàs, onde a sombra era mais espessa.

Viam-se bancos aqui e alli; os quatro passeadores pararam em frente de um d'elles. Athos fez um signal, d'Artagnan e Porthos sentaram-se. Athos e Aramis ficaram de pé diante d'elles.

Apoz um momento em que cada um sentia o embaraço que tinha em começar a explicação, Athos disse:

—Senhores, uma prova da força da nossa antiga amisade, é a nossa presença n'esta entrevista; nenhum faltou, nenhum tinha sensuras que fizesse a si proprio.

—Escute, senhor conde, disse d'Artagnan, em vez de nos fazer cumprimentos que talvez não mereçamos nem uns nem outros, expliquemo-nos como cavalheiros.

—E' o que peço, respondeu Athos. Eu sou franco; falle com toda a franqueza: tem alguma coisa a censurar-me a mim, ou ao senhor abbade d'Herblay?

—Sim, disse d'Artagnan, quando tive a honra de o vêr no palacio de Bargelonne, ia fazer-lhe propostas que bem comprehende; em vez de me responder como a um amigo, tratou-me como uma creança, e essa amizade que me elogia não foi hontem quebrada pelo choque das nossas espadas, mas sim pela dissimulação do seu castello.

—D'Artagnan! disse Athos com um tom de doce exprobração.

—Pedistes-me que fallasse com franqueza, disse d'Artagnan, eu o fiz: pedistes-me que dissesse o que penso, disse-o, e agora tenho as mesmas razões de queixa a seu respeito, senhor abbade d'Herblay. Tratei comvosco do mesmo modo e abusastes de mim,

—Na verdade, senhor, está singular, disse Aramis, veiu vêr-me para me fazer propostas, fez-m'as?

—Não; apenas me entreteu. Bem, e que lhe disse? que Mazarino era um pedante, e que eu não o serviria. Unicamente isto. Disse-lhe porventura que não servira outro qualquer? ao contrario, parece-me que lhe dei a entender, que era amigo dos principes. Até, se não me engano, gracejamos sobre o caso muito provavel em que receberia do cardeal ordem de me prender. Era partidario? Sim, de certo. Então,

porque não seriamos nós tambem? Tinha um segredo como nós tinhamos o nosso; não os revelamos: tanto melhor; isto prova que sabemos guardar os nossos segredos.

—Eu não a censuro em nada, senhor, disse d'Artagnan, foi somente porque o senhor conde de La Fére fallou d'amisade, é que eu examino os seus procedimentos.

—E que acha n'elles? perguntou Aramis com muita altivez.

O sangue subio immediatamente ao rosto de d'Artagnan, que se levantou, e respondeu:

—Acho que são os de um discipulo de jezuitas.

Porthos, quando viu que d'Artagnan se levantava, levantou-se tambem. Estes quatro homens se achavam então de pé e ameaçadores em frente uns dos outros.

Ao ouvir a resposta de d'Artagnan, Aramis fez um movimento como para levar a mão á espada.

Athos deteve-o.

—D'Artagnan, disse elle, vem esta noute ainda furioso pela nossa aventura de hontem. d'Artagnan, julgava-o homem de coração bastante forte, para que uma amisade de vinte annos resistisse a uma quebra de amor proprio de um quarto de hora. Vamos, dizei-me. Julgas ter alguma coisa a censurar-me? Se estiver culpado, d'Artagnan, confessarei a minha falta.

A voz grave e harmoniosa d'Athos exercia sempre em d'Artagnan a sua antiga influencia, em quanto que a de Aramis, desabrida nos seus momentos de mau humor, o irritava. Por isso respondeu Athos:

—Julgo, senhor conde, que davia fazer-me uma confidencia no castello de Bragelonne, e que este senhor, continuou elle designando Aramis, tambem tinha uma a fazer-me no seu convento; eu então não me teria mettido n'uma aventura em que devia embaraçar-me a passagem; comtudo por eu ter sido discreto, não se me deve tomar por tolo. Se eu quizesse profundar a differença que vae das pessoas que o senhor abbade d'Herblay recebe por uma escada de corda, ás que elle recebe por uma de pau, eu o teria obrigado a fallar-me.

—A que respeito falla? exclamou Aramis pallido de cole-

ra pela incerteza que d'elle se apossou de que d'Aartagnan o tivesse visto com a duqueza de Longueville.

—Fallo do que me diz respeito, e sei fingir não ter visto o que não me diz respeito; mas aborreço os hypocritas, e, n'esta cathegoria, ponho os mosqueteiros que se fazem abbades e os abbades que se fazem mosqueteiros, e ajuntou elle voltando-se para Porthos, aqui este senhor que é do meu parecer.

Porthos, que até então não fallara, não respondeu senão por uma palavra e um gesto.

Disse sim e desembainhou a espada.

Aramis deu um salto para traz e puchou pela sua. D'Artagnan pôz-se prompto para atacar ou para se defender.

Então Athos estendeu a mão com o gesto de supremo imperio que só a elle pertencia, puchou lentamente pela sua espada e bainha ao mesmo tempo, quebrou o ferro no seu joelho em dois boccados, e atirou-os para a sua direita.

—Aramis, disse elle voltando-se para elle, quebre a sua espada.

Aramis hesitou.

—E' preciso disse Athos, depois, com uma voz mais baixa e mais doce: eu o quero.

Então Aramis, mais pallido ainda, mas subjugado por esse gesto, vencido por essa voz, quebrou em suas mãos a folha flexivel, depois cruzou os braços e esperou estremecendo de raiva.

Esse movimento fez recuar d'Artagnan e Porthos; d'Artagnan não puchou pela espada, Porthos metteu a sua na bainha.

—Jámais, disse Athos levantando vagarosamente a mão direita para o ceu, jámais, juro-o ante Deus que nos vê e nos escuta durante a solemnidade d'esta noite, jámais a minha espada se crusará com as suas, jámais os meus olhos terão para o senhor, um olhar de colera; jámais o meu coração uma palpitação de raiva. Vivemos juntos, aborrecemos e amamos juntos, derramamos e confundimos o nosso sangue, e, ajuntarei ainda, talvez haja entre nós um laço mais forte que o da amisade, talvez haja o pacto do crime; porque todos quatro julgamos, condemnamos, e executamos um ser

humano que não tinhamos talvez o direito de roubar ao mundo, posto que parecesse pertencer mais ao inferno que a elle. D'Artagnan, amei-o sempre como se fosse meu filho. Porthos, dormimos juntos dez annos; Aramis é seu irmão como é meu; porque Aramis tem-o amado como eu o amo ainda, como o amarei sempre, até ao fim da vida. O que é que Mazarino póde ser para nós, que tivemos a força de reprimir a mão e o coração de um homem como Richelieu? O que é este ou aquelle principe para nós, que segurámos a coróa na cabeça de uma rainha? D'Artagnan, peço-lhe perdão de ter hontem cruzado o ferro comvosco; Aramis faz o mesmo a Porthos. E agora, se pode, aborrecei-me; mas eu juro-lhe que apesar da sua raiva, que não lhe terei senão estima e amisade. Agora, repeti as minhas palavras, Aramis; e depois, se elles o quizerem, se o quizer, deixemos para sempre os nossos antigos amigos.

Houve um instante de solemne silencio que foi interrompido por Aramis.

—Juro disse elle com o semblante tranquillo, e olhar leal, mas com uma voz em que ainda vibrava uns restos da sua emoção, juro que não tenho odio aos que foram meus amigos; tenho pesar de ter crusado a minha com a sua espada, Porthos; juro em fim que não sómente a minha espada não se dirigirá mais contra o seu peito, mas ainda que no fundo dos meus pensamentos mais secretos, não ficará para o futuro a apparencia de sentimentos hostis contra o senhor. Vanha, Athos.

—Oh! não não! não vá! exclamou d'Artagnan, arrastado por um d'esses enlevos irresistiveis que traiam o calor do seu sangue e a justeza natural da sua alma, não vá, porque tambem tenho um juramento a fazer. Juro que até á ultima gotta do meu sangue, até á ultima fibra da minha carne darei para conservar a estima de um homem como o senhor, Athos, a amisade de um hemem como Aramis.

E precipitou-se nos braços de Athos.

—Meu filho, disse Athos apertando-o contra o seu coração.

—E eu disse Porthos, nada juro, mas abafo, c'os diabos! Se fosse necessario bater-me contra o senhor, julgo que me

deixaria atravessar de lado a lado, por que nunca amei ninguem com tanto ardor.

E o honrado Porthos começou a chorar e lançou-se nos braços de Aramis.

—Meus amigos, disse Athos, isso é o que eu esperava dos senhores, eis o que eu esperava de dois corações como os seus; sim, disse-o e repito-o, os nossos destinos estão ligados irrevogavelmente, ainda que sigamos um caminho differente. Respeito a sua opinião, d'Artagnan; respeito a sua convicção, Porthos; mas ainda que combatamos por causas oppostas, conservemo-nos amigos; os ministros, os principes, os reis passarão como uma torrente, a guerra civil como uma chamma; mas nós ficaremos sempre amigos! tenho este presentimento.

—Sim, disse d'Artagnan, sejamos sempre mosqueteiros e guardemos por unica banda aquelle famoso guardanapo do forte de São Gervasio, em que o grande cardeal fez bordar tres flores de liz.

—Sim, disse Aramis, cardinalistas ou frondistas, que nos importa! Achamos os nossos bons padrinhos para os duellos, os nossos alegres companheiros para o prazer.

—E toda a vez, disse Athos, qne nos encontrarmos no combate; a esta unica palavra: Praça Real! passemos a nossa espada para a mão esquerda e estendamos a direita, ainda que no meio da carnagem!

—Fallas admiravelmente, dssse Porthos.

—És o maior dos homens, disse d'Artagnan, e em relação a nós, excedei-nos dez covados.

Nos labios de Athos deslisou-se um sorrisso de inefavel alegria.

—Então está ajustado, senhores, disse elle; são christãos?

—Por certo que sim, disse d'Artagnan.

—Sel-o-hemos agora para ficarmos fieis ao nosso juramento, disse Aramis.

—Ah! eu estou prompto a jurar o que quizerem, disse Porthos, mesmo por Mahomet! Os diabos me levem se em toda a minha vida tenho gosado um momento de felicidade como este.

E o bom de Porthos limpava ainda os olhos.

—Algum dos senhores tem uma cruz? perguntou Athos.

Porthos e d'Artagnan olharam um para o outro meneando a cabeça.

Aramis sorriu-se e tirou do peito uma cruz de diamantes, pendente do pescoço por um fio de perolas.

—Aqui está uma, disse elle.

—Então, tornou Athos, juremos sobre essa cruz, que, não obstante a sua maneira, é sempre uma cruz, juremos ficar sempre unidos, apesar de tudo, e possa esse juramento obrigar tanto a nós como aos nossos descendentes. Convém-lhes este juramento?

—Sim, disseram todos a uma voz.

—Ah! traidor, disse d'Artagnan, inclinando-se ao ouvido de Aramis, fizestes-nos jurar sobre a cruz de uma frondista.

XXI

A barca d'Oise

Julgamos que o leitor não terá ainda de todo esquecido o joven viandante, que deixamos no caminho de Flandres.

Raul, apenas perdeu de vista o seu protector, picou o cavallo para escapar aos seus dolorosos pensamentos, e para encobrir a Olivain a emoção que lhe alterava as feições.

Todavia uma hora de rapida marcha fez bem depressa dissipar estes sombrios vapores que entristeceram a imaginação tão rica do nosso joven. Este prazer desconhecido de estar livre, prazer que tem doçura, mesmo para os que nada teem soffrido com a dependencia, mostrou dourados a Raul todos os objectos, que elle via e calcava.

Depois porém de por varias vezes ter tentado travar conversação com Olivain, conheceu que muitos dias passados assim seriam realmente tristonhos; porém o que lhe fez lembrar mais a harmoniosa voz do conde foi quando atravessou

cidades, das quaes ninguem lhe poderia dar melhores noticias que Athos, o mais sabio e o mais alegre dos guias.

Ainda uma outra lembrança entristecia Raul: estavam para chegar a Louvres; vira sumir-se por de traz de uma alea de chopos um castellosinho, que lhe fizera lembrar o de La Vallière, tanto que se poz a contemplal-o mais de dez minutos, sem responder a Olivain, que lhe perguntava respeitosamente o que era que tanto attrahia a sua attenção.

O aspecto dos objectos exteriores é um extranho conductor, que corresponde ás fibras da memoria e vae excital-as algumas vezes, bem a nosso pesar; uma vez levantado esse fio, como o de Ariana, leva-nos para um labyrintho de pensamentos, em que nos perdemos, seguindo essa sombra do passado, chamada recordação. Ora, a vista d'este castello tinha transportado Raul para cincoenta leguas do lado do occidente, e trouxe-lhe á memoria a sua vida, desde o momento em se despedira da pequena Luiza, até áquelle em que pela primeira vez a vira, e cada ramo de carvalhos, cada grimpa posta no cume dos telhados diziam-lhe que em logar de voltar para os seus amigos de infancia, se affastava mais e mais d'elles, e que talvez mesmo os deixava para sempre.

Preoccupado por estas tristes recordações, ordenou a Olivain que conduzisse os cavallos para uma estalagem, que se via a meio tiro de mosquete, em frente de um logar em que parou. Sentado debaixo de um bello grupo de castanheiros ainda com flor, disse a Olivain, que lhe mandasse pelo estalajadeiro, o necessario para escrever uma carta, sobre uma mesa, que parecia estar alli exactamente para se escrever.

Olivain obedeceu e continuou o seu caminho, emquanto que Raul se assentava com o cotovello apoiado na mesa, espraiando a vista por toda essa formosa paisagem, matisada de verdura, sacudindo de vez em quando dos cabellos as flores que caiam sobre elle, como a geada.

Raul estava n'este estado havia dez minutos, em cujos cinco ultimos se absorvera em seus pensamentos, quando no circulo abrangido pelos seus olhares distraidos viu mover-se uma figura robicunda que, com um guardanapo atado á cin-

ta, um outro no braço e de barrete branco na cabeça, se aproximava d'elle, trazendo immediatamente papel, tinta e penna.

—Ah! ah! disse o recem-chegado, bem se vê que todos os fidalgos tem as mesmas idéas, porque não ha ainda um quarto de hora que um joven senhor, bem montado como o senhor, alto, e da sua edade pouco mais ou menos, parou em frente d'este bosquesinho, mandou trazer esta mesa e esta cadeira, e n'ella comeu, com um velho cavalleiro, um pastel de que nem migalha deixaram, e uma garrafa do vello de Mâcors de que não deixaram nem uma gotta; mas felizmente temos ainda do mesmo vinho e pasteis semilhantes, e se quer dar as suas ordens...

—Não, meu amigo, disse Raul sorrindo, agradeço-lhe, por agora não necessito senão do que lhe pedi; mas muito me alegrareis se a tinta for bem preta e a penna boa; com estas condições pagarei a penna pelo preço da garrafa, e a tinta pelo preço do pastel.

—Então, senhor, disse o estalajadeiro, vou dar o pastel e a garrafa ao seu lacaio, e d'esta maneira tereis penna e tinta ainda além d'elles.

—Faça o que quizer, redarguiu Raul que principiava o seu tyrocinio com esta classe particular da sociedade que, quando havia ladrões nas estradas, se associava a elles, e que agora que os não ha, os substitue dignamente.

O estalajadeiro, tranquillisado quanto á sua receita, poz em cima da meza o papel, tinta e penna. Casualmente esta era soffrivel, e Raul poz se a escrever.

O estalajadeiro deixou-se ficar deante d'elle examinando com uma especie de admiração involuntaria esse rosto encantador tão sério e tão doce ao mesmo tempo. A belleza foi *e será sempre uma rainha*...

—Não é convivа como o de depois, disse o estalajadeiro a Olivain, que viera saber de Raul se precisava de alguma coisa o seu joven amo não tem vontade de comer.

—Ha tres dias que ainda a tinha, mas que quer! perdeu-a desde ante-hontem.

—E Olivain e o estatajadeiro encamiuharam-se para a hospedaria, Olivain, seguindo os lacaios felizes da sua condi-

ção, contando ao taberneiro tudo o que sabia a respeito do joven fidalgo.

Entretanto Raul escrevia:

Senhor:

«Depois de quatro horas de marcha. paro para lhe escrever, porque sinto a sua falta a todo o momento; estou sempre a voltar a cabeça, como se estivesse a responder-lhe. Ftquei tão aturdido com a minha partida, tão affectado do pezar da nossa separação, que bem fracamente lhe exprimi todo o amor e reconhecimento de que lhe sou devedor. Perdoar-me-heis, senhor, porque o seu coração é tão generoso, que sem duvida comprehendestes o que se passava no meu. Escrevei-me, senhor, eu vol-o peço, porque os seus conselhos são uma parte da minha existencia; e demais, permitti que vol-o diga, estou inquieto, julguei que o senhor mesmo o preperava para alguma expedição perigosa, de que eu não ousei fallar-lhe, por que nada me dissestes. Tenho portanto, bem o vê, grande necessidade de noticias suas. Desde que já o não tenho ao meu lado estou sempre com medo de errar. O senhor me ajudava muito, e hoje, eu vol-o juro, vejo-me de todo desamparado.

«Terá a bondade, senhor, se receber noticias de Blois, de me dizer algumas palavras a respeito da minha amiguinha, a menina de La Valliére, cuja saude, como bem sabe quando eu parti, causava algumas inquietações? Comprehende, meu caro protector, quanto as lembranças do tempo que passei junto do senhor me são preciosas e indispensaveis. Espero que algumas vezes pensará em mim e se lhe fizer falta em algumas occasiões, se sentir algum pezar pela minha ausencia, encher-me-ha de alegria ao pensar que conheceu o meu amor e a minha dedicação, e que sube fazer-vol-as comprehender em quánto tive a felicidade de viver comvosco.»

Acabada a carta, Raul sentiu-se mais socegado; olhou em torno de si para vêr se o estalajadeiro ou Olivain o espreitariam, e deu um beijo no papel muda e tocante caricia que o coração d'Athos seria capaz de adivinhar ao abrir a carta.

Entretanto Olivain bebera a sua garrafa e comera o seu pastel; os cavallos tambem tinham descançado. Raul fez signal ao estalajadeiro que se aproximou, lançou-lhe um escudo sobre a meza, montou a cavallo e em Senlis deitou a carta no correio.

O repouso que tinham tomado os cavalleiros e os cavallos permettia-lhes continuar o seu caminho sem parar. Em Verberie, Raul ordenou a Olivain que se informasse do fidalgo que os precedia; tinham-n'o visto passar havia tres quartos de hora, mas tinha boa cavalgadura, como dissera o taverneiro, e ia depressa.

—Façamos por alcançar esse cavalleiro, disse Raul para Olivain, vae como nós para o exercito, e será para nós uma companhia agradavel.

Eram quatro horas da tarde quando Raul chegou a Compiegne; jantou bem e informou-se de novo do joven cavalleiro que o precedia; tinha parado como Raul na hospedaria do Sino e da Garrafa, que era a melhor de Compiegne e continuara o seu caminho dizendo que ia dormir a Noyon.

—Vamos dormir a Noyon, disse Raul.

—Senhor, respondeu respeitosamente Olivain, permetti-me que lhe observe que já cançamos de manhã muito os cavallos. Julgo que seria bom dormir aqui e partir ámanhã cedo. Desoito leguas são bastantes para um primeiro dia de jornada.

—O senhor conde de La Fère deseja que me apresse, replicou Raul, e que esteja com o senhor principe na manhã do quarto dia: vamos até Noyon, será uma jornada como a que fizemos de Blois até Paris. Chegaremos ás oito horas Os cavallos terão toda a noite para descançar, e ámanhã, ás cinco da manhã, tornaremos a por-nos a caminho.

Olivain não ousou oppor-se a esta determinação; mas seguiu-o murmurando:

—Vá, vá, dizia elle por entre dentes, mostre-se valente no primeiro dia; ámanhã em vez de uma jornada de vinte leguas, fará uma de dez, depois de amanhã uma de cinco, e em tres dias estará na cama. E então não terá remedio senão descançar. Todos estes fidalgos não passam de uns fanfarrões.

Por aqui se vê que Olivain não fôra educado na escola dos Planchet e dos Grimauds.

Raul sentia-se com effeito cançado; mas desejava experimentar as suas forças, e educado com os principios de Athos, tendo-lhe muitas vezes ouvido fallar de jornadas de vinte leguas, não queria ficar dissemelhante ao seu modelo. D'Artagnan, esse homem de ferro que parecia só ter nervos e musculos, tinha-lhe causado admiração.

Ia portanto apressando o passo do seu cavallo, apesar das observações de Olivain, e seguia um lindo caminho que o conduziria a uma barca de passagem, e que abreviava, segundo lhe tinham dito, mais de uma legua de caminho, quando ao chegar ao cume de uma collina, viu em sua frente o rio. Uma pequena tropa de cavalleiros estava na praia prompta para se embarcar. Raul não duvidou que fosse o fidalgo e a sua escolta; deu um grito para os chamar, mas estava ainda muito longe para ser ouvido; então apesar do seu cavallo estar muito cançado Raul metteu-o a galope; porém uma elevação de terreno lhe tirou bem depressa a vista dos viajantes, e quando chegou a uma nova altura, o barco tinha deixado a margem e navegava para a outra banda.

Raul, vendo que não chegava a tempo de passar com elles, parou para esperar Olivain.

N'este momento ouviu-se um grito que parecia vir do rio. Raul voltou-se para o lado donde elle partira, pondo a mão por cima dos olhos por causa dos raios do sol quasi a esconder-se.

—Olivain! gritou elle, que vês tu?

Um segundo grito mais agudo do que o primeiro veio de novo ferir os ouvidos dos dois viandantes.

—Ah! senhor, disse Olivain, a corda do barco quebrou e o barco revira. Mas que vejo na agua? parece-me que se debete.

—Sem duvida, exclamou Raul, fixando os seu olhos n'um ponto do rio que os raios do sol illuminavam explendidamente, é um cavallo e um cavalleiro.

—Affogam-se! exclamou Olivain.

Era verdade; e Raul acabava de saber que acontecera uma desgraça e que um homem estava proximo a affogar-se.

Largou as redeas ao seu cavallo, enterrou-lhe as esporas no ventre, e o animal, obrigado pela dor, e conhecendo que lhe deixavam campo, saltou por uma especie de peitoril que rodeava o caes, e caiu no rio fazendo saltar para longe ondas de escuma.

—Ah! senhor, exclamou Olivain, que faz? Valha-me Deus!

Raul dirigia o seu cavallo para o desgraçado. Isto era para elle um exercicio familiar. Educado nas praias do Loire, tinha por assim dizer, sido embalado nas suas ondas; centenares de vezes o tinha atravessado a cavallo, milhares a nado. Athos, prevendo o tempo em que faria do visconde um soldado; tinha-o acostumado a estas empresas.

—Oh! meu Deus! continuava Olivain desesperado, que diria o senhor conde se o visse?

—O senhor conde faria como eu, respondeu Raul, picando o seu cavallo vigorosamente.

—Mas eu! eu! exclamava Olivain pallido e desesperado agitando-se na praia, como passarei.

—Salta, poltrão! gritou Raul nadando sempre. Coragem, senhor, disse elle dirigindo-se ao viajante que se debatia a vinte passos d'elle, coragem, vão soccorrel-o.

Olivain avançou, recuou, fez empinar o cavallo, voltear, e emfim, envergonhado, saltou, como fizera Raul, mas dizendo:

—Estou morto, estamos perdidos!

Entretanto a barca descia rapidamente, levada pela corrente da agua, e ouviam-se os gritos dos que ella levava.

Um homem de cabellos já ruços havia-se lançado da barca para o rio e nadava vigorosamente na direcção da pessoa que se estava afogando; mas avançava de vagar, porque lhe era necessario nadar contra a corrente.

Raul continuava o seu caminho; mas o cavallo e o cavalleiro, que elle não perdia de vista, cada vez mais desapparreciam; o cavallo já não tinha senão o focinho de fóra d'agua, e o cavalleiro que deixára as redeas quando se debatia, extendia os braços e deixava cair a cabeça para traz. Mais um minuto e tudo se submergiria.

—Coragem, gritou Raul, coragem!

—Já é tarde, murmurou o joven, muito tarde!

A agua passou por cima da sua cabeça, e extinguiu-lhe a voz na bôca.

Raul saltou do cavallo, ao qual deixou o cuidado da sua propria conservação, e em tres ou quatro braçadas chegou junto do fidalgo. Agarrou immediatamente o cavallo pela barbella, e tirou-lhe a cabeça para fóra d'agua; o animal respirou então mais livremente, e como se comprehendesse que vinham soccorrel-o, redobrou de esforços; Raul pegou ao mesmo tempo n'uma das mãos do joven e levou-a á crina, á qual elle se agarrou com a tenacidade do homem que se afoga. Certo então que o cavalleiro não largaria a sua presa, Raul não se occupou senão do cavallo, que elle dirigiu para a margem opposta ajudando-o a fender a agua, e animando-o com palavras.

De repente o animal firmou-se n'um baixio, e poz pé na areia:

—Salvo! exclamou o homem de cabellos ruços quando tambem poz pé na areia.

—Salvo! murmurou machinalmente o joven largando a crina, e deixando-se cair nos braços de Raul.

Raul estava só a dez passos da praia; levou para ella o fidalgo desmaiado, deitou-o na erva, desatou-lhe as fitas do collarinho, e desabotoou-lhe os botões do gibão.

—Um minuto depois, o homem de cabellos grisalhos estava junto d'elle.

Olivain tinha por fim chegado a terra, depois de se ter benzido muita vez, e os do barco dirigiam-se a melhor que podiam para a praia, por meio de uma vara que por acaso n'elle se achara.

Pouco a pouco, graças aos cuidados de Raul e do homem que acompanhava o joven cavalleiro, as feições pallidas do moribundo tornaram a animar-se; abriu os olhos primeiramente espantados, mas que bem depressa se fixaram sobre o seu salvador.

—Ah! senhor, exclamou elle, é o senhor que eu procurava: sem o senhor e sem a sua protecção estaria morto, tres vezes morto.

—Mas resuscitastes, senhor; como vê, disse Raul, não passou de um banho.

—Ah! senhor! quanto lhe agradeço! exclamou o homem de cabellos grisalhos.

—Ah! está ahi, meu bom d'Arminges! causei-lhe muito medo, não é assim? mas foi por sua culpa: era o meu perceptor, porque não me ensina a nadar melhor?

—Ah! senhor conde, disse o velho, se lhe acontecesse alguma desgraça, nunca mais ousaria apresentar-me diante do senhor marechal.

—Mas como se passou isto? perguntou Raul.

—Ah! senhor, da maneira mais simples, respondeu aquelle a quem tinham dado o titulo de conde. Já tinhamos andado um terço do rio, pouco mais ou menos, quando a corda do barco se quebrou. Aos gritos e movimentos que fizeram os barqueiros, o meu cavallo espantou-se, e saltou á agua. Nado mal, e não ousei lançar-me ao rio. Em logar de ajudar os movimentos do meu cavallo, paralysava-lh'os, e estava a ponto de me afogar o mais bellamente possivel, quando chegou muito a proposito para me tirar da agua. Por isso, senhor, se quer, de hoje em diante sejamos amigos para a vida e para a morte.

—Senhor, disse Raul inclinando-se, estou inteiramente ao seu dispôr.

—Chamo-me o conde de Guiche, continuou o cavalleiro, meu pae é o marechal de Grammont. E, agora que sabe o meu nome, terá a bondade de me me dizer o seu.

—Sou o visconde de Bragelonne, disse Raul, córando por não poder dizer o nome de seu pae, como fizera o conde de Guiche.

—Visconde, o seu rosto, a sua bondade e a sua coragem attrahem-me para o senhor; já é seu todo o meu reconhecimento. Abracemo-nos, e peço-lhe a sua amisade.

—Senhor, disse Raul respondendo ao abraço do conde, tambem já o amo de todo o meu coração. Considere-me por tanto, eu vol-o peço, um amigo dedicado.

—Para onde vae, visconde? perguntou de Guiche.

—Para o exercito do principe de Condé.

—E eu tambem, exclamou o joven com um transporte de

alegria. Ah! tanto melhor! vamos juntos atirar o primeiro tiro.

—Muito, bem, amem-se, disse o aio; ambos jovens, não teem sem duvida senão a mesma estrella, e deviam encontrar-se.

Os dois jovens sorriram com a confiança da mocidade.

—E agora, disse o aio, é-lhe necessario mudar de roupas; os seus lacaios a quem dei ordens no momento em que desembarcaram, devem ter já chegado á hospedaria. O linho e o vinho aquecem, siga-me.

Os jovens não tinham nenhuma objecção que oppôr a esta proposição, pelo contrario acharam-n'a optima; tornaram por tanto a montar a cavallo, olhando-se e admirando-se ambos; eram com effeito dois elegantes cavalleiros, de porte elegante e alto, dois nobres rostos de fronte desenrugada, de olhar dôce e altivo, de sorriso leal e fino.

De Guiche tinha dezoito annos, mas nem por isso era mais alto que Raul, que não tinha senão quinze.

Estenderam as mãos um para o outro por um movimento espontaneo, e, picando os seus cavallos, caminharam a par a distancia que vae do rio á hospedaria, um achando boa e risonha esta vida que elle estivera quasi a perder, o outro agradecendo a Deus por ter já vivido bastante para fazer alguma coisa que fosse agradavel ao seu protector.

Quanto a Olivain, era o unico a quem esta boa acção de seu amo não satisfez inteiramente. Torcia as mangas e abas do seu gibão, pensando que se tivessem parado em Compiégne ficaria salvo, não só do accidente porque acabára de passar, mas tambem do fluxo de peito e rheumatismo que naturalmente d'elle se seguiriam.

XXII

A escaramuça

A noite que passaram em Noyon foi de curta duração, ambos dormiram perfeitamente. Raul tinha recommendado que o acordassem se Grimaud viesse, mas Grimaud não veio.

Os cavallos pela sua parte, aproveitaram bem as oito horas de repouso absoluto e abundante cama que lhes foram concedidas. O conde de Guiche foi acordado ás cinco horas da manhã por Raul, que lhe veio dar os bons dias. Almoçaram á pressa, e ás seis horas já tinham andado duas leguas.

A conversação do joven conde era das mais interessantes para Raul. Por isso este escutava-o com attenção, e o joven conde sempre lhe ia contando alguma coisa. Educado em Paris, onde Raul não tinha ido senão uma vez; na côrte, que Raul ainda não tinha visto, as suas loucuras de pagem, dois duellos que achara meio de ter apesar das ordens, e principalmente apesar do seu aio, eram para Raul coisas as mais curiosas. Raul nunca estivera senão em casa de Scarron: nomeou a Guiche as pessoas que lá vira. Guiche conhecia todas; a senhora de Neuillan, a senhora de Aubigne, a senhora de Scudery, a senhora Paulet, a senhora de Chevreuse. De todas mofou espirituosamente; Raul receiou que elle tambem fizesse o mesmo á senhora Chevreuse, por quem sentiu uma real e profunda sympathia; mas, ou fosse por instincto, ou fosse por affeição para a duqueza de Chevreuse, disse d'ella o mais bem possivel. A amisade de Raul para com o conde redobrou com estes elogios.

Depois fallou-se de galanterias e amores. Sobre isto tambem Bragelonne tinha mais a escutar que a dizer. Escutou por tanto e pareceu-lhe ver atravez de tres ou quatro aventuras bastante diafanas, que, com elle, o conde occultava algum segredo de coração.

De Guiche, como já dissemos, fôra educado na côrte, e as intrigas peculiares d'esta lhe eram todas conhecidas. Era a côrte do que Raul tantas vezes ouvira fallar ao conde de La Fére; mas tinha sido muito alterada desde que Athos a

não tornára a vêr. Toda a narração do conde de Guiche foi por tanto nova para o seu companheiro de viagem.

Ao joven conde, maldizente e espirituoso, ninguem escapou na sua revista; contou os antigos amores da senhora de Longueville com Coligny, e o duello d'este na Praça Real, duello que lhe foi tão fatal, e que a senhora de Longueville viu por detraz de uma janella, seus novos amores com o principe de Marzillac, que estava cioso d'ella a ponto, dizia-se, de querer matar todos, e mesmo o abbade de Herblay, seu director: os amores do principe de Galles com a senhora Longueville, que mais tarde chamaram a grande senhora de Longueville, tão celebre depois pelo seu casamento secreto com Lauzun.

A mesma rainha não foi poupada, e o cardeal de Mazarano tambem teve a sua parte nos motejos do joven conde.

A jornada passou-se rapida como uma hora. O aio do conde, bom conviva, homem do mundo, sabio dos bicos dos pés até á cabeça, como o dizia o seu discipulo, lembrou muitas vezes a Real a profunda erudicção e a zombaria espirituosa e mordaz d'Athos; mas quanto á graça, á delicadeza e nobreza das apparencias, ninguem, n'este ponto, podia ser comparado ao conde de La Fére.

Os cavallos, mais folgados que na vespera, pararam perto das quatro horas da tarde em Arras. Aproximavam-se do theatro da guerra, e resolveram parar n'esta cidade até ao dia seguinte, por causa de guerrilhas hespanholas que se aproveitavam algumas vezes da noite para fazerem expedições pelos arredores de Arras.

O exercito francez estendia-se desde Pont-á-Mare até Valenciennes, inclinando-se para o Donai. Dizia-se que o principe estava em Bethune.

O exercito inimigo estendia-se de Cassel até Courtray, e como não havia pilhagem e violencia que elle não commettesse, os moradores das fronteiras deixavam as suas habitações isoladas e vinham refugiar-se nas cidades fortes que lhes promettiam um abrigo. Arras estava atulhada de fugitivos.

Fallava-se de uma batalha proxima que devia ser decisiva; o principe não tinha manobrado até então porque espe-

rava reforços que acabavam em fim de chegar. Os jovens felicitavam-se por terem vindo tanto a proposito.

Ceiaram juntos e deitaram-se no mesmo quarto. Estavam na edade das promptas amisades, parecia-lhes que se conheciam desde que tinham nascido, e que lhes seria impossivel separarem-se.

A noite passou-se a fallar de guerras, os lacaios limparam as armas; os jovens carregaram as pistollas prevenindo o caso de alguma escaramuça: e levantaram-se desesperados, por terem ambos sonhado que chegavam já tarde para tomarem parte na batalha.

De manhã espalhou-se o ruido, de que o principe se retirara do Bethune para Carvin, deixando uma guarnição n'esta cidade. Mas como esta noticia não apresentava nada de positivo, os jovens decidiram que continuariam o seu caminho para Bethune, promptos para no caminho, voltarem para a direita e irem para Carvin.

O aio do conde de Guiche conhecia perfeitamente estes logares, propôz em consequencia d'isto de tomar um caminho transversal que estava entre o de Lens e o de Bethune. Em Ablain devia-se tomar informações. Deixaram um itinerario para Grimaud.

Pelas sete horas da manhã pozeram-se a caminho.

De Guiche, que era joven e valente, dizia a Raul:

—Somos tres amos e tres criados; os nossos estão bem armados, e o seu parece-me bem teimoso.

—Nunca o vi em acção, respondeu Raul, mas é bretão, e isto dá esperanças.

—Sim, sim, replicou de Guiche, estou certo de que faria o seu dever quando chegasse a occasião, tenho dois homens seguros que garrearam com meu pae; são por tanto seis combatentes que nós representamos; se encontrassemos uma tropa de partidistas egual em numero á nossa, e mesmo superior, nós a carregariamos, não é verdade, Raul?

—De certo, senhor, respondeu o visconde.

—Oh! lá! jovens, oh lá! disse o aio intromettendo-se na conversação, como os senhores já pensam n'isso, meu Deus! e as minhas instrucções, senhor conde? esqueceu-se que tive ordem de o conduzir são e salvo? Quando estiver

no exercito arrisque-se a uma morte certa, se tal é o seu gosto; mas aqui previno-o que na minha qualidade de general ordeno a retirada, e viro as costas ao primeiro penacho que descobrir.

De Guicho e Raul olharam-se de revez e sorriram-se. O campo tornava-se cada vez mais escuro, e de tempos a tempos encontravam-se tropas de camponezes que se retiravam, levando diante de si o seu gado ou trazendo em seus braços os objectos mais preciosos.

Chegaram a Ablain sem accidente. Aqui perguntaram e souberam que effectivamente o principe deixára Bethune e que estava entre Cambrin e La Venthie. Tomaram então por um caminho transversal, que conduziu em meia hora a pequena tropa á borda de um ribeiro que desagua no Lys.

A paizagem era das mais apraziveis. De tempo a tempos encontravam-se bosquesinhos, os quaes eram atravessados pelo caminho. A cada um dos bosquesinhos, o aio prevendo alguma embuscada, fazia com que tomassem a dianteira os dois lacaios do conde, que formavam assim a vanguarda. O aio e os dois jovens representavam o corpo do exercito, e Olivain, com a carabina no joelho e de olho vivo, vigiava a retaguarda.

Havia já algum tempo que se divisava no horisonte um bosque bastante espesso; a cem passos d'este bosque, o senhor de Arminges, tomou as suas precauções costumadas, mandou para diante os dois lacaios do conde.

Os lacaios acabavam de desapparecer entre as arvores; os jovens e o aio, rindo e conversando seguiam-nos a cem passos pouco mais ou menos. Olivain estava na rectaguarda n'uma distancia semilhante, quando de repente se sentiu a explosão de cinco ou seis tiros de mosquete.

O aio gritou que parassem, os jovens obdeceram e fizeram parar os cavallos. No mesmo instante viram vir a galope os dois lacaios.

Os dois jovens impacientes de conhecerem a causa d'esta mosquetaria, dirigiram-se para os lacaios. O aio seguiu-os.

—Foram surprehendidos? perguntaram apressadamente os dois jovens.

—Não, responderam os lacaios, e é mesmo provavel que

não nos vissem: os tiros foram disparados a cem passos diante de nós, quasi no logar mais expesso do bosque, e voltamos para perguntar o que deviamos fazer.

—O meu parecer, disse o senhor d'Arminges, e, sendo necessario a minha vontade é que nos retiremos: este bosque póde occultar alguma emboscada.

—Não vistes nada? perguntou o conde ao lacaio.

—Pareceu-me vêr, disse um d'elles, cavalleiros de amarello que andavam juntos ao ribeiro.

—E' isso, disse o aio, caimos nas mãos de uma guerrilha hespanhola. Para traz, senhores, para traz!

Os dois jovens consultaram-se com um lance de olhos, quando se ouviu de novo um tiro seguido de dois ou tres gritos de soccorro.

Os dois jovens certificaram-se por um ultimo olhar que nenhum d'elles estava com tenção de recuar, e, como o aio já tivesse feito voltar o seu cavallo, ambos picaram os seus para diante, Raul gritando: A mim, Olivain! e o conde de Guiche; a mim, Urbano e Blanchet!

E antes que o aio voltasse da sua surpreza tinham desapparecido na floresta.

Ao tempo que picavam os cavallos, os dois jovens tiraram as pistolas.

Cinco minutos depois, chegaram ao logar onde parecera ter sido o ruido. Então fizeram ir a passo os cavallos, avançando com precaução.

—Chiton! disse de Guiche, vejo cavalleiros.

—Sim, tres que estão a cavallo, e tres a pé.

—Vê o que elles fazem?

—Sim, parece-me que estão apalpando um homem ferido ou morto.

—E' um cobarde assassinato, disse de Guiche,

—Não obstante são soldados, replicou Bragelonne.

—Sim, mas guerrilheiros, isto é, ladrões de estrada.

—Atiremos! disse Raul.

—Atiremos! disse de Guiche.

—Senhores! exclamou o pobre aio, senhores, em nome do ceu.

Mas os jovens não escutavam. Tinham ambos partido á

porfia, e os gritos do aio não tiveram outro resultado, que avisar os hespanhoes.

No mesmo momento os tres guerrilheiros que estavam a cavallo correram ao encontro dos jovens, em quanto que os tres outros acabavam de roubar os dois viajantes ; porque, os jovens, quando se aproximaram, viram dois corpos estendidos em vez de um.

A dez passos, de Guiche atirou primeiro, e errou ; o hespanhol, que vinha contra Raul, atirou, e Raul sentiu no braço esquerdo uma dôr semilhante á que causaria a pancada de um chicote. A quatro passos atirou por sua vez, e o hespanhol, ferido no peito, estendeu os braços e caiu para traz na garupa do seu cavallo, que se voltou e o arrastou comsigo.

N este momento Raul viu como atravez de uma nuvem o cano de um mosquete apontado para elle. Lembrou-lhe a recommendação d'Athos ; por um movimento veloz como o relampago, fez empinar o seu cavallo, e o tiro partiu.

O cavallo deu um salto de lado, faltou-lhe o chão, e caiu ficando Raul com a perna debaixo d'elle.

O hespanhol correu, agarrando seu mosquete pelo cano para esmagar a cabeça a Raul com a coronha.

Desgraçadamente na posição em que este estava, não podia nem desembainhar a espada, nem tirar dos coldres as pistolas ; viu voltejar em torno da sua cabeça a coronha, e mau grado seu, ia fechar os olhos, quando de Guiche se arremeçou sobre o hespanhol e lhe metteu a pistola ao peito.

—Renda-se ! lhe disse elle, ou mato-o !

O mosquete caiu das mãos do soldado, que se rendeu no mesmo instante.

Guiche chamou um dos seus lacaios entregou-lhe o prisioneiro á sua guarda com ordem de lhe pregar uma bala na cabeça se fizesse qualquer movimento para se escapar, saltou abaixo do cavallo, e aproximou-se de Raul.

—Na verdade ! senhor, disse Raul rindo, ainda que a sua palliduz traisse a emoção inevitavel de uma primeira escaramuça, paga bem depressa as suas dividas ; não quiz ficar-me em obrigação por muito tempo. Sem o senhor, ajuntou elle repetindo as palavras do conde, estaria morto, tres vezes morto.

—Como o meu inimigo fugisse, disse de Guiche, pude facilmente vir soccorrel-o ; mas está ferido gravemente, vejo-o todo ensanguentado ?

—Julgo, disse Raul, que é alguma arranhadura no braço. Ajude-me a tirar a minha perna debaixo do cavallo, e espero que nada se opporá a que continuemos o nosso caminho.

O senhor d'Arminges e Olivain estava já em terra e levantavam o cavallo que se debatia na agonia. Raul conseguiu tirar o pé do estribo, e n'um instante se poz em pé.

—Não tem nada quebrado ? perguntou de Guiche.

—Nada, graças a Deus, respondeu Raul. Mas onde estão os desgraçados que aquelles miseraveis assassinaram ?

—Chegamos torde de mais ; creio que os mataram e fugiram levando os seus despojos ; os meus dois lacaios estão juntos dos cadaveres.

—Vamos vêr se não estão inteiramente mortos e se ainda podem ser soccorridos, disse Raul. Olivain, ganhamos dois cavallos, e perdi o meu ; escolhei o melhor dos dois e dê-me o seu.

E aproximaram-se do logar em que jaziam as victimas.

XXIII

O monge

Dois homens estavam estendidos ; um immovel, com o rosto por terra e atravessado por tres ballas, nadava em sangue. Este estava morto.

O outro encostado a uma arvore pelos dois criados, com os olhos levantados para o ceu, de mãos postas resava fervorosamente... Uma balla lhe atravessara o alto da coxa.

Os jovens dirigiram-se primeiro para o morto, e olharam-se com espanto.

—E' um padre disse Bragelonne, está coroado. Oh! malditos sejam elles, que pozeram as mãos nos ministros de Deus!

—Aproxime-se, senhor disse Urbano, velho soldado que fizera todas as campanhas com o cardeal-duque... Aproxime-se d'este... este já não tem remedio, emquanto que este talvez se possa salvar.

O ferido sorriu-se com tristeza.

—Salvar-me! não, disse elle, mas ajudar-me a morrer, sim.

—E' padre? perguntou Raul.

—Não senhor.

—E' porque o seu companheiro pareceu-me pertencer á egreja, replicou Raul.

—E' o cura de Bethune, senhor; levava logar seguro os vasos sagrados da sua egreja e o thesouro do capitulo; o senhor principe deixou a nossa cidade hontem, talvez que os hespanhoes ámanhã a occupem; ora, como se sabia que andavam pelo campo guerrilhas inimigas, e que a missão era perigosa, ninguem ousou acompanhal-o, eu então offereci-me.

—E estes miseraveis atiraram sobre um padre!

—Senhores, disse o ferido, olhando em torno de si, soffro muito, e com tudo queria ser levado para alguma casa.

—Onde possa ser socorido? perguntou de Guiche.

—Não, onde eu me possa confessar.

—Mas, talvez, disse Raul, não esteja tanto em perigo como parece.

—Senhor, disse o ferido, acredite-me que não ha tempo a perder, a balla quebrou o osso da cocha, e penetrou até aos intestinos.

—E' medico perguntou de Guiche.

—Não, disse o moribundo, mas entendo de feridas, é mortal. Procure por tanto levar-me para alguma parte onde possa achar um padre, ou dê-se ao trabalho de me trazer um aqui, e Deus recompensará esta sua acção; é a minha alma que é preciso salvar, porque o meu corpo está perdido.

—Morrer fazendo uma boa obra, é impossivel! e Deus o soccorrerá.

—Senhores, em nome do ceu! disse o ferido, reunindo todas as suas forças como para se levantar; não percamos o tempo em palavras inuteis: ou ajude-me a ir até á proxima aldeia, ou juro-me pela sua salvação que me enviará para aqui o primeiro frade, o primeiro cura, o primeiro padre que encontrar. Mas, accrescentou elle com o accento do desespero, nenhum ousará vir porque se sabe que os hespanhoes andam fazendo correrias pelos campos, e morrerei sem absolvição. Meu Deus! meu Deus! ajuntou o ferido com um accento de terror que fez estremecer os jovens; não permittir isso! não? seria terrivel!

—Senhor, socegue, disse Guiche, juro-lhe que terá a consolação que pede. Dizei-nos sómente onde ha aqui uma casa em que possamos pedir soccorro, e uma aldeia onde passamos ir procurar um padre.

—Obrigado, e Deus o recompensará! Ha uma albergaria a meia legua d'aqui indo pela estrada, e a uma legua pouco mais ou menos para além da hospedaria, achará a aldeia de Greney. Vá procurar o cura; se o cura lá não estiver entre no convento dos Agostinhos que é a ultima casa da aldeia á direita, e conduzi-me um frade; frade ou cura, que importa!... com tanto que tenha recebido da nossa santa egreja a faculdade de absolver *in articulo mortis*.

—Senhor d'Arminges, disse de Guiche, fique junto d'este desgraçado, e tenha cuidado em que seja transportado o melhor possivel. Faça uma padiola com ramos de arvores, ponha n'ella as nossas capas; dois dos nossos criados a levarão, em quanto que o terceiro irá prompto para tomar o logar do que cançar. Nós vamos, o visconde e eu, procurar um padre.

—Vá, senhor conde, disse o aio, mas em nome do ceu! não se exponha.

—Tranquillise-se. Por nada temos a receiar; conhece o axioma: *Non bis in idem*.

—Coragem, senhor! disse Raul ao ferido, vamos cumprir o seu desejo.

Deus os abençoe, senhores! respondeu o moribundo com um accento de reconhecimento impossivel de descrever.

E os dois jovens partiram a galope na direcção indicada,

em quanto que o aio do conde de Guiche presidia ao arranjo da padiola.

—No fim de dez minutos de marcha os dois jovens descobriram a estalagem.

—Raul, sem se apear, chamou o estalajadeiro, preveniu-o que lhe iam trazer um ferido, e pediu-lhe que preparasse, em quanto elle não vinha, tudo o que era necessario para a sua cura, isto é, um leito, fitas, fios, e dizendo-lhe mais, que se conhecesse por os arredores algum medico, cirurgião ou operador, o mandasse chamar, encarregando-se elle de recompensar o mensageiro.

O estalajadeiro, que viu dois jovens ricamente trajados, prometteu tudo o que lhe pediram, e os nossos dois cavalleiros, depois de verem começar os preparativos de recepção, partiram de novo, dirigindo-se á pressa para Greney.

Já tinham andado mais de uma legua, e já divisavam as primeiras casas da aldeia, cujos telhados vermelhos se differençavam bastante das arvores verdes que as rodeavam, quando avistaram, montado em uma mula, um pobre monge, que, pelo seu largo chapeu e sotaina de lã parda, tomaram por um agostinho. D'esta vez o acaso parecia enviar-lhes o que elles procuravam.

Aproximaram-se do frade.

Era um homem de vinte e tres annos; mas a quem as praticas asceticas tinham envelhecido apparentemente. Era pallido, não d'essa pallidez clara que é uma bellesa, mas de um amarello bilioso; seus cabellos curtos, que apenas se percebiam por baixo do circulo que o seu chapeu traçava em redor da sua cabeça, eram de um louro pallido; os seus olhos de um azul claro pareciam não ter vista.

—Senhor, disse Raul com a sua polidez costumada, é ecclesiastico?

—Para que me perguntam isso? disse o estrangeiro com uma impassibilidade quasi invencivel.

—Para o saber! disse o conde de Guiche com altivez.

O estrangeiro picou a sua mula com o calcanhar, e continuou o seu caminho.

De Guiche saltou para diante d'elle, e tolheu-lhe o caminho.

—Respondei, senhor! disse elle. Interrogaram-o cortezmente, e toda a pergunta requer uma resposta.

—Supponho que sou livre de dizer ou não dizer quem sou ás duas primeiras pessoas que encontro, e que teem o capricho de me interrogarem.

De Guiche reprimio com muito custo o seu grande desejo de quebrar os ossos ao frade.

—Em primeiro logar, replicou elle fazendo um violento esforço sobre si mesmo, nós não somos quem pensa; este meu amigo é o visconde Bragelonne, e eu sou o conde de Guiche. Emfim não é por capricho que nós lhe fazemos esta pergunta; porque ha um homem, ferido e moribundo, que reclama os soccorros da egreja. Se é padre, ordeno-lhe, em nome da humanidade, que me siga para soccorrer aquelle homem: se não é, então é outro caso.

—Previno-o, em nome da cortezia, que completamente parece ignorar, que o vou castigar pela sua insolencia.

A pallidez do frade converteu-se em lividez, e sorriu-se de um modo tão singular que Raul, que não o perdia de vista, tomou este sorriso como um insulto.

—E' algum espião hespanhol ou flamengo, disse elle, pondo a mão na coronha das suas pistolas.

Um olhar ameaçador, semilhante a um relampago, respondeu a Raul.

—Então, senhor, disse de Guiche responde?

—Sou padre, senhores, disse o joven.

E o seu rosto tomou a sua impassibilidade costumada.

—Então, meu padre, disse Raul tornando a metter as suas pistolas nos coldres, e dando ás suas palavras um accento respeitoso que não existia no seu coração; então, se é padre, vae achar, como lhe disse o meu amigo, uma occasião de exercer o seu dever: um desgraçado ferido vem ahi a traz de nós, e deve parar na proxima estalalagem; pede o soccorro de um ministro de Deus; os nossos criados acompanham-n'o.

—Irei, disse o frade.

E tocou com o calcanhar na sua mula.

—Se não fôr, senhor, disse de Guiche, creia que temos cavallos capazes de apanhar a sua mula, um credito capaz

de o prender em qualquer parte que estiver; e então, juro-lhe que o seu processo depressa se fará; em toda a parte se acha uma arvore e uma corda.

Os olhos do frade brilharam de novo, mas não passou d'isto; repetiu a sua phrase: «Irei.» E partiu.

—Sigamol-o disse de Guiche, é mais seguro.

—Ia dizer-lh'o disse Bragelonne.

—E os dois jovens se pozeram de novo a cavallo, regulando os seus passos pelos do frade, que elles seguiam a um tiro de pistola.

No fim de cinco minutos o frade voltou-se, para se certificar se era seguido ou não.

—Vê, disse Raul, como fizemos bem!

—Que horriveis feições! disse o conde de Guiche.

—Horriveis, respondeu Raul, e principalmente a expressão: aquelles cabellos amarellos, aquelles olhos imbaciados, aquelles beiços que desapparecem á menor palavra que pronuncia...

—Sim, sim, disse de Guiche, que não notara tão bem como Raul todos estes detalhes, visto que Raul examinava em quanto de Guiche fallava, sim, estranha figura mas estes frades estão sujeitos a praticas tão prejudiciaes! os jejuns fazem-nos pallidos, as pancadas fazem-nos hypocritas, e é á força de chorar os bens da vida, que elles perderam e de que nós gosamos, que seus olhos se tornam imbaciados.

—Emfim, disse Raul, aquelle pobre homem vae ter um padre; mas assim Deus me ajude como me parece que o penitente tem uma consciencia mais pura que a do confessor. Pela minha parte confesso que nunca vi um padre com um aspecto semilhante.

—Ah! disse de Guiche, comprehende? Aquelle é um dos frades errantes que andam mendigando pelas estradas, até que lhes venha um beneficio do ceu; são estrangeiros pela maior parte: escocezes, irlandezes, dinamarquezes. Já por vezes me teem mostrado alguns.

—Tão feios?

—Não, mas sempre feios.

—Que desgraça, para aquelle pobre ferido morrer nas mãos de um semilhante fradepio!

—Ora! disse de Guiche, a absolvição vem, não do que a dá mas de Deus. Comtudo, permitti que lhe diga: antes queria morrer impenitente, do que ter de me haver com um tal confessor. E' do meu parecer, não é verdade, visconde? via-o acariciar a coronha das suas pistolas como se tivesse a intenção de lhe varar a cabeça.

—Sim, conde, é coisa singular, e que o vae admirar; ao aspecto d'este homem senti um horror inexprimivel. Já viu alguma serpente no seu caminho?

—Nunca, disse de Guiche.

—Pois a mim já me aconteceu nas nossas florestas de Blaisois, e lembro-me que á vista da primeira que me olhou com os seus olhos imbaciados, enroscada, sobre si mesma, movendo a cabeça e agitando a lingua, fiquei parado, pallido e como fascinado até ao momento em que o conde de La Fère...

—Seu pae? perguntou de Guiche.

—Não, meu tutor, respondeu Raul córando.

—Continue.

—Até ao momento, replicou Raul, em que o conde de La Fère me disse: Vamos. Bragelonne, desembainhe a espada. Foi então que eu corri ao reptil e o cortei em dois, momento em que se levantava sobre a cauda, assobiando, para se lançar sobre mim. Pois bem! juro lhe que senti exactamente a mesma sensação á vista d'aquelle homem quando disse:—Para que me pergunta isso?

—Então está arrependido de o não ter feito em dois, como á serpente?

—Quasi que sim, palavra de honra! respondeu Raul.

N'este momento avistaram a estalagem, e descobriram do outro lado o cortejo do ferido que avançava dirigido pelo senhor d'Arminges. Dois homens traziam o moribundo, o terceiro vinha com os cavallos pela redea.

Os jovens picaram os cavallos.

—Alli está o ferido, disse de Guiche passando por pé do frade Agostinho, tenha, a bondade de o appressar mais alguma coisa, senhor frade.

Raul affastou-se do frade toda a largura do caminho, e passou voltando a cabeça com descontentamento.

Eram então os jovens que percediam o frade em vez de o seguirem. Avançaram para o ferido e lhe annunciaram esta boa nova. Este levantou-se para olhar na direcção indicada, viu o frade que se aproximava apressando os passos da sua mula, e tornou-se a deitar na padiola com o rosto acalmado por um raio de alegria.

—Agora disseram os jovens, fizemos pelo senhor tudo o que podemos, e, como temos pressa de ir ter com o exercito do principe, continuamos o nosso caminho; dá-nos licença, não é verdade, senhor? Dizem que se está para dar uma batalha, e não quereriamos chegar depois d'ella.

—Vão, meus jovens senhores, disse o ferido, e sêde abençoados ambos pela sua compaixão. Fizeram por mim tudo o que na realidade poderam; eu não posso senão dizer-lhe uma outra vez: Deus os guarde, aos senhores e aos que os amam.

—Senhor, disse de Guiche ao seu aio, vamos a diante, depois nos alcançarás na estrada de Cambrin.

O estalajadeiro estava á porta e tinha tudo preparado, leito, fitas e um criado fôra chamar um medico a Hens, que era a cidade mais proxima.

—Executar-se-ha como deseja, disse o estalajadeiro, mas não se demore, para curar a sua ferida? continuou elle dirigindo-se a Bragelonne.

—Oh! a minha ferida não é nada, respondeu o visconde, e basta que d'ella me occupe na proxima pousada; apenas terá a bondade, se vir passar um cavalleiro, e se lhe perguntar por um joven montado n'um alazão e seguido de um criado, de lhe dizer que effectivamente me viu, mas que continuei a andar e que conto jantar em Mazingarbe, e dormir em Cabrin.

O cavalleiro é meu criado.

Não seria melhor, e para maior segurança, que se lhe perguntasse o nome e se lhe dissesse o seu? respondeu o estalajadeiro.

—Não ha mal nenhum n'essa precaução, disse Raul, chamo-me o visconde de Bragelonne, e elle Grimaud.

N'este momento o ferido chegava de um lado, e o frade do outro; os dois jovens desviaram-se para deixar passar a

padiola ; o frade descia da mula, e ordenava que a conduzissem á cavallariça sem a dessellar.

—Senhor frade, disse de Guiche, confesse bem este pobre homem, e não o inquiete, nem com a sua despesa, nem com a da sua mulla : tudo está pago.

—Obrigado, senhor ! disse o frade com um d'esses sorrisos que fizeram estremecer Bragelonne.

—Vanha, conde, disse Raul, que parecia não poder instintivamente supportar a presença do Agostinho, venha, não posso estar aqui.

—Obrigado ainda outra vez, meus bellos e jovens senhores, disse, o ferido, não me esqueça nas suas orações.

—Socegue, disse de Guiche picando o seu cavallo para ir ter com Bragelonne, que já estava vinte passos adiante.

N'este momento a padiola trazida pelos dois criados entrava na estalagem. O estalajadeiro e sua mulher, que correra á porta, estavam de pé nos degraus da escada. O desgraçado parecia soffrer crueis dôres ; e com tudo não se occupava senão de saber se o frade o seguia.

A' vista d'este homem pállido e ensanguentado, a mulher agarrou fortemente no braço de seu marido.

—Então ! que é isso ? perguntou elle. Estarás por acaso doente ?

—Não, mas olha, continuou a estalajadeira designando o ferido a seu marido.

—Parece-me bem ferido ! respondeu este.

—Não é isso o que eu te quero dizer, pergunto se o reconheces !

—Este homem ? espera...

—Ah ! vejo que o reconheces, porque estás empallidecendo.

—Na verdade ! exclamou o estalajadeiro ; desgraça á nossa casa, é o antigo carrasco de Bethune.

—O antigo carrasco de Bethune ! murmurou o joven monge, deixando vêr no rosto a repugnancia que lhe inspirava o seu penitente.

D'Arminges notou a sua hesitação.

—Senhor monge, disse elle, por ser, ou por ter sido carrasco, este homem não deixa todavia de ser homem. Faça

lhe pois o ultimo serviço que elle reclama do senhor, e a sua obra será sempre meritoria.

O monge não respondeu, mas continuou silenciosamente o seu caminho para a camara baixa onde tinham posto um leito ao moribundo.

Os lacaios, vendo aproximar-se o homem de Deus da cabeceira do ferido, sairam fechando a porta sobre o frade e o moribundo.

D'Arminges e Olivain esperavam-nos; montaram a cavallo, e todos quatro partiram a trote, seguindo o caminho, na extremidade do qual tinham já desapparecido Raul e o seu companheiro.

No momento em que o aio e a sua escolta desappareciam tambem, um novo viandante parava diante da porta da estalagem.

—Que deseja, senhor? perguntou o estalajadeiro ainda pallido e tremulo pela descoberta que fizera.

O viandante fez signal de um homem que quer beber, e pondo pé em terra, mostrou o seu cavallo, e fez signal como de um homem que esfrega.

—Diabo! pensou o estalajadeiro, parece que é mudo.

—E onde quer beber? perguntou elle.

—Aqui, respondeu o viandante, mostrando uma mesa proximo.

—Enganava-me, disse o estalajadeiro, não é inteiramente mudo.

E inclinou-se, foi buscar uma garrafa de vinho e biscoutos, que poz diante do seu taciturno conviva.

—Não deseja coisa alguma mais? perguntou elle.

—Sim, disse o viajante.

—O que é, senhor.

—Saber se viu um joven fidalgo de quinze annos, montado n'um cavallo alazão, e seguido de um criado.

—O visconde de Bragelonne? perguntou o estalajadeiro.

—Justamente.

—Então é o senhor que se chama Grimaud?

O viandante fez signal que sim.

—Então, disse o estalajadeiro, o seu joven amo estava

aqui não ha mais de um quarto de hora : ha de jantar em Mazingarbe, e dormir em Cambrin.

—Quanto é d'aqui a Mazingarbe?

—Duas leguas e meia.

—Obrigado.

Grimaud certo de encontrar seu joven amo no fim do dia, pareceu mais socegado, limpou a fronte, e encheu um copo de vinho que bebeu silenciosamente.

Acabava de pôr o copo na mesa, e preparava-se para o encher de novo, quando um grito terrivel partiu do quarto onde estava o frade e o moribundo.

Grimaud levantou-se immediatamente.

—Que é isto? perguntou elle, donde vem este grito?

—Da camara do ferido, respondeu o estalajadeiro.

—Que ferido? perguntou Grimaud.

—O antigo carrasco de Bethune, que foi assassinado por guerrilhas hespanhoes que trouxeram para aqui, e que se está confessando a um frade agostinho; parece que soffre muito.

—O antigo carrasco de Bethune?... murmurou Grimaud, procurando recordar-se, um homem de cincoenta e cinco a sessenta annos, alto, forte, trigueiro, cabellos e barbas pretas?

—E' isso, á excepção de que a barba tornou-se grisalha e os cabellos brancos. Conhece-o? perguntou o estalajadeiro.

—Vi-o uma vez, continuou Grimaud, cuja fronte se enrugou pela recordação que este homem lhe trazia.

A mulher veiu correndo toda tremula.

—Ouvis-te? disse ella a seu marido.

—Sim, respondeu o estalajadeiro olhando com inquietação para o lado da porta.

N'este momento ouviu-se um grito menos forte que o primeiro, mas seguido de um gemido longo e prolongado.

Os tres personagens olharam-se estremecendo.

—E' preciso vêr o que é, disse Grimaud.

—Parece ser o grito de um homem que estão enforcando, murmurou o estalajadeiro.

—Jesus! disse a mulher persignando-se.

Se Grimaud fallava pouco, sabe-se que obrava muito. Lançou-se para a porta e abalou-a vigorosamente, mas estava fechada por um ferrolho interior.

—Abri! gritou o estalajadeiro, abri, senhor frade, abri no mesmo instante.

Ninguem respondeu.

—Abri, ou arrombo a porta! disse Grimaud.

O mesmo silencio.

Grimaud lançou os olhos em torno de si e viu uma alavanca que por acaso se achava a um canto; apossou-se d'ella, e antes que o estalajadeiro podesse oppôr-se ao seu designio, tinha arrombado a porta.

O quarto estava innundado de sangue que corria atravez dos colchões, o ferido já não fallava e estava com os ultimos arrancos; o frade tinha desapparecido.

—O frade? gritou o estalajadeiro, onde está o frade?

Grimaud correu para uma janella aberta que deitava para o pateo.

—Talvez fugisse por alli, exclamou elle.

—Julgá-o? disse o estalajadeiro espantado. Rapaz, veja se a mula do frade está na cavallariça.

—Já não está! exclamou aquelle a quem a pergunta fôra dirigida.

Grimaud carregou o sobr'olho, o estalajadeiro poz as mãos e olhou em torno de si com desconfiança. Quanto a sua mulher não ousava entrar no quarto e estava á porta de pé, espantada.

Grimaud aproximou-se do ferido, examinando as suas feições grosseiras, que lhe recordavam uma lembrança tão terrivel.

Finalmente, depois de um momento de silencio e muda contemplação:

—Não ha duvida, disse Grimaud, é elle.

—Vive ainda? perguntou o estalajadeiro.

Grimaud, sem responder, abriu o seu sobretudo para lhe apalpar o coração, em quanto que o estalajadeiro tambem se aproximava; mas de repente ambos recuaram, o estalajadeiro dando um grito de espanto, Grimaud empallidecendo.

A folha de um punhal estava enterrada até ao cabo no lado esquerdo do peito do carrasco.

—Correi a buscar soccorro, disse Grimaud, eu ficarei junto d'elle.

O estalajadeiro saiu do quarto assustado: quanto a sua mulher tinha fugido ao ouvir o grito de seu marido.

XXIV

A absolvição

Eis o que se passara.

Vimos que não fôra por seu motu-proprio, mas pelo contrario muito contra sua vontade que o frade seguira o ferido que lhe fôra recommendado de um modo tão singular. Talvez procurasse fugir, se visse que lhe era possivel; mas as ameaças dos dois fidalgos, a sua comitiva que ficava atraz d'elle e que sem duvida recebera as suas instrucções, e emfim, a mesma reflexão tinham levado o frade a representar, com uma boa vontade apparente, até ao fim o seu papel de confessor, e, tendo entrado no quarto aproximou-se ao leito do ferido.

O carrasco examinou com esse olhar rapido, particular aos que estão na agonia, e que, por consequencia não teem tempo a perder, o rosto do que devia ser seu consolador; fez um movimento de surpreza, e disse:

—E' muito joven, meu padre?

—As pessoas que trazem o meu habito não teem edade, respondeu o padre seccamente.

—Ah! falle-me com doçura, meu padre, necessito de um amigo nos ultimos momentos.

—Soffreste então muito? perguntou o frade.

—Sim; mas muito mais da alma que do corpo.

—Nós salvaremos a sua alma, disse o joven, mas é realmente o carrasco de Bethune, como dizia aquella gente lá em baixo?

—Isto é, replicou vivamente o ferido, que temia que este nome de carrasco affastasse de si os ultimos soccorros que reclamava, isto é, fui-o; já não o sou; ha quinze annos que cedi o meu cargo. Figuro ainda nas execuções, mas não firo. Oh! não.

—Tem portanto horror ao seu estado?

O carrasco deu um profundo suspiro. Depois accrescentou:

—Em quanto não feri senão em nome da lei e da justiça, disse elle, o meu estado deixou-me dormir socegado, visto estar ao abrigo da lei e da justiça; mas desde aquella noite terrivel em que servi de instrumento a uma vingança particular e levantei com a raiva a espada sobre uma creatura de Deus; desde aquelle dia...

O carrasco parou meneando a cabeça com um modo de desespero.

—Falle, disse o frade, que se assentara ao pé do leito do ferido, começando a interessar-se por uma narração que principiava de um modo tão singular.

—Ah! exclamou o moribundo; ah! fiz todos os esforços possiveis para expulsar este remorso por vinte annes de boas obras; despojei-me da forcidade natural dos que derramam sangue, expuz sempre a minha vida para salvar a dos que estavam em perigo, e conservei na terra existencias humanas, em troca da que eu lhe tirara. Ainda não é tudo; o bem que adquiri no exercicio da minha profissão, destribui-o pelos pobres, frequentei assiduamante as egrejas, as pessoas que fugiam de mim habituaram-se a vêr-me. Todos me perdoaram; alguns mesmo me amaram; mas creio que Deus não me perdoou, porque a lembrança d'aquella execução me persegue sem cessar, parece-me vêr todas as noites levantar-se ante mim o espectro d'aquella mulher.

—Uma mulher! Foi entao uma mulher que assassinou? exclamou o frade.

—E o senhor tambem! exclamou o carrasco, o senhor usa d'essa palavra que retinio a meus ouvidos: assassinada!

Assassinei-a então e não a executei! sou então assassino e não justiceiro!

E fechou os olhos dando um gemido.

O frade receiou sem duvida que elle morresse sem concluir, porque tornou logo.

—Continue, eu nada sei, e quando tiver acabado a sua narração, Deus e eu julgaremos.

—Oh! meu padre! continuou o carrasco sem tornar a abrir os olhos, como se temesse, abrindo-os, de vêr algum objecto assustador; é com especialidade de noite e quando atravesso algum rio, que este terror que eu não pude vencer redobra: parece-me então que a minha mão se torna pesada, como se n'ella ainda estivesse o meu cutello; que a agua se torna côr de sangue, e que todas as vozes da natureza, o sussurro das arvores, o sibilar do vento, o burburinho das aguas, se reunem para formarem uma voz lacrimosa, desesperadada, terrivel, que me grita: Deixa passar a justiça de Deus!

—Está delirando! murmurou o frade abanando a cabeça.

O carrasco tornou a abrir os olhos, fez um movimento para se voltar para o lado do joven, e agarrou-lhe no braço.

—Estou delirando, repetiu elle, estou delirando, diz o senhor. Oh! não porque era noite, porque deitei o seu corpo no rio, porque as palavras que o meu remorso repete, fui eu que no meu orgulho as pronunciei; depois de ter sido o instrumento da justiça humana, acreditava ser tambem o da justiça de Deus.

—Mas aconteceu isso? falle, disse o frade.

—Era noite, um homem me veio procurar, mostrou-me uma ordem. Segui-o. Quatro outros senhores me esperavam. Levaram-me mascarado. Tencionava resistir se o que reclamassem de mim me parecesse injusto. Andamos cinco ou seis leguas, sombrios, silenciosos e quasi sem dizermos uma palavra; emfim, por entre as janellas de uma pequena cabana, mostraram-me uma mulher encostada com o cotovelo a uma mesa, e disseram-me: Alli está a que é preciso executar.

—Horror! disse o frade. E obedeceu.

—Meu padre aquella mulher era um monstro: dizia-se que tinha envenenado o seu segundo marido, tentado assas-

sinar o seu cunhado, que estava entre aquelles homens; acabava de envenenar uma joven que era sua rival, e tambem se dizia que antes de deixar a Inglaterra, mandara apunhalar o favorito de el-rei.

—Buckingham? exclamou o frade.

—Sim, é isso, Buckingham.

—Então essa mulher era ingleza?

—Não era franceza, mas tinha casado em Inglaterra.

O frade impallideceu, e limpou a fronte, e foi fechar a porta com o ferrolho. O carrasco julgou que elle o abandonava e tornou a cair gemendo no seu leito.

—Não, não, aqui estou; replicou o frade voltando apressadamente para junto d'elle, continue; quem eram esses homens.

—Um era estrangeiro, julgo que inglez. Os quatro outros eram francezes e traziam o uniforme dos mosqueteiros.

—Os seus nomes? perguntou o frade.

—Não os sei. Os quatro chamavam ao inglez milord.

—Essa mulher era bella?

—Joven e bella. Ainda a vejo, quando de joelhos a meus pés, ella orava, com a cabeça deitada para traz. Ao depois nunca pude comprehender como tive força para degolar esta cabeça tão bella e tão pallida.

O frade parecia agitado por uma emoção singular. Todos os seus membros tremiam; via-se que ella queria fazer uma pergunta, mas que não ousava.

—O nome d'essa mulhar? disse elle depois de um violento esforço sobre si mesmo.

—Ignoro-o. Como já vol-o disse, segundo me parece casou-se duas vezes: uma em França, e outra em Inglaterra.

—Disse que era joven?

—Vinte e cinco annos.

—Bella?

—Encantadora.

—Loira.

—Sim.

—Cabellos grandes, não é verdade?... que lhe caiam até aos hombros.

—Sim.

—Olhos de uma expressão extraordinaria.

—Quando ella queria. Oh! sim, é isso.

—Voz de uma doçura admiravel?

—Como o sabe?

—O carrasco firmou-se no cotovelo e fixou o seu olhar espantado sobre o frade, que se tornou livido.

—E você matou-a! disse o frade, serviu de instrumento a esses cobardes, que não usavam matal-a por si! não teve compaixão d'aquella mocidade, d'aquella belleza, d'aquella fraqueza! matou aquella mulher?

—Ah! replicou o carrasco, já vol-o disse meu padre, aquella mulher debaixo d'aquella capa celeste, occultava uma alma infernal, e quando a vi, quando me lembrei de todo o mal que a mim mesmo me fizera...

—A você? E que podia ella ter-lhe feito! Diga.

—Tinha seduzido e perdido meu irmão que era padre, e tinha fugido com elle do seu convento.

—Com seu irmão?

—Sim. Meu irmão tinha sido o seu primeiro amante; ella tinha sido a causa da sua morte. Oh! meu padre! meu padre! não me olhe assim. Oh! eu sou então culpado! O senhor perdoa?

O rosto do frade serenou-se.

—Sim, sim. disse elle, perdoar-lhe-hei se me disser tudo.

—Oh! exclamou o carrasco, tudo! tudo! tudo!

—Então responda. Se ella seduziu seu irmão... disse que ella o seduzira, não é assim?

—Sim.

—Se ella causou a sua morte... disse que ella causára a sua morte?

—Sim, repetiu o carrasco.

—Então deve saber o nome d'essa joven.

—O' meu Deus! disse o carrasco, meu Deus! parece-me que vou morrer. A absolvição, meu padre! a absolvição.

—Diga o seu nome! exclamou o frade, eu lh'a darei.

—Chamava-se... meu Deus tenha compaixão de mim, murmurou o carrasco; deixou-se cair sobre o seu leito, pallido, convulso e semilhante a um homem que está para morrer.

—O seu nome! repetiu o frade, inclinando-se para elle, como para lhe arrancar aquelle nome que elle queria dizer, o seu nome!... falle, ou não lhe deito a absolvição!

O moribundo pareceu reunir todas as suas forças.

Os olhos do frade scintillaram.

—Anna de Bueil, murmurou o ferido.

—Anna de Bueil! exclamou o frade endireitando-se e levantando ambas as mãos para o ceu. Anna de Bueil! disse, Anna de Bueil, não é verdade?

—Sim, sim, esse era o seu nome, e agora absolva-me, porque morro.

—Eu absolvel-o! exclamou o padre com um riso que fez irriçar os cabellos na cabeca do moribundo, eu absolvel-o? eu não sou padre!

—Não é padre! exclamou o carrasco, quem é então?

—Já lh'o vou dizer, miseravel.

—Ah! senhor! meu Deus!

—Eu sou John Francis de Winter.

—Não o conheço! exclamou o carrasco.

—Espera, espera, já me vaes reconhecer; eu sou John Francis Winter, repetiu elle, e essa mulher...

—Essa mulher? diga.

—Era minha mãe.

O carrasco deu o primeiro grito, aquelle terrivel grito, que se ouvira primeiramente.

—Oh! perdõe-me, perdõe-me, murmurou elle, se não fôr em nome de Deus, pelo menos seja no seu; senão fôr como o padre, pelo menos como filho.

—Perdoar-lhe! exclamou o falso frade, perdoar-lhe! Deus talvez o faça, mas eu, nunca!

—Por piedade, disse o carrasco estendendo os braços para elle.

—Não á piedade para quem a não teve; morre desesperado, morre impenitente, morre e sê condemnado!

E tirando do seu habito um punhal cravou-lh'o no coração:

—Toma, disse elle, aqui tens a minha absolvição!

Foi então que se ouviu o segundo grito mais fraco que o primeiro, e que fôra seguido de um longo gemido.

O carrasco que se levantara caiu desfallecido no seu leito. Quanto ao frade, sem tirar o punhal da ferida correu á janella, abriu-a, saltou em cima das flores de um jardimsinho, correu para a cavallariça, tirou a sua mula, saiu por uma porta de traz, correu até a um proximo bosque, lançou n'elle o seu habito de frade, tirou da sua mala um fato completo de cavalleiro, vestiu-se, foi a pé até á primeira porta, tomou um cavallo e continuou, a toda a brida, o seu caminho para Paris.

XXV

Grimaud falla

Grimaud ficára só junto do carrasco: o estalajadeiro tinha ido buscar soccorro; a mulher orava.

No fim de um instante, o ferido tornou a abrir os olhos.

—Soccorro! murmurou elle O' meu Deus! não acharei então eu um amigo que me ajude a viver ou a morrer?

E levou com esforço a sua mão ao peito, encontrou o cabo do punhal.

—Ah! disse elle como um homem que se recorda.

E deixou cair o braço.

—Tenha coragem disse Grimaud foram buscar soccorro.

—Quem é? perguntou o ferido fixando Grimaud com os olhos desmesuradamente abertos.

—Um antigo conhecimento, disse Grimaud.

—E o senhor?

O ferido procurou as feições do que assim lhe fallava.

—Em que tempo nos encontramos? perguntou elle.

—Ha vinte annos, em uma noite; meu amo acho-o em Bethune e conduziu-o a Armentieres.

—Já o reconheço disse o carrasco, era um dos quatro criados.

—E' verdade.

—Passava pela estrada; parei n'esta estalagem para dar descanço ao cavallo. Contavam-me que estava cá o carrasco de Bethune ferido, quando deu os dois gritos. Corremos para a porta ao primeiro, ao segundo mettemol-o dentro.

—E o frade! disse o carrasco, viste o frade?

—Que frade?

—O que estava fechado comigo.

—Não, já cá não estava, parece-me que fugiu por esta janella. Foi elle que o feriu?

—Foi.

Grimaud fez um movimento para sair.

—Que vae fazer? perguntou o ferido.

—Correr atraz d'elle.

—Guarde-o bem de o fazer!

—E porque?

—Vingou-se e fez bem. Agora espero que Deus me perdoará, porque ha espiação.

—Esplique-se disse Grimaud.

—Aquella mulher que seus amos me fizeram matar...

—Milady?

—Sim Milady, é verdade, chamavam-lhe assim....

—Que ha de commum entre Milady e o frade?

—Era sua mãe.

Grimaud cambaleou e deitou para o moribundo um olhar terno e quasi estupido.

—Sua mãe? repetiu elle.

—Sim, sua mãe.

—Mas elle sabe então esse segredo!

—Tomei-o por um frade, e revelei-lh'o como em confissão.

—Desgraçado! exclamou Grimaud, cujos cabellos se encheram de suor só á idéa das consequencias que podia ter uma tal revelação; desgraçado! ao menos espero que não nomeasseis ninguem?

—Não pronunciei nome algum, porque nenhum sabia, excepto o nome de sua mãe, e foi por este nome que elle a reconheceu; mas sabe que seu tio estava no numero dos juizes.

E caiu desfallecido. Grimaud quiz seccorrel-o e avançou a sua mão para o cabo do punhal.

—Não me toque, disse o carrasco se tirarem este punhal morrerei.

Grimaud deixou-se ficar com a mão estendida, e batendo na testa, exclamou desesperado:

—Ah! se aquelle homem chega a saber quem são os outros, meu amo ficará perdido.

—Depressa, depressa, exclamou o carrasco, previne-o, se ainda vive; preveni os seus amigos; creia que a minha morte não será o desfecho d'este terrivel acontecimento.

—Para onde ia elle? perguntou Grimaud.

—Para Paris.

—Quem o fez parar?

—Dois jovens cavalleiros que iam para o exercito, e dos quaes um era visconde de Bragelonne, porque ouvi o seu nome pronunciado pelo seu camarada.

—E foi esse joven que vol-o trouxe?

—Sim.

Grimaud levantou os olhos ao ceu.

—Era então a vontade de Deus? disse elle.

—De certo, disse o ferido.

—E' horroroso; murmurou Grimaud; e comtudo aquella mulher mereceu a sua sorte. Não lhe parece tambem?

—No momento de morrer, disse o carrasco, os crimes dos outros parecem muito pequenos em comparação dos proprios.

E caiu desfallecido fechando os olhos.

Grimaud via-se retido pela piedade que lhe prohibia deixar este homem sem soccorro, e o receio que ordenava que partisse no mesmo intante levar esta noticia ao conde de La Fére, quando ouviu bulha no corredor e viu o estalajadeiro que entrava com o cirurgião.

Muitos curiosos os seguiam, attraidos pela curiosidade; o ruido d'este singular acontecimento começava a espalhar-se.

O cirurgião aproximou-se do moribundo, que parecia desmaiado.

—E' preciso tirar o ferro do peito, disse elle maneando a cabeça de um modo significativo.

Grimaud lembrou-se da profecia que fizera o moribundo e voltou a cara.

O cirurgião afastou-o sobretudo, rasgou a camisa e poz o peito descoberto.

O ferro, como dissemos, estava enterrado até ao punho.

O cirurgião agarrou-lhe pela extremidade do cabo ; á medida que o puxava o ferido abria os olhos com uma estabilidade espantosa. Quando a folha saiu inteiramente da ferida uma escuma avermelhada saiu da bocca do ferido ; no momento em que respirou, uma onda de sangue lhe saiu do orificio da ferida ; o moribundo fixou o seu olhar em Grimaud com uma singular expressão, e expirou no mesmo momento.

Então Grimaud apanhou o punhal que jazia cheio de sangue no meio do sobrado e que causava horror a todos, fez signal ao estalajadeiro que o seguisse, pagou a despeza com uma generosidade digna de seu amo e tornou a montar a cavallo.

Grimaud pensou primeiramente em voltar para Paris ; mas lembrou-se da inquietação que a sua ausencia causaria a Raul ; pensou que não estava mais que a duas leguas d'onde elle estava, que n'um quarto de hora estaria junto d'elle, e que ida, volta e explicação não lhe gastariam uma hora ; metteu o cavallo a galope, e dez minutos depois apeava-se no Mulet Couronné, a unica estalagem de Mazingarbe.

A's primeiras palavras que trocou com o estalajadeiro, ficou certo que encontrara o que procurava.

Raul estava á mesa com o conde de Guiche e o seu aio, porém a sombria aventura da manhã tinha estampado nas duas jovens frontes uma tristesa que a alegria do senhor d'Arminges, mais philosopho que elles por muito acostumado a estas especies de espectaculos, não pudera conseguir dissipar.

De repente abriu-se a porta, e Grimaud apresentou-se pallido, cheio de pó, e ainda coberto de sangue do desgraçado ferido.

—Emfim chegaste Grimaud, meu bom Grimaud, exclamou Raul. Perdõem-me, senhores, não é um criado, é um amigo. Como está o senhor conde ? continuou elle, levantando-se e correndo para Grimaud ; está com algumas saudades

de mim? Vistel-o depois que nos separamos? Responde; tambem tenho da minha parte muitas coisas a dizer-te. Ha tres dias, teem-nos acontecido muitas aventuras. Mas que tens? como estas pallido! Sangue! porque tens esse sangue?

—Com effeito, estás manchado de sangue! disse o conde levantando-se. Estás ferido, meu amigo?

—Não, senhor, disse Grimaud, este sangue não é meu.

—Então de quem? perguntou Raul.

—É do desgraçado que deixastes na estalagem, e que morreu nos meus braços.

—Nos teus braços! aquelle homem! Mas sabes quem era.

—Sim, disse Grimaud.

—Mas era o antigo carrasco de Bethune.

—Bem o sei.

—Conhecial-o?

—Conhecia.

—E morreu?

—Sim.

Os dois jovens olharam um para o outro.

—Que querem, senhores, disse d'Arminges, é da lei da natureza, e por se ter sido carrasco não se está isempto d'ella. D'esde o memento em que vi a sua ferida, agourei mal d'ella; e, bem o sabe, era a sua mesma opinião, visto que pedia um padre.

A esta palavra de padre, Grimaud empallideceu completamente.

—Vamos, vamos, para a mesa! disse d'Arminges, que, como todos os homens d'esta época, e principalmente da sua edade, não admittia sensibilidade entre dois serviços.

—Sim, senhor, tens rasão, disse Raul. Vamos, Grimaud, faz com que te sirvam, e depois de teres descançado, nós fallaremos.

—Não, senhor, não, disse Grimaud, não me posso demorar nem um instante, é preciso que torne a partir para Paris.

—Como, partes para Paris! Enganas-te, é Olivain que parte, tu ficas.

—Pelo contrario é Olivain que fica, e eu que parto. Vim de proposito para vol-o dizer.

—Mas a que proposito veiu essa mudança?

—Não posso dizer-vol-o.

—Explica-te.

—Não posso explicar-me.

—Vamos, estás gracejando?

—O senhor visconde sabe que jámais gracejo.

—Sim, mas tambem sei que o senhor conde de La Fère disse que ficarias comigo, e que Olivain tornaria a voltar para Paris. Hei de obedecer immediatamente as ordens do senhor conde.

—Não agora, senhor.

—Desobedecer-me-heis, acaso?

—Sim, senhor, porque é necessario.

—Então presistis?

—Então, parto; sêde feliz, senhor visconde.

E Grimaud saudou, e voltou-se para sair. Raul, furioso e inquieto ao mesmo tempo, correu atraz d'elle e agarrou-lhe pelo braço.

—Grimaud, exclamou elle, fique, quero-o eu.

—Então, disse Grimaud, quer que eu deixe matar o senhor conde?

Grimaud saudou e dirigiu-se para a porta.

—Grimaud, meu amigo, disse o visconde, não partirá assim, não me deixará em semilhante inquietação. Grimaud, falla, falla, em nome do ceu.

E Raul a cambalear caiu n'uma cadeira.

—Não lhe posso dizer senão uma coisa, senhor, porque o segredo que me pede não é meu. Encontrastes um frade, não é verdade.

—Sim.

Os dois jovens olharam-se com espanto.

—Conduziste-o ao ferido?

—Sim.

—Tivestes portanto tempo de o vêr?

—Sim.

—E reconhecel-o-heis se em outra qualquer occasião o encontrares?

—Oh! sim, eu o juro, disse Raul.

—E eu tambem, disse de Guiche.

—Então, se em alguma occasião encontrares, disse de Guiche, seja em que parte fôr, na estrada, na rua, na egreja, seja em que parte elle estiver e em que estiveres, põe-lhe o pé em cima e esmaga-o sem piedade, sem misericordia, como o farias a uma vibora, a uma serpente, a um aspide; esmaga-o e não o deixes senão quando estiver morto; a vida de cinco homens estará para mim em duvida em quanto elle viver.

E sem nada mais dizer, Grimaud aproveitou-se do espanto e do terror que causára aos que o escutavam para sair do quarto.

—Então! conde, disse Raul voltando-se para de Guiche, não lhe tinha eu dito que aquelle frade me causara o effeito de um reptil!

Dois minutos depois ouvia-se na estrada o galope de um cavallo, Raul correu á janella.

Era Grimaud que corria pelo caminho de Pariz. Saudou o visconde agitando o seu chapeu e desappareceu á esquina da rua.

Andando, Grimaud reflectiu duas coisas: a primeira é que pelo modo com que ia, o seu cavallo não andaria dez leguas

A segunda, é que não tinha dinheiro.

Mas Grimaud tinha a imaginação tanto mais fecunda quanto fallava de menos.

Na primeira estação que encontrou vendeu o seu cavallo, e com o dinheiro d'elle tomou a posta.

XXVI

A vespera da batalha

Raul foi distraido das suas sombrias reflexões pelo estalajadeiro que entrou precipitadamente no quarto em que acabara de se passar a scena que contamos; gritando: Os hespanhoes! os hespanhoes!

Este grito era bastante grave para que toda a preoccupação cedesse á que elle devia causar. Os jovens pediram algumas informações e souberam que o inimigo avançava effectivamente por Holtdain e Bethune.

Em quanto o senhor d'Arminges dava ordens para que os cavallos, que se refrescassem, se pozessem em estado de partir, os dois jovens subiram ás mais altas janellas da casa, que dominava os arredores, e viram effectivamente apparecer pelo lado de Mersin e de Lens um numeroso corpo de infanteria e de cavallaria. D'esta vez já não era uma tropa errante de guerrilheiros, era todo um exercito.

Não havia por tanto outro meio a tomar senão seguir as sabias instrucções do senhor d'Arminges e de retirar.

Os jovens desceram com rapidez. O senhor d'Arminges estava já a cavallo. Olivain agarrava pela redea as duas cavalgaduras dos jovens, e os lacaios do conde de Guiche guardavam cuidadosamente entre elles o prisioneiro hespanhol montado n'uma faca comprada de proposito. Para maior precaução levava as mãos presas.

A comitiva tomou o caminho de Cambrin, em que esperavam encontrar o principe, mas elle já lá não estava desde a vespera e retirara-se para La Bassée, porque tinha recebido uma falsa noticia que o inimigo devia passar o Lys em Estaire.

Com effeito, enganado por estas noticias, o principe retirara as suas tropas de Bethune, concentrára todas as suas forças entre Vieille-Chapelle e La Venthie, e elle mesmo, depois de ter passado uma revista a todo o exercito com o marechal de Grammont, acabava de entrar e de sentar-se á mesa, interrogando os officiaes que estavam assentados junto d'élle a respeito das instrucções de que encarregara cada

um d'elles: mas nenhum sabia noticias positivas. O exercito inimigo tinha desapparecido havia quarenta e oito horas.

Ora, nunca exercito inimigo está tão proximo e por consequencia tão ameaçador, como quando desappareceu completamente.

O principe estava pois irritado e pensativo contra o seu costume quando entrou um official de serviço e annunciou ao marechal de Grammont que alguem procurava fallar-lhe.

O duque de Grammont com um olhar alcançou do principe a permissão de sair.

O principe seguiu-o com os olhos, que ficaram fixos na porta, não ousando ninguem fallar, com medo de o distrair da sua preoccupação.

De repente ouviu-se um ruido surdo, o principe levantou-se estendendo a mão para o lado d'onde viera. Este ruido era-lhe bem conhecido, era o do canhão.

Todos se levantaram como elle.

N'este momento tornou-se a abrir a porta.

—Senhor, disse o marechal de Grammont radiante de alegria. Vossa Alteza permitte que meu filho o conde de Guiche, e seu companheiro de viagem, o visconde de Bragelonne, lhe deem noticias do inimigo que nós procuramos, e que elles acharam?

—Como! disse apressadamente o principe, se o premitto! não sómente o permitto, mas até o desejo. Que entrem.

O marechal conduziu os dois jovens.

—Fallem, senhores, disse o principe saudando-os, fallem primeiro, depois faremos os cumprimentos do costume. O mais urgente para nós agora é saber onde está o inimigo e o que faz.

O conde de Guiche era quem naturalmente devia fallar, não só porque era o mais velho dos dois jovens, mas porque fôra apresentado ao principe por seu pae. He mais conhecia já de ha muito o principe que Raul via agora pela primeira vez.

Contou por tanto ao principe o que viram da estalagem de Mazingarbe.

Durante este tempo, Raul fixava o joven general já tão

celebre pelas batalhas de Rocroy, de Fribourg e de Nortlingen.

Luiz de Bourbon, principe de Condé, que depois da morte de Henrique de Bourbon, seu pae, chamavam por abreviação e segundo o costume da época.

O principe era um joven apenas de vinte e seis a vinte e sete annos, de olhar de aguia *agl' occhi grifani*, como disse Dante, de nariz recurvado, de cabellos compridos e annelados, de talhe mediano, mas bem feito, com todas as qualidades de um grande cabo de guerra, isto é uma vista perspicaz, rapida decisão, coragem fabulosa, o que não impedia de ser ao mesmo tempo homem elegante e espirituoso, de modo que além da revolução que causara na guerra pelas novas reformas que n'ella introduzira, tambem fizera revolução em Pariz entre os jovens cortezãos de quem elle era o chefe natural, e que em opposição aos elegantes da antiga côrte, de que Bassompierre, Bellegarde e o duque d'Angouleme tinham sido os modelos, chamavam petimetres.

—A's primeiras palavras do conde de Guiche e á direcção d'onde vinham os tiros, o principe comprehendera tudo. O inimigo devia ter passado o Lys em Saint-Venant e marchava sobre Lens, sem duvida com a intenção de se apossar d'esta cidade e separar o exercito francez da França.

Este canhão que se ouvia, cujas detonações dominavam de tempos a tempos as outras, eram peças de grosso calibre que respondiam ao canhão hespanhol e loreno.

Mas de que força constava este exercito? Seria um corpo destinado a fazer uma simples diversão? seria o exercito inteiro?

Era a ultima pergunta do principe, a qual era impossivel a de Guiche responder.

Ora, como era a mais importante, tambem era aquella á qual o principe desejaria uma resposta exacta, precisa, e positiva.

Raul venceu então o sentimento bem natural da timidez que apesar seu, sentia apoderar-se d'elle á vista do principe, e aproximando-se d'elle:

—Vossa alteza permitte-me que diga a este respeito al-

gumas palavras que o tirarão decerto d'esse embaraço, disse elle.

O principe voltou-se e pareceu correr com um só olhar todo o joven; porém ao reconhecer uma creança de apenas quinze annos, sorriu-se.

—Sem duvida, senhor, falle, disse elle adoçando a sua voz breve e accentuada, como, se se tivesse dirigido a uma mulher.

—Senhor, respondeu Raul córando, poderia interrogar o prisioneiro hespanhol.

—Fizestes um prisioneiro hespanhol? exclamou o principe.

—Sim, senhor.

—Ah! é verdade, disse de Guiche, tinha-o esquecido.

—E' muito simples, fostes tu que o fizestes prisioneiro, conde, disse Raul sorrindo.

O velho marechal voltou-se para o visconde, reconhecido por este elogio feito a seu filho, emquanto o principe exclamava:

—O joven tem rasão, que tragam immediatamente o prisioneiro.

Entretanto o principe tomou de Guiche á parte e o interrogou do modo porque tinha prendido o prisioneiro, e perguntou-lhe quem era aquelle joven.

—Senhor, disse o principe tornando para Raul, sei que tens uma carta de minha irmã, a senhora de Longueville, mas vejo que antes preferes recommendar-te dando um bom conselho.

—Senhor, disse Raul córando, não quiz interromper vossa alteza n'uma conversação tão importante como a que principiou com o senhor conde.

—Bem, disse o principe, dar-m'a-heis mais tarde. Alli está o prisioneiro, cuidemos agora no mais urgente.

Com effeito, veiu á presença do principe o preso. Era um d'esses *condotieri* como ainda existiam n'esta época, vendendo o seu sangue a quem lh'o queria comprar e envelhecido na astucia e na pilhagem. D'esde que fôra preso não pronunciara nem uma palavra, de sorte que aquelles mesmos que o tinham prendido não sabiam a que nação pertencia.

O principe fixou-o com um olhar de indezivel desconfiança.

—De que nação és? perguntou elle.

O prisioneiro respondeu algumas palavras em lingua estrangeira.

—Ah! ah! parece que é hespanhol. Fallas hespanhol, Grimaud?

—Muito pouco, senhor.

—E eu nada; redarguiu o principe rindo, senhores, continuou elle voltando-se para os que o rodeavam, ha entre os senhores algum que falle hespanhol e que queira servir-me de interprete?

—Eu, senhor, disse Raul.

—Ah! falla hespanhol?

—Julgo que sufficiente para executar as ordens de vossa alteza n'esta occasião.

Durante todo este tempo o prisioneiro estava impassivel e como se não comprehendesse nada absolutamente do que se tratava.

—Sua alteza pergunta-lhe de que nação é, disse o joven no mais puro castelhano.

—*Ich bin cin Deutcher*, respondeu o prisioneiro.

—Que diabo diz elle? perguntou o principe, e que nova algaravia é aquella?

—Diz que é allemão, senhor, respondeu Raul, comtudo duvido, por que o seu accento é mau e a pronuucia defeituosa.

—Então tambem fallas allemão? perguntou o principe.

—Sim, senhor, respondeu Raul.

—Sufficiente para o interrogar n'essa lingua?

—Sim, senhor.

—Interroga-o então.

Raul começou o interrogatorio, mas ficou ainda mais firme na sua opinião. O prisioneiro não entendia ou fingia não entender o que Raul lhe dizia, e Raul do seu lado, comprehendia mal as suas respostas misturadas de flamengo e alsacio.

Comtudo no meio de todos os esforços do prisioneiro pa-

ra illudir um interrogatorio em regra, Raul conheceu o accento natural d'este homem.

«Non siete spagnuolo,» disse elle, «non siete tedesco, siete italiano.»

O prisioneiro fez um movimento e mordeu os beiços.

—Ah! essa, entendo eu perfeitamente, disse o principe de Condé, e visto que é italiano, continuarei o interrogatorio.

—Obrigado, visconde, continuou o principe rindo, noeio-o desde este momento meu interprete.

Mas o preso não estava mais disposto a responder em italiano que nas outras linguas; o que elle queria, era illudir as perguntas. Por isso não sabia nada, nem o numero do inimigo, nem os nomes dos que o commandavam, nem a intenção da marcha do exercito.

—Muito bem, disse o principe que comprehendeu as causas d'esta ignorancia, este homem foi preso roubando e assassinando; teria podido livrar-se da morte se fallasse, não o quer, leve-o e passe-o pelas armas.

O prisioneiro empallideceu, os soldados, que o conduziam agarraram-lhe cada um por um braço e levaram-n'o para a porta, em quanto que o principe, voltando-se para o marechal de Grammont, parecia ter já esquecido a ordem que dera.

Tendo chegado ao limiar da porta, o prisioneiro parou; os soldados, que só sabiam a sua ordem, quizeram obrigal-o a continuar.

—Um instante, disse o prisioneiro em francez, estou prompto a fallar.

—Ah! ah! disse o principe rindo, bem sabia que acabariamos por isso. E' um admiravel segredo para soltar as linguas; jovens aprendei-o para o tempo em que commandarem.

—Mas com a condição, continuou o preso, que vossa alteza me jurará que tenho a vida salva.

—Palavra de cavalheiro, disse o principe.

—Então, interrogue, senhor.

—Por onde passou o exercito de Lys?

—Entre Saint-Venant-Aire.

—Por quem é commandado?

—Pelo conde de Fuonsaldagna, pelo general Beck e pelo mesmo archiduque.

—De quantos homens se compõe?

—De 18:000 e de 36 peças de canhão:

—E para onde marcha?

—Para Lens.

—Ouvis, senhores! disse o principe voltando-se com um ar de triumpho para o marechal de Grammont e os outros officiaes.

—Sim, senhor, disse o marechal, adivinhastes tudo o que é possivel ao genio humano adivinhar.

—Chamem Le Plessis, Bellevre, Villequier e d'Erlac, disse o principe, chamem todas as forças que estão para os do Lys, que estejam promptas a marchar esta noite; segundo toda a probabilidade, ámanhã attacaremos o inimigo.

—Mas, senhor, disse o marechal de Grammont, pensa que reunindo todas as forças desponiveis, apenas completaremos o numero de 13:000 homens.

—Senhor marechal, disse o principe com esse admiravel olhar que só a elle pertencia, é com os pequenos exercitos que se ganham as grandes batalhas.

Depois, voltando-se para o preso:

—Que levem este homem, e que o guardem á vista: a sua vida responde pelas noticias que nos deu; se forem verdadeiras, ficará livre: se forem falsas, fuzilar-se-ha.

Levaram o prisioneiro.

—Conde de Guiche, replicou o principe, ha muito tempo que não viu seu pae, fique com elle, senhor, continuou elle dirigindo-se a Raul, se não está fatigado, siga-me.

—Até ao fim do mundo, senhor, exclamou Raul, experimentando por este joven general, que lhe parecia tão digno da sua fama, um enthusiasmo desconhecido.

O principe sorriu despresava os aduladores, mas estimava muito os enthusiastas.

—Vamos, senhor, disse elle, é bom para aconselhar, como já o experimentamos; ámanhã veremos como é para a acção.

—E eu, senhor disse o marechal, que farei?

—Fique para receber as tropas; ou eu mesmo virei buscal-as, ou mandarei um correio para que m'as levem, Vinte guardas dos mais bem montados, é o que preciso para a minha escolta.

—E' muito pouco, redarguiu o marechal.

—E' bastante, replicou o principe. Tem um cavallo bom, senhor de Bragelonne?

—O meu foi morto esta manhã, senhor, e morto provisoriamente o do meu criado.

—Pedi e escolhei nas minhas cavallariças o que lhe convier. Nada de falsa modestia, tome o cavallo que melhor lhe parecer. Talvez que esta tarde necessite d'elle, e ámanhã com certesa.

Raul não fez com que lh'o dissessem duas vezes, sabia que com os superiores, e principalmente quando esses superiores são principes, a melhor civilidade é obedecer de prompto e sem observações; desceu ás cavallariças, escolheu um cavallo de côr amarello-alvacento, sellou-o, poz-lhe elle mesmo o freio, porque Athos lhe recommendava que no momento de perigo não confiasse estes importantes cuidados a ninguem, e veio ter com o principe que, n'este momento, montava a cavallo.

—Senhor, disse elle a Raul, quer agora dar-me a carta de que é portador.

Raul apresentou a carta ao principe.

—Fique ao pé de mim, disse o principe.

Então picou o seu cavallo, prendeu as redeas ao arção da sella como costumava fazer quando queria ter as mãos livres, abria a carta da senhora de Longueville, e partiu a galope pela estrada de Lens, acompanhado de Raul e seguido da sua escolta, em quanto que os ajudantes de ordens que deviam chamar as tropas, partiam tambem a toda a pressa em direcções oppostas.

O principe lia ao mesmo tempo que corria.

—Senhor, disse elle depois de um momento, dizem-me o melhor possivel do senhor; não tenho senão uma cousa a dizer-lhe, é, que segundo o pouco que vi e ouvi, penso ainda melhor do que me dizem.

Raul inclinou-se.

Com tudo, a cada passo que davam para Lens, os tiros do canhão soavam mais proximos. O olhar do principe estava fixo no logar d'onde vinha este ruido, como de uma ave de rapina. Dir-se-ia que elle tinha o poder de vêr por entre as cortinas das arvores que se estendiam diante d'elle, e que limitavam o horisonte.

Em fim ouviu-se o canhão tão perto que era evidente que já não estavam a mais de uma legua do campo de batalha. Com effeito ao voltar do caminho, descobriram a aldeiasinha d'Aunay.

Os camponezes estavam n'uma grande confuzão; a fama das crueldades dos hespanhoes tinha-se espalhado e assustava a todos; as mulheres já tinham fugido, retirando-se para Vitry; estavam só alguns homens.

A' vista do principe sairam-lhe ao encontro; um d'elles reconheceu-o.

—Ah! senhor, disse elle, vem expulsar todos estes marotos de hespanhoes, e estes ladrões de Lorenos?

—Sim, disse o principe, se me queres servir de guia.

—De todo o coração, senhor: onde quer vossa alteza que eu o conduza?

—A algum logar elevado, d'onde se possa descobrir Lens e os seus arredores.

—N'esse caso, estou ao seu dispôr.

—Posso fiar-me em ti, és bem francez?

—Sou um velho soldado de Recroy, senhor.

—Toma, disse o principe dando-lhe a sua bolsa, aqui tens por Rocroy. Queres um cavallo, ou preferes ir a pé?

—A pé, senhor, a pé, sempre servi na infanteria. Demais, conto fazer passar a vossa alteza por caminho em que lhe será necessario apear-se.

—Então, vem, e não percamos tempo.

O camponez partiu, correndo diante do cavallo do principe; a cem passos da aldeia, tomou por um atalho. Durante meia hora, marcharam assim n'um campo de arvores, os tiros eram já tão proximos, que parecia ouvir-se osibillar das ballas.

Tomaram finalmente por outro atalho pelo qual começaram de subir o flanco da montanha.

O principe apeou-se, ordenou a um seu ajudante de campo e a Raul que fizessem o mesmo, e aos outros que esperassem, recommendando-lhe de estarem álerta ; entretanto subia elle.

No fim de dez minutos chegaram ás ruinas de um velho castello ; aquellas ruinas coroavam o cume de uma collina, do alto da qual se dominavam todos os arredores. Divisava-se d'alli Lens, a distancia de um quarto de legua apenas, e em frente de Lens, todo o exercito inimigo.

Com um só lance de vista o principe abraçou a extenção que descubria com os olhos de Lens até Vimy. Todo o plano da batalha que devia no dia seguinte salvar a França pela segunda vez de uma invasão fôra, n'um instante, delineado em seu espirito. Agarrou n'um lapis, rasgou uma folha do seu livro de lembrança, escreveu :

Meu caro marechal.

Em uma hora Lens estará em poder do inimigo. Venha ter comigo ; traga todo o exercito. Estarei em Vendin para lhe fazer tomar posição. A'manhã teremos recuperado Lens, e batido o inimigo. »

Vá, senhor, disse elle, voltando-se para Raul, parti a toda a pressa. entregue esta carta ao senhor de Grammont.

Raul inclinou-se, pegou no papel, desceu rapidamente o monte, saltou sobre o cavallo e partiu a galope.

Um quarto de hora depois estava junto do marechal.

Uma parte das tropas tinha já chegado, e esperava-se de momento para momento o resto.

O marechal de Grammont poz-se á testa de tudo o que tinha disponivel de infanteria e cavallaria, tomou a estrada de Vendin, deixando o duque de Chatillon para esperar e conduzir o resto.

Toda a artilheria estava prompta para partir, e poz-se em marcha no mesmo momento.

Eram sete horas da tarde quando o marechal chegou ao logar convencionado.

O principe esperava-o. Como o previra, Lens caira em poder do inimigo quasi logo depois da partida de Raul. A

cessão do fogo tinha tambem annunciado este acontecimento.

Esperavam pela noite. A' medida que mais anoutecia, as tropas chamadas pelo principe chegavam successivamente. Tinha-se ordenado que nenhuma d'ellas tocasse tambor nem trombeta.

A's nove horas, era já noite fechada. Comtudo ainda um ultimo crepusculo esclarecia a planicie. Pozeram-se em marcha silenciosamente, indo o principe á testa do exercito.

Tendo passado para além de Aunay, descobriram Lens; duas ou tres casas estavam a arder, e um surdo rumor, que indicava a agonia de uma cidade tomada de assalto, chegava a seus ouvidos.

O principe indicou a cada um o seu posto: o marechal de Grammont devia ficar na ala esquerda, e inclinar-se para Mericout; o duque de Chatillon formava o centro; finalmente o principe, que commandava a ala direita, estava em frente de Aunay.

A ordem de batalha do dia seguinte devia ser a mesma que a das posições da vespera. Cada um, quando acordasse, se acharia no logar em que devia manobrar.

As manobras foram executadas no mais profundo silencio e com a maior pressa. A's dez horas todos estavam nos seus postos; ás dez e meia o principe percorreu-os, e deu a ordem do dia seguinte.

Tres coisas foram recommendadas com mais especialidade a todos os chefes, que deviam fazer com que os soldados as observassem escrupulosamente. A primeira, que os differentes corpos marchariam sempre em ordem, para que a cavallaria e infanteria estivessem sempre na mesma linha, e que guardasse cada um os seus intervallos.

A segunda, que não carregassem senão a passo.

A terceira de deixar atirar primeiro o inimigo:

O principe deu o conde de Guiche a seu pae, e ficou com Bragelonne; mas os dois jovens pediram licença para passarem juntos a noite, o que lhes foi concedido.

Armaram uma tenda para elles junto da do marechal. Ainda que estivessem cançados da jornada, nenhum d'elles tinha necessidade de dormir.

Demais, é uma coisa grave e respeitavel, mesmo para os velhos soldados, a vespera de uma batalha; muito mais para dois jovens que iam vêr este terrivel espectaculo pela primeira vez.

Na vespera de uma batalha, pensa-se em mil coisas, que até então se tinham esquecido, e que nos veem á lembrança. Na vespera de uma batalha, os indifferentes tornam-se amigos, os amigos tornam-se irmãos,

Escusado é dizer que se no fundo do coração existe algum sentimento mais terno, esse sentimento sóbe naturalmente ao mais alto grau de exaltação a que é possivel.

E' necessario crêr que ambos estes joveus experimentavam um sentimento semilhante, porque, passado pouco tempo, cada um se sentou a uma extremidade da tenda, e se poz a escrever nos joelhos.

As cartas foram longas; as quatro paginas encheram-se successivamente de letras finas, e chegadas umas ás outras. De tempos a tempos os dois jovens olhavam-se sorrindo. Comprehendiam se sem nada dizer, porque estas duas organisações elegantes e sympathicas eram feitas para se entenderem sem fallar.

Acabadas as cartas, cada um fechou a sua com duas capas, de maneira que ningupm podia lêr o nome da pessoa a quem era dirigida, senão rasgando a primeira; depois aproximaram-se ambos um do outro, e trocaram as suas cartas sorrindo.

—Se me acontecer alguma desgraça, disse Bragelonne.

—Se eu fôr morto, disse de Guiche.

Depois abraçaram-se como dois irmãos, embrulhou-se cada um na sua capa, e dormiram com esse somno infantil e gracioso de que gozam os passaros, as flôres e as creanças.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

	Pag.
I—Phantasma de Richelieu	3
II—Uma ronda nocturna	13
III—Dois inimigos antigos	22
IV—Anna de Austria aos quarenta e seis annos	38
V—Gascão e italiano	48
VI—D'Artagnan aos quarenta annos	55
VII—D'Artagnan vê-se atrapalhado, mas acode-lhe um dos nossos antigos conhecimentos	61
VIII—Das differentes influencias que meia pistola pode ter em um maceiro e em um menino do coro.	70
IX—De que modo d'Artagnan, procurando Aramis longe, depara com elle montado na garupa atraz de Planchet	78
X—O abbade d'Herblay	87
XI—Os dois Gaspares	95
XII—O senhor Porthos du Vallon de Bracieux de Pierrefonds	106
XIII—Como d'Artagnan, ao vêr Porthos, conheceu que a fortuna não é que dá a felicidade	112
XIV—Onde se mostra que, se Porthos estava descontente do seu estado, Mousqueton estava muito contente com o seu	121
XV—Duas cabeças de Anjo	128
XVI—O palacio de Bragelonne	137
XVII—A diplomacia de Athos	146
XVIII—O senhor de Beaufort	157
XIX—Grimaud entra em funcções	174
XX—O que continham os pastéis do successor do tio Marteau	187
XXI—Uma aventura de Maria Michon	198
XXII—O abbade Scarron	213

XXIII—S. Diniz..... 229
XXIV—Um dos quarenta meios de evasão do senhor de Beaufort..... 238
XXV—D'Artagnan chega a proposito..... 249
XXVI—A estrada..... 259
XXVII—Encontro..... 266
XXVIII—Quatro antigos amigos preparam-se para uma entrevista..... 276
XXIX—A Praça Real..... 285
XXX—A barca d'Oise..... 291
XXXI—A escaramuça..... 301
XXXII—O monge..... 307
XXXIII—Grimaud falla..... 325

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Pag.

1.ª—...e beijou a mão da senhora de Chevreuse 4

2.ª—...La Ramée sentiu a folha do punhal..... 246

BIBLIOTHECA ALEXANDRE DUMAS

VINTE ANNOS DEPOIS

POR

M. ALEXANDRE DUMAS

(Traducção de Gastão da Fonseca)

VOL. II

ESCRIPTORIO DA EMPREZA
19 — RUA DO CARVALHO — 19
LISBOA

Typ. do *Diario Illustrado*, travessa da Boa Hora, 63—**Lisboa**

VINTE ANNOS DEPOIS

I

Um jantar de outr'ora

A segunda entrevista dos antigos mosqueteiros não foi pomposa e ameaçadora como a primeira. Athos, com a sua razão sempre superior, julgara que a mesa seria o centro de reunião mais rapido e completo, e quando os seus amigos, receiando a sua distincção e sobriedade, não ousavam fallar de um d'esses bons jantares de outr'ora, comidos ou no Pomme du Pin, ou no Parpaillot, propoz elle que se reunissem em torno de uma mesa variada e abundante, onde cada um se abandonasse sem reserva ao seu caracter e maneiras, abandono que tinha conservado aquella boa intelligencia que os fizera appellidar outr'ora—Os inseparaveis.»

A proposta foi agradavel a todos, e principalmente a d'Artagnan, que estava avido de encontrar o bom gosto e alegria dos divertimentos da sua mocidade, pois havia muito tempo que o espirito fino e folgasão não encontrára senão satisfações insufficientes, um vil pasto, como elle mesmo o dizia. Porthos, proximo a ser barão, estava contentissimo por achar essa occasião de estudar em Athos e Aramis linguagem e maneiras de pessoas da alta sociedade. Aramis queria sa-

ber noticias do palacio real por d'Artagnan e Porthos, e dispor para todas as occasiões d'estes amigos tão affeiçoados, que em outro tempo sustentavam as suas disputas com espadas tão promptas e invenciveis.

Athos era o unico que nada esperava, nem pretendia receber dos astros, e que não foi movido senão por um sentimento de grandeza simples e amisade pura.

Convieram então que cada um diria a sua morada, e que á falta da reunião seria convocada para uma famosa casa de pasto na rua de La Monuaie, com a taboleta de Solidão. A primeira entrevista foi fixada para a quarta feira seguinte ás oito horas da tarde em ponto.

Com effeito n'este dia, os quatro amigos chegaram pontualmente á hora convencionada, e cada um de seu lado. Porthos acabava de experimentar em novo cavallo; d'Artagnan de render a sua guarda no Louvre, Aramis de visitar uma das suas penitentes no bairro, e Athos saia de sua casa que estabelecera na rua Guenegaud. Ficaram por tanto muito surprehendidos de se encontrarem á porta da Solidão. Athos desembocando de Ponte Nova, Porthos da rua do Roule, d'Artagnan da rua dos Fossés Saint Germain Axenrrois, Aramis da rua de Béthisy.

As primeiras palavras trocadas pelos quatro amigos, mesmo pela effectação que empregaram nas suas demonstrações foram um pouco forçadas, e o festim começou mesmo com alguma frieza. Via-se que d'Artaguan fazia esforços para se rir, Athos por beber, Aramis por contar, Porthos por se calar. Athos viu este embaraço, e ordenou para lhe dar um prompto remedio, de trazer quatro garrafas de Champegne,

A esta ordem dada com o socego costumado de Athos, viu-se desenrugar a fronte do gascão, e serenar-se a de Porthos.

Aramis ficou espantado. Não só sabia que Athos já não bebia, mas tambem que experimentava uma certa repugnancia pelo vinho.

Este espanto redobrou quando Aramis viu Athos beber copo sobre copo e com o seu antigo enthusiasmo. D'Artagnan enche e despejou tambem o seu copo; Porthos e Aramis tocaram com os seus. N'um momento ficaram vasias as qua-



Vinte annos depois 1.ª estampa, 2.º vol.

O PRINCEPE DE CONTI

tro garrafas. Dir-se-ia que os convivas tinham pressa de se divorciar com os seus pensamentos.

Este excellente especifico dissipou n'um momento até a menor nuvem que poderia ter ficado no fundo de seus corações. Os quatro amigos pozeram-se a fallar mais alto sem esperar que um acabasse para que o outro começasse e a tomar cada um á mesa o seu modo favorito. Bem depressa, coisa inaudita, Aramis desfez duas agulhetas do seu gibão; Porthos vendo isto, desfez todas as suas.

As batalhas, os longos caminhos, os golpes recebidos e dados foram o primeiro assumpto da conversação. Depois passaram ás lutas surdas sustentadas contra o que agora chamavam o grande cardeal.

—Já basta de elogios feitos aos mortos, disse Aramis rindo, maldigamos agora alguma coisa dos vivos. Quereria fazel-o a Mazarino. E' permittido?

—Sempre, disse d'Artagnan rindo ás gargalhadas, sempre; conte a sua historia, e applaudil-a-hei se fôr digna d'isso.

—Um grande principe, disse Aramis, cuja amisade Mazarino procurava, foi convidado por este a enviar-lhe a lista das condições mediante as quaes elle queria fazer-lhe a honra de concordar com elle. O principe que sentia alguma repuguancia em tratar com um semilhante pedante, fez a sua lista contra vontade e mandou-lh'a. N'esta lista havia tres condições que desagradavam a Mazarino, mandou offerecer ao principe dez mil escudos para que renunciasse a ellas.

—Ah! ah! ah! exclamaram os tres amigos, não era caro, não tinha a receiar de ser pegado pela palavra. Que fez o principe?

—O principe mandou immediatamente cincoenta mil francos a Mazarino pedindo-lhe que nunca mais lhe escrevesse, offerecendo-lhe ainda vinte mil se se compromettesse a jámais lhe fallar.

—Que fez Mazarino?

—Zangou-se? disse Athos.

—Mandou dar pauladas nos mensageiros? disse Porthos.

—Acceitou a somma? disse d'Artagnan.

—Adivinhaste, d'Artagnan, disse Aramis.

E todos começaram de soltar tão estrondosas gargalha-

das que o estalajadeiro subiu perguntando se precisavam alguma coisa.

Julgava que estavam batendo.

A hilaridade cessou emfim.

—Póde-se tambem zombar do senhor de Beaufort? perguntou d'Artagnan, desejava-o muito.

—Pois não, disse Aramis que conhecia a fundo este espirito gascão tão fino e tão bravo que não recuava nem um só passo em qualquer terreno que fosse.

—E você Athos? perguntou d'Artagnan.

—Juro-lhe, que se fôr alegre havemos de ri-, respondeu Athos.

—Então começo d'Artagnan; o senhor de Beaufort estando um dia a fallar com um dois amigos do senhor principe, disse-lhe que no tempo das primeiras desentelligencias de Mazarino com o parlamento, tivera um dia uma com o senhor de Chavigny, e que, vendo o affeiçoado ao novo cardeal, elle que dependia do outro de tantos modos o coçava ás direitas.

Este amigo que conhecia o senhor de Beaufort por ter a mão muito ligeira, não deixou de ficar admirado do caso e foi a correr contal-o ao senhor principe. Espalha-se, e eis que todos começam a voltar as costas a Chavigny. Este procura a explicação d'esta frieza geral: hesitam em lh'a dar a conhecer: em fim alguem atreve-se a dizer-lhe que todos se admiram que elle se deixasse coçar pelo senhor de Beaufort, apesar de principe como é.

—E quem disse que o principe me coçou? perguntou Chavigny.

—O mesmo principe, lhe responde o amigo.

Procuram e acham a pessoa com quem o principe estivera conversando, a qual, tendo dado a sua palavra de honra que diria a verdade, o repete e affirma.

Chavigny, desesperado por uma semilhante calumnia de que elle nada comprehendia, declarou a seus amigos que antes morrerá que supportar uma tal injuria. Em consequencia d'isto, manda duas testimunhas ao principe, encarregadas de lhe perguntar se é verdade ter dito que coçara o senhor de Chavigny.

—Digo-o e repito-o, respondeu o principe, porque é verdade.

—Senhor, disse então um dos padrinhos de Chavigny, permitti-me que diga a vossa alteza que pancadas dadas em um fidalgo deshonram tanto quem as dá como quem as recebe. O rei Luiz XIII não queria que os seus camaristas fossem fidalgos para ter o direito de lhes bater.

—Sim, disse o senhor de Beaufort, espantado, quem recebeu pancadas e quem falla em bater?

—O senhor, que pretende ter battido.

—*Em quem?*

—No senhor de Chavigny.

—Eu?

—Não coçastes o senhor de Chavigny, pelo menos, segundo o que dissestes?

—Sim.

—Pois bem! elle nega.

—Ah! sim! disse o principe, pois tanto o cocei que eis as minhas proprias palavras, disse o senhor de Beaufort com toda a magestade que lhe conheceis:

—Meu caro Chavigny, és digno de lastima por recorrer a um semilhante tratante como é aquelle Mazarino?

—Ah! senhor, exclamou o padrinho é caçoar que queres dizer.

—Caçoar e coçar, que differença faz? disse o principe. Não é a mesma coisa? Na verdade, os seus fazedores de palavras são bem pedantes!

Riram-se muito d'este erro philologico do senhor de Beaufort, cujos enganos n'este genero começaram a ser proverbiaes; conveio-se então que, tendo-se exilado para sempre a politica d'estas reuniões amigaveis, d'Artagnan e Porthos poderiam zombar dos principes, com a condição que Athos e Aramis poderiam coçar o Mazarino.

—A fallar a verdade, disse d'Artagnan aos seus dois amigos, tem rasão de lhe querer mal aquelle Mazarino, porque elle tambem, nada de bem lhes deseja.

—Sim? disse Athos se acreditasse que aquelle maroto me conhecia pelo meu nome, desbaptisava-me, com receio de que acreditassem que eu o conhecia.

—Não o conhece pelo seu nome, mas pelas suas acções; sabe que ha dois cavalleiros, que mais particularmente contribuiram para a evasão do senhor do Beaufort, e assevero-lhe que o faz procurar activamente.

—Por quem?

—Por mim.

—Como! pelo senhor.

—Sim, ainda esta manhã me mandou procurar para me perguntar se tinha algumas noticias.

—Dos dois cavalleiros?

—Sim.

—E que lhe respondestes?

—Que ainda as não tinha, mas que jantaria com duas pessoas que talvez mas dessem.

—Respondestes-lhe isso! disse Porthos com o seu grosso riso estampado no seu largo rosto. Bravo! E aquillo não lhe mette medo, Athos!

—Não disse Athos, não são as buscas de Mazarino que eu receio.

—Então disse d'Aramis, diga-me o que temes!

—Pelo menos no presente asseguro-lhe que nada.

—E no passado? disse Porthos.

—Ah! no passado é outra coisa disse Athos com um suspiro, no passado e no futuro.

—Receias alguma coisa da parte do joven Raul? Perguntou Aramis.

—Bom! disse d'Artagnan, nunca se é morto na primeira acção.

—Nem na segunda, disse Aramis.

—Nem na terceira, disse Porthos. De mais quando se é morto, ressuscita-se e a prova é que nós estamos aqui.

—Não, disse Athos, não é Raul que me inquieta, porque espero que se portará como cavalleiro, e se fôr morto, será com bravura; mas, ouvi, se lhe acontecesse alguma desgraça... então...

Athos passou a mão pela sua fronte pallida.

—Então? disse Aramis.

—Então! tomaria essa desgraça por uma expiação.

—Ah! ah! disse d'Artagnan, sei o que queres dizer.

—E eu tambem, disse Aramis, mas é preciso não pensar n'isso, Athos ; o passado é passado.

—Não comprehendo, disse Porthos.

—O negocio de Armentieres, lhe disse baixo d'Artagnan.

—O negocio d'Armentieres? perguntou este.

— Milady...

—Ah! sim, disse Porthos tinha-a esquecido.

Athos fixo-o com o seu olhar profundo.

—Esqueceste-a. Porthos? disse elle.

—Palavra de honra que sim, disse Porthos, ha muito tempo.

—Por tanto não pesa na consciencia?

—Não, disse Porthos.

—E a ti Aramis?

—Penso algumas vezes n'isso, disse Aramis como um caso que tem muito para ser descutido.

—E a ti d'Artagnan?

—Confesso que quando o meu espirito se fixa n'essa época terrivel, não tenho lembrança senão para o corpo gelado d'aquella pobre senhora Bonacieux.

—Sim, sim, murmurou elle, tenho algumas vezes muitas saudades da victima, mas nunca remorsos do seu assassino.

Athos meneou a cabeça com ar de duvida.

—Pensa, disse Aramis, que se admittires a justiça divina e a sua partecipação nas coisas do mundo, aquella mulher foi punida pela vontade de Deus. Nos fomos os seus instrumentos.

—Mas o livre arbitrio, Aramis?

—O que faz o juiz?

—Tem o seu livre arbitrio e condemna sem receio. O que faz o carrasco? E' senhor do seu braço, e com tudo fere sem remorsos.

—O carrasco... murmurou Athos.

—Sei que é assustador, disse d'Artagnan, mas quando penso que matamos inglezes, rochelezes, hespanhoes, e mesmo francezes, que já mais nos tinham feito outro mal além de nos fazerem pontaria e não nos acertarem de crusarem a

sua espada com a nossa, pela minha parte desculpo-me do assassinio d'aquella mulher, palavra de honra.

—Eu, disse Porthos, visto que m'o fizestes lembrar, Athos, lembro-me da scena como se ainda a estivesse vendo: Milady estava onde tu estás (Athos empallideceu: eu estavã no logar em que está d'Artagnan. Eu tinha ao lado uma espada que cortava como uma navalha de barba... bem te lembras d'ella, Aramis, porque lhe chamavas sempre Balizarda? Pois bem, juro a todos tres que se lá não estivesse o carrasco de Bethune... Era o carrasco de Bethune?... Sim, de Bethune?... teria cortado o pescoço áquella scelerada, sem me arrepender, e ainda mesmo que me arrependesse. Era uma mulher ma.

—E demais, disse Aramis com aquelle tom de negligente philosophia que elle tomára desde que pertencia á egreja, e em que havia mais atheismo que confiança em Deus, para que estarmos a pensar n'isso! o que está feito está feito. Nós nos confessaremos d'aquella acção na hora suprema, e Deus saberá melhor que nós se foi um crime, uma falta ou uma acção meritoria. Arrepender-me, me dizes tu; á fé que não. Pela minha honra e pelos Evangelhos, não me arrependo senão porque era mulher.

—O que mais socega em tudo isto, disse d'Artagnan, é que de tudo já nada resta.

—Tinha um filho disse Athos. Ah! sim, bem o sei, disse d'Artagnan, e tu já me fallastes d'elle; mas quem sabe o que será feito d'elle? Morta a serpente morta a raça? Acreditas que de Winter terá educado aquella serpentesiuha? De Winter ha de ter condemnado o filho assim como condemnou a mãe.

—Então, disse Athos, maldicto seja de Winter, porque o filho nada fizera.

—O filho morreu, ou os diabos me levem! disse Porthos.

—Ha tanto nevoeiro n'aquelle terrivel paiz, segundo o que diz d'Artagnan, pelo menos...

No momento em que esta conclusão de Portos ia talvez fazer alegrar todos os semblantes mais ou menos enrugados, ouviu-se um ruido de passos na escada e bateram á porta.

—Entre disse Athos.

—Senhores, disse o estalajadeiro, está alli um rapaz muito apressado que pede para fallar aos senhores.

—A qual? perguntaram os quatro amigos.

—Ao que se chama conde de La Fère.

—Sou eu, disse Athos. E como se chama o rapaz?

—Grimaud.

—Ah! exclamou Athos empallidecendo, já de volta! Que aconteceria a Bragelonne?

—Que entre! disse d'Artagnan, que entre!

Mas já Grimaud tinha subido a escada e esperava á porta; correu para o quarto e despediu o estalajadeiro com um gesto.

O estalajadeiro tornou a fechar a porta; os quatro amigos ficaram em expectação.

—A agitação de Grimaud, a sua pallidez, o suor que corria pelo seu rosto, o pó que cobria os seus fatos, tudo annunciava que elle era mensageiro de alguma noticia importante e terrivel.

—Senhores, disse elle, aquella mulher tinha um filho o filho tornou-se homem; a tigre tinha um tigresinho, o tigre está solto, elle vem para aqui, tome sentido.

Athos olhou para os seus amigos com um sorriso melancolico. Porthos procurou na sua cinta a espada que estava pendurada na parede; Aramis agarrou na sua faca, d'Artagnan levantou-se.

—Que queres dizer, Grimaud? perguntou este ultimo.

—Que o filho de milady deixou a Inglaterra, que está em França, que vem para Paris, se já cá não está.

—Diabo! disse Porthos, estás certo d'isso?

—Certo, disse Grimaud.

Um longo silencio acolheu esta declaração, Grimaud, estava tão cançado que caiu n'uma cadeira.

Athos encheu um copo de vinho de Champanhe e levou-lh'o aos labios.

—Pois bem! disse d'Artagnan, ainda que vivesse ainda que viesse a Paris, já vimos peiores que elle. Que venha!

—Sim, disse Porthos acariciando com o olhar a sua espada suspensa da parede, nós o esperamos: que! Demais não é senão uma creança.

Grimaud levantou-se.

—Uma creança! disse elle, sabes o que ella fez, essa creança? Disfarçado em frade, descobriu toda a historia confessando o carrasco de Bethune, e depois de o ter confessado, depois de ter tudo sabido d'elle, cravou-lhe, como absolvição, este punhal no peito. Vê, está ainda vermelho e humido, porque não ha ainda trinta horas que saiu da ferida.

E Grimaud deitou sobre a meza o punhal que o frade esquecera na ferida do carrasco

D'Artagnan, Porthos e Aramis levantaram-se e por um movimento espontaneo correram ás suas espadas.

Só Athos ficou na sua cadeira socegado e pensando.

—E dizes que está vestido de frade, Grimaud?

—Sim, de frade Agostinho.

—Que estatura tem?

—Da minha altura, segundo o que disse o estalajadeiro, magro, pallido, de olhos azues-claros e cabellos loiros?

—E... não viu Raul? disse Athos.

—Pelo contrario, encontraram-se, e foi o mesmo visconde que o conduziu ao leito do moribundo.

Athos levantou-se sem dizer uma só palavra e foi por sua vez tirar a sua espada da parede.

—Ora esta! senhores, disse d'Artagnan tentando rir, sabem que nos parecemos com umas mulheres! Como é possivel que nós quatro homens, que, sem pestanejar, resistimos a exercitos inteiros, tremamos agora diante de uma creança!

—Sim, disse Athos, mas essa creança vem em nome de Deus.

E sairam apressadamente da estalagem.

II

A carta de Carlos I

Agora é preciso que o leitor passe comnosco o Sena, e nos siga até á porta do convento dos Carmelitas da rua S. Thiago.

São onze horas da manhã, e as piedosas freiras acabam de dizer uma missa pelo bom successo das armas de Carlos I. Ao sair da egreja, uma mulher e uma joven vestidas de preto, uma como viuva, outra como orphã, entraram na sua cella.

A mulher está ajoelhada n'um oratorio de pau pintado, e a alguns passos d'ella a joven, apoiada a uma cadeira, está de pé e chora.

A mulher devia ter sido bella, mas vê-se que as suas lagrimas a tem envelhecido. A joven é formosa, e seus choros ainda mais a inbellesam. A mulher parece ter quarenta annos, a joven quatorze.

—Meu Deus! dizia a supplicante ajoelhada, conserve meu filho, e levae a minha vida tão triste e desgraçada.

—Meu Deus! dizia a joven, conserve-me minha mãe!

—Tua mãe já não póde para ti n'este mundo, Henriqueta, disse, voltando-se, a mulher que orava. Tua mãe, já não tem nem throno, nem esposo, nem filho, nem dinheiro, nem amigos; tua mãe, minha pobre filha, está abandonada por todos.

E a mulher, caindo nos braços de sua filha que se precipitara para a suster, se deixou ella mesma entregar aos soluços.

—Minha mãe, tenha coragem! disse a joven.

—Ah! os reis são desgraçados este anno; disse a mãe apoiando a sua cabeça no hombro da menina, e ninguem pensa em nós n'este paiz, porque cada um pensa nos seus proprios negocios. Em quanto teu irmão esteve comnosco, sustentou-me; mas teu irmão partiu; agora é-lhe impossivel dar noticias suas a mim ou a teu pae. Empenhei as minhas

ultimas joias, vendi os meus fatos e os teus para pagar aos seus criados que o não queriam acompanhar se não fizesse este sacrificio. Agora estamos reduzidas a viver á custa das filhas de Deus.

—Mas porque não se dirige á rainha sua irmã? perguntou a joven.

—Ah! disse a afflicta, a rainha minha irmã já não é rainha, minha filha, e é um outro que reina em seu nome. Um dia comprehenderás isto.

—Então ao rei seu sobrinho. Que que lhe falle? Sabe como me ama, minha mãe.

—Ah! o rei meu sobrinho ainda não é rei, e até elle mesmo como Laporte nos tem dito mais de vinte vezes, até elle mesmo necessita de tudo.

—Então dirijamo-nos a Deus, disse a joven.

E ajoelhou-se junto de sua de mãe.

Estas duas senhoras que oravam assim no mesmo oratorio eram a filha e a neta de Henrique IV, a mulher e a filha de Carlos I.

Acabavam a sua dupla oração quando uma religiosa bateu docemente á porta da cella.

—Entre, minha irmã, disse a mais edosa das duas mulheres limpando as lagrimas e levantando-se.

A religiosa entre abriu respeitosamente a porta.

—Que vossa magestade me perdôe se a perturbo nas suas meditações; disse ella, mas está no locutorio um senhor estrangeiro que chega de Inglaterra, e que pede a honra de apresentar uma carta a vossa magestade.

—Oh! uma carta! uma carta talvez do rei! noticias de teu pae, sem duvida! Ouvis, Henriqueta?

—Sim, senhora, eu ouço e espero.

—E quem é esse senhor?

—Um fidalgo de quarenta e cinco a cincoento annos.

—Seu nome? disse o seu nome?

—Milord de Winter.

—Milord de Winter! exclamou a rainha, o amigo de meu esposo! oh! deixe-o, deixe-o entrar!

E a rainha carreu adiante do mansageiro, em cuja mão ella pegou apressadamente.

Lord de Winter, ao entrar na cella, ajoelhou-se e apresentou á rainha uma carta enrolada n'um estojo de ouro.

—Ah! milord, disse a rainha, traz-nos tres coisas que ha muito tempo não viamos: ouro, um amigo affeiçoado, e uma carta do nosso esposo, e senhor.

De Winter saudou de novo; mas não poude responder, tão profunda era a sua commoção.

—Milord, disse a rainha mostrando a carta, facilmente comprehenderá a pressa que tenho de saber o que contem esse papel.

—Retiro-me, senhora, disse de Winter.

—Não, fique, disse a rainha, leremos diante do senhor.

—Não adivinha que tenho mil perguntas a fazer-lhe?

De Winter recuou alguns passos e ficou em pé e silencioso.

A rainha e sua filha retiraram-se para o vão de uma janella, e liam avidamente, estando a filha apoiada ao braço da mãe, a carta seguinte:

Senhora e cara esposa.

Chegamos em fim ao desfecho. Todos os recursos que Deus me deixou estão concentrados n'este campo de Naseby, donde lhe escrevo á pressa. Aqui espero o exercito dos meus vassallos rebeldes, e vou luctar contra elle mais outra vez. Vencedor, eterniso a lucta; vencido fico perdido completamente. Eu quero, n'este ultimo caso, (ah! quando nos achamos nas circumstancias em que eu me acho, é preciso tudo prevêr, quero tentar ganhar as costas de França. Mas poderão, quererão receber um desgraçado rei, que levará um tão funesto exemplo a um paiz já sublevado pelas discordias civis? A sua sabedoria e amisade me servirão de guia. O portador d'esta carta lhe dirá, senhora, o que eu não posso confiar aos riscos de um accidente. Elle lhe explicará que conducta espero da minha cara esposa.

Encarregue-o tambem da minha benção para meus filhos e de todas as saudades do meu coração para minha cara esposa.»

A carta, em vez de Carlos, rei, estava assignada Carlos ainda rei.»

Esta triste leitura, cujas impressões de Winter seguia no rosto da rainha, fez com tudo transluzir nos seus olhos um raio de esperança.

—Que não seja mais rei! exclamou ella, que seja vencido, exilado, proscripto, mas que viva! Ah! o throno é um posto mais perigoso para que eu deseje que elle o conserve. Mas dizei-me, milord, continuou a rainha, nada me occulte, em que estado está o rei? E a sua posição é tão desesperada como elle o pensa?

—Ah! senhora, mais desesperada ainda que elle o pensa. Sua magestade tem o coração tão bom, que não comprehende o odio; tão leal que não adivinha a traição. A Inglaterra está cheia de um espirito vestiginoso que receio bem não se apagne senão com sangue.

—M s lord Montrose? respondeu a rainha. Tinha ouvido fallar de grandes successos, de batalhas ganhas em Inverlashy, em Auldone, em Alfort e em Kilsyth. Ouvi fallar que marchava para a fronteira para immediatamente se ajuntar ao rei.

—Sim, senhora, mas na fronteira encontrou Lesly. Tinha cançado a victoria á força de empresas sobre-humadas: a victoria abandonou-o. Montrose, batido em Philippaugh, foi obrigado a despedir os restos do seu exercito, e a fugir disfarçado em lacaio. Está em Bergen na Norwega.

—Deus o guarde! disse a rainha. Ao menos é uma consolação saber que os que tantas vezes tem arriscado a sua vida por nós, estão em segurança. E agora que vejo a situação do rei tal qual é, isto é sem remedio, diga-me o que tem a dizer-me da parte do meu real esposo.

—Senhora, disse de Winter, el-rei deseja que faça por penetrar as disposições do rei e da rainha a seu respeito.

—Ah! bem o sabe, respondeu a rainha. El-rei não é ainda senão uma creança, e a rainha é uma mulher, e mesmo bem fraca: o senhor Mazarino é que é tudo.

—Quererá elle então fazer em França o papel que Cromwell representa em Inglaterra?

—Oh! não. E' um italiano astuto e esperto, que talvez medite o crime, mas que jámais ousará pratical-o; e, inteiramente ao contrario de Cromwell. que dispõe das suas ca-

maras, Mazarino não tem por apoio senão a rainha na sua lucta contra o parlamento.

—Ainda mais uma razão para que elle proteja um rei que os parlamentos perseguem.

A rainha meneou a cabeça com amargura.

—Segundo que eu julgo, milord, disse ella, o cardeal não fará nada, ou mesmo talvez será contra nós. A minha presença, e a de minha filha em França já lhe pesam : muito mais, a do rei. Milord, ajuntou Henriqueta sorrindo melancolicamente, é triste e quasi vergonhoso de dizer que passamos o inverno no Louvre sem dinheiro, sem roupa e quasi sem pão, não nos levantando muitas vezes por causa de não termos lume.

—Horror ! exclamou de Winter. A filha de Henrique IV, a mulher do rei Carlos ! Porque não se dirigia, senhora, ao primeiro de nós que viesse ?

—Eis a hospitalidade que dá a uma rainha o ministro a quem el-rei a quer pedir.

—Mas eu ouvi fallar de um casamento entre o senhor principe de Galles e a senhora d'Orleans, disse de Winter.

—Sim, tive por um momento essa esperança. Amavam-se ; mas a rainha, que primeiramente approvara este amor, mudou de parecer ; e o senhor duque d'Orleans, que tinha avivado o começo da sua familiaridade, prohibiu a sua filha que pensasse mais n'esta união. Ah ! milord, continuou, a rainha, sem mesmo cuidar em limpar as lagrimas, mais vale combater como faz el-rei, e morrer como talvez lhe vae acontecer, do que viver mendigando como eu faço.

—Coragem, senhora, disse de Winter, coragem. Não desespereis. Os interesses da corôa de França, tão abalada n'este momento, são de combater a rebellião na nação mais vesinha. Mazarino é homem de estado, e comprehenderá esta necessidade.

—Mas estás certo, disse a rainha com ar de duvido, que não fostes antecipado ?

—Por quem ? perguntou de Winter.

—Pelos Joyce, pelos Pridge, pelos Cromwell.

—Por um alfaiate ! por um carreiro ! por um fabricante

de cerveja! Ah! espero, senhora, que o cardeal não ha de fazer alliança com semilhantes homens.

—Ora! e o que é elle mesmo? perguntou a rainha.

—Mas, pela honra do rei, pela da rainha.

—Vamos, esperamos que faça alguma coisa por essa honra, disse a rainha. Um amigo tem tal eloquencia. milord, que me tranquillisa. Dê-me o braço, e vamos a casa do ministro.

—Senhora, disse de Winter inclinando-se, estou confundido com tal honra,

—Mas emfim, se elle recusasse, disse Henriqueta parando, e se o rei perdesse a batalha?

—Sua magestade se refugiaria então na Hollanda, onde ouvi dizer que estava o senhor principe de Galles.

—E sua magestade poderia contar quando fugisse com muitos servidores como o senhor?

—Ah! não senhora, disse de Winter, mas o caso está previsto. e venho procurar alliados em França.

—Alliados! disse a rainha meneando a cabeça.

—Senhora, respondeu de Winter, ache eu uns antigos amigos de outro tempo, e respondo por tudo.

—Vamos, milord, disse a rainha com essa duvida pugente das pessoas que teem sido desgraçadas por muito tempo, vamos, e Deus o ouça.

A rainha subiu para a sua carroagem, e de Winter a cavallo, seguido de dois lacaios, acompanhou-a á portinhola.

III

A carta de Cromwell

No momento em que a senhora Henriqueta deixava os Carmellitas para ir ao Palacio-Real, apeava-se um cavalleiro

á porta d'esta habitação, e annunciava que tinha coisas a dizer ao cardeal de Mazarino.

Ainda que o cardeal tinha muitas vezes medo, como tinha ainda mais necessidade de avisos e noticias, era bastante accessivel. Não era á primeira porta que se achava a verdadeira difficuldade, a segunda mesmo passava-se facilmente, mas á terceira, além da guarda e porteiro, vigiava o fiel Bernouin, cérbero que nenhuma palavra podia enternecer, que nenhum ramo, de ouro que fosse, podia encantar.

Era portanto á terceira porta que o que sollicitava ou reclamava uma audiencia devia ser interrogado formalmente.

O cavalleiro, tendo deixado o seu cavallo preso a uma das portas do pateo, subio a escadaria, e dirigindo-se aos guardas da primeira sala:

—O senhor cardeal de Mazarino? disse elle.

—Passe, responderam os guardas sem tirarem os olhos, um das cartas, e outros dos dados, e alegres por darem a entender que não era a elles, que cumpria o officio de criados.

O cavalheiro entrou na segunda sala. Esta estava guardada pelos mosqueteiros e porteiros.

O cavalleiro repatiu a sua pergunta.

—Tem uma carta de audiencia? perguntou o porteiro dirigindo-se para o requerente.

—Tenho uma, mas não do cardeal Mazarino.

—Entre e pergunte pelo senhor Bernouin, disse o porteiro.

E abriu a porta da terceira sala.

Fosse por acaso, fosse porque estivesse no seu posto costumado, Bernouin estava em pé atraz d'esta porta e tinha ouvido tudo.

—Sou eu, senhor, quem procura, disse elle. De quem é a carta que traz para sua eminencia?

—Do general Oliveiro Cromwel, disse o recem-chegado, tenha a bondade de dizer este nome a sua eminencia, e vir dizer-me se me quer receber ou não.

E conservou-se de pé na attitude sombria e altiva que é particular aos puritanos.

Bernouin depois de ter passado por toda a pessoa do jo-

ven um olhar inquisitorial, entrou no gabinete do cardeal a quem transmittiu as palavras do mensageiro.

—Um homem portador de uma carta de Oliveiro Cromwell? disse Mazarino, e que qualidade de homem?

—Um verdadeiro inglez, senhor; cabellos louro ruivos, mais ruivos do que louros, olhos azul-pardos, mais pardos que azues; quanto ao resto orgulho e altivez.

—Que dê a sua carta.

—Sua eminencia não verá a carta sem portador respondeu o joven, mas para o convencer que sou realmente portador de uma carta, olhe eil-a.

Bernouin olhou para ella, e vendo que a lettra era realmente de Oliveiro Gromwel, preparou-se a voltar para Mazarino.

—Ajunte, disse o joven, que eu não sou um simples mensageiro, mas um enviado extraordinario.

—Entre senhor, disse elle, passados alguns segundos.

Mazarino tinha necessidade de todas estas idas e voltas para tornar a si da emoção que lhe causara o annuncio d'esta carta; mas por mais prespicaz que fosse o seu espirito, procurava em vão o motivo que podia ter levado Cromwell a ter communicação com elle.

O joven assommou á porta do gabinete: tinha o chapeu n'uma mão e a carta na outra.

—Mazarino levantou-se.

—Tem, senhor, disse elle, uma carta credencial para mim?

—Eil-a, senhor, disse o joven.

Mazarino tomou a carta, abriu-a e leu:

«O senhor Mordaunt, um dos meus secretarios, entregará esta carta de introducção a sua eminencia o cardeal Mazarino, em Paris é portador além d'esta de uma segunda carta confidencial, para sua eminencia.»

Oliveiro Cromwell.

—Muito bem, disse Mazarino, dê-me essa segunda carta e assente-se.

O joven tirou da sua algibeira uma segunda carta, deu-a ao cardeal e assentou-se.

Comtudo, entregue a suas reflexões, o cardeal pegara na carta, e, sem a abrir, virava-a e revirava-a na mão; mas para illudir o mensageiro, pôz-se a interrogal-o segundo o seu costume, convencido como estava, pela experiencia, que poucos homens conseguiriam occultar-lhe alguma coisa quando interrogava e olhava ao mesmo tempo.

—E' bastante joven, senhor Mordaunt, para este escabroso officio de embaixador em que algumas vezes caem os mais velhos diplomatas.

—Senhor, tenho vinte e tres annos; mas vossa eminencia engana-se dizendo-me que sou joven. Tenho mais edade que o senhor, ainda que não tenha a sua sabedoria.

—Como, senhor? disse Mazarino, não o comprehendo.

—Digo, senhor, que os annos de soffrimento valem o dobro, e que ha vinte annos que soffro.

—Ah! sim, comprehendo; redarguiu Mazarino, falta de fortuna; é pobre não é verdade?

Depois ajuntou para si:

—Estes revolucionarios inglezes são inteiramente uns pobretões e farroupilhas.

—Senhor, devia ter uma fortuna de seis milhões; mas tiraram-m'a.

—O senhor não é então um homem do povo? perguntou Mazarino espantado.

—Se trouxesse o meu titulo, seria lord: se trouxesse o meu nome, ouviria um dos nomes mais illustres de Inglaterra.

—Como se chama então? perguntou Mazarino.

—Chamo-me Mordaunt disse o joven inclinando-se.

Mazarino comprehendeu que o enviado de Cromwell desejava guardar o seu incognito.

Calou-se um momento, mas durante este momento fixou-o ainda com mais attenção que da primeira vez.

O joven era impassivel.

—Os diabos levem estes puritanos! disse baixo Mazarino, são de marmore.

—Mas tem parentes, disse elle alto.

—Resta-me um; senhor.

—Então ajuda-o?

—Apresentei-me tres vezes para implorar o seu apoio, e tres vezes me mandou expulsar immediatamente pelos seus criados.

—Oh! meu Deus, meu caro senhor Mordaunt, disse Mazarino, esperando fazer cair o joven em algum laço pela sua falsa piedade, meu Deus! quanto a sua narração me interessa! Não conhece então o seu nascimento?

—Ha pouco tempo que o conheço.

—E até ao momento em que o não conhecia?...

—Considerava-me como um engeitado.

—Então nunca viu a sua mãe?

—Ao contrario, senhor, quando era creança veio vêr-me a casa de minha ama tres vezes; lembro-me da ultima como se fosse hoje.

—Tem boa memoria, disse Mazarino.

—Oh! sim, senhor, disse o joven com um tão singular accento, que o cardeal sentiu correr-lhe calafrios pelas veias.

—E quem o educava? perguntou Mazarino.

—Uma ama franceza, que me pôz na rua quando contava cinco annos, porque ninguem a pagava, nomeando-me esse parente de que muitas vezes minha mãe lhe fallára.

—Que lhe aconteceu então?

—Como chorava e mendigava pelas estradas, um ministro de Kingston me recolheu, instruiu-me na religião calvinista, deu-me toda a sciencia que elle mesmo tinha, ajudou-me nas buscas que fiz da minha familia.

—Essas buscas?

—Foram infructuosas; o acaso fez tudo.

—Descubriu o que era feito de sua mãe.

—Sube que ella fôra assassinada pelo tal meu parente ajudado por quatro de seus amigos, mas eu já sabia que tinha sido desauthorado da nobresa e despojado dos bens pelo rei Carlos I.

—Ah! comprehendo agora porque serve o senhor Cromwell. Odeia el-rei.

—Sim senhor, odei-o! redarguiu o joven.

Mazarino viu com espanto a expressão diabolica com que o joven pronunciou estas palavras: os rostos ordinariamente

tornam-se côr de sangue, o d'elle tornou-se côr de fel e fez-se livido.

A sua historia é terrivel, senhor Mordaunt, e commove-me deveras; mas, por felicidade para o senhor serve um senhor todo poderoso. Ha de o ajudar nas suas indagações. Temos tantas informações, nós outros.

—Senhor, a um bom cão de raça não é preciso senão mostrar uma extremidade da pista para que com certeza chegue á outra.

—Mas quer que falle a esse tal parente? disse Mazarino, que queria ter um amigo junto de Cromwell.

—Obrigado, senhor, eu mesmo lhe fallarei.

—Mas não me disse que o maltratava?

—Tratar-me-ha melhor na primeira vez que eu o vir.

—Tem então algum meio de o enternecer?

—Tenho um meio de me fazer temer.

Mazarino olhava para o joven, mas ao vêr-lhe a expressão do seu olhar abaixou a cabeça, e, embarçado de continuar uma tal conversação, abriu a carta de Cromwell.

Pouco a pouco os olhos do joven se tornaram embaciados e envidraçados como de costume, e caiu n'uma profunda meditação. Depois de ter lido as primeiras linhas, Mazarino lançou por cima um olhar para vêr se Mordaunt espiava a sua physionomia, e notando a sua indifferença:

—Mande tratar os seus negocios, disse elle encolhendo imperceptivelmente os hombros, por pessoas que tratam ao mesmo tempo dos seus! Vejamos o que diz esta carta.

Nós a reproduziremos textualmente:

A sua eminencia o senhor cardeal Mazarino.

«Quiz, senhor, conhecer as suas intenções a respeito dos negocios actuaes da Inglaterra. Os dois reinos estão demasiadamente proximos para que a França se não occupe da nossa situação, como nós nos occupamos da da França.

«Os inglezes são quasi todos unanimes em combater a tyrannia de el-rei Carlos e de seus partidarios. Posto á testa d'este movimento pela confiança publica, apreciei melhor que ninguem a sua natureza e consequencias. Hoje guerreio, e vou dar ao rei Carlos uma batalha decisiva. Ganhal-a-hei,

porque a esperança da nação e espirito do Senhor me acompanham. Ganha ella, o rei já não tem recursos nem na Inglaterra nem na Escocia; e se elle não fôr preso ou morto, tentará passar para França para recrutar soldados e refazer-se de dinheiro e armas.

«A França recebeu a rainha Henriqueta, e, involuntariamente sem duvida, entreteve um foco de guerra civil inextinguivel no meu paiz; mas a senhora Henriqueta é filha de França, e a hospitalidade era-lhe devida. Quanto ao rei Carlos o caso muda de figura: recebendo-o e soccorrendo-o a França desapprovaria os actos do povo inglez, e prejudicaria tão essencialmente a Inglaterra, e principalmente a marcha do governo que ella conta seguir, que um tal acto equivaleria a hostilidades flagrantes...»

N'este momento, Mazarino, muito inquieto pelo novo sentido da carta, cessou de ler, e olhou por cima para o joven.

Continuava meditando.

Mazarino proseguiu:

«E' portanto de grande interesse, eminentissimo senhor, que eu conheça as vistas de França sobre a Inglaterra, para meu governo; os interesses d'estas duas nações, posto que regulados de um modo inteiramente oposto, tocam-se com tudo mais do que se pensa.

«A Inglaterra carece de paz interior para levar ao cabo a expulsão do seu rei, a França carece d'essa mesma tranquillidade para consolidar o throno do joven monarcha. O senhor tem tanta necessidade como nós da paz interior, que nós estamos proximos a realisar, graças á energia do nosso governo.

«As suas discordias com o parlamento, as suas dissenções ruidosas com os principes que hoje combatem a seu favor e ámanhã combaterão contra, a tenacidade popular dirigida pelo coadjuctor, pelo presidente Blancmesnil e pelo conselheiro Brossel; toda essa desordem emfim que percorre os differentes graus do estado deve fazer-me encarar com inquietação a possibilidade de uma guerra estrangeira: por-

que então a Inglaterra, excitada pelo enthusiasmo das novas idéas, faria alliança com a Hespanha, que já a deseja.

«Pensei portanto, senhor, conhecendo a sua prudencia e posição toda particular que hoje lhe dão os acontecimentos, pensei que antes quereria concentrar as suas forças no interior da França, e abandonar ás suas o novo governo de Inglaterra. Esta neutralidade consiste apenas em affastar o rei Carlos do territorio de França, e em não soccorrer nem com dinheiro nem com armas, nem com tropas, aquelle rei inteiramente estrangeiro ao seu paiz.

«A minha carta é portanto toda confidencial, e é por isso que eu vol-a enviu por um homem da minha intima confiança; ella precederá, por um sentimento que apreciará as medidas que tomarei segundo a face que apresentarem os negocios.

«Oliveiro Cromwell pensou que faria melhor em expôr isto a um espirito intelligente como o de Mazarino, do que a uma rainha admiravel sem duvida pela sua firmesa, mas demasiadamente sujeita aos vãos prejuizos do nascimento e do poder divino.

«Adeus, senhor; se não receber resposta d'aqui a quinze dias, julgarei que não recebeu a minha carta.»

Oliveiro Cromwell.

—Senhor, Mordaunt, disse o cardeal levántando a voz como para despertar o pensador, a minha resposta a esta carta será tão satisfactoria para o general Cromwell, que ficarei certo que ignorarão que lh'a dei. Vá portanto esperal-a em Boulogne-sur-Mez, o promettei-me que partirá ámanhã de manhã.

—Eu vol-o prometto, senhor, respondeu Mourdant, mas quantos dias me fará sua eminencia esperar esta resposta?

—Se não a tiver recebido d'aqui a dez dias, póde partir.

Mordaunt inclinou-se.

—Ainda não é tudo, senhor, continuou Mazarino, as suas aventuras particulares interessaram-me muito, e a carta do senhor Cromwell dá-lhe uma grande importancia a meus

olhos como embaixador. Vamos, repito-vol-o, diga, em que lhe posso ser util?

Mordaunt reflectiu um momento, e depois de uma visivel hesitação a abrir a bôca para fallar, quando Bernouin entrou precipitadamente, inclinou-se ao ouvido do cardeal e lhe disse estas palavras em tom baixo:

—Senhor, a rainha Henriqueta acompanhada por um fidalgo inglez entra n'este momento no Palacio Real.

Mazarino deu na cadeira um salto que não escapou ao joven e reprimiu a confidencia que ia sem duvida fazer-lhe.

—Senhor, disse o cardeal, entendeu não é verdade? Fixo-lhe Bolonha porque penso que qualquer cidade de França lhe é indifferente, se prefere outra, diga, mas facilmente comprehende que rodeado como estou de perigos aos quaes não escapo senão com muita circumspecção, desejo que se ignore a sua presença em Paris.

—Eu partirei, senhor, disse Mordaunt dando alguns passos para a porta pela qual entrara.

—Por ahi, não! exclamou apressadamente o cardeal, tenha a bondade de passar por aquella galeria, por onde chegará á porta. Desejo que não o vejam sair, a nossa entrevista deve ficar ignorada.

Mordaunt seguiu Bernouin, que o fez passar para uma salla contigua e deu-lhe por guia um porteiro indicando-lhe uma porta para sair.

Depois tornou para seu amo para introduzir a rainha Henriqueta, que já atravessava a galeria vidraçada.

IV

Mazarino e a rainha Henriqueta

O cardeal levantou-se e foi receber apressadamente a rainha de Inglaterra. Encontrou-a no meio da galeria que precedia o seu gabinete.

Testemunhava tanto mais respeito por esta rainha, sem comitiva e sem ornatos, quanto elle mesmo sentia que tinha algumas censuras a fazer-se pela sua avareza e insensibilidade.

Mas os supplicantes sabem obrigar o seu rosto a tomar todas as expressões que desejam, e a filha de Henrique IV sorria dirigindo-se para aquelle que ella aborrecia e despresava.

—Ah! disse comsigo Mazarino, que meigo rosto! Virá ella para me pedir dinheiro emprestado?

E lançou um olhar inquieto para a fechadura do seu cofre; voltou mesmo para dentro o ingaste do magnifico diamante, cujo brilho attrahia os olhos para a sua mão que afóra isto tinha branca e bella. Desgraçadamente este annel não tinha a virtude do de Gygés, que tornava seu amo invisivel quando fazia o que acabava de fazer Mazarino.

Ora Mazarino teria desejado tornar-se inuisivel n'este momento, porque adivinhava que a senhora Henriqueta vinha pedir-lhe alguma coisa; quando uma rainha que elle tanto tinha maltratado apparecia com o sorriso nos labios em vez de ameaça, vinha sem duvida como supplicante.

—Senhor cardeal, disse a augusta visitadora, tive primeiramente a idéa da fallar do negocio que aqui me traz á rainha minha irmã, mas reflecti que as coisas politicas tocam antes de tudo aos homens.

—Senhora, disse Mazarino, acredite que sua magestade me confunde com essa lisongeira distincção.

—Está muito affavel. pensou a rainha, ter-me-ha elle adivinhado?

Tinha chegado ao gabinete do cardeal.

—Dê, disse elle, depois da rainha estar assentada, as suas ordens ao mais respeitoso dos seus servidores.

—Ah! senhor, respondeu a rainha perdi o costume de dar ordens, e tomei o de fazer supplicas. Venho supplicar-lhe, e muito feliz serei se a minha supplica for attendida.

—Eu a escuto, senhora; disse Mazarino.

—Senhor cardeal, trata-se da guerra que el-rei meu marido sustenta contra os nossos vassallos rebeldes. Ignora talvez que se batem em Inglaterra, continuou a rainha com um

triste sorriso, e que em pouco se baterão de um modo ainda mais decisivo do que até agora teem feito.

—Ignoro-o completamente, senhora, disse o cardeal acompanhando estas palavras com um leve movimento de hombros. Ah! as nossas guerras absorvem o tempo e o espirito a um pobre ministro e doente como eu sou.

—Então senhor cardeal, disse a rainha, dir-lhe-hei que Carlos I, meu esposo, está em vesperas de dar uma acção decisiva. No caso de a perder, Mazarino fez um movimento, é necessario prever tudo; continuou a rainha, no caso de a perder, deseja retirar-se para França e viver como um simples particular. Que diz d'este projecto?

O cardeal escutou-a sem que a mais pequena porção do seu rosto trahisse a impressão que sentia; ao mesmo tempo que escutava o seu sorriso, era como sempre, falso e astuto, e quando a rainha acabou:

—Acredite, senhora, disse elle suavisando mais e mais a voz, que a França agitada e revoltada como está, possa servir de porto seguro para um rei destronado? A coroa já está bem pouco solida na cabeça do rei Luiz XIV como supportaria ella um peso dobrado?

—Esse peso não tem sido muito pesado quanto ao que me diz respeito, interrompeu a rainha com um doloroso sorriso, eu não peço que façam mais por meu esposo do que teem feito por mim. Bem vê que somos reis muito modestos.

—Oh! minha senhora, se apresssou a dizer o cardeal para interromper as explicações que via que ella lhe ia dar, a senhora é outra coisa; uma filha de Henrique IV, d'aquelle grande, d'aquelle sublime rei...

—O que não o impede de recusar a hospitalidade a seu genro, não é assim senhor? Deveria comtudo lembrar-se que aquelle grande, que aquelle sublime rei, proscripto um dia como o vae ser meu marido, foi pedir socorro á Inglaterra e que a Inglaterra lh'o deu; e é certo que a rainha Isabel não era sua sobrinha.

—*Peccato*! disse Mazarino detendo-se á vista d'esta logica tão simples, vossa magestade não me comprehende; interpreta mal as minhas intenções e isso sem duvida porque me explico mal em francez.

—Falle em italiano, senhor: a rainha Maria de Medicis, nossa mãe, ensinou-nos essa lingua antes que o cardeal seu antecessor a mandasse morrer desterrada, se alguns restos existem d'esse grande, d'esse sublime rei Henrique, de que ha pouco fallava devem, espantar-se muito d'essa profunda admiração por elle junta a tão pouca compaixão pela sua familia.

O suor caia em grossas gottas pela fronte de Mazarino

—Essa admiração, ao contrario, é tão grande e tão real, senhora, disse Mazarino sem acceitar o offerecimento que lhe fazia a rainha de mudar de idioma, que se el-rei Carlos I, que Deus defenda de toda e qualquer desgraça! viesse a França, eu lhe offereceria a minha propria casa; mas, ah! seria um retiro pouco seguro. Qualquer dia o povo queimará essa casa, como já queimou a do marechal d'Ancre. Pobre Concino Concini! elle comtudo não queria senão a fortuna de França.

—Sim, senhor, como o senhor, disse ironicamente a rainha.

Mazarino fingiu não comprehender o duplicado sentido da phrase que elle mesmo pronunciara, e continuou a lamentar-se sobre a sorte de Concino Concini.

—Mas emfim, senhor cardeal, disse a rainha impacientada, que me responde?

—Senhora, exclamou Mazarino, cada vez mais enternecido, senhora, vossa magestade permitte-me que lhe dê um conselho? Bem entendido antes de tomar essa ousadia, ajoelho aos pés de vossa magestade prompto a fazer tudo o que lhe agradar.

—Diga, senhor, respondeu a rainha, o conselho de um homem tão prudente como o senhor de certo que ha de ser bom.

—Senhora, a mim parece-me que o rei deve defender-se até á ultima.

—Elle o faz, senhor, e esta ultima batalha que elle vae dar com recursos muito inferiores aos de seus inimigos, prova que não conta render-se sem combater; mas emfim, se for vencido?

—Então, senhora n'esse caso, o meu conselho, sei que seu muito ousado em dar um parecer a vosse magestade, mas o meu conselho é que não deve deixar o reino. Esquecem-se

depressa os reis ausentes: se vem para França a sua causa está perdida.

—Mas então disse a rainha se esse é o seu conselho e se lhe tem verdadeira amisade mande-lhe algum soccorro de homens e dinheiro; porque eu já nada mais posso fazer por elle, vendi para o ajudar até ao meu ultimo diamante. Nada me resta, bem o sabe, melhor que ninguem. Se me restasse alguma joia, teria comprado lenha para me esquecer, a mim e a minha filha, n'este inverno.

—Ah! senhora, disse Mazarino, vossa magestade não sabe o que me pede. No momento em que os estranhos forem soccorrer um rei para o pór no throno, é confessar que já não tem confiança em seus vassallos.

—Vamos ao caso, senhor cardeal, disse a rainha impacientada de seguir este espirito subtil no labyrintho de palavras em que elle se mettia, vamos ao caso e respondei-me se sim ou não: se el-rei presistir ficar em Inglaterra mandar-lhe-heis socorros? Se vier para França dar-lhe-heis hospitalidade?

—Senhora, disse o cardeal affectando maior franquesa, vou mostrar a vossa magestade, quanto lhe sou affeiçoado e o desejo que tenho de terminar um negocio em que tanto interesse tem. Depois do que espero que vossa magestade não duvidará do meu zelo em servil-a.

—A rainha mordia os labios e agitava-se de impaciencia na sua cadeira.

—Então que vae fazer? disse ella por fim, e vejamos, falle.

—Vou no mesmo instante consultar a rainha e depois proporemos ao parlamento.

Com o qual está em guerra, não é verdade? Encarregareis Broussel de ser o relator, Basta, sehhor cardeal, basta. Comprehendo-o, ou antes fiz mal. Vá embora ao parlamento; porque é d'esse parlamento, inimigo dos reis, que vieram para a filha d'aquelle grande, d'aquelle sublime Henrique IV, que tanto admira, os unicos recursos que a teem impedido de morrer de fome este inverno.

E tendo dito isto, a rainha levantou-se com uma magestosa indignação.

O cardeal estendeu para ella suas mãos juntas.

—Ah! senhora, senhora, quanto me conheçe mal, meu Deus!

Mas a rainha Henriqueta, sem mesmo voltar os olhos para o lado d'aquelle que derramava estas hypocritas lagrimas atravessou o gabinete, abriu ella mesma á porta, e no meio dos guardas numerosos da eminencia, de cortezãos diligentes em lhe fazer a côrte, do luxo de uma realesa rival, foi tomar o braço de Winter, só isolado e de pé. Pobre rainha já caida, ante a qual todos ainda se inclinavam por etiqueta, mas que com certeza não tinha senão um braço em que se podesse apoiar.

—E' o mesmo, disse Mazarino quando ficou só, isto costou-me; é um mau papel para representar. Mas não disse nada nem a um nem a outro. Hum! o Cromwell é terrivel expulsador de reis, lastimo os seus ministros se em algum tempo os tomar, Bernouin!

Bernouin entrou.

—Que vejam se o jovem de gibão preto e de cabellos curtos, que depois intruduzistes junto a mim, está ainda no palacio.

Bernouin saiu.

O cardeal occupou o tempo da sua ausencia, em voltar para fóra o ingaste do seu annel, em limpar o diamante, em admirar o brilho, e como uma lagrima lhe briihasse aiuda nos olhos, abanou a cabeça para a fazer cair.

Bernouin entrou com Comminges que estava de guarda.

—Senhor, disse Comminges, quando eu conduzia o joven porque vossa eminencia pergunta, aproximou-se da porta envidraçada, esteve olhando para alguma coisa com espanto, sem duvida o quadro de Raphael, que está em frente da porta. Depois esteve a pensar por um momento, e desceu a escada. Julgo que o vi montar n'um cavallo ruço e sair do pateo. Mas vossa eminencia não vae a casa de sua magestade?

—Para que?

—O senhor de Guittaut, meu tio, acaba de me dizer que sua masgestade recebera noticias do exercito.

—Muito bem, já lá vou.

N'este momento appareceu o senhor de Villequier. Vinha procurar o cardeal da parte da rainha.

Comminges tinha dito a verdade; Mordaunt tinha realmente obrado como elle dissera. Ao atravessar a galeria paralella á grade envidraçada, descobriu de Winter que esperava que a rainha terminasse a sua negociação.

A' vista d'elle o mancebo parou de repente, não admirando o quadro de Raphael, mas como fascinado pela vista de um ojecto terrivel. Seus olhos dilataram-se, e um arrepio lhe cerreu por todas as veias. Dir-se-ia que elle queria escalar a muralha de vidro que o seperaaa de seu inimigo; porque se Comminges visse com que expressão de raiva os olhos d'este joven se fixaram em de Winter, não teria duvidado um momento que este senhor inglez fosse seu mortal inimigo.

Mas parou. Foi para reflectir sem duvida; porque em vez de se deixar arrastar pelo seu primeiro movimento, que era de correr para milord de Winter, desceu lentamente a escada, saiu de palacio cabisbaixo, montou a cavallo, fel-o parar na rua Richelieu; e, com os olhos fixos no portão, esperou que a carroagem da rainha saissse do pateo.

A demora não foi grande, porque a rainha apenas esteve com Mazarino um quarto de hora, mas este quarto de hora para o que a esperava pareceu um seculo. Emfim a pezada machina que então chamavam carroagem saiu, e de Winter, sempre a cavallo, inclinou-se de novo á portinhola para fallar com sua magestade.

Os cavallos partiram a trote, e tomaram o caminho do Louvre onde entraram. Antes de partir do convento das Carmelitas, a senhora Henriqueta tinha dito a sua filha que viesse esperal-a ao palacio que ella habitara por muito tempo e que não deixará senão porque a sua miseria lhes parecia ainda mais pesada do que nas sallas douradas.

Mordaunt seguiu a carroagem, e quando viu entrar debaixo da escada sombria, foi mais seu cavalllo, encostar-se a um muro, sobre o qual se estendia á sombra e ficou immovel no meio das molduras de João Goujon, semilhante a um baixo relevo, representando uma estatua equestre

Esperava como já tinha feito no palacio real.

V

Como os infelizes tomam algumas vezes o acaso pela Providencia

—Então senhora? perguntou de Winter quando a rainha afastou os seus criados.

—Então, o que eu tinha previsto acontece, milord.

—Recusa?

—Não lh'o tinha eu dito?

—O cardeal recusa receber el-rei, a França nega a hospitalidade a um principe desgraçado? é a primeira vez que se vê, senhora!

—Eu não digo a França, milord, disse o cardeal, e o cardeal nem ao menos é francez.

—Mas a rainha viu-a?

—Era inutil; disse a rainha meneando tristemente a cabeça; não é a rainha que jámais dirá sim, quando o cardeal tiver dito não. Ignora que aquelle italiano governa tudo tanto por dentro como por fora? Torno ao que já lhe disse, não ficaria admirada se tivessemos sido anticipados por Cromwell; estava enleado quando me fallava, e comtudo firme em recusar. Demais, notou esta agitação no palacio real, estas idas e vindas de pessoas apressadas! Terão recebido algumas noticias, milord?

—Não de Inglaterra; senhora; fiz tanta diligencia que estou certo de não ter sido prevenido: parti ha tres dias, passei por milagre pelo meio do exercito puritano, tomei a posta com o meu lacaio Tony; e os cavallos que montamos compramol-os em Paris. Demais, estou certo que el-rei nada fará sem receber a resposta de vossa magestade.

—Dir-lhe-heis milord, replicou a rainha desesperada, que nada posso, que tenho soffrido tanto como elle, mais que elle ainda, visto que sou obrigada a comer o pão do exilio, e pedir hospitalidade a falsos amigos que riem das minhas lagrimas, e que quanto á sua real pessoa é necessario que se sacrifique generosamente e morra como rei. Eu irei morrer a seu lado.

—Senhora! senhora! exclamou de Winter, vossa mages-

tade entrega-se ao desalento, quando talvez nos resta ainda alguma esperança.

—Já não temos amigos milord! já não temos amigos em todo o mundo, senão o senhor! O' meu Deus! exclamou a rainha, levantando os olhos para o ceu, já levastes todos os corações generosos que existiam na terra!

—Espero que não, senhora, respondeu de Winter pensando; fallei-lhe de quatro homens.

—Que quer fazer com quatro homens.

—Quatro homens amigos, quatro homens rosulutos a morrer, creia-me, senhora, que podem muito, e aquelles de que eu lhe fallo fizeram muito outr'ora.

—E esses quatro homens onde estão?

—Ah! isso é que eu ignoro. Ha vinte annes que os perdi de vista, e comtudo todas as vezes que vi el-rei em algum perigo pensei n'elles.

—E esses homens eram seus amigos?

—Um d'elles teve a minha vida em suas mãos, e deu-m'a; não sei se elle ficou meu amigo, mas pelo menos, desde esse tempo para cá fiquei eu seu.

—E esses homens estão em França, milord?

—Julgo que sim.

—Sabe os seus nomes; talvez eu os ouvisse nomear, e poderia ajudal-o nas suas indagações.

—Um d'elles chamava-se o cavalleiro d'Artagnan.

—Oh! milord! senão me engano, o cavalleiro d'Artagnan é tenente das guardas, ouvi pronunciar o seu nome; mas, tome sentido, esse homem é inteiramente do cardeal.

—N'esse caso seria uma ultima desgraça, disse de Winter, e começo a crêr que estamos na verdade amaldiçoados.

—Mas os outros, disse a rainha que se agarrava a esta ultima esperança, como o naufrago aos restos do seu navio, os outros, milord.

—O segundo, ouvi o seu nome por acaso, porque antes de se baterem contra nós aquelles quatro cavalleiros, tinham-n'os dito os seus nomes, o segundo chamava-se o conde de La Fére. Quanto aos outros dois, o costume que tinha de os tratar por nomes falsos me fez esquecer os verdadeiros.

—Oh! meu Deus! e era bem urgente encontral-os, visto que pensa que esses dignos cavalleiros podiam ser uteis a el-rei.

—Oh! sim, disse de Winter, porque são os mesmos; escute bem o que lhe vou dizer, senhora, e recorde as suas lembranças; não ouviu contar que a rainha Anna d'Austria fôra antigamente salva do maior perigo que uma rainha jámais correu?

—Sim, dos seus amores com o senhor de Buckingham, e tambem não sei a que proposito, de umas agulhetas de diamantes.

—E' isso, senhora; esses homens foram os que a salvaram, e eu sorri de compaixão ao pensar que os nomes d'esses fidalgos não lhe são conhecidos, é porque a rainha os esqueceu, em quanto que deveria tel-os feito os primeiros senhores do reino.

—Então, milord, é preciso procural-os, mas que poderão fazer quatro homens, ou antes tres? porque repito-lh'o, não deve contar com o senhor d'Artagnan.

—Seria uma valente espada de menos, mas ficariam tres outras sem contar a minha; ora, quatro homens affeiçoados em torno d'el-rei para o guardar de seus inimigos, rodeal-o na batalha, ajudal-o no conselho, seriam bastantes, não para fazerem el-rei vencedor, mas sufficientes para o salvar se fosse vencido, para o ajudar a atravessar o mar, e, apesar do que diz Mazarino, uma vez nas costas de França, seu real esposo achará tantos retiros e asylos, como o passaro do mar acha nas tempestades.

—Procure, milord, procure esses cavalleiros, e se os achar, se consentirem em ir comvosco para a Inglaterra, eu lhes darei a cada um, um ducado no dia em que tornarmos a subir ao throno, e além d'isso tanto ouro quanto fosse necessario para calçar o palacio de Whitehall. Procure, milord, procure.

—Eu procuraria, senhora, disse de Winter, e de certo os acharia, mas falta-me o tempo: esquece-se vossa magestade que o rei espera pela sua resposta e anciosamente.

—Então estamos perdidos! exclamou a rainha com o accento do desespero.

N'este momento abriu-se a porta, appareceu a joven Henriqueta, e a rainha com essa sublime força que é o heroismo das mães, susteve as lagrimas, fazendo signal a de Winter que mudasse de conversação.

Mas esta reacção, tão poderosa como foi, não escapou aos olhos da joven princeza; parou no limiar da porta, deu um suspiro, e dirigindo-se á rainha:

—Porque estás sempre a chorar quando não estou presente, minha mãe? lhe disse ella.

A rainha sarriu-se em vez de responder.

—Veja, de Winter, disse ella, ganhei ao menos uma coisa em ja não ser senão meia rainha, é que meus filhos chamam-me mãe em vez de senhora.

—Que quer Henriqueta, coutinuou ella voltando-se para sua filha.

—Minha mãe, disse a joven princeza, acaba de entrar um cavalleiro no Louvre, e pede apresentar os seus respeitos a vossa magestade; vem do exercito, e tem, segundo diz uma carta para lhe entregar da parte do marechal de Grammont.

—Ah! disse a rainha a de Winter, é um dos meus amigos; mas não nota, meu querido lord, que somos tão pobremente servidas que é minha filha quem faz as funcções de introductora?

—Senhora, tenha piedade de mim, disse de Winter, dilacera-me a alma.

—E quem é esse cavalleiro, Henriqueta? perguntou a rainha.

—Viu pela janella, senhora, é um joven que parece ter apenas dezesseis annos, e a quem chamam o visconde de Bragelone.

A rainha fez sorrindo um signal com a cabeça, a joven princeza abriu a porta e Raul appareceu. Deu tres passos para a rainha e ajoelhou.

—Senhora, disse elle, trago para vossa magestade uma carta do meu amigo, o senhor conde de Guiche, que me disse ter a honra de ser dos seus servidores; esta carta contém uma nova importante e a expressão dos seus respeitos.

Ao nome de conde de Guiche, as faces da joven prince-

za coraram, a rainha olhou para ella com alguma severidade.

—Mas dissestes-me que a carta era do marechal de Grammont, Henriqueta ! disse a rainha.

—Acreditava-o, senhora... balbuciou a joven.

—Foi por minha culpa, disse a rainha annunciei-me effetivamente como vindo da parte do marechal de Grammont; mas foi ferido no braço direito e como não podesse escrever, foi o conde de Guiche quem se offereceu para lhe servir de secretario.

—Bateram-se então? disse a rainha, fazendo signal a Raul de se levantar.

—Sim, senhora, disse o joven entregando a carta a de Winter, que tinha avançado para a receber e que entregou á rainha.

Ao ouvir fallar de uma batalha, a joven princeza abriu a bôca para fazer uma pergunta, que sem duvida interessava muito; mas fechou-a sem pronunciar uma só palavra, em quanto que as côres de suas faces desappareciam gradualmente.

A rainha viu todos estes movimentos, e sem duvida o seu coração maternal os traduziu; porque dirigindo-se de novo a Raul:

—E nada aconteceu ao joven conde de Guiche? perguntou ella; porque não sómente é dos nossos servidores, como elle lhe disse, senhor, mas tambem dos nossos amigos.

—Não, senhora; respondeu Raul, porém ao contrario adquiriu n'este dia uma grande gloria; teve a honra de ser abraçado pelo senhor principe no campo de batalha.

A joven princeza bateu as mãos uma contra a outra: mas vergonhosa de se ter deixado arrastar por uma tal demonstração de alegria, voltou se e inclinou-se para um vaso de flôres como para lhe aspirar o cheiro.

—Vejamos o que nos diz o conde, disse a rainha.

—Tive a honra de dizer a vossa magestade que elle escrevia em nome de seu pae.

—Sim, senhor.

A rainha abriu a carta e leu:

Senhora e rainha

«Não podendo ter a honra de lhe escrever por mão propria, por causa de uma ferida que recebi na mão direita, faço-lhe escrever por meu filho o conde de Guiche, que sabe ser seu servidor como seu pae, para lhe dizer que ganhamos a batalha de Lens, e que esta victoria não póde deixar de dar muito poder ao cardeal Mazarino e á rainha nos negoda Europa.

«Vossa magestade se quizer acreditar no meu conselho, deve aproveitar-se d'este momento para insistir no favor de seu augusto esposo junto do governo de el-rei. O senhor visconde de Bragelonne, que terá a honra de lhe entregar esta carta, é amigo de meu filho, a quem, segundo toda a probabilidade salvou a vida; é um fidalgo em quem vossa magestade póde inteiramente confiar-se, no caso em que tenha alguma ordem verbal ou por escripto a dar-me.

Tenho a honra de ser, senhora, etc.

Marechal de Grammont.

No momento em que se tratou do serviço que elle fez ao conde, Raul não poude deixar de voltar a cabeça para a joven princeza, e então viu traduzir-se-lhe nos olhos uma expressão de infinito reconhecimento para Raul; não havia duvida, a filha de el-rei Carlos amava o seu amigo.

—A batalha de Lens ganha, disse a rainha. Aqui são felizes ganham batalhas! Sim, o marechal de Grammont tem rasão, isto vae mudar a face dos seus negocios; mas receio bem que nada faça aos nossos, senão lhe prejudica. Esta noticia é recente, senhor, continuou a rainha, agradeço-lhe de ter feito tanta diligencia em m'a trazer; sem o senhor, sem esta carta, eu não a teria sabido senão ámanhã, depois de ámanhã talvez, a ultima de Pariz.

—Senhora, disse Raul, o Louvre é o segundo palacio onde esta noticia chegou; ninguem ainda a sabe; e jurei ao senhor conde de Guiche de entregar esta carta a vossa magestade antes mesmo de ter abraçado o meu tutor.

—O seu tutor é um Bragelonne como o senhor? perguntou lord de Winter. Conheci antigamente um Bragelonne, ainda vive?

—Não, senhor, morreu, e é d'elle que o meu tutor, de que, segundo julgo era parente muito proximo, herdou a terra de que trago o nome.

—E como se chama o seu tutor, disse a rainha que não podia deixar de se interessar por este bello e sympathico joven.

—O senhor conde de La Fère, senhora, respondeu o joven inclinando-se.

De Winter fez um movimento de surpresa, a rainha olhou para elle radiante de alegria.

—O senhor conde de La Fère! exclamou ella. Não foi este o nome que disse?

De Winter não podia crer no que ouvira.

—O senhor conde de La Fére! exclamou elle. Oh! senhor, respondei-me, eu lh'o supplico: o conde de La Fère não é um senhor que eu conheci bello e bravo, que foi mosqueteiro de Luiz XIII, e que póde ter agora quarenta e sete a quarenta e oito annos?

—Sim, senhor, é esse exctamente.

—E que serviu debaixo de um nome falso?

—Athos.

—Ouvi ao seu amigo, o senhor d'Artagnan, dar-lhe este nome.

—E' aquelle, senhora, é aquelle. Deus seja louvado! E está em Paris? continuou de Winter dirigindo-se a Raul.

Depois voltando-se para a rainha:

—Espere ainda, espere, lhe disse elle, a Providencia declara-se por nós, visto que faz com que eu ache este bravo fidalgo de um modo tão milagroso. E dizei-me, eu lh'o peço, onde mora.

—O senhor conde de La Fère mora na rua Guénégaud, na hospedaria do Grande Rei Carlos Magno.

—Obrigado, senhor. Preveni esse digno amigo que fique em casa, logo o irei abraçar.

—Obedecerei, senhor, com muito gosto, se sua magestade me permitte ausentar-me.

—Vá, senhor visconde de Bragelonne, disse a rainha, vá, e fique certo da nossa amizade.

Raul inclinou-se respeitosamente diante das duas princezas, saudou de Winter e partiu.

De Winter e a rainha continuaram a fallar por algum tempo em voz baixa, para que a joven princeza não os ouvisse; mas esta precaução era inutil, elle entretinha-se com os seus pensamentos.

—Escute, milord, disse a rainha quando de Winter estava para se despedir, eu conservei esta cruz de diamantes, que minha mãe me deu e esta placa de S. Miguel, que me deu meu esposo; valem pouco mais ou menos cincoenta mil libras. Jurei antes morrer de fome do que desfazer-me d'estes preciosos penhores; mas hoje que estas duas joias podem ser uteis a elle ou aos seus defensores, é preciso sacrificar tudo a essa esperança. Tome-as; e se houver necessidade de dinheiro para a sua expedição, venda sem receio, milord venda. Mas se tiver meio de as conservar, tenha por certo, milord, que me fez o maior serviço que um cavalleiro póde fazer a uma rainha, e que no dia da minha prosperidade o que me apresentar esta placa e esta cruz será abençoado por mim e meus filhos.

—Senhora, disse de Winter, vossa magestade será servida por um homem affeiçoado. Vou pôr em logar seguro estes dois objectos, que não acceitaria se me restassem os recursos da nossa antiga fortuna; mas os nossos bens estão confiscados, o nosso dinheiro gasto, e chegamos a ponto de recorrermos a tudo o que possuiamos. D'aqui a uma hora estarei com o conde de La Fère, e ámanhã vossa magestade terá uma resposta definitiva.

A rainha estendeu a sua mão a lord de Winter, que a beijou respeitosamente; e voltando-se para sua filha:

—Milord, disse ella, estás encarregado de dar a esta pobre menina alguma cousa da parte de seu pae.

De Winter ficou espantado; não sabia o que a rainha queria dizer.

A joven Henriqueta avançou então sorrindo e córada, e apresentou a sua testa ao cavalleiro.

Diga a meu pae, que rei ou fugitivo, vencedor ou venci-

do, rico ou pobre, disse a joven princeza, tem em mim a filha mais respeitosa e affeiçoada.

—Bem o sei, senhora, respondeu de Winter, tocando com os labios na fronte de Henriqueta.

Depois partiu, atravessando, sem ser acompanhado, as salas desertas e obscuras, limpando as lagrimas que, apesar de embotado como estava por cincoenta annos de serviço, não podia deixar de derramar á vista d'esta real desgraça, tão digna, e profunda ao mesmo tempo.

VI

O tio e o sobrinho

O cavallo e o lacaio de Winter esperavam-n'o á porta: dirigiu-se para o sua habitação pensativo, e olhando para traz de tempos á tempos para contemplar a faxada silenciosa e negra do Louvre. Foi então que viu um cavalleiro destacar-se, por assim dizer, do muro, e seguil-o a alguma distancia; lembrou se de ter visto, quando saia do palacio real uma sombra pouco mais ou menos semilhante.

O lacaio de lord de Winter, que ia a alguns passos d'elle, seguia tambem com a vista este cavalleiro.

—Tony, disse o fidalgo fazendo signal ao criado que se aproximasse

—Aqui estou, senhor.

E o criado se pôz ao lado de seu amo.

—Notastes aquelle homem que nos segue?

—Sim, milord.

—Quem é?

—Não sei; tem seguido vossa excellencia desde o palacio real, parou no Louvre para esperar que saisse, e torno a seguil-o do Louvre.

—Algum espião do cardeal, disse de Winter comsigo, finjamos que não nos apercebêmos da sua vigilancia.

E picando o cavallo, entrou no dedalo das ruas que conduziam á sua estalagem situada para o lado do Marais.

O desconhecido metteu o seu cavallo a galope.

De Winter apeou-se e subiu para o seu quarto, tencionando mandar observar o espião; mas quando punha as luvas e o chapeu sobre uma mesa, viu n'um espelho que tinha na frente uma figura que assomava ao limiar da porta.

Voltou-se, Mordaunt estava diante d'elle.

De Winter empallideceu e ficou de pé e immovel; Mordaunt estava á porta, frio, carrancudo e semilhante á estatua do Commendador.

Houve um momento de silencio entre estes dois homnes.

—Senhor, disse de Winter, julgava ter-lhe já dado a entender que essa perseguição me importunava; retire-se portanto ou mando chamar alguem para que o expulsem como em Londres. Não sou seu tio, não o conheço.

—Meu tio, replicou Mordaunt com a sua voz rouca e zombadora, engana-se; d'esta vez não me mandará expulsar como fez em Londres, porque não terá essa ousadia. Quanto a negar que sou seu sobrinho, deve pensar n'isso mais maduramente, agora que eu sei coisas que ignorava ha mais de um anno.

—E que me importa o que sabe! disse de Winter.

—Oh! estou certo que lhe importa muito, meu tio, e já vae ser do meu parecer, accrescentou elle com um sorriso que fez estremer de Winter. Quando me apresentei a primeira vez em sua casa em Londres foi para lhe perguntar o que era feito da minha fortuna; quando me apresentei segunda, foi para lhe perguntar quem tinha manchado o meu nome. D'esta apresento-me diante de meu tio para lhe fazer uma pergunta muito mais terrivel que todas as outras; para lhe dizer, como Deus disse ao primeiro assassino: «Cain, que fizeste de teu irmão?» Milord, que fez de sua irmã, de sua irmã que era minha mãe?

De Winter recuou ao vêr a expressão ardente dos olhos de Mordaunt.

—De sua mãe? disse elle.

—Sim, de minha mãe, respondeu o joven inclinando-se profundamente.

De Winter fez um esforço violento sobre si mesmo, e chamando as suas recordações, para n'ellas procurar uma nova raiva, exclamou:

—Procure o que foi feito d'ella, desgraçado, e pergunte-o ao inferno, talvez que elle lhe responda.

O joven deu alguns passos até que se achou face a face com lord Winter, e cruzando os braços:

—Perguntei-o ao carrasco de Bethune, disse Mordaunt com a voz abafada, e a cara livida pela dôr e pela cólera, e o carrasco de Bethune respondeu-me.

De Winter caiu sobre uma cadeira como se o raio o tivesse fulminado, e tentou debalde responder.

—Sim, é verdade, continuou o mancebo, com esta palavra tudo se explica, com esta chave abre-se o abysmo. Minha mãe herdou de seu marido, e o senhor assassinou minha mãe! o meu nome assegurava me a fortuna paternal e tirou-me o meu nome; despojou-me da minha fortuna depois de me ter despojado do nome. Já não me espanto de que não me reconheça, já não me espanto de que recuse reconhecer-me. E' indecoroso chamar sobrinho ao homem que se vê orphão, depois de ter sido o assassino de sua mãe.

Estas palavras produziram o effeito contrario do que esperava Mordaunt, de Winter lembrou-se que monstro era milady; levantou-se grave e tranquillo contendo pelo seu olhar sereno o olhar exaltado do joven.

—Quer saber esse horrivel segredo, senhor? disse de Winter. Pois bem, seja, sabe quem é essa mulher de quem me vem pedir contas: essa mulher tinha, segundo toda a probabilidade, invenenado meu irmão, e para herdar ia tambem assassinar-me; tenho as provas. Que me diz a isto?

—Direi que era minha mãe!

—Mandou apunhalar por um homem, em outro tempo justo bom e puro, o desgraçado duque de Buckingham. Que me diz a este crime de que tenho a prova?

—Era minha mãe!

—Voltando para França, envenenou no convento dos Agostinhos de Bethune uma joven que amava um dos seus

inimigos. Persuadir-se-ha este crime da justiça do castigo? Tenho as provas.

—Era minha mãe! exclamou o joven, que tinha empregado n'estas tres exclamações uma força progressiva.

—Emfim, carregada de mortes, de devassidões, odiosa a todos, ameaçando ainda como uma panthera sedenta de sangue, succumbiu aos golpes de homens que ella tinha desesperado, e que jámais lhe tinham causado o menor mal, achou juizes que os seus horrendos attentados chamaram; e aquelle carrasco que segundo diz, lhe contou tudo; aquelle carrasco, se lhe contou, ha de lhe ter dito que estremeceu de alegria vingando n'ella a vergonha e o suicidio de seu irmão. Mulher pervertida, execravel a todas as pessoas que a conheceram, a todas as pessoas que a receberam no seu seio, morreu maldicta do ceu e da terra; eis o que era aquella mulher.

Mordaunt soltou um forte soluço que lhe fez subir o sangue ao seu rosto livido; fechou os punhos, e com o rosto alagado em suor, com os cabellos erriçados na cabeça como os de Hamlet exclamou furiosamente:

—Cale-se, senhor! era minha mãe. As suas desordens não as conheço; os seus vicios não os conheço! Mas o que sei, é que tinha uma mãe, e que cinco homens, ligados contra uma mulher, a mataram clandestinamente, de noite, no meio do silencio, como uns cobardes! o que sei, é que fazia parte d'elles, senhor; é que fazia parte d'elles, meu tio, e que disse como os outros, e mais alto que os outros: E'mister que ella morra. Por tanto, escute bem estas palavras e que fiquem gravadas na sua memoria de modo que não mais as esqueça. Pedirei contas primeiramente ao senhor, depois aos que foram seus cumplices, quando os conhecer, d'este assassino que tudo me tirou, d'este assassino que me fez sem nome, d'este assassino que me fez pobre, d'este assassino que me fez corrompido, mau, implacavel.

Mordaunt tinha dado mais um passo, um passo terrivel e ameaçador para de Winter, com a raiva nos olhos, escuma na bocca, e as mãos estendidas.

De Winter levou a mão á espada, e disse com o surriso do homem que ha trinta annos zomba da morte:

—Quer-me assassinar, senhor ? então reconhecel-o-hei por meu sobrinho, por que é bem digno de sua mãe.

—Não, tornou Mordaunt fazendo esforços por se serenar: não, não o matarei, pelo menos agora : porque sem o senhor não descubriria os outros. Mas quando os conhecer, tremei, senhor, apunhalei o carrasco de Bethune, apunhalei-o sem misericordia, e era o menos culpado de todos.

E tendo dito isto o mancebo saiu, desceu a escada com bastante socego para não ser notado : no patamar inferior passou por diante de Tony encostado ao corrimão, e só esperando por um grito de seu amo para subir.

Mas de Winter não chamou, acabrunhado, desfallecido, ficou de pé e a escutar ; depois, quando sentiu os passos do cavallo que se affastava, caiu n'uma cadeira dizendo :

—Meu Deus ! eu lhe agradeço por elle só me conhecer a mim.

VII

Paternidade

Em quanto esta scena se passava em casa de lord de Winter, Athos sentado junto á janella do seu quarto, com o cotovello apoiado sobre uma mesa, e a cabeça na mão, escutava com os olhos e com os ouvidos, ao mesmo tempo, Raul que lhe contava as aventuras da sua viagem e os detalhes da batalha.

A bella e nobre figura do cavalleiro exprimia uma indizivel felicidade ao ouvir a narração d'estas primeiras emoções tão frescas e tão puras : recebia os sons d'esta voz juvenil, que se aproximava já pelos bellos sentimentos, como uma musica harmoniosa, Esquecera quanto havia de sombrio no passado, de carregado no futuro. Dir-se-hia que a volta d'es-

te joven querido fizera dos mesmos receios esperanças. Athos era feliz, feliz como nunca o fôra.

—E assististes e tomastes parte n'essa grande batalha, Bragelonne? dizia o antigo mosqueteiro.

—Sim senhor.

—E foi renhida segundo dizes?

—O senhor principe attacou onze vezes em pessoa.

—E' um grande cabo de guerra, Bragelonne.

—E' um heroe, senhor, não o perdi de vista nem um momento. Oh! quanto é bello, senhor, ser chamado Condé, e trazer assim este nome!

—Socegado e brilhante, não é verdade?

—Socegado como n'uma parada, brilhante como n'uma festa. Caminhavamos a passo para o inimigo; tinham-nos prohibido de atirarmos primeiro, e nós marchavamos para os hespanhoes, que estavam n'um alto com o mosquete á cara. Tendo chegado a trinta passos d'elles, o principe voltou-se para os soldados: «Rapazes, disse elle, vão soffrer uma furiosa descarga; mas depois tranquillisem-se, tirarão bom partido d'elles.» Era tal o silencio, que estas palavras foram ouvidas por amigos e inimigos. Depois levantando a espada: Toca trombetaas! disse elle.

—Bem, bem! em caso semilhante, fazias o mesmo, não é assim, Raul?

—Duvido, senhor, porque achei isto muito bello e muito grande. Quando chegamos a vinte passos, vimos todos os mosquetes abaixarem se como uma linha brilhante, porque o sol batia de chapa nas peças. «A passo, rapazes, a passo, disse o principe, está chegado o momento.»

—Tiveste medo Raul? perguntou o conde.

—Sim senhor respondeu ingenuamente o joven. Senti como um grande frio no coração, e á palavra: Fogo! que se ouviu em hespanhol nas fileiras inimigas, fechei os olhos e pensei no senhor.

—Sim, Raul, disse Athos apertando-lhe a mão.

—Sim, senhor. No mesmo instante ouviu-se uma tal detonação, que parecia que se abria o inferno, e os que não foram mortos sentiram o calor da chamma. Abri os olhos admirado de não ter sido morto, ou pelo menos ferido; o terço do es-

quadrão estava deitado por terra, mutilado e cheio de sangue. N'este momento vi que o principe olhava para mim; não pensei mais senão n'uma coisa, que o principe me observava. Piquei o cavallo e entranhei-me pelas fileiras do inimigo.

—E o principe ficou contente?

—Pelo menos disse-m'o quando me encarregou de acompanhar a Paris o senhor de Chatillon, que vinha dar a noticia á rainha e trazer as bandeiras tomadas. «Vae, me disse o principe, o inimigo não se tornará a reunir em quinze dias. D'aqui até lá não tenho necessidade do senhor. Vá abraçar os que ama e os que o amam, e dizei a minha irmã de Longueville que lhe agradeço o presente que me fez dando-o a mim.» E eu vim, senhor, ajuntou Raul, olhando para o conde com um sorriso de profundo amor, porque pensei que ficaria contente em me tornar a vêr.

Athos puchou o joven para si e beijou-o na testa como se fôra a uma menina.

—Ahi está já na sua carreira, Raul; disse elle, tem duques por amigos, um marechal de França por padrinho, um principe de sangue por capitão, e no mesmo dia que voltou foi recebido por duas rainhas; isto é bello para um noviço.

—Ah! senhor, disse Raul de repente lembra-me uma coisa que me esquecia, com a minha pressa em contar as minhas façanhas: é que estava em casa de sua magestade a rainha de Inglaterra um fidalgo que, quando pronunciei o seu nome, deu um grito de surpresa e alegria; disse que era seu amigo, perguntou onde morava e vem vel-o.

—Como se chama?

—Não ousei perguntar-lh'o, senhor; mas ainda que se expremisse perfeitamente, pelo seu accento julguei que era inglez.

—Ah! exclamou Athos.

E abaixou a cabeça como para procurar uma lembrança. Depois, quando a levantou, seus olhos foram impressionados com a presença de um homem que estava de pé, á porta entre-aberta e olhava para elle com um olhar enternecido.

—Lord de Winter! exclamou o conde.

—Athos, meu amigo.

E os dois cavalheiros se lançaram nos braços um do ou-

tro; apoz um instante, Athos, pegando-lhe em ambas as mãos, lhe disse olhando para elle.

—Que tem milord? parece tão triste quando eu estou alegre.

—Sim, caro amigo; e direi mesmo, é porque sua vista redobra o meu receio.

E de Winter olhou em torno de si como para procurar a solidão. Raul comprehendeu que os dois amigos tinham que fallar, e saiu sem affectação.

—Vamos, agora que estamos sós, disse Athos, fallemos de tudo.

—Em quanto estamos sós, fallemos de nós, respondeu de Winter. Elle está aqui.

—Quem?

—O filho de Milady.

Athos, ainda uma vez movido por este nome que parecia perseguil-o como um echo fatal, hesitou um momento, carregou de leve o sobr'olho e disse em tom socegado.

—Bem o sei.

—Sabe-o?

—Sim, Grimaud encontrou-o entre Bethune e Arras, e veiu a toda a pressa prevenir-me da sua chegada.

—Grimaud então conhecia-o?

—Não, mas assistiu no seu leito de morte a um homem que o conhecia.

—O carrasco de Bethune! esclamou de Winter.

—Sabe isso? disse Athos espantado.

—Acaba de me deixar, respondeu de Winter, disse-me tudo. Ah! meu amigo que horrivel scena! oxalá que tivesse-mos morto a mãe com o filho.

Athos como todas as nobres naturezas, não dava a conhecer a outro as más impressões que sentia; mas, ao contrario observi-as sempre em si e despedia em seu logar esperanças e consolações. Dir-se-hia que as suas dores pessoaes saiam da sua alma transformadas em alegria para os outros.

—Que receias? disse substituindo a razão ao terror instinctivo que primeiro esperimentava, não estamos nós aqui para nos defender? Aquelle joven fez-se assassino de profissão, matando a sangue frio?! Mataria talvez o carrasco de

Bethune n'um momento de raiva, mas agora o seu furor está abrandado.

De Winter sorriu com tristeza e abanou a cabeça.

—Então já não conhece aquelle sangue? disse elle.

—Ora! disse Athos tentando tambem sorrir, ha de ter perdido a sua ferocidade na segunda geração. De mais, meu amigo, a providencia preveniu-nos que nos pozessemos em defensiva. Não podemos senão esperar. Esperemos. Mas, como já lhe disse, falemos do senhor.

—O que é que o traz a Paris!

—Alguns negocios de importancia que logo conhecerá. Mas ouvi dizer á rainha de Inglaterra, que o senhor d'Artagnan é do Mazarino! Perdoe-me a minha franqueza, meu amigo, eu não aborreço nem censuro o cardeal, e as suas opiniões serão sempre sagradas para mim, será por acaso tão bom affeiçoado áquelle homem!

—O senhor d'Artagnan está ao serviço, disse Athos, é soldado, obedece ao poder constituido. O senhor d'Artagnan não é rico e necessita para viver do seu posto de tenente dos mosqueteiros. Os millionarios como o senhor, milord, são raros em França. Ah! disse de Winter, sou hoje tão pobre e mais pobre que elle. Mas voltemos ao senhor.

—Então quer saber se eu sou mazarinista! Não, mil vezes não. Perdoa-me tambem a minha franqueza, milord.

De Winter levantou-se e apertou Athos em seus braços.

—Obrigado, conde, disse elle, obrigado por essa feliz noticia. Vê-me contente e feliz. Ah! não é, mazarino, isso tambem não podia ser. Mas, perdoa-me ainda, é livre?

—Que intende por livre?

—Pergunto-lhe se não é casado.

—Ah! quanto a isto, não, disse Athos sorrindo.

—E' porque este joven, tão bello, tão elegante, tão gracioso...

—E' um mancebo que eu educo e que nem mesmo conhece seu pae.

—Muito bem; é sempre o mesmo, Athos, grande e generoso.

—Vejamos, milord que me quer pedir?

—Tem ainda por amigos os senhores Porthos e Aramis?

—E ajunta d'Artagnan, milord.

—Somos sempre quatro amigos affeiçoados uns aos outros como antigamente, mas quando se trata de servir o cardeal ou de o combater de sermos mazarinos ou frondistas, já não somos senão dois.

—O senhor Aramis está com d'Artagnan? perguntou lord de Winter.

—Não, disse Athos, o senhor de Aramis fez-me a honra de partilhar as minhas opiniões.

—Pode relacionar-me com esse amigo tão bello e tão espirituoso? Sem duvida, quando lhe agradar.

—Está mudado?

—Fez-se abbade sómente.

—Assusta-me. O seu estado ha de então ter-lhe feito renunciar ás grandes empresas.

—Ao contrario, disse Athos sorrindo, nunca foi tanto mosqueteiro como desde que é abbade, e achal-o-ha um verdadeiro Galaor. Quer que o mande procurar por Raul?

—Obrigado, conde, talvez não o achasse agora em sua casa. Mas já que acredita poder responder por elle...

—Como de mim mesmo.

—Pode prometter que o levará ámanhã ás dez horas á ponte do Louvre?

—Ah! ah! disse Athos sorrindo, tem um duello?

—Sim, conde, um bello duello, a que espero estará presente.

—Onde iremos milord?

—A casa de sua magestade a rainha de Inglaterra, que me encarregou de o apresentar a ella, conde.

—Sua magestade conhece-me?

—Conheço eu.

—Não intendo; disse Athos, mas não importa, visto que m'o pede, não me importa o mais. Far-me-ha a honra de ceiar comigo, milord?

—Obrigado, conde, disse de Winter, confesso-lhe que a visita d'aquelle mancebo me tirou o appettite e me tirará provavelmente o somno. Para que vem elle a Paris? Não é para me fallar, porque elle ignarava a minha viagem. Aquelle mancebo assusta-me, conde; ha n'elle um futuro de sangue.

—Que faz elle em Inglaterra?

—E' um dos secretarios mais ardentes de Oliveiro Cromwell.

—Quem o levou para essa causa? sua mãe e seu pae eram catholicos, julgo eu.

—O odio que tem ao rei.

—Ao rei?

—Sim, o rei declarou-o bastardo, despojou-o de seus bens e prohibiu-lhe de trazer o nome de Winter.

—E como se chama agora?

—Mordaunt.

—Puritano e disfarçado em frade, viajando só pelas estradas de França.

—Em frade, diz?

—Sim, não o sabia?

—Não sei senão o que elle me disse.

—Foi n'esses trajos e como por acaso... peço perdão a Deus se blasphemo... foi n'esses trajos que ouviu a confissão do carrasco de Bethune.

—Então adivinho tudo; vem enviado por Cromwell.

—A quem?

—A Mazarino; a rainha adivinhou bem, fomos anticipados: tudo agora se explica para mim. Adeus, conde, até ámanhã.

—A noite está escura, disse lord de Winter agitado por uma inquietação maior que a que elle queria mostrar, e não tem talvez lacaio?

—Tenho Tonny, um rapaz bom, mas simples,

—Oh lá! Olivain, Grimaud, Blaisois, peguem no mosquete e chamem o senhor visconde.

Blaisois era aquelle rapaz alto, meio lacaio, meio camponez que vimos no castello de Bragelonne annunciar que o jantar estava servido e que Athos baptisara com o nome da sua provincia.

Cinco minutos depois d'esta ordem, entrou Raul.

—Visconde, disse elle, vaes escoltar milord até á sua morada e não lhe deixareis chegar ninguem.

—Ah! conde disse de Winter, por quem me toma então?

—Por um estrangiro que não conhece Paris, disse Athos e a quem o visconde vae ensinar o caminho.

De Winter apertou-lhe a mão.

—Grimaud, disse Athos, põe-te á frente da porta, e cuidado com o frade!

Grimaud estremeceu e fez um signal com a cabeça e esperou pela partida, acariciando com uma silenciosa eloquencia a coronha do seu mosquete.

—Até ámanhã, conde, disse de Winter.

—Sim, milord.

A pequena comitiva Jirigiu-se para a rua de S. Luiz Olivain, tremendo a cada reflexo de luz equivoca; Blaisois bastante firme porque ignorava que se corria algum perigo. Tony olhando para a direita e para a esquerda, mas não podendo dizer nem uma palavra, pois que não fallava francez.

De Winter e Raul iam lado a lado fallando.

Grimaud, que segundo a ordem de Athos, tinha precedido o cortejo com um archote n'uma mão e o mosquete na outra, chegou diante da hospedaria de Winter, bateu com o punho na porta, e, quando vieram abrir, saudou milord sem nada dizer.

Aconteceu o mesmo á volta: os olhos perspicazes de Grimaud nada viram de suspeito, excepto uma especie de sombra embuscada ao canto da rua Guénégaud e do caes; pareceu que quando viera, notara tambem este espreitador nocturno que attrahia os seus olhos. Picou o seu cavallo para elle, mas antes que o podesse alcançar, a sombra desappareceu n'um bêco em que Grimaud julgou que não era prudente aventurar-se.

Deram conta a Athos do successo da expedição; e como eram dez horas da noite, cada um se retirou para o seu quarto.

No dia seguinte, quando acordou o conde, viu á sua cabeceira Raul. O joven estava todo vestido, e lia um livro novo do senhor Chapelain.

—Já se levantou, Raul! disse o conde.

—Sim, seuhor, respondeu o joven hesitando, passei mal a noite.

—Passou mal Raul? o que é que o preoccupava então? perguntou Athos.

—Vae dizer, senhor, que tenho bastante pressa em o deixar quando apenas acabo de chegar, mas...

—Então não tem senão dois dias de licença, Raul?

—Ao contrario, senhor, tenho dez, mas não é para ir para o exercito.

Athos sorriu-se.

—Então onde, disse elle, salvo se é um segredo, visconde? Está quasi um homem, visto que fez a primeira campanha, e tem o direito de ir para onde quizer sem m'o dizer.

—Nunca, senhor, disse Raul, em quanto tiver a felicidade de o ter por meu protector, não me julgarei com direito de me libertar de uma tutella que me é tão querida. Tinha o desejo de ir passar um só dia a Blois. Está-me fixando, vae de certo rir de mim.

—Não, ao contrario, disse Athos abafando um suspiro, não riu, visconde. É muito natural que tenha desejo de ir a Blois.

—Então permitto-m'o? exclamou Raul cheio de alegria.

—De certo, Raul.

—E no fundo do seu coração não fica zangado, senhor?

—Não. Porque ficarei zangado de uma coisa que lhe causa prazer.

—Ah! senhor, quanto é bom! exclamou o joven fazendo um movimento para saltar ao pescoço de Athos: mas o respeito deteve-o.

Athos abriu-lhe os braços.

—Então posso partir já?

—Quando quizer, Raul.

Raul deu tres passos para sair.

—Senhor, disse elle, lembra-me uma coisa, e é, que foi á duqueza de Chevreuse, tão boa para comigo, que eu devi a minha apresentação ao principe.

—E que lhe deve um agradecimento, não é verdade?

—Julgo que sim, senhor; comtudo o senhor é que deve decidir.

—Passe pelo palacio de Luynes, Raul, e mande perguntar se a senhora duqueza o póde receber. Vejo com

gosto que não esquece o seu dever. Irá com Grimaud e Olivain.

—Ambos, senhor? perguntou Raul com admiração.

—Sim, ambos.

Raul saudou-o e saiu.

Athos vendo-lhe fechar a porta e chamar, com a sua voz alegre e vibrante, Grimaud e Olivain, suspirou.

—Deixa-me bem depressa, pensou elle meneando a cabeça, mas obedece á lei commum. A natureza foi feita assim, olha para o futuro. Decididamente ama aquella menina: mas amar-me-ha elle menos por amar um outro?

E Athos disse para comsigo que não esperava por uma tão prompta partida; mas Raul estava tão contente que todas as outras considerações que existiam no espirito de Athos cederam a esta.

A's dez horas tudo estava prompto para a partida. Quando Athos estava vendo Raul montar a cavallo, veio cumprimental-o um criado da parte da senhora de Chevreuse. Estava encarregado de dizer ao senhor conde de La Fère que soubera a volta do seu joven amigo, como tambem a sua conducta na batalha, e que ficaria muito contente em lhe dar os seus parabens.

—Dizei á senhora duqueza, respondeu Athos, que o senhor visconde montava a cavallo para ir ao palacio de Luynes.

Depois de ter feito novas recommendações a Grimaud, Athos fez com a mão um sigual a Raul que podia partir immediatemente.

Athos, reflectindo melhor, pensou tambem que seria mais conveniente a Raul a sua ausencia de Paris n'este momento.

VIII

Ainda uma rainha que pede soccorro

Athos mandou logo pela manhã prevenir Aramis, e dera a sua carta a Blaisois, o unico criado que lhe ficou. Blaisois encontrou Bazin vestindo o seu habito de cerimonia ; estava n'esse dia de serviço em Nossa Senhora.

Athos tinha recommendado a Blaisois que procurasse fallar elle proprio a Aramis. Blaisois como bom e sincoro criado, não se importando senão com a sua ordem, perguntou primeiramente pelo abbade de Herblay, e apesar dos protestos de Bazin, de que não estava em casa, insistiu de tal modo que Bazin encolerisou-se muito. Blaisois, vendo Bazin em habitos ecclesiasticos, importou-se pouco com as negativas d'elle e teimou em passar, julgando aquelle com quem fallava dotado de todas as virtudes do seu habito, isto é, paciencia e caridade christã.

Mas Bazin, sempre criado de mosqueteiro quando o sangue lhe subia aos seus grandes olhos, agarrou n'um pau de vassoura e desancou Blaisois, dizendo-lhe :

—Insultastes a egreja, meu amigo, insultastes a egreja.

N'este comenos, Aramis sentido este ruido, appareceu entre-abrindo com precaução a porta de seu quarto de dormir.

Então Bazin poisou respeitosamente o seu pau de vassoura n'uma das duas extremidades, como vira em Nossa Senhora, fazer o suisso á sua alabarda : e Blaisois com um olhar de exprobração dirigido ao cerbero, tirou a carta da algibeira, e apresentou-a a Aramis.

—Do conde de La Fére, disse Aramis, *muito bem.*

Depois entrou sem mesmo perguntar a causa de toda esta bulha.

Blaisois voltou tristemente para a estalagem de Grande Rei Carlos Magno. Athos perguntou-lhe como cumprira a sua commissão. Blaisois contou-lhe a sua aventura.

—Imbecil ! disse Athos rindo, então tu não dissestes que ias da minha parte ?

—Não, senhor.

—E que disse Bazin quando soube que tu que eras meu criado?

—Ah! senhor, pediu-me mil perdões e fez-me beber dois copos de um optimo vinho muscatel, em que me fez molhar tres ou quatro excellentes biscoitos, mas não importa, é brutal como o diabo. Um mestre de cerimonias! safa!

—Bom! pensou Athos, como Aramis recebeu a minha carta por maiores impedimentos que tiver ha de ir.

A's dez horas, Athos, com a sua exactidão costumada, achava-se na ponte do Louvre. Encontrou lá lord de Winter que chegava no mesmo instante.

Esperaram dez minutos pouco mais ou menos.

Milord de Winter começou a receiar que Aramis não viesse.

—Paciencia, disse Athos que tinha os seus olhos fixos na rua du Barpaciencia, alli vem um abbade que dá um murro n'um homem, e saúda uma mulher; deve ser Aramis.

Era com effeito elle; Aramis com um soco tinha atirado para dez passos de distancia um joven burguez que se achava embasbacado no seu caminho, e que o tinha salpicado de lama.

Ao mesmo tempo passou uma de suas penitentes, e como era joven e bonita, Aramis saudou-a sorrindo-se graciosamente.

D'ahi a pouco Aramis estava junto d'elle.

Como é bem de suppôr, houveram grandes abraços entre elle e lord de Winter.

—Onde vamos? disse Aramis, ha por ventura algum duello; c'os diabos! Não trouxe a minha espada esta manhã, é necessario que eu passe por minha casa para trazer uma.

—Não, disse de Winter, vamos visitar sua magestade a rainha de Inglaterra.

—Ah! muito bem, e para que é esta visita? continuou elle inclinando-se ao ouvido de Athos.

Palavra de honra que não sei; algum testemunho que reclamam de nós.

—Não será para aquelle maldicto negocio? disse Aramis.

N'esse caso não teria muitos desejos de lá ir ; porque seria dara receber alguma reprehensão, e desde que as dou aos outros, não gosto de as receber.

—Se fosse isso, disse Athos, não seriamos conduzidos por lord de Winter, porque n'ella teria tambem a sua parte ; era dos nossos.

—Ah ! sim, é verdade. Então vamos.

Tendo chegado ao Louvre, lord de Winter entrou adiante ; um só porteiro estava á porta. A' claridade do dia, Athos, Aramis e o mesmo inglez poderam notar a terrivel miseria que uma mesquinha e avara claridade concedia á desgraçada rainha.

Grandes sallas todas despojadas de moveis, paredes nuas em que reluziam em alguns logares antigas molduras de ouro que tinham resistido ao abandono ; janellas sem vidros ; eis o que primeiramente admirou Athos, e o que fez silenciosamente notar ao seu companheiro batendo-lhe com o cotovello, e mostrando-lhe esta miseria com os olhos.

—Mazarino está melhor aposentado, disse Aramis.

—Mazarino é quasi rei, e a senhora Henriqueta já não é quasi rainha.

—Se te dignasses ter espirito, Athos, disse Aramis, julgo que terias mais que o que tinha o pobre Voiture.

Athos sorriu-se.

A rainha parecia esperar com impaciencia, porque, ao primeiro movimento que ouviu na salla que precedia o seu quarto, veio ella mesma á porta para receber os cortezãos do seu infortunio.

—Entrem, entrem, e bem vindos sejam, senhores, disse ella.

Os cavalleiros entraram e ficaram de pé ; mas a um gesto da rainha que lhes fazia signal que se sentassem, Athos deu o exemplo de obdiencia.

Estava sério e tranquillo ; porém Aramis estava furioso, esta dôr real exasperava-o, seus olhos estudavam cada novo signal de miseria que descobria.

—Examina o meu luxo, disse Henriqueta lançando um triste olhar em torno de si.

—Senhora, disse Aramis, peço perdão a vossa magesta-

de, mas não sei occultar a minha indignação ao vêr que na côrte de França se trata assim uma filha de Henrique IV.

—Este senhor, não é cavalleiro? perguntou a rainha a lord de Winter.

—Este senhor é o abbade de Herblay, respondeu Aramis.

Aramis córou.

—Senhora, disse elle, sou abbade é veridico, mas contra minha vontade, nunca tive vocação para o clero; a minha sotaina não depende senão de um botão, e estou sempre prompto para ser mosqueteiro. Esta manhã, ignorando que teria a honra de vêr vossa magestade, cobri-me com estes habitos, mas por isso não sou menos o homem que vossa magestade achará sempre affeiçoado ao seu serviço, seja o que fôr o que lhe ordenar.

—O senhor cavalleiro de Herblay, replicou de Winter, é um d'aquelles valentes mosqueteiros de sua magestade el-rei Luiz XIII de que lhe fallei, senhora. Depois, voltando-se para Athos. Quanto áquelle senhor, continuou elle, é o nobre conde de La Fére cuja alta reputação é tão bem conhecida por vossa magestade.

—Senhores, disse a rainha, ha alguns annos, tinha ao redor de mim, fidalgos, thesouros, e exercitos; a um só signal da minha mão tudo se empregava em meu serviço. Hoje, olhe em torno de mim, isto o surprehenderá de certo; porém para cumprir um designio que me deve salvar a vida, não tenho senão lord de Winter, um amigo de vinte annos, e os senhores, que vejo pela primeira vez, e que não conheço senão como meus compatriotas.

—E é quanto basta, senhora, disse Athos saudando-a profundamente, se a vida de tres homens póde comprar a sua.

—Obrigada, senhores. Mas ouvi-me, continuou ella, eu não sou só a mais desgraçada das rainhas, mas tambem a mais desgraçada das mães, a mais desesperada das esposas: meus filhos, dois ao menos o duque de York e a priuceza Carlota, estão longe, expostos aos golpes dos ambiciosos e dos inimigos: el-rei meu marido arrasta em Inglaterra uma existencia tão dolorosa, que ainda lhe digo pouco affirman-

do-lhe que elle procura a morte como uma coisa desejavel. Vejam, senhores, eis a carta que elle me mandou por milord de Winter. Leiam.

Athos e Aramis excusaram-se.

—Leia, disse a rainha.

Athos leu em voz alta a carta que já conhecemos, e em que el-rei Carlos perguntava se lhe seria concedida em França hospitalidade.

—Então? perguntou Athos quando acabou de lêr.

—Então! respondeu a rainha, recusou.

Os dois amigos trocaram um olhar de despreso.

—E agora, senhora, que é preciso fazer? perguntou Athos.

—Tem compaixão de tanta desgraça? disse a rainha commovida.

—Tive a honra de perguntar a vossa magestade o que desejava que o senhor de Herblay e eu fizessemos em seu serviço; estamos promptos.

—Ah! senhor, tem na verdade um nobre coração! exclamou a rainha com uma explosão de voz reconhecida, em quanto que lord de Winter olhava para ella com um ar que queria dizer: Não lhe tinha eu respondido por elles?

—Mas o senhor? perguntou a rainha a Aramis.

—Eu senhora, respondeu este, para toda a parte para onde fôr o senhor conde, seja elle para a morte, sigo-o sem perguntar porque; mas quando se trata do serviço de vossa magestade, accrescentou elle olhando para a rainha com toda a graça da sua mocidade, então precedo o senhor conde.

—Visto isso, senhores, disse a rainha, visto que assim é, visto que querem servir uma pobre princeza que o mundo inteiro abandona, eis o que é mister fazer por mim. El-rei está só com alguns fidalgos que receia perder todos os dias, no meio dos escocezes de quem elle desconfia, ainda que seja seu patricio. Depois que lord de Winter o deixou, já não vivo, senhores. Pois bem! peço muito, demasiado talvez, porque não tenho titulo algum para pedir; vão para a Inglaterra, vão ter com el-rei, sêde seus amigos, sêde seus guardas, vão ao seu lado na batalha, andem com elle no interior da sua casa, onde se estão armando ciladas todos os

dias, muito mais perigosas que todos os perigos da guerra; e em troca d'este sacrificio que me fizerem, prometto-lhe, não recompensal-os, julgo que esta palavra os offenderia, mas amal-os como uma irmã, e preferil-os a tudo o que não fôr o meu esposo e meus filhos, juro-lh o ante Deus!

E a rainha levantou lenta e vagarosamente os olhos para o ceu.

—Senhora, disse Athos, quando devemos partir?

—Então consentis? exclamou a rainha com alegria.

—Sim, senhora. Mas parece-me que vossa magestade faz muito compromettendo-se em nos honrar com uma amisade tão acima do nosso merito. Servimos a Deus, senhora, servindo um principe tão desgraçado, e uma rainha tão virtuosa. Senhora, estamos ao seu dispôr em corpo e alma.

—Ah senhores, disse a rainha commovida até chorar, é este o primeiro momento de alegria e esperança que tenho ha cinco annos. Sim, servis a Deus, e como o meu poder será muito limitado para recompensar um tal sacrificio, é elle quem lhe recompensará, elle que lê no meu coração todo o reconhecimento para com elle e para comvosco. Salve o meu esposo, salve o rei; posto que não sejam sensiveis á recompensa que podeis ter na terra por esta bella acção, deixe-me a esperança que os tornarei a vêr para lhes dar os meus agradecimentos. Entretanto, fico aqui. Tem a fazer-me alguma recommendação? desde este momento sou sua amiga; e visto que tratam dos meus negocios, devo tambem occupar-me dos seus.

—Senhora, disse Athos, nada mais tenho a pedir a vossa magestade que as suas orações.

—E eu, disse Aramis, sou só, e nada tenho a fazer senão servir a vossa magestade.

A rainha estendeu-lhes a mão que elles beijaram, e disse baixo a de Winter:

—Se necessitar de dinheiro, milord, não hesite um momento, despegue as joias que lhe dei, separe-as em diamantes, e vendei-os a um judeu; apurareis cincoenta a sessenta mil libras; gaste-as se fôr necessario, mas que estes fidalgos sejam tratados como merecem, isto é, como reis.

A rainha preparara duas cartas: uma escripta por ella,

outra escripta pela princeza Henriqueta sua filha. Ambas eram dirigidas a el-rei Carlos. Deu uma a Athos e outra a Aramis, para que se acaso os separasse, podessem ser reconhecidos pelo rei, depois retiraram-se.

No fundo da escada, de Winter parou.

—Vão por um lado, e eu por outro, senhores, disse elle, para que não excitemos suspeitas, e esta noite, ás nove horas, achemo-nos á porta de S. Diniz. Andaremos com os meus cavallos em quanto podermos, porém depois iremos pela posta. Ainda uma vez obrigado, meus bons amigos, obrigado em meu nome, obrigado em nome da rainha.

Os tres fidalgos apertaram as mãos; o conde de Winter tomou pela rua de Santo Honorato, e Athos e Aramis ficaram juntos.

—Então! disse Aramis quando se viram sós, que me dizes a isto, meu caro conde?

—Digo que é muito mau, respondeu Athos, muito mau.

—Mas acceitaste-o com enthusiasmo,

—Como acceitaria sempre a defeza de um grande principe, meu caro d'Herblay. Os reis não podem ser fortes senão pela nobresa, mas a nobresa não o póde ser senão pelos reis. Sustentemos por tanto as monarchias, porque sustental-as, é sustentar-nos a nós.

—Vamo-nos fazer assassinar, disse Aramis. Aborreço os inglezes, são grosseiros como todos os que bebem cerveja.

—Era então melhor ficar aqui, disse Athos, e irmos dar um passeio até á Bastilha, ou á torre de Vincennes, por termos coadjuvado a fuga do senhor de Beaufort? Ah! palavra de honra, Aramis, acredite-me, nada ha que tenhamos pena. Evitamos a prisão e procedamos como heroes, a escolha é natural.

—E' verdade: mas, em todo o caso, meu caro, é preciso fazermos uma pergunta, muito louca, bem o sei, mas muito necessaria: Tens dinheiro?

—Umas cem pistolas, que o meu rendeiro me mandou na vespera da minha partida de Bragelonne; mas devo deixar umas cincoenta a Raul: é preciso que um joven fidalgo viva com dignidade. Não tenho senão cincoenta pistolas pouco mais ou menos: e tu?

—Estou certo que despejando todas as minhas algibeiras e gavetas não acharei mais de dez luizes. Felizmente que lord de Winter é rico.

—Lord de Winter agora está arruinado, porque é Cromwell quem dispõe das suas rendas.

—Para isto é que o barão Porthos era bom, disse Aramis.

—Aqui está onde eu tenho saudades de d'Artagnan, disse Athos.

—Que bolsa tão franca!

—Que boa espada!

—Desinquietemol-o.

—Este segredo não é nosso, Aramis; e não introduzamos ninguem na nossa confidencia. Demais, dando um tal passo, pareceriamos duvidar de nós mesmos. Lastimemo-nos, mas não fallemos.

—Tens rasão. Que fareis d'aqui até á noite?

—Eu sou obrigado a deixar de fazer duas coisas.

—E são coisas que se possam deixar de fazer?

—Que remedio! assim ha de ser necessario.

—E quaes são?

—Primeiro uma espadeirada no coadjuctor, que encontrei hontem á noite em casa da senhora Rambouillet, e que achei com uns singulares modos para comigo.

—Ora essa! uma disputa entre padres! um duello entre alliados!

—Que queres, meu caro! elle é brigão, e eu tambem, elle corre pelas ruas, e eu tambem, a sua sotaina pesa-lhe, e eu tambem julgo o mesmo da minha, algumas vezes creio que elle é Aramis, e eu o coadjutor, tanta analogia temos um com o outro. Esta especie de Sosia enfada-me e faz-me sombra; além d'isto é um tratante que ha de deitar a perder o nosso partido. Estou convencido que se lhe désse uma bofetada como o fiz esta manhã áquelle burguez que me salpicou de lama, então mudaria a face dos negocios.

—E eu, meu caro Aramis, respondeu tranquillamente Athos, julgo que isto não mudaria senão a face do senhor de Retz. Por isso, toma o meu conselho, deixemos as coisas como estão, e mesmo porque nem um nem outro podem dispôr

de ti; tu és da rainha de Inglaterra, e elle da Fronda; por tanto, se a segunda coisa que tens pena de não poder cumprir não é mais importante que a primeira.

—Oh! essa era muito mais importante.

—Então fazeia-a immediatamente.

—Desgraçadamente não a posso fazer quando quero. Era de noite, muito de noite.

—Comprehendo, disse Athos sorrindo, á meia noite.

—Pouco mais ou menos.

—Que queres, são coisas que se deixam de fazer, essas, e tu a deixarás de fazer, principalmente tendo uma tal desculpa a dar quando regressares...

—Sim, se regressar.

—Se não regressares, que te importa? Sêde um pouco rasoavel. Deixa-te d'isso Aramis, já não tens vinte annos, meu caro amigo.

—Com grande pena minha. Ah! se os tivesse?

—Sim, disse Athos, creio que farias boas loucuras! Mas é mister separarmo-nos, eu tenho uma ou duas visitas a fazer e uma carta a escrever; vem então ter comigo ás oito horas, ou queres que te espere para ceiar-mos ás sete?

—Não; eu tenho, disse Aramis, vinte visitas a fazer e outras tantas cartas a escrever.

E tendo dito isto separaram-se. Athos foi fazer uma visita a senhora de Vendome, deixou o seu nome em casa da senhora de Chevreuse, e escreveu a d'Artagnan a carta seguinte:

«Caro amigo, parto com Aramis para um negocio de importancia. Quereria dizer-te adeus, mas o tempo não m'o permitte. Não olvideis que te escrevo para te repetir quanto te amo.

«Raul foi a Blois e ignora a minha partida; vigiae-o na minha ausencia o melhor que poderes: e se por acaso em tres mezes não receberes noticias minhas, dizei-lhe que abra um pacote destinado para elle que está na minha caixa de bronze, de que te envio a chave.

«Abraça Porthos por Aramis e por mim. Até á vista, adeus talvez que para sempre.»

Athos.

E mandou a carta para Blaisois.

A' hora convencionada chegou Aramis ; vinha vestido de cavalleiro, e tinha ao lado aquella antiga espada que tantas vezes desembainhou e que agora estava disposto a desembainhar mais que nunca.

—Ah ! disse elle, julgo que decididamente fazemos mal em partirmos assim sem deixarmos uma palavra de despedida a Porthos e a d'Artagnan.

—Já está feito, caro amigo, disse Athos, já providenciei sobre isso ; abracei-os a ambos por ti e por mim.

—E's um homem admiravel, meu caro conde, disse Aramis, pensas em tudo.

—Então já tomastes o teu partido sobre esta viagem? Já, e agora que reflecti estou contente em deixar Paris n'este momento.

—E eu tambem ; respondeu Athos, sómente de que tenho pena é de não abraçar d'Artagnan mas o diabo é tão fino que adivinharia os nossos projectos.

No fim da ceia entrou Blaisois.

—Senhor, aqui está a resposta do senhor d'Artagnan.

—Mas eu não te disse que tinha resposta, imbecil ! disse Athos.

—Eu tinha partido sem esperar por ella, mas mandou-me chamar e deu-me isto.

E apresentou um saquinho de pelle e sonante.

Athos abriu-o e começou por tirar um bilhetinho concebido n'estes termos:

Meu caro conde:

«Quando se viaja, e principalmente por tres mezes, nunca se tem dinheiro sufficiente ; ora, eu lembro-me dos nossos tempos de mingoa, e mando-te metade da minha bolsa ; é do dinheiro que com muito custo consegui arrancar ao Mazarino. Por isso supplico-te que não faças d'elle um muito mau uso.

«Quanto a nunca mais nos tornarmos a vêr, não acredito nem uma palavra ; quando se tem o teu coração e a tua espada, vence-se tudo.

«Até á vista, e não adeus para sempre.

«E' escusado dizer que desde o dia em que vi Raul amei-o como se fosse meu filho: comtudo acredita que peço bem sinceramente a Deus de me não tornar seu pae, ainda que ficasse orgulhoso em ter um filho como elle.

Vosso, d'Artagnan.

«P. S. Bem entendido que os cincoenta luizes que te mando são tanto teus como de Aramis e de Aramis como teus.»

Athos surriu-se e viu-se assomar-lhe aos seus bellos olhos uma lagrima. D'Artagnan, que elle sempre amara ternamente, continuava tambem a amal-o, apesar de ser mazarinista.

—Aqui estão, na verdade, os cincoenta luizes, disse Aramis despejando na mesa a bolsa, todos da effigie de Luiz XIII. Então que fazes d'este dinheiro, ficas com elle ou tornas a mandal-o?

—Guardo-o, Aramis, o mesmo que não tivesse necessidade d'elle o guardaria. O que é offerecido com toda a vontade deve tambem ser recebido do mesmo modo.

—Tira vinte e cinco, Aramis, e dá-me os outros vinte e cinco.

—Bravo! estou contente em ver que és do meu parecer. Agora, partimos?

—Quando quizeres? mas não tens criado?

—Não, aquelle imbecil de Bazin teve a loucura de se fazer mestre de ceremonias, como sabes, de modo que não póde deixar Nossa Senhora.

—Então tomareis Blaisois, de que não sei que faça, visto que já tenho Grimaud.

—De muito boa vontade.

N'este momento apparecen Grimaud á porta.

—Prompto, disse elle com o seu laconismo costumado.

—Partamos então, disse Athos.

Com effeito, os cavallos já sellados esperavam por elles. Os dois montaram cada um no seu. Os dois lacaios fizeram o mesmo.

Ao voltar do caes encontraram Bazin, que corria todo esbaforido.

—Ah! seuhor, disse Bazin, Deus seja louvado! chego a tempo.

—Que aconteceu?

—O senhor Porthos sáe agora de casa, e deixou isto para o senhor, dizendo, que era urgente, e que lhe devia ser entregue antes da sua partida.

—Bom, disse Aramis, pegando na bolsa que lhe estendia Bazin, que é isto?

Espere, senhor abbade, ha uma carta.

—Sabes que já te disse que se me chamasses de outro modo que não fosse cavalleiro, quebrava-te os ossos. Vejamos a carta.

—Como é que a lês? perguntou Athos. Faz um escuro tão fechado.

—Espere, disse Bazin.

Feriu lume, e accendeu um pavio com que costumava accender as suas velas.

A' claridade d'elle, leu Aramis, com anciedade, a seguinte carta:

Meu caro de Herblay

Acabo de saber por d'Artagnan, que me abraça da sua parte e da do conde de La Fére, que partis para uma expedição que durará talvez dois ou tres mezes; como sei que não gostas de pedir aos teus amigos, offereço-te eu então essas duzentas pistolas que ahi vão, de que podes dispôr e que me restituirás quando se apresentar a occacião opportuna.

Não receeis prejudicar-me: se tiver necessidade de dinheiro, mandal-o-hei vir de um dos meus palacios; só em Bracieux tenho eu vinte mil francos em ouro. Se não te mando uma somma maior, é porque receio que não a acceites.

Dirijo-me a ti porque bem sabes que o conde de La Fére sempre me impõe algum respeito, ainda que o ame de todo

o meu coração; mas está claro que o que offereço a ti, o ofereço a elle tambem.

Sou, como não podes duvidar

Teu amigo verdadeiro.

Du Vallon de Bracieux de Pierrefonds.

—Então! disse Aramis que me dizes a isto?

—Digo, meu caro Herblay, que é quasi um sacrilegio duvidar da Providencia quando se tem taes amigos.

—Então?...

—Então repartiremos as pistolas de Porthes como repartimos os luizes de d'Artagnan.

Feita a partilha á claridade do rolo de cera de Bazin, os dois amigos pozeram-se a caminho.

Um quarto de hora depois estavam á porta de S. Diniz, onde de Winter os esperava.

IX

Onde se prova que o primeiro impulso é sempre bom

Os tres cavalleiros tomaram pela estrada da Picardia, aquella estrada tão conhecida d'elles e que recordava a Athos e a Aramis algumas lembranças as mais pittorescas da sua mocidade.

—Se Mousqueton viesse comnosco, disse Athos chegando no logar em que tivera e disputa com os calceteiros, como estremeceria ao passar por aqui; foi aqui que recebeu aquella famosa balla; lembras-te, Aramis?

—Palavra que lh'o permittiria, disse Aramis, porque tambem me sinto estremecer ao lembrar-me d'isso; olha, para lá d esta arvore está um logarzinho em que julguei que ficava morto.

Continuaram o caminho. Bem depressa foi a Grimaud que coube o recordar-se. Chegados em frente da estalagem em que seu amo e elle fizeram uma tão enorme patuscada, aproximou-se d'Athos e mostrando-lhe o alçapão da adega disse-lhe:

—Salchichões!

Athos poz-se a rir, e esta loucura da sua mocidade pareceu-lhe tão divertida como se lh'a tivessem contado de outro qualquer.

Emfim, depois de dois dias e uma noite de jornada, chegaram á tarde, por um tempo magnifico, a Bolonha, cidade então quasi deserta, edificada n'uma eminencia; o que se chama a cidade baixa não existia ainda: Bolonha era uma posição formidavel.

—Senhores, disse de Winter, ao chegarem ás portas da cidade façamos como em Paris; separemo-nos para evitar as suspeitas; tenho uma estalagem pouco frequentada mas cujo estalajadeiro me é inteiramente affeiçoado. Vou lá porque deve ter cartas para *mim*; vão para a primeira estalagem da cidade, por exemplo, para a Espada do Grande Henrique; descança, e d'aqui a duas horas achar-se-hão no caes onde o nosso barco nos deve ester esperando.

Convencionado isto, lord de Winter continuou o seu caminho ao longo dos passeios exteriores para entrar por outra porta, em quanto que os dois amigos entravam pela que tinha em frente: ao cabo de duzentos passos encontraram a estalagem indicada.

Mandaram refrescar os cavallos, mas sem os desapparelhar, os lacaios ceiaram, porque começava a fazer-se tarde, e os dois amos, impacientes por embarcarem, disseram-lhes que fossem ter ao caes, com ordem de não fallarem com quem quer que fosse. Comprehende-se bem que esta recomendação não dizia respeito senão a Blaisois; ha muito tempo que se tornára inutil para com Grimaud.

Athos e Aramis dirigiram-se para o porto.

Pelos seus fatos cobertos de pó, por um certo ar desembaraçado que dá logo a conhecer um homem habituado a viagens, os dois amigos excitaram a attenção de alguns passeiadores.

Viram principalmente um, ao qual a sua chegada produziu uma tal ou qual impressão. Este, que foi o em que primeiro repararam pelas mesmas causas que lhe tinham attraido a attenção dos passeadores andava tristemente de um lado para o outro na praia. Apenas os viu, não cessou de olhar para elles e pareceu desejar ardentemente dirigir-lhes a palavra.

Era novo e pallido; tinha os olhos de um azul tão incerto que pareciam como os do tigre irritar-se segundo as côres que reflectiam: o seu modo de andar, apesar da lentidão e incertesa dos seus passos, era arrogante; estava vestido de preto e trazia graciosamente uma longa espada.

Chegados ao caes, Athos e Aramis pararam a olhar para um bote equipado como se esperasse por alguem.

—E' sem duvida o nosso, disse Athos.

—Sim, respondeu Aramis, e o *sloop* que se está apparelhando acolá em baixo parece ser o que nos ha de conduzir para o nosso destino; agora, continuou elle, oxalá que de Winter não se faça esperar. Não acho graça alguma em estar aqui: *não passa nem uma unica mulher.*

—Chitou, disse Athos, escutam-nos.

Com effeito, o passeador que durante o exame dos seus dois amigos, passára e repassára muitas vezes por detraz d'elles, tinha parado ao ouvir o nome de Winter: mas como o seu rosto não exprimiu emoção alguma, bem podia ser talvez que o acaso o fizesse parar.

—Senhores, disse o joven saudando com bastante desembaraço e politica, desculpe a minha curiosidade, vejo que veem de Paris ou pelo menos que são estrangeiros em Bolonha.

—Vimos de Paris, sim, senhor, respondeu Athos com a mesma cortezia, em que podemos ser-lhe prestaveis?

—Senhor, disse o joven, terá a bondade de me dizer se o senhor cardeal Mazarino já não é ministro?

—Que singular pergunta! disse Aramis.

—E' e não é; respondeu Athos, isto é, a metade da Fran-

ça expulsa-o, e á força de intrigas e promessas, sustenta-se com a outra: isto póde durar assim muito tempo, como vê.

—Finalmente, senhor, disse o estrangeiro, elle não fugiu nem está preso?

—Não, senhor, ao menos por ora.

—Senhores recebam os meus agradecimentos pela sua bondade, disse o joven affastando-se.

—Que julgas d'este perguntador? disse Aramis.

—Julgo que é um provinciano que anda aborrecido ou um espião que se anda informando.

—E respondestes-lhe assim?

—Nada me auctorisava a responder-lhe de outro modo. Foi cortez para comigo, fui-o para com elle.

—Mas se fosse um espião...

—Que queres que faça um espião? já não estamos no tempo do cardeal de Richelieu, que, só por uma simples suspeita, mandava fechar os portos.

—Não importa, fizestes mal em lhe responder assim, disse Aramis, seguindo com os olhos o joven que desapparecia por detraz das dunas.

—E tu, disse Athos, esqueces que commettestes uma outra imprudencia, a de pronunciar o nome de lord de Winter. Não te lembras que foi ao ouvir esse nome que o mancebo parou?

—Razão de mais, para que quando te fallou, lhe disseses que continuasse o seu caminho.

—Para termos uma questão? disse Athos.

—E desde quando te metta medo uma questão?

—Uma questão causa-me sempre medo quando me esperam em alguma parte, e quando essa questão me pode impedir de lá ir. De mais, queres que te diga uma coisa? tambem estou curioso de vêr este mancebo de perto.

—E para que?

—Aramis, vaes zombar de mim; vaes dizer que estou sempre a repetir a mesma coisa; vaes emfim, chamar-me o maior medroso dos visionarios.

—Em que?

—Com quem julgas que este homem se parece?

—Em fealdade ou bellaza? perguntou rindo Aramis.

—Em fealdade, e em quanto um homem se pode parecer com uma mulher.

—Ah! é verdade! exclamou Aramis, fazes-me pensar n'isso. Não, decerto, não sou visionario, meu caro amigo, e agora que estou reflectindo n'isso, sim, tens razão: aquella boca pequena e dissimulada, aquelles olhos, que parecem estar ás ordens do espirito e nunca ás do coração. E' algum bastardo de milady.

—Ris, Aramis!

—Sómente por costume; porque juro-te que teria tanto gosto como tu em encontrar aquella serpentesinha no meu caminho.

—Ah! ahi vem de Winter, disse Athos.

—Bom, não faltaria agora senão que os nossos criados se fizessem esperar, disse Aramis.

—Não, disse Athos, já os vejo, veem a vinte passos atraz de milord, Reconheço Grimaud pela sua cabeça alta e grandes pernas. Tony traz as nossas carabinas,

—Então embarcamos de noite? perguntou Aramis lançando um olhar para o occidente, onde o sol quasi a mergulhar-se no mar, deixava apenas vêr uma arcolazinha de ouro extinguindo-se mais e mais.

—E' provavel, disse Athos.

—Diabo! eu gosto pouco do mar de dia e muito menos de noite; o bramido das ondas, o sibilar do vento, o movimento terrivel do navio; confesso que preferia o convento de Noisy.

Athos sorriu-se tristemente, porque escutava o que lhe dizia o seu amigo pensando evidentemente em outra coisa, e dirigiu-se para de Winter.

Aramis seguiu-o.

—Que diabo tem o nosso amigo? disse Aramis, parece-me com os condemnados de Dante, a quem Satanaz deslocou o pescoço e que olham para os calcanhares. Para que diabo está elle a olhar para traz?

De Winter, a vel-os tambem, dobrou o passo e dirigiu-se para elles com uma rapidez pasmosa.

—Que tens, milord, disse Athos, e o que é que te faz correr tanto?

—Nada, disse de Winter, nada! Comtudo quando passei pelas dunas, pareceu-me...

E voltou-se de novo.

Athos olhou para Aramis.

—Mas partamos continuou de Wiuter, rartamos, o barco deve-nos esperar, e acolá está o nosso *sloop* ancorado, vel-o d'aqui? Tomara eu já lá estar.

E voltou-se ainda outra vez.

—Ah! disse Aramis, esqueceu-te alguma coisa?

—Não, é uma preoccupação.

—Viu-o, disse baixo Athos a Aramis.

Chegaram ás escadas que conduziam para o barco. De Winter mandou descer primeiro os criados que levavam as armas, e os moços que levavam as mallas e começou a descer depois d'elles.

N'este momento, Athos descobriu um homem que caminhava pela praia parallela ao caes, e que apressava os passos como para assistir do outro lado do porto ao seu embarque, de que distava apenas vinte passos.

Pareceu-lhe no meio da sombra que se começava a espalhar, reconhecer o joven que os interrogara.

—Oh! oh! disse elle para si, seria decididamente um espião e quereria oppor-se ao nosso embarque?

Mas como, no caso em que o estrangeiro tivesse este projecto, era já algum tanto tarde para o pôr em execução. Athos desceu a escada sem perder de vista o mancebo. Este para encurtar caminho, appareceu n'uma adufa.

—Elle por força nos quer alguma coisa, disse Athos, mas embarquemo-nos sempre, e depois no mar largo que venha.

E Athos saltou para o barco que foi immediatamente desamarrado da praia e começou a affastar-se com o esforço de quatro vigorosos remadores.

Mas o joven continuou a seguir ou antes a passar adiante do barco. Devia passar pela ponta do caes, dominado pelo pharol que acabavam de accender, e um rochedo.

Viram-n'o de longe subir ao rochedo de modo que dominasse o barco quando passasse.

—Ah! disse Aramis a Athos, aquelle mancebo é decididamente um espião.

—Qual mancebo? perguntou de Winter voltando-se?

—Aquelle que nos seguiu, que nos fallou, e que nos espera acolá: vel-o.

De Winter voltou-se e seguiu a direcção do dedo de Aramis. O pharol espalhava a claridade pelo pequeno estreito por onde iam passar e pelo rochedo onde estava o joven de pé, e que os esperava descoberto e de braços cruzados.

—E' elle! exclamou milord de Winter agarrando no braço de Athos, é elle; julguei reconhecel-o e não me enganei.

—Quem? perguntou Aramis.

—O filho de Milady, respondeu Athos.

—O frade! exclamou Grimaud.

O mancebo ouviu estas palavras: dir-se-ia que elle ia cair, tanto se tinha aproximado da estremidade do rochedo, inclinado para o mar.

—Sim, sou eu meu tio; eu o filho de Milady, eu o frade, eu o secretario e amigo de Comwell, e conheço-o e aos seus companheiros.

Havia n'esta barca tres homens que eram bravos, e de cuja coragem ninguem ousaria duvidar; comtudo, a esta voz, a este accento, a este gesto, sentiram um estremecimento de terror correr pelas suas veias.

Quanto a Grimaud, os seus cabellos se irriçaram na cabeça, e o suor corria-lhe pela fronte.

—Ah! disse Aramis, aquelle é o sobrinho, é o frade, é o filho de milady, como elle mesmo disse.

—Ah! sim, murmurou de Winter.

—Então espera, disse Aramis.

E tomou, com o sangue frio que tinha nas supremas occasiões, um dos mosquetes que Tony trazia, armou-o e fez pontaria áquelle homem que estava de pé no rochedo como o anjo das maldições.

—Fogo! gritou Grimaud fóra de si.

Athos agarrou o canno e susteve o tiro quasi a partir.

—Que diabo te arrebata, exclamou Aramis; tinha a pontaria tão certa; havia de lhe metter a balla mesmo no meio do peito.

—Já é sufficiente ter morto a mãe, disse surdamente Athos.

—A mãe era uma scelerada que nos causara mal a todos nós, ou áquelles que nós amavamos.

—Sim, mas o filho nada nos tem feito.

Grimaud, que se levantara para vêr o effeito do tiro, caiu desanimado, batendo nas mãos.

O joven começou a rir ás gargalhadas.

—Ah! agora já o conheço com toda a certeza, disse elle.

Seu riso estridente e suas palavras ameaçadoras passaram por cima do barco, levadas pela brisa, e foram perder-se nas profundidades do horisonte.

Aramis estremeceu.

—Socego, disse Athos. Que diabo! por acaso já não somos homens?

—Sim, disse Aramis, mas elle é um demonio. E pergunta ao tio se se desgostaria por eu o livrar do caro sobrinho.

De Winter só respondeu por um suspiro.

—Tudo estava acabado, continuou Aramis. Ah! tenho bastante receio que me tenha feito commetter uma loucura pela tua sabedoria.

Athos agarrou na mão de de Winter, e tentando mudar de conversação:

—Quando chegaremos a Inglaterra; perguntou elle ao lord; mas este não ouviu as suas palavras, e não respondeu.

—Talvez ainda fosse tempo, Athos, disse Aramis. Vê, ainda está no mesmo logar.

Athos voltou-se com esforço, a vista d'este mancebo era-lhe evidentemente penosa.

Com effeito, estava ainda no rochedo; fazendo o pharol ao redor d'elle como uma aureola de luz.

—Mas que faz elle em Bolonha? perguntou admirado Athos.

—Seguia-me, seguia-me, disse de Winter, que, d'esta vez ouvira a voz de Athos; porque correspondera aos seus pensamentos.

—Para te seguir, meu amigo, disse Athos, era necessario que soubesse a tua partida; e, ao contrario, segundo toda a probabilidade, precedeu-nos.

—Então, não comprehendo! disse o inglez meneando a

cabeça como um homem que pensa que é inutil luctar contra uma força sobrenatural.

—Decididamente, Aramis, disse Athos, julgo que liz mal em não o deixar matar.

—Cala-te, respondeu Aramis, far-me- ieis chorar se podesse.

Grimaud soltou um gemido.

De repente chamaram-n'os do *sloop*. O piloto, que estava sentado ao leme respondeu, e o barco abordou ao navio.

Da'hi a um momento, homens, cavallos e bagagens estavam a bordo. O capitão não esperava senão pelos passageiros para partir; e apenas estiveram a bordo dirigiram-se para Hasting, onde deviam desembarcar.

N'este momento os tres amigos, apesar seu, lançaram um ultimo olhar para o rochedo, onde se descobria visivelmente a sombra ameaçadora que os perseguia.

Uma voz lhes chegou aos ouvidos, trazendo-lhes esta ultima ameaça:

—Até nos vêrmos em Inglaterra, senhores.

X

O Te-Deum pela victoria de Lens

Todo aquelle movimento que a senhora Henriqueta vira e cuja causa debalde procurara, fôra occasionado pela victoria de Lens, que o principe mandara annunciar pelo duque de Chatillon, que n'elle tivera uma grande parte; estava além d'isso encarregado de suspender nos arcos de Nossa Senhora, vinte e duas bandeiras, tomadas tanto aos lorenos como aos hespanhoes.

Esta noticia fôra decisiva: fazia concluir o processo encetado com o parlamento a favor da côrte. Todos os impos-

tos registrados summariamente, e aos quaes o parlamento se oppunha, eram sempre motivados debaixo do pretexto de sustentar a honra da França e a esperança arriscada de bater o inimigo. Ora, como desde Nordlingen tinham soffrido sempre revezes, o parlamento tinha bons motivos para conbater o senhor de Mazarino a respeito das victorias sempre promettidas e sempre adiadas; mas d'esta tinham se finalmente batido, e tinham triumphado, e triumphado completamente; por isso todos comprehenderam que era uma dupla victoria para a côrte, victoria tanto exterior como interior, de modo que não havia ninguem, até o joven rei, que ao saber esta noticia não exclamasse:

—Ah! senhores do parlamento, vamos agora vêr o que direis.

A rainha ao ouvir isto apertou contra o seu peito o menino real, cujos sentimentos altivos e indomaveis conduziam tão bem como os seus.

Na mesma tarde convocou-se um conselho, a que foram chamados o marechal de La Meilleraie e o senhor de Villeroy porque eram mazarinistas, Chavigny e Seguier porque aborreciam o parlamento, e Guitaut e Comminges porque eram affeiçoados á rainha.

Nada transpirou do que fôra decidido n'este conselho. Soube-se sómente que no domingo seguinte haveria um *Te-Deum* cantando em Nossa Senhora em honra da victoria de Lens.

No domingo seguinte, os parisienses acordaram alegres: um *Te-Deum*, n'esta época, era uma coisa grande. Ainda não tinham abusado d'esta especie de cerimonia, e produzia o seu effeito.

O sol que tambem parecia tomar parte na festa, levantava-se radioso e dourava as escuras torres da metropole, já cheia de uma immensa quantidade de povo; as ruas mais obscuras da cidade tinham tomado um ar de festa, e pelos caes viam-se longas alas de burguezes, de artistas, mulheres e creanças dirigindo-se para Nossa Senhora. Tudo era alegria e festa.

As lojas estavam desertas, as casas fechadas; todos queriam vêr o joven rei com sua mãe e o famoso cardeal Maza-

rino que todos aborreciam a ponto de ninguem querer privar-se da sua presença.

Por entre todo esse immumeravel povo reinava a maior liberdade; manifestavam claramente o seu pensar e adivinhavam para assim dizer; a revolução, como os mil sinos de Paris tocavam o *Te-Deum*.

A policia da cidade era feita pelos mesmos cidadãos, nada de ameaçador vinha perturbar o concerto do odio geral e gelar as palavras nas bocas maldizentes, que sempre as ha n'estas occasiões.

Comtudo logo ás oito horas da manhã, o regimento das guardas da rainha commandado por Guitaut, e Comminges, seu sobrinho, viera, sem tambores e trombetas em frente, postar-se desde o Palacio Real até Nossa Senhora, manobra, que os parisienses viram com tranquillidade, sempre curiosos de musica militar e uniformes brilhantes

Friquet estava com fatos domingueiros, e, debaixo do pretexto de um inchaço que momentaneamente excitara, introduzindo uma immensa quantidade de caroços de cereja n'um dos lados da bôca, tinha obtido de Bazin, seu superior, licença para todo o dia.

Bazin tinha começado por lh'a não conceder, porque estava de mau humor, primeiro por causa da partida de Aramis, que tinha partido sem lhe dizer para onde ia, e segundo para ajudar a uma missa dita em louvor de uma victoria que não era segundo as suas opiniões.

Bazin era frondista, se bem se lembram; e se houvesse um meio por que em tal solemnidade o mestre de cerimonias se ausentasse como um simples menino do côro, de certo teria dirigido ao arcebispo a mesma petição que Friquet lhe houvera de fazer

Tinha por tanto começado por lh'a não conceder; mas na mesma presença de Bazin a inchação de Friquet augmentara de modo, que para honra dos meninos do côro, que seria compromettida por uma semilhante differença, acabou por ceder rosnando A porta da egreja, Friquet deitou fora o seu inchaço, fazendo para o lado onde estava Bazin um d'esses gestos que dão a superioridade aos garotos de Paris sobre todos os garotos do Universo; e quanto ao servir a sua hos-

pedaria, d'isso se desembaraçou elle facilmente dizendo que ia ajudar á missa a Nossa Senhora.

Friquet estava por tanto livre, e como já vimos, vestira-se do modo mais sumptuoso, tinha como ornamento notavel da sua pessoa um d'esses bonnets inexplicaveis, que eram o medio entre o barrete da edade media e o chapeu do tempo de Luiz XIII.

Sua mãe tinha-lhe feito este famoso primor da arte, ou fosse por capricho, ou fosse por falta de estofo semilhante, tinha-se mostrado pouco escrupulosa na escolha das côres; de modo que o rigor da arte dos chapeus do decimo septimo seculo era amarello e verde de um lado, e branco e encarnado do outro. Mas Friquet, que sempre gostara de variedade nas modas, não estava por isso menos altivo e triumphante.

Saindo de casa de Bazin, Friquet partiu a correr para o Palacio Real; e chegou lá no momento em que saia o regimento das guardas, e como elle não vinha para outra coisa senão para gosar da sua vista e aproveitar-se da sua musica, foi postar-se em frente tocando tambor com dois paus e passando d'este exercicio ao da trombeta, que elle contrafazia naturalmente com a boca de um modo que já mais de uma vez lhe tinha attrahido os elogios dos amadores do musica imitiva.

Este divertimento durou desde a barreira dos Sargentos até á praça de Nossa Senhora; e Friquet achou n'isto um verdadeiro prazer; mas quando o regimento parou, e quándo as companhias estendendo-se, penetraram até ao interior da cidade, postando-se na extremidade da rua S. Christovão, junto da rua Cocatrix, onde morava Broussel, então Friquet lembrando-se que ainda não almoçara, pensou para que lado voltaria os seus passos a fim de cumprir este importante acto do dia, e depois de ter maduramente reflectido, decidiu que seria o conselheiro Broussel quem pagaria o seu festim.

Em consequencia d'isto deita a correr e chega todo esbaforido diante da porta onde bateu violentamente.

Sua mãe, a velha criada de Brossel, veiu immediatamente abrir.

—Que vens tu aqui fazer, maroto, disse ella, e porque não estás em Nossa Senhora?

—Eu estava lá, mãe Annica, disse Friquet, mas vi que se passavam coisas de que o senhor Broussel devia ser advertido, e com a permissão do senhor Bazim, bem conheceis, mãe Annica, o senhor Bazim, o mestre de cerimonias? vim para fallar ao senhor Broussel.

—E que queres tu dizer ao senhor Broussel, mono?

—Quero fallar com elle mesmo.

—Não póde ser está agora occupado.

—Então esperarei, disse Friquet a quem isto convinha muito mais porque esperava achar algum meio de utilisar o tempo.

E subiu rapidamente a escada, que a senhora Annica subiu mais devagar atraz d'elle.

—Mas em fim, disse ella, que queres tu dizer ao senhor Broussel?

—Eu quero dizer-lhe, disse Friquet gritando com todas as suas forças, que todo o regimento das guardas vem para este lado. Ora, como ouvi dizer em toda a parte que era mal visto na côrte, venho prevenil-o para que se acautele.

Broussel ouviu os gritos do garoto, e arrebatado pelo excesso do seu zelo, desceu ao primeiro andar.

—Oh lá! disse elle, meu amigo, que te importa o regimento das guardas? ou estás louco em fazer um tal escandalo? Não sabes que é costume pôr-se este regimento em ala para a passagem do rei!

Friquet fingiu-se admirado, e voltando o seu bonnet novo nas mãos, disse:

—Não é do admirar que o saiba, disse elle, o senhor Broussel, que sabe tudo; mas eu, tão certo como existir Deus, *não o sabia* e julguei dar-lhe um bom aviso. Comtudo não o ha de ter por isso, senhor Broussel.

—Ao contrario, meu rapaz, ao contrario, Annica, vá dar a seu filho meia duzia de damascos, que a senhora de Longueville nos mandou hontem de Noisy com um bocado de pão molle.

—Ah! obrigado, senhor Broussel, obrigado, disse Friquet, gosto muito de damascos.

Broussel dirigiu-se então para o quarto de sua mulher e pediu o seu almoço. Eram nove horas e meia. O conselheiro poz-se á janella. A rua estava completamente deserta, mas ao longe ouvia-se, como se fosse o fluctuar do oceano, o immenso bramido das ondas populares que começavam já a engrossar em torno de Nossa Senhora.

Este ruido redobrou quando d'Artagnan veiu com uma companhia de mosqueteiros postar-se ás portas de Nossa Senhora, para fazer com que se cumprisse o serviço da egreja. Tinha dito a Porthos que se aproveitasse da occasião para vêr a cerimonia, e Porthos em grande apparato, montou no seu mais bello cavallo, servindo de mosqueteiro honorario, como em outro tempo d'Artagnan tantas vezes fizera. O sargento da companhia, velho soldados das guardas de Hespanha, reconheceu Porthos, seu antigo camarada, e bem depressa contou a todos que servia debaixo das suas ordens, os altos feitos d'aquelle gigante, a honra dos antigos mosqueteiros de Tréville. Porthos, não só foi bem acolhido pela companhia, mas atá olhado com admiração.

A's dez horas o canhão do Louvre annunciou a saida d'el-rei. A multidão fez um movimento, semilhante ás arvores abaladas pelo furioso vento de uma tempestade, e agitou-se por detraz dos mosquetes immoveis dos guardas. Finalmente el-rei appareceu com a rainha n'uma carroagem dourada.

Dez outras carroagens a seguiam, contendo as damas de honor, os officiaes da casa real, e toda a côrte.

—Viva el-rei! gritaram de todas as partes.

O joven rei deitou gravemente fóra da portinhola a sua cabeça, e saudou ligeiramente.

O cortejo avançou vagarosamente, e levou perto de meia hora em correr o espaço que separa o Louvre da praça de Nossa Senhora. Tendo chegado lá, dirigiu-se para a immensa arcada da sombria metropole, e o serviço divino começou.

No momento em que a côrte tomava os seus logares, uma carroagem com as armas de Comminges deixou a ala das da côrte, e veio vagarosamente postar-se no fim da rua de S. Christovão, inteiramente deserta Tendo chegado lá, quatro guardas e um sargento que a escoltavam subiram pa-

ra a pesada machina e fecharam as cortinas; apoz isto o sargento poz-se a espreitar a rua Cocatrix, como se esperasse a chegada de alguem.

Todos estavam occupados com a cerimonia, de modo que nem a carroagem, nem as precauções que tomavam os que estavam dentro d'ella foram notadas. Friquet, cujo olhar sempre á espreita só as poderia penetrar, tinha ido saborear os seus damascos na cimalha de uma casa do adro de Nossa Senhora, donde viu o rei, a rainha, e o senhor de Mazarino, e ouvia a missa como se a estivesse a ajudar.

Quasi no fim da missa, a rainha, vendo que Comminges esperava de pé junto d'ella uma confirmação da ordem que lhe dera antes de deixar o Louvre, disse-lhe baixinho:

—Vá, Comminges, e que Deus o ajude!

Comminges partiu immediatamente, saiu da egreja, e entrou na rua de S. Christovão.

Friquet, que viu aquelle bello official seguido de dois guardas, divertio-se em o seguir, e isto com muito maior alegria porque a cerimonia acabava então, e o rei estava subindo para o seu coche.

Apenas o sargento viu apparecer Comminges no fim da rua Cocatrix, disse uma palavra ao cocheiro, o qual poz immediatamente a sua machina em movimento, e guiou-a para diante da porta de Broussel.

Comminges batia a esta porta ao mesmo tempo que a carroagem parava.

Friquet esperava por detraz de Cominges que a porta se abrisse.

—Que fazes tu ahi, maroto? perguntou Comminges.

—Espero para entrar em casa do senhor Broussel, senhor official, disse Friquet com aquelle ar indolente que o garoto de Paris sabe tomar em certas occasiões.

—E' então aqui que elle mora? perguntou Commiuges.

—Sim, senhor.

—E em que andar habita?

—Toda a casa é d'elle, disse Friquet.

—Para trabalhar está no segundo, mas para comer desce ao primeiro; agora deve estar a jantar porque é meio dia.

—Bem, disse Comminges.

N'este momento abriram a porta. O official interrogou o criado, e soube que o senhor Broussel estava em casa, e que effectivamente estava jantando. Comminges subiu atraz do criado, e Friquet subiu atraz de Comminges.

Broussel estava sentado á mesa com a sua familia, diante d'elle estava sua mulher, aos lados suas duas filhas, e no fim da mesa seu filho, Louvieres, que já vimos na occasião do accidente acontecido ao conselheiro, accidente de que estava perfeitamente restabelecido. O bom homem, já de perfeita saude, saboreava então os bellos fructos que lhe mandara a senhora de Longueville.

Comminges, quando o criado ia abrir a porta para o annunciar agarrou-lhe no braço, abriu elle mesmo a porta e achou-se em frente d'este quadro de familia.

A' vista do official, Broussel sentiu-se algum tanto confuso; mas vendo que elle o saudava cortezmente, levantou-se e saudou tambem.

Comtudo, apesar d'esta polidez reciproca, a inquietação pintou-se no rosto das senhoras; Louvieres tornou-se muito palido, e esperava impaciente que o official se explicasse.

—Senhor, disse Comminges, sou portador de uma ordem de el-rei.

—Muito bem, senhor, respondeu Broussel. Que ordem é? E estendeu a mão.

—Estou encarregado de o prender, senhor, disse Comminges, com o mesmo modo e polidez; e, querendo acreditar-me, deixe-me lêr esta longa carta, e segui-me immediatamente.

Se um raio caisse no meio d'estas honradas pessoas tão socegadamente reunidas, não produziria um effeito mais terrivel. Broussel recuou tremendo. N'esta época o ser preso pela inimisade do rei era uma coisa terrivel. Louvieres fez um movimento para saltar sobre a sua espada, que estava n'uma cadeira junto á parede; mas um lance de olhos do honrado Broussel, que no meio de tudo isto não perdera a sua presença de espirito, conteve este movimente desesperado. A senhora Broussel, separada de seu marido pela largura da mesa, estava lavada em lagimas; as duas meninas abraçadas a seu pae.

—Vamos, senhor, disse Comminges, apressemo-nos, deve-se obedecer ao rei.

—Senhor, disse Broussel, estou doente e não posso entregar-me á prisão n'este estado: peço que se adie a minha prisão.

—E' impossivel, disse Comminges, a ordem é formal e deve ser executada no mesmo instante.

—E' impossivel! disse Louvieres, senhor, tome sentido em não nos exasperar.

—E' impossivel! disse uma voz aguda no fundo do quarto.

Comminges voltou-se e viu a Annica com o pau de vassoura na mão e cujos olhos brilhavam com todo o fogo da colera.

—Minha boa Annica, está socegada, disse Broussel, eu lh'o peço.

—Eu estar socegada quando prendem meu amo, o apoio, o libertador, o pae do pobre povo! Ah! sim! o senhor ainda não me conhece... Quer sair?! disse ella a Comminges.

Este sorriu-se.

—Vamos, senhor, disse elle voltando-se para Broussel, faça com que esta mulher se calle e siga-me.

—Fazer-me callar, a mim! a mim! disse Annica, ah! sim! espere por essa! ainda era preciso um outro como o senhor, meu bello passaro do rei! vae já vêr!

E Annica corre para a janella; abre-a e põe-se a gritar com uma voz tão aguda que se podia ouvir no adro de Nossa Senhora:

—Soccorro! gritou ella, prendem meu amo! prendem o conselheiro Broussel! soccorro!

—Senhor! disse Comminges, declare-se immediatamente, conta obedecer ou desobedecer ao rei?

—Obedeço, obedeço! exclamou Broussel tentando desenlaçar-se dos braços de suas duas filhas e conter com o olhar seu filho.

—Então, disse, Comminges mande callar aquella velha.

—Ah! velha! disse Annica.

E poz-se a gritar cada vez mais alto agarrando-se aos ferros da janella:

—Soccorro! soccorro! para o senhor Broussel, que o prendem porque defendeu o povo; soccorro!

Comminges agarrou a criada pelo meio do corpo, e quiz arrancal-a do logar em que estava; mas no mesmo instante uma outra voz, saindo de uma especie de sobreloja, berrou em um tom de falsete:

—Assasino! fogo! assassino! Matam o senhor Broussel! degolam o senhor Bronssel!

Era a voz de Friquet. A senhora Annica sentindo-se apoiada, replicou então ainda com mais força.

Já algumas cabeças curiosas appareciam pelas janellas. O povo, attrahido do fim da rua, vinha-se aproximando; primeiro alguns homens, depois grupos, finalmente uma multidão, ouviam-se gritos; via-se uma carroagem, mas nada se comprehendia. Friquet saltou da sobreloja para o tejadilho da carroagem.

—Querem prender o senhor Broussel! gritou elle, estão guardas na carroagem, e o official está lá em cima.

A multidão começou a murmurar e aproximou-se dos cavallos. Os dois guardas que tinham ficado no corredor subiram para soccorrer Comminges; os que ficaram na carroagem abriram as portinholas e crusaram as espadas.

—Veem-n'os? gritava Friquet. Veem-n'os? lá estão elles.

O cocheiro voltou-se e atirou a Friquet uma chicotada que o fez uivar pela dôr.

—Ah! cocheiro do diabo! exclamou Friquet, tambem tu te queres metter n'isto? espera!

E subindo de novo para a sua sobreloja, atirou de lá ao cocheiro quantos projectis pôde achar.

Apesar da demonstração hostil dos guardas, e mesmo talvez por causa d'essa demonstração, a multidão começou de murmurar e aproximou-se dos cavallos. Os guardas affastaram com grandes espadeiradas os mais amotinados.

Com tudo o tumulto ia crescendo mais e mais, a rua já não podia conter os espectadores que corriam de todas as partes; o continuo impurraria estreitando cada vez mais o

espaço que formavam ainda entre elles e a carroagem as temiveis espadas dos guardas. Os soldados, repellidos como por muralhas vivas iam ser esmagados contra as rodas e caixilhos da carroagem. Os gritos: Em nome d'el-rei! vinte vezes repetidos pelo sargento não tinham força alguma contra esta terrivel multidão, e pareciam pelo contrario exasperal-a ainda mais, quando, aos gritos, em nome de el-rei! appareceu um cavalleiro, e, vendo uniformes maltratados, correu para o barulho de espada em punho trazendo um soccorro inesperado aos guardas.

Este cavalleiró era um joven apenas de quinze a desesseis annos, a quem a colera tornava pallido. Apeou-se como os outros guardas, encostou-se á lança do coche, fez do cavallo uma trincheira, tirou as pistolas dos coldres, que poz no cinto e começou a espadeirar como um homem familiar no manejo da espada.

Durante dez minutos o joven só por si susteve o esforço de toda a multidão.

Viu-se então apparecer Comminges trazendo Broussel diante de si.

—Quebremos a carroagem! gritava o povo.

—Soccorro! gritava a velha.

—Assassino! gritava Friquet continuando a fazer chover sobre os guardas tudo o que tinha á mão.

—Em nome de el-rei! gritava Comminges.

—O primeiro que avançar morre! gritou Raul que, sentindo-se apertado, apoiou a ponta da sua espada n'uma especie de gigante que ameaçava esmagal-o, e que sentindo-se ferido recuou dando um grito

Na verdade era Raul que, voltando de Blois, segundo o que promettera ao conde de La Fère, depois de cinco dias de ausencia, quizera vêr a cerimonia, e dirigira-se pelas ruas que o conduziriam mais directamente a Nossa Senhora. Tendo chegado ás proximidades da rua Cocatrix, foi arrastado pela onda do povo, e ao ouvir a palavra: em nome de el-rei! lembrou se do que lhe dissera Athos. Servi o rei! foi portanto combater por el-rei cujos guardas maltravam.

Comminges atirou para assim dizer com Broussel para a carroagem e subiu depois d'elle. N'este momento retenio

um tiro de arcabuz, uma balla atravessou de alto a baixo o chapeu de Comminges e quebrou o braço de um guarda. Comminges levantou a cabeça e viu no meio do fumo a figura ameaçadora de Louvieres que apparecia á janella do segundo andar.

—Muito bem, senhor, disse Comminges, ouvireis fallar de mim.

—E o senhor, tambem disse Louvieres, e veremos quem fallará mais alto.

Friquet e Annica continuavam berrando; os gritos, o ruido do tiro, o cheiro da polvora sempre embriagaute, produziam o seu effeito.

—Morra o official! morra! uivou a multidão.

Vin-se fazer a multidão um grande movimento.

—Um passo mais, gritou Comminges abrindo as portinholas para que podessem vêr bem o que se passava na carroagem, e apoiando a sua espada no peito de Broussel, um passo mais e mato o preso; tenho ordem de o conduzir morto ou vivo, conduzil-o-hei morto.

Um grito terrivel atroou os ares: a mulher e as filhas de Broussel estendiam para o povo as suas mãos supplicantes.

O povo comprehendeu que este official tão pallido mas que parecia tão resoluto faria como dizia: continuaram a ameaçar, mas affastaram-se.

Comminges fez subir para a carroagem o guarda ferido e ordenou aos outros que fechassem a portinhola.

—Para o palacio, disse elle ao cocheiro mais morto que vivo.

Este açoitou os cavallos, que abriram um largo caminho por entre a multidão; mas chegando ao caes, foi preciso parar.

A carroagem voltou-se, os cavallos eram levados, empurrados e moidos pela multidão. Raul de pé, por que não tivera tempo de tornar a montar, cançado, assim como os guardas de distribuir pranchadas, começava a recorrer á estocada. Mas este terrivel e ultimo recurso não fazia senão exasperar a multidão.

De tempos a tempos, via-se reluzir no meio da multidão o cano de um mosquete e a folha de uma espada, sentia-se

a denotação de alguns tiros, sem duvida, disparados para o ar, mas cujo echo apesar d'isso não fazia vibrar menos os corações; os projectis continuavam a chover das janellas.

Ouviam-se vozes que não se ouvem senão nos dias de revolta, viam-se caras que só se veem nos dias sanguinolentos.

Os gritos: Morram! morram os guardas! atiremos com o official ao Sena! dominavam todo este ruido, immenso como era.

Raul, com o chapeu pisado, o rosto salpicado de sangue, sentia que não só as suas forças, mas tambem a sua rasão, o começavam a abandonar; seus olhos estavam cobertos por um nevoeiro avermelhado, e atravez d'este nevoeiro via com braços ameaçadores, prestes a agarral-o quando caisse. Comminges arrancava raivoso os cabellos na carroagem tombada.

Os guardas occupados em defender-se a si proprios, não podiam soccorrer ninguem, Tudo estava acabado, carroagem e cavallos, guardas, satellites e o mesmo preso talvez, tudo ia ser feito em postas, quando de repente soou uma voz bem conhecida de Raul, e se viu brandir no ar uma comprida espada; no mesmo instante abriu-se a multidão, pisada, deitada por terra e esmagada, um official de mosqueteiros dando golpes para a direita e para a esquerda, correu para Raul e agarrou-o nos braços no momento em que ia para cair.

—Com os diabos! gritou o official, assassinar-nos-iam? N'esse caso, desgraçados d'elles!

E voltou-se tão assustador de força, colera e ameaça que os mais amotinados rebeldes recuaram uns para cima, dos outros, e alguns rolaram até ao Sena.

—Senhor d'Artagnan! murmurou Raul.

—Sim, sou eu em pessoa, e felizmente para o senhor, pelo que parece, meu joven amigo! Vamos, aproxime-se, disse elle alçando-se nos estribos, levantando a espada, e chamando com a voz e com o gesto os mosqueteiros, que não tinham podido seguil-o por causa da rapidez da sua carreira. Vamos, varrei-me tudo isto! Preparar! Carregar! Apontar!...

A esta ordem as montanhas do povo abaixaram-se tão

subitamente, que d'Artagnan não poude reter uma gargalhada.

—Obrigado, d'Artagnan, disse Comminges, mostrando metade do corpo por fóra da portinhola da carroagem tombada ; obrigado, meu joven cavalleiro ! O seu nome ? quero dizel-o á rainha.

Raul ia responder, quando d'Artagnan se inclinou ao ouvido.

—Cale-se, lhe disse elle, e deixe-me responder.

Depois voltando-se para Comminges :

—Não perca o seu tempo, Comminges, disse elle, sai da carroagem se pode, e mande vir outra.

—Mas qual ?

—Ora essa ! a primeira que passar pela Ponte Nova. Os que forem n'ella, espero que gostarão muito de a emprestar para o serviço de el-rei.

—Mas, disse Comminges, eu não sei...

—Vá aliás, em cinco minutos, todos os farroupilhas voltarão com espadas e mosquetes. Será morto, e o seu preso livre. Ah ! veja acolá vae justamente uma carroagem. Chame-a.

Depois inclinando-se de novo para Raul, lhe disse :

—Sabe tudo, não diga o seu nome.

O joven olhava para elle espantado.

—Então corro lá, disse Comminges, e se elles voltarem faça fogo.

—Não, não, respondeu d'Artagnan, pelo contrario, nem um só se mecha, porque um tiro n'este momento, seria pago muito caro ámanhã.

Comminges, acompanhado dos quatro guardas, e outros tantos mosqueteiros, correu para a carroagem. Fez d'ella descer as pessoas que levava, e conduziu-as para junto da quebrada.

Mas quando foi necessario transportar Broussel da carroagem quebrada para a outra, o povo, que divisou aquelle que chamava seu libertador, deu uivos inacreditaveis, e precipitou-se de novo para a carroagem.

—Parta, disse d'Artagnan. Ahi tens dez mosqueteiros para o acompanharem, fico com vinte para conter o povo ; par-

ta, e não perca um minuto. Dez homens para acompanharem o senhor de Comminges!

Dez homens separaram-se de tropa, rodearam a carroagem, e partiram a golope.

A' partida da caroagem os gritos redobram; mais de dez mil homens se achavam reunidos no caes, Ponte-Nova e ruas adjacentes.

Alguns tiros foram disparados. Um mosqueteiro foi ferido.

—A'vante! gritou d'Artagnan já irritado.

E carregou com os seus vinte homens sobre todo este povo, que recuou aterrado. Um só homem ficou no seu logar de arcabuz na mão.

—Ah! disse o homem, és tu que já o quizestes assassinar! espera!

E apontou o seu arcabuz para d'Artagnan, que se dirigia para elle a galope.

D'Artagnan inclinou-se para o pescoço do cavallo, o joven fez fogo, a balla cortou-lhe a pluma do chapeu.

O cavallo, levado pela força da carreira, foi esbarrar no imprudente, que queria affrontar só a tempestade, e o fez ir bater contra o muro.

D'Artagnan susteve o cavallo, e em quanto os mosqueteiros continuavam a avançar sobre o povo, elle dirigiu-se de espada levantada para o que tinha deitado por terra.

—Ah! senhor, gritou Raul, que conheceu o joven por tel-o visto na rua Cocatrix; senhor, deixe-o, é filho d'elle.

D'Artagnan reteve o braço prestes a ferir.

—Ah! és filho d'elle, isso é outro caso.

—Rendo-me, senhor, disse Louvieres apresentando ao official o seu arcabuz descarregado.

Oh! não! não se renda! pelo contrario fugi e depressa, porque se o prendo, sereis enforcado.

Não foi preciso repetir-lh'o duas vezes, passou por baixo do pescoço do cavallo, e desappareceu na esquina da rua Guénégaud.

—A fallar a verdade, disse d'Artagnan a Raul, foi bom que me segurasseis o braço, ficava morto; e quando soubesse quem era, arrepender-me-ia.

—Ah! senhor, disse Raul, permitti que depois lhe ter agradecido por aquelle pobre rapaz lhe agradeça por mim; eu tambem estava para morrer quando chegastes.

—Deixemo-nos disso, Raul; não se cance em fallar.

E dizendo isto, d'Artagnan tirou dos coldres uma garrafinha de vinho de Hespanha.

—Beba dois golos d'isso, disse elle.

Raul bebeu, e quiz renovar os seus agradecimentos.

—Meu querido, disse d'Artagnan, fallaremos d'isso mais tarde.

Depois, vendo que os mosqueteiros tinham varrido o caes desde a Ponte Nova até S. Miguel, e que vinham já de volta, levantou a espada para que dobrassem o passo.

XI

Onde se prova que o primeiro impulso é sempre bom

Os mosqueteiros chegaram a trote; ao mesmo tempo que do outro lado do caes, chegavam os dez mosqueteiros da escolta que d'Artagnan tinha dado a Comminges.

—Oh lá! disse d'Artagnan dirigindo-se a estes, aconteceu alguma coisa de novo?

—Oh! senhor, disse o sargento, a carroagem quebrou-se ainda outra vez; é uma verdadeira maldição.

D'Artagnan encolheu os hombros.

—São uns desgeitosos, disse elle, quando se escolhe uma carroagem é necessario que seja solida: e a que levar um Broussel deve poder aguentar com dez mil homens.

—Que ordena meu tenente?

—Conduzi o destacamento para o quartel.

—Mas refire-se so?

—De certo. Julga que preciso de escolta ?

—Mas..

—Vá..

Os mosqueteiros partiram, e d'Artagnan ficou só com Raul.

—Ainda soffre ? lhe disse elle.

—Sim, senhor, tenho a cabeça pesada e a arder.

—Que tem então na cabeça ? disse d'Artagnan levantando o chapeu. Ah ! ah ! uma contusão.

—Sim, parece me que levei com um vaso de flores na cabeça.

—Canalha ! disse d'Artagnan. Mas tens esporas, estavas então a cavallo ?

—Sim, mas apaei-me para defender o senhor Comminges e roubaram-me o meu cavallo. Elle alli vae.

Com effeito n'este momento, passava o cavallo de Raul motnado por Friquet, que corria a galope, agitando o seu bonnet de quatro cores, e gritando : Broussel ! Broussel !

—Olá ! maroto, pára ! gritou d'Artagnan, traz aqui esse cavallo.

Friquet ouviu bem, mas fingiu não ouvir, e tentou continuar o seu caminho.

D'Artagnan teve por um instante o desejo de correr atraz d'elle, mas não quiz deixar Raul só, contentou-se em tirar uma pistola dos coldres e de armal-a.

Friquet tinha o olho vivo e ouvido fino, viu o movimento de d'Artagnan, ouviu o ruido do cão; parou immediatamente o cavallo.

—Ah! é o senhor official, exclamou elle dirigindo-se para d'Artagnan, estou na verdade muito contente em o tornar a encontrar.

D'Artagnan olhou para Friquet com attenção, e reconheceu o rapaz da rua da Calandra.

—Ah ! és tu, brejeiro ; anda cá.

—Sim, sou eu, senhor official, disse Friquet com o seu ar indolente.

—Então já mudas-te de officio ? já não és menino de côro ? já não és moço de taberna ? és agora ladrão de cavullos ?

—Ah! senhor official, não diga isso? exclamou Friquet, eu procurava o fidalgo a quem pertence este cavallo, um bello cavalleiro bravo como um Cesar.

—Ah! mas não me engano, continuou elle fingindo não descobrir Raul, eil-o aqui. Senhor, espero que não esquecereis o rapaz não é verdade?

Raul levou a mão á algibeira.

—Qua vae fazer? perguntou d'Artagnan.

—Dar dez francos a este bom rapaz, respondeu Raul tirando da algibeira uma pistola.

—Dez pontapés na barriga, disse d'Artagnan. Retira-te, maroto! e não te esqueças de que sei onde moras.

Friquet, que não esperava ver-se livre facilmente, não deu mais que um salto desde o caes até á rua Delphina, onde desappareceu. Raul tornou a montar a cavallo, e ambos tomaram a passo o caminho da rua Tiquetonne, protegendo d'Artagnan o joven como se fôra seu filho.

Pelo caminho houveram surdos murmurios e longiquas ameaças: mas ao aspecto d'este official de porte militar, á vista da terrivel espada que lhe pendia do pulso, affastaram-se constantemente, e nenhuma tentativa séria se fez contra os dois cavalleiros.

Chegaram sem accidente á estalagem de la Chevrette.

A bella Magdalena annunciou a d'Artagnan que Planchet voltára conduzindo Mousqueton que supportou heroicamente a extração da balla e estava o melhor que lhe permittia o seu estado.

D'Artagnan ordenou que chamassem Planchet; mas por mais que o chamassem, Planchet não respondeu; tinha desapparecido.

—Então tragam vinho, disse d'Artagnan.

Quando exucutaram esta ordem, e que d'Artagnan se viu só com Raul.

—Está muito contente, não é verdade, disse elle olhando para Raul.

—Sim, disse Raul, parece-me que fiz o meu dever. Não defendi el-rei?

E quem lhe disse que defendesse el-rei?

—O mesmo senhor conde de La Fère.

—Sim, deve defender el-rei; mas hoje não defendeu el-rei, defendeu Mazarino: o que não é a mesma coisa.

—Mas senhor...

—Praticou uma coisa espantosa, joven, metteu-se em coisas que não lhe importam.

—*Comtudo o senhor mesmo...*

—Oh! eu sou outra coisa; eu devo obedecer ás ordens do meu capitão. O seu capitão é o senhor principe; não tem outro. Mas hoje serviu Mazarino, e ajudou a prender Broussel! Não diga, ao menos, uma palavra d'isto, aliás o senhor conde de La Fere ficaria furioso.

—Julga que o senhor conde de La Fére ficaria zangado contra mim?

—Se o julgo! estou certo, aliás agradecer-lhe-ia, porque emfim trabalhou por nos. Por isso reprehendo-o em seu logar; está certo que a tempestade será mais branda. Demais, ajuntou d'Artagnan, eu uso meu caro filho, do privilegio que me concedeu o seu tutor.

—Não o comprehendo, senhor, disse Raul.

D'Artagnan levantou-se, foi á sua secretária, tirou uma carta, e apresentou-a a Raul.

Apenas Raul percorreu o papel, conheceu-se-lhe logo a perturbação.

—Oh! meu Deus! disse elle levantando os seus bellos olhos humidos de lagrimas para d'Artagnan, então o senhor conde deixou Pariz sem me vêr?

—Partiu ha quatro dias, disse d'Artagnan.

—Mas a sua carta parece indicar que corre um perigo de morte

—Ora elle correr um perigo de morte! tranquillise-se; não vaga por negocios e em breve voltará; espero que não terá repugnancia em me acceitar por tutor inteiramente?

—Oh! mio! senhor d'Artagnan, disse Raul, é um tão bravo cavalleiro, e o senhor conde de La Fére ama-o tanto!

—Pois bem! então ame-me tambem, não o atormentarei muito, mas com a condição de que será frondista, meu joven amigo e mesmo muito frondista.

—Mas posso continuar a vêr a senhora de Chevreuse?

—Pois porque não! e tambem o senhor coadjutor, a se-

nhora de Longueville ; e se estivesse solto o honrado Broussel que tanto contribuiu em fazer prender, eu lhe diria : Vá pedir perdão immediatamente ao senhor de Broussel, e abrace-o.

—Obedecer-lhe-hei, senhor, ainda que o não comprehenda.

—E' inutil que comprehenda. Ah ! continuou d'Artagnan voltando-se para a porta que acabavam de abrir, ahi vem o senhor du Vallon com o seu fato todo roto.

—Sim, mas em paga, disse Porthos correndo em suor e sujo de poeira, em paga rasguei bastantes pelles. Aquelles farroupilhas não me queriam tirar a espada! C'os diabos ! que revolução ! continuou o gigante com o seu modo tranquillo : mas matei mais de vinte com a folha da Balizarda.... Um copo de vinho, d'Artagnan.

—Oh ! refiro-me ao senhor, disse o gascão enchendo o copo de Porthos até a cima, quando tiver bebido ha de me dizer a sua opinião.

Porthos bebeu o copo de um trago; depois tornou a pol-o na mesa, alisando o bigode.

—A que respeito ? disse elle.

—Veja, replicou d'Artagnan, aqui está o senhor Bragelonne que queria a toda a força ajudar a prender o senhor de Broussel e que muito me custou o impedil-o de deffender Comminges !

—Diabo ! disse Porthos ; e o tutor, que diria elle se soubesse isso ?

—Vê ! interrompeu d'Artagnan, frondae, meu amigo, frondae e tome sentido em que substituo o senhor conde em tudo.

Estas ultimas palavras disse d'Artagnan batendo no bolso.

—Venha Porthos ? disse elle voltando-se para o seu camarada.

—Onde ? disse Porthos bebendo um segundo copo de vinho.

—Apresentar os nossos respeitos ao cardeal.

Porthos bebeu o segundo copo com a mesma tranquillidade com que bebera o primeiro ; pôz na cabeça o chapeu que tinha deixado n'uma cadeira, e seguiu d'Artagnan.

Raul ficou admirado do que vira, e prohibido por d'Artagnan de sair do quarto em quanto não acalmasse a revolta.

XII

O mendigo de Santo Eustaquio

D'Artagnan tinha calculado o que faria não indo immediatamente ao Palacio Real, dera tempo a que Comminges lá fosse antes d'elle, e por consequecucia que paraticipasse ao cardeal os eminentes serviços que elle, d'Artagnan, e o seu amigo tinham prestado n'esta manhã ao partido da rainha.

Por isso ambos foram admiravelmente recebidos por Mazarino, que lhes fez muitos cumprimentos e que lhes annunciou que cada um d'elles estava em mais de meio caminho do que desejava: isto é, d'Artagnan do seu posto de capitão, e Porthos da sua baronia.

D'Artagnan antes quereria dinheiro que tudo isto, porque sabia que Mazarino promettia facilmente e cumpria a grande custo: estimava por tanto as promessas do cardeal como carnes de pouca substancia; mas comtudo não deixou de se mostrar satisfeito diante de Porthos, que elle não queria desanimar.

Emquanto os dois amigos estavam com o cardeal, a rainha mandou-o chamar. O cardeal imaginando que recebendo elles os agradecimentos da rainha, era o meio de augmentar o zelo dos seus dois defensores, acenou-lhes que o seguissem. D'Artagnan e Porthos mostraram-lhe os seus trajos todos cheios de pó e rasgados, mas o cardeal abanou a cabeça.

—Esses trajos, disse elle, valem mais que os da maior parte dos cortezãos que vão encontrar com a rainha, porque esses são trajos de guerra.

D'Artagnan e Porthos obedeceram.

A côrte d'Anna d'Austria estava numerosa e alegre porque para cumulo de tanta felicidade, depois de ter alcançado uma victoria sobre os hespanhoes, acabavam de alcançar tambem uma sobre o povo. Broussel tinha sido conduzido para fóra de Paris sem resistencia e já devia estar nas prisões de S. Germano: e Blanemenil, que fôra preso ao mesmo tempo que elle, mas sem bulha e sem difficuldade, estava no castello de Vincennes.

Comminges estava junto da rainha, que o interrogava a respeito dos detalhes da sua expedição; todos o estavam escutando quando appareceram á porta, por detraz do cardeal, d'Artagnan e Porthos.

—Oh! senhora, disse elle correndo para d'Artagnan, aqui vem uma pessoa que lhe póde contar isto melhor que eu, porque foi o meu salvador. Sem elle, estaria agora provavelmente preso nas redes de Saint Cloud; porque tratava-se nada menos do que atirar-me ao rio. Falle, d'Artagnan, falle.

Desde que era tenente nos mosqueteiros, d'Artagnan tinha-se achado mais de cem vezes no quarto da rainha; mas nunca este lhe fallára.

—Então! senhor, depois de me ter feito um semilhante serviço, cala-se? disse Anna d'Austria.

—Senhora, respondeu d'Artagnan, nada mais tenho a dizer senão que a minha vida está ao serviço de vossa magestade, e que não serei feliz senão no dia em que a perder por por vossa magestade.

—Eu sei isso, senhor, eu sei isso, disse a rainha, e de ha muito. Por isso tenho grande prazer em poder dar-lhe este signal publico da minha estima e do meu reconhecimento.

—Permitta me, senhora, disse d'Artagnan, que reparta uma parte d'elle com o meu amigo, antigo mosqueteiro da companhia de Tréville, como eu (carregou n'estas palavras), e que fez maravilhas.

—O seu nome? perguntou a rainha.

—Nos mosqueteiros, disse d'Artagnan, chama-se Porthos (a rainha estremeceu), mas o seu verdadeiro nome é o cavalleiro du Vallon.

—De Bracieux Pierrefonds, ajuntou Porthos.

—Esses nomes são muito numerosos para que os retenha todos na memoria, e não me quero lembrar senão do primeiro, disse graciosamente a rainha.

Porthos saudou.

D'Artagnan recuou dois passos.

N'este momento annunciaram o coadjuctor.

A real assembléa soltou um grito de surpresa. Ainda que o senhor coadjuctor tivesse prégado n'aquella mesma manhã, sabia-se que era muito inclinado para o partido da fronda; e Mazarino quando pedira ao senhor arcebispo de Pariz que fizesse prégar seu sobrinho, fôra evidentemente com a intenção de fazer ao senhor de Betz uma d'aquellas partidas italianas de que elle tanto gostava.

Com effeito ao sair de Nossa Senhora, o coadjutor soubera o que acontecera. Ainda que quasi compromettido com os principaes frondistas, não o era bastante para que se não podesse retirar no caso da côrte lhe offerecer as vantagens que elle ambicionava e para os quaes a coadjutoria não era senão um caminho. O senhor de Retz queria ser arcebispo em vez de seu tio, e cardeal como Mazarino.

Ora o partido popular difficilmente lhe podia conceder estes favores inteiramente reaes. Ia por tanto para o palacio para cumprimentar a rainha pela batalha de Lens, determinado de antemão a proceder a favor ou contra a côrte, segundo o seu cumprimento fosse bem ou mal recebido.

O coadjutor foi annunciado; entrou, e, ao seu aspecto, toda esta corte triumphante redobrou de curiosidade para ouvir as suas palavras.

O coadjutor tinha só por si quasi tanto espirito como todos os que alli estavam reunidos para zombar d'elle. Por isso o seu discurso foi tão habil, que, apesar do grande desejo que os assistentes tinham em mofar d'elle, não acharam nada porque pegassem. Terminou dizendo que punha o seu fraco poder ao serviço de sua magestade.

A rainha pareceu prestar muita attenção á harenga do senhor coadjuctor, em quanto durou; mas terminada ella por esta phrase, a unica porque podiam pegar para os dichotes.

—Anna voltou-se e com um lance de olhos annunciou aos seus favoritos que lhes entregava o coadjuctor. Então todos os gracejadores se pozeram a zombar d'elle. Nogent-Beautin, o bobo da rainha, exclamou que ella era muito feliz em achar os soccorros da religião n'uma tal crise.

Todos se pozerem a rir.

O conde de Villeroy disse que não sabia como podiam ter receio um só instante, quando tinham para defender a côrte do parlamento e dos burguezes de Paris o senhor coadjuctor, que, com um só signal, podia levantar um exercito de curas, de porteiros e de mestres de cerimonias.

O marechal de La Meilleraie ajuntou que, no caso provavel em que viessem ás mãos, e em que o senhor coadjutor se intromettesse, sómente era triste que o senhor coadjutor não podesse ser reconhecido na revolta por um chapeu vermelho, como Henrique IV o fôra pela sua pluma branca na batalha d'Ivoy.

Gondy, diante d'esta tempestade que elle podia tornar mortal para os que o motejavam, estava sério e tranquillo. A rainha perguntou-lhe então se tinha alguma coisa a juntar ao bello discurso que acabava de lhe fazer.

—Sim, senhora, disse o coadjutor, tenho a rogar-lhe que pense maduramente antes de introduzir no reino a guerra civil.

A rainha voltou as costas, e os risos começaram de novo.

O coadjutor saudou, e saiu do palacio lançando ao cardeal, que olhava para elle, um d'esses olhares que entre inimigos mortaes bem se comprehende. Este olhar era tão agudo, que penetrou até ao amago do coração de Mazarino, e este, sentindo que era uma declaração de guerra, agarrou no braço de d'Artagnan e disse-lhe:

—Em qualquer occasião, senhor, reconhecerás bem este homem, não é verdade?

—Sim, senhor, disse elle.

Depois voltando-se para Porthos:

—Diabo! disse elle, isto não vae bem; não gosto de desintelligencias entre ecclesiasticos.

Gondy retirou-se semeando bençãos por onde passava, e

tendo o maligno prazer de fazer ajoelhar a seus pés os proprios criados dos seus inimigos.

—Oh! murmurou elle passando o limiar do palacio, corte ingrata, corte perfida, corte cobarde! ámanhã te ensinarei a rir, mas de um modo bem differente.

Mas em quanto se praticavam estas folias para augmentar a alegria da rainha, Mazarino, homem de senso, e que ainda por cima tinha toda a previdencia do medo, não perdia o seu tempo em vãos e perigosos gracejos: saiu atraz do coadjuctor, fez as suas contas, afferrolhou o seu ouro, e mandou, por obreiros de confiança, fazer esconderijos nas paredes.

Ao entrar em sua casa, o coadjuctor soube que um joven viera procural-o depois de elle partir, e o esperava; perguntou o nome do joven, e estremeceu de alegria ao saber que era Louvieres.

Correu immediatamente ao seu gabinete, onde effectivamente estava o filho de Broussel, ainda furioso e sujo de sangue pela sua lucta contra os soldados de el-rei.

A unica precaução que tomara para vir ao palacio archiepiscopal fôra de deixar o seu arcabuz em casa de um amigo.

O coadjuctor dirigiu-se para elle e estendeu-lhe a mão.

O joven fixou-o como se quizesse lêr-lhe os seus mais intimos pensamentos.

—Meu caro senhor Louvieres, disse o coadjutor, acredite que sinto deveras a desgraça que lhe acaba de acontecer.

—E' isso verdade? falla serio? disse Louvieres.

—Do fundo do meu coração, disse de Gondy.

—N'esse caso, senhor, já passou o tempo de fallar, chegou o de proceder, senhor, se o quizer, meu pae em tres dias estará livre, e em seis mezes será cardeal.

O coadjuctor estremeceu.

—Oh! fallemos francamente, disse Louvieres, e joguemos com lisura. Não se esmolham trinta mil escudos em esmolas por simples caridade christã, seria muita liberalidade. E' ambicioso, é muito simples: é homem de genio, e conhece o seu valor. Eu aborreço a côrte, e não tenho n'este momento, senão um unico desejo, a vingança. Dê-nos o clero e o povo, de que dispõe; e eu dou-lhe a burguezia e o parlamento: com

estes quatro elementos em oito dias Paris será nossa, e então está certo, senhor coadjutor, que a côrte dará por medo o que não deu por vontade.

O coadjutor fixou em Louvieres o seu olhar penetrante.

—Mas sabe, senhor Louvieres, que é a guerre civil que me está propondo?

—Tem andado a fumental-a ha muito tempo, para que ella não seja bem acceita pelo senhor.

—Não importa, disse o coadjutor; comprehende que isso demanda reflexão?

—E quantas horas quer para reflectir.

—Doze horas, senhor. E' muito?

—E' meio dia; á meia noite estarei em sua casa.

—Se eu cá não estiver espere-me.

—Muito bem. A' meia noite, senhor.

—A' meia noite meu caro senhor Louvieres.

Tendo ficado só, Gondoy chamou a sua casa todos os curas com quem tinha relações. Duas horas depois, estavam reunidos trinta pastores das parochias mais populosas e por consequencia das mais turbulentas de Paris.

Gondy contou-lhes o insulto que acabava de fazer no palacio real, e os gracejas de Beautin, do conde de Villeroy e do marechal de La Meilleraie. Os curas perguntaram o que tinham de fazer.

—E' muito simples, disse o coadjutor dirigis as consequencias, pois bem destrui o miseravel prejuiso do temor e respeito aos reis, ensine ás suas ovelhas que a rainha é tyranna e repeti tantas vezes e tão alto que todos o saibam, que as desgraças de França provém a Mazarino seu amante e seu corruptor, comece hoje mesmo, e em tres dias espero o seu resultado. Se algum dos senhores tem algum bom conselho a dar-me, que fique, escutal-o-hei com gosto.

Ficaram tres curas: o de São Merri, o de São Sulpicio e o de Santo Eustaquio.

Os outros retiraram-se.

—Julga poder-me ajudar ainda mais efficazmente que os seus confrades? disse de Gondy

—Nós o esperamos, responderam os curas.

—Vejamos, senhor cura de São Merry, comece.

—Senhor, tenho no meu bairro um homem que lhe podia servir da maior utilidade.

—Quem é esse homem?

—Um negociante da rua dos Lombardos, que tem a maior influencia entre commerciantes do seu bairro.

—Como se chama?

—Planchet, faz só por si um motim ha seis semanas pouco mais ou menos; mas desappareceu porque o procuravam para o prender.

—E achal-o-heis?

—Assim o espero; não julgo que fosse preso; e como sou confessor de sua mulher, se ella souber onde elle está sabel-o-hei.

—Bem, senhor cura, procure esse homem e se o achar trazei-m'o.

—A que horas senhor?

—Agrada-lhe ás seis?

—Estaremos em casa de sua eminencia ás seis horas.

—Vá meu caro cura, vá, e Deus o ajude!

O cura saiu.

E o senhor? disse Gondy voltando-se para o cura do São Sulpicio.

—Eu, senhor, disse este, conheço um homem que faz grandes serviços a um principe muito popular, que seria um excellente chefe de revolta e que posso pôr á sua disposição.

—Como se chama?

—O senhor *conde* de Rochefort.

—Tambem o conheço, desgraçadamente não está em aris.

—Está na rua Cassete, senhor.

—Ha que tempos?

—Já ha tres dias.

—E porque não me veiu vêr?

—Disseram-lhe... Vossa eminencia dá-me licença?...

—Sem duvida, dizei.

—Que vossa eminencia estava para tractar com a côrte.

Gondy mordeu os beiços.

—Enganaram-n'o; trazei-m'o ás oito horas, senhor cura e que Deus o abençôe como eu!

O segundo cura inclinou-se e saiu.

—Agora o senhor, disse coadjutor voltando-se para o ultimo que restara. Tem tambem alguma coisa a offerecer-me como estes senhores que acabam de nos deixar?

—Melhor, senhor.

—Diabo! tome sentido que se compromette terrivelmente: um offereceu-me um negociante, o outro offereceu-me um conde; vae então offerecer-me um principe?

—Vou offerecer-lhe um mendigo, senhor.

—Ah! ah! disse Gondy reflectindo, tem razão, senhor cura, alguem que sublevasse toda essa grande legião de pobres que atulham os becos de Paris e que lhes fizesse gritar bastante alto para que toda a França o ouvisse, que foi Mazarino que os reduziu a pedir...

—Justamente, tenho o que deseja.

—Bravo! e quem é?

—Um simples mendigo, como lhe disse, senhor, que pede esmola dando agua benta nas escadas da egreja de Santo Eustaquio, ha seis annos pouco mais ou menos.

—E diz que tem grande influencia nos seus eguaes?

—Senhor, não sabe que a mendicidade é um corpo organisado, uma especie de associação d'aquelles que nada possuem contra os que possuem alguma coisa, uma associação na qual cada um tem a sua parte, e que depende de um chefe?

—Sim, já ouvi fallar n'isso, respondeu o coadjutor.

—Pois bem! o homem que lhe offereço é um syndico geral.

—E que sabe d'esse hemem?

—Nada, senhor, senão que me parece atormentado por alguns remorsos.

—O que é que lhe faz crêr?

—Em todos os 28 de cada mez, faz-me dizer uma missa pelo repouso de uma pessoa morta violentamente: ainda hontem a disse.

—E como lhe chama?

—Maillard, mas julgo que este não é o seu verdadeiro nome.

—E acredita que agora o acharemos no seu posto?

—Sim, senhor.

—Então vamos vêr o seu mendigo, senhor cura: e se fôr tal como diz, tereis então rasão, por que é o senhor quem achou o verdadeiro thesouro.

E Gondy vestiu-se de cavalleiro cobriu-se com um largo chapeu de pluma vermelha, cingiu uma comprida espada, poz esporas nas botas, embrulhou-se n'uma comprida capa e seguiu o cura.

O coadjutor e o seu companheiro atravessaram todas as ruas que separam o palacio archi-episcopal da egreja de Santo Eustaquio, examinando cuidadosamente o espirito do povo.

Este estava commovido, mas semilhante a um enxame de abelhas assustadas, parecia não saber em que logar parasse, e era evidente que se não se achassem chefes para este povo, tudo se passaria em murmurios.

Tendo chegado á rua dos Provaires, o cura apontou para o adro da egreja.

—Vê, disse elle, eil-o no seu posto.

Gondy olhou para o logar indicado, e descobriu um nobre sentado n'uma cadeira, e encostado a uma das columnas; tinha junto de si um baldesinho, e estava com um hyssope na mão.

—E' por privilegio, disse Gondy, que elle está alli?

—Não, senhor, disse o cura, tratou com o seu predecessor dar-lhe aquelle logar.

—Então foi um tratado?

—Sim, aquelles logares compram-se; julgo que este comprou o seu por cem pistolas.

—Então o maganão é rico?

—Alguns d'estes homens morrem deixando vinte mil, vinte e cinco mil, trinta mil e ás vezes mais..

—Um! disse Gondy rindo, não julgava empregar tambem as minhas esmolas.

Entretanto iam-se aproximando do adro; no momento em que o cura e o coadjutor punham o pé no primeiro degrau da egreja, o mendigo levantou-se e estendeu o seu hyssope.

Era um homem de sessenta e seis a sessenta e oito annos, baixo, grosso, de cabellos grisalhos, e olhos pardos. Ti-

nha no seu rosto estampada a lucta de dois principios oppostos, uma naturesa má dominada pela vontade, talvez pelo arrependimento.

Ao vêr o cavalleiro que acompanhava o cura, estremeceu levemente, e olhou para elle com um ar espantado.

O cura e o coadjuctor com a ponta dos dedos no hyssope, e fizeram o signal da cruz ; o coadjutor lançou uma peça de prata no chapeu que estava em terra.

—Maillard, disse o cura, este senhor e eu vimos para fallar um instante comvosco.

—Comigo ! disse o mendigo, é muita honra para um pobre que dá agua benta.

Havia na voz do pobre um accento de ironia que não pôde inteiramente dominar, e que o coadjutor admirou.

—Sim, continuou o cura que parecia habituado a este accento, sim, queremos saber qual é o seu pensar ácerca dos acontecimentos de hoje, e o que ouviu dizer ás pessoas que entram e sáem da egreja.

O mendigo meneou a cabeça.

—São tristes acontecimentos, senhor cura, e que, como sempre, recáem sobre o povo. Quanto ao que se diz, todos estão descontentes, todos se queixam, mas quem diz todos, não diz ninguem.

—Explique-se, meu caro amigo, disse o coadjutor.

—Digo que todos estes gritos, todas estas queixas, todas estas maldições não produzirão senão uma tempestade e relampagos, mas que não cairá o raio senão quando tiver um chefe.

—Meu amigo, disse de Gondy, parece-me um homem habil ; estará disposto a entrar n'uma guerrazinha civil no caso de termos uma, e a pôr, á disposição d'esse chefe, se acharmos um, o seu poder pessoal e influencia que adquiriu para com os seus camaradas.

—Sim, senhor, com tanto que essa guerra seja approvada pela egreja, e por consequencia levar-me ao fim que me proponho, isto é, á remissão dos meus peccados.

—Esta guerra será não sómente approvada, mas até dirigida por ella. Quanto á remissão dos seus peccados, temos o senhor arcebispo de Paris que tem grandes poderes na

côrte de Roma, e mesmo o senhor coadjuctor que possue indulgencias particulares; nós o recommendaremos muito a elle.

—Tome sentido, Maillard, que fui eu que o recommendei a este senhor que é um cavalleiro muito poderoso, e que de algum modo respondi pelo senhor.

—Eu sei, senhor cura, disse o mendigo, que sempre foi excellente para comigo; por isso tambem me achará sempre prompto para tudo o que lhe fôr agradavel.

—E julga o seu poder sobre os seus confrades tão grande como o dizia depois o senhor cura?

—Julgo que me teem alguma amisade, disse o mendigo com orgulho, e que não sómente farão o que eu lhes ordenar, mas tambem que para toda a parte para onde eu fôr me seguirão.

—E pode responder-me por cincoenta homens bem resolutos, gritadores capazes de fazerem cair os muros do Palacio Real, gritando: Abaixo Mazarino, como antigamente caiam os de Jericó?

—Julgo, disse o mendigo, que me posso encarregar de coisas mais difficeis e importantes que isso.

—Ah! ah! disse Gondy, encarregal-o-hei acaso de em uma noite fazer uma dezena de barricadas?

—Encarregar-me-ia de fazer cincoenta, e de as defender quando chegasse a occasião.

—Oh! disse de Gondy, falla com uma confiança que me enche de prazer, e já que o senhor cura me responde por si...

—Respondo, disse o cura.

—Aqui tem um saco com quinhentas pistolas em ouro, faça todas as suas disposições, e dizei-me onde o posso achar esta noite ás dez horas.

—Devia ser n'um logar elevado, d'onde se podesse fazer um signal que podesse ser visto de todos os bairros de Paris.

—Quer que o recommende ao vigario de São Jacques-la-Boucherie? Elle o introduzirá n'um dos quartos da torre, disse o cura.

—Sim, senhor, disse o mendigo.

—Então, disse o coadjutor, esta noite ás dez horas; e se ficar satisfeito de si, terá á sua disposição um outro saco de quinhentas pistolas.

Os olhos do mendigo brilharam de avidez, mas reprimiu esta emoção.

—Esta noite, senhor, tudo estará prompto.

E levando a sua cadeira para a egreja, poz junto d'ella o seu balde e o seu hyssope, tirou agua benta da pia, como se não tivesse confiança na sua, e saiu da egreja.

XIII

A torre de São Jacques-la-Boucherie

A's seis horas menos um quarto o senhor de Gondy tinha corrido e regressado ao palacio.

A's seis horas annunciaram o cura de São Merry.

O coadjuctor deitou apressadamente os olhos para vêr se era seguido e viu que de feito vinha acompanhado por um outro homem.

—Mande entrar, disse elle.

O cura entrou e Planchet com elle.

—Senhor, disse o cura, aqui está a pessoa de quem tive a honra de lhe fallar.

Planchet saudou com os modos de um homem que tem frequentado a alta sociedade.

—E está disposto a servir a causa do povo ? perguntou Gondy.

—Sim, senhor, disse Planchet, sou frondista do coração. Tal qual me vê, senhor, estou condemnado a ser enforcado.

—E porque ?

—Tirei das mãos dos guardas de Mazarino um nobre que

elles tornavam a conduzir para a Bastilha, onde estava ha cinco annos.

—Como se chamava?

—Oh! vossa eminencia conhece-o bem: é o conde de Rochefort.

—Ah! sim! disse o coadjuctor, ouvi fallar d'isso: e sublevou, segundo me disseram todo o bairro?

—Quasi, redarguiu Planchet com orgulho.

—E qual é a sua profissão?...

—Confeiteiro, na rua dos Lombardos.

—Explique-me como é possivel que exercendo uma profissão tão pacifica, tenha inclinações tão bellicosas.

—Como é que vossa eminencia sendo ecclesiastico me recebe vestido de cavalleiro, de espada ao lado e esporas nas botas?

—Bofé, que não foi mal respondido, disse Gondy rindo, mas bem sabe que apesar da minha sotaina, tive sempre inclinações guerreiras.

—Eu, senhor, antes de ser confeiteiro servi tres annos no regimento do Piemonte, e antes de servir tres annos no regimento do Piemonte, fui dezoito mezes lacaio do senhor d'Artagnan.

—O tenente dos mosqueteiros? perguntou Gondy.

—Esse mesmo, senhor.

—Mas diz-se que é mazarinista de coração.

—Ora!...

—Que quer dizer?

—Nada. O senhor d'Artagnan está ao serviço; o senhor d'Artagnan tem a obrigação de defender Mazarino que lhe paga, como nós outros burguezes a de attacar Mazarino que nos rouba.

—E' um rapaz *intelligente, meu amigo*, póde-se contar comvosco?

—Julgava, disse Planchet, que o senhor cura lhe tinha respondido por mim.

—Sim, mas gosto de ter essa certeza da sua propria boca.

—Pode contar comigo, senhor, com tanto que se trate de fazer um motim na cidade.

—Trata-se justamente d'isso. Quantos homens julga poder reunir esta noite?

—Duzentos mosquetes e quinhentas alabardas.

—Haja sómente um homem em cada bairro que faça o mesmo, e ámanhã teremos um forte exercito.

—E' verdade.

—Estará disposto a obedecer ao conde de Rochefort?

—Seguil-o-ia ao inferno; e não é pouco, porque julgo-o capaz de lá ir.

—Bravo!

—Com que signal se hão de distinguir amigos de inimigos?

—Todo o que fôr frondista póde trazer um nó de palha no seu chapeu.

—Bom. Dê-me a senha.

Tem necessidade de dinheiro?

—O dinheiro nunca faz mal. Se se não tem, passa-se sem elle, se se tem, os negocios irão mais depressa e melhor.

Gondy dirigiu-se a um cofre e tirou um saco.

—Aqui tem quinhentas pistolas, disse elle, se tudo fôr bem, conte ámanhã com uma egual somma.

—Darei fielmente conta a vossa eminencia d'esta somma.

Muito bem recommendo-lhe o cardeal.

—Socegue, está em boas mãos.

Planchet saiu e o cura ficou um pouco atraz.

—Está contente, senhor? disse elle.

—Sim, este homem parece-me resoluto.

—Fará mais do que prometteu.

—Então é maravilhoso.

E o cura foi ter com Planchet, que o esperava na escada. Dez minutos depois annunciaram o cura de São Sulpicio.

Apenas se abriu a porta do quarto, um homem se precipitou n'elle, era o conde de Rochefort.

—Meu caro conde? disse Gondy estendendo-lhe a mão.

—Está em fim, decidido, senhor! disse Rochefort.

—Sempre o estive, disse Gondy.

—Não fallemos mais n'isso, diz, acredito-o, vamos dar um baile ao Mazarino.

—Assim o espero.

—E quando começará a dança?

—Os convites fizeram-se para esta noite, mas a orchestra só começará a tocar-se ámanhã de manhã,

—Pode contar comigo com cincoenta soldados que me prometteu o cavalleiro de Humiéres, para a occasião em que d'elles tivesse necessidade.

—Com cincoenta soldados?

—Sim, elle faz recrutas e empresta-m'as: acabada a festa, se faltarem, substitui-las-hei.

—Bem, meu caro Rochefort; mas ainda não é tudo.

—Que ha ainda? perguntou Rochefort sorrindo.

—Que fez do senhor de Beaufort?

—Está no Vendomois, onde espera que eu lhe escreva para voltar para Paris.

—Escrevei-lhe, é tempo.

—Então está certo da sua empresa?

—Sim, mas é preciso que se apresse; porque apenas se revoltar o povo de Paris teremos dez principes em vez de um que quererão pôr-se á sua frente; se tardar, achará já o logar occupado.

—Posso participar-lhe da sua parte?

—Sim, sem duvida.

—Posso dizer-lhe que póde contar comvosco?

—De certo.

—E deixar-lhe-heis todo o poder?

—Quanto á guerra, sim; quanto á politica...

—Bem sabe que esse não é o seu forte.

—Deixar-me-ha negociar á minha vontade o meu chapeu de cardeal.

—Pensa n'isso?

—Visto que me obrigam a trazer um chapeu de uma fórma que não me convém, desejo que ao menos que esse chapeu seja vermelho.

—Não se deve disputar a respeito das côres, disse Rochefort rindo, respondo pelo seu consentimento.

—E escreve-lhe esta noite?

—Melhor que isso, mando-lhe um mensageiro.
—Quantos dias se demorará a chegar cá.
—Cinco.
—Que venha e achará alguma mudança.
—Eu o desejo.
—Respondo-lhe por isso.
—Então?...
—Então vá reunir os seus cincoenta homens, e esteja prompto,
—Para que?
—Para tudo.
—Ha algum signal para nos conhecermos?
—Um nó de palha no chapeu.
—Muito bem. Adeus, senhor.
—Adeus, meu caro Rochefort.
—Ah! senhor Mazarino, senhor Mazarino, disse Rochefort, saindo acompanhado do cura que não tinha achado occasião de pronunciar uma só palavra em todo este dia, logo vereis se já sou muito velho para homem de acção!

Eram nove horas e meia, era necessario bem meia hora ao coadjutor para ir do palacio archi-episcopal á torre de São Jacques-la-Boucherie.

O coadjutor notou que estava aceza uma luz n'uma das janellas mais elevadas da torre.

—Bom! disse elle, o nosso syndico está no seu logar. Bateu, vieram-lhe abrir.

O mesmo vigario o esperava e o guiou até ao lado da torre; tendo lá chegado mostrou-lhe uma pequena porta, pôz a luz n'um angulo do muro para que o coadjutor a podesse achar quando saisse, e desceu.

Ainda que a chave estivesse na porta o coadjutor bateu.

—Entre, disse uma voz que o coadjutor reconheceu pela do mendigo.

De Gondy entrou. Era effectivamente o que dava agua benta no adro de Santo Eustaquio, que alli estava deitado n'uma especie de leito.

Deram dez horas.

—Então! disse de Gondy, cumpriste o que me prometteste.

—Não, em tudo, disse o mendigo.
—Como assim?
—Pediu-me quinhentos homens, não é verdade?
—Sim e então?
—Então, dar-lhe-hei dois mil.
—Não é isso para te gabares?
—Quereis uma prova?
—Sim.

Estavam accessas tres candeias, cada uma em frente de uma janella, das quaes uma deitava para a cidade, outra para o Palacio Real, outra para a rua de S. Diniz.

O pobre dirigiu-se silenciosamente a cada uma das candeias e apagou-as uma apoz outra.

O coadjutor achou-se na obscaridade, porque, apagadas as luzes, o quarto só era allumiado pelo raio incerto da lua perdida entre as nuvens negras cujas extremidades ella prateava,

— Que fizeste? disse o coadjutor.
—Dei o signal.
—Que signal?
—O das barricadas.
—Ah! ah!
—Quando sair, vereis homens a trabalhar. Mas tenha cuidado em não quebrar as pernas de encontro a alguma cadeia, ou em não cair n'algum fosso.
—Bem! aqui tens a tua somma egual á que já recebeste. Agora lembra-te que és um chefe e não te vás embebedar.
—Ha vinte annos que não bebo senão agua.

O pobre tomou o sacco das mãos do coadjutor, que sentiu o ruido que elle fazia mechendo e remechendo no ouro.

—*Ah! ah! disse o coadjutor, tu és avarento, meu maganão.*

O mendigo soltou um suspiro e pôz de parte o sacco.

—Continuarei então a ser sempre o mesmo, disse elle, e não conseguirei nunca despojar-me do homem antigo. O' miseria, ó vaidade!
—Com tudo sempre ficas com elle.
—Sim, mas prometto empregar o que me restar em obras pias.

O seu rosto estava pallido e contrahido como o de um homem que acaba de soffrer uma lucta interior.

—Que singular homem! murmurou Gondy.

E pegou no chapeu para se retirar, mas quando se voltou viu entre elle e a porta o mendigo.

O seu primeiro sentimento foi que este homem lhe queria algum mal.

Mas bem ao contrario, viu-lhe pôr as mãos e cair de joelhos.

—Monsenhor, lhe disse elle, antes de me deixar, dê-me a sua benção, eu lh'o peço.

—Monsenhor exclamou Gondy, meu amigo, toma-me por outro.

—Não monsenhor, eu tomo-o pelo que na realidade é, isto é, pelo senhor coadjuctor; conheci-o logo que o vi.

Gondy sorriu-se.

—E queres a minha benção? disse elle.

—Sim, necessito d'ella.

O mendigo disse estas palavras com um tom de humildade tão grande e de arrependimento tão profundo, que Gondy estendeu para elle a mão e lhe deu a sua benção com toda a devoção de que era capaz.

—Agora, disse o coadjutor, ha communhão entre nós. Abençoei-te e tu és sagrado para mim, assim como eu o sou para ti. Vejamos, commettestes algum crime que a justiça humana persiga e de que eu te possa livrar?

O mendigo meneou a cabeça.

—O crime que commetti, senhor, não depende da justiça humana, e não me podeis livrar d'elle senão abençoando-me muitas vezes como acaba de fazer.

—Vamos, sê franco, disse o coadjutor, tu não exercestes toda a tua vida o officio que agora exerces?

—Não, senhor, não o exerço senão ha seis annos para cá.

—Antes de o fazer onde estavas?

—Na Bastilha.

—Antes de estar na Bastilha?

—Dir-lh'o-hei, senhor, no dia em qne me quizer ouvir de confissão.

—Muito bem. Em qualquer hora do dia ou da noite que te apresentares, lembra-te que estou prompto a dar-te a absolvição.

—Obrigado, senhor, disse o mendigo com uma voz abafada, mas não estou ainda prompto para a receber.

—Bem. Adeus.

—Adeus, senhor, disse o mendigo abrindo a porta e inclinando-se diante do prelado.

O coadjuctor pegou na candeia, desceu e saiu entregue a meditações.

XIV

O motim

Eram onze horas da noite pouco mais ou menos, ainda Gondy não tinha dado cem passos pelas ruas de Paris, quando descobriu a singular mudança que se tinha operado.

Toda a cidade parecia habitada por entes fantasticos; viam-se sombras silenciosas descalcetando as ruas, outras trazendo e deitando por terra carros, outras cavando fossos capazes de engolirem companhias inteiras de cavallaria. Todos estes personagens tão activos, iam, vinham, corriam, semilhantes a demonios fazendo alguma obra desconhecida: eram os mendigos da côrte dos milagres, eram os agentes do que dava agua benta no adro de Santo Eustaquio, que preparavam as barricadas para o dia seguinte.

Gondy olhava para todos estes trabalhadores nocturnos com algum espanto, a si proprio perguntava-se, depois de ter feito sair estas creaturas dos seus covis, seria capaz de lá as tornar a metter. Quasi que fazia o signal da cruz quando alguem se aproximava d'elle.

Chegou á rua de Santo Honorato, e seguiu-a dirigindo-se

para a rua da Ferraria. Aqui mudou então o aspecto ; eram mercadores que concorriam de loja em loja; as portas pareciam, assim como os contra-ventos, estar fechadas ; mas sómente estavam cerradas, de modo que se abriam e fechavam no mesmo instante para darem entrada a homens que pareciam receiar que vissem o que levavam ; aquelles homens eram logistas que tinham armas, e as emprestavam aos que as não tinham.

Um individuo andava de porta em porta, curvado debaixo do peso das espadas, dos arcabuzes, de mosquetes, de armas de toda a qualidade, que elle pouco a pouco ia largando. A' claridade de uma lanterna, Gondy reconheceu Planchet.

O coadjutor dirigiu-se para o caes pela rua de la Monnaie ; grupos de burguezes de capas pretas e pardas, conforme pertenciam á alta ou baixa burguezia, se viam pelo caes immoveis, em quanto que homens isolados passavam de um grupo para outro. Todas estas capas pardas ou pretas eram levantadas por detraz pela ponta de uma espada, por diante pelo cano de um arcabuz ou mosquete.

Quando chegou á Ponte-Nova, o coadjuctor achou-a guardada ; um homem se aproximou d'elle.

—Quem é? perguntou elle, não o reconheço para ser dos nossos.

—E' porque não reconhece os seus amigos, meu caro senhor Louvieres, disse o coadjutor levantando o seu chapeu.

Louvieres reconheceu-o, e inclinou-se.

Gondy proseguiu no seu caminho, e desceu até á torre de Nesle. Aqui viu uma longa carreira de pessoas correndo ao longo do muro. Dir-se-ia uma procissão de fantasmas, porque estavam todos embrulhados em capas brancas. Quando chegavam a um certo logar, todos estes homens pareciam aniquilar-se uns depois dos outros como se lhes faltasse a terra debaixo dos pés. Gondy encostou-se a uma esquina, e vi-os desapparecer desde o primeiro até ao penultimo. O ultimo voltou a cara sem duvida para se certificar que elle e o seu companheiro não eram espiados, e, apesar da obscuridade, descobriu Gondy. Dirigiu-se para elle e apontou-lhe uma pistola ao peito.

—Oh lá! senhor de Rochefort, disse Gondy rindo, não brinquemos com armas de fogo.

—Ah! é vossa eminencia! disse elle.

—Eu mesmo. Que homens são aquelles que conduzis para as entranhas da terra?

—Os meus cincoenta recrutas do cavalleiro de Humieres, que estão destinados para entrar na cavallaria ligeira, e que receberam por unico uniforme capas brancas.

—E para onde vaes?

—Para casa de um esculptor meu amigo; descemos por um alçapão por onde elle introduz os seus marmores.

—Muito bem disse Gondy.

E apertou a mão a Rochefort, que desceu tambem, e fechou o alçapão sobre si.

O coadjutor entrou em sua casa. Era uma hora da manhã. Abriu a janella, e inclinou-se para escutar.

Por toda a cidade se ouvia um rumor singular, inaudito, desconhecido; sentia-se que se passava por todas as ruas escuras como abysmos, alguma coisa desacostumada e terrivel. De tempos a tempos ouvia-se um susurro semilhante ao de uma tempestade que está para rebentar, ou de uma maré que enche; mas nada se apresentava ao espirito claro, distincto, e explicavel: dir-se-ia serem os ruidos mysteriosos e subterraneos que precedem os tremores de terra.

Os preparativos da revolução duraram assim toda a noite. Ao amanhecer, Paris pareceu tremer ao seu proprio aspecto. Julgar-se-ia uma cidade cercada.

Homens armados estavam pelas barricadas de olhos ameaçadores, de mosquetes ao hombro; senhas, patrulhas, prisões, mesmo execuções, eis o que se encontrava a cada passo. Faziam-se parar os de plumas e espadas douradas para lhes fazerem gritar: Viva Broussel! abaixo Mazarino! e todo o que recusasse era apupado, escarnecido e mesmo espancado. Ainda não matavam, mas via-se que não faltavam desejos.

As barricadas tinham sido estendidas até ao Palacio Real. Da rua dos Bons Filhos até á da Ferraria, da rua de S. Thomaz do Louvre até á Ponte Nova, a rua de Richelieu até á porta de Santo Honorato, havia mais de dez mil homens ar-

mados, dos quaes os mais avançados desafiavam as sentinellas impassiveis do regimento das guardas, postas de vedeta á roda do palacio real, cujas grades estavam fechadas sobre elles, precaução que tornava critica a sua situação.

No meio de tudo isto andavam em bandos de cem, cento e cincoenta, duzentos homens magros, lividos, esfarrapados, levando uma especie de estandartes em que estavam escriptas estas palavras: Vejam a miseria do povo! Por toda a parte que passavam, ouviam-se gritos freneticos; e haviam tantos bandos semilhantes, que por toda a parte se gritava.

O espanto de Anna d'Austria e de Mazarino foi grande quando se levantaram, e lhes vieram annunciar que a cidade que na vespera á noite deixaram tranquilla, agora acordava febricitante e toda alvoraçada; por isso nem um nem outro quizeram acreditar no que lhes contavam, dizendo que não se convenceriam senão vendo e ouvindo. Abriram-lhes uma janella; viram, ouviram, e ficaram convencidos.

Mazarino encolheu os hombros e fingio despresar muito a populaça, mas empallideceu visivelmente e, a tremer, correu ao seu gabinete, fechando o seu ouro e joias nas caixas, e mettendo nos dedos os mais bellos diamantes. Quanto á rainha, furiosa e abandonada á sua unica vontade, mandou chamar o marechal de la Meilleraie, ordenou-lhe que tomasse todos os homens que quizssse e fosse vêr o que era aquella brincadeira.

O marechal era ordinariamente muito altivo e de nada duvidava, tendo para com a populaça o despreso que lhe votavam os guerreiros; tomou cento e cincoenta homens e quiz sair pela ponte do Louvre, mas lá encontrou Rochefort e os seus cincoenta cavallos ligeiros acompanhados de mais de mil e quinhentas pessoas. Não havia meio de forçar uma tal barreira. O marechal nem mesmo o tentou e subiu pelo caes.

Mas na Ponte Nova encontrou Louvieres e os seus burguezes. D'esta vez o marechal tentou carregar, mas foi recebido por tiros de mosquete, emquanto que as pedras caiam como saraiva de todas as janellas. Perdeu alli tres homens.

Retirou então para o bairro das praças, mas encontrou Planchet e os seus alabardeiros. As alabardas levantaram-se

ameaçadoras para elle, quiz repellir todas estas capas pardas, mas as capas pardas resistiram, e o marechal recuou para a rua Santo Honorato, deixando no campo quatro guardas.

Então metteu-se pela rua Santo Honorato; mas aqui encontrou as barricadas do mendigo de Santo Eustaquio. Estavam guardadas, não só por homens armados, mas por creanças e rapazes. O senhor Friquet, possuidor de uma pistola e de uma espada que lhe dera Louvieres, tinha organisado uma tropa de garotos como elle, e fazia uma bulha infernal.

O marechal julgou este ponto mais fraco que os outros e quiz rompel-o. Mandou apear vinte homens para que forçassem e abrissem a barricada, em quanto que elle e o resto da sua tropa a cavallo protegeriam os assaltantes. Os vinte homens marcharam direitos ao obstaculo; mas immediatamente, por detraz das vigas, por entre as rodas dos caros, do alto das pedras, soou uma terrivel fusilaria, a cujo estrondo acudiram os alabardeiros de Planchet, apparecendo ao canto do cemiterio dos Innocentes, e os burguezes de Louvieres ao canto da rua la Monnaie.

O marechal de la Meilleraie estava mettido entre dois fogos.

Era bravo e por isso resolveu morrer no seu posto. Deu cutillada sobre cutillada, e começaram a ouvir-se por entre a multidão os gritos de dôr. Os guardas, melhor exercitados, atiravam mais certo; mas os burguezes mais numerosos esmagavam-nos debaixo de um verdadeiro furacão de ferro.

Os homens caiam em roda d'elle como cairam em Rocroye em Lerida. Foutrailles, seu ajudante de campo, tinha o braço quebrado, o seu cavallo tinha recebido uma balla no pescoço, e com muito custo o abrandava, porque a dôr tornava-o furioso. Emfim estava n'esse momento supremo em que o mais bravo sente estremecerem-lhe as veias, e o suor cair-lhe pelo rosto, quando de repente abriu-se a multidão para o lado da rua Arbre-Sec gritando; Viva o coadjutor! e Gondy, de roquete e murça, appareceu, passando tranquillamente pelo meio da fusillaria, e destribuindo para a direita e para a esquerda as suas bençãos com tanto socego como se guiasse a procissão do Corpus-Christi.

Todos cairam de joelhos.

O marechal reconheceu e correu para elle.

—Tire-me d'aqui, em nome do ceu, disse elle, ou então deixarei aqui a minha pelle e a de todos os meus soldados.

Era tal a algasarra, que um trovão que rebentasse n'aquelle momento, não teria sido ouvido. Gondy levantou a mão e exigiu silencio. Immediatamente tudo se callou.

—Meus filhos, disse elle, aqui está o marechal de la Meilleraie, com as intenções do qual te enganastes, e que se compromette, ao entrar no Louvre, em pedir, em seu nome, á rainha, a liberdade do nosso Broussel. Compromete-se marechal? ajuntou Gondy voltando-se para lá Meilleraie.

—Ora essa! exclamou este, se me comprometto. Não esperava livrar-me por tão pouco.

—Dá-nos a sua palavra de cavalleiro disse Gondy.

O marechal levantou a mão em signal de consentimento.

—Viva o coadjutor! exclamou a multidão. Algumas vozes mesmo ajuntaram: Viva o marechal! mas todos repetiram em côro:—Abaixo o Mazarino!

A multidão deu passagem, o caminho da rua Santo Honorato era o mais curto. Abriram as barricadas e o marechal e o resto da tropa, precedido de Friquet e dos seus bandidos, uns fingindo tocar tambor, outros imitando o som da trombeta.

Foi quasi uma marcha triumphal, mas, por detraz dos guardas fechavam-se as barricadas, o marechal roia nas unhas de desesperado.

Entretanto, como dissemos, Mazarino estava no seu gabinete pondo em ordem os seus negocios, tinha mandado chamar d'Artagnan, mas sem esperança alguma de o vêr, pois que, não estava de serviço. Ao cabo de dez minutos appareceu o tenente á porta, seguido do seu inseparavel Porthos.

—Ah! venha, venha, sôr d'Artagnan, exclamou o cardeal, e seja bem vindo, assim como o seu amigo. Mas que se está passando n'esta maldita Paris?

—O que se passa, senhor! nada de bom, disse d'Artagnan meneando a cabeça, a cidade está inteiramente revoltada, e, depois quando eu atravessava a rua Montorgneil como o senhor du Vallon que aqui está e seu servidor, apesar do meu

uniforme e mesmo talvez por causa d'elle quizeram fazer-nos gritar—Viva Broussel! e premitti que lhe diga, o que tambem nos quizeram fazer gritar?

—Diga, diga.

—Abaixo Mazarino!

—Mazarino sorriu-se mas tornou-se muito pallido.

—E [illegible]tou? disse elle.

—N[illegible] senhor, disse d'Artagnan, eu não estava com boa voz para isso; o senhor du Vallon estava encatarruado e não gritou tambem. Então, senhor...

—Então que? perguntou Mazarino.

—Olhe para o meu chapeu e para a minha capa.

E d'Artagnan mostrou quatro buracos de ballas na sua capa e duas no chapeu. Quanto ao fato de Porthos um golpe de alabarda lh'o tinha rasgado ao lado, e um tiro de pistola lhe tinha cortado a pluma.

—Diavolo! disse o cardeal pensativo e olhando para os dois amigos com uma ingenua admiração se fosse eu, gritava.

N'este momento o ruido ouviu-se mais proximo.

Mazarino limpou a fronte olhando em torno de si. Tinha bons desejos de ir á janella, mas não se atrevia a tanto.

—Veja o *que* se passa senhor d'Artagnan, disse elle.

D'Artagnan foi á janella com a sua negligencia costumada.

—Oh! disse elle, que é aquillo? O marechal de La Maillaruie voltando sem chapeu. Frontrailles de braço ao peito, guardas feridos, cavallos todos ensanguentados... Oh! mas que fazem as sentinellas! fazem pontaria, vão atirar!

—Deram-lhe ordem de atirar sobre o povo exclamou Mazarino, se elle se aproximasse do Palacio Real.

—Mas se fizerem fogo, tudo está perdido exclamou d'Artagnan.

—Temos as grades.

—As grades! resistirão cinco minutos; as grades! serão arrancadas, quebradas, pisadas! Não atirem! exclamou d'Artagnan abrindo a janella.

Apesar d'esta recommendação, que no meio do tumulto não póde ser ouvida, sentiram-se tres ou quatro tiros de mos-

quete, depois succedeu-lhe uma terrivel mosquetaria; ouviram-se bater as ballas sobre a fachada do Palacio Real, uma d'ellas passou por debaixo do braço d'Artagnan e foi quebrar um espelho em que Porthos se mirava com prazer.

—Ohimé! exclamou o cardeal, um espelho de Veneza!

—Oh! senhor, disse d'Artagnan fechando tranquillamente a janella, não chore já, isto não merece a pena, porque é provavel que não reste no Palacio Real nem um de todos os seus espelhos, sejam elles de Veneza, ou de Paris.

—Mas qual é o seu parecer! disse o cardeal todo tremulo.

—Entregue-lhe Broussel, visto que elles lh'o pedem! Que diabo quer fazer de um conselheiro do parlamento? para nada serve.

—E o senhor du Vallon, qual é o seu parecer? o que faria?

—Interrogava Broussel, disse Porthos.

—Venham, venham, senhores, exclamou Mazarino, vou fallar n'isso á rainha.

No fim do corredor parou.

Posso contar comvosco, não é assim, senhores? disse elle.

—Nós não nos damos duas vezes, disse d'Artagnan ordene, e obedeceremos.

—Então! disse Mazarino entre para esse gabinete, e espere.

E fazendo um rodeio, foi entrar no salão por uma outra parte.

XV

O motim torna-se revolta

O elegante gabinete para onde d'Artagnan e Porthos tinham entrado, só era separado do salão em que se achava a rai-

nha por uns reposteiros de tapeçaria. A pouca espessura da separação permittia portanto ouvir tudo que se passava, em quanto que a abertura que havia entre as cortinas, por mais estreita que fosse, dava logar a que se visse tudo.

A rainha estava de pé, pállida pela cólera: mas com todo o seu poder sobre si mesma era tão grande que parecia não experimentar emoção alguma. Por detraz d'ella estavam Comminges, Villequier e Guitaut: por detraz dos homens estavam as mulheres.

Diante d'ella, o chanceller Seguier, o mesmo que vinte annos antes tanto o perseguira, contava que a sua carroagem fora feita pedaços, que elle fôra perseguido, que fugira para o palacio d'O... que este fôra invadido, pilhado, que felizmente tivera tempo de entrar para um gabinete, onde uma velha o fechara com seu irmão o bispo de Meax. Que alli o perigo chegara ao seu apogeu, porque os furiosos aproximaram-se do gabinete com taes ameaças, que tinha chegado a acreditar ser chegada a sua ultima hora, e que se tinha confessado a seu irmão para que estivesse prompto no caso de ser descoberto.

—Felizmente não o tinha sido: o povo julgando que se evadira por alguma porta de traz, retirou-se, deixando-lhe facilitada a fuga. Que então se tinha disfarçado com os fatos do marquez de O... e saiu do palacio, saltando por cima do corpo do seu ajudante e de dois guardas, que tinham sido mortos defendendo a porta da rua.

Mazarino entrou no meio d'esta narração, e aproximou-se da rainha sem fazer bulha.

—Então, perguntou a rainha quando o chanceller acabou, que julga de tudo isto?

—Julgo que é uma coisa seria, senhora.

—Mas que conselho me dá?

—Daria com toda a vontade um a vossa magestade, mas não me atrevo.

—Diga, diga, disse a rainha com um sorriso amargo; já se atreveu a outra cousa.

O chanceller corou e balbuciou algumas palavras.

—Não fallemos do passado, mas do presente, disse a rainha. Disse que tinha um conselho a dar-me, qual é?

—Senhora, disse o chanceller hesitando, seria de soltar Broussel.

A rainha, ainda que pallida, tornou-se ainda mais pallida e o resto contrahiu-se-lhe.

—Soltar Broussel ! disse ella, nunca !

N'este momento ouviram-se passadas na salla contigua, e, sem ser annunciado, o marechal de La Meillaraie appareceu á porta.

—Ah! já cá está marechal! disse a rainha com alegria, espero que fizesse entrar nos seus deveres toda aquella canalha?

—Senhora, disse o marechal, deixei tres homens na ponte Nova, quatro nas praças, seis ao canto da rua Arbre Sec e dois á porta do seu palacio ao todo quinze. Trago dez ou doze feridos. O meu chapeu ficou não sei aonde, levado por uma balla, e, segundo toda a probabilidade, teria ficado com o meu chapeu, senão viesse o coadjutor, que me salvou do perigo.

—Ah ! disse a rainha, admirar-me-ia de não ver aquelle cão rasteiro de pernas tortas intromettido em tudo isto.

—Senhora, disse La Meilleraie rindo, não diga muito mal d'elle diante de mim, porque o serviço que me fez é ainda mui recente.

—Approvo, disse a rainha, que lhe seja reconhecido quanto quizer, mas isso não me obriga a sel-o tambem. Está são e salvo é o que eu desejava; então bem vindo seja

—Sim, senhora, mas para isso é necessasio que eu transmitta a vossa magestade as vontades do povo.

—Vontades ! disse a rainha carregando o sobr'olho. Oh ! oh ! senhor marechal é necessario que se achasse n'um grande perigo, para se encarregar de uma tão singular embaixada!

E estas palavras foram pronunciadas com um accento de ironia que não escapou ao marechal.

—Perdão, senhora, disse o marechal, não sou lettrado, sou guerreiro, e por consequencia talvez que eu comprehenda mal o sentido d'estas palavras ; é o desejo e não a vontade do povo que eu devia dizer. Quanto ao que me faz a honra de responder, julgo que quer dar a entender que tive medo.

—A rainha sorriu-se.

—Sim, senhora, tive medo, é a terceira vez na minha vi-

da que isto me acontece, e com tudo já estive em doze batalhas campaes, e não sei em quantos combates e escaramuças, sim, tive medo, e antes quero estar na presença de vossa magestade, por mais ameaçador que seja o seu sorriso, que na frente d'aquelles demonios infernaes que me acompanharam até aqui, e que sáem não sei donde.

—Bravo! disse baixo d'Artagnan a Portos, bem respondido.

—Então! disse a rainha mordendo os beiços, em quanto que os cortezãos se olhavam com espanto, qual é o desejo do meu povo?

—Que lhe deem Broussel, senhora, disse o marechal.

—Nunca! disse a rainha, nunca!

—Depende da livre vontade de vossa magestade, disse La Meilleraie saudando e dando um passo para a rectaguarda.

—Para onde vae, marechal? disse a rainha.

—Vou dar a resposta de vossa magestade que me esperam.

—Fique, marechal, não quero dar a parecer que parlamento com rebeldes.

—Senhora, dei a minha palavra, disse o marechal.

—O que quer dizer?

—Que se me não mandar prender, serei obrigado a descer.

Os olhos d'Anna d'Austria scintilaram.

—Que isso não sirva de obstaculo, já fiz prender maiores homens que o senhor, Guitaut!

Mazarino lançou-se á frente da rainha.

—Senhora, disse elle, se eu ousasse dar-lhe tambem um conselho...

—Se é para soltar Broussel, pode deixar de o dar.

—Não, disse Mazarino, ainda que este valha tanto como um outro.

—Qual é então?

—Chamar o senhor coadjutor.

—O coadjutor! exclamou a rainha, aquelle terrivel intrigante! Foi elle que fez toda esta revolta.

—Razão mais forte, exclamou Mazarino se a faz pode desfazel-a.

—Oh! senhor, disse Comminges, que estava a uma janella pela qual olhava para a rua, a occasião é boa, porque alli vae elle deitando as suas bençãos na praça do Palacio Real.

A rainha correu para a janella,

—E' verdade, disse ella, o hypocrita! veja!

—Veja disse Mazarino, que todos se ajoelham diante d'elle, apesar de não ser senão coadjuctor; em quanto que se eu estivesse no seu logar me faziam em pedaços, apesar de ser cardeal. Persisto, portanto, senhora, no meu desejo (Mazarino carregou n'estas palavras) que vossa magestade receba o coadjutor.

—E porque não diz tambem na minha vontade?

Mazarino inclinou-se.

A rainha ficou por um instante pensativa. Depois levantando a cabeça:

—Senhor marechal, disse ella, vá procurar o senhor coadjutor, e venha com elle.

—E que direi ao povo? perguntou o marechal.

—Que tenha paciencia; disse Anna d'Austria, eu tambem a tenho.

Havia no accento da altiva hespanhola um accento tão imperativo, que o marechal não fez observação alguma; inclinou-se e saiu.

D'Artagnan voltou-se para Porthos.

—Como acabará isto? disse elle.

—Nós o veremos, disse Porthos com tranquillidade.

Anna d'Austria durante este tempo tinha-se dirigido a Comminges, a quem disse algumas palavras em voz baixa.

Mazarino, inquieto, olhava para o lado em que estavam d'Artagnan e Porthos. Os outros assistentes trocavam palavras em voz baixa.

Tornou-se a abrir a porta; e appareceu o marechal, seguido pelo coadjutor.

—Aqui está, senhora, disse elle, o senhor de Gondy, que se apressa em obedecer ás ordens de vossa magestade.

A rainha deu quatro passos ao seu encontro e fazendo um desdenhoso movimento de beiços, parou fria, severa e immovel.

Gondy inclinou-se respeitosamente.

—Então, senhor, disse a rainha, que me diz d'este motim?

—Que já não é um motim, senhora, respondeu o coadjutor, mas sim uma revolta.

—A revolta é só para aquelles que pensam que o meu povo se póde revoltar! exclamou Anna d'Austria não podendo dissimular diante do coadjutor, que ella tinha, e talvez com rasão, como o promotor d'este motim. A revolta, eis o titulo, que os que a desejam, dão ao movimento que elles mesmos fazem: mas espere, espere, a authoridade d'el-rei lhe porá cobro.

—Foi por ventura para me dizer isso, senhora, respondeu friamente Gondy, que vossa magestade me admittiu a honra de vir á sua presença?

—Não, meu caro coadujtor, disse Mazarino, era para lhe perguntar o seu parecer na critica situação em que nos achamos.

—E' verdade, disse Gondy fingindo-se espantado, que sua magestade me mandou chamar para me pedir um conselho?

—Sim, disse a rainha, assim o quizemos.

O cradjutor inclinou-se.

—Sua magestade deseja então...

—Que lhe diga o que faria no seu logar, se apressou e responder Mazarino.

O coadjutor olhou para a rainha que fez um signal affirmativo.

—No logar de sua magestade, disse friamente Gondy, não hesitaria, soltava Broussel.

—E se eu o não soltar, exclamou a rainha, que acredita que acontecerá?

—Creio que não haverá ámanhã pedra sobre pedra em Pariz, disse o marechal.

—Não é ao senhor que eu interrogo, disse a rainha sem mesmo se voltar, é ao senhor de Gondy.

—Se é a mim que sua magestade interroga, respondeu o coadjutor com a mesma serenidade; dir-lhe-hei que sou em tudo do parecer do senhor marechal.

O sangue subiu ao rosto da rainha, seus bellos olhos azues pareceram quasi sair-lhe das orbitas; seus labios de carmim, comparados por todos os poetas d'este tempo a romãs ainda em flôr, empallideceram e tremeram de raiva: assustou quasi mesmo a Mazarino, que estava costumado a estes furores domesticos.

—Soltar Broussel! exclamou ella a final com um sorriso assustador, que bello conselho! bem se vê que vem de um padre!

Gondy não respondeu. As injurias de hoje pareciam passar por elle como os sarcasmos da vespera; mas a raiva e o vingança agglomeravam-se silenciosamente a gota e gota no fundo do seu corpção. Olhou friamante para a rainha, que batia no braço de Mazarino para que elle dissesse tambem alguma coisa.

Mazarino segundo o seu costume pensava muito, e fallava pouco.

—Oh! oh! disse elle, um bom conselho, conselho de amigo. Eu tambem soltava, esse bom senhor Broussel, morto ou vivo, e tudo estava acabado.

—Se o entregasse morto, tudo estava acabado, é verdade, senhor, mas de um modo differente do que diz.

Disse morto ou vivo? replicou Mazarino, isso procede do meu modo de fallar; bem sabe que entendo mal o francez, que o senhor falla e escreve tão bem, senhor coadjuctor.

—Eis um conselho de estado, disse d'Artagnan a Porthos, mas nós já tivemos melhores na Rochella, com Athos e Aramis.

—No forte de S. Gervasio, disse Porthos.

—Ahi e em outras partes mais.

O coadjutor deixou passar a tempestade, e respondeu sempre com o mesmo fleugma.

—Senhora, se vossa magestade não gosta do parecer que tive a honra de lhe dar é porque sem duvida tem melhores a seguir; conheço bem a sabedoria da rainha, e a de seus conselheiros para suppor que deixarão por muito tempo a capital n'um movimento que póde trazer comsigo uma revolução.

—Então, segundo o seu parecer, replicou chacoteando

Anna d'Austria, que mordia os labios de colera, este motim de hontem, que hoje é uma revolta, ámanhã póde tornar-se n'uma revolução?

—Sim, senhora, disse gravemente o coadjutor.

—Então, pelo que diz, senhor, os povos teriam esquecido todo o respeito?

—Este anno é mau para os reis, disse Gondy abanando a cabeça, olhe para a Inglaterra, senhora.

—Sim, mas felizmente não temos em França um Oliveiro Cromwel, respondeu a rainha.

—Quem sabe; disse Gondy, aquelles homens são semilhantes ao raio: não se conhecem senão quando ferem.

Todos estremeceram. Houve um momento de profundo silencio.

Durante este tempo, a rainha tinha as suas duas mãos apoiadas sobre o peito; via-se que comprimia as palpitações apressadas do seu coração.

—Porthos, murmurou d'Artagnan, olhe bem para aquelle pobre.

—Bem, estou olhando para elle, disse Porthos. Então?

—Então! é um homem.

—Porthos olhou para d'Artagnan com um ar espantado; era evidente que não comprehendia perfeitamente o que o seu amigo queria dizer.

—Vossa magestade, continuou o coadjutor, tomará as medidas convenientes. Mas prevejo que hão de ser terriveis, e taes que farão irritar ainda mais os amotinados.

—Pois bem, o senhor coadjutor, visto que tem tanto poder entre elles e que é nosso amigo, disse ironicamente a rainha, socegal-os-heis então, deitando-lhe as suas bençãos.

—Talvez seja demasiado tarde, disse Gondy sempre de gelo, e eu mesmo talvez tenha perdido toda a influencia, em quanto que entregando-lhes Broussel vossa magestade corta todas as raizes de sedição, e fica com o direito de castigar cruelmente toda a recrudescencia de revolta.

—E não tenho eu esse direito? exclamou a rainha.

—Use d'elle se tem, resaondeu Gondy!

—Caspité! disse d'Artagnan a Porthos, eis um caracter dos que eu gosto; quem dera que elle fosse ministro, e eu o

seu d'Artagnan, em vez de ser d'aquelle biltre de Mazarino! Ah! com os diabos! que bellos golpes dariamos ambos.

—Sim, disse Porthos.

A rainha, com um signal, despediu toda a côrte, excepto Mazarino. Gondy inclinou-se e quiz tambem sair como os mais.

—Fique, senhor, disse a rainha.

—Bom, disse Gondy comsigo ella vae ceder.

—Ella vae mandal-o matar, disse d'Artagnan a Porthos; mas em todo o caso não será por mim. Juro pelo contrario, que cáio sobre os que vierem para elle.

—E eu tambem, disse Porthos.

—Como! murmurou Mazarino sentando-se n'uma cadeira, vamos vêr coisas novas.

—A rainha seguia com os olhos as pessoas que saiam. Quando a ultima fechou a porta, voltou-se. Via-se que fazia esforços inauditos para dominar a sua colera; abanava o leque, respirava as flôres, andava de um lado para outro. Gondy, que começava a inquietar-se, passeiava a vista por todas as tapeçarias, apalpava a couraça que trazia por debaixo do seu longo vestido, e de tempos a tempos procurava debaixo da sua camalha o cabo de um hom punhal hespanhol que trazia occulto.

—Vejamos, disse a rainha parando por fim, vejamos, agora que estamos sós, repeti o seu conselho, senhor coadjutor.

—Eil-o, senhora; fingir uma reflexão, reconhecer publicamente um erro, que é a força dos governos fortes, mandar soltar Broussel e entregal-o ao povo.

—Oh! exclamou Anna d'Austria, humilhar-me assim! Sou ou não sou a rainha? Toda esta canalha que está uivando é ou não é a multidão dos meus vasallos? Tenho amigos, guardas? Ah! por Nossa Senhora! como dizia a rainha Catharina, continuou ella indireitando-se cada vez mais á proporção que as palavras lhe saiam da boca antes que lhes entregue aquelle infame Broussel eu mesma o afogarei com as minhas proprias mãos.

E correu de mãos fechadas para Gondy, que de certo ella n'este momento detestava ao menos tanto como Broussel.

Gondy ficou immovel, nem um unico musculo do seu rosto se contrahiu ; apenas o seu olhar de gelo se crusou, como uma espada, com o olhar furioso da rainha.

—Eis um homem morto, se houver ainda algum Vitry na côrte e que entre n'este momento, disse o Gascão. Mas eu antes que elle chegue áquelle bom prelado, mato o Vitry, e está acabado ! O senhor cardeal de Mazarino me agradecerá infinitamente.

—Chiton ! disse Porthos, escute.

—Senhora, exclamou o cardeal agarrando Anna d'Austria e puxando-a para traz, senhora, que faz ?

Depois ajuntou em hespanhol :

—Anna, está louca ? está aqui com questões de burguezia, a senhora, uma rainha ! e não vê que tem diante de si, na pessoa d'aquelle padre todo o povo de Paris, a quem é perigoso insultar n'este momento, e que se aquelle padre o quizer, n'uma hora já não terá corôa ! Vamos, mais tarde, n'uma outra occasião a senhora resistirá, mas agora não é boa occasião ; hoje lisonjeie e acaricie, aliás não passará de uma mulher vulgar.

A's primeiras palavras d'este discurso, d'Artagnan agarrou no braço de Porthos e o apertou progressivamente ; depois quando Mazarino se callou :

—Porthos, disse elle baixo, não diga nunca diante de Mazarino que eu entendo hespanhol, aliás estaremos ambos perdidos.

—Sim, disse Porthos.

—Esta rude reprehensão, cheia da uma eloquencia que caracterisava Mazarino quando elle fallava italiano ou hespanhol, e que perdia inteiramente quando fallava francez, foi pronunciada com um rosto impenetravel que não deixou suspeitar a Gondy, por mais habil physionomista que fosse, senão uma simples advertencia de ser mais moderado.

A rainha moderou-se de repente; deixou por assim dizer cair dos seus olhos o fogo, de suas faces o sangue, de seus labios a colera verbosa. Ausentou-se e com uma voz humida de choros, deixando cair os seus braços, disse :

—Perdoe-me, senhor, coadjuctor, e attribui esta violencia ao que eu soffro. Mulher e por consequencia sugeita ás

fraquesas do meu sexo, assusto-me com a guerra civil; rainha e acostumada a ser obedecida, incoleriso-me com a primeira resistencia.

—Senhora, disse Gondy inclinando-se, vossa magestade engana-se qualificando os meus sinceros conselhos de resistencia. Vossa magestade não tem senão vassallos submissos e respeitosos. Não é á rainha que o povo quer mal, chama por Broussel, e nada mais, muito feliz em viver debaixo das leis de vossa magestade, se todavia vossa magestade lhe entregar Broussel, accrescentou Gondy sorrindo.

Mazarino, que a estas palavras: Não é á rainha que o povo quer mal, prepara os ouvidos, acreditando que o coadjuctor ia fallar dos gritos: Abaixo o Mazarino! agradeceu a Gondy por esta suppressão, e disse com a voz mais doce e o rosto mais gracioso:

—Senhora, acredite o senhor coadjuctor, que é um dos mais habeis politicos que temos; o primeiro chapeu de cardeal que houver vago parece talhado para a sua nobre cabeça.

—Ah! como tu tens necessidade de mim, astuto velhaco! disse de Gondy.

—E que nos prometterá elle, a nós, disse d'Artagnan, no dia em que o quizerem matar? Se elle dá assim chapeus, apromptemo-nos Porthos e peçamos cada um ámanhã um regimento. C'os diabos! dure a guerra civil um anno só, e eu farei doirar para mim a espada de condestavel!

—E eu? disse Porthos.

—Tu! far-te-hei dar o bastão de marechal do senhor de La Meilleraie, que me parece não estar muito em favor n'este momento.

—Então, senhor, disse a rainha, seriamente receias a emoção popular?

—Seriamente, senhora, replicou Gondy admirado de não estar mais adiantado; visto que a torrente rompeu o seu dique, receio que cause grandes destruições.

—E eu, disse a rainha, julgo que n'esse caso é necessario oppor-lhe novos diques. Vá, e reflectirei.

Gondy olhou para Mazarino com um olhar espantado. Este aproximou-se da rainha para lhe fallar. N'este momento ouviu-se uma bulha espantosa na praça do Palacio Real.

Gondy sorriu-se, o olhar da rainha inflammou-se ; Mazarino fez-se muito pallido.

—Que será ainda ? disse elle.

N'este momento Comminges entrou precipitadamente.

—Perdão, senhora, disse Comminges á rainha, o povo esmagou as sentinellas contra as grades, e está n'este momento arrombando as portas : que ordena ?

—Escute, senhora, disse Gondy.

O bramido das ondas, o estampido do raio, o frequente borbulhar de um volcão não podem de certo comparar-se de maneira alguma com os alaridos que esta innumeravel multidão elevava ao ceu.

—O que eu ordeno ? disse a rainha.

—Sim, senhora, o tempo urge.

—Quantos homens pouco mais ou menos tem no Palacio Real ?

—Seiscentos.

—Ponha cem em torno de el-rei, e com o resto varrei-me toda essa populaça.

—Senhora, disse Mazarino, que faz ?

—Vá, disse a rainha.

Comminges saiu com a obediencia passiva do soldado.

N'este momento ouviu-se uma bulha horrivel, uma das portas começava a ceder.

—Oh ! senhora, disse Mazarino, perde-nos a todos, a el-rei, á senhora e a mim.

Anna d'Austria ao ouvir este grito, que partia da alma do cardeal, teve tambem medo, e chamou Comminges.

—Já é muito tarde, disse Mazarino arrancando os cabellos, já é muito tarde.

A porta cedeu, e ouviram-se uivos da populaça. D'Artagnan levou a mão á espada, e acenou a Porthos que fizesse o mesmo.

—Salve a rainha ! exclamou Mazarino dirigindo-se ao coadjuctor.

Gondy correu á janella, que abriu; reconheceu Louvieres á frente de uma tropa de tres ou quatro mil homens, pouco mais ou menos.

—Nem mais um passo ! gritou elle, a rainha assigna.

—Que diz? exclamou a rainha.

A verdade, senhora disse Mazarino apresentando-lhe uma penna e um papel, assim é necessario.

Depois ajuntou baixo:

—Assigne, Anna, eu lh'o peço, eu o quero!

A rainha caiu sobre uma cadeira, pegou na penna, e assignou.

O povo, contido por Louvieres, não deu nem mais um passo, mas esse murmurio que indica a colera da multidão continuava sempre.

A rainha escreveu:

«O carcereiro da prisão de S. Germano porá em liberdade o conselheiro Broussel.»

E assignou.

O coadjuctor que devorava com os olhos os seus menores movimentos, pegou no papel logo que foi assignado, tornou para a janella, e agitando-o com a mão:

—Eis a ordem! disse elle.

Paris inteira pareceu soltar um grande clamor de alegria; depois soaram os gritos:

—Viva Broussel! Viva o coadjuctor.

—Viva a rainha, disse este.

Alguns gritos responderam ao seu, mas pobres e raros.

Talvez que o coadjuctor não désse este grito senão para fazer sentir a Anna d'Austria a sua pouca popularidade.

—E agora que alcançou o que queria, disse ella, vá senhor de Gondy.

—Quando a rainha tiver necessidade de mim, disse o coadjuctor inclinando-se, sua masgetade sabe que estou ás suas ordens.

A rainha fez um signal com a cabeça. Gondy retirou-se.

—Ah! padre maldicto! exclamou Anna d'Austria estendendo a mão para a porta apenas se fechou, qualquer dia te farei beber o resto do fel que hoje me fizestes tragar.

Mazarino quiz aproximar-se d'ella.

—Deixe-me! disse ella, não é um homem!

E saiu.

—A senhora é que não é uma mulher! murmurou Mazarino.

Apoz alguns momentos de meditação, Mazarino lembrou-se que d'Artagnan e Porthos deviam estar alli, e que, por consequencia, tinham ouvido tudo. Franzio as sobrancelhas, e dirigiu-se para a tapeçaria, que levantou; o gabinete estava sem ninguem.

A's ultimas palavras da rainha, d'Artagnan tinha saido com Porthos para a galeria.

Mazarino dirigiu-se para a galeria, e achou os dois amigos passeiando.

—Porque deixou o gabinete, senhor d'Artagnan, disse Mazarino.

—Porque, disse d'Artagnan, a rainha ordenou que todos saissem, e pensei que esta ordem se dirigia tanto a nós como aos outros.

—Então está aqui...

—Ha um quarto de hora pouco mais ou menos, disse d'Artagnan olhando para Porthos, e fazendo-lhe um signal que o não desmentisse.

Mazarino surprehendeu este signal, e ficou convencido que d'Artagnan tudo vira e ouvira, mas gostou da mentira.

—Decididamente, senhor d'Artagnan, é o homem que eu procurava, e pode contar comigo, assim como o seu amigo.

Tendo dito isto, entrou mais tranquillo para o seu gabinete; o tumulto tinha cessado, como que milagrosamente, logo depois da saida de Gondy.

XVI

A desgraça traz a memoria

Anna entrou furiosa para o seu oratorio.

—Que! exclamou ella torcendo os seus bellos braços, que! o povo viu o senhor de Condé, o primeiro principe de sangue, preso por minha sogra Maria de Medicis; viu minha

cunhada, a sua antiga regente, expulsa pelo cardeal; viu o senhor de Vendôme, isto é, o filho de Henrrique IV, prisioneiro em Vincennes; nada disse em quanto insultavam, encarceravam e ameaçavam estas grandes personagens! e por um Broussel!... Ora esta! que é feito então da realesa?

O povo nada tinha dito dos principes, o povo sublevava-se por Broussel; é porque se tratava de um plebeu, e defendendo Broussel sentia instinctivamente que a si mesmo se defendia.

Durante este tempo, Mazarino passeiava no seu gabinete, olhando de tempos a tempos para o seu bello espelho de Veneza todo esmigalhado.

—Oh! dizia elle, é triste, bem o sei, ser obrigado a ceder assim; mas deixal-o! nós tomaremos a nossa desforra: o que importa Broussel! é um nome, e não uma coisa.

Por mais habil politico que fosse, Mazarino enganava-se d'esta vez: Broussel era uma coisa, e não um nome.

Por isso, quando no dia seguinte pela manhã, Broussel fez, a sua entrada em Paris em um coche, com seu filho Louvieres ao seu lado, e Friquet atraz do coche, todo o povo em armas se precipitou ao seu encontro; os gritos de viva Broussel! viva o nosso pae! soavam de todos os lados e levavam a morte aos ouvidos de Mazarino; de todas as partes os espiões do cardeal e da rainha traziam terriveis noticias, que achavam o ministro muito inquieto, e a rainha muito socegada.

Esta parecia meditar uma grande resolução, o que redobrava as inquietações de Mazarino. Conhecia a orgulhosa princeza e temia muito as resoluções de Anna d'Austria.

O coadjuctor tinha entrada no parlamento mais rei do que o rei, a rainha e o cardeal o eram todos tres juntos; por conselho d'elle, um edicto do parlamento convidava os burguezes a depôr as armas e a demolir as barricadas; sabiam agora que não era preciso mais que uma hora para tornarem a pegar em armas, e uma noite para tornarem a levantar as barricadas.

Planchet tinha regressado á sua loja; a victoria concede amnistia; Planchet por tanto já não tinha medo de ser enforcado, estava convencido que, se ao menos concebessem o pro-

jecto de o prender, o povo se sublevaria por elle como acabava de fazer por Broussel.

Rochefort entregou a sua cavallaria ligeira ao cavalleiro de Humieres; faltavam dois, mas o cavalleiro que era frondista no fundo da alma, não quiz ouvir fallar de satisfação.

O mendigo tornou a tomar o seu logar no adro de Santo Eustaquio, distribuindo sempre agua benta com uma mão, e pedindo esmola com a outra; e ninguem duvidava que estas duas mãos tinham ajudado a tirar do edicto social, a pedra fundamental da realesa.

Louvieres estava altivo e contente; vingara-se de Mazarino, que detestava, e contribuira muito para soltar seu pae: seu nome tinha sido pronunciado com terror no palacio real; e o dizia rindo ao conselheiro já de novo no gremio da sua familia.

—Acredite, meu pae, que se agora eu fosse pedir uma companhia á rainha ella m'a daria?

D'Artagnan aproveitou-se d'este momento de socego para fazer sair Raul, que muito lhe custara ter fechado durante o motim, e queria absolutamente desembainhar a espada por um ou outro partido.

Raul primeiramente recusou algum tanto, mas d'Artagnan fallou em nome do conde de La Fére. O visconde foi fazer uma visita á senhora de Chevreuse e partiu para o exercito.

Rochefort era o unico que achára que o negocio tinha terminado mal: tinha escripto ao duque de Beaufort que viesse; o duque estava para chegar e acharia Paris em socego.

Foi procurar o coadjutor, para lhe perguntar se não se devia mandar avisar ao duque que parasse no caminho; mas Gondy reflectio um instante e disse:

—Deixe-o continuar o seu caminho.

—Mas não está tudo já acabado? perguntou Rochefort.

—Ora! meu caro conde, ainda não passou do começo.

—O que é que lhe faz suspeitar isso.

—O conhecimento que tenho do coração da rainha; ella não ha de querer ficar vencida.

—Então prepara alguma coisa?

—Assim o espero.

—Que é que sabe, diga?

—Sei que escreveu ao senhor principe que viesse do exercito a toda a pressa.

—Ah! ah! disse Rochefort, tem razão, é necessario deixar vir o senhor de Beaufort.

Na mesma tarde d'esta conversação, espalhou-so o ruido que chegara o senhor principe.

Esta noticia era bem simples e bem natural, e comtudo fez uma immensa bulha; dizia-se que commettera indiscrições a senhora de Longueville, a quem o principe, que era accusado de ter para com sua irmã uma ternura que excedia os limites da amisade fraternal, fizera confidencias. Estas confidencias descobriram sinistros projectos da parte da rainha.

Na mesma tarde da chegada do principe, burguezes mais apressados que os outros, vereadores e reguladores, corriam por casa dos seus conhecimentos, dizendo:

—Porque não agarramos nós no rei e não o vamos pôr na casa da camara? E' uma sem rasão deixal-o educar pelos nossos inimigos, que lhe dão maus conselhos; em quanto que, se por exemplo, fosse dirigido pelo senhor coadjutor, adquiriria principios nacionaes e amaria o povo.

A noite foi agitada; no dia seguinte tornaram-se a vêr as capas pardas e pretas, as patrulhas de mercadores armados e os bandos de mendigos.

A rainha tinha estado a conferenciar com a principe no seu oratorio desde a meia noite até ás cinco horas.

A's cinco horas a rainha foi ao gabinete do cardeal. Se ella ainda não estava deitada, o cardeal já estava levantado, que estava redigindo uma resposta a Cromwell: já se tinham passados seis dias dos dez que pedira a Mordaunt.

—Ora! dizia elle, tenho-o feito esperar alguma coisa, mas o senhor Cromwell sabe demasiadamente bem o que são as revoluções para não me perdoar.

Estava portanto revendo o primeiro paragrapho da sua resposta, quando arranharam brandamente á porta que communicava com os quartos da rainha. Só Anna d'Austria é que podia vir por esta porta. O cardeal levantou-se e foi abrir.

—Que tem, senhora, disse Mazarino inquieto, tem uns modos tão altivos!

—Sim, Giulio, estou altiva e feliz, porque achei um meio de abafar esta hydra.

—E' uma grande politica, minha rainha, disse Mazarino, vejâmos o meio.

E occultou o que escrevia mettendo a carta começada por debaixo de papel branco.

—Bem sabe que me querem tirar el-rei? disse a rainha.

—Ah! sim, e enforcar-me a mim.

—Elles não terão el-rei.

—E não me enforcarão benone.

—Escute-me: quero tirar-lhes meu filho e a mim mesma, e ao senhor comigo; quero que este acontecimento que no dia de ámanhã mudará a face das coisas, se cumpra sem que ninguem o saiba além do cardeal, eu e uma terceira pessoa.

—E quem é essa terceira pessoa?

—O principe.

—Chegou então como m'o tinham dito?

—Hontem á tarde.

—E viu?

—Acabo de o deixar.

—E elle favorece esse projecto?

—Elle é que deu o conselho.

—E Paris?

Elle reduze-a á fome e obriga-a a render-se á discrição.

—O projecto não deixa de ser grandioso, mas não vejo n'elle senão um obstaculo.

—Qual?

—A impossibilidade.

—Palavra sem senso algum. Nada é impossivel.

—Em projecto.

—Em execução. Temos dinheiro?

—Algum, disse Mazarino receiando que Anna d'Austria lhe pedisse que despejasse a bolsa.

—Temos tropas?

—Cinco ou seis mil homens.

—Temos coragem?

—Muita.

—Então é facil. Oh! comprehende, Giulio! Paris, está odiosa, Paris acordando uma manhã sem rainha e sem rei, sitiada, esfaimada, não tendo, por unico recurso, senão o seu estupido parlamento e o seu magro coadjuctor de pernas tortas!

—E' bello, bello! disse Mazarino, mas não vejo meio de lá chegar.

—Eu o acharei! Bem sabe que é a guerrra, a guerra civil, ardente, encarniçada, implacavel.

—Oh! sim, sim, a guerra; disse Anna d'Austria, sim, quero reduzir a cinzas esta cidade rebelde; quero apagar o fogo no sangue; quero que um exemplo terrivel eternise o crime e o castigo. Paris! aborreço-a, detesto-a!

—Muito bem, Anna, está sanguinaria! tome sentido, não estamos já no tempo de Malatesta e de Castrucio Castracani; fará com que o decapitem, minha bella rainha, e seria pena.

—Ri-se?

—Riu muito pouco, a guerra é perigosa com todo um povo; veja o seu irmão Carlos I, está mal, muito mal.

—Estamos em França e eu sou hespanhola.

—Tanto peior, per Baccho, tanto peior, antes quereria que fosse francesa e eu tambem: detestar-nos-iam menos.

—Comtudo approva?

—Sim, se isso fôr possivel.

—E, digo-lh'o eu; faça os seus preparativos de partida.

—Eu! estou sempre prompto para partir; mas como bem sabe, nunca parto... e d'esta vez provavelmente tento como as outras.

—Emfim, se eu partir partireis tambem?

—Tental-o-hei fazer.

—Faz-me morrer com os seus medos, Giulio, de que tem então medo?

—De muitas coisas.

—De quaes?

O rosto de Mazarino, de zombador que estava, tornou-se sombrio.

—Anna, disse elle, a senhora não é senão uma mulher, e, como mulher pode insultar á sua vontade os homens, certa como está da impunidade: accusa-me de ter medo, não tenho tanto como a senhora, visto que eu não fujo. Contra quem gritam? é contra mim ou contra a senhora? Quem é que querem enforcar? é a mim ou á senhora? Pois bem! Eu resisto á tempestade, eu, a quem accusa de ter medo, resisto, não por bravata, não é meu costume, mas resisto. Imite-me, menos bulha, mais effeito. Grite muito alto, nada alcançará. Falla em fugir!

Mazarino encolheu os hombros, agarrou na mão da rainha e conduziu-a á janella:

—Olhe?

—E então? disse a rainha cega pela sua teima.

—E então que vê d'esta janella? São, se não me engano, burguezes de couraça, de capacetes, armados de bons mosquetes, como no tempo da liga, e que observam tanto a janella porque está olhando, que será vista se levantar esta cortina. Agora venha a esta outra: que vê? Homens do povo armados de alabardas que guardam as suas portas. Verá o mesmo em toda a abertura d'este palacio, a que eu a conduzir; as suas portas estão guardadas, os respiradouros dos seus subterraneos estão guardados, e digo-lhe agora tambem o mesmo que aquelle bom La Ramée me dizia do senhor de Beaufort: A não ser passaro ou rato, de certo não sairá d'aqui.

—Com tudo elle saiu.

—Conta sair do mesmo modo que elle?

—Sou então prisioneira?

—Ora! disse Mazarino, ha uma hora que o estou provando.

E Mazarino tornou a pegar tranquillamente no seu officio começado, continuando no logar em que o interrompera.

Anna tremula de cólera, vermelha de humilhação, saiu precipitadamente do gabinete, empurrando a porta com violencia.

Mazarino nem mesmo voltou a cabeça.

Tendo entrado no seu quarto, a rainha deixou-se cair n'uma poltrona e poz-se a chorar.

De repente occorrendo uma idéa subita, disse levantando-se:

—Estou salva. Oh! sim, sim, eu conheço quem me saberá tirar de Paris, um homem que eu por muito tempo esqueci.

E, pensando, ainda com um sentimento de alegria, continuou:

—Ingrata que eu sou, vinte annos esqueci aquelle homem que eu devia fazer um marechal de França. Minha sogra prodigalisou ouro, dignidades, caricias a Concini, que a perdeu; el-rei fez de Vitry marechal de França por um assassinato, e eu deixei no esquecimento, na miseria, aquelle nobre d'Artagnan que me salvou!

E correu a uma mesa em que estava papel e pennas.

XVII

A entrevista

D'Artagnan esta manhã estava deitado no quarto de Porthos. Era um costume que os dois amigos tinham tomado desde que tinham começado as perturbações. A' sua cabeceira estava a sua espada, e na sua mesa, ao alcance da mão, as suas pistolas.

D'Artagnan dormia ainda e sonhava que o ceu se cobria com uma nuvem amarella, e que d'esta nuvem caía uma chuva de ouro, e que elle aparava com o chapeu debaixo de uma gotteira.

Porthos tambem sonhava que a caixa da sua carroagem não era sufficiente para conter os brazões que elle lhe fazia pintar.

A's sete horas foram acordados por um criado sem libré que trazia uma carta a d'Artagnan.

—Da parte de quem? perguntou o gascão.

—Da parte da rainha, respondeu o criado.

—Hem! disse Porthos levantando-se na cama, que diz elle?

D'Artagnan pediu ao criado que passasse para uma sala visinha, e apenas elle fechou a porta saltou abaixo do leito, e leu rapidamente, em quanto que Porthos olhava para elle de olhos arregalados e sem ousar dirigir-lhe uma pergunta.

—Amigo Porthos, disse d'Artagnan mostrando-lhe a carta, aqui está esta vez o titulo de barão e a minha patente de capitão. Toma, lê e julga.

Porthos estendeu a mão, pegou na carta, e leu estas palavras com voz tremula:

«A rainha quer fallar ao senhor d'Artagnan, que siga o portador.»

—Então, disse Porthos, nada aqui vejo de extraordinario.

—E eu muito de extraordinario, disse d'Artagnan. Se me chamam é porque as coisas estão muito atrapalhadas. Imagina que revolução se ha de ter feito no espirito da rainha para que depois de vinte annos de esquecimento se recorde de mim!

—E' verdade, disse Porthos.

—Alia a tua espada, barão, carrega as tuas pistolas, dá aveia aos teus cavallos, e eu affianço-te que antes de ámanhã haverá alguma coisa de novo; e motus! motus!

—Ah! e se não é um laço que nos armam para se desfazerem de nós? disse Porthos sempre preoccupado do embaraço que a sua grandesa havia de causar a outro.

—Se fôr um laço, replicou d'Artagnan, eu o envistigarei, socega. Se Mazarino é italiano, eu sou gascão.

E d'Artagnan vestiu-se n'um momento.

Quando Porthos, sempre deitado lhe acolchetava a capa, bateram uma segunda vez á porta.

—Entre, disse d'Artagnan.

Um segundo criado entrou.

—Da parte de sua eminencia o cardeal Mazarino, disse elle.

D'Artagnan olhou para Porthos.

—Isto complica-se, disse Porthos, por onde começar?

—Isto vae ás mil maravilhas, disse d'Artagnan, sua eminencia pede-me uma entrevista para d'aqui a meia hora.

—Bem.

—Meu amigo, disse d'Artagnan voltando-se para o criado, diga a sua eminencia que d'aqui a meia hora estou ás suas ordens.

O criado saudou e saiu.

—Foi muito bom que elle não visse o outro, tornou d'Artagnan,

—Acreditas que elles ambos não te mandam procurar para a mesma coisa?

—Não o acredito, estou certo.

—Vamos, vamos, d'Artagnan, álerta! Pensa que a rainha te está esperando; depois da rainha o cardeal: e depois do cardeal eu.

D'Artagnan chamou o criado de Anna d'Austria.

—Aqui estou, meu amigo, disse elle, conduzi-me.

O criado conduziu-o pela rua dos Petits Champs, e, voltando á esquerda, fel-o entrar pela pequena porta do jardim que deitava para a rua Rechelieu, depois entraram n'uma escada occulta, e d'Artagnan foi introduzido no oratorio.

Uma certa emoção inexplicavel para elle fazia pulsar o coração do tenente; ja não tinha a confiança da mocidade, e a experiencia lhe ensinava toda a gravidade dos acontecimentos passados. Sabia o que era a nobresa dos principes e a magestade dos reis; tinha-se habituado a classificar a sua mediocridade segundo as illustrações da fortuna e do nascimento. Antigamente ter-se-ia chegado a Anna d'Austria como um joven que sauda uma mulher. Hoje era outra coisa; apresentava-se a ella como um humilde soldado a um illustre chefe.

Um ligeiro ruido perturbou o silencio do oratorio. D'Artagnan estremeceu e viu uma branca mão levantar a tapeçaria, e pela sua fórma, sua brancura e belleza, reconheceu aquella mão real que um dia lhe tinham dado a beijar.

Entrou a rainha.

—E' o senhor d'Artagnan, disse ella fixando no official um olhar cheio de affectuosa melancolia. Olhe para mim, eu sou a rainha; reconhece-me?

—Não, senhora, respondeu d'Artagnan.

—Mas então já não sabe, continuou Anna d'Austria com esse accento delicioso que ella sabia, quando queria, dar á sua voz, que a rainha teve outr'ora necessidade de um joven cavalleiro bravo e dedicado, que ella achou esse cavalleiro, e que, ainda que elle tenha podido acreditar que ella o esquecera, ella guardou-lhe um logar no fundo do seu coração?

—Não, senhora, ignoro isso, disse o mosqueteiro.

—Tanto peior, senhor, disse Anna d'Austria, tanto peior, pelo menos para a rainha, porque ella necessita hoje d'essa mesma coragem e d'essa mesma dedicação.

—Pois que! disse d'Artagnan, a rainha rodeada como está de servidores tão dedicados, de conselheiros tão sabios, de homens tão grandes, emfim pelo seu merecimento ou posição, digna-se lançar os olhos para um soldado obscuro!

Anna comprehedeu esta exprobação, mas ficou mais commovida do que irritada. Tanta abnegação e desinteresse da parte do cavalleiro gascão muitas vezes a tinham humilhado.

—Tudo o que me diz dos que me rodeiam, senhor d'Artagnan, talvez seja verdade; disse a rainha, mas só no senhor tenho confiança. Sei que é do cardeal, mas seja tambem meu e encarrego-me da sua fortuna. Vejamos, faria por mim hoje o que outr'ora fez pela rainha o cavalleiro que não conhece?

—Farei tudo o que ordenar vossa magestade, disse d'Artagnan.

A rainha reflectiu um momento; e, vendo a attitude circumspecta do mosqueteiro disse:

—Talvez que goste do repouso?

—Não sei, porque nunca reposei, senhora.

—Tem amigos?

—Tinha tres: dois deixaram Paris e ignoro para onde foram. Resta-me um só, mas julgo que é um dos que conhecem o cavalleiro de que vossa magestade me fez a honra de fallar.

—Muito bem; disse a rainha, o senhor e o seu amigo valem um exercito.

—Que é preciso que eu faça então, senhora?

—Volte ás cinco horas e eu lh'o direi; mas não falle a ninguem, senhor, da entrevista que lhe dei.

—Não, senhora.

—Juro sobre um Christo.

—Senhora, nunca faltei á minha palavra; quando digo não, ha de ser não.

A rainha ainda que admirada d'esta linguagem, á qual os seus cortezãos não a tinham acostumado, tirou d'ella um feliz presagio para o zelo que d'Artagnan poria em servil-a no cumprimento do seu projecto. Era um dos artificios do gascão de occultar algumas vezes a sua profunda subtilesa debaixo das apparencias de uma brutalidade leal.

—Vossa magestade não tem outra coisa a ordenar-me por agora? disse d'Artagnan.

—Não, senhor, respondeu Anna d'Austria, e pode retirar-se até ao momento que lhe disse.

D'Artagnan saudou e saiu.

—Diabo! disse elle quando estava á porta, parece que aqui teem grande necessidade de mim.

Como já tinha passado a meia hora atravessou a galeria e foi batar á porta do cardeal.

Bernouin introduziu-o.

—Venho obedecer ás ordens de vossa eminencia, senhor, disse elle.

E, segundo o seu costume lançou um olhar rapido em torno de si, notou que Mazarino tinha diante de si uma carta lacrada; mas estava com o subscripto para baixo, de modo que era impossivel vêr a quem era indereçada.

—Vem dos quartos da rainha? disse Mazarino, olhando fixamente para d'Artagnan.

—Eu, senhor! quem lh'o disse?

—Ninguem; mas sei-o.

—Estou com muito pezar de dizer a vossa eminencia que se engana, respondeu imprudentemente o gascão, forte com a promessa que acabara de fazer a Anna d'Austria.

—Eu mesmo abri a ante-camara e o vi sair do fundo da galeria.

—E' porque eu fui introduzido pela escada occulta.

—Como assim?

—Ignoro-o; talvez houvesse equivoco.

Mazarino sabia que não era facil obrigar d'Artagnan a dizer o que elle queria occultar; por isso renunciou descobrir por então o mysterio que lhe fazia o gascão.

—Fallemos dos meus negocios, visto que nada me quer dizer dos seus, disse o cardeal.

D'Artagnan inclinou-se.

—Gosta de viagens? perguntou o cardeal.

—Passei a minha vida pelas estradas.

—Retem-o alguma coisa em Paris?

—Nada me reteria em Paris além de uma ordem superior.

—Bem. Aqui está uma carta que se trata de entregar a quem é dirigida.

—A quem é dirigida, senhor? não lhe vejo subscripto.

—A carta tem duas capas, tornou Mazarino.

—Comprehendo; devo rasgar a primeira sómente quando chegar a um logar convencionado.

—Perfeitamente. Tome e parta. Tem um amigo, o senhor du Vallon, gosto muito d'elle, leval-o-hei comsigo.

—Diabo! disse comsigo d'Artagnan, elle sabe que ambos ouvimos a sua conversação de hontem e quer affastar-nos de Paris.

—Hesita? perguntou Mazarino.

—Não, senhor, e parto immediatamente. Apenas desejava uma coisa...

—Qual? diga.

—E' que vossa eminencia fosse ter com a rainha.

—E quando?

—Agora mesmo.

—Para que?

—Para lhe dizer unicamente estas palavras: Mando o senhor d'Artagnan a tal parte e faço-o partir immediatamente.

—Bem vê, disse Mazarino, que fallou com a rainha.

—Tive a honra de dizer a vossa eminencia que era possivel que houvesse equivoco.

—Permitti que ouse renovar a minha supplica a sua eminencia?

—Muito bem, já vou. Espere-me aqui.

Mazarino viu com attenção se lhe tinha esquecido alguma chave nos armarios e saiu.

Passaram-se dez minutos, durante os quaes d'Artagnan fez tudo o que pôde para lêr atravez do primeiro subscripto o que estava no segundo; mas não o pôde conseguir.

Mazarino voltou pallido e muito preoccupado; foi sentar-se á sua secretária. D'Artagnan examinava como acabava de examinar a carta, mas o seu rosto era quasi tão impenetravel como o subscripto da carta.

—Oh! oh! disse o gascão, elle tem o ar zangado. Será contra mim? Medita, será para me mandar para a Bastilha? Espere por essa, senhor! á primeira palavra que proferir a esse respeito afogo-o e faço-me frondista. Levar-me-hão em triumpho como ao senhor Broussel, e Athos proclamar-me-ha o Brutus Francez. Seria esquesito.

O gascão com a sua imaginação sempre a galope, tinha já visto todo o partido que podia tirar da situação.

Mas Mazarino não deu ordem alguma d'este genero e pôz-se ao contrario a tratar d'Artagnan com muito boas maneiras.

Tem rasão, lhe disse elle, meu caro senhor d'Artagnan, e não pode partir ainda.

—Ah! exclamou d'Artagnan.

—Dê me por tanto esse officio.

D'Artagnan obedeceu. Mazarino certificou-se se o sinete estava intacto.

Terei necessidade do senhor esta tarde, disse elle, volte d'aqui a duas horas:

—D'aqui a duas horas, senhor, tenho uma entrevista a que não posso faltar.

—Não o inquiete isso, disse Mazarino, é o mesmo.

—Bom! pensou d'Artagnan, já o suspeitava.

—Volte por tanto ás cinco horas e traga comvosco aquelle caro senhor du Vallon; deixa-o na ante-camara; quero fallár comvosco só.

D'Artagnan inclinou-se.

E inclinando-se dizia:

—Ambos com a mesma ordem, ambos á mesma hora, am-

bos no palacio real ; adivinho. Ah ! eis um segredo que o senhor de Gondy pagaria por cem mil francos.

—Está reflectindo, disse Mazarino inquieto.

—Sim, estou pensando se devemos vir armados ou não.

—Armados dos pés até á cabeça, disse Mazarino.

—Muito bem, senhor, nós viremos.

D'Artagnau saudou e correu a repetir ao seu amigo as promessas lisonjeiras de Mazarino, as quaes deram a Porthos uma alegria inconcebivel.

XIX

A fuga

O palacio real, apesar dos signaés de agitação que a cidade apresentava, quando d'Artagnan lá entrou ás cinco horas da tarde, mostrava um espectaculo dos mais alegres. Não era de admirar : a rainha entregara Broussel e Blancmesnil. Anna d'Austria já nada tinha realmente a temer, visto que o povo já nada mais tinha que pedir. A sua agitação era um resto do motim á qual era necessario dar tempo para socegar, assim como depois de uma tempestade ás vezes são necesarios alguns dias para as ondas se aplacarem.

Havia um grande festim, cujo pretexto era a chegada do vencedor de Lens. Os principes e princezas foram convidadas, as suas carroagens atulhavam os pateos desde o meio dia. Depois de jantar havia de haver jogo no paço da rainha.

Anna d'Austria estava n'este dia encantadora tanto pela sua graça, como espirito ; nunca a tinham visto de tão alegre humor. A vingança brilhava florida nos seus olhos e deslizava-se-lhe pelos seus labios.

No momento em que se levantaram da mesa, Mazarino desappareceu D'Artagnan já estava no seu posto e esperava-o

na ante camara O cardeal appareceu com um ar risonho, tomou-o pela mão e introduziu-o no seu gabinete.

—Meu caro senhor d'Artagnan, disse o ministro assentando-se, vou dar-lhe a maior prova de confiança que um ministro póde dar a um official.

D'Artagnan inclinou-se.

—Espero que vossa eminencia m'a dê sem subterfugios e com a convicção de que sou digno d'ella.

—O mais digno de todos, meu amigo, visto ser ao senhor que eu me dirijo.

—Então, disse d'Artagnan, eu o confesso, ha muito tempo que espero por uma occasião semilhante. Por isso, diga-me depressa o que tem a dizer-me.

—Vá, meu caro senhor d'Artagnan, replicou Mazarino, tem em suas mãos a salvação do estado.

E parou.

—Explique-se senhor; estou esparando.

—A rainha resolveu dar com el-rei um passeiosito até S. Germano.

—Ah! ah! disse d'Artagnan, isto é a rainha quer deixar Paris.

—Bem comprehende, caprichos de mulher.

—Sim, comprehendo muito bem, disse d'Artagnan.

—Era para isso que ella o tinha mandado chamar esta manhã, e lhe tinha dito que voltasse ás cinco horas.

—Era bastante trabalho fazer-me jurar que eu não fallaria da entrevista a ninguem! murmurou d'Artagnan, oh! as mulheres, ainda que sejam rainhas, sempre são mulheres.

Desaprova este passeiosito, meu caro senhor d'Artagnan? perguntou Mazarino inquieto.

—Eu, senhor! disse d'Artagnan, e porque?

—Vejo-o encolher os hombros.

—E' um modo de fallar comigo mesmo, senhor.

—Então aprova?

—Eu não aprovo nem desaprovo, senhor, espero pelas suas ordens.

—Bem. Foi portanto sobre o senhor que eu lancei os olhos para levar el-rei e a rainha a S. Germano, pela confiança que nos inspira.

—Duplicada velhacaria, disse comsigo mesmo d'Artagnan.

—Bem vê, tornou Mazarino vendo a impassibilidade de d'Artagnan, que, como lhe dizia a salvação do estado vae estar nas suas mãos.

—Sim, senhor, e conheço toda a responsabilidade de um tal encargo.

—Acceita então?

—Acceito sempre.

—Acredita que isto é possivel?

—Tudo o é.

—Será atacado no caminho?

—E' provavel.

—Mas como procederá n'esse caso?

—Passarei pelo meio dos que me atacarem.

—E se não poder passar pelo meio?

—Então peior para elles, passarei por cima.

—E porá el-rei e a rainha sãos e salvos em S. Germano?

—Sim, senhor.

—Pela sua vida?

—Pela minha vida.

—E' um heroe, meu caro! disse Mazarino olhando para o mosqueteiro com admiração.

D'Artagnan surriu-se.

—E eu? disse Mazarino, depois de um momento de silencio, e olhando fixamente para d'Artagnan.

—Como o senhor?

—E eu se quizer partir?

—Será mais difficil.

—Como assim?

—O senhor pode ser reconhecido.

—Mesmo com este disfarce? disse Mazarino.

E levantou uma capa que cobria uma poltrona na qual estava um trajo completo de cavalleiro.

—Se vossa eminencia se disfarça, então torna-se mais facil a evasão.

—Ah! exclamou Mazarino respirando.

—Mas é preciso que vossa eminencia faça o que dizia no outro dia que faria em nosso logar.

—O que?

—Gritar:—Abaixo Mazarino!

—Gritarei,

—Em francez, em bom francez, tome sentido no accento; mataram-nos seis mil Angevinos na Sicilia porque pronunnunciavam mal o italiano.

—Tome sentido em que os francezes não tem no senhor, a sua desforra das Vesperas Sicilianas.

—Farei o melhor que poder.

—H muita gente armada pelas ruas, continuou d'Artagnan, está certo que ninguem sabe do projecto da rainha. Mazarino reflectiu.

—Seria um bello negocio para um traidor, senhor, isso que me propõe; os azares de um ataque tudo desculpariam.

Mazarino estremeceu; mas reflectiu que um homem que tivesse a tenção de o trahir não o preveniria.

—Por isso, disse elle vivamente, não me fio em todos, e a prova é que o escolhi para me escoltar.

—Não parte com a rainha?

—Não, disse Mazarino.

—Então parte depois d'ella?

—Não, disse ainda Mazarino.

—Ah! disse d'Artagnan, que começava a comprehender.

—Sim, continuou o cardeal, porque com a rainha duplico os perigos que póde ter; depois da rainha duplico os meus, e ainda, porque logo que se veja salva a côrte, talvez se esquecessem de mim: os grandes são ingratos.

—E' verdade, disse d'Artagnan, lançando a seu pesar os olhos para o diamante que Mazarino tinha no dedo.

Mazarino seguiu a direcção d'este olhar, e voltou vagarosamente para dentro o engaste do annel.

—Quero então, disse Mazarino sorrindo-se, impedil-os de serem ingratos para comigo.

E' caridade christã, disse d'Artagnan, livrar o seu proximo de toda a tentação.

—E' justamente por isso, disse Mazarino que eu quero partir com elles.

D'Artagnan sorriu-se; era homem para comprehender muito bem esta astucia italiana.

Mazarino, viu-o sorrir, e aproveitou-se d'este momento.

—Começará então por sair de Paris, não é verdade, meu caro senhor d'Artagnan.

—E' um mau encargo, senhor! disse d'Artagnan tornando a tomar o seu ar sério.

—Mas, disse Mazarino, olhando attentamente para elle, para que nenhuma das expressões do rosto lhe escapasse, não fez essas mesmas observações quando se tratou d'el-rei e da rainha?

—El-rei e a rainha são a minha rainha, e o meu rei, senhor, respondeu o mosqueteiro, a minha vida pertence-lhes, devo-lh'a. Pedem-m'a, nada tenho a dizer.

—E' justo, murmurou Mazarino, mas como a sua vida não é minha, é preciso que eu lh'a compre, não é verdade?

E dando um profundo suspiro, começou a voltar o engaste do seu annel para fóra.

D'Artagnan sorriu-se.

Estes dois homens não se assemilhavam senão n'uma coisa, na astucia. Se fosse o mesmo na coragem, um faria fazer ao outro coisas grandes.

—Mas, tambem, disse Mazarino, bem comprehende que se lhe peço esse serviço, é com a intenção de lh'o agradecer.

—Vossa eminencia ainda não tem senão a intenção? perguntou d'Artagnan.

—Tome, disse Mazarino tirando o annel do dedo, meu caro senhor d'Artagnan, aqui está um diamante que em outro tempo lhe pertenceu, é justo que lhe torne á mão; tome ou vol-o supplico.

D'Artagnan não consentiu que Mazarino se désse ao trabalho de insistir, pegou n'elle, viu se a pedra era a mesma, e, depois de se ter certificado da puresa do brilho, passou-o para o seu dedo com um indizivel prazer.

—Gostava muito d'elle, disse Mazarino acompanhando-o com um olhar; mas não importa, dou-lh'o com muito gosto.

—E eu, senhor, disse d'Artagnan, recebo-o como me é da-

do. Vamos, fallemos dos seus negocios. Quer partir antes de todos?

—Sim, desejo-o muito.

—A que horas?

—A's dez.

—E a rainha a que horas parte?

—A' meia noite.

—Então é possivel: faço-o sair de Paris, deixo-o fóra das barreiras, e venho buscal-a.

—Perfeitamente, mas como me conduzirá para fóra de Paris?

—Oh! para isso é necessario deixar-me proceder.

—Delego-lhe plenos poderes, tome uma escolta tão grande como quizer.

D'Artagnan meneou a cabeça.

—Comtudo parece-me que é o meio mais seguro.

—Para o senhor, sim; mas não para a rainha.

Mazarino mordeu os beiços.

—Então, disse elle, como procederemos?

—E' preciso deixar-me fazer tudo como eu quizer, senhor.

—Um! exclamou Mazarino.

—E' preciso entregar-me toda a direcção d'essa empresa.

—Mas...

—Ou procurar outro, disse d'Artagnan voltando as costas.

—Oh! disse baixo Mazarino, parece-me que se vae com o diamante.

E chamou-o.

—S'or d'Artagnan, meu caro s'or d'Artagnan! disse elle com uma voz acariciadora.

—Senhor?

—Responde-me por tudo?

—Não respondo por nada, procederei o melhor que puder.

—O melhor que puder?

—Sim.

—Então! vá, fio-me no senhor.

—E' bem feliz, disse comsigo d'Artagnan.

—Está então aqui ás nove horas e meia?

—E achal-o-hei prompto?

—De certo, inteiramente prompto.

—Então, está ajustado. Agora, senhor, faz-me a honra de me apresentar á rainha?

—Para que?

—Desejava receber as ordens da propria bôca de sua magestade.

—Encarregou-me de lh'as dar.

—Poderia ter-lhe esquecido alguma coisa.

—Tem grande desejo de a vêr?

—E' indispensavel, senhor.

Mazarino hesitou por um momento, d'Artagnan permaneceu inabalavel.

—Então vamos, disse Mazarino, vou conduzil-o, mas nem uma palavra da nossa conversação.

—O que foi dito entre nós não diz respeito senão a nós, senhor disse d'Artagnan.

—Jura de o não dizer?

—Nunca juro, senhor. Digo sim ou não; e como sou cavalheiro, cumpro a minha palavra.

—Vejo então que é preciso ter no senhor uma confiança sem limites.

—Acredite-me, que é o melhor, senhor.

—Venha disse Mazarino.

O joven rei fixou no official os seus grandes olhos altivos e repetiu:

—O senhor d'Artagnan.

—E' isso meu filho.

Mazarino fez entrar d'Artagnan no oratorio da rainha, e disse-lhe que esperasse.

D'Artagnan não esperou muito tempo. Cinco minutos depois chegou a rainha em grande gala. Assim preparada, parecia ter apenas trinta e cinco annos, e era sempre muito bella.

—E' o senhor d'Artagnan? disse ella sorrindo graciosamente; agradeço-lhe em ter insistido para vêr-me.

—Peço por isso perdão a vossa magestade, disse d'Ar-

tagnan, mas quiz saber as ordens da propria bôca de vossa magestade.

—Sabe de que se trata?

—Sim, senhora.

—Acceita a missão que lhe confio?

—Com reconhecimento.

—Muito bem; está aqui á meia noite.

—Cá estarei.

—Senhor d'Artagnan, disse a rainha, conheço demasiadamente o seu interesse para lhe fallar do meu reconhecimento agora, mas juro-lhe que não esquecerei o segundo serviço, como esqueci o primeiro.

—Está na livre vontade de vossa magestade esquecer-se ou lembrar-se, e ignoro o que quer dizer.

E d'Artagnan inclinou-se.

—Vá, senhor, disse a rainha sorrindo-se graciosamente, vá, e volte á meia noite.

Fez-lhe com a mão um gesto de despedida, e d'Artagnan retirou-se; mas quando se retirou lançou os olhos para o reposteiro por onde entrara a rainha, e por baixo da tapeçaria descobriu o bico de um sapato de veludo.

—Bom, disse elle, Mazarino escutava para ver se eu atrahia. Na verdade este automato italiano não merece ser servido por um homem honrado.

D'Artagnan por isso não foi menos exacto á entrevista. A's nove horas e meia entrava na ante-camara.

Bernouin estava á espera, e introduziu-o.

Achou o cardeal vestido de cavalleiro. Este trajo, que como já dissemos, elle vestia elegantemente, dava-lhe uma bella presença; mas estava muito pallido, e tremia alguma coisa.

—Só? disse Mazarino.

—Sim senhor.

—E nem mesmo gosaremos da companhia d'aquelle bom senhor du Vallon?

—Está esperando na sua carroagem senhor.

—Onde?

—A' porta do jardim do palacio real.

—E' então na carroagem d'elle que partimos?

—Sim, senhor.

—E sem outra escolta além do senhor?

—Não é sufficiente? um de nós bastaria!

—Na verdade, meu caro senhor d'Artagnan, disse Mazarino, assusta-me com o seu sangue-frio.

—Acreditava que pelo contrario lhe devia inspirar confiança.

—E Bernouin, não o levo comigo?

—Não ha logar para elle, virá ter com vossa eminencia...

—Vamos, disse Mazarino, visto que é preciso conformar-me em tudo com a sua vontade.

—Senhor, é tempo ainda de recuar, disse d'Artagnan, e vossa eminencia está inteiramente livre.

—Não, não, disse Mazarino, partamos.

E ambos desceram pela escada occulta, Mazarino apoiando no de d'Artagnan o seu braço que o mosqueteiro sentia trazer.

Atravessaram os pateos do palacio real, onde ainda estavam algumas carroagens de convivas que se tinham demorado, entraram no jardim e dirigiram-se immediatamente para a porta.

Mazarino tentou abril-a com uma chave que tirou da algibeira mas a mão tremia-lhe de tal sorte que não podia achar o buraco da fechadura.

—Dê-m'a cá, disse d'Artagnan.

Mazarino deu lhe a chave, d'Artagnan abriu e metteu a chave na algibeira; tencionava entrar por alli.

A porta estava aberta Mousqueton junto da portinhola. Porthos estava no fundo da carroagem.

—Subi, senhor, disse d'Artagnan.

Mazarino não se fez rogar e entrou para a carroagem.

D'Artagnan subiu atraz d'elle; Mousqueton fechou a portinhola e subiu, gemendo para a trazeira. Fizera algumas difficuldades para partir, com o pretexto que a sua ferida ainda o fazia soffrer, mas d'Artagnan disse-lhe:

—Fique, se quizer, meu caro senhor Mousqueton, mas previno-o que Paris será queimada esta noite.

Mousqueton, sabendo isto, não se oppoz mais e declarou

que estava prompto a seguir seu amo e o senhor d'Artagnan até ao fim do mundo.

A carroagem partiu a trote regular o que não annunciava que continha pessoas apressadas. O cardeal limpou a fronte com o seu lenço e olhou em torno de si.

Tinha á sua esquerda Porthos e á sua direita d'Artagnan; cada um guardando uma portinhola, servindo-lhe ambos de muralha.

Em frente do banco de diante, estavam dois pares de pistolas, um par diante de Porthos, outro diante d'Artagnan; os dois amigos tinham além disso cada um a sua espada ao lado.

A cem passos do palacio real uma patrulha fez parar a carroagem.

—Quem vive? disse o chefe.

—Mazarino! respondeu d'Artagnan rindo ás gargalhadas.

O cardeal sentiu os cabellos irriçarem-se-lhe na cabeça.

O gracejo pareceu excellente aos burguezes, que vendo aquella carroagem sem armas e sem escolta, nunca teriam acreditado na realidade de uma tal imprudencia.

—Boa viagem! gritaram elles.

E deixaram passar.

—Heim! disse d'Artagnan, que disse vossa eminencia a esta resposta.

—E' muito espirituoso! exclamou Mazarino.

—Ah! disse Porthos, comprehendo.

Perto do meio da rua dos Petits Champs uma segunda patrulha fez parar a carroagem.

—Quem vive? perguntou o chefe da patrulha.

—Esconda-se senhor, disse d'Artagnan.

E Mazarino escondeu-se tanto entre os dois amigos, que desappareceu inteiramente occulto por elles.

—Quem vive! repetiu a mesma voz com impaciencia.

E d'Artagnan sentiu que se lançavam á cabeça dos cavallos.

Deitou metade do corpo para fóra da carroagem.

—Oh lá! Planchet, disse elle.

O chefe aproximou-se; era effectivamente Planchet. D'Artagnan reconhecera a voz do seu antigo criado.

—Como! senhor, disse Planchet, é o senhor?

—Oh! meu Deus, sim, meu caro amigo. Aquelle caro Porthos acaba de receber uma espadeirada, e conduzo-o para a sua casa de campo de Saint Cloud.

—Oh! sim? disse Planchet.

—Porthos, replicou d'Artagnan, se pode ainda fallar, meu caro Porthos direi então uma palavra a este bom Planchet.

—Planchet, meu amigo, disse Porthos com uma voz dolorosa, estou muito doente, e se encontrares um medico, far-me-has grande favor em m'o mandares.

—Ah! grande Deus, disse Planchet, que desgraça, e como aconteceu isso?

—Eu t'o contarei, disse Mousqueton.

Porthos soltou um profundo gemido.

—Faz com que passemos, Planchet, disse baixo d'Artagnan, aliás não chega vivo: os polmões estão offendidos, meu amigo.

Planchet meneou a cabeça com o ar de um homem que diz: N'esse caso o negocio vae mal.

Depois voltando-se para os seus homens:

—Deixe passar, disse elle, são amigos.

A carroagem continuou na sua marcha, e Mazarino tomou então respiração o que até alli tinha retido.

—Bicconi! murmurou elle.

A alguns passos antes da porta Santo Honorato encontraram um terceiro bando; este era conposto por homens de má cara e que se assimelhava muito a bandidos eram os homens do mendigo Santo Eustachio.

—Attenção, Porthos! disse d'Artagnan.

Porthos estendeu as mãos para as suas pistolas.

—Que ha! perguntou Mazarino.

—Senhor, julgo que temos agora má companhia.

Um homem com uma especie de touce aproximou-se da portinhola.

—Quem vive? perguntou elle.

—O' maroto! disse d'Artagnan, não reconheces a carroagem do senhor principe?

—Principe ou não, disse elle, abri! temos a guarda da porta, e ninguem passará sem sabermos quem é.

—Que devemos fazer? perguntou Porthos.

—Ora essa, passar, disse d'Artagnan.

—Mas então como passar? disse Mazarino.

—Pelo meio ou por cima. Cocheiro, a galope.

O cocheiro levantou o chicote.

—Nem mais um passo, disse o homem que parecia o chefe, ou corto as pernas aos cavallos.

—Diabo! disse Porthos, seria pena, animaes que me custaram cem pistolas cada parelha.

—Pagar-lh'os-hei por duzentas, disse Mazarino.

—Sim, mas depois de lhe cortarem as pernas, cortar-nos-hão o pescoço.

—Avisinha-se um do meu lado; disse Porthos, mato-o?

—Sim, com um soco, se poder: não façamos fogo senão na ultima extremidade.

—Passo, disse Porthos.

—Venha então abrir, disse d'Artagnan ao homem da fouce e agarrando n'uma das suas pistolas para bater com a coronha.

Este aproximou-se.

A' medida que elle se aproximava; d'Artagnan, talvez para estar mais desembaraçado, saía da portinhola; seus olhos fixaram-se nos do mendigo, em cujo rosto dava a luz de uma lanterna.

Sem duvida elle reconheceu o mosqueteiro porque se fez muito pallido, e sem duvida d'Artagnan o reconheceu porque os seus cabellos irriçaram-se-lhe na cabeça.

—Senhor d'Artagnan! exclamou elle recuando um passo o senhor d'Artagnan! deixe passar!

Talvez d'Artagnan tambem fosse responder, quando se ouviu uma pancada semelhante á de uma massa que cáe em cima da cabeça de um boi; era Porthos que acabava de esmagar o seu homem.

D'Artagnan voltou-se e viu o desgraçado jazendo a quatro passos da carroagem.

—Agora a toda a brida! gritou elle, assim! assim!

O cocheiro deu uma estrondosa chicotada. Os nobres animaes saltaram. Ouviram-se gritos como de homens que são atropellados. Depois sentiram-se dois aballos; duas das ro-

das acabavam de passar por cima de um corpo flexivel e redondo.

Houve então um momento de silencio. A carroagem passou a porta.

—Ao Cours la Reine! gritou d'Artagnan ao cocheiro,

Depois voltando-se para Mazarino:

—Agora, senhor, lhe disse elle, póde resar cinco Paters e cinco Aves em agradecimento a Deus pelo seu livramento; está salvo, está livre!

Mazarino só respondeu por uma especie de gemido, não podia acreditar em tal milagre.

Cinco minutos depois parou a carroagem, tinha chegado ao Cours la Reine.

—Vossa eminencia está contente com a sua escolta? perguntou o mosqueteiro.

—Encantado, senhor, disse Mazarino, atrevendo-se a dêitar a cabeça fóra de uma das portinholas, agora faça o mesmo pela rainha.

—Será mais facil, disse d'Artagnan saltando a terra. Senhor du Vallon recommendo-lhe sua eminencia.

—Socegue, disse Porthos estendendo a mão.

D'Artagnan tomou a mão de Porthos e apertou-a.

—Ai! disse Porthos.

D'Artagnan olhou para o seu amigo com espanto.

—Que tem? perguntou elle.

—Julgo que tenho o pulso aberto, disse Porthos.

—Que diabo, se lhe bateu como um desalmado.

—Assim era necessario, o meu homem ia atirar-me um tiro de pistola; mas como se desembaraçou do seu?

—Oh! o meu, disse d'Artagnan, não era um homem.

—Então o que?

—Era um espectro.

—K...

—E conjurei-o.

Sem mais explicações, d'Artagnan pegou nas pistolas que estavam no banco de diante, polas na sua cinta, embuçou-se na capa, e, não querendo entrar pela mesma barreira porque saira, dirigiu-se para a porta de Richelieu.

XIX

A carroagem do senhor coadjutor

Em logar de entrar pela porta Santo Honorato, d'Artagnan, que tinha tempo, fez um rodeio e entrou pela porta Richelieu. Vieram-n'o reconhecer, e quando viram pelo seu chapeu de plumas e pela sua capa agaloada que era um official dos mosqueteiros, rodearam-n'o com a intenção de lhe fazerem gritar abaixo Mazarino! ao principio esta primeira demonstração não deixou de o inquietar; mas quando soube do que se tratava, gritou com uma voz tão bella que os mais salientes ficaram satisfeitos.

Ia pela rua Rechelieu, pensando no modo porque tambem conduziria a rainha, porque n'uma carroagem com as armas da França, nem n'isso se devia pensar, quando á porta do palacio da senhora de Guéménée deu com os olhos n'uma carroagem.

Occorreu-lhe subitamente uma idéa.

—Ah! por Deus! disse elle, seria uma boa peça.

E approximou-se da carroagem do senhor coadjuctor, olhou para as armas que estavam nos caixilhos, e para a libré do cocheiro que estava na almofada.

Este exame foi muito facil pois que o cocheiro dormia a somno solto.

—E' com toda a certeza a carroagem do coadjtor; disse elle, e a fallar a verdade, começo a crêr que a Providencia é a nosso favor.

E subindo mansamente para a carroagem, puxou pelo fio de seda que correspondia ao dedo minimo do cocheiro, dizendo:

—Para o Palacio Real.

O cocheiro acordado em sobresalto, dirigia-se para o ponto designado sem suspeitar que a ordem viesse de outro que não fosse seu amo.

O porteiro estava para fechar as grades; mas, vendo aquella magnifica carroagem, pensou que seria alguma visita de importancia, e deixou entrar a carroagem, que parou no piristylo.



Vinte annos depois — 2.ª estampa, 2.º vol.

Diga a meu pae, que rei ou fugitivo... (Vide pag. 40)

Foi sómente que o cocheiro descobriu que os lacaios não estavam na trazeira da carroagem.

Julgou que o coadjuctor os tinha mandado a alguma parte, saltou abaixo da almofada sem largar as redeas e veio abrir.

D'Artagnan saltou tambem a terra, e, no momento em que o cocheiro, assustado reconhecendo que não era seu amo dava um passo para traz, com a mão esquerda agarrou-lhe pela gola, e com a direita poz-lhe uma pistola ao pescoço:

—Se tentas pronunciar uma só palavra, disse d'Artagnan morres!

O cocheiro conheceu pela expressão do que lhe fallava que tinha caido n'uma cilada, e fixou-o de boca aberta e olhos desmesuradamente abertos.

Dois mosqueteiros passeiavam pelo pateo, d'Artagnan chamou-os pelos seus nomes.

—Senhor Bellióre, disse elle a um, faz-me o favor de tomar as redeas das mãos d'este honrado homem, e de subir para a almofada da carroagem, de conduzil-o para a porta da escada occulta e de me esperar lá; é para negocio de importancia o que tende ao serviço de el rei.

O mosqueteiro que sabia que o seu tenente era incapaz de fazer um mau graccjo a respeito do serviço, obedeceu sem dizer palavra, ainda que a ordem lhe parecesse singular.

D'Artagnan voltou-se para o segundo mosqueteiro.

—Senhor du Verger, disse elle, ajude-me a conduzir este homem para um logar de segurança.

O mosqueteiro acreditou que o seu tenente tinha prendido algum principe disfarçado, abaixou a cabeça, e desembainhando a espada, fez signal de que estava prompto.

D'Artagnan subiu as escadas seguido do seu preso, que era tambem seguido do mosqueteiro, atravessou o vestibulo e entrou na ante-camara de Mazarino.

Bernouin esperava com muita impaciencia noticias de seu amo.

—Então, senhor? disse elle.

—Tudo vae perfeitamente, meu caro senhor Bernouin; mas aqui está um homem, que é necessario pôr em logar de segurança.

—Onde, senhor?

—Onde quizer, com tanto que o logar que escolher tenha janellas e que se feche com chave.

—Temos isso, senhor, disse Bernouin.

E conduziram o pobre cocheiro para um quarto cujas janellas eram de grades, e que se parecia muito com uma prisão,

—Agora, meu caro amigo, convido-o, disse d'Artagnan, a que me dê o seu chapeu e casaco.

O cocheiro, como bem se comprehende, não oppoz resistencia alguma; além d'isso estava tão admirado do que lhe acontecia que cambaleava, e balbuciava como um embriagado: d'Artagnan poz tudo no braço do criado do quarto.

—Agora, senhor du Verger, disse d'Artagnan, feche-se com este homem até que o senhor Bernouin lhe venha abrir a porta; a commissão não ha de ser muito agradavel, mas deve saber, ajuntou elle com intenção, que é serviço de el-rei.

—A's suas ordens, meu tenente, respondeu o mosqueteiro, que viu que se tratava de cousas sérias.

—A proposito, disse d'Artagnan, se esse homem tentar fugir ou gritar, atravesse-lhe o peito com o espada.

O mosqueteiro fez um signal com a cabeça que queria dizer que obedeceria pontualmente á sua ordem.

D'Artagnan saiu levando Bernouin comsigo.

Dava meia noite.

—Conduzi-me ao oratorio da rainha, disse elle, preveni-a de que estou lá, e vá pôr este embrulho com um mosquete bem carregado na almofada da carroagem que está esperando no fundo da escada occulta.

Bernouin introduziu d'Artagnan no oratorio onde se sentou pensativo.

No Palacio Real nenhuma alteração tinha havido. A's dez horas, como dissemos, quasi todos os convivas se tinham retirado; os que deviam fugir com a rainha ouviram a senha, e cada um foi convidado a achar-se da meia noite á uma hora no Cours-la-Reine.

—A's dez horas, Anna d'Austria passou aos quartos do rei. Acabavam de deitar Mousieur; e o joven Luiz, tendo ainda ficado, de pé, entretinha-se em pôr em batalha solda-

dos de cumbo, exercicio que muito o divertia. Dois meninos de honor brincavam com elle.

—Laporte, disse a rainha, é tempo de deitar sua magestade.

El-rei pediu para ficar ainda de pé, porque não tinha vontade alguma de dormir, dizia elle; mas a rainha insistiu.

—Não deve ámanhã de manhã ás seis horas ir banhar-se a Conflans, Luiz? Parece-me que foi o que me pediu.

—Tem razão, senhora, disse el-rei, e estou prompto a retirar-me para o meu quarto, quando me tiver abraçado. Laporte, dê o castiçal ao senhor de Coislin.

A rainha pousou os seus labios sobre a texta alva e lisa que o augusto menino lhe apresentava com uma gravidade que já se resentia de etiqueta.

—Adormeça bem depressa, Luiz, disse a rainha, porque será acordado cedo.

—Farei tudo o que poder para lhe obedecer, senhora, disse o joven Luiz, mas não tenho somno algum.

—Laporte, disse baixo Anna d'Austria, dê a lêr a sua magestade um livro bem enfadonho, e conserve-se vestido.

El-rei saiu acompanhado pelo cavalleiro do Coislin, que lhe levava o castiçal. O outro menino de honor foi reconduzido a casa.

A rainha entrou então para o seu quarto. As suas camaristas, isto é a senhora de Bregy, a menina de Beaumont, a senhora de Molteville e Socratina, sua irmã, que appelidavam assim por causa da sua sabedoria, acabavam de lhe trazer para a sua guarda-roupa resto do jantar, com que ella ceiava, segundo o seu costume.

A rainha deu então as suas ordens, fallou de um juntar que offerecia para d'alli a dois dias o marquez de Villequier, designou as pessoas que admittia á honra de participarem d'elle, annunciou para o dia seguinte uma visita ao Valle da Graça, onde tinha tenção de cumprir as suas devoções, e deu a Beringhen, seu primeiro camarista, as suas ordens para que a acompanhasse.

Acabada a ceia das damas, a rainha fingiu estar muito fatigada, e passou para o seu quarto de dormir. A senhora de Molteville que estava de serviço particular este dia, seguiu-a

e ajudou-a a despir. A rainha deitou-se, fallou-lhe affectuosamente durante alguns minutos, e despediu-a.

Era n'este momento que d'Artagnan entrava no pateo do Palacio Real com a carrogem do coaductor.

Um instante depois as carroagens das damas de honra saíam, e a grade fechava-se sobre ellas.

Soava então meia noite.

Cinco minutos depois, Bernouin batia na camara de dormir da rainha, pela passagem secreta. A mesma Anna d'Austria veio abrir.

Estava já vestida, isto é, tinha calçado as meias e estava coberta com um comprido penteador.

—E' o senhor Bernouin, disse ella. O senhor d'Artagnan está lá?

—Sim, senhora, no seu oratorio, espera que vossa magestade esteja prompta.

—Já o estou. Vá dizer a Laporte que acorde e vista el-rei, depois vá a casa do marechal de Villeroy e preveni-o da minha parte.

Bernouin inclinou-se e saiu.

A rainha entrou para o seu oratorio, que estava allumiado por uma simples lampada com ovelorios de Veneza. Viu d'Artagnan que a aguardava de pé.

—E' o senhor? lhe disse ella.

—Sim, senhora.

—Está prompto?

—Sim, senhora.

—E o senhor cardeal?

—Saiu sem perigo algum. Espera vossa magestade no Cours-la-Reine.

—Mas em que carroagem partimos?

—Previ tudo, está esperando uma por vossa magestade.

—Vamos aos quartos de el-rei.

D'Artagnan inclinou-se e seguiu a rainha.

O joven Luiz estava já vestido, excepto os sapatos e o gibão, deixava-se vestir com um ar admirado, accumulando de perguntas a Laporte, que não lhe respondia senão estas palavras:

—Saiba vossa magestade que é por ordem da rainha.

O leito estava descoberto, e viam-se os lençoes de el-rei tão usados, que em alguns logares haviam buracos.

Era ainda um effeito da avareza de Mazarino.

A rainha acenou a d'Artagnan que se aproximasse.

D'Artagnan obedeceu,

—Meu filho, disse Anna d'Austria mostrando-lhe o mosqueteiro, socegado, de pé e descoberto: aqui está o senhor d'Artagnan que é bravo, como um d'aquelles cavalleiros de cujas historias tanto gosta que as minhas camaristas lhe contem. Lembre-se bem do seu nome, e olhe bem para elle, para não esquecer as suas feições, porque esta noite far-lhe-ha um grande serviço.

O joven rei levantou vagarosamente a sua mãosinha, e apresentou-a ao mosqueteiro, este pôz um joelho no chão, e beijou-a.

—O senhor d'Artagnan, repetiu Luiz, muito bem, senhora.

N'este momento ouviu-se uma especie de rumor que se aproximava,

—Que é isto? perguntou o rainha.

—Oh! oh! respondeu d'Artagnan applicando ao mesmo tempo o ouvido agudo e o seu olhar intelligente, é o ruido do povo que se amotina.

—Devemos fugir, disse a rainha.

—Vossa magestade deu-me a direcção d'este negocio, devemos ficar e saber o que elle quer.

—Senhor d'Artagnan!

—Respondo por tudo.

Nada se communica mais rapidamente que a confiança. A rainha, cheia de força e coragem, sentia no mais alto grau estas duas virtudes nos outros.

Faça o que quizer, disse ella, fio-me no senhor.

—Vossa magestade permitte-me que em todo este negocio dê ordens em seu nome?

—Ordene, senhor.

—Que quer então este povo? perguntou el-rei.

—Já o vamos saber, senhor, disse d'Artagnan.

E saiu rapidamente do quarto.

O tumulto ia crescendo progressivamente, parecia rodear

todo o Palacio Real. Do interior ouviam-se gritos cujo sentido não se podia comprehender. Era evidente que havia clamor e sedição.

El-rei, meio vestido, a rainha e Laporte ficaram cada um no estado e quasi no logar em que se achavam, escutando e esperando.

Comminges, que estava de guarda ao Palacio Real, correu, tinha duzentos homens pouco mais ou menos nos pateos e cavallariças, punha-os á disposição da rainha.

—Então, perguntou Anna d'Austria, vendo tornar a apparecer d'Artagnan, que ha de novo?

—Ha senhora, que se espalhou o ruido que a rainha tinha deixado o Palacio Real, levando el-rei, e que o povo quer ver a prova do contrario, aliás ameaça demolir o Palacio Real.

—Oh! d'esta vez é muito forte, disse a rainha, e eu lhes provarei que ainda não parti.

D'Artagnan viu pela expressão das feições da rainha, que ia dar alguma ordem violenta. Aproximou-se d'ella e disse-lhe baixo:

—Vossa magestade continua a ter confiança em mim? Esta voz fel-a estremecer.

—Sim, senhor, toda a confiança, disse ella. Diga.

—Sua magestade dignar-se-ha guiar-se segundo os meus conselhos?

—Diga.

—Que vossa magestade despeça Comminges, ordenando-lhe que se feche, elle e os seus homens, no corpo da guarda e cavallariças.

Commiges fixou em d'Artagnan o olhar invejoso com que todo o cortezão vê apparecer uma nova fortuna.

—Ouvistes, Comminges? disse a rainha.

D'Artagnan dirigiu-se para elle, tinha reconhecido com a sua sagacidade ordinaria este olhar inquieto.

—Senhor de Comminges, lhe disse elle, perdõe-me; ambos somos servidores da rainha, não é verdade? é agora a minha vez de lhe ser util, não me inveje esta felicidade.

Comminges inclinou-se e saiu.

—Bom! disse d'Artagnan, já tenho mais um inimigo!

—E agora, disse a rainha dirigindo-se a d'Artagnan, que devemos fazer? porque bem ouvis, em vez de abrandar, o barulho redobra.

—Senhora, respondeu d'Artagnan, o povo quer vêr el-rei, é necessario que o veja.

—Como, vel-o! onde? á janella?

—Não, senhora, aqui no seu leito a dormir.

—Oh! o senhor d'Artagnan tem razão, senhora! exclamou Laporte.

A rainha reflectiu e sorriu como mulher a quem não é desconhecida a malicia.

—E' verdade, murmurou ella.

—Senhor Laporte, disse d'Artagnan, vá por entre as grades do Palacio Real annunciar ao povo que vae ser satisfeito, e que, em cinco minutos não só verá o rei, mas até que o verá na sua cama; ajunte que el-rei dorme e que a rainha pede que estejam calados para não o acordarem.

—Mas que não venha todo o povo, uma deputação de duas ou quatro pessoas?

—Todo o povo, senhora.

—Mas penso que nos demorarão até ser dia.

—Não nos demorarão mais que um quarto de hora. Respondo por tudo, senhora; acredite-me, eu conheço o povo, é uma creança á qual só se trata de acariciar. Diante de el-rei a dormir, estará mudo, doce e timido como um cordeiro.

—Vá, Laporte, disse a rainha.

O joven aproximou-se de sua mãe.

—Para que permitte o que aquella gente pede? disse elle.

—Assim é necessario, meu filho, disse Anna d'Austria.

—Mas então, se me dizem assim é necessario, já não sou rei?

A rainha ficou muda.

—Senhor, disse d'Artagnan, vossa magestade permitte-me que lhe faça uma pergunta?

Luiz XIV voltou-se, admirado de que ousassem dirigir-lhe a palavra; a rainha apertou a mão do joven.

—Sim, senhor, disse elle.

—Vossa magestade lembra-se de ter visto, quando se divertia no parque de Fontainebleau ou nos pateos do palacio de Versailles, cobrir-se o ceu de repente e ouvido o ribombar do trovão?

—Sim, sem duvida.

—Pois bem! o ribombar do trovão, apesar do grande desejo que tinha de ainda se divertir, lhe dizia: Recolha-se, senhor, assim é necessario.

—Sem duvida, senhor; mas tambem me diziam que esse ribombar do trovão era a voz de Deus.

—Então, senhor, disse d'Artagnan, escute o ruido do povo, e verá que se parece muito com o ribombar do trovão.

Com effeito, n'este momento ouviu-se um rumor terrivel trazido pela brisa da noite. De repente cessou.

—Ouvi senhor, disse d'Artagnan, acabam de dizer ao povo que dormia; bem vê que é sempre rei.

A rainha olhava com espanto para este homem singular que a sua coragem extraordinaria egualava aos mais bravos, o seu espirito subtil e astucioso a todos.

Laporte entrou.

—Então, Laporte? perguntou a rainha.

—Senhora, respondeu elle, cumpriu-se a predicção do senhor d'Artagnan, socegaram-se como por encanto. Vão-lhe abrir as portas, e em cinco minutos estarão aqui.

—Laporte, disse a rainha, se pozesse um de seus filhos em logar d'el-rei? partiriamos entretanto.

—Se sua magestade o ordena, disse Laporte, meus filhos, assim como eu, estão ao seu dispôr.

—Não, disse d'Artagnan, porque se um d'elles conhecesse sua magestade e descobrisse o subterfugio, tudo ficaria perdido.

—Tem razão, senhor, sempre razão, disse Anna d'Austria. Laporte, deite el-rei.

Laporte deitou el-rei vestido como estava no seu leito, e cobriu-o até aos hombros.

A rainha curvou-se para elle e beijou-o na testa.

—Fingi dormir, Luiz, disse ella:

—Sim, disse elle, mas não quero que nenhum d'aquelles homens me toque.

—Senhor, eu estou alli, disse d'Artagnan, e respondo-lhe que se um unico tiver a ousadia de o fazer, pagal-o-ha com a vida.

—Agora que devemos fazer? perguntou a rainha, porque já os ouço.

—Senhor Laporte, sai-lhe ao encontro, e recommende-lhes, de novo o silencio. Senhora, espere alli á porta. Eu estou á cabeceira d'el-rei, prompto a morrer por elle.

Laporte saiu, a rainha ficou de pé junto á tapeçaria, d'Artagnan escondeu-se por detraz das cortinas.

Depois ouviu-se o rumor surdo e contido dos passos de uma grande multidão de homens; a mesma rainha levantou a tapeçaria, pondo um dedo na boca.

Ao verem a rainha, estes homens pararam n'uma attitude de respeito.

—Entrem, senhores, entrem, disse a rainha.

Houve então por entre todo este povo um movimento de hesitação que se parecia com vergonha: esperava ter resistencia, esperava ser contrariado, ter de arrombar as grades e atropellar os guardas: as grades tinham-se aberto sós, e el-rei, ao menos ostensivamente, não tinha á sua cabeceira outro guarda além de sua mãe.

Os que estavam á frente balbuciaram, e tentaram recuar.

—Entrem então, senhores, disse Laporte, visto que a rainha o permitte.

Então um mais atrevido que os outros passou o limiar da porta, e avançou nos bicos dos pés. Todos os outros o imitaram, e a camara encheu-se silenciosamente, como se todos aquelles homens fossem os cortezãos mais humildes e os mais affeiçoados. Para lá da porta descobriam-se as cabeças dos que, não tendo podido entrar, se alçavam nos bicos dos pés.

D'Artagnan viu tudo por entre uma abertura que fizera na cortina; no que primeiro entrára reconheceu Planchet.

—Senhor, lhe disse a rainha, que comprehendeu que elle era o chefe de todo este bando, deseja vêr el-rei, e quiz eu mesmo mostrar-lh'o. Aproxime-se, olhe para elle e diga se nos parecemos com pessoas que querem fugir.

—Não de certo, respondeu Planchet, algum tanto admirado da honra inesperada que recebia.

—Diga então aos meus bons e fieis parisienses, replicou Anna d'Austria deixando vêr um sorriso, com cuja expressão d'Artagnan não se enganou, que viu el-rei deitado e a dormir, e a rainha tambem para se deitar.

—Dil-o-hei, senhora, e todos os que me acompanham o dirão como eu, mas...

—Mas que? perguntou Anna d'Austria.

—Que vossa magestade me perdôe, disse Planchet, será com toda a certeza el-rei que aqui está deitado n'este leito?

Anna d'Austria estremeceu.

—Se entre todos ha alguem que conheça el-rei, disse ella, que se aproxime, e diga se é sua magestade quem alli está.

Um homem embuçado n'uma capa, com que occultava o rosto, aproximou-se, inclinou-se para o leito e olhou. Um instante d'Artagnan acreditou que aquelle homem tinha um mau designio, e levou a mão á espada, mas no movimento que fez o homem de capa ao abaixar-se, descobriu uma parte do rosto, e d'Artagnan reconheceu o coadjutor.

—El-rei, disse o homem levantando-se. Deus abençôe sua magestade.

—Sim, disse a meia voz o chefe, sim Deus abençôe sua magestade!

E todos estes homens que tinham entrado furiosos, passando da colera para a piedade, abençoaram tambem o joven rei.

—Agora, disse Planchet, agradeçamos á rainha, meus amigos, e retiremo-nos.

Todos se inclinaram, e sairam pouco a pouco e sem fazerem bulha, como tinham entrado. Planchet, que primeiro entrára, era o ultimo a sair.

A rainha deteve-o.

—Como se chama, meu amigo, lhe disse ella.

Planchet voltou-se, muito admirado da pergunta.

—Sim, disse a rainha, estou com tanto prazer em o ter recebido esta noite como se fosse um principe, e desejo saber o seu nome.

—Sim, pensou Planchet, para me tratar como um principe, obrigado.

D'Artagnan receiou que Planchet, seduzido como o corvo da fabula, dissesse o seu nome, e que a rainha sabendo-o, conhecesse que Planchet lhe pertencera.

—Senhora, respondeu respeitosamente Planchet, chamo-me Dulaurier para a servir.

—Obrigada, senhor Dulaurier, disse a rainha, e em que se emprega?

—Senhora, sou mercador de pannos na rua Bourdonnaes.

—Era o que desejava saber, disse a rainha, muito obrigada, meu caro senhor Dulaurier, ouvirá fallar de mim.

—Vamos, vamos, murmurou d'Artagnan saindo detraz da cortina, decididamente o senhor Planchet não é tolo, e bem se vê que foi educado em boa escola.

Os differentes actores d'esta singular scena permaneceram durante um minuto mudos em frente uns dos outros; a rainha de pé junto á porta, d'Artagnan com metade do corpo fóra da seu esconderijo, o rei apoiado no cotovelo e prompto a deitar-se no leito ao menor ruido que indicasse a volta d'aquella multidão; mas em logar de se aproximar o ruido apartava-se mais e mais até que se extinguiu de todo.

Anna respirou; d'Artagnan limpou o rosto humido de suor; o rei deitou-se abaixo do leito dizendo: Partamos.

N'este momento voltou Laporte.

—Então? perguntou a rainha.

—Então, senhora, respondeu o escudeiro, acompanhei-os até ás grades, annunciavam a seus camaradas que tinham visto el-rei e que a rainha lhes tinha fallado, de maneira que se retiram todos altivos e orgulhosos.

—Miseraveis! murmurou a rainha prometto-lhes que pagarão caro o seu atrevimento.

Depois voltando-se para d'Artagnan:

—Senhor, deste-me n'esta noite os melhores conselhos que na minha vida tenho recebido: continue. Que devemos agora fazer?

—Senhor Laporte, disse d'Artagnan, acabe de vestir sua magestade.

—Então podemos partir? perguntou a rainha.

—Quando vossa magestade quizer; é só descer pela escada secreta, achar-me-hei á porta.

—Vá, senhor, já o sigo.

D'Artagnan desceu, a carroagem estava á porta, e o mosqueteiro conservava-se na almofada.

D'Artagnan pegou na trouxa que tinha encarregado Bernouin de pôr ao pé do mosqueteiro. Era, como já dissemos, o chapeu e a capa do cocheiro do coadjutor.

Pôz a capa aos hombros e o chapeu na cabeça.

O mosqueteiro desceu da almofada.

—Senhor, disse d'Artagnan, vá restituir a liberdade ao seu camarada que está de guarda ao cocheiro. Monte depois no seu cavallo e vá á hospedaria de Chevretta, na rua de Tiquetonne, onde tomará o meu cavallo e o do senhor du Vallon, podendo arma!-os em guerra; depois sáia de Paris, levando-os pela mão, e vá ter ao Cours-la-Reine. Se ahi não encontrar ninguem, parta para S. Germano. Serviço de el-rei.

O mosqueteiro fez uma continencia, e partiu para cumprir as ordens que acabava de receber.

D'artagnan subiu para a almofada.

Na cinta tinha duas pistolas, aos pés um mosquete, e detraz a sua espada desembainhada.

A rainha appareceu; atraz d'ella vinham o rei e o duque d'Anjou seu irmão.

—A carroagem do coadjuctor! exclamou ella recuando um passo.

—Sim, senhora, disse d'Artagnan subi sem receio, sou eu que a conduzo.

A rainha soltou um grito de surpresa, e subiu para a carroagem. O rei e o duque subiram depois d'ella e assentaram-se a seus lados.

—Venha, Laporte, disse a rainha.

—Como, senhora! na mesma carroagem que vossas magestade?

—Não se trata esta noite da etiqueta real, mas da salvação do rei. Suba, Laporte!

Laporte obedeceu.

—Feche as portinholas, disse d'Artagnan.

—Mas isso não inspirará desconfiança, senhor? perguntou a rainha.

—Esteja vossa magestade descançada, a minha resposta tenho-a na ponta da lingua.

Fecharam-se as portinholas, e partiram a galope pela rua Richelieu. Ao chegarem á porta, o chefe do posto avançou com uma duzia de homens, e trazendo uma lança na mão.

D'Artagnan chamou-o.

—Reconhece a carroagem? lhe disse elle.

—Não, respondeu o sargento.

—Vê as armas.

O sargento aproximou a lanterna da armadilha.

—São as do senhor coadjuctor.

—Caluda! está gosando os favores da senhora de Gueménée.

O sargento pôz-se a rir.

—Abri a porta, disse elle, sei quem é.

Depois aproximando-se da portinhola:

—Muitos prazeres, monsenhor!

—Indiscreto! gritou d'Artagnan, querem que me expulsem.

As portas rangeram sobre os gonzos, e d'Artagnan vendo aberta a passagem, chicoteou com toda força os cavallos que partiram a galope.

Cinco minutos depois encontraram a carroagem do cardeal.

—Mousqueton, disse d'Artagnan, levante as cortinas da carroagem de sua magestade.

—E' elle! disse Porthos.

—Como cocheiro! exclamou Mazarino.

—E com a carroagem do coadjuctor, disse a rainha.

—Corpo de Dio! sôr d'Artagnan, disse Mazarino, vale o seu peso em ouro!

XX

Como d'Artagnan e Porthos, a vender palha, ganharam, um duzentos e dezenove, e outro duzentos e quinze luizes

Mazarino queria partir no mesmo instante para S. Germano: a rainha declarou que esperaria pelas pessoas a quem tinha marcado entrevista; mas offereceu ao cardeal o logar de Laporte. O cardeal aceitou, e passou de uma carroagem para outra.

A primeira carroagem que chegou foi a do principe; trazia o senhor de Condé, sua esposa, e sua mãe. Ambas tinham sido acordadas no meio da noite, e ignoravam para onde iam.

A segunda trazia o duque de Orleans, a duqueza, mademoiselle e o abbade de La Riviére, favorito inseparavel e conselheiro intimo do principe.

A terceira trazia o senhor de Longueville, e o senhor de Conti, irmão e cunhado do principe. Apearam-se, e apresentaram-lhe seus respeitos.

A rainha lançou um olhar até ao fundo da carroagem, cuja portinhola tinha ficado aberta, e viu que estava vazia.

—Mas onde está a senhora de Longueville? perguntou ella.

—E' verdade, onde está minha irmã? perguntou o principe.

—A senhora de Longueville está incommodada, senhora, respondeu o duque, e encarregou-me de apresentar as suas excusas a vossa magestade.

Anna lançou um olhar rapido sobre Mazarino, que respondeu por um signal imperceptivel de cabeça.

—Que diz? perguntou a rainha.

—Digo o que é um refem para os parisienses, respondeu o cardeal.

—Porque não veio ella? perguntou em segredo o principe a seu irmão.

—Silencio! respondeu este, sem duvida tem seus motivos.

—Deita-nos a perder, murmurou o principe.

—Salva-nos, disse Gondy.

As carroagens chegavam umas apoz outras. O marechal de Meilleraie, o marechal de Velleroy, Guitant, Villequier, e Comminges vieram juntos. Os dois mosqueteiros chegaram tambem, trazendo os dois cavallos de d'Artagnan e Porthos pela mão. D'Artagnan e Porthos montaram. D'Artagnan foi substituido na almofada da carroagem real por Mousqueton que guiava a carroagem de pé, por motivos particulares, e semilhante ao Antomédon antigo.

—Vamos para a dianteira, disse d'Artagnan para Porthos, para arranjarmos um bom quartel em S. Germano, porque ninguem pensará em nós. Sinto-me muito fatigado.

—Eu, disse Porthos, estou caindo com somno. Dizer que não tivemos nem a mais leve escaramuça. Decididamente os parisienses são uns pedaços de asnos.

—Ou não será melhor dizer que nós é que somos muito habeis ?

—Talvez.

—E o seu pulso, como está ?

—Melhor ; mas julga que d'esta vez os teremos aqui ?

—O que ?

—E a sua patente ; e eu, o meu titulo ?

—De certo ! quasi que até apostaria como sim. E se elles senão lembrarem, nós os faremos lembrar.

—Ouve-se a voz da rainha, disse Porthos. Creio que pede para montar a cavallo.

—Oh ! bem o desejaria ella : mas...

—Mas o que ?...

—O cardeal não consente. Senhores, continuou d'Artagnan dirigindo-se aos dois mosqueteiros, acompanhem a carroagem da rainha, e não deixem as portinholas. Nós vamos mandar preparar quarteis.

E d'Artagnan partiu para S. Germano acompanhado de Porthos.

—Partamos, senhores ! disse a rainha.

E a carroagem real poz-se a caminho seguida de todas as outras, e de mais de cincoenta cavalleiros.

Chegaram a S. Germano sem novidade ; ao descer da

estribeira, a rainha achou o principe que esperava de pé, e descoberto para lhe offerecer a mão.

—Que acordar para os parisienses! disse Anna d'Austria.

—E' a guerra, disse o principe.

—Pois seja a guerra. Não temos nós comnosco o vencedor de Rocroy, de Nordlingen, e de Lens?

O principe inclinou-se em signal de agradecimento.

Eram tres horas da manhã. A rainha foi a primeira que entrou no castello; duzentas pessoas pouco mais ou menos a acompanhavam na sua fuga.

—Senhores, disse a rainha rindo, alojem-se pelo castello, que é vasto, e não lhes faltará logar; mas como senão contava com isto, previnem-me que em todo elle ha apenas tres leitos, um para o rei, um para mim...

—E um para Mazarino, murmurou o principe.

—E eu dormirei então no sobrado? disse Gastão de Orleans com um sorriso muito inquieto.

—Não, senhor, disse Mazarino, porque o terceiro é destinado para vossa alteza.

—Mas o senhor? perguntou o principe.

—Eu, não me deitarei; tenho que fazer.

O gascão mandou que lhe indicassem o quarto onde estava o leito, sem se importar da maneira como dormiriam sua mulher e filha.

—Eu vou-me deitar, disse d'Artagnan. Venha comigo, Porthos.

Porthos seguiu d'Artagnan com aquella cega confiança que tinha na intelligencia do seu amigo.

Marcharam a par um do outro, Porthos fixando com os olhos arregalados a d'Artagnan que ia fazendo calculos com os dedos.

—Quatrocentos, a pistola a peça, quatrocentas pistolas.

—Sim, disse Porthos, quatrocentas pistolas; mas o que é que faz quatrocentas pistolas.

—Uma pistola não é sufficiente, continuou d'Artagnan. Isto vale um luiz.

—O que é que vale um luiz?

—Quatrocentos, a um luiz, quatrocentos luizes.

—Quatrocentos?

—Sim, elles são duzentos; e é necessario ao menos dois por cabeça. A dois por cabeça faz quatrocentos.

—Mas quatrocentos que?

—Escute.

E d'Artagnan acabou a phrase ao ouvido de Porthos.

—Comprehendo, disse Porthos, comprehendo perfeitamente. Duzentos luizes a cada um, é formidavel, mas que se dirá.

—O que quizerem; e saber-se-ha que fomos nós?

—Mas quem se encarregará da distribuição?

—Mousqueton.

—E a minha libré?

—Virará o fato.

—Tem muita rasão; mas onde diabo vae buscar todas essas idéas.

D'Artagnan sorriu-se.

Os dois amigos metteram-se pela primeira rua que encontraram: Porthos bateu á porta da casa direita, d'Artagnan á da esquerda.

—Palha, disseram elles.

—Senhor, disseram as pessoas que vieram abrir, não a temos, mas dirijam-se ao forrageador.

—E onde mora elle?

—No ultimo portão da rua.

—A' direita, ou á esquerda?

—A' esquerda.

—E ha ainda em S. Germano outras pessoas em cujas casas se poderia achar palha?

—Ha a albergaria do Mouton louronné, e o fabricante Luiz Gordo.

—Onde moram elles?

—Rua das Ursulinas.

—Ambos?

—Sim.

—Está bom.

D'Artagnan partiu para casa do forrageador, e contratou com elle a venda de cento e cincoenta feixes de palha que possuia, pela quantia de tres pistolas. Depois foi á albergaria

onde achou Porthos que acabava de comprar duzentos feixes por uma somma com pouca differença egual. Finalmente o fabricante Luiz poz-lhe á sua disposição cento e oitenta. Isto fazia um total de quatrocentos e trinta.

S. Germano não tinha mais.

Tudo isto não lhe levou mais que meia hora. Mousqueton, instruido convenientemente, foi posto á testa d'este commercio improvisado. Recommendaram-lhe de não largar um feixe de palha a menos de um luiz; responsabilizaram-n'o por quatrocentos e trinta luizes.

Mousqueton meneava a cabeça e nada comprehendia da especulação dos dois amigos.

D'Artagnan agarrou em tres feixes e partiu para o castello, onde todos, tiritando de frio, olhavam invejosamente para o rei, a rainha e Mousieur, que dormiam a somno solto nos seus leitos de campanha.

A entrada de d'Artagnan na sala grande produziu uma gargalhada universal; mas d'Artagnan fingiu não perceber que era o objecto da attenção geral, e principiou arranjando o seu feixe de palha com tanta habilidade, ligeireza e alegria que fez despertar o desejo a todos os pobres dorminhocos que não podiam dormir.

—Palha! exclamaram elles, palha! onde é que ha palha?

—Eu os conduzirei a onde a ha, disse Porthos.

E guiou-os para Mousqueton, que generosamente vendia os feixes a luiz cada um. Conhecia-se que era um pouco caro; mas quando se tem desejo de dormir, quem é que não dará dois ou tres luizes para gozar duas ou tres horas de um bom somno.

D'Artagnan teve o cuidado de reservar para si quatro feixes. Metteu na algibeira a chave do gabinete onde os tinha occultos, e, acompanhado de Porthos, voltou a fazer contas com Mousqueton, que, com o desembaraço digno de um bom intendente que era, lhes entregou quatrocentos e trinta luizes, guardando ainda para si cem.

Mousqueton, que nada sabia do que se tinha passado no castello, não comprehendia como se lhe não tivesse vindo mais cedo a idéa de vender palha.

D'Artagnan na volta fez contas com Porthos. Coube a cada um duzentos e quinze luizes.

Só então Porthos se apercebeu que não tinha reservado palha para si, voltou a ter com Mousqueton; mas este tinha vendido até ao ultimo feixe, sem mesmo reservar nada para si.

Foi então ter com d'Artagnan, o qual graças aos seus quatro feixes, estava habilitado para contratar, saboreando de antemão, as delicias de um leito macio, que teria feito vir agua á boca do rei, se o rei não dormisse tão bem no seu.

D'Artagnan não queria desmanchar o seu leito por preço algum; mas mediante quatro luizes que Porthos lhe contou consentiu em que este dormisse com elle.

Poz a espada á cabeceira, as pistolas ao lado, a capa aos pés e o chapeu sobre a capa; estendeu-se depois voluptuosamente sobre a palha que rangia. Já elle acariciava os doces sonhos que produz a posse de duzentos e dezenove luizes ganhos em um quarto de hora, quando á porta do quarto se ouviu uma voz que o fez despertar:

—Senhor d'Artagnan! gritava ella, senhor d'Artagnan!

—Aqui, disse Porthos, aqui!

Porthos dizia para comsigo que se d'Artagnan se fosse, ficaria só para elle o leito.

Um official se aproximou.

D'Artagnan levantou-se sobre o cotovello.

—O senhor é que é o senhor d'Artagnan? disse elle.

—Sim, senhor; que me quer?

—Venho chamal-o.

—Da parte de quem?

—Da parte de sua eminencia.

—Diga a sua eminencia que vou dormir, e que lhe aconselho como amigo que faça o mesmo.

—Sua eminencia não se deitou, nem se deitará, e manda-o chamar immediatamente.

—Diabos levem o Mazarino, que não sabe dormir quando convem! murmurou d'Artagnan. Que me quererá elle? Será para me fazer capitão? N'esse caso perdou-lhe.

E o mosqueteiro levantou-se resmungando, pegou na es-

pada, pistolas, capa e chapeu, e seguiu o official, deixando Porthos unico senhor do leito.

—Sôr d'Artagnan, disse o cardeal ao vêr entrar o que elle mandára chamar tão fóra de proposito, não tenho olvidado o zelo com que me tem servido, e vou dar-lhe uma prova d'isso.

—Bons annuncios! pensou d'Artagnan, ah! monsenhor!

—Senhor d'Artagnan, tem muitos desejos de ser capitão?

—Sim, senhor.

—E o seu amigo continua a desejar ser barão?

—N'este momento está sonhando que o é.

—Então, disse Mazarino, tirando de uma carteira a carta que já tinha mostrado a d'Artagnan; tome este officio e leve-o a Inglaterra.

D'Artagnan olhou para o subscripto; não tinha indereço.

—Não posso saber a quem o devo entregar?

—Em chegando a Londres o saberá; só em Londres resgará a capa de fóra.

—E quaes são as minhas instrucções.

—Obedecer em tudo áquelle a quem é inderessada essa carta.

D'Artagnan ia fazer novas perguntas, quando Mazarino accrescentou.

—Parta para Bolonha, encontrará com ás armas da Inglaterra, um mancebo chamado Mordaunt.

—Sim, senhor, e que devo fazer d'esse cavalleiro?

—Seguil-o aonde elle o conduzir.

D'Artagnan olhou estupecfacto.

—Está instruido: vá.

—Vá! é facil de dizer, tornou d'Artagnan, mas para ir é necessario dinheiro, e eu não o tenho.

—Ah! exclamou Mazarino coçando na orelha, dizer que não tem dinheiro?

—Não senhor.

—Mas o diamante que eu lhe dei hontem á noite?

—Desejo conserval-o como lembrança de vossa eminencia.

Mazarino suspirou.

—Custa caro o viver na Inglaterra, e sobretudo como enviado extraordinario.

Hein! é um paiz muito sobrio e que vive com simplicidade mormente depois da revolução; mas não importa.

—Abriu uma gaveta e tirou uma bolsa.

—Que diz d'estes mil escudos?

—Digo, senhor, que é pouco, porque de certo não partirei só.

—Espero que sim, respondeu Mazarino, o senhor du Vallon o acompanhará; porque depois do senhor, meu caro d'Artagnan, é o homem da França que eu mais amo e estimo.

—Então, senhor, disse d'Artagnan apontando para a bolsa que Mazarino ainda não tinha largado; então, se o ama, se o estima tanto, comprehende...

—Vá; em attenção a elle, accrescentarei duzentos escudos.

—Avarento! murmurou d'Artagnan; mas ao menos á nossa volta, poderemos contar, o senhor du Vallon com a sua baronia e eu com a minha patente?

—Palavra de Mazarino.

—Estimaria mais um outro juro, disse comsigo d'Artagnan: Não posso, disse elle, ir apresentar os meus respeitos a sua magestade a rainha?

—Sua magestade dorme, e é mister que partam sem demora; vá, senhor: se houver algum combate no sitio para onde vou, tomarei parte n'elle?

—Fará tudo o que lhe ordenar a pessoa a quem o dirijo.

—Muito bem, senhor, disse d'Artagnan estendendo a mão para receber o sacco, apresento-lhe todos os meus respeitos.

D'Artagnan metteu vagoramente na algibeira o sacco, e voltou-se para o official.

—Senhor, lhe disse elle, tenha a bondade de ir acordar o senhor du Vallon da parte de sua eminencia e dizer-lhe que o espero nas cavallariças?

O official partiu com uma ligeiresa que pareceu a d'Artagnan ter alguma coisa de apressado.

Porthos acabava de se estender no leito, e começava a roncar harmoniosamente, segundo o seu costume, quando sentiu baterem-lhe nos hombros.

Julgou que era d'Artagnan e não se mecheu.

—Da parte do cardeal, disse o official.

—Hein! disse Porthos arregalando os olhos, que diz?

—Digo que sua eminencia o manda á Inglaterra, e que o senhor d'Artagnan o espera nas cavallariças.

Porthos soltou um profundo suspiro, levantou-se, pegou no chapeu, nas pistolas, na capa e na espada e saiu lançando um olhar de saudade para o leito em que tinha promettido dormir tambem.

Apenas tinha voltado as costas já o official se achava deitado, e não tinha ainda transposto o limiar da porta, já roncava furiosamente. Em toda está grande assembléa, só elle, o rei, a rainha e Gascão de Orleans é que dormiram gratis.

XXI

Noticias de Athos e Aramis

D'Artagnan tinha ido direito ás cavallariças; reconheceu logo o seu cavallo e o de Porthos, atados á manjedoura, mas vazia. Condoeu-se dos pobres animaes e dirigiu-se para um canto da cavallariça, onde lhe parecia vêr luzir uma pouca de palha, mas, ao aproximar-se, a ponta da sua bota encontrou um corpo, que, tendo tocado sem duvida n'alguma parte sensivel, soltou um grito e levantou-se nos joelhos. Era Mousqueton que não tendo achado palha para si, acomodou-se com a dos cavallos.

—Mousqueton! acima; a caminho! a caminho!

Mousqueton reconhecendo a voz do amigo de seu amo, levantou-se precipitadamente, e quando se levantava deixou cair alguns luizes ganhos illegalmente durante a noite.

—Oh! oh! disse d'Artagnan apanhando os luizes e cheirando-os, eis-aqui ouro que tem o pessimo cheiro de palha.

Mousqueton fez-se tão vermelho, e pareceu tão embaraçado que o gascão pôz-se a rir e lhe disse:

—Porthos encolerisar-se-ia, meu caro senhor Mousqueton, porém eu perdoou-lhe; mas recordemo-nos que esse ouro deve servir-nos de topico para a nossa ferida, e alegremo-nos. Vamos.

Mousqueton mostrou uma das caras mais risonhas, sellou o cavallo de seu amo e montou no seu sem fazer muitas caretas.

N'este momento chegou Porthos com o semblante carrancudo, e espantou-se de achar d'Artagnan resignado e Portos quasi alegre.

—Ah! disse elle, já tem a sua patente, e eu a minha baronia.

—Vamos buscar os diplomas e á nossa volta Mazarino os assignará.

—E aonde vamos?

—A Paris primeiro; quero lá regular uns negocios.

—Vamos a Paris, disse Porthos.

E ambos partiram para Paris.

Ao chegarem ás portas, ficaram admirados de vêr a attitude ameaçadora da capital. O povo reunido em torno de uma carroagem, feita em pedaços, vociferava imprecações retendo presas as pessoas que tinham querido fugir, isto é, um velho e duas mulheres.

Pelo contrario quando d'Artagnan e Porthos pediram entrada, não houve caricias que lhe não fizessem; tomavam-nos por desertores do partido realista, e queriam attrahil-os.

—Que faz el-rei? perguntaram-lhe.

—Dorme.

—E a hespanhola?

—Sonha.

—E o italiano maldito?

—Vela. Por isso conservem-se firmes; porque se elles partiram, foi de certo por alguma coisa; mas como por fim de contas, são os mais fortes não luctem com mulheres e velhos; vão ás verdadeiras causas.

—O povo ouviu estas palavras com prazer e deixou ir as damas, que agradeceram a d'Artagnan com um elegante olhar.

—Agora, ávante! disse d'Artagnan.

Na praça do Palacio Real, d'Artagnan, viu um sargento exercitando quinhentos ou seiscentos burguezes; era Planchet que se utilisava em proveito da milicia urbana das suas recordações do regimento do Piemonte.

Ao passar diante de d'Artagnan, Planchet reconheceu o seu antigo amo.

—Bom dia, senhor d'Artagnan, disse elle com um ar altivo.

—Bom dia, senhor Dulaurier, respondeu d'Artagnan.

Planchet parou immediatamente, olhando espantado para d'Artagnan; o primeiro poletão, vendo parar o seu chefe, parou tambem; e os outros successivamente até ao ultimo.

—Estes burguezes são ridiculos ao ultimo ponto, disse d'Artagnan a Porthos, e continuou o seu caminho.

Cinco minutos depois apeavam-se na hospedaria da Chevretta.

A bella Magdalena veio ao encontro de d'Artagnan.

—Minha querida senhora Turquaine, disse d'Artagnan, se tem dinheiro, enterre-o depressa; se tem joias, esconda-as immediatamente, se tem devedores, obrigue-os a pagar já, já, se tem credores, não lhes pague por ora.

—Porque?

—Porque Paris vae ser reduzida a cinzas. tal qual como Babylonia, de que sem duvida terá ouvido fallar.

—E deixa-me em semilhante occasião.

—No mesmo instante, disse d'Artagnan.

—E para onde vae?

—Ah! se m'o podesse dizer, fazia-me um verdadeire favor.

—Ah! meu Deus! meu Deus!

—Tem alguma carta para mim?

—Uma que acaba de chegar agora mesmo.

E entregou a carta a d'Artagnan.

—D'Athos! exclamou d'Artagnan reconhecendo a letra firme e rasgada do seu amigo.

—Ah! vejamos o que elle diz, exclamou Porthos.

D'Artagna abriu a carta e leu:

«Caro d'Artagnan, caro du Vallon, meus bons amigos, talvez que seja a ultima vez que recebam noticias minhas. Aramis e eu somos mui desgraçados. Mas Deus, a nossa coragem e a recordação da nossa amisade sustentam-nos. Lembrem-se de Raul. Recommendo-lhe os papeis que estão em Blois; se em dois mezes não receberem noticias nossas, vão tomar conhecimento d'elles. Abrace o visconde de todo o coração pelo seu amigo affeiçoado.

Athos.

—Parece-me que o abraçarei, disse d'Artagnan, porque nos fica em caminho, e se elle tiver a desgraça de perder o nosso pobre Athos, desde esse dia torna-se meu filho.

—E eu, disse Porthos, faço-o meu herdeiro universal.

—Vejamos que diz mais Athos.

«Se pelos caminhos encontrarem um tal Mordaunt, desconfiem d'elle. Nada mais posso dizer na minha carta.»

—Mordaunt! disse com surpresa d'Artagnan.

—Mordaunt! está bom! disse Porthos. Fica nos em memoria. Mas veja, ha um post-scriptum d'Aramis.

—E' verdade, disse d'Artagnan, e leu:

«Occultamos-lhe o logar onde estamos, caros amigos, porque conhecemos a sua affeição faternal, e sabemos que viriam morrer comnosco.»

—C'os diabos! interrompeu Porthos com uma tal explosão de colera, que fez dar um pulo a Mousqueton na outra extremidade do quarto, estarão elles em perigo de morte?

D'Artagnan continuou:

«Athos lega-lhe Raul, e eu lego-lhe a minha vingança. Se por felicidade encontrarem um certo Mordaunt, diga a Porthos que o leve para um canto e que lhe torça o pescoço. Não me atrevo a dizer-lhe mais n'uma carta.

Aramis.

—Se é só isso Porthos, é facil de fazer.

—Pelo contrario, disse d'Artagnan com um ar sombrio, é possivel.

—E porque?

—Porque é justamente esse Mordaunt com quem nós vamos ter a Bolonha, e com o qual vamos para Inglaterra.

—E se em logar de ir ter com esse Mordaunt, fossemos ter com os nossos amigos? disse Porthos fazendo um gesto capaz de espantar um exercito.

—Bem tenho pensado n'isso, mas a carta não traz nem data nem sello.

—E' verdade, dise Porthos.

E começou a andar pelo quarto como um homem espantado, gesticulando e desembainhando de vez em quando parte da espada.

D'Artagnan tinha ficado de pé como um homem consternado, e com a mais profunda afflicção pintada no rosto.

—Ah! está mal, dizia elle; Athos insulta-nos; quer morrer só.

Mousqueton vendo estes dois desesperos, banhava-se em lagrimas no canto onde estava.

—Vamos, disse d'Artagnan, d'aqui nada se daduz. Partamos, vamos abraçar Raul, talvez que elle tenha recebido noticias d'Athos.

—Boa idéa, disse Porthos; realmente, meu caro d'Artagnan, tem muito boas idéas. Vamos abraçar Raul.

—Desgraçado d'aquelle que agora olhasse para meu amo de revez, disse Mousqueton, não daria um real pela sua pelle.

Montaram e partiram. Ao chegarem á rua de S. Diniz, encontraram um grande ajuntamento. Era o duque de Beaufort que chegava á Vendemois, e que o coadjutor mostrava aos parisienses, maravilhados e risonhos. Com o senhor de Beaufort julgavam-se invenciveis.

Os dois amigos metteram-se por um bêco para não encontrarem o principe, e foram dar á barreira de S. Diniz.

E' verdade, disseram os guardas aos dois cavalleiros, que o senhor de Beaufort chegou a Paris?

—Tanto é verdade, disse d'Artagnan, que, por ordem sua vamos esperar o senhor de Vendome, seu pae, que tambem está a chegar.

—Viva o senhor de Beaufort! gritaram os guardas, e

arredaram-se respeitosamente para deixar passar os enviados do grande principe.

Apenas se acharam fóra de Pariz, estes homens, que não conheciam fadiga nem cansaço, devoravam o caminho; seus cavallos voavam, e elles não cessavam de fallar de Athos e Aramis.

Mousqueton soffria todos os tormentos que se podem imaginar, mas o excellente servo consolava-se pensando que seus dois amos sentiam tambem outros soffrimentos. Mousqueton chegou a considerar d'Artagnan como seu segundo amo, e obedecia-lhe mesmo mais ligeiro e correctamente que a Porthos.

Chegaram ao exercito, a quem deram uma resumida noticia da fugida do rei e da rainha. Acharam Raul junto á sua tenda, deitado sobre um feixe de feno, de que o seu cavallo tirava algumas paveias ás furtadellas. O mancebo tinha os olhos vermelhos e parecia abatido. O marechal de Grammont tinha voltado para Paris, e o pobre mancebo achava-se isolado.

Um instante depois Raul abriu os olhos, e viu os dois cavalleiros que o contemplavam; reconheceu-os, e correu para elles com os braços abertos.

—Oh! caros amigos! exclamou elle, vem buscar-me? lavem-me comvosco? trazem-me novas do meu tutor?

—Então não as tem recebido? perguntou d'Artagnan ao joven.

—Ai... não, senhor, e na verdade não sei o que foi feito d'elle. De maneira que estou inquieto a ponto de chorar.

E de feito duas grossas lagrimas lhe assomaram aos olhos.

Porthos voltou a cara para não deixar vêr o que se passava no coração.

—Que diabo! disse d'Artagnan como uma commoção que ha muito tempo não tinha sentido tão violenta, não se desespere, meu amigo; se não tem recebido cartas do conde, recebemos nós... uma.

—Oh! deveras? exclamou Raul.

—E bem de tranquillisar, disse d'Artagnan vendo a alegria que esta noticia causava ao joven.

—Tem-a ahi?

—Tenho ; quero dizer, tinha-a, disse d'Artagnan fingindo procural-a ; espere, ella deve estar no meu bolso ; falla-me da sua volta, não é verdade, Porthos ?

Não obstante todas as suas fanfarronadas, d'Artagnan não quiz carregar só com o peso d'esta mentira.

—Sim, disse Porthos tossindo.

—Oh ! dê-m'a, disse o joven.

—Mas !... eu li-a ainda ha pouco. Perde-la-ia eu ! Ah ! que diabo ! a minha algibeira está rota.

—Oh ! sim, senhor Raul, disse Mousqueton, e a carta era muito consoladora ; estes senhores leram-m'a, e até chorei de alegria.

—Mas ao menos d'Artagnan, sabe onde elle está ? perguntou Raul meio tranquillisado.

—De certo que o sei : pois não ! mas é um grande mysterio.

—Não para mim, julgo eu.

—Para o senhor, não, e por isso vou dizer-lhe onde elle está.

Porthos olhava para d'Artagnan espantado.

—Onde diabo direi eu que elle está para que elle não tente ir ter com elle ? murmurava d'Artagnan.

—Então, onde está elle, senhor ?

—Está em Constantinopla !

—No meio dos turcos ! exclamou Raul atterrado. Que me diz ?

—Então, isso causa-lhe medo ? disse d'Artagnan. Ora essa ! que são os turcos para homens como o conde de La Fére e o abbade d'Herblay !

—Ah ! o seu amigo está com elle ? isso tranquillisa-me alguma coisa.

—Este diabo de d'Artagnan tem espirito, dizia Porthos maravilhado da astucia do seu amigo.

—Agora, disse d'Artagnan desejando mudar de conversação, eis-aqui cincoenta pistolas que o senhor conde lhe enviava pelo mesmo correio. Presumo que já não terá dinheiro, e que chegaram em boa occasião.

—Tenho ainda vinte pistolas, senhor.

—Então acceite estas, sommarão setenta.

—E se quizer mais..., disse Porthos mettendo a mão na algibeira.

—Obrigado, disse Raul córando, mil vezes obrigado.

N'este momento appareceu Olivain.

—A proposito, disse d'Artagnan de maneira que o lacaio o ouvisse, está contente com Olivain?

—Assim, assim.

Olivain fingiu não ouvir, e entrou na tenda.

—De certo que tem a reprehendel-o?

—E' comilão, disse Raul.

—Oh! senhor! exclamou Olivain ao ouvir esta accusação.

—E um pouco ladrão.

—Oh! senhor! oh!

—E sobretudo é um poltrão da primeira ordem.

—Oh! oh! oh! senhor deshonra-me, disse Olivain.

—Diabo, disse d'Artagnan, saiba senhor Olivain, que pessoas d'estas não querem ser servidas por poltrões. Roube seu amo, comei-lhe os seus confeitos, bebei-lhe o seu vinho, mas, com um par de diabos, não seja poltrão, ou corto-lhe as orelhas. Veja o senhor Mouston, dizei-lhe que lhe mostre as suas honrosas feridas que elle tem recebido, e veja a dignidade que a sua bravura habitual lhe tem estampado no rosto.

Mousqueton estava no terceiro ceu e teria, se tivesse atrevimento, abraçado d'Artagnan; entretanto prometteu para comsigo de se arriscar por elle á morte, logo que se apresentasse occasião.

—Despedi esse maroto, Raul, d'isse d'Artagnan, porque é cobarde, qualquer dia se deshonrará.

—O senhor disse que sou poltrão, porque quiz outro dia bater-se com um corneta do regimento de Grammont, e eu recusei de o acompanhar.

—Senhor Olivain, um lacaio não deve jámais desobedecer, disse severamente d'Artagnan.

E chamando-o de parte, disse-lhe:

—Tu fizestes bem, se teu amo procedia mal, e por isso aqui tens um escudo; mas se elle é alguma vez insultado, e te não fazes cortar em postas junto d'elle, corto-te a lingua. Recorda-te bem d'isto.

Olivain inclinou-se respeitosamente e metteu o escudo na algibeira.

—E agora, amigo Raul, disse d'Artagnan, partimos, o senhor du Vallon e eu, como embaixadores, não posso dizer-lhe para que fim, porque nem eu mesmo o sei; mas se tem necessidade de alguma coisa, escreva á senhora Magdalenu Tourquaine, na Chevrette, rua de Tiquitonne, attire-se á sua burra como á de um banqueiro, com cuidado todavia, porque advirto-lhe que não está tão bem guarnecida como a do senhor d'Emery.

E abraçando o seu pupillo, passou-o para os robustos braços de Porthos, que o levantaram do chão, e o conssrvaram durante um momento suspenso sobre o nobre coração do temivel gigante.

—Vamos, disse d'Artagnan, a caminho.

E partiram para Bolonha, onde chegaram pela tarde com os cavallos alagados de suor e brancos de escuma.

A dez passos do sitio onde faziam alto antes de entrar na cidade, estava um mancebo vestido de negro, que parecia esperar alguem, e desde que os vira apparecer não tinha despegado os olhos d'elle.

D'Artagnan aproximou-se d'elle e vendo que não cessava de o olhar, disse-lhe:

—O' lá! amigo, eu não gosto que me examinem.

—Senhor, disse o mancebo sem responder á interpellação de d'Artagnan, terá a bondade de me dizer se vem de Paris?

D'Artagnan pensou que era algum curioso que desejava saber noticias da capital.

—Sim, senhor, disse elle em tom mais brando.

—Não deve ir pousar ás armas de Inglaterra?

—Sim, senhor.

—Não está encarregado de uma missão da parte de sua eminencia o senhor cardeal de Mazarino?

—Sim, senhor.

—N'esse caso, senhores, sou eu a quem se dirigem, sou Mordaunt.

—Ah! disse comsigo d'Artagnan, aquelle de que Athos me disse que desconfiasse.

—Ah! murmurou Porthos, aquelle que Aramis quer que eu afogue.

Ambos olharam attenciosamente para o mancebo.

Este enganou-se com a expressão do seu olhar.

Duvida da minha palavra? n'esse caso, estou prompto a dar-lhe toda a prova.

—Não, senhor, disse d'Artagnan, e pômo-nos á sua disposição.

—Então! senhores, partiremos immediatamente; porque é hoje o ultimo dia de demora que o cardeal me tinha pedido, e se não tivesse vindo ja partir sem os senhores, porque o general Oliveiro Cromwell deve esperar impacientemente a nossa volta.

—Ah! ah! disse d'Artagnan, é então ao general Oliveiro Cromwell que somos deputados.

—Não traz uma carta para elle?

—Eu tenho uma carta cuja capa de fóra não devia abrir senão em Londres, mas visto que me diz a quem é indereçada, é escusado esperar até lá.

D'Artagnan rasgou o sobscripto.

Era effectivamente indereçada:

«Ao senhor Oliveiro Cromwell, general das tropas da nação ingleza.»

—Ah! exclamou d'Artagnan, singular commissão.

—Quem é esse senhor Oliveiro Cromwell? perguntou baixo Porthos.

—Um antigo fabricante de cerveja, respondeu d'Artagnan.

—Quererá Mazarino fazer uma especulação com a cerveja assim como nós fizemos com a palha? perguntou Porthos.

—Vamos, vamos, senhores, disse Mordaunt impaciente.

—Oh! oh! disse Porthos, sem ceiar? porventura não póde o senhor Cromwell esperar um pouco?

—Sim, mas eu! disse Mordaunt.

—Então, o senhor o que?

—Eu tenho pressa.

—Oh! se é isso, não me dá cuidado, disse Porthos, eu ceiarei com a sua permissão ou sem ella.

O olhar vago do mancebo inflamou-se e pareceu prompto a lançar um relampago, mas conteve-se.

—Senhor, continuou d'Artagnan, é mister desculpar viajantes esfaimados. Mas a nossa ceia não o retardará muito. Vá a pé até ao porto, nós petiscamos um bocado, e chegamos ahi ao mesmo tempo que o senhor.

—Tudo o que lhe agradar, senhores, com tanto que partamos.

—E' bem complacente murmurou Porthos.

—O nome do navio? perguntou d'Artagnan.

—O Standart.

—Muito bem. D'aqui a meia hora estaremos a bordo.

E ambos se dirigiram para a hospedaria das armas de Inglaterra.

—Que diz d'este mancebo? perguntou d'Artagnan correndo sempre.

—Digo que não me agrada muito, e que senti um rude apetite de seguir o conselho de Aramis.

—Não faça isso, meu caro Porthos; este homem é o enviado do general Cromwell, e parece-me que nos faria uma pessima recepção, se nós fossemos annunciar que tinhamos torcido o pescoço ao seu confidente.

—E' o mesmo, tenho sempre notado que Aramis é homem de bons conselhos.

Escute, disse d'Artagnan, quando a nossa missão, estiver concluida...

—Sim?

—Se elle nos reconduz á França...

—Então?

—Então, veremos.

Depois de ceiarem; partiram para o porto.

Um brigue estava prestes a levantar ancora, e, na sua coberta, reconheceram Mordaunt que passeiava impacientemente.

—Parece incrivel, dizia d'Artagnan quando ia na lancha para bordo do Standart, é espantoso como este mancebo se parece com alguem que eu conheci, mas não posso dizer quem.

Um instante depois estavam a bordo.

O embarque dos cavallos demorou-se algum tanto mais, e o brigue não levantou ancora senão ás oito horas da noite.

O mancebo tripudiava de impaciencia e ordenava que se içassem todas as velas.

Porthos tinha-se retirado para o seu camarim e dormia, como homem que não tinha dormido ha tres noites.

D'Artagnan, vencendo a repugnancia que tinha para Mordaunt, passeiava com elle na coberta, fazendo-lhe milhares de perguntas para a obrigar a fallar.

Mousqueton estava enjoado.

XXII

O Escocez á fé desleal, vende seu rei por um real

Agora, é mister que os nossos leitores deixem navegar tranquillamente o Standart, não para Londres, como d'Artagnan e Porthos julgavam, mas para Durham, para onde Mordaunt ia, em virtude de cartas recebidas da Inglaterra durante a sua permanencia na Bolonha, e que nos sigam ao campo realista, situado á quem do Tyne, junto da cidade de Newcastle.

—Veem-se aqui, por entre dois riachos, na fronteira da Escocia, mas no solo da Inglaterra, as tendas de um pequeno exercito. E' meia noite. Certos homens que se podem reconhecer por hyglanders se attentar-mos nas suas pernas nuas, nas suas faces curtas, e na pluma que lhe orna o chapeu, rondam indolentemente.

A lua, que se escôa por entre duas grossas nuvens allumia de intervallo a intervallo os mosquetes das sentinellas, as paredes e as grimpas da cidade que Carlos I acabava de

entregar ás tropas parlamentares, assim como Oxford e Newart que se conservavam ainda a seu favor na esperança de alguma concordata.

N'uma das extremidades do campo, junto de uma grande tenda, cheia de officiaes reunidos em conselho, presidido pelo velho conde de Lawen, seu chefe, dormia sobre a relva, com a mão direita apoiada na espada, um homem vestido de negro, e em trajos de cavalleiro.

A cincoenta passos d'este um outro, tambem em trajos de cavalleiro, conversava com uma sentinella escoceza; é, sem embargo de ser estrangeiro, graças ao conhecimento que parece ter da lingua ingleza, comprehende facilmente as respostas que o seu interlocutor lhe da na algaravia do condado de Perth.

Acabava de bater no relogio de Newcastle uma hora da manhã; o cavalleiro, que estava dormindo, levantou-se, e, vendo que estava só foi passar diante do cavalleiro que conversava com a sentinella. Este tinha sem duvida acabado as suas perguntas, porque, despedindo-se do homem, seguiu sem affectação o mesmo caminho que o primeiro cavalleiro.

Este esperava-o á sombra de uma tenda.

—Então, meu caro amigo? lhe perguntou elle no mais puro francez.

—Meu amigo, não ha tempo a perder; é mister prevenir o rei.

—Então que se passa?

—Seria muito longo dizer-lh'o, e para quê? se d'aqui a pouco o ouvirá. Além de que a menor palavra pronunciada aqui poderia deitar tudo a perder. Vamos ter com milord de Winter.

E dirigiram-se para a extremidade opposta do campo; em breve chegaram á barraca do que elles procuravam.

—O seu amo está dormindo, Tony? disse em inglez um dos dois cavalleiros para um domestico que estava deitado n'uma especie de antecamara.

—Não, senhor conde; não o creio, porque ha duas horas que anda passeiando, desde que deixou o rei, e só ha dez minutos que cessou o ruido de seus passos; demais,

accrescentou o lacaio abrindo a porta do quarto, pode vêl-o.

Com effeito, de Winter estava sentado diante de uma especie de janella, que deixava penetrar o ar da noite, e da qual elle seguira melancolicamente com os olhos a lua, que como ha pouco dissemos, estava occulta por grossas nuvens negras.

Os dois amigos aproximavam-se de Winter, que, com a cabeça apoiada na mão, olhava para o ceu; não os viu e permaneceu na mesma attitude, até ao momento em que sentiu tocar-lhe no hombro uma mão. Voltou-se então e reconheceu Athos e Aramis.

Reparou, lhe disse elle, como a lua está esta noite côr de sangue.

—Não, disse Athos, parece-me como de ordinario.

—Olhe, cavalleiro.

—Confesso-lhe, disse Aramis, que estou como o conde de La Fére, e que nada lhe vejo de particular.

—Conde, disse Athos, n'uma posição tão precaria como a nossa, é mister examinar a terra e não o ceu. Tem estudado os escocezes, e está seguro d'elles.

—Os escocezes? perguntou de Winter, quaes escocezes?

—Quaes? os nossos; aquelles a quem o rei está confiado, os escocezes do conde de Lawen.

—Não, disse Winter, depois accrescentou: então, diga-me, não vê como eu aquella côr vermelha que cobre o ceu?

—Não, disseram ao mesmo tempo os dois amigos.

—Diga-me, continuou de Winter sempre preoccupado da mesma idéa, não é uma tradicão em França que na vespera do dia em que foi assassinado Henrique IV, que jogava com Bassompierre, viu sobre o taboleiro de xadres manchas de sangue?

—Sim, disse Athos; o mesmo marechal m'o contou muitas vezes.

—E' isso, murmurou de Winter, e no dia seguinte Henrique IV foi assassinado.

—Mas que relação tem essa visão de Henrique IV comvosco, conde? perguntou Aramis.

—Nenhuma, senhores, e na verdade sou um parvo em

os enterter com taes bagatellas, quando a sua entrada aqui me annuncia que são portadores de alguma importante noticia.

—Sim, milord, disse Athos, eu quereria fallar ao rei.

—Ao rei? mas elle dorme.

—Tenho a revelar-lhe coisas de ponderação.

—E não podem ser reservadas para ámanhã?

—E' mister que as saiba no mesmo instante, e talvez que já seja muito tarde.

—Entremos, senhores, disse de Winter.

A tenda do rei estava a par a de Winter, e uma especie de corredor communicava com outra. Este corredor estava guardado, não por uma sentinella, mas por um escudeiro de Carlos I, para que o rei em caso urgente podesse no mesmo instante communicar com o seu fiel servidor.

O escudeiro inclinou-se e deixou passar Athos e Aramis com de Winter, tendo-lhe este dito que eram seus amigos.

Effectivamente Carlos cedendo a uma irresisvel necessidade de dormir, tinha-se deitado no seu leito de campanha, e tinha adormecido. Os tres cavalleiros aproximaram-se e Athos que ia na frente, examinou durante algum tempo o nobre rosto do rei pallido e alagado de suor.

Athos soltou um profundo suspiro; este suspiro acordou o rei, tão de leve dormia! Abriu os olhos.

—Ah! disse elle levantando-se, é o senhor, conde de La Fére?

—Sim, senhor, respondeu Athos.

—Vela em quanto eu durmo, e vem trazer-me alguma noticia?

—Ai! senhor, vossa magestade adivinhou.

—Então a noticia é má? disse o rei sorrindo-se com melancolia.

—Sim, senhor.

—Não importa, o mensageiro é bem vindo; em minha casa não pode entrar sem que me dê prazer. O senhor, cuja affeição não conhece nem patria nem desgraça, foi-me enviado por Henriqueta; qualquer que seja a noticia que me traga, falle com tranquillidade.

—Senhor, Cromwell chegou esta noite a Newcastle,

—Ah! para me combater.

—Não, senhor, para o comprar.

—Que diz?

—Digo, senhor, que se devem ao exercito escocez quatrocentas mil libras esterlinas.

—Pelos soldos atrazados, sim, bem sei.

—Ha um anno que os meus bravos escocezes se batem pela honra.

Athos sorriu-se.

—Pois bem, senhor, sem embargo de que a honra seja uma bella coisa, cançaram-se de se bater por ella, e, esta noite, venderam-o por duzentas mil libras, pela metade do que lhe deve.

—Impossivel! exclamou o rei. Os judeus venderam o seu Deus por trinta dinheiros.

—E quem é o Judas que fez esse negocio infame?

—O conde Loewen.

—Está certo, senhor.

—Ouviu-o com os meus proprios ouvidos.

O rei soltou um profundo suspiro, como se lhe dilacerassem o coração, e deixou cair a cabeça nas mãos.

—Oh! os escocezes! a quem eu me tinha confiado, quando podia fugir para Oxford; os escocezes, meus compatriotas; os escocezes, meus irmãos! Mas está bem certo, disso, senhor?

—Deitado detraz da tenda do conde de Loewen, cuja tapeçaria tinha levantado, tudo vi, e tudo ouvi.

—E quando se deve consummar esse odioso contracto?

—Hoje, pela madrugada. Como vossa magestade vê não ha tempo a perder.

—Para fazer o que, visto que estou vendido?

—Para atravessar o Tyne, ganhar a Escocia, e ir ter com lord Montrose, que esse não o venderá.

—E que farei eu na Escocia? uma guerra de guerrilhas? uma guerra tal é indigna de um rei.

—O exemplo de Roberto Bruce ahi está para o absolver.

—Não, não! ha muito tempo que luto; se elles me venderam, que me entreguem, e que a vergonha eterna da sua traição recáia sobre elles.

Talvez, senhor, que seja assim que deva proceder um rei, mas não e assim que deve proceder um esposo e um pae. Vim em nome de vossa mulher e de vossa filha. e em nome de dois outros meninos que vivem ainda em Londres, digo-lhe: Vivei, senhor, quero-o Deus.

O rei levantou-se, apertou o cinto, cingio a espada, e limpou com um lenço a fronte alagada em suor:

—Então! disse elle, que é mister fazer?

—Senhor, tem em todo o exercito algum regimento com que possa contar?

—De Winter, disse o rei, acredita na fidelidade do seu?

—Senhor, elles não passam de homens, e os homens tornaram-se, ou muito fracos, ou muito maus. Creio na sua fidelidade, mas não respondo por ella, confiar-lhe-hei a minha vida, mas hesito em lhe confiar a de vossa magestade.

—Pois bem! disse Athos, á falta do regimento, nós somos tres homens dedicados, nós bastaremos. Monte vossa magestade a cavallo, colloque-se no meia de nós, atravessamos o Tyne, ganhemos a Escocia, e estamos salvos.

—E' o seu parecer, de Winter?

—Sim, senhor.

—E' tambem o seu senhor de Herblay?

—Sim, senhor.

—Faça-se assim, visto que o quer. De Winter dê as ordens.

De Winter saiu; durante este tempo o rei acabou de preparar-se. Comaçavam a filtrar os primeiros raios do dia atravez das fendas da berraca de Winter, quando este entrou.

—Tudo está prompto, senhor, disse elle.

—E nós? perguntou Athos

—Grimoud e Blaisois teem os seus cavallos sellados.

—N'esse caso, disse Athos, não percâmos um instante; partâmos.

—Partâmos, disse o rei.

—Senhor, disse Aramis, vossa magestade não previne os seus amigos?

—Meus amigos! disse Carlos I meneando tristemente a cabeça, não tenho mais que os senhores. Um amigo de vinte annos que nunca me ha esquecido; dois amigos de oito

dias que eu nunca esquecerei. Venham, senhores, venham.

O rei saiu da sua barraca, e achou effectivamente prompto o seu cavallo. Era um cavallo amarello alvacento que elle montava ha tres annos.

—O cavallo rinchou de prazer ao vêl-o.

—Ah! disse o rei, eu era injusto; eis-aqui ainda, senão um amigo, ao menos um ser que me ama. Tu, tu ser-me-has fiel, não é verdade, Arthus?

E como se o cavallo tivesse entendido estas palavras, aproximou as suas ventas das faces do rei, abrindo os beiços, e deixando alegremente vêr os seus dentes brancos.

—Sim, sim, disse o rei affagando-o; está bem, Arthus, estou contente de ti.

E, com aquella ligeireza que fazia do rei um dos melhores cavalleiros da Europa, Carlos saltou no sellim, e voltando-se para Athos, Aramis, e de Winter:

—Muito bem! senhores, eu os espero.

—Mas Athos estava de pé, immovel, com os olhos fixos, e a mão estendida para uma linha negra, que seguia á margem do Tyne, e que se estendia por todo o comprimento do campo.

—Que linha é aquella? pergnntou Athos, a quem a luta dos primeiros raios do dia com as ultimas trévas da noite, não permittiam deixar vêr bem ainda. Que linha é aquella? eu não a vi hontem.

—E' certamente o nevoeiro da manhã, disse o rei.

—Senhor, é alguma coisa mais compacta que um vapor.

—E' verdade, vejo uma especie de barreira avermelhada. disse de Winter.

—E' o inimigo que sáe de Newcastle, e que nos cerca, exclamou Athos.

—O inimigo! disse o rei.

—Sim, o inimigo. Já é mui tarde. Olhe, olhe, vê para o lado da cidade luzirem as costas de ferro?

Eram assim chamados os couraceiros de que Cromwell tinha feito os seus guardas.

—Ah: disse o rei, vamos saber se é verdade que os meus escocezes me trahissem.

—Que vae fazer? exclamou Athos.

—Dar-lhes ordem de carregar, e passar com elles por cima do ventre d'aquelles miseraveis rebeldes.

E o rei picou o seu cavallo para a tenda do conde de Loewen.

—Sigamol-o, disse Athos.

—Vamos, disse Aramis.

—Estará o rei ferido? disse de Vinter. Vejo na terra manchas de sangue.

—Vá fazer reunir o seu regimento, disse Athos, prevejo que d'aqui a pouco teremos necssidade d'elle.

De Winter voltou a redea, e os dois amigos continuaram o seu caminho. Em dois segundos o rei tinha chegado á tenda do general em chefe do exercito excocez. Apeou-se e entrou. O jeneral estava no meio dos principaes chefes.

—O rei! exclamaram elles levantando-se e olhando-se com estupefacção.

Com effeito Carlos estava de pé diante d'elles, com o chapeu na cabeça, o sobrolho carregado, e batendo nas botas com o seu chicote.

—Sim senhores; o rei que vem pedir-lhe conta do que se passa.

—Que ha então de novo, senhor? perguntou o conde Loewen.

—Que ha, senhor?! disse o rei deixando-se arrebatar pela cólera. O general Cromwel chegou esta noite a Newcastle, sabe-o, e eu não sou d'isso advertido; o inimigo sae da cidade, tapanos a passagem do Tyne; as suas sentinellas devem ter visto este movimento, e eu não sou advertido; que ha, senhores? ha que os senhores por um infame tratado me venderam por duzentas mil libras sterlinas ao parlamento. Eis o que ha, senhores: respondam e desculpem-se, porque eu accusei-os.

—Senhor, balbuciou o conde de Loewen, deixar-se-ia vossa magestade enganar por alguma falsa accusação?

—Vi com os meus proprios olhos estender-se o exercito inimgo entre mim e a Escocia, e posso quasi dizer: ouvi com os meus proprios ouvidos discutir as clausulas do tratado.

Os chefes escocezes olharam-se carregando tambem o sobrolho.

—Senhor, murmurou o conde de Loewen curvado sob o peso da vergonha, estamos promptos a dar-lhe todas as provas.

—Não exijo mais do que uma, disse o rei ; ponha o exercito em campo de batalha e avancemos para o inimigo.

—Isso não póde ser, senhor.

—Como assim ! isto não póde ser ! e que é que lhe obsta ? exclamou Carlos I.

—Vossa magestade bem sabe que estamos em tregoas com o exercito inglez.

—Se estamos em treguas o exercito inglez rompeu-as, saindo da cidade contra as convenções estipuladas ; ora, eu digo-lhe, é mister passar comigo atravez d'esse exercito e entrar na Escocia, e se o não faz, então ! uma das duas, ou são uns cabardes, ou uns traidores !

Os olhos dos escocezes flamejaram, como acontece as mais das vezes em tães occasiões, passaram da extrema vergonha á extrema imprudencia, e dois chefes de *clans* (tribus na Escocia) avançaram para o rei. Pois bem, sim, disseram elles, nós promettemos livrar a Escocia e a Inglaterra d'aquelle que ha vinte e cinco annos bebe o sangue e o ouro da Inglaterra e da Escocia. Promettemos e cumprimos a nossa promessa. Rei Carlos Stuart, és o nosso prisioneiro.

E ambos estenderam as mãos para agarrar o rei ; mas antes que lhe tivessem posto as pontas dos dedos, ambos tinham caido, um desmaiado, outro morto. Athos tinha derreado um com a coronha da sua pistola. Aramis tinha atravessado o outro com a sua espada. Depois como o conde de Leowen e os outros chefes recuassem espantados por este soccorro, que parecia ter caido do ceu áquelle que elles já julgavam seu prisioneiro. Athos e Aramis arrastaram o rei para fóra da tenda perjura, e saltando nos seus cavallos todos tres se dirigiram para a tenda real. Ao passarem encotraram de Winter, que corria á testa do seu regimento. O rei fez-lhe signal de os acompanhar.

XXIII

O vingador

Todos quatro entraram na tenda ; não havia um plano feito, era mister traçar um. O rei deixou-se cair sobre uma poltrona.

—Estou perdido ! disse elle.

—Não, senhor, disse Athos, está sómente trahido.

O rei soltou um profundo suspiro.

—Trahido ! trahido pelos escocezes, no meio dos quaes nasci, que eu sempre preferi aos inglezes ! Oh ! miseraveis !

—Senhor, disse Athos, não é agora occasião de recriminações, mas sim de mostrar que é um cavalleiro. De pé, senhor de pé. Porque ao menos terá aqui tres homens que não o traihirão. Ah ! se ao menos fossemos cinco ! murmurou Athos pensando em d'Artagnan e Porthos

—Que diz ? perguntou Carlos levando-se.

—Digo, senhor, que não ha mais que um meio. Milord de Winter responde pelo seu regimento, ou pelo menos, não façamos questão de palavra ; elle põe-se á testa dos seus homens e nós aos lados ne vossa magestade, fazemos um rodeio ao exercito de Cromwel passamos para a Escocia.

—Ha ainda um meio, disse Aramis, é que um de nós tome os trajos e o cavallo do rei : em quanto irão com todo o furor sobre este o rei passará talvez.

—O conselho é bom, disse Athos, e se sua magestade quer conceder a um de nós essa honra nós lhe seremos muito agradecidos.

—Que pensa d'este conselho, de Winter ? disse o rei olhando com admiração para estes dois homens, cuja unica preoccupação era de carregarem sobre si com o peso de todos os perigos que o ameaçavam.

—Penso, senhor, que se ha um meio de salvar vossa magestade, o senhor d'Herblay acaba de o propôr. Supplico pois muito humildemente a vossa magestade de fazer a sua escolha, por que não temos tempo a perder.

—Mas se eu acceito, é a morte ou ao menos a prisão, para aquelle que substituir o meu logar.

—E' a honra de ter salvo vossa magestade! exclamou de Winter.

O rei olhou para o seu velho amigo com as lagrimas nos olhos, tirou o cordão do Espirito Santo que trazia para honrar os dois cavalleiros francezes que o acompanhavam, e passou-o á roda do pescoço de Winter, que recebeu de joelhos este terrivel signal de amisade e confiança de seu soberano.

—E' justo, disse Athos; elle serve ha mais tempo que nós.

O rei ouviu estas palavras e voltou-se com as lagrimas nos olhos.

—Senhores, disse elle, esperem um instante, tenho um cordão que dar a cada um dos senhores.

Depois foi a uma caixa onde tinha as suas proprias ordens e tirou d'ella dois cordões da Jarreteira.

—Essas ordens não podem ser para nós, disse Athos.

—E porque não, senhor? perguntou Carlos.

—Essas ordens são quasi reaes, e nós não somos mais que uns simples cavalleiros.

—Corram todos os thronos do mundo, e vejam se ha dois corações maiores que os seus. Não, senhores, eu faço-lhe justça. De joelhos, conde.

—Athos ajoelhou, o rei collocou-lhe o cordão ao pescoço, e fez o mesmo a Aramis.

E repetindo a mesma cerimonia, em quanto de Winter, ajudado de seus escudeiros, despia a sua couraça de cobre para melhor ser tomado pelo rei.

—Senhor, disse de Winter depois de ter abraçado os dois cavalleiros, estamos promptos.

O rei olhou para os cavalleiros.

—Então ó mister fugir? disse elle.

—Fugir atravez de um exercito, senhor, não é fugir, é antes avançar.

—Morrerei então com a espada em punho. Senhor conde, senhor cavalleiro, se alguma vez torno a cingir a corôa...

—Senhor, já fomos honrados por vossa magestade mais do que convinha a simples cavalleiros; o reconhecimento

pois deve ser nosso. Mas não percamos tempo, porque já é de mais o que temos perdido.

O rei extendeu uma ultima vez a mão a todos tres, trocou o seu chapeu com o de Winter e saiu.

O regimento de Winter estava formado sobre uma plataforma, que dominava o campo; o rei seguiu os tres amigos e dirigiu-se para a plataforma.

O campo escocez parecia ter emfim despertado; os homens tinham saido das duas barricadas e tinham-se formado em linha de batalha.

—Vejam, disse o rei, talvez se arrependam e se apromptem para marchar.

—Se se arrependerem, senhor, seguir-nos-hão.

—Bem! disse o rei, que devemos fazer? Examinemos o exercito inimigo, disse Athos.

Os olhos do pequeno grupo fixaram-se immediatamente sobre a linha que o primeiro raiar do dia tinha feito parecer um nevoeiro, e que os primeiros raios do sol mostravam agora ser um exercito formado em linha de batalha. A athemosphera estava pura.

Distinguiam-se perfeitamente os regimentos, as bandeiras e até a côr dos uniformes e dos cavallos.

Viu-se então apparecer sobre uma collina, a alguma distancia em frente do inimigo, um homem baixo, gordo e feio; este homem estava rodeado de officiaes. Apontou um occulo para o grupo de que o rei fazia parte.

—Aquelle homem conhece pessoalmente vossa magestade? perguntou Aramis.

Carlos sorriu-se.

—Aquelle homem é Cromwell, disse elle.

—Então carregue no seu chapeu para que elle não dê pela substituição.

—Ah! disse Athos, perdemos muito tempo.

—Então, disse o rei, a ordem, e partamos.

—Deu-a senhor? perguntou Athos.

—Não, nomeo-o meu tenente general.

—Então, ouvi, milord de Winter; aparte-se, senhor, eu lh'o rogo; o que vamos dizer não diz respeito a vossa magestade.

O rei deu sorrindo tres passos á retaguarda.

—Eis o que eu proponho, continuou Athos. Nós dividimos o nosso regimento em dois esquadrões; ponha-se á testa do primeiro; sua magestade e nós á testa do segundo; se nada nos embaraçar a passagem, carregaremos todos juntos para forçar a linha inimiga e lançar-nos no Tyne que atravessaremos, ou a vau ou a nado; se, pelo contrario, achamos algum obstaculo, resistam até ao ultimo, nós continuamos o nosso caminho; uma vez que cheguemos á margem do rio, se o seu esquadrão faz o seu dever, o mais é comvosco.

—A cavallo! disse Athos, está tudo decidido.

—Então, senhores, disse o rei, ávante! reunamo-nos ao grito de França: Montoie e Saint-Dinis; o grito de Inglaterra é repetido agora por muitos traidores.

Montaram a cavallo, o rei no de Winter, este no do rei; depois de Winter postou-se á testa do primeiro esquadrão, e o rei, tendo Athos á sua direita e Aramis á esquerda, á testa do segundo.

Todo o exercito escocez viu estes preparativos com immobilidade, e silencio.

Viram-se alguns chefes sair das fileiras, e quebrar suas espadas.

—Vamos, disse o rei, aquillo consola-me, nem todos são traidores.

—N'este momento ouviu-se a voz de Winter:

—A'vante!

O primeiro esquadrão metteu a galope, e o segundo seguiu-o e desceu para a plataforma. Um regimento de couraceiros com pouca differença egual em numero marchara a galope ao seu encontro.

O rei mostrou isso a Athos e Aramis.

—Senhor, disse Athos, o caso está prevenido, e se os homens de Winter fazem o seu dever, este successo salvanos em logar de nos perder.

N'este momento, apesar do ruido que faziam os cavallos galopando e rinchando, ouviu-se a voz de Winter:

—Desembainhem os sabres.

A esta ordem todos os sabres sairam das bainhas e fugiram como relampagos.

—Vamos, senhores, bradou o rei embriagado pelo que via e ouvia, vamos senhores, desembainhar os sabres!

Mas a esta ordem, de que o rei deu exemplo, só Athos e Aramis obedeceram.

Estamos trahidos, disse baixo o rei.

—Esperemos ainda, disse Athos, talvez que não reconhecessem a voz de vossa magestade, e esperem a ordem do seu chefe de esquadrão.

—Não terão elles ouvido a voz do seu coronel! Mas veja! veja! exclamou o rei fazendo parar o seu cavallo, que o fez curvar, e agarrando nas redeas do cavallo de Athos.

—Ah! cobardes! ah! miseraveis! ah! traidores! bradava de Winter, cuja voz se ouvia em quanto os seus homens desamparando as suas lileiras debandavam pela planicie.

Apenas coisa de quinze homens se reuniu em torno d'elle esperando a carga dos ceuraceiros de Cromwell.

—Vamos morrer com elles! disse o rei.

—Vamos morrer! disseram Athos e Aramis.

—A mim todos os corações fieis! bradou de Winter.

—Nada de quartel! bradou de Winter.

—Nada de quartel! bradou em francez e respondendo á de Winter, uma voz que os fez estremecer.

—Winter fez-se pallido.

Esta voz era a de um cavalleiro montado n'um soberbo cavallo negro, e que carregava á testa do regimento inglez, e ao qual, com o seu ardor, trazia de dianteira dez passos.

—E' elle! murmurou de Winter, com os olhos fixos e deixando cair a espada.

—O rei! o rei! bradaram muitas vozes enganando-se com o cordão azul e com o cavallo alvacento de Winter.

—Não, não é o rei! exclamou o cavalleiro; não se illuda. Não é verdade milord de Winter, que não é o rei? não é verdade que é meu tio?

E ao mesmo tempo, Mordaunt, porque era elle, apontou para de Winter uma pistolla. O tiro partiu e o velho cavalleiro caiu nos braços de Athos e Aramis. A balla tinha-lhe atravessado o peito.

—O vingador! murmurou elle.

—Lembra-te de minha mãe, strugio Mordaunt passando para diante, arrastado pelo galope furioso do seu cavallo.

—Miseravel! gritou Aramis descarregando-lhe um tiro de pistola quasi á queima roupa; porém só a escorva ardeu e o tiro não partiu.

N'este momento o regimento caiu todo sobre alguns homens que se haviam sustentado, e os dois francezes foram cercados e envolvidos. Athos depois de se ter tranquillisado que de Winter estava morto, deixou o cadaver e desembainhou a espada.

—Vamos, Aramis, pela honra de França.

E os dois inglezes que se achavam mais visinhos cairam mortalmente feridos.

N'este momento um alarido terrivel atroou os ares e trinta espadas brilharam por cima de suas cabeças.

De repente um homem se precipitou pelo meio das fileiras inglezas, que arredou para os lados, deu um salto sobre Athos, apertou-o com os seus braços nervosos, arrancou-lhe da mão a espada, dizendo-lhe ao ouvido:

—Silencio! renda-se.

—Um gigante tinha tambem agaarado os dois punhos de Aramis, que de balde tentava subtrahir-se ao seu formidavel apertar.

Aramis levantou a cabeça, Athos voltou-se...

D'Art... exclamou Athos, a quem o gascão tapou a bôca.

—Rendo-me, disse Aramis apresentando a sua espada a Porthos.

—Fogo! fogo! Bradava Mordaunt voltando sobre o grupo onde estavam os dois amigos.

—E para que? disse o coronel se todos se renderam já.

—E' o filho da milady, disse Athos a d'Artagnan.

—Já-o reconheci.

Ao mesmo tempo começarnm a abrirem-se as fileiras. D'Artagnan tinha na mão a redea do cavallo d'Athos, Porthos a do cavallo de Aramis. Cada um d'elles esforçava-se por arrastar o seu prisioneiro para fóra do campo da batalha.

Este movimento deixou vêr o logar onde tinha caido o

corpo de de Winter. Com o instincto do odio, Mordaunt, inclinado sobre o cavallo, olhava para elle com um sorriso infernal.

Athos, com a sua tranquillidade, pôz a mão nos coldres ainda guarnecidos de pistolas.

—Que faz ? disse d'Artagnan. .

—Deixe-m'o matar.

—Nem um gesto que possa fazer crer que o conhece, ou estamos todos quatro perdidos. Depois voltando-se para Mordaunt: Boa presa ! exclamou elle, boa presa ! amigo Mordaunt. Cada um de nós temos o nosso ; cavalleiros da Jarreteira, nada menos !

—Mas, exclamou Mordaunt, fixando Athos e Aramis com olhos sanguinolentos, são francezes ao que parece.

—Bofé, que não sei. E' francez, senhor, perguntou elle a Athos.

—Eu o sou, respondeu gravemente este.

—Então meu caro senhor, está prisioneiro de um compatriota.

—Mas o rei ? disse Athos com angustia, o rei ?

D'Artagnan apertou vigorosamente a mão do seu prisioneiro e disse-lhe :

—O rei ! temol-o seguro !

—Sim, disse Aramis, por uma traição infame.

Porthos sacudiu o punho do seu amigo e disse-lhe sorrindo-se :

Oh ! senhor ! na guerra emprega-se tanto a estrategia como a força : olhe !

Com effeito n'este momento viu-se avançar ao encontro do regimento inglez o esquadrão, que devia proteger a retirada do rei, rodeando Carlos que marchava, só e a pé n'um grande espaço vazio. O rei apparentemente estava tranquillo, mas conhecia-se que soffria para o parecer, por isso o suor corria-lhe baga a baga pelo rosto ; limpava as fontes e da boca com um lenço, que de cada vez que o tirava dos labios vinha cheio de sangue.

—Eis o Nabuchodonosor ! exclamou um dos couraceiros, velho puritano cujos olhos se inflamaram ao aspecto do que chamavam tyranno.

—Que diz, Nabuchodonosor? disse Mordaunt sorrindo-se ferozmente. Não, é o Rei Carlos I, o bom rei Carlos, que despoja os seus subditos por herança.

Carlos levantou os olhos para o insolente que assim fallava, mas não o reconheceu. Entretanto a magestade tranquilla e religiosa do seu rosto fez abaixar o olhar do Mordaunt.

—Bom dia, senhores, disse o rei para os dois cavalleiros que elle viu, um nas mãos de d'Artagnan, e outro nas de Porthos. O dia foi-nos infeliz, mas a culpa não foi sua, graças a Deus! onde está o meu velho de Winter?

Os dois cavalleiros voltaram a cabeça e guardaram silencio.

—Procure onde está Straffort, disse a voz stridente de Mordaunt.

Carlos estremeceu: o demonio tinha-lhe tocado na chaga mais viva. Straffort, era não só o seu remorso eterno, mas a sombra de seus dias, o fantasma dassuas noites.

O rei olhou á volta de si e viu um cadaver a seus pés, era o de Winter.

Carlos não soltou um gemido, não derramou uma lagrima: mas uma pallidez mais livida ainda lhe cobriu o rosto; poz um joelho em terra, levantou a cabeça de Winter, beijou-o na testa, e tirando-lhe o cordão do Espirito Santo que lhe tinha deitado ao pescoco, metteu-o religiosamente no seio.

—Então de Winter está morto? perguntou d'Artagnan fixando os seus olhos sobre o cadaver.

—Sim, disse Athos e por ser seu sobrinho.

—Está bom! é o primeiro de nós que se vae, murmurou d'Artagnan, que durma em paz, era um bravo.

—Carlos Stuart, disse o coronel do regimento inglez dirigindo-se ao rei, que acabava de tomar as insignias da realesa; renda-se nosso prisioneiro?

—Coronel Tomlinson, disse Carlos, o rei não se rende; mas o homem cede á força.

—A sua espada.

O rei tirou a espada e quebrou-a no joelho.

N'este momento, um cavallo sem caealleiro, escumando,

com ss olhos afogueados e as ventas abertas, deitou a correr, e, reconhecendo o seu dono, parou junto d'elle relinchando de alegria ; era Arthus.

O rei sorriu-se, affagou-o com as mãos e saltou no selim.

—Vá, senhor, conduzi-me para onde quizer.

Depois voltando apressadamente:

—Espere, disse elle ; parece-me ter visto mecher de Winter ; se elle ainda vive, pelo que tem de mais sagrado, não abandone esse nobre cavalleiro.

—Oh ! fique descançado, rei Carlos, disse Mordaunt, a bala atravessou-lhe o coração.

—Nem uma só palavra, nem um gesto, nem um olhar para mim e para Porthos, disse d'Artagnan a Athos e Aramis, porque a milady ainda não esta morta, e a sua alma revive no corpo d'este demonio !

E o exercito dirigiu-se para a cidade, levando o seu real preso ; mas no meio do caminho, um ajudante do general Cromwell trouxe ordem ao coronel Thomlinson de conduzir o rei a Holdenbay-Castle.

Ao mesmo tempo partiam correios em todas as direcções para annunciar á Inglaterra e toda a Europa que o rei Carlos Stuart era prisioneiro do general Oliveiro Cromwell.

Os escocezes viam tudo isto com o mosquete aos pés e a espada na bainha.

XXIV

Oliveiro Cromwell

—Vem ver o general ? disse Mordaunt a d'Artagnan e Porthos, sabe que elle o intimou para depois da acção.

—Nós vamos primeiro pôr os nossos presos em logar de segurança, disse d'Artagnan para Mordaunt. Sabe, senhor,

que estes cavalleiros valem cada um mil e quinhentas pistolas?

—Oh! fique descançado, disse Mordaunt olhando para elles com uns olhos, de que em vão tentava expulsar a ferocidade; os meus cavalleiros guardal-os-hão bem; respondo-lhe por elles.

—Eu os guardarei ainda melhor, tornou d'Artagnan; demais que é mister? uma boa camara com sentinellas, ou a simples palavra de que não procurarão fugir. Vou dar ordem a isso, depois teremos a honra de nos apresentarmos ao general e de lhe pedir as suas ordens para sua eminencia.

—Então tem tenção de partir em breve?

—A nossa missão está acabada, e só a vontade do grande homem a quem fomos enviados, é que aqui nos retem.

O mancebo voltou-se para um sargento e disse-lhe ao ouvido:

—Siga-me estes homens; não os deixe perder de vista; e quando souber onde elles estão hospedados volte a ter comigo á porta da cidade.

O sargento fez signal de que seria obedecido.

Mordaunt dirigiu-se então para a collina donde Cromwell tinha visto a batalha, e onde acabava de mandar levantar a sua barraca.

Cromwell tinha prohibido a sua entrada na sua barraca; mas a sentinella que conhecia Mordaunt por um dos confidentes mais intimos do general, pensou que esta prohibição não era para elle, deixou-o entrar.

Mordaunt desviou a cortina da barraca e viu Cromwell sentado diante de uma meza, com a cabeça occulta nas mãos, e as costas voltadas para a porta.

Cromwell não se mecheu.

Mordaunt ficou de pé á porta.

Ao cabo de um instante, Cromwell levantou a cabeça, e, como se tivesse sentido instinctivamente que alguem alli estava, voltou-se vagorasamente para a porta.

—Tinha dito que queria estar só, exclamou elle vendo o mancebo.

—Julgou-se que essa prohibição não era para mim, senhor; entretanto se o ordena, estou prompto para sair.

—Ah! é o senhor Mordaunt! visto que aqui está, fique.

—Trago-lhe as minhas felicitações.

—As suas felicitações! e de que?

—Da prisão de Carlos Stuart. E' agora o senhor da Inglaterra.

—Era-o melhor ha duas horas, disse Cromwell.

—Como assim, general?

—A Inglaterra tinha necessidade de mim para prender o tyranno, agora está preso o tyranno. Viu-o?

—Sim, senhor.

—Qual era a sua attitude?

Mordaunt hesitou, mas a verdade pareceu sair-lhe á força dos labios.

—Tranquilla e nobre.

—Que disse elle?

—Alguns adeuses aos seus amigos!

—A seus amigos! murmurou Cromwel, elle ainda tem amigos? depois accrescentou alto: Defendeu-se?

—Não, senhor, foi abandonado por todos, excepto por tres ou quatro homens; não tinha meio de se defender.

—A quem entregou elle a sua espada?

—Não a entregou, quebrou-a...

—Fez bem; mas melhor teria feito ainda se se tivesse servido d'ella com mais vantagem. O coronel do regimento que servia de escolta ao rei, a Carlos, perguntou elle apoz um instante de silencio, foi morto, julgo eu?

—Sim, senhor.

—Por quem?

—Por mim.

—Como se chamava elle?

—Lord de Winter.

—Seu tio!

—Meu tio! os traidores da Inglaterra não pertencem á minha familia.

Cromwell permaneceu um instante pensativo, olhando para o mancebo; depois disse-lhe com aquella profunda melancolia que tão bem pinta Schakspeare:

—Mordaunt, é um terrivel servidor.

—Quando o senhor ordena, disse Mordaunt, não ha que

hesitar. Abrahão levantou o cutelo sobre Isac e Isac era seu filho.

—Sim, mas o senhor não deixou effectuar o sacrificio.

—Olhei á roda de mim, disse Mordaunt, não vi nem bode nem cabrito parado nas sarças da planicie.

Cromwell inclinou-se.

—E's forte entre os fortes, disse elle. E os francezes, como se portaram?

—Como uns bravos, senhor.

—Sim, sim, murmurou Cromwell, os francezes são bons pelejadores; e, se o meu culto não me enganou, vinham na primeira ala.

—E' verdade, disse Mordaunt.

—Depois do senhor todavia.

—A culpa foi dos seus cavallos e não sua.

Houve ainda um momento de silencio!

—E os escozezes? perguntou Cromwell.

—Cumpriram a sua palavra, disse Mordaunt, não se mecheram.

—Miseraveis! murmureu Cromwell.

—Os officiaes pedem para o vèr, senhor.

—Não tenho tempo. Pagaram-lhes?

—Esta noite.

—Que partam então, que voltem para as suas montanhas a esconder lá a sua vergonha, se ellas teem sufficiente altura para isso; nada mais tenho a fazer com elles, nem elles, comigo. Agora, retire-se, Mordaunt.

—Antes de me retirar, tenho algumas perguntas a dirigir-lhe, senhor, e um pedido a fazer-lhe, meu mestre.

—A mim.

Mordaunt inclininou-se.

—Venho ter comvosco, meu heroe, meu protector, meu pae, e digo-lhe: mestre, está contente comigo?

Cromwell olhou para elle espantado.

—Sim, disse Cromwell, tem feito, desde que o conheço, não só o seu dever, mas ainda mais que isso, tem sido fiel amigo, habil negociador, bom soldado.

—Lembra-se, senhor, que fui eu que tive a primeira idéa de tratar com os escocezes da entrega do seu rei?

—Sim, o pensamento foi o seu; é verdade; eu não levava a tanto o despreso dos homens.

—Tenho eu combatido sempre com ardor pela sua gloria e seus interesses?

—Talvez até com demasiado, era o que ha pouco lhe lançava em rosto. Mas que quer concluir de todas essas perguntas.

—Quero dizer-lhe, milord, que é chegada a occasião em que pode com uma só palavra recompensar todos os meus serviços.

—Ah! exclamou Cromwell com um leve movimento de desordem; é verdade, esqnecia-me que todo o serviço merece a sua recompensa, que me tem servido e que ainda não foi recompensado.

—Posso sel-o no mesmo instante e ainda além dos meus desejos.

—Como assim?

—Tenho o preço ao alcance da mão, quasi que até posso dizer que o tenho apertado n'ella.

—E que preço é esse? perguntou Cromwell. Offereram-lhe ouro? Pede alguma patente? Deseja algum governo.

—Conceder-me-heis o meu pedido?

—Vejamos qual elle é primeiro?

—Senhor, quando me tem dito: Vá cumprir uma ordem respondi-lhe eu nunca: Vejamos essa ordem?

—Se todavia o seu desejo fôr impossivel de satisfazer.

—Quando tem tido um desejo, e me tem encarregado de lh'o satisfazer, respondi-lhe eu alguma vez: E' impossivel?

—Mas um pedido com tanta preparação...

—Ah! tranquillise-se, senhor, elle não o arruinará.

—Então, prometto satisfazer o seu pedido, comtanto que não seja fóra do meu poder; peça.

—Fizeram esta manhã dois prisioneiros; peço-lhe.

—Offereceram então algum resgate consideravel?

—Pelo contrario, julgo-os pobres, senhor.

—Mas n'esse caso são seus amigos.

—Sim, senhor, exclamou Mordaunt, são meus amigos, daria a minha vida por a d'elles.

—Bem, Mordaunt, disse Cromwell, fazendo com certa

expressão de alegria, um conceito melhor do mancebo, bem eu lh'os dou, nem mesmo quero saber quem elles são; faça d'elles o que quizer.

—Obrigado, senhor, obrigado! de hoje em diante a minha vida pertence-lhe, e em a perdendo ainda lhe serei devedor; obrigado, acaba de me pagar magnificamente os meus serviços.

E deitando-se aos joelhos de Cromwell, sem embargo dos esforços do general puritano que não queria ou que fingia não querer receber, esta homenagem quasi real, pegou-lho na mão e beijou-lha.

—Que! disse Cromwell, nenhumas outras recompensas! não quer ouro! não quer um posto maior!

—Deu-me, milord, tudo o que me podia dar.

—E retirou-se, transbordando-lhe a alegria do coração e dos olhos.

—Cromwell seguiu-o com a vista.

—Matou seu tio! murmurou elle: ai! quaes são então os meus servidores? Talvez este, que parece ou finge nada reclamar, e que talvez ante Deus pedisse mais que os que vieram reclamar o ouro das provincias e o pão dos desgraçados; ninguem me serve sem interesse.

Carlos que é meu prisioneiro ainda tem talvez amigos, e eu não os tenho.

E recaiu suspirando na meditação interrompida por Mordaunt.

XXV

Os cavalleiros

Em quanto Mordaunt se dirigia para a tenda de Cromwell, d'Artagnan e Porthos levavam dois prisioneiros para a casa que lhes tinha sido dada por quartel em Newcastle.

A recommendação feita por Mordaunt ao sargento não ti-

nha escapado ao gascão: por isso com um lance de olhos tinha recommendado aos dois amigos a mais severa prudencia.

Aramis e Athos marchavam por consequencia silenciosos ao pé de seus vencedores, o que não lhes tinha sido difficultoso, pelo muito que cada um tinha de responder a seus proprios pensamentos.

Se houve jámais homem espantado, foi Mousqueton, quando do limiar da porta, viu avançar os quatro amigos, seguidos do sargento e de uns dez homens. Esfregou os olhos, porque não se podia decidir, a reconhecer Athos e Aramis, mas emfim viu-se obrigado a render-se á evidencia. Ia por isso confundir-se em exclamações, quando Porthos lhe impoz silencio com um d'esses olhares que não admittem réplica.

Mousqueton deixou-se ficar cozido com a porta, esperando a explicação de uma coisa tão singular; o que sobremaneira o espantava, é que os quatro amigos fingiam não se reconhecer.

A casa para que d'Artagnan e Porthos conduziram Athos e Aramis era a que elles habitavam desde a vespera, a que lhes tinha sido dada pelo general Cromwell; fazia a esquina de uma rua, tinha uma especie de jardim, e cavallariças em volta da casa visinha.

As janellas ao rez do chão eram gradeadas, de maneira que se pareciam muito com as de uma prisão.

Os dois amigos fizeram entrar os dois prisioneiros diante de si, e conservaram-se no patim depois de terem dado ordem a Mousqueton de levar os cavallos para a cavallariça.

—Porque não entrámos com elles? disse Porthos.

—Porque antes é mister vêr o que nos querem aquelle sargento e os oito ou dez homens que o acompanham.

Estes tinham ido postar-se no jardim.

D'Artagnan perguntou-lhes o que desejavam e porque se conservavam alli.

—Recebemos ordem, disse o sargento, de os ajudar a guardar os prisioneiros.

Nada havia que dizer a isto; era, pelo contrario, uma at-

tenção delicada, que elle queria saber agradecer áquelle que a tinha tido. D'Artagnan agradeceu ao sargento, e deu-lhe uma corôa para beber á saude do general Cromwell.

O sargento respondeu que os puritanos não bebiam, e metteu a corôa na algibeira.

—Ah! que horrivel dia, meu caro d'Artagnan.

—Que diz Porthos, chama dia horrivel áquelle em que encontramos os nossos amigos!

—Sim, mas em que circumstancia!

—E' verdade que a coisa está bastante atrapalhada; mas vamos ter com elles, e lá meditaremos sobre a nossa posição.

—Está bastante embaraçada, e agora comprehendo porque Aramis me recommendava tanto de torcer o pescoço a este horrivel Mordaunt.

—Silencio! não pronuncie esse nome.

—Mas, se eu fallo francez, e elles são inglezes!

— ntremos.

Porthos entrou adiante; d'Artagnan fechou a porta com cuidado, e foi apertar nos braços os seus dois amigos.

—Quer saber como nós aqui estamos? Oh! é bem facil de adivinhar; Mazarino encarregou-nos de trazer uma carta ao general Cromwell.

—Mas como se acha ao lado de Mordaunt? disse Athos, de quem eu lhe disse que desconfiasse, d'Artagnan.

—E que eu lhe tina recommendado de afogar, Porthos? disse Aramis.

—Sempre Mazarino, Cromwell tinha-o enviado a Mazarino. Mazarino enviou-nos a Cromwell. Ha uma fatalidade em tudo isto

—Sim, tem rasão, d'Artagnan, uma fatalidade que nos divide, e que nos perde. Assim, meu caro Aramis, não fallemos mais n'isto, e preparemo-nos para soffrer a nossa sorte.

—Pelo contrario, fallemos; porque, uma vez por todas, convencionámos de que estariamos sempre juntos, posto que em causas oppostas.

—Oh! sim, bem oppostas, disse Athos sorrindo; porque lhe pergunto eu, que causa sorri aqui? Ah! d'Artagnan, vê em que o miseravel de Mazarino o emprega. Sabe de que

crime o tornou hoje culpado? Da prisão do rei, da sua ignominia, da sua morte.

—Oh! disse Porthos, acredita?

—Oh! meu Deus! Para que se prende um rei? Quando o querem respeitar como a um senhor, não o compram como um escravo. Acredita que seja para o tornar a sentar no throno que Cromwell tenha pago duzentas mil libras sterlinas? Amigos, estão certos de que elles hão de matal-o, e é este ainda o menor crime que podem commetter. Mais vale decapitar que esbofetear um rei.

—Eu não lhe digo que não, disse d'Artagnan, e é possivel; mas que nos faz tudo isso? Eu estou aqui porque sou soldado, porque sirvo meus amos, isto é, os que me pagam o meu soldo. Fiz juramento de obedecer, e obedeço; mas o senhor que não tem feito juramento, porque está aqui, e que causa serve?

—A mais sagrada do mundo, disse Athos, a da desgraça, da realeza, e da religião. Um amigo, uma esposa e uma estremosa filha, fazem-nos a honra de nos chamar em seu soccorro. Servimol-as segundo as nossas fracas forças, e á falta d'ellas, Deus nos tomará em conta a vontade. Pode pensar de uma outra maneira, d'Artagnan, encarar as coisas por outro lado, meu amigo; eu não o desvio d'isso, mas censuro-o.

—Oh! oh! disse d'Artagnan, e que me importa a mim que Cromwell, que é inglez, se revolte contra o seu rei, que é escocez? Eu sou francez, e todas estas coisas nada teem comigo. Para que quer então tornar-me responsavel por ellas?

—E' verdade, disse Porthos.

—Porque todos os cavalleiros são irmãos, porque é cavalleiro, porque os reis de todos os paizes são os primeiros dentre os cavalleiros, porque a plebe cega, ingrata e estupida sente continuamente prazer em humilhar aquelles que lhe são superiores; e é o senhor d'Artagnan, o homem da antiga fidalguia, o homem de um honrado nome, o homem de uma valente espada que tanto contribuiu para entregar o rei a negociantes de cerveja, a cortadores e a carreteiros. Ah! d'Artagnan, como soldado talvez fizesse o seu dever, mas como cavalleiro é muito culpado, repito-o.

D'Artagnan não sabia que responder.

—E o senhor, Porthos, continuou o conde como se tivesse piedade do embaraço de d'Artagnan: o senhor, o melhor coração, o melhor amigo, o melhor soldado que eu conheço; o senhor a quem a sua alma fazia digno de nascer sobre os degraus de um throno, e que cedo ou tarde, seria recompensado por um rei intelligente; o senhor, meu caro Porthos, cavalleiro pelos costumes, pelos gestos, e pela coragem, o senhor é tão culpado como d'Artagnan.

Porthos corou, mais de prazer que de confusão, e todavia, respondeu brixando a cabeça.

—Sim, sim, meu caro conde, eu creio que tem rasão.

Athos levantou-se.

—Vamos, disse elle avançando para d'Artagnan, e estendendo-lhe a mão, não se agaste meu caro filho, porque tudo o que lhe disse foi, senão com a voz, ao menos com o coração de um pae. Acredite que me teria sido mais facil agradecer-lhe por me ter salvado a vida, que dizer-lhe uma só palavra dos meus sentimentos.

—Sem duvida, sem duvida, Athos, respondeu d'Artagnan, apertando-lhe a mão; mas é que tem uns taes sentimentos que nem todos podem ter. Quem diabo vae imaginar que um homem prudente deixa a sua casa, a sua patria, o seu pupillo, um formoso mancebo... porque nós vimol-o... para correr para onde? em soccorro de uma realeza apodrecida e carunchosa, que qualquer dia vae desabar como um velho edificio? o sentimento que diz ter é bello, sem duvida, tão bello como sobre-humano.

—Qualquer que elle seja, d'Artagnan, no fundo do seu coração sabe que é justo; mas eu faço mal em discutir com o meu senhor, d'Artagnan eu sou seu prisioneiro, trate-me como tal.

—Ora essa! bem sabe que o não serei por muito tempo.

—Não, disse Aramis; sem duvida nos tratarão como os que foram feitos em Philipghants.

—E como é que os trataram?

—Enforcando uma metade, e fuzilando a outra, respondeu Aramis.

—Mas eu, disse d'Artagnan, juro-lhe que em quanto nas

veias me girar uma gota de sangue, não serão enforcados nem fuzilados. C'os os diabos! que venham! Além de que vê esta porta, Athos?

—Então?

—E então, sairão por essa porta quando quizerem, porque, a partir d'este momento, estão livres como o ar.

D'Artagnan, bem sabemos que és bem bravo, mas não é senhor de nós: esta porta está guardada, bem o sabe.

—Forçal-a-hão disse Porthos: Que está lá! dez homens quando muito.

—Para quatro nada seria, mas para dois é muito. Não divididos como agora nos vemos, é mister que pereçamos. Repare no exemplo fatal: na estrada do Vendemois, d'Artagnan, tão bravo, Porthos, tão valente e tão forte, foram vencidos; hoje coube-nos a nossa vez, eu e Aramis tambem o fomos. Ora isto nunca nos aconteceu quando estavamos todos quatro reunidos; morramos todos como morreu de Winter; quanto a mim declaro que não fujo não indo todos quatro.

—Impossivel, disse d'Artagnan, estamos ás ordens de Mazarino.

—Bem o sei e por isso não o insto mais, as minhas razões não tem produzido effeito, é porque não teem sido boas, visto que não teem exercido imperio algum sobre um espirito tão recto como o seu.

—E ainda que tivessem produzido effeito, disse Aramis, o melhor é não compremetter dois excellentes amigos como são d'Artagnan e Porthos. Fiquem descançados senhores, morreremos com honra. Pela minha parte, julgo-me altivo em sair ao encontro das ballas e mesmo do baraço, acompanhado Athos, porque nunca me pareceu tão grande como hoje.

—Julga então, disse d'Artagnan, que depois de ter ruido a haste de uma flôr que trazia na mão, começava de roer as unhas que o mataram? E para que? Não são nossos prisioneiros?

—Louco, tres vezes louco! disse Aramis, então não conhece Mordaunt? pois eu não troquei com elle mais que um olhar, mas conheci n'esse que estavamos condemnados.

—O facto é que estou agora com pena de o não ter affogado, Aramis, disse Porthos.

—Pois eu pouco me importa de Mordaunt! disse d'Artagnan, e'um par de diabos, se elle me harenga muito ao pé, esmago-o como se fosse um insecto! Não fuja, não, é inutil, porque juro-lhe que está com tanta segurança, como estava, ha vinte annos, Athos, na rua Feron, e Aramis na rua do Vaugirard.

—Olhe, disse Athos, estendendo a mão para uma das jan'ellas gradeadas de ferro, d'aqui a pouco saberá o que deve fazer, porque eil-o que se aproxima.

—Quem?

—Mordaunt.

Effectivamente um cavalleiro vinha a galope. Era Mordaunt.

D'Artagnan saiu para fora da camara.

—Fique, disse d'Artagnan para Porthos que ia tambem para sair, e não venha se não quando me ouvir tamborilar na porta com os dedos.

XXVI

Jesus Senhor

Quando Mordaunt chegou á frente da casa, viu d'Artagnan á porta, e os soldados deitados aqui e ali sobre a relva do jardim.

—O' lá! bradou elle com a voz intercortada pela precipitação da carreira, os presos ainda lá estão?

—Sim, senhor, disse o sargento levantando-se e levando a mão ao chapeu, assim como os seus homens.

—Bem. Quatro homens para os prender e os levar immediatamente ao meu quartel.

Quatro homens se apromptaram.

—Que ha de novo, tem a bondade de me dizer? disse

D'Artagnan com aquelle ar chocarreiro que os nossos leitores já lhe devem conhecer.

—Ha, senhor, que eu ordenei a quatro homens de ir prender os prisioneiros que esta manha fizemos e de os conduzir á minha habitação.

—E para que? perguntou d'Artagnan. Perdão pela curiosidade; mas deve saber que desejo ser instruido sobre um tal objecto.

—Porque os prisioneiros são meus agora, e como taes posso dispôr d'elles segundo me aprouver.

—Espere, espere, meu joven senhor, parece-me que se engana. Os prisioneiros costumam pertencer áquelles que os prenderam. Podia prender milord de Winter, que era seu tio, segundo se diz; preferiu matal-o, muito bem; nós podiamos matar estes dois cavalleiros, preferimos prendel-os, cada um tem o seu gosto.

Os labios de Mordaunt fizeram-se brancos.

D'Artagnan comprehendeu que as coisas não tardariam a ser mais serias, e começou a tamborilar na porta.

Porthos entrou immediatamente e foi collocar-se no outro lado da porta.

—Esta manobra não escapou a Mordaunt.

—Senhor, disse elle começando a encolerisar-se; faria uma inutil resistencia, estes prisioneiros acabam de me ser dados agora mesmo pelo general em chefe; meu illustre amo, o senhor Oliveiro Cromwell.

Estas palavras produziram em d'Artagnan o effeito de um raio. O sangue subiu-lhe ao rosto porque tinha entendido a feroz esperança do mancebo; quasi instinctivamente levou a mão aos copos da espada.

Porthos olhava para d'Artagnan, para saber o que devia fazer, e regular os seus movimentos pelos seus. Este olhar inquietou mais d'Artrgnan, que o traquillisou, e começou a arrepender-se de ter chamado a força brutal de Porthos para um negocio que parecia dever ser melhor levado pela astucia.

—A violencia, dizia elle comsigo, perder-nos-ia a todos: d'Artagnan, meu amigo, prova a esta serpente que não só és mais forte, mas mais astuto que elle.

—Ah! disse elle fazendo uma profunda cortezia, porque não disse logo isso, senhor Mordaunt? Que! vinha da parte do senhor Oliveiro Cromwell, o mais illustre capitão d'estes tempos.

—Acabo de o deixar agora mesmo, disse Mordaunt apeando-se, e entregando a redea a um dos soldados.

—Porque não disse logo isso, meu caro senhor continuou d'Artagnan, toda a Inglaterra obedece ao senhor Comwell, e visto que vem pedir-me os prisioneiros em seu nome, estão ao seu dispôr, venha buscal-os.

Mordaunt aproximou-se alegre, e Porthos espantado e olhando para d'Artagnan com profundo pasmo, abriu a bôca para fallar.

D'Artagnan pisou a bota de Porthos, que comprehendeu então que era alguma tactica do seu amigo.

Mordaunt pôz o pé sobre o primeiro degrau da escada, e com o chapeu na mão, tentou passar por entre os dois amigos, fazendo signal aos quatro soldados de o seguirem.

—Mas perdão, disse d'Artagnan sorrindo-se e poisando a mão sobre o hombro de Mordaunt, se o illustre general Cromwell dispôz dos nossos prisioneiros em seu favor, fez-lhe certamente esse acto de doação por algum escripto.

Mordaunt parou immediatamente.

—Deu-lhe algum bilhetinho em que atteste que vem em seu nome? Confie-me esse papel para que eu ao menos tenha um pretexto para me desculpar do abandono dos meus compatriotas. Aliás deve saber que, posto que eu esteja seguro das boas intenções do general Cromwell, os seus desejos não terão bom resultado.

Mordaunt recuou dois passos, e lançou sobre d'Artagnan um terrivel olhar; mas este respondeu-lhe com o mais alegre sorriso que jámais se deslizou pelos labios de um homem.

—Quando eu digo uma coisa, senhor, disse Mordaunt, faz me a injuria de duvidar d'ella?

—Eu! eu! duvidar do que diz! Deus me preserve d'isso meu caro senhor Mordaunt; tenho-o ao contrario por um digno e nobre cavalleiro; e depois, senhor, quer que eu lhe falle franco?

—Falle, senhor.

—O senhor do Vallon que aqui está é rico, tem quarenta mil francos de renda, e por consequencia pouco se lhe dá de dinheiro; eu não fallo assim, não sou rico. Na Gasconha o ser pobre não é uma deshonra, porque todos o são lá, e Henrique IV, de gloriosa memoria que era o rei dos gascões como Philipe IV é o rei de todas as Hespanhas, nunca tinha na algibeira um real.

—Acabe, senhor; já prevejo o que querem concluir d'ahi, e se é o que penso, a difficuldade poderá tirar-se immediatamente.

—Ah! eu bem sabia que era dotado de espirito. Pois bem! eu sou um official de fortuna, nada mais. Ora aprisionando esta manhã dois francezes que me parecem de alto nascimento, dois cavalleiros da Jarrateira em summa, disse para comigo: A minha fortuna está feita. Eu digo dois, porque o senhor du Vallon, como é rico, cede-me sempre os seus prisioneiros.

Mordaunt sorriu-se e respondeu com doçura:

—Traga d'aqui a pouco a ordem assignada, com essa ordem duas mil pistolas.

—Mas entretanto, senhor. deixe-me levar esses homens.

—Não, disse d'Artagnan; que prejuiso lhe pode causar uma demora de meia hora? Sou um homem que gosto de fazer as coisas com todas as suas formalidades.

—Todavia, senhor, eu poderia obrigal-o; aqui governo eu.

—Ah! senhor, disse d'Artagnan sorrindo agradavelmente, bem se vê que, nãa obstanto termos tido a honra de viajar na sua companhia, não nos conhece. Nós somos cavalleiros, somos capazes, só nós dois, de o matar e aos seus oito homens. Por Deus lhe peço senhor Mordaunt! não se obstine, porque se se obstinam, eu obstino-me tambem, e torno-me um teimoso feroz, e este senhor, ainda peior que eu, afóra isto, somos enviados pelo cardeal Mazarino, que representa o rei da França, d'aqui resulta que, presentemente, representamos o rei e o cardeal, o que faz que na nossa qualidade de embaixadores, somos inviolaveis, cousa que facilmente comprehenderá o senhor Oliveiro Cromwell, que é de

certo um tão grande politico como é um grande general. Pedi-lhe pois a ordem escripta, senhor Mordaunt.

—Sim a ordem escripta disse Porthos que começava a comprehender o intento de d'Artagnan, não se lhe pede mais que isso.

Mordaunt, não obstante os grandes desejos que tinha de recorrer á violencia, conheceu que estas razões eram boas; resolveu pois não só ir buscar a ordem escripta, mas mesmo as duas mil pistolas, nas quaes elle mesmo tinha avaliado os dois prisioneiros. Montou a cavallo; e, depois de ter recommendado ao sargento a maior cautela, dessappareceu.

—Bom! disse d'Artagnan, um quarto de hora para ir á tenda, um quarto de hora para voltar, é mais do que nos é necessario. Amigo Porthos, tome bem sentido... Em primeiro logar nem uma só palavra, a nossos amigos do que acaba de ouvir; é inutil que elles saibam o serviço que lhe acabamos de fazer.

—Bem comprehendo.

—Vá á cavallariça; achará lá Mousqueton selle os cavallos, mettendo-lhe nos coldres as pistolas, e traga-os para a rua, para que não haja a fazer senão montar; o resto fica á minha conta.

Porthos não fez a menor observação e obedeceu com aquella sublime confiança que tinha no seu amigo.

—Parto, disse elle; mas deverei eu ainda entrar na camara onde estão elles?

—Não, é inutil.

—Então, faça-me o favor de trazer a minha bolsa que eu deixei sobre o fogão.

—Fique descançado.

Porthos dirigiu-se socegado e tranquillamente para a cavallariça, passando pelo meio dos soldados que não obstante o ser francez, não poderam deixar de admirar o seu alto talhe e os seus vigorosos membros.

A' esquina encontrou Mousqueton, que levou comsigo.

D'Artagnan entrou então assobiando uma aria que tinha começada na partida de Porthos.

—Meu caro Athos, acabo de reflectir nas suas razões, e convenceram-me; decididamente tenho pena de me ter acha-

do em todo este negocio. Mazarino é um pedante como me disse. Estou por tanto resolvido a fugir comvosco, nada de reflexões, estejam promptos, e sobre tndo não esqueçam as espadas: é uma ferramenta que nos pode ser muito necessaria; a bolsa de Porthos... Bom! eil-a aqui.

E metteu a bolsa na algibeira. Os dois amigos olhavam-n'o com espanto...

—Então! que ha aqui de espantoso? disse d'Artagnan. Eu estava cego: Athos fez-me ver, eis tudo. Aproximem-se.

Os dois amigos aproximaram-se.

—Vêem esta rua? é alli que estarão os cavallos; sáiam pela porta, voltem para a esquerda, montem a cavallo; não se importem com coisa alguma mais que ouvir bem o signal. O signal será quando exclamar: Jesus Senhor!

—Mas a sua palavra de que vem, d'Artagnan? disse Athos.

—Diante de Deus o juro.

—Está dito, exclamou Aramis. Ao grito de Jesus Senhor! saimos, deitamos por terra tudo o que nos embaraçar a passagem, saltamos nos cavallos e partimos; é isto?

—Exactamente.

—Vê, Aramis disse Athos, não lh'o tinha dito? d'Artagnan é o melhor de nós todos.

—Bom! cumprimentos; eu safo-me. Adeus.

—E foje comnosco, não é verdade?

—Assim o creio. Não se esqueça do signal: Jesus Senhor!

E saiu no mesmo passo que tinha entrado, continuando a aria no sitio onde a tinha interrompido.

Os soldados jogavam ou dormiam, dois cantavam o psalmo: Super flomina Babylonis.

D'Artagnan chamou o sargento.

—Meu caro senhor, o general Cromwell mandou-me chamar pelo senhor Mordaunt; peço-lhe que vigie bem os presos.

D'Artagnan desceu para a cavallariça; achou os cinco cavallos sellados.

—Tome cada um, um cavallo pela mão, disse elle para Porthos e Mousqueton, volte para a esquerda, de maneira que Athos e Aramis os vejam da sua janella.

Porthos e Mousqueton obedeceram.

D'Artagnan, vendo-se só, ferio lume, accendeu um bocado de isca, montou a cavallo, e veio collocar-se no meio dos soldados em frente da porta. Aqui, affagando o cavallo com a mão, introduziu-lhe o bocado da isca na orelha. Era preciso ser um cavalleiro como era d'Artagnan para se aventurar a um tal meio, porque apenas o animal sentiu a ardente queimadura, soltou um grito de dôr, escabreou e entrou a dar furiosos saltos. Os soldados, que elle ameaçava de esmagar, fugiram todos precipitadamente.

—Parem, senhores, parem; soccorrei-me, o meu cavallo está com a vertigem.

Effectivamente, d'ahi a pouco pareceu sair-lhe sangue dos olhos, e tornou-se branco de espuma.

—Soccorrei-me! bradava sempre d'Artagnan, sem que os soldados ousassem vir em seu socorro. Deixar-me-heis esmagar! Jesus Senhor!

Apenas d'Artagnan soltou este grito, a porta abriu-se e sairam Athos e Aramis com a espada na mão. Mas, graças ao ardil de d'Artagnan, o caminho estava livre.

—Os prisioneiros fogem! os prisioneiros fogem! gritou o sargento.

—Pára! pára! gritou d'Artagnan, largando a rédea ao seu cavallo furioso, que deitou a correr, atropellando dois ou tres soldados.

—Stop! stop! gritaram os soldados correndo ás armas.

Mas Athos e Aramis estavam já montados, e precipitaram-se logo pela porta mais proxima. No meio da rua encontraram Grimaud e Blasois; andavam procurando seus amos. A um signal de Athos os dois criados juntaram-se aquella especie de turbilhão a que d'Artagnan, que fechava a rectaguarda, ainda mais com a voz. Passaram pela porta sem que os guardas nem ao menos pensassem em os fazer parar.

Durante este tempo os soldados continuavam gritando: Stop! stop! e o sargento que começava a conhecer o logro em que tinha caido, arrancava os cabellos. N'este momento viu-se chegar um cavalleiro a galope, trazendo na mão um papel. Era Mordaunt que voltava com a ordem.

—Os prisioneiros? gritou elle apeando-se.

O sargento não teve força para lhe responder, mostrou-lhe a porta aberta e a camara vazia. Mordaunt precipitou-se para os degraus; soltou um grito como se lhe tivessem rasgado as entranhas, e caiu desmaiado no chão.

XXVII

Onde se prova que nas posições as mais criticas os grandes corações não perdem nunca a coragem, nem os bons estomagos o appetite

Os quatro amigos, sem trocarem uma palavra, sem olharem para traz, correram assim a galope, atravessando um pequeno rio de que nenhum sabia o nome, e deixando á esquerda uma cidade que Athos julgou ser Datham Divisaram por fim um bosque, e tomaram para elle.

Apenas se viram escondidos aos olhos dos que os podessem perseguir, fizeram alto para traçarem um plano, e collocaram Grimaud de sentinella.

—Conscenti primeiro que eu abrace, d'Artagnan, meu amigo, disse Athos, é o nosso salvador, é um verdadeiro heroe entre nós!

—Athos, tem rasão, e eu admiro-o, disse Aramis, a que não chegarias se tivesses um chefe intelligente, olhar infallivel, braço de aço, espirito vencedor!

—Agora que temos tempo, disse o gascão, acceite abraços e agradecimentos para mim e para Porthos, continue, continue.

Os dois amigos, lembrados por d'Artagnan do que tambem deviam a Porthos, abraçaram-o da mesma sorte.

—Agora, disse Athos, trata-se de traçar um plano. Que devemos fazer?

—O que devemos fazer?

—O primeiro thesouro é a vida, e a nossa, a fallar a verdade, depende apenas de um fio.

—Que diz, du Vallon? perguntou Athos.

—Eu, disse Porthos, sou absolutamente do parecer de d'Artagnan; é umvillão paiz este da Inglaterra.

—Estão então resolvidos a deixal-o? perguntou Athos a d'Artagnan.

—Pois que diabo me retem aqui?

Athos trocou um olhar com Aramis.

—Vá, então, meus amigos, disse elle suspirando.

—Como assim! Vamos, creio eu!

—Não, meu amigo, temos de separar-nos!

—Separar-nos!

—Ora essa! disse Porthos. Porque motivo agora que estamos juntos?

—Porque a sua missão está cumprida; póde, até mesmo deve voltar para a França; mas a nossa não o está.

—A sua missão não está cumprida? disse d'Artagnan olhando para Athos com surpreza.

—Não, meu amigo. Viemos aqui para defender o rei Carlos, defendemol-o mal, resta-nos salval-o.

—Salvar o rei! exclamou d'Artagnan fixando Aramis.

Este contentou-se com fazer um signal de cabeça.

O rosto de d'Artagnan tomou um ar de profunda compaixão; começava a crer que tratava com dois insensatos.

—Não é pessivel que falle seriamente, Athos; o rei está no meio de um exercito que o conduz a Londres. Este exercito é commandado por um carniceiro, ou filho de carniceiro, pouco importa, o coronel Harrisson. A' sua chegada a Londres vão fazer processo a sua magestade, pois que o ouvi bem da propria bocca de Cromwel.

Athos e Aramis trocaram segundo olhar.

—E feito o seu processo, a sentença não tardará a ser posta em execução, continuou d'Artagnan. Oh! são pessoas pouco demoradas estes senhores puritanos,

—E a que pena julga que seja o rei condemnado? perguntou Athos.

—Receio bem que seja a de morte; elles teem feito muito contra elle para que o rei lhes perdôe; não teem mais que

um meio, é de o matar. Não sabe o que Oliveiro Cromwell disse quando foi a Paris e que se lhe mostrou a torre de Vincennes, onde estava preso o senhor de Vendome.

—Que foi? perguntou Porthos.

—«Não se deve tocar nos principes senão pela cabeça.»

—Bem o sabia, disse Athos.

—E julga que não porá a sua maxima em execução, agora que tem debaixo do seu poder o rei.

—Acredito, até mesmo estou certo que sim, mas é uma rasão mais forte para não abandonar a augusta cabeça ameaçada.

—Athos, enlouqueceu.

—Não, meu amigo, respondeu docemente o cavalleiro, mas de Winter veio procurar-nos a França, e conduziu-nos a casa da senhora Henriqueta. Sua magestade fez-nos a honra de nos pedir a nossa ajuda para seu esposo; compromettemo-lhes a nossa palavra. Era a nossa força, a nossa intelligencia, era a nossa vida que nós lhe compromettiamos; resta-nos cumprir a nossa palavra E' d'este parecer, de Herblay?

—Sim, disse Aramis; nós promettemo-lhe.

—Depois, continuou Athos, temos uma outra razão. Presentemente, tudo está pobre e mesquinho na França. Temos um rei de dez annos que não sabe ainda o que quer, temos uma rainha a quem uma paixão tardia torna cega; temos um ministro que rege a França como se fosse uma grande fabrica, isto é, não cuidando senão no que póde attrair-lhe oiro; temos uns principes que fazem uma opposição pessoal e egoista, e que não conseguiram mais que arrancar a Mazarino alguns punhados de oiro e alguns restos de poder. Servi-os não por enthusiasmo... Deus sabe que os estimo como elles merecem... mas por principio. Hoje, isto é inteiramente differente, hoje encontro um infeliz de alto nascimento, verdadeiramente real, europeo, e uno-me a elle. Se chegamos a salvar o rei, será uma coisa gloriosa; se morrermos por elle, será grandiosa.

—Mas já de ante-mão sabia que aqui havia de morrer, disse d'Artagnan.

—Que farias n'um paiz estrangeiro, inimigo?

—Quando era joven, viajei pela Inglaterra, fallo inglez

como um inglez, e Aramis tem tambem pela sua parte algum conhecimento d'esta lingua. Ah ! se o tivessemos na nossa companhia, meus amigos ! Comvosco, d'Artagnan, comvosco Porthos, todos quatro e reunidos pela primeira vez ha vinte annos, affrontariamos não só a Inglaterra, mas até todos os tres reinos.

—E prometteu a essa rainha de forçar a torre de Londres, de matar cem mil soldados, de luctar victoriosamente contra o voto de um paiz e contra a ambição de um homem, quando este homem se chama Cromwell. Viu já esse homem, Athos, viu Aramis? Pois é um homem de genio, que lhe fez recordar muito o nosso cardeal, o outro, o grande? Não exagere pois os seus deveres. Em nome do ceu, Athos, não se arrisque debalde. Quando o vejo, parece-me, realmente, que é um homem rasoavel; quando o ouço, penso que fallo com um louco. Vejamos, Porthos, una-se a mim. Que pensa, falle franco.

—Nada de bom, disse Porthos.

—Vamos, Athos, nunca se deu mal com conselhos meus então acredite o que lhe digo ; a sua missão está cumprida, cumprida nobremente ; volte para França comnosco.

—Amigo, disse Athos, a nossa resolução é inabalavel.

—Mas tem algum outro motivo que nós não conhecemos ?

—Athos sorriu-se.

D'Artagnan bateu colericamente na coxa e balbuciou as razões mais convincentes que lhe suggeriram ; mas a todas ellas Athos só respondia por um sorriso doce e sereno, e Aramis por signaes de cabeça.

N'esse caso! exclamou d'Artagnan, furioso, n'esse caso ! visto que o quer, dexemos os nossos ossos, n'este villão paiz, onde sempre faz frio, onde o tempo bom é quando está nevoeiro, o nevoeiro chuva, e a chuva deluvio ; onde o sol se parece com a lua, e a lua com um queixo de nata; mas morrer aqui ou morrer n'outra parte, visto que é preciso morrer, pouco nos importa.

—Mas, caro amigo, é morrer mais cedo.

—Que importa ! um pouco mais cedo, ou um pouco mais tarde, nem vale a pena de se fallar n'isso.

—Se me admiro de alguma coisa, disse Porthos, é de que isso não esteja já feito.

—Oh! fique descançado, Porthos não tardará muito. Então, está convencionado, continuou o gascão, e se Porthos se não oppõe...

—Eu, disse Porthos, farei o que quizer. Além de que acho muito agradavel o que ha pouco disse o conde de La Fére.

—Mas o seu futuro, d'Artagnan? as suas ambições, Porthos.

—O nosso futuro, as nossas ambições! disse d'Artagnan, temos necessidade de nos occcupar d'isso, uma vez que nós salvemos o rei? Salvo elle, reunimos os seus amigos, derrotamos os puritanos, reconquistamos a Inglaterra, entramos em Londres com elle, repomol-o sobre o seu throno...

—E elle faz-nos duques e pares, disse Porthos, cujos olhos scintillaram de alegria, mas vendo esse futuro atravez de uma fabula.

—Ou esquece-nos, disse d'Artagnan.

—Oh! exclamou Porthos.

—Ora essa! nunca se viu, amigo Porthos? E parcce-me que fizemos outr'ora á rainha Anna d'Austria um serviço que não cedia muito a este que queremos fazer hoje a Carlos I, o que não obstou a que a rainha Anna d'Austria nos esquecesse pelo espaço de perto de vinte annos.

—E, apesar d'isso d'Artagnan, disse Athos, está triste de lhe ter feito esse serviço?

—Não, disse d'Artagnan, e confesso mesmo que nos meus momentos de mau humor, acho uma grande consolação em me recordar d'isso.

—Bem vê, d'Artagnan, que os principes são ingratos muitas vezes, mas que Deus não o é.

—Athos, disse d'Artagnan, parece-me que se encontrasse o diabo no caminho, seria capaz de o levar para o ceu.

—Então? disse Athos estendendo a mão para d'Artagnan.

—Então, está dito, acho a Inglaterra um paiz encantador, e fico mas com uma condição.

—Qual?

—E' que, por coisa nenhuma d'este mundo me obrigarão a aprender o inglez.

—N'esse caso! disse Athos, juro-lhe, meu amigo, por esse Deus que nos ouve, pelo meu nome que julgo sem mancha, que acredito que ha um poder que véla sobre nós, e tenho a esperança que havemos de voltar todos quatro para França.

—Vá lá, disse d'Artagnan; mas a minha convicção é inteiramente contraria.

—Este caro d'Artagnan, disse Aramis, representa no meio de nós a opposição dos parlamentos, que dizem sempre não, e fazem sempre sim.

—E' verdade, mas que, todavia, salvam a patria, disse Athos.

—Muito bem! agora que tudo está delineado, disse Porthos esfregando as mãos, os pensassemos em jantar!... parece-me que, nas situações as mais criticas da nossa vida, nunca deixámos de comer.

—Ah! sim, falla de jantar n'um excommungado paiz onde a melhor e unica iguaria é capado cozido em agua, e a bebida cerveja! Como diabo viemos para um tal paiz, Athos? Ah! perdão, accrescentou elle sorrindo, esquecia-me que não é Athos. Mas não importa, vejamos o seu plano ácerca do jantar, Porthos.

—O meu plano!

—Sim, tem algum plano?

—Não, tenho fome, sómente.

—Ora essa! se é só isso, tambem eu a tenho; mas não basta ter fome, é mister achar que comer, e, salvo se nos deitarmos á erva, como fazem os cavallos...

—E aquellas pernas de carneiro das marinhas! exclamou Porthos lambendo os beiços.

—Mas, disse d'Artagnan, não temos nós aqui o nosso amigo Mousqueton, que o sustentava tambem em Chantilly, Porthos?

—E' verdade, disse Porthos. temos Mousqueton, mas depois que é intendente, tem-se feito muito estupido; não importa, chamemol-o sempre.

—Oh! Mousqueton?

Mousqueton appareceu; vinha com uma cara de piedade.

—Que tem, meu caro senhor Mousqueton? disse d'Artagnan, está doente?

—Senhor, o que tenho é muita fome.

—Bom! é exactamente para isso que nós o chamamos, meu caro senhor Mousqueton. Não poderia arranjar-nos alguns d'aquelles gentis coelhos e algumas d'aquellas bonitas perdizes de que fazia fricassé e guizados na estalagem de... a fallar a verdade, não me lembra o nome da estalagem?

—Na estalagem de... disse Porthos. A' fé que tambem me não lembra.

—Não tem duvida; e algumas d'aquellas garrafas de vinho de Borgonha, que apanhava ao laço, e com que tão depressa curou seu amo da sua contusão?

—Ai! senhor, disse Mousqueton, receio bem que tudo o que me pede não seja mui raro n'este horrivel paiz, e parece-me que fariamos melhor em ir pedir hospitalidade ao dono de uma pequena casa que se devisa d'aqui.

—Que! Ha perto uma casa, perguntou d'Artagnan.

—Sim, senhor, respendeu Mousqueton.

—Então, meu amigo, vamos pedir hospitalidade ao dono d'essa casa. Senhores que dizem do conselho do senhor Mousqueton, não lhes parece cheio de senso?

—Mas, disse Aramis, se elle é puritano?

—Melhor, tanto melhor! disse d'Artagnan, se é puritano, contamos-lhe a prisão do rei, e em honra d'essa noticia, dá-nos das suas gallinhas brancas.

—Mas se é cavalleiro? disse Porthos.

—N'esse caso, revestimo-nos de um ar triste, e depenamos-lhe as suas galinhas pretas.

—Muito feliz é, disse Athos; tudo vê a rir.

—Que quer, disse d'Artagnan, sou de um paiz onde não ha uma nuvem no ceu.

—Não é como este, disse Porthos estendendo a mão como para se certificar se uma frialdade que tinha sentido era realmente produzida por uma gotta de chuva.

—Então razão mais forte para nos pôrmos a caminho... Oh lá, Grimaud!

Crimaud approximou-se.

—Viu alguma cousa, Grimaud?

—Nada.

—Estes imbecis, disse Porthos, nem mesmo nos perseguiram. Oh! se nós estivessemos no seu logar! Decididamente, disse Aramis, julgo que o filho não tem a força da mãe.

—Caro amigo, disse Athos, espere; nós apenas o deixamos ás duas horas; elle não sabe ainda para que lado nos dirigimos, ignora onde estamos. Diremos que é menos forte que sua mãe quando pozermos pé no solo da França, se d'aqui até lá não formos nem mortos nem envenenados.

—Mas entretanto vamos sempre comendo, disse Porthos.

—Vamos, disse Athos, porque, a fallar a verdade, tenho muita fome,

E os quatro amigos, guiados por Mousqueton, dirigiram-se para a pequena casa, tendo já quasi recuperado a sua permittiva negligencia, porque agora estavam todos quatro reunidos e de acordo, como Athos tinha dito.

XXVIII

Saude á magestade caida

A medida que se aproximavam da casa, os nossos fugitivos viam a terra remechida, como se um tropel consideravel de cavalleiros os tivesse percedido; estes signaes eram ainda mais visiveis diante da porta; é porque tinha feito alto junto a ella.

—A coisa não é escura, disse d'Artagnan, é porque o rei e a sua escolta passaram por aqui.

—Diabo! disse Porthos, n'esse caso hão de ter devorado tudo.

—Não é possivel! disse d'Artagnan, elles sempre haviam de deixar uma galinha.

E saltando a terra foi bater á porta; mas ninguem respondeu. Impurrou a porta, que não estava fechada, e viu então que o primeiro quarto estava vazio e deserto.

—Então? perguntou Porthos.

—Não vejo nem viva alma, disse d'Artagnan; ah! ha!

—Que é?

—Sangue.

A estas palavras os tres amigos apearam-se e entraram no primeiro quarto, mas d'Artagnan tinha já aberto a porta do segundo, e pela expressão do seu rosto, se via claramente que algum objecto extraordinario lhe feria a vista.

Os tres amigos aproximaram-se, e viram um homem, ainda joven, estendido por terra, e alagado n'um mar de sangue. Via-se que elle tinha pretendido subir para o seu leito, mas não se sentindo já com forças sufficientes, caira antes de lá chegar.

Athos foi o primeiro que se aproximou d'este desgraçado, parecia-lhe ter visto que elle fizera um movimento.

—Então? perguntou d'Artagnan.

—Digo que se está já morto, não é ha muito, porque ainda está quente. Mas não, o seu coração bate! oh lá! men amigo!

O ferido soltou um gemido; d'Artagnan encheu as mãos de agua, e atirou-lhe com ella á cara.

O homem abriu os olhos, fez um movimento para levantar a cabeça e tornou a cair.

Athos tentou fazer-lhe postar a cabeça sobre o seu joelho, mas viu que a ferida era um pouco acima e que lhe abrira o craneo; o sangue saia d'ella a jorros.

Aramis molhou um panno n'agua e applicou-o sobre a ferida: a frescura fez com que o ferido tornasse a si; pela segunda vez abriu os olhos.

Fixou com admiração estes homens que pareciam ter d'elle compaixão, e que, com todos os meios que tinham ao seu alcance, se esforçaram por lhe prestar soccorros.

—Está com amigos, disse Athos em inglez; tranquillise-se pois, e, se ainda poder, conte-nos tudo o que succedeu.

—O rei murmurou o ferido, o rei está preso.

—Viu-o? perguntou Athos na mesmo lingua.

O homem não respondeu.

—Já lhe disse que confie em nós, tornou Athos, nós somos fieis servidores de sua magestade.

—Será verdade o que me diz? perguntou o ferido.

—Palavra de cavalleiros.

—Então posso fallar-lhe.

—Falle.

—Eu sou o irmão de Parry, camarista de sua magestade.

Athos e Aramis recordaram-se então que era este o nome com que de Winter chamava o criado que elles tinham encontrado na tenda real.

—Bem conhecemos, disse Athos; nunca desamparava o rei.

—E' verdade, disse o ferido; ao ver o rei preso, pensou em mim; quando passava defronte da minha casa, pediu em nome do rei para aqui fazerem alto. Foi-lhe concedido. El-rei, dizia-se, tinha fome, e por isso fizeram-n'o entrar no quarto, em que estou, para comer alguma coisa, e a cada porta e janella collocaram sentinellas. Parry conhecia este quarto, porque muitas vezes, durante a estada de el-rei em Newcastle, me tinha vindo visitar. Sabia que n'este quarto havia um alçapão, que abria para a adega, e que d'esta se podia ir para o pomar. Fez-me um signal, que eu comprehendi, mas que sem duvida foi interceptado pelos guardas do rei, e os fez desconfiar. Ignorando que se suspeitava de alguma coisa, não tive senão um desejo o de salvar sua magestade. Fingi portanto sair para ir buscar lenha, julgando que não havia tempo a perder. Entrei na passagem subterranea, que communicava com a adega: levantei o alçapão com a minha cabeça, e, em quanto Parry corria silenciosamente o ferrolho da porta; fiz signal ao rei que me seguisse. Mas que! elle não queria, dir-se-ia que esta fuga lhe repugnava; mas Parry supplicou-lhe com as mãos postas, e eu pela minha parte implorei-o tambem para não perder uma tal occasião. Por fim decidiu-se a seguir-me immediatamente. Por felicidade, eu ia na frente, o rei seguia-me a alguns passos

atraz, quando de repente vejo levantar-se no subterraneo uma grande sombra; gritar para advertir o rei, mas já não tive tempo. Senti uma pancada na cabeça, como se a casa desabasse sobre ella, e cai desmaiado.

—Bom e leal inglez! fiel servidor! disse Athos.

—Quando voltei a mim, estava ainda no mesmo logar. Arrastei-me a custo até ao pateo. El-rei e sua escolta tinham partido. Levei pouco mais ou menos uma hora para me arrastar do pateo até aqui; mas as forças faltaram-me, e pela segund avez perdi os sentidos.

—E agora como se sente?

—Bem mal, disse o ferido.

—Podemos nós ser-lhe prestaveis para alguma coisa? perguntou Athos.

—Ajude-me a metter na cama; isto parece-me que me dará algum allivio.

—Tem alguem que lhe preste soccorros?

—Minha mulher está em Durham; e de um momento para o outro deve chegar. Mas não necessita de nada?

—Nós tinhamos vindo com a intenção de lhe pedir de comer.

—Ai! elles levaram tudo, nem um boccado de pão deixaram.

—Ouve, d'Artagnan? disse Athos, é-nos mister procurar comida a outra parte.

—Para mim agora é indifferente, disse d'Atagnan; já não sinto fome.

—A' fé que tambem já a não tenho, disse Porthos.

E transportaram o homem para a sua cama. Chamaram Grimaud, que lhe pençou a ferida. Grimaud, ao serviço dos quatro amigos, tantas occasiões tivera de tratar de feridas, que tinha aprendido certos principios de cirurgia.

Em quanto Grimaud tratava do ferido, os fugitivos tinham tornado para o primeiro quarto, e deliberavam a resolução que deviam tomar.

—Agora, disse Aramis, sabemos já o que devemos fazer; foi effectivamente o rei e a sua escolta, que por aqui passaram; é preciso portanto tomar o lado opposto. E' d'este parecer, Athos?

Athos não respondeu, reflectia.

—Sim, disse Porthos, vamos pelo lado opposto. Se seguir-mos a escolta, acharemos sempre tudo comido, e viremos a morrer de fome; que maldicto paiz que é a Inglaterra! é a primeira vez que deixo de jantar. O jantar é o meu manjar.

—Que pensa, d'Artagnan? disse Athos, é do parecer de Aramis?

—Não, disse d'Artagnan, sou inteiramente do parecer contrario.

—Que! quer seguir a escolta?! disse Porthos aterrado.

—Não, mas fazer a jornada com ella.

Os olhos de Athos fulguraram de alegria.

—Fazer a jornada com ella! exclamou Aramis.

—Deixe fallar d'Artagnan, bem sabe que é homem de bons conselhos, disse Athos.

—Certamente, disse d'Artagnan, é preciso que nós vamos pelo sitio onde nos não procurarão. Ora, decerto nos não irão procurar entre os puritanos, pois então vamos pelo meio dos puritanos.

—Bem, amigo; bem, excellente conselho, disse Athos, eu ia a dal-o quando me antecipou.

—Então é tambem o seu parecer? perguntou Aramis.

—Sim. Hão de acreditar, que nós havemos de querer deixar a Inglaterra, e por isso ir-nos-hão procurar aos portos de mar; n'este meio tempo entramos em Londres de certo nos não acharão, porque n'uma cidade de um milhão de habitantes não é difficil occultar-m'o-nos; sem contar, disse Athos lançando uma vista de olhos a Aramis, as fortunas que nos offerece esta viagem.

—Sim, disse Aramis.

—Comprehendo, disse Porthos, mas não importa já que é o parecer de d'Artagnan e Athos, deve ser o melhor.

—Mas não parecemos suspeitos ao coronel Harrisson?

—E' justamente com esse mesmo que eu conto, disse d'Artagnan; o coronel Harrisson é dos nossos amigos; duas vezes o vimos em casa do general Cromwell, sabe que fomos enviados pelo sôr Mazarino: ter-nos-ha como irmãos. Demais, não é verdade ser elle filho de um carniceiro? Então!

Porthos mostrar-lhe-ha como se mata um boi com um sôco, e eu como deito a terra um toiro agarrando-o pelos paus, isto captivará a sua confiança.

Athos sorriu-se.

—E' o melhor companheiro que eu conheço, d'Artagnan, disse elle estendendo-lhe a mão, e eu sou muito feliz em o ter encontrado outra vez, meu caro filho.

Era, como já se sabe, este o nome que Athos dava a d'Artagnan, quando estava com mais ternura.

N'este, momento Grimaud saiu do quarto. O ferido estava pensado e achava-se melhor.

Os quatro amigos despediram-se d'elle, e perguntaram-lhe se não tinha commissão nenhuma que os encarregasse para com seu irmão.

—Diga-lhe, respondeu elle, que faça saber a el-rei, que elles me mataram de todo; por insignificante que eu seja, estou certo que sua magestade ha de sentir alguma pena, e lastimar a minha sorte.

—Fique descançado, disse d'Artagnan; antes da noite de hoje o saberá.

Os quatro amigos pozeram-se a caminho, não tinham que errar; pela estrada que pretendiam seguir viam-se visivelmente os signaes de que por alli tinha passado uma numerosa tropa.

Depois de terem marchado silenciosamente pelo espaço de duas horas, d'Artagnan que ia na frente, parou de repente ao voltar de um caminho.

—Ah! ah! disse elle, eis a nossa gente.

Defeito uma força consideravel de cavalleiros apparecia a meia legua do logar onde estavam, pouco mais ou menos.

—Meus caros amigos, disse d'Artagnan, entreguem as suas espadas ao senhor Mousqueton, que lh'as restituirá em tempo opportuno, e não se esqueçam que são nossos prisioneiros.

Depois metteram os cavallos a trote, e bem depressa encontraram a escolta.

O rei ia na frente, cercado de uma parte do regimento do coronel Harrison; caminhava impassivel, e com um semblante agradavel.

Ao vêr Athos e Aramis, a quem não lhe tinham dado tempo de dizer se quer adeus, e lendo nos olhos dos dois cavalleiros, que ao pé de si ainda tinha amigos; não obstante julgal-os presos, ás faces pallidas do rei subiu uma vermelhidão resultante do praser que sentiu.

D'Artagnan ganhou a frente da columna, e deixando os seus dois amigos debaixo da guarda de Porthos, foi direito a Harrisson, que effectivamente reconheceu pelo ter visto em casa de Cromwell, e que o acolheu com a politica e cortezia que um homem da sua condição e caracter podia acolher qualquer.

Succedeu exactamente o que d'Artagnan tinha previsto: o coronel não tinha, nem podia ter suspeita singular.

Fez-se alto: era aqui que o rei devia jantar; mas d'esta vez tomaram precaações para que o rei não podesse evadir-se.

Na grande sala da estalagem collocaram-se duas mesas, uma pequena para o rei, e uma muito grande para a officialidade.

—Quer jantar comigo? perguntou Harrison a d'Artagnan.

—Diabo! disse d'Artagnan, isso seria para mim um grande prazer, mas vem comigo o meu companheiro, o senhor du Vallon, e os meus dois prisioneiros, a quem não posso deixar, e que viriam entristecer a sua mesa. Mas façamos uma coisa, que me parece melhor; mande pôr ahi uma mesa a um canto, e envie-lhe o que lhe parecer bom na sua, porque aliás estamos bem arriscados a morrer de fome. Assim jantaremos sempre de companhia, porque jantamos no mesmo quarto.

—Seja assim, disse Harrisson.

A coisa foi feita como d'Artagnan desejava, e quando voltou para junto do coronel, achou o rei já sentado á sua pequena mesa, e servido por Parry. Harrison e os seus officiaes estavam todos á mesa, e n'um canto viam-se os logares reservados para elle e seus amigos.

A mesa a que estavam sentados os officiaes era redonda, e, ou fosse por acaso, ou por uma grosseira intenção, Harrisson estava de costas voltadas para o rei. Este viu en-

trar os quatro cavalleiros, mas não pareceu dar-lhe attenção.

Os quatro amigos foram assentar-se á mesa que lhe estava reservada, e sentaram-se de maneira que não estivessem com as costas voltadas para ninguem. Na frente d'elles tinham a mesa dos officiaes e do rei.

Harrison, para honrar os seus hospedes, envia-lhes os melhores pratos da sua mesa. Só não havia vinho para infelicidade dos quatro amigos. Isto parecia inteiramente indifferente a Athos, mas d'Artagnan, Porthos e Aramis faziam horriveis caretas quando tinham de beber cerveja, a bebida puritana.

—A' fé, coronel, disse d'Artagnan, nós lhe estamos muitissimo agradecidos pelo gracioso convite, porque senão fosse o coronel, estavamos arriscados a ficar sem jantar, assim como ficámos sem almoço ; e aqui está o meu amigo, o senhor du Vallon, que partilha o meu reconhecimento, porque tinha muita fome.

—E ainda tenho muita, disse Porthos saudando o coronel Harrisson.

—E como lhe succedeu ficar sem almoço? perguntou o coronel rindo.

—Por uma razão bem simples, coronel, disse d'Artagnan. Eu tinha pressa em os encontrar, e, para conseguir isto, tinha tomado o mesmo caminho que o coronel, asneira em que não deveria cair um velho furriel como eu, que deve saber, que por onde passa um bom e bravo regimento como o seu, nada fica que os mais comam. Imagine pois qual seria o nosso desapontamento, quando ao chegar a uma linda casa, situada junto a um bosque, e, que, de longe, com o seu telhado vermelho, e contra-ventos verdes, tinha um certo ar de festa, que só de a vêr causava gosto, e em logar de alli acharmos alguma gallinha, para que já ia-mos affiando os dentes, não vimos mais que um pobre diabo banhado... Ah ! c'os diabos! faça, coronel, os meus cumprimentos ao seu official que deu aquelle golpe que tão bem dado foi, que ao meu amigo, o senhor du Vallon que os dá cavalleirosamente, lhe causou admiração.

—Sim, disse Harrison, rindo e olhando para um official,

que estava sentado á mesa, quando Groslow se encarrega d'esse trabalho, não é preciso outro.

—Ah ! foi o senhor, disse d'Artagnan saudando o official, sinto muito que não falle francez, para lhe fazer os meus cumprimentos.

—Estou prompto para os receber, e retribuir, senhor, disse o official em bom francez, porque habitei tres annos em Paris.

—Pois então, senhor, apresso-me em dizer-lhe, que o golpe foi tão bem applicado, que por um triz que não atirou com o homem para a outra vida.

—Eu julgava têl-o morto de todo, disse Groslow.

—Não. Pouco lhe faltou, é verdade mas não está morto.

E, ao dizer estas palavras, d'Artagnan lançou uma vista sobre Parry, que se conservava de pé defronte do rei, pallido, como que para lhe indicar que esta noticia, era por seu respeito.

O rei tinha ouvido toda esta conversação com o coração opprimido por uma indizivel angustia, porque não sabia o fim do official francez, e estes detalhes crueis, cubertos com uma apparencia de desleixo, torturaram-n'o.

Porém ás ultimas palavras que pronunciou, Carlos respirou com mais liberdade.

—Diabo ! disse Groslow, eu julgava ter tido melhor resultado. Se não fosse tão longe d'aqui á casa d'aquelle miseravel, eu voltaria lá para o acabar de todo.

—E não faria mal, se receia que elle volte, disse d'Artagnan, porque bem sabe que as feridas na cabeça, não matam logo depois da pancada, no fim de oito dias estão curadas.

E d'Artagnan lançou uma segunda vista sobre Parry, em cujo rosto se deslisou uma tal expressão de alegria que Carlos estendeu a mão sorrindo.

Parry inclinou-se para a mão de seu amo, e beijou-a respeitosamente.

—Na verdade, d'Artagnan, disse Athos em voz baixa, é um homem de palavra e de espirito. Mas que diz do rei ?

—A sua physionomia agrada-me, disse d'Artagnan ; tem o rosto nobre e bom ao mesmo tempo.

—Mas deixa-se prender, disse Porthos, é um tolo.

—Eu tenho bastantes desejos de beber á saude do rei, disse Athos.

—Então deixe-me fazer a saude, disse d'Artagnan.

—Pois sim, disse Aramis.

D'Artagnan pegou no seu copo de estanho, encheu-o, e levantou-se.

—Senhores, disse elle para os seus companheiros, se é da sua vontade, bebâmos á saude d'aquelle que preside ao festim. Do nosso coronel, e que elle saiba que estamos ao seu serviço até Londres, e ainda d'ahi por diante,

E como, ao dizer estas palavras, d'Artagnan olhasse para Harrisson, este julgou que o brinde era em sua honra, levantou e saudou os quatro amigos, que com os olhos fixos no rei Carlos, beberam juntos em quanto Harrisson, pela sua parte, despejava o seu copo sem desconfiança alguma.

Carlos apresentou tambem o seu copo a Parry, que deitou n'elle algumas gottas de cerveja, porque Carlos estava debaixo do regimen de todos, levando-o aos labios, olhando tambem para os quatro cavalleiros, bebeu com um sorriso cheio de nobresa e reconhecimento.

—Vamos, senhor, exclamou Harrisson pousando o seu copo, e sem attenção alguma para com o illustre preso que conduzia, a caminho!

—Onde vamos dormir, coronol?

—Em Tirsk, respondeu Harrisson.

—Parry, disse o rei levantando-se e olhando para o seu escudeiro, o meu cavallo. Quero ir para Tirsk.

—Bofé, disse d'Artagnan a Athos, o seu rei seduziu-me, estou de todo ao seu serviço.

—Se o que diz é sincero, respondeu Athos, elle não chegará a Londres.

—Como assim?

—Porque antes de lá chegar te-lo-hemos libertado.

—Ah! d'esta vez, Athos, disse d'Artagnan, dou-lhe a minha palavra de honra, que é um louco.

—Tem algum plano traçado? perguntou Aramis.

—Oh! se houver um bom plano, a coisa não é de todo impossivel.

—Não tenho, disse Athos, mas d'Artagnan imaginará um.

D'Artagnan encolheu os hombros e metteu-se a caminho.

XXIX

d'Artagnan concebe um plano

Athos conhecia d'Artagnan, melhor talvez que d'Artagnan se conhecia a si mesmo. Sabia que. n'um espirito aventureiro como era o do gascão, só basta deixar cair um pensamento, como em uma terra rica e fertil basta deixar cair uma semente. Tinha pois deixado tranquillamente o seu amigo encolher os hombros, e continuou seu caminho fallando-lhe de Raul; conversação esta que elle tinha, se nos recordamos, despresado em outra occasião.

Era noite cerrada quando se entrou em Tirsk. Os quatro amigos pareciam completamente estranhos e indifferentes ás medidas de precaução que se tomavam para não deixar escapar o rei. Retiraram-se para uma casa particular, e como tinham a temer por si mesmos de um momento para outro, ficaram todos n'um só quarto, deliberando o que fariam em caso de um attaque. Os lacaios foram destribuidos para differentes postos: Grimaud dormiu sobre um feixe de palha ao travez da porta.

D'Artagnan estava pensativo, e parecia ter perdido a sua locacidade ordinaria. Não pronunciava nem uma palavra, assobiando sem cessar, e indo do seu leito para a varanda. Porthos que só via as coisas que lhe davam na vista, fallava como de costume. D'Artagnan respondia por monossilabos; Athos e Aramis olhavam-se sorrindo.

O dia tinha sido de bastante fadiga, e todavia á excepção de Porthos, cujo somno era tão inflexivel como o apetite, os amigos dormiram mal.

No dia seguinte, ao despontar da aurora, d'Artagnan levantou-se, e foi o primeiro. Desceu ás cavallariças, visitou os cavallos, deu todas as ordens necessarias para o dia, e ainda Athos e Aramis não estavam levantados; Porthos continuava a roncar.

A's oito horas da manhã continuaram a marcha na mesma ordem da vespera. Só d'Artagnan deixou os seus amigos, e foi renovar com Groslow o conhecimento intabolado na vespera. Este, a quem os seus elogios tinham captivado a amisade, recebeu-o com um gracioso sorriso.

—Realmente, senhor, lhe disse d'Artagnan, sou bem feliz em encontrar alguem que falle a minha pobre lingua. O senhor du Vallon é de caracter muito taciturno, de sorte que ninguem lhe póde arrancar do buxo quatro palavras por dia, em quanto aos nossos prisioneiros bem deve suspeitar que hão de estar pouco em estado de travar conversa.

—São realistas afferrados, disse Groslow,

—Rasão de mais para que nos odeiem por lhe termos prendido o Stuart a quem vae instaurar um bello e bom processo.

—Não ha duvida! Para isso o conduzimos a Londres.

—E presumo que não o perderá de vista?

—Ora essa? não vê, accrescentou o official rindo, como leva uma escolta verdadeiramente real?

—Sim: de dia não ha perigo que elle lhe escape; mas de noite...

—De noite, redobram as precauções.

—E como emprega a sua vigilancia?

—Oito homens ficam constantemente no seu quarto.

—Diabo! exclamou d'Artagnan, está bem guardado. Mas além d'esses oito homens colloca sem duvida algum homem de fóra? Com tal preso todas as precauções são poucas.

—Oh! não; e para que?! que queria que fizessem dois homens inermes contra oito armados?

—Que, dois homens?

—Sim o rei e o seu camarista.

—Então sempre concederam ao seu camarista que o não deixasse?

—Sim, Stuart pediu que se lhe concedesse essa graça, e

o coronel Harrisson concedeu-lh'a. Sob pretexto que é rei, parece que não póde vestir-se nem despir-se sósinho.

—Na verdade, capitão disse d'Artagnan decidido a continuar para com o official o mesmo systema de louvores, que tambem lhe aproveitara, quanto mais o ouço, mais me espanto da facilidade e modo corrente com que pronuncia o francez. Habitou tres annos em Paris, muito bem; mas eu habitarei toda a minha vida em Londres, e estou certo que nunca chegarei a pronunciar tambem o inglez como o senhor pronuncia o francez. Que faz então em Paris?

—Meu pae, que é um negociante tinha-me mandado para casa de um seu correspondente, o qual pela sua parte mandára tambem seu filho para casa de meu pae. Estas trocas são muito usadas entre negociantes.

—E agradou-lhe Paris?

—Agradou, é verdade. Mas tem precisão de uma revolução como a nossa; não contra o seu rei, que é uma creança ainda, mas contra aquelle velhaco italiano, que é o amante da sua rainha.

—Ah! tambem eu sou do seu parecer, senhor! e isso não se demoraria muito a pôr em pratica se tivessemos sómente doze officiaes, mas que fossem como o senhor, sem prejuisos, vigilantes e intractaveis! Ah! Bem depressa dariamos cabo de Mazarino, e nós lhe instaurariamos um bom processo como vae fazer ao rei.

—Mas, disse o official, parece-me que estava ao serviço e que era elle que lhe tinha enviado ao general Oliveiro Cromwell.

—Eu estou ao serviço do rei, e como soube que elle devia enviar alguem a Inglaterra, sollicitei essa missão pelo grande desejo que eu tinha de vêr o grande homem que presentemente dirige os tres reinos. E por isso, quando elle nos propôz, a mim e ao senhor du Vallon, de desembainhar a espada em honra da velha Inglaterra, viu como nós exultámos com a proposta.

—Sim, eu sei como bateu ao lado do senhor Mordaunt.

—A' sua direita e á sua esquerda. Que bravo e excellente mancebo, senhor! Como elle deu cabo do tio! viu?

—Conhecial-o? perguntou o official.

—Muito; posso até dizer que somos muito ligados; o senhor du Vallon e eu viemos com elle de França.

—Parece mesmo que o fez esperar muito tempo na Bolonha.

—Não houve remedio! disse d'Artagnan, eu estava como o senhor de guarda a um rei.

—Ah! ah! e qual rei?

—O nosso, pois qual? o pequeno King, Luiz o decimo quarto.

E d'Artagnan tirou o seu chapeu O inglez fez o mesmo por politica.

—E quanto tempo lhe esteve de guarda?

—Tres noites, e, a fallar a verdade, sempre me recordarei com gosto d'essas tres noites.

—Então o joven rei é muito amavel?

—O rei! dormia a bom dormir.

—Mas que quer dizer com isso?

—Quero dizer que os meus amigos, os officiaes tanto dos guardas, como dos mosqueteiros vinham fazer-me companhia, e que passavamos as noites a beber e a jogar.

—Ah! sim, disse o inglez suspirando, os francezes, são uns alegres companheiros.

—Não joga tambem quando está de guarda?

—Nunca, disse o inglez.

—N'esse caso deve aborrecer-lhe bastante, e muito o lastimo.

—O facto é que eu vou vendo aproximar-se a minha vez com certo terror. E' muito, uma noite inteira de vigilia.

—Sim, quando se vela só, ou com soldados estupidos: mas quando se passa com alegre parceiro, com os dados a rolar sobre a mesa e o ouro aos montões, a noite é um sonho. Não é apaixonado pelo jogo?

—Pelo contrario!

—O lasquenet, por exemplo?

—Sou doido por elle; quasi todas as noites o jogava em França.

—E depois que está em Inglaterra?

—Nem sequer tenho um copo de dados, e muito menos uma carta.

—Tenho dó do senhor, disse d'Artagnan com um ar de profunda compaixão.

—Escute, disse o inglez, faça uma coisa.

—Qual?

—Amanhã estou de guarda.

—Ao Stuart?

—Sim. Venha passar a noite comigo.

—Impossivel.

—Impossivel?

—Impossivel dos impossiveis.

—Como assim?

—Todas as noites jogo com o senhor du Vallon. Até algumas vezes não nos deitamos... por exemplo, hoje, já era dia e nós ainda afferrados.

—Mas?

—Mas enjoar-se-ia de véras se não jogasse a sua partida.

—E' bom jogador?

—Tenho-o visto perder até duas mil pistolas e sempre a rir-se.

—Então traga-o comvosco.

—Como, quer que o leve? e os nossos prisioneiros?

—Ah! diabo! é verdade. Mas mande-os guardar pelos seus criados.

—Sim, para que elles se mirrem! disse d'Artagnan.

—Então são homens de alto nascimento, para que tenha tanto cuidado com elles?

—Um é um rico senhor da Turenna, o outro é um cavalleiro de Malta de distincta casa. Temos já tractado do seu resgate, duas mil libras sterlinas apenas posermos pé em França. Por esta razão não os queremos deixar sós nem um instante com os nossos lacaios, que sabem que elles são millionarios. Revistamol-os bem quando os agarramos, e até mesmo lhe confessso que é a sua bolsa, que eu e o senhor du Vallon jogamos todas as noites; mas elles podem-nos ter occultado alguma pedra preciosa, algum diamante de valor, de maneira que somos como uns avaros que nunca perdemos de vista o nosso thesouro; constituimo-nos guardas permanentes dos nossos homens, e quando durmo véla o senhor du Vallon.

—Ah! ah! exclamou Groslow.

—Comprehende agora as rasões que me levam a recusar o seu convite, sem que todavia eu deixe de ficar mais sensivel, porque nada julgo mais enfadonho que jogar sempre com o mesmo parceiro; um dia ganha um, outro dia o outro, de maneira que ao cabo de um mez estamos na mesma.

—Ah! exclamou Groslow, porém ainda é mais enfadonho que isso o não jogar.

—Estou por essa, disse d'Artagnan.

—Mas, tornou o inglez, os seus homens são perigosos?

—A que respeito?

—Serão elles capazes de fazer alguma tentativa.

—D'Artagnan soltou uma gargalhada.

—Oh meu Deus! exclamou elle, um d'elles tem sezões, por não poder dar-se no risonho paiz que habita; o outro é um cavalleiro de Malta, timido como uma donzella; e para maior segurança tirá-mos-lhe até os canivetes e tesouras da algibeira.

—Então, disse Groslow, traga-os comvosco.

—Que quer!

—Sim, eu tenho oito homens.

—E então?

—Quatro guardal-os-hão, e os outros quatro o rei.

—Bem, disse d'Artagnan, d'essa maneira a coisa póde arranjar-se, apesar de que é um grande incommodo que vou dar-lhe.

—Não ha tal; não deixe de vir; verá como eu arranjo o negocio.

—Oh! eu não me inquieto, disse d'Artagnan; a um homem como o senhor entrego-me aos olhos fechados.

—Mas, disse d'Artagnan, lembrou-me agora, que nos obsta a que comecemos já esta noite?

—O que!

—A nossa partida.

—Nada absolutamente.

—Então venha esta noite para nossa casa, e ámanhã iremos pagar-lhe a sua visita. Se o inquietarem os nossos homens, que como sabe são realistas afferrados, isso não vale nada, e sempre será uma alegre noite.

—A's mil maravilhas! Esta noite em sua casa, ámanhã na de Stuart, e depois de ámanhã na minha.

—E os outros dias em Londres. Oh! c'os diabos! disse d'Artagnan, bem vê que se póde passar uma alegre vida seja onde fôr.

—Sim, quando se topam francezes, e francezes como o senhor, disse Groslow.

—E como o senhor du Vallon; verá como elle é divertido! um frondista exaltado, um homem que por pouco que não esborrachou Mazarino entre duas portas; emprega-o por que se teme d'elle.

—Sim, disse Groslow, elle tem boa presença, e, apezar de o não conhecer gosto d'elle.

—Pois quando o conhecer, ainda será mais. Ah! é verdade. Perdão, nós somos de tal maneira unidos que não póde passar sem mim. Desculpa-me?

—Pois não.

—Até á noite.

—Em sua casa.

—Sim, em minha casa.

Os dois homens trocaram uma saudação, e d'Artagnan voltou para os seus companheiros.

—Que diabo estiveram dizendo áquuelle cão de fila? perguntou Porthos.

—Meu caro amigo, não falle assim do senhor Groslow, é um dos meus intimos amigos.

—Um dos seus intimos amigos, disse Porthos, o assassino dos paisanos.

—Schiu! meu caro Porthos. Não ha duvida, o senhor Groslow é um pouco vivo, é verdade, mas no fundo descobrilhe boas qualidades: é asno e orgulhoso,

Porthos arregalou *muito os seus olhos espantados*. Athos e Aramis olharam-se sorrindo: conheciam d'Artagnan, e sabiam que elle nada fazia sem ter um fim.

—Mas continuou d'Artagnan, o senhor mesmo o apreciará.

—Como assim?

—Eu lh'o apresentarei esta noite, vem jogar comnosco.

—Oh! oh! disse Porthos, cujos olhos brilharam ao ouvir esta palavra, e elle é rico?

—E' filho de um dos mais ricos negociantes de Londres.

—E sabe o lasquenet?

—Adora-o.

—A basseta?

—Muito mais.

—O biribi?

—E' perdido por elle.

—Bom! disse Porthos, passaremos uma agradavel noite.

—Tanto mais agradavel será o preludio de outra melhor.

—Que?

—Sim, hoje damos-lhe nós jogo; ámanhã n'ol-o dará elle.

—Onde?

—Eu lh'o direi. Agora só nos occupamos de uma coisa; é de acolher dignamente a honra que nos faz o senhor Groslow. Esta noite paramos em Derby; Mousqueton que vá adiante, e se não encontrar mais que uma garrafa de vinho em toda a cidade, que a compre. Haverá uma pequena ceia, em que não tomará parte, Athos, porque teme as sezões, e Aramis, porque é cavalleiro de Malta, a quem as conversas de soldados, assim como nós lhe desagradam, e lhe faz subir a côr ao rosto. Entende?

—Sim, disse Porthos, mas diabos me levem se eu comprehendo.

—Porthos, meu amigo, sabe que por meu pae descendo dos prophetas, e das sibyllas por minha mãe, que não fallo senão por parabolas e enygmas; que os que teem ouvidos ouvem, e os que teem olhos veem, por ora não posso dizer mais.

—Faça como lhe approuver, meu amigo, disse Athos, estou certo de que tudo quanto faz é bem feito.

—E o senhor Aramis é da mesma opinião?

—Sim, meu caro d'Artagnan.

—Bravo! disse d'Artagnan, estes é que são verdadeiros crentes; causa prazer em tentar milagres por elles; não é como o incredulo de Porthos, quer sempre vêr e apalpar para crêr.

—O facto é, disse Porthos, que eu sou muito incredulo,

D'Artagnan bateu-lhe no hombro, e como tivessem chegado á estação do almoço, a conversação parou aqui.

Pelas cinco horas da tarde, mandaram, como tinham ajustado, partir Mousqueton adiante, Mousqueton não fallava inglez, mas depois que estava na Inglaterra, tinha adoptado uma coisa, é que Grimaud, pelo costume da gesticulação, tinha supprido perfeitamente a palavra. Applicára-se portanto a estudar o gesto com Grimaud, e em algumas lições, graças á superioridade do mestre, tinha chegado a perder alguma coisa. Blaisois acompanhou-o.

Os quatro amigos, ao atravessarem Derby, divisaram Blaisois de pé, á porta de uma casa de boa apparencia ; era alli que devia ficar.

Em todo o dia não se tinham aproximado do rei, com receio de causar suspeitas, e em vez de jantarem á mesa do coronel Harisson, como tinha feito na vespera, jantaram sós.

A' hora ajustada, veiu Groslow. D'Artagnan recebeu-o como receberia um amigo de vinte annos. Porthos fez-lhe uma perfunda cortezia, e sorrio ao conhecer que, não obstante o notavel golpe que tinha dado em Parry, não era dotado de uma força egual á sua. Athos e Aramis fizeram o que poderam por occultar o desgosto que lhe inspirava esta natureza brutal e grosseira.

Emfim, Groslow pareceu contente da recepção.

Athos e Aramis desempenharam perfeitamente o seu papel. A' meia noite retiraram-se para o seu quarto, cuja porta, a pretexto de vigilancia, foi deixada aberta. D'Artagnan acompanhou-os deixando Porthos a jogar com Groslow.

Porthos ganhou cincoenta pistolas a Groslow, e disse quando elle se retirou que nuuca suspeitára que elle tivesse uma companhia tão agradavel.

Em quanto a Groslow jurou desforrar-se no dia seguinte com d'Artagnan da batida que soffrera com Porthos, e deixou o gascão recordando-lhe a entrevista da noite.

Dizemos da noite, porque os jogadores separaram-se ás quatro horas da manhã.

O dia passou-se como os mais : d'Artagnan ia do capitão Groslow para o coronel Harrisson, e do coronel Harrisson para seus amigos. Para quem não conhecesse d'Artagnan, jul-

gar-se-ia que estes eram os seus modos ordinarios; para os seus amigos, isto é para Athos e Aramis, a sua alegria era febril,

—Que machinará elle? perguntou Aramis.

—Veremos, dizia Athos.

Porthos nada dizia, só contava com um ar de satisfação que se lhe trahia no rosto as cincoenta pistolas que lhe teniam no bolso.

Apenas entraram Ryston, d'Artagnan veio ter com os seus amigos. Seu rosto tinha perdido o caracter de negligente contentamento, que como uma mascara, trouxera em todo o dia, Athos apertou a mão de Aramis.

—Aproxima-se o momento, disse elle.

—Sim, disse d'Artagnan que tinha ouvido estas palavras aproxima-se o momento: esta noite, senhores, salvamos o rei.

Athos estremeceu, seus olhos inflamaram-se.

—D'Artagnan, disse elle, duvidadando ainda; graceja, pois não? olhe que isso far-me-ia bem mal.

—E' coisa estranha, Athos, disse d'Artagnan, vêl-o assim duvidar de mim onde e quando me tem visto gracejar com o coração de um amigo e a vida de um rei? Disse-lhe e repito-lhe esta noite salvamos Carlos I. Confiou em mim que acharia um meio, o meio achou-se.

Porthos olhava para d'Artagnan com um sentimento de admiração profunda. Aramis sorria como um homem que espera. Athos estava pallido como um cadaver; todos os seus membros lhe tremiam.

—Falle, disse Athos.

Porthos arregalou os olhos, Aramis reclinou-se por assim dizer sobre os labios de d'Artagnan.

—Já sabe que estamos convidados a passar a noite em Groslow?

—Sim, disse Porthos, elle prometteu-nos de tirar disforra.

—Bem. Sabe onde lh'a havemos de ir dar.

—Não.

—A casa do rei.

—A casa do rei? exclamou Athos.

—Sim, senhores, a casa do rei. Groslow está de guarde esta noite a sua magestade, e, para se destrahir durante a noite, convida-nos a que lhe vamos fazer companhia.

—Sim, todos quatro? perguntou Athos.

—Sim, todos quatro! pois nós podemos deixar os nossos prioneiros!

—Ah! ah! exclamou Aramis.

—Continue, disse Athos palpitante.

—Vamos portanto para casa de Groslow, nós com as nossas espadas, e os senhores com os seus punhaes, ; e nós quatro apoderamo-nos dos oito imbecis, e de seu estupido commandante. Senhor Porthos, que diz a isto?

—Digo que é facil.

—Vestimos el-rei com os fatos de Groslow; Mousqueton Grimaud e Blaisois aguardam-nos com os cavallos sellados á volta da primeira rua, montamos n'elles, e antes de amanhecer estaremos a vinte leguas de distancia. Hein; é um bom plano, Athos?

Athos pousou as suas duas mãos sobre os hombros de d'Artagnan, e fixo-uo com o seu tranquillo e doce sorriso.

—Declaro, meu amigo, disse elle, que não ha creatura alguma na terra que o egual em nobreza e coragem; em quanto que nós o julgavamos indifferente ás nossas dores que sem crime podia deixar de partilhar, o senhor só de entre nos acha o que nós embalde procuravamos. Repito d'Artagnan, é o melhor de nós todos e abençôo-o e amo-o meu caro filho.

—E sem ter imaginado isto, disse Porthos batendo na testa, uma coisa tão simples.

—Mas, disse Aramis, se bem comprehendi, temos de matar tudo, não é verdade?

Athos estremeceu e tornou-se pallido.

—Co'os diabos! bradou d'Artagnan, assim é preciso. Batalhei por bastante tempo a ver se encontrava um outro meio, mas confesso que, por mais tratos que désse á mente, não me foi possivel achal-o.

—Vamos, disse Aramis, não se trata agora de vêr se e duro ou não o meio; como procederemos.

—Eu imaginei dois planos, disse d'Artagnan.

—Vejamos o primeiro.

—Se estamos todos quatro reunidos, ao meu signal. e e este signal será a palavra em fim, enterraes cada um, um punhal no coração do soldado que estiver mais proximo, nós pela nossa parte fazemos outro tanto; eis-aqui já quatro homens mortos; o jogo torna-se egual, pois que nos achamos quatro contra cinco; estes rendem-se, e n'este caso mettem-se-lhes mordaças na bôca, ou defendem-se e então matam-se; se por acaso o nosso amphitrião muda de parecer e não nos admitte se não a nós, isto é, a Porthos e a mim, então, é preciso empregar outros meios, e isto será um pouco mais longo e ruidoso, mas estarão da parte de fóra com as suas espadas e acudirão ao ruido.

—Mas se o ferirem? disse Athos.

—Impossivel! estes bebedores de cerveja são meito desasados; além de que Porthos, cortar-lhe-ha o pescoço; isto tambem mata depressa e não deixa gritar aquelles que morrem.

—Muito bem, disse Porthos, será um lindo degolamento.

—Horrivel! horrivel! disse Athos.

—Ora essa! senhor homem sensivel, de certo não seria assim n'uma batalha. Mas, amigo, continuou d'Artagnan, se acha que a vida de el-rei não valha isto, então, dou o dito por não dito, e vou previnir Groslow que estou doente.

—Não, disse Athos, disse mal e o senhor que tem razão, perdoe-me.

N'este momento abriu-se a porta e um soldado appareceu.

—O senhor capitão Groslow, disse elle em mau francez, manda prevenir aos senhores d'Artagnan e du Vallon que os espera.

—Onde? perguntou d'Artagnan.

No quarto do Nabuchodonosor inglez, respondeu o soldado, puritano acerrimo.

—Muito bem, respondeu Athos em excellente inglez, a quem a côr subira ao rosto ouvindo o insulto feito á magestade real, muito bem; diga ao capitão Groslow, que nós vamos já.

O puritano saiu ; deram ordem aos criados de sellar oito cavallos, e de os irem esperar, sem se separarem uns dos outros, e sempre a cavallo, no canto de uma rua a distancia pouco mais ou menos de vinte passos da casa onde estava el-rei.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDICE

	Pag.
I—Um jantar de outr'ora	3
II—A carta de Carlos I	13
III—A carta de Cromwell	19
IV—Mazarino e a rainha Henriqueta	26
V—Como os infelizes tomam algumas vezes o acaso pela Providencia	33
VI—O tio e o sobrinho	41
VII—Paternidade	45
VIII—Ainda uma rainha que pede soccorro	55
IX—Onde se prova que o primeiro impulso é sempre bom	67
X—O Te-Deum pela victoria de Lens	75
XI—Onde se prova que o primeiro impulso é sempre bom	91
XII—O mendigo de Santo Eustaquio	95
XIII—A torre de S. Jacques-la-Boucherie	106
XIV—O motim	11[illegible]
XV—O motim torna-se revolta	120
XVI—A desgraça traz a memoria	133
XVII—A entrevista	140
XVIII—A fuga	147
XIX—A carroagem do senhor coadjuctor	160
XX—Como d'Artagnan e Porthos, a vender palha, ganharam, um duzentos e dezenove, e outro duzentos e quatorze luizes	174
XXI—Noticias de Athos e Aramis	182
XXII—O escocez á fé desleal, vende seu rei por um real	193
XXIII—O vingador	202
XXIV—Oliveiro Cromwell	210
XXV—Os cavalleiros	215
XXVI—Jesus Senhor	221
XXVII—Onde se prova que nas posições as mais criticas os grandes corações não perdem nunca a coragem, nem os bons estomagos o appetite	228
XXVIII—Saude á magestade caida	235
XXIX—D'Artagnan concebe um plano	245

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Pag.
1.ª—O principe de Conti 4
2.ª—Diga a meu pae, que rei ou fugitivo 160

BIBLIOTHECA ALEXANDRE DUMAS

VINTE ANNOS DEPOIS

POR

M. ALEXANDRE DUMAS

(Traducção de Gastão da Fonseca)

VOL. III

ESCRIPTORIO DA EMPREZA
19 — RUA DO CARVALHO — 19
LISBOA

Typ. do *Diario Illustrado*, travessa da Boa Hora, 63, Lisboa

VINTE ANNOS DEPOIS

I

O lasquenote

De feito, eram nove horas da noite; os postos tinham sido collocados ás oito, havia portanto uma hora que tinha começado a guarda do capitão Groslow.

—D'Artagnan e Porthos, armados das suas espadas, e Athos e Aramis cada um com um punhal escondido no peito, dirigiram-se para a casa que esta noite servia de prisão a Carlos Stuart. Estes dois ultimos seguiram seus vencedores, humildes e desarmados na apparencia, como uns captivos.

—A' fé, disse Groslow, quasi que já não contava vel-os.

D'Artagnan aproximou-se e disse-lhe ao ouvido:

—Na verdade, eu e o senhor du Vallon hesitamos algum tempo.

—E porque?

D'Artagnan mostrou-lhe com o olho Athos e Aramis.

—Ah! ah! disse Groslow, por causa das opiniões? isso não tem duvida. Pelo contrario, accrescentou elle rindo-se elles desejam vêr o Stuart, vel-o-hão.

—Passamos a noite na camara do rei? perguntou d'Artagnan.



Vinte nnos depois 1.ª estampa, 3.º vol.

O DUQUE D'ELBEUF

—Não, mas na camara immediata ; e como a porta fica aberta, é exactamente como se ficassemos na mesma camara. Vem munido de dinheiro ? Hoje declaro que estou decidido a jogar forte.

—Ouve ? disse d'Artagnan fazendo soar o ouro nas suas algibeiras.

—Very Good ! disse Groslow, e abriu a porta da camara. E' para lhe mostrar o caminho, senhores, e entrou adiante.

D'Artagnan voltou-se para os seus amigos. Porthos estava indolente como se fosse um jogo ordinario ; Athos estava pallido mas resoluto : Aramis limpava com um lenço a sua fronte salpicada de um ligeiro suor.

Os oito guardas estavam no seu posto; quatro estavam na camara do rei, dois na porta de communicação, e dois na porta porque entraram os quatro. A' vista das espadas nuas, Athos sorriu-se ; não era então uma mortandade tão facil, mas sim um combate.

Desde então pareceu readquirir o seu bom humor.

Carlos, que se via atravez da porta aberta, estava no seu leito todo vestido, e apenas com uma coberta de lã sobre o corpo. A' sua cabeceira estava sentado Parry lendo um capitulo da Biblia em voz baixa, mas sufficiente para que Carlos, que o escutava com os olhos fechados, o ouvisse.

Um candelabro de sebo grosseiro, posto sobre uma mesa, allumiava o rosto resignado do rei, e o semblante muito menos tranquillo do seu servo.

De vez em quando Parry interompia-se julgando que o rei dormia deveras, mas o rei abria então os olhos e dizia-lhe sorrindo :

—Continua, meu bom Parry, eu escuto.

Groslow avançou para a porta da camara do rei, poz com affectação o chapeu que tirara para receber os seus hospedes, contemplou um instante com desp-eso este quadro simples e tocante de um velho servidor lendo na Biblia ao seu rei preso; certificou-se que cada um homem estava no posto que elle lhe tinha designado, e, voltando-se para d'Artagnan, olhou triumphantemente para o official francez como para lhe pedir um elogio sobre a sua tatica.

—A's mil maravilhas, disse o Gascão. Apre! inda ha de ser um general algum tanto distincto.

—E julga, perguntou Groslow que será quando eu lhe estiver de guarda que Stuart se poderá evadir.

—De certo que não, respondeu d'Artagnan; a não lhe choverem amigos do ceu.

O semblante de Groslow serenou-se.

Como Carlos durante toda esta scena tinha conservado os olhos fechados, não se póde saber se se apercebeu ou não da insolencia do capitão puritano. Mas mau grado seu, apenas ouviu o timbre acentuado da voz de d'Artagnan, as suas palpebras se abriram.

Parry pela sua parte estremeceu e interrompeu a leitura.

—Para que te interrompes? disse o rei, continua meu bom Parry, salvo se estás cançado.

—Não, senhor, disse o camarista.

E proseguiu na sua leitura.

Na primeira camara estava preparada uma mesa, coberta com um tapete; sobre ella dois castiçaes, cartas, dados, e copos.

—Senhores, disse Groslow tenha a bondade de sentar-se: eu, na frente do Stuart, porque gosto de o vêr, principalmente onde elle está; nós, senhor d'Artagnan, na minha frente.

Athos fez-se vermelho de colera, d'Artagnan carregou-lhe o sobr'olho.

—Muito bem, disse d'Artagnan, o senhor conde de La Fére, á direita do senhor Groslow; o senhor cavalleiro de Herblay, á sua esquerda; o senhor du Vallon junto a mim. Apostarão por mim, e aquelles senhores pelo senhor Groslow.

D'Artagnan tinha-os assim: Porthos á sua esquerda, a quem fallava com o joelho; Athos e Aramis na sua frente, fallava-lhes com os olhos.

Aos nomes do conde de La Fére e do cavalleiro de Herblay, Carlos abriu os olhos, e, mau grado seu, levantando a sua nobre cabeça, abarcou com a vista todos os actores d'esta scena.

N'este momento Parry voltou algumas folhas da sua biblia, e leu alto este versiculo de Jeremias:

«Deus disse: Escutem as palavras dos prophetas, meus servidores, que com grande cuidado lhe enviei, e que conduzi a vós.»

Os olhos d'Artagnan faiscaram de alegria.

Os quatro amigos crusaram uma vista de olhos. As palavras que Parry acabava de pronunciar indicavam-lhe que a sua presença era attribuida pelo rei ao seu verdadeiro motivo.

—Perguntou-me ha pouco se eu trazia fundos? disse d'Artagnan atirando com coisa de vinte pistas á mesa.

—Sim, disse Groslow.

—N'esse caso, disse d'Artagnan, tambem agora digo: Acautele bem o seu thesouro, meu caro senhor Groslow, porque já o previno que não sairemos d'aqui sem o levarmos.

—Não será sem que eu o defenda.

—Tanto melhor! disse d'Artagnan, batalha, meu caro Groslow, batalha! Sabe ou não sabe o que nós pedimos.

—Ah! sim sei, disse Groslow, os francezes não procuram senão feridas e cutiladas.

Effectivamente Carlos tinha ouvido e comprehendido tudo. Uma ligeira vermelhidão lhe subiu ao rosto. Os soldados que o guardavam viram-n'o estender pouco a pouco seus membros fatigados, e sob pretesto de um excessivo calor, começou a tirar pouco a pouco a coberta escoceza, debaixo da qual, como já dissemos, estava todo vestido.

Athos e Aramis estremeceram ao vêr que o rei estava vestido.

O jogo começou. Esta noite a felicidade ha ia-se trocado e estava por Groslow. Coisa de cem pistolas passaram de um lado da mesa para o outro. Groslow não cabia em si de alegria.

Porthos, que tinha perdido as cincoenta pistolas que na vespera ganhara, e ainda mais trinta das suas, estava muito carrancudo, e interrogava d'Artagnan com o joelho, como para lhe perguntar se não era ainda tempo de passar a outro jogo; Athos e Aramis olhavam para elle de tempos a tempos com um olhar escrutador, mas d'Artagnan ficava impassivel.

Bateram dez horas. Ouviu-se passar a ronda.

—Quantas rondas faz como esta? perguntou d'Artagnan tirando mais pistolas do seu bolso.

—Cinco, respondeu Groslow, uma de duas em duas horas.

—Bem, disse d'Artagnan, é prudente.

E por sua vez lançou um olhar a Athos e Aramis.

Ouviram-se os passos da patrulha que se affastava.

D'Artagnan pela primeira vez respondeu aos toques de joelhos que lhe fazia Porthos.

Entretanto, os soldados levados pelo attrativo do jogo, e pela vista do ouro; tão poderoso para com os homens, não obstante a ordem que tinham de permanecerem firmes na cara do rei, tinham-se pouco a pouco aproximado da porta, e aqui levantando-se nos bicos dos pés, espreitavam-se por cima dos hombros de d'Artagnan e Porthos; os da porta tinham-se tambem aproximado, auxiliando asssim os desejos dos nossos quatro amigos, que estimavam mais tel-os á mão que serem obrigados a correrem para elles para os quatro cantos da casa.

As duas sentinellas da porta tinham sempre a espada nua, mas descançavam n'ellas e olhavam para os jogadores.

Athos parecia tranquillisar-se á medida que o momento se aproximava; suas duas mãos brancas e aristocraticas jogavam com luizes, que elle torcia com tanta facilidade como se ouro fosse estanho; menos senhor de si, Aramis estava continuamente remechendo no peito. Porthos, impaciente de perder, batia com o joelho a ponto de dar cabo d'elle.

D'Artagnan voltou-se, olhando machinalmente para traz, e viu entre dois soldados Parry de pé, e Carlos apoiado no cotovelo, com as mãos postas e parecendo dirigir a Deus uma fervente oração.

D'Artagnan comprehendeu que era chegado o momento, que cada um estava no seu posto, e que não se esperava senão pela palavra. «Emfim!» Que, como já dissemos devia servir de signal.

Deitou sobre Athos e Aramis um lance de olhos, e estes immediatamente arredaram alguma coisa as suas cadeiras para terem a liberdade do movimento. Tocou pela segunda

vez com o joelho em Porthos, e este levantou-se como para desintorpecer as pernas; mas ao levantar-se pôz-se de maneira que podesse facilmente desembainhar a espada.

—Diabo! exclamou d'Artagnan, ainda vinte pistolas perdidas! Na verdade, capitão Groslow, está muito feliz, isso não póde durar.

E tirou do bolso mais vinte pistolas.

—Mais uma sorte, capitão. Estas pistolas de uma vez só, de uma vez só, de uma vez só e que seja a ultima.

—Vá por vinte pistolas, disse Groslow.

E voltou duas cartas como é costume, um rei para d'Artagnan, um az para elle.

—Um rei, disse d'Artagnan, bom agoiro. Senhor Groslow, accrescentou elle, acautele-se com o rei.

E não obstante a sua presença de espirito, havia na voz de d'Artagnan uma vibração estranha, que fez estremecer o seu parceiro.

Groslow começou a virar as cartas uma após outra. Se voltasse primeiro um az ganhava, se voltasse um rei perdia.

Voltou um rei.

—Emfim? exclamou d'Artagnan.

A esta palavra, Athos e Aramis levantaram-se, Porthos recuou um passo. Punhaes e espadas iam brilhar, mas de repente a porta abriu-se, e Harrisson appareceu, acompanhado de um homem embuçado n'uma capa.

Atraz d'este homem viram-se brilhar os mosquetes de cinco ou seis soldados.

Groslow levantou-se apressadamente, envergonhado de ser surprehendido no meio de vinho, cartas e dados. Mas Harrisson não lhe deu attenção, e, entrando no quarto do rei, seguido do seu companheiro:

—Carlos Stuart, disse elle, acaba de chegar ordem de o conduzir, para Londres, sem parar nem de dia nem de noite. Prepare-se para partir no mesmo instante.

—E da parte de quem vem essa ordem? perguntou o rei.

—Da parte do general Oliveiro Cromwell.

—Sim, disse Harrisson, e eis-aqui o senhor Mordaunt

que a trouxe agora mesmo, e que vem encarregado de a fazer executar.

—Mordaunt! murmuraram os quatro amigos trocando um olhar.

D'Artagnan arrebatou da mesa todo o dinheiro que elle e Porthos tinham perdido, e metteu-o n'algibeira. Athos e Aramis collocaram-se atraz d'elle. A este movimento, Mordaunt voltou-se, reconheceu-os e soltou uma exclamação de alegria selvagem.

—Parece-me que estamos presos, disse d'Artagnan para seus amigos.

—Ainda, não, disse Porthos.

—Coronel! coronel! disse Mordaunt, mande immediatamente cercar o seu quarto, está trahido. Estes quatro francezes evadiram-se de Newcastle, e querem sem duvida roubar el-rei. Que os prendam.

—Oh! mancebo, disse d'Artagnan, é essa uma ordem mais facil de dizer, que de executar. Depois descrevendo ao redor de si um sarilho terrivel: Retirar, amigos, bradou elle, retirar!

Ao mesmo tempo lançou-se á porta, deitou abaixo dois soldados que a guardavam antes que elles tivessem tempo de engatilhar as suas espingardas; Athos e Aramis seguiram-n'o; Porthos fechava a retaguarda, e antes que soldados, officiaes, e coronel tivessem tempo de o notar, estavam elles já na rua.

—Fogo! bradou Mordaunt, fogo sobre elles.

Dois ou tres tiros de mosquete dispararam-se effectivamente, mas não tiveram outro effeito que mostrar os quatro fugitivos, voltando sãos e salvos á esquina da rua.

Os cavallos estavam aprasados; os criados não tiveram senão a dar as redeas a seus amos, que montaram com a ligeireza de cavalleiros consumados.

—Avante! avante! bradou d'Artagnan.

Correram assim seguindo d'Artagnan, e tomando a estrada que tinham andado n'aquelle dia, isto é, dirigindo-se para a Escocia. A aldeia não tinha nem porta, nem muralhas; sairam portanto sem difficuldade.

A cincoenta passos da ultima casa d'Artagnan parou.

—Alto! disse elle.

—Que!? exclamou Porthos. Quer dizer que avancemos a toda a brida?

—Não, respondeu d'Artagnan. D'esta vez vão-nos perseguir, deixemol-os sair da aldeia, e correr em nossa perseguição pela estrada da Escocia; e quando os tivermos visto passar adiante, seguiremos a estrada opposta.

A poucos passos corria um regato, sobre o qual havia uma ponte; d'Artagnan levou o seu cavallo para debaixo do arco d'essa ponte; os seus amigos seguiram-n'o.

Não eram passados ainda dez minutos quando ouviram aproximar-se a galope rapido de uma multidão de cavalleiros. Cinco minutos depois essa multidão passava pela ponte, bem longe de pansar que aquelles que elles procuravam não estavam distantes d'elles mais que pela espessura da abobada de um arco.

II

Londres

Quando o ruido dos passos se perdeu na distancia, d'Artagnan, ganhou a margem do rio, e começou de caminhar velozmente orientando-se o mais que podia sobre Londres. Seus tres amigos seguiram-n'o em silencio, até que com a ajuda de um largo cemi-circulo deixaram a cidade á retaguarda.

—Agora, disse d'Artagnan quando se julgou já sufficientemente longe para andar a trote, parece-me que decididamente está tudo perdido, e o que temos de melhor a fazer é vêr se podemos chegar a França. Que diz da proposição, Athos? Não a julga mas rasoavel?

—Sim, caro amigo, respondeu Athos; mas outro dia pronunciou uma palavra mais que rasoavel, uma palavra no-

bre e generosa, disse: «Nós morreremos aqui!» Recorda-se a sua palavra.

—Ah! disse Porthos a morte nada é, e não é a morte que nos deve inquietar, pois que nós não sabemos o que ella é; mas é a idéa de uma derrota que me atormenta. Pela direcção que as coisas tomam, vejo que nos será forçoso batalhar em Londres, aa provincias e em toda a Inglaterra; e de certo não podemos deixar de por fim ser derrotados.

—Nós devemos assistir até ao fim d'esta grande tragedio, disse Athos, qualquer que ella seja não deixamos a Inglaterra senão depois do desfecho. E' do meu parecer Aramis?

—Em tudo, meu caro conde; pois confesso-lhe que estimaria muito tornar a encontrar o tal Mordaunt; parece-me que temos umas contas a ajustar com elle, e que não é nosso costume deixar um paiz sem pagar estas sortes de dividas.

—Ah! isso é outro caso, disse d'Artagnan, e eis uma rasão que me parece plausivel. Pela minha parte confesso que se fosse preciso estar um anno em Londres para me tornar a encontrar com o tal Mordaunt, de boa vontade o estaria. Mas vamos hospedar-nos a casa de um homem seguro, e de maneira que nao causemos suspeitas, porque a esta hora já o senhor Cromwell nos hade ter mandado procurar, e segundo tenho podido julgar, parece-me que elle não é para brincadeiras, o tal senhor Cromwell, Athos, conhece em toda a cidade de Londres, alguma estalagem, que seja aceiada, que nos apresente rosbef cosido menos mal, e vinho que não seja feito com lupulo ou genebra?

—Parece-me que atinei com o que quer. De Winter levou-nos a casa de um homem, que dizia ser um antigo espanhol, que se naturalisou na Inglaterra attrahido pelos guineos dos seus novos compatriotas. Que diz a isto, Aramis?

—O projecto de irmos para casa d'el-senor Perez, parece-me dos mais rasoaveis, pela minha parte adopto-o. Invocaremos a memoria do infeliz de Winter, para o qual parecia ter uma grande veneração. E para não attrahir suspeitas, dir-lhe-hemos que viemos a Londres, pelo simples desejo de ver o que se passa, cada um de nós lhe esportolará um guineo por dia, e parece-me que, mediante todas estas precauções, podemos alli permanecer sem perigo algum.

—Esquece uma precaução, Aramis; e uma precaução bem importante.

—Qual?

—A de mudar de fato.

—Ora essa! disse Porthos, para que havemos mudar de fato? Nós estamos bem á nossa vontade com estes.

—Para não sermos reconhecidos, disse d'Artagnan. Os nossos vestidos teem um talhe e quasi uma côr uniforme que denunciam logo á primeira vista o seu Frenchman. Ora eu não sou tão affeiçoado ao talhe do meu gibão, ou á côr das minhas calças para arriscar por sua causa o ser enforcado em Tyburn ou ir dar um passeio até ás Indias. Vou comprar um fato acastanhado. Notei já que estes imbecis de puritanos são doidos por esta côr.

—Mas encontrará o homem? disse Aramis.

—Oh! de certo; elle habitava Green Haal street, Bedford's tavern; quanto mais eu que sou capaz de andar pela cidade com os olhos tapados.

—Tomára-me já lá, disse d'Artagnan, e o meu parecer era de chegar a Londres antes de amanhecer, ainda que tivessemos de arrebentar os cavallos.

—Então partamos, disse Athos, porque se não me engano o mais que estamos distantes d'ella são oito a dez leguas.

Os quatro amigos picaram os cavallos e effectivamente chegaram a Londres pelas cinco horas da manhã. A porta porque entraram estava um posto de homens que os obrigou a fazer alto; mas Athos respondeu no mais corrente inglez que elles eram enviados pelo coronel Harrisson para prevenir o seu collega o senhor Bridge da proxima chegada de el-rei. Esta resposta suscitou algumas perguntas ácerca da prisão de el-rei, e Athos deu os seus detalhes tão precisos e positivos, que se algumas suspeitas tivessem os guardas, estas suspeitas desvanecer-se-iam completamente. Os quatro amigos tiveram portanto franqueada a passagem com toda a sorte de congratulações puritanas.

Athos não se tinha enganado; foi direito a Bedfort's tavern e fez-se reconhecer do estalajadeiro que tão alegre ficou por vêr chegar uma tão bella companhia que immediatamente lhe mandou preparar os melhores quartos.

Posto que não fosse ainda dia, a cidade andava já toda alvoraçada. O ruido de que el-rei, conduzido pelo coronel Harrisson, se dirigia para a capital, tinha-se propagado na vespera, e muitos nem se tinham deitado, receiando que o Stuart, como elles lhes chamavam, não chegasse de noite, e assim deixassem de vêr a sua entrada.

O projecto da mudança de fato, á escepção da leve resistencia de Porthos, tinha sido adoptado por unanimidade. Tractaram então de o pôr em execução. O dono da hospedaria mandou-lhes vir fato de toda a qualidade como se quizesse fornecer-lhes a sua guarda roupa. Athos acceitou um fato preto que lhe dava ares de um honrado burguez; Aramis que não queria deixar a espada escolheu um de militar. Porthos seduziu-se por um gibão vermelho e calças verdes; d'Artagnan que já tinha escolhido a côr de ante-mão, não teve a occupar-se senão da sua graduação, e com o fato acastanhado que elle desejava, representou exactamente um negociante de assucar.

Quanto a Grimaud o Mousqueton, como não traziam libré estavam disfarçados por sua naturesa; além de que, Grimaud offerecia o typo tranquillo, seco e teso do inglez circumspecto; Mousqueton o do inglez pançudo orgulhoso e o passeiador.

—Agora, disse d'Artagnan, vamos ao principal; cortemos os cabellos para não sermos insultados pela populaça. Já que não somos cavalleiros pela espada, sejamos puritanos pela cabelleira. Bem sabe que é o ponto importante que separa o cavalleiro.

Sobre este importante ponto, d'Artagnan achou Aramis muito rebelde. Elle queria por força conservar a sua cabelleira que tinha muito bella, e em que empregava o seu maior cuidado, e foi preciso que Athos a quem todas estas questões eram indifferentes, lhe desse exemplo. Porthos entregou sem defficuldade a cabeça a Mosqueton, que lhe deitou abaixo a sua espessa e rude cabelleira. D'Artagnan cortou a sua por si mesmo, e poz a cabeça de um modo fantasioso que não diria mal a uma bella medalha de Francisco I ou Carlos IX.

—Estamos horriveis, disse Athos.

—Parece-me que cheiramos a puritano, que mette medo, disse Aramis.

—Eu tenho frio na cabeça, disse Porthos.

—E eu sinto-me com desejos de ir prégar, disse d'Artagnan.

—Agora, disse Athos que nem mesmo nós nos reconhecemos, e por conseguinte que não temos receio que os outros nos reconheçam, vamos vêr entrar el-rei ; se marchou toda a noite não deve estar longe de Londres.

De feito, não haveria ainda duas horas, que os quatro amigos se tinham mettido por entre a multidão quando altos gritos, e um grande movimento annunciaram a chegada de Carlos. Tinham mandado uma carroagem ao seu encontro, e ainda de longe a gigantesca figura de Porthos, cuja cabeça elevava-se por cima de todas as outras, annunciou que via apparecer a carroagem real. D'Artagnan levantou-se no bico dos pés, em quanto que Athos e Aramis attendiam aos rumores que se levantavam para conhecerem a opinião geral. A carroagem passou, e d'Artagnan viu a uma das portinholas Harrisson e na outra Mordaunt.

—O povo de que Athos e Aramis estudavam os sentimentos, soltavam muitas precauções contra Carlos.

Athos voltou desesperado.

—Meu caro, disse-lhe d'Artagnan, de balde se affligiu, e eu lhe protesto que a situação é critica. Pela minha parte não tomo parte n'ella senão por sua causa ; acho mesmo que seria bellissimo arrancar das mãos d'estes berradores a sua preza e zombar depois d'elles. Reflectirei n'isso.

No dia seguinte, chegou Athos á janella que dava para um dos bairros mais populosos da cidade, e ouviu gritar o bill do parlamento que chamava á barra o ex-rei Carlos I, supposto culpado de traição e abuso de poder.

D'Artagnan estava ao pé d'elle. Aramis consultava um mappa, Porthos absorto com as ultimas delicias do succulento almoço.

—O parlamento ! exclamou Athos, não é possivel que o parlamento promulgasse um semilhante bill.

—Escute, disse d'Artagnan, eu pouco entendo de inglez, mas, como o inglez não é senão o francez mal pronunciado,

eu ouvi parliament's bill ; o que segnifica bill do parlamento ou, Deus me condemne, como elles dizem aqui.

N'este instante entrava o dono da casa ; Athos acenou-lhe que se aproxima-se

—O parlamento promulgou aquelle bill ? perguntou-lhe Athos em inglez.

—Sim, milord, o parlamento puro.

—O que ? o parlamento puro ! então ha dois parlamentos?

—Meu amigo, interrompeu d'Artagnan, como eu não intendo o inglez, mas como nós todos intendemos o hespanhol, faça-nos o favor de fallar n'esta lingua que é a sua, e que por conseguinte, deve sentir prazer em a fallar quando tem occasião.

—Perfeitamente! disse Athos.

Quanto a Porthos, nada ouvia; toda a sua attenção estava concentrada no osso de uma costela, que pertendia despojar por todos os meios da carne que tinha agarrada.

—Perguntava então ? disse o estalajadeiro em hespanhol.

—Perguntava, tornou Athos na mesma lingua, se havia dois parlamentos, um puro outro impuro,

—Bravo! que bella coisa ! disse Porthos levantando vagarosamente a cabeça e fixando os seus amigos com ar espantado, então já comprehendo o inglez ? entendi tudo o que disse.

—E' que nós fallavamos em hespanhol, caro amigo, disse Athos com o seu sangue frio ordinario.

—Oh diabo! disse Porthos, fiquei logrado, era um idioma de mais que eu sabia.

—Quando digo o parlamento puro, senhor, replicou o hospede, fallo d'aquelle que o coronel Pridge purificou.

—Ah! deveras ! disse d'Artagnan, estas pessoas d'aqui são bem engenhosas, quando voltar para França, hei de apontar esse meio a Mazarino e ao Coadjutor. Um purificará em nome da corte, o outro em nome do povo, de maneira que por fim de contas não vem a haver mais parlamento.

E quem é o coronel Pridge ? perguntou Aramis, e que fez elle para purificar o parlamento ?

O coronel Pridge, disse o hespanhol é um antigo carreteiro, homem de muito espirito, que tinha observado uma coisa quando conduzia a sua carreta: é que quando se achava uma pedra no caminho por onde havia de passar o seu carro, custava-lhe menos tirar a pedra, que fazer passar a roda por cima d'ella. Ora de duzentos e cincoenta e um membros de que se compunha o parlamento, cento e noventa e um estorvam-n'o, e poderiam fazer-lhe tombar o seu carro politico. Pegou n'elles como outr'ora fazia ás pedras, e atirou com elles para fóra da camara.

—Muito bem! disse d'Artagnan, que homem de espirito, estimava muito o engenho onde quer que o encontrava.

—E todos esses expulsos eram stuartistas? perguntou Athos.

—Sem duvida alguma, senhor, e de certo salvariam o rei.

—Diabo, disse magestosamente Porthos, elles faziam a maioria.

—E pensa, disse Aramis, que elle consentirá em apparecer ante um tal tribunal?

—Que remedio terá elle? respondeu o hespanhol, se tentasse recusar, o povo obrigal-o-ia á força.

—Obrigado, tio Perez, disse Athos; estou já sufficientemente instruido.

—Então acredita finalmente que é uma causa perdida, Athos, disse d'Artagnan, e que com os Harrisson, os Joyce, os Pridge e os Cromwell á barba, nunca chegaremos a conguir nada?

—O rei será libertado no tribunal, disse Athos; o mesmo silencio dos seus partidarios dá a denotar uma conjuração.

D'Artagnan encolheu os hombros.

—Mas, disse Aramis, se elles se atreverem a condemnar o rei, parece-me que a condemnação não passará do exilio ou prisão, e só isto.

D'Artagnan soltou um assobio com certo ar de incredulidade.

—Vel-o-hemos, disse Athos; porque presumo que iremos assistir ás sessões.

—Não tem tempo a perder, disse o estalajadeiro; porque começam já ámanhã.

—Oh! disse Athos; então o processo já estava instaurado antes da prisão do rei?

—Certamente, respondeu d'Artagnan, começaram-n'o no dia em qqe elle foi comprado.

—Sabe, disse Aramis, que o nosso amigo Mordaunt, se não foi elle que proseguiu na marcha do processo, ao menos foi elle que lhe deu começo.

—Sabe, disse d'Artagnan, que em qualquer parte que elle me caia nas mãos, mato-o infallivelmente.

—Que! disse Athos, um semilhante miseravel.

—Mas, é justamente porque é um miseravel.

—Mas, é justamente porque é um miseravel que eu o mato, tornou d'Artagnan. Ah! tenho-lhe feito muitas vontades para que seja indulgente para com as minhas; mas d esta vez, quer lhe agrade, quer não, declaro-lhe que o tal Mordaunt não acabará senão ás minhas mãos.

—E ás minhas, disse Porthos.

—E ás minhas, disse Aramis.

—Patetica unanimidade, exclamou d'Artagnan, e que conduz perfeitamente a uns horrados burguezes como nós somos. O mesmo Mordaunt não nos conhecerá a quatro passos de distancia com o nevoeiro que elle levantou. Vamos beber um pouco de nevoeiro.

—Sim, disse Porthos, isso nos distrahirá da cerveja.

E effectivamente sairam os quatro amigos, para tomar, como se costuma dizer, os ares do paiz.

III

O processo

No dia seguinte uma guarda numerosa conduzia Carlos I para o tribuual que o devia julgar.

A multidão atulhava as ruas e as casas visinhas ao palacio; e por isso aos primeiros passos que deram os quatro amigos, foram logo obrigados a parar pelo obstaculo quasi impenetravel d'este muro movediço; alguns homens do povo, robustos e bulhentos, chegaram mesmo a repelir Aramis tão rudemente, que Porthos levantou o seu formidavel punho e deixou-o cair com toda a força sobre a face enfarinhada de um padeiro, que immediatamente mudou de côr e se cobriu de sangue, tão facil de esborrachar estava ella! Isto produziu um grande ruido; tres homens quizeram lançar-se sobre Porthos; porém Athos desviou um, d'Artagnan outro, e Porthos atirou com um por cima da sua cabeça. Alguns inglezes amadores do pugilato gostaram da maneira rapida e facil com que os nossos quatro amigos executaram esta manobra, e bateram as palmas.

Pouco faltou para que Porthos e seus amigos, em vez de serem suffocados, começassem a receiar de serem levados em triumpho, mas os nossos quatro viandantes, que temiam tudo o que podia attrahir a attenção para elles, conseguiram subtrahir-se a esta honra.

Entretanto sempre ganharam alguma coisa com esta demonstração herculea, e foi que a multidão lhes deu passagem, e conseguiram o que um minuto antes lhe tinha parecido impossivel, chegar á frente do palacio.

Toda a cidade se agglomerava ás portas das tribunas; e por isso, quando os quatro amigos conseguiram penetrar n'ellas, acharam os tres primeiros bancos occupados; isto pouco importava para pessoas que desejavam não ser reconhecidas; tomaram por tanto os seus logares mui satisfeitos de os terem conseguido, á excepção de Porthos que desejava mostrar o seu gibão vermelho e calças verdes, e que sentia não estar no banco dianteiro.

Os bancos estavam collocados em amphitheatro, e do seu logar os quatro amigos dominavam toda a assembléa. O acaso fez justamente que elles fossem para a tribuna do meio, e se achassem justamente em frente da poltrona preparada para Carlos I.

Pelas onze horas da manhã entrou no salão el-rei, cercado de guardas, mas coberto e com o semblante tranquillo;

lançou por todos os lados um olhar cheio de tranquillidade, como se viesse presidir a uma assembléa de vassallos submissos, e não responder ás accusações de um tribunanal rebelde.

Os juizes, orgulhosos por poderem humilhar um rei, prepararam-se visivelmente para usar do direito que se tinham arrogado. Por consequencia um meirinho veio dizer a Carlos I que era uso que o accusado se descobrisse ante o tribunal.

Carlos, sem responder uma só palavra, enterrou o chapen na cabeça, que virou para o outro lado; depois, quando se apartou o meirinho, assentou-se na mão.

Parry, que o acompanhava, conservou-se de pé por detraz d'elle.

D'Artagnan em vez de examinar todo este ceremonial, olhava para Athos, em cujo rosto se reffectiam todas as emoções, que o rei, á força do seu grande poder sobre si mesmo, conseguia expulsar do seu. Esta agitação de Athos, o homem frio e tranquillo, espantou-o.

—Espero, lhe disse elle ao ouvido, que tome o exemplo de sua magestade, e que não procure loucamente a morte n'este carcere.

—Esteja descançado, respondeu Athos.

—Ah! ah! continuou d'Artagnan, parece que temem alguma coisa, porque vão redobrar a guarnição; não haviam senão partrasanas, mas eis que chegam mosquetes os partrasanas tomam sentido nos que estão lá em baixo, os mosquetes são por nosso respeito.

—Trinta, quarenta cincoenta, setenta, disse Porthos contando os recem-chegados.

—Oh! disse Aramis, esqueceu-lhe o official, Porthos; pois parece me que val hem a pena de ser contado.

—Deveras! disse d'Artagnan.

E tornou-se pallido de colera, porque tinha reconhecido Mordaunt, que, com a espada núa, commandava os mosqueteiros por traz do rei, isto é, em frente das tribunas.

—Reconhecer-nos-ha elle? continuou d'Artegnan; é que n'esse caso seria muito conveniente retirarmo-nos em boa ordem. Não tenho desejos alguns que me imponham um ge-

nero de morte seja elle qual fôr, antes pelo contrario desejo morrer á minha vontade. Ora eu não tenho muita vontade de ser fuzilado.

—Não, disse Aramis; elle não nos viu. Não olha senão para o rei. C'os diabos! Com que olhos está olhando para elle, o insolente! Terá elle tanto odio a sua magestade como nos tem a nós?

—De certo! disse Athos, nós não lhe tirámos mais que sua mãe, e el-rei despojou-o do seu nome e de toda a sua mãe, e el-rei despojou-o do seu nome e de toda a sua fortuna.

—E' justo, disse Aramis; mas silencio! vae o presidente fallar.

Com effeito, o presidente Bradshaw interpellava o augusto accusado.

—Stuart, disse elle, ouvi a chamada nominal dos seus juizes, e dirija ao tribunal as observações que tiver a fazer.

O rei, como se estas palavras nada tivessem com elle, voltou a cabeça para o outro lado.

O presidente esperou, e como não ouvisse resposta alguma houve um instante de silencio.

De cento sessenta e tres membros designados, setenta e tres só podiam responder, porque os outros, atterrados pela complicidade de um semilhante acto, não tinham comparecido.

—Vou proceder á chamada, disse Bradshaw sem parecer notar a ausencia dos tres quintos da assembléa.

E começou a nomear uns após outros os membros presentes e ausentes. Os presentes respondiam com uma voz forte ou fraca, segundo tinham ou não coragem da sua opinião. Um curto silencio seguia o nome dos ausentes, repetido duas vezes.

Ouviu-se, quando chegou a sua vez, o nome do coronel Foirfax, e foi seguido de um dos silencios curtos mas solemnes, que denunciavam a ausencia dos membros, que não tinham querido pessoalmente tomar parte n'este juizo.

—O coronel Fairfax? repetiu Bradshaw.

—Fairfax? respondeu uma voz zombeteira, que pelo seu

timbre argentino se reconheceu ser de uma mulher; ella tem assáz juizo para se não achar aqui.

Uma estrondosa gargalhada acolheu estas palavras, pronunciadas com a audacia que as mulheres arrogam na sua propria fraqueza, fraqueza que as subtrahe a toda a vingança.

—E' a voz de uma mulher, exclamou Aramis. Ah! palavra de honra, que daria tudo para que ella fosse joven e linda.

E alçou-se no banco para vêr a tribuna d'onde partira a voz.

—Pela minha alma, disse Aramis, é encantadora, veja, d'Artagnan, todos estão olhando para ella, e não obstante o olhar de Bradshaw, ainda não empallideceu.

—E' a propria lady Fairfax, disse d'Artagnan; lembra-se d'ella, Porthos? vimol-a com seu marido em casa do general Cromwell.

Pouco depois o silencio, perturbado por este estranho episodio, restabeleceu-se, e a chamada continuou.

—Estes infames levantam a sessão, quando virem que não ha numero sufficiente, disse o conde de La Fére.

—Não os conhece, Athos; observe o sorriso de Mordaunt veja como elle olha para o rei. Aquelle olhar será o de um homem que tema que a sua victima lhe escape? Não, não, é o sorriso do odio satisfeito, da vingança prestes a saciar-se. Ah! basilisco maldicto, será um feliz dia para mim aquelle em que eu cruzar comtigo outra coisa além do olhar!

—O rei é indubitavelmente bello, disse Porthos; e depois veja como elle está vestido com esmero, não obstante estar preso. A pluma do seu chapeu vale pelo menos cincoenta pistolas; ora veja-a, Aramis.

Concluida a chamada, o presidente deu ordem de passar á leitura do auto da accusação.

Athos fez-se pallido; ainda uma vez se tinha enganado na sua espectativa. Não obstante o numero insufficiente dos juizes, o processo ia instruir-se, e o rei estava portanto condemnado de antemão.

—Não lhe tinha eu dito, Athos? disse d'Artagnan encolhendo os hombros. Mas está sempre a duvidar. Agora co-

ragem e attenda. e rogo-lhe que não vá logo ás do cabo com os pequenos horrores, que aquelle senhor de negro vae dizer do seu rei com licença e privilegio.

Com effeito, nunca mais brutal accusação, nunca injurias mais violentas, nunca mais sanguinolenta requisitoria, tinham até enfamado a magestade real. Até alli tinham-se contentado com assassinar os reis, e semilhantes insultos nunca eram feitos senão aos seus cadaveres.

Carlos I ouvia com particular attenção o discurso do accusador, deixando passar as injurias, moderando as queixas, e, quando o odio transbordava muito, quando o accusador se fazia carrasco antecipadamente, respondia com um sorriso de despreso. Era em summa, uma obra capital e terrivel aquella em que este desgraçado rei via as suas imprudencias mudadas em traições, seus erros transformados em crimes.

D'Artagnan que deixava correr toda esta torrente de injurias, parou entretanto ao ouvir algumas das recriminações do accusador.

—O facto é, disse elle, que se pune por imprudencia e leviandade, este rei merece castigo; mas parece-me que o que elle soffre agora é cruel de mais.

—Em todo o caso, disse Aramis, o castigo não devia ser ao rei, mas aos seus ministros, pois que o primeiro artigo da constituição ingleza é: O rei não póde errar.

—Pela minha parte, pensava Porthos fixando Mordaunt, se não fosse por perturbar a magestade da situação, saltaria da tribuna abaixo cairia sobre Mordaunt, e afogal-o-ia. Agarravo-lhe pelos pés, e dosancaria a todos estes estupidos mosqueteiros que pertendem parodiar os de França. N'este meio tempo d'Artagnan, que tem muito espirito e sagacidade acharia talvez um meio de salvar o rei. Será preciso que eu lhe falle n'elle.

Athos, com o rosto afogueado, os musculos cerrados, os labios ensanguentados pelas suas proprias mordeduras, escumava no seu banco, furioso por vêr este continuo insulto do parlamento, a longa paciencia do rei, o seu braço inflexivel e o seu inabalavel coração tinham-se mudado em uma mão trémula e um corpo arrepiado.

N'este momento o accusador terminava o seu discurso por estas palavras :

«A presente accusação é feita por nós em nome do povo inglez.»

A estas palavras succedeu um murmurio nas tribunas, e uma voz não a de uma mulher, mas de um homem forte e furioso, trovejou detraz de d'Artagnan:

—Tu mentes! e nove decimas partes do povo inglez teem horror do que dizes?

Esta voz era a de Athos, que fóra de si, de pé, e com o braço levantado, interpellava assim o accusador publico.

A esta apostrophe, rei, juizes, espectadores, todos se voltaram para a tribuna onde estavam os quatro amigos. Mordaunt fez como os mais, e roconheceu o cavalleiro em torno do qual se tinham erguido os tres outros francezes pallidos e ameaçadores. Seus olhos flamejaram de alegria, acabava de reconhecer aquelles, á busca e morte dos quaes tinha votado a sua vida. Um movimento furioso attrahiu para ao pé de si vinte dos seus mosqueteiros, e apontando-lhe com o dedo para a tribuna onde estavam os nossos amigos :

—Fogo sobre aquella tribuna! disse elle.

Mas, rapidos como o pensamento, os nossos quatro amigos saltaram das grades, d'Artagnan agarrando a Athos pelo meio do corpo, arrastando comsigo a Aramis, precipitaram-se para os corredores, desceram velozmente as escadas, e confundiram-se por entre a multidão, em quanto que no interior da sala os mosquetes ameaçavam tres mil espectadores, cujos gritos de misericordia suspenderam o incitivo já dado á carnagem.

Carlos tinha tambem reconhecido os quatro francezes: poz uma mão no coração para comprimir as pulsações, e a outra nos olhos para não vêr trucidar os seus quatro amigos.

O matim era inexprimivel. Passou-se mais de meia hora sem que ninguem conseguisse fazer-se ouvir. Os juizes viam cada tribuna prompta a amotinar-se. As tribunas viam os mosquetes apontados para ellas, e, entre o receio e a curiosidade, permaneciam tumultuosas e agitadas.

Finalmente restabeleceu-se o socego.

—Que tem a dizer para sua defeza? perguntou Bradshaw ao rei.

Então, Carlos, levantando-se não por humildade mas por dominação disse com um tom não de homem accusado mas sim de juiz e com a cabeça sempre coberta:

—Antes de me interrogar, responda-me. Eu estava livre em New-Castle, tinha alli concluido um tratado com as duas camaras. Em logar de pela sua parte cumprir esse tratado, que eu pela minha cumpri, comprou-me aos escocezes, não caro, bem sei o que dá honra, á economia do seu governo. Mas por me ter comprado pelo preço de um escravo, julga que eu tenha cessado de ser seu rei? Não. Responder-lhe seria esquecel-o. Não lhe responderei pois, sem me justificar o direito que tem a interrogar-me. Responder-lhe seria reconhecel-os por meus juizes, e eu não os reconheço senão por meus algozes.

E no meio de um silencio sepulchral, Carlos tranquillo, altivo e sempre coberto, sentou-se na sua cadeira.

—Que não estejam cá, os meus francezes! murmurou Carlos com orgulho e deitando os olhos para a tribuna onde elles ha pouco tinham apparecido, veriam que o seu amigo, quando vivo, é digno de ser defendido; morto, de ser chorado.

Mas por mais que fizesse por sondar o interior da multidão, e pedir de alguma sorte a Deus a vista d'estas doces e consoladoras presenças, não viu senão physionomias estupidas e timidas; sentiu-se collocado entre o odio e a ferocidade.

—N'esse caso, disse o presidente vendo Carlos decidido a calar-se invencivelmente, julgal-o-hemos apesar do seu silencio. E' accusado de traição, de abuso de poder e de assassinato. As testemunhas deporão. Vá e uma proxima sessão cumprirá o que recusa a fazer n'esta.

Carlos levantou-se; e olhando para Parry, que via pállido e com as fontes alagadas em suor:

—Que é isso, meu caro Parry? lhe disse elle, que é que te dá tão grande abalo.

—Oh! senhor, disse Parry com as lagrimas nos olhos e voz supplicante, senhor, quando sair não olhe á sua esquerda.

—Porque, Parry?

—Não olhe, supplico-lhe, eu, meu rei!

—Mas que ha lá? falla então, disse Carlos tentando fazer penetrar a sua vista atravez da ala de soldados postados á sua retaguarda.

—Ha lá, mas não olhe, não, senhor? ha lá em cima de uma mesa o cutello com que executam os criminosos, e que elles mandaram vir. Esta vista é horrivel, senhor, e eu rogo-lhe que não olhe para lá.

—Loucos! disse Carlos, julgam-me um cobarde como elles? Fizestes bem em m'o prevenir; eu t'o agradeço, Parry.

E como era chegado o momento de se retirar, o rei saiu precido dos guardas.

—Effectivamente, á esquerda da porta, de um tapete vermelho saia um reflexo sinistro; sobre elle estava collocado o cutello branco, com um grande cabo polido pela mão do carrasco.

Ao chegar á frente delle, Carlos parou, e voltando-se com um sorriso:

—Ah! ah! disse elle rindo, o cutello! Engenhoso apparato e digno d'aquelles que não conhecem o que é um cavalheiro, tu não me incutes medo cutello do carrasco, accrescentou elle batendo-lhe com o seu junco delgado e flexivel que trazia na mão, e bato-te esperando pacificamente e como bom christão que tu me faças o mesmo.

E encolhendo os hombros com um real desdem continuou o seu caminho, deixando stupefactos os que se tinham agrupado á roda d'esta mesa para vêr que cara fazia o rei devisando este cutello que devia separar-lhe a cabeça do corpo.

—Na verdade, Parry, continuou o rei affastando-se, toda esta gente toma-me, Deus me perdoe, por um mercador de algodão da India, e não por um cavalleiro acostumado a vêr brilhar o ferro: pensam que eu não vallo bem um cortador!

Quando acabava de dizer estas palavras chegou á porta uma longa fileira de povo, que não tinha podido achar logar nas tribunas, se tinha alli ajuntado porque queria ao menos gosar do fim do espectaculo, cuja parte mais interessante não tinha podido vêr.

Esta multidão innumeravel, cujas fileiras estavam semeadas de rostos ameaçadores, fez arrancar ao rei um leve suspiro.

—Tanta gente, pensou elle, e nenhum amigo!

E quando dizia para comsigo estas palavras de duvida e de desalento uma voz respondendo a estas palavras se ouviu junto d'elle.

—Saude á magestade caida!

O rei voltou-se apressadamente com as lagrimas nos olhos e no coração.

Era um velho soldado das suas guardas que não tinha querido vêr passar el-rei por diante d'elle sem lhe prestar esta derradeira homenagem.

Mas no mesmo instante o desgraçado foi quasi morto a pranchadas de espada.

Entre os que o pranchavam, Carlos reconheceu o capitão Groslow.

—Ai! disse Carlos, eis aqui um bem grande castigo por uma bem pequena falta.

Depois, com o coração angustiado, proseguiu no seu caminho; mas não tinha ainda dado cem passos, quando um furioso, inclinando-se entre dois soldados da ala, lhe escarrou no rosto, como outr'ora um judeu infame e maldito tinha escarrado no rosto de Jesus Nazareno.

Estrondosas gargalhadas e sombrios murmurios resoaram ao mesmo tempo; a multidão aproximou-se, affastou-se ondeou como um mar tempestuoso, e no meio d'estas vagas vivas o rei pareceu-lhe vêr reluzir os faiscantes olhos de Athos.

Carlos limpou o rosto e disse com um triste e longo sorriso:

—Desgraçado! por meia cerôa faria outro tanto a seu pae.

O rei não se enganara; tinha de feito visto Athos e seus amigos, que misturados de novo entre os grupos, escoltavam com um ultimo olhar ao rei martyr.

Quando o soldado saudou Carlos, o coração de Athos pulsou de alegria, e quando este desgraçado chegou ao pé d'elle, Athos metteu a mão á algibeira, e deu-lhe dez guineos

que n'ella achou. Mas quando o cobarde insultante escarrou no rosto do rei preso, Athos levou a mão ao punhal.

Mas d'Artagnan suspendeu esta mão e com uma voz rouca lhe disse :

—Pára :

—Nunca d'Artagnau tratára por tu nem Athos nem o conde de La Fére.

Athos parou.

D'Artagnan encostou-se a Athos, acenou a Porthos e Aramis de não se desviarem, e veio collocar-se na rectaguarda do homem de braços nús, que ria ainda do seu gracejo, e pelo qual alguns outros furiosos o felicitavam.

Este homem dirigiu-se para a cidade, d'Artagnan sempre encostado a Athos, seguiu fazendo signal a Porthos de os seguirem tambem.

O homem de braços nús, que parecia um carniceiro, desceu com dois companheiros por uma ruasita ingreme e isolada que ia dar ao rio. D'Artagnan tinha já deixado o braço de Athos e seguia o insolente.

Chegados ao pé da agua, estes tres homens notaram que eram seguidos, pararam, e olhando insolentemente para os quatro francezes, trocaram alguns ditos entre si.

—Eu não sei inglez, Athos, disse d'Artagnan, mas servir-me-ha de interpretre.

E tendo dito isto, passaram, dobrando o passo, adiante dos tres homens. Mas, voltando-se de repente, d'Artagnan foi direito ao carniceiro, que fez alto, e tocando-lhe no peito com a ponta do seu index:

—Repita-lhe, Athos, disse elle para o seu amigo : «Tu foste um cobarde, tu insultaste um indefeso, tu manchaste a face do teu rei, tu vaes morrer!...»

Athos pallido como um spectro, traduzio estas estranhas palavras ao homem, que vendo estes preparativos sinistros, e o olhar terrivel de d'Artagnan quiz por-se em guarda. Aramis, a este movimento, levou a mão á espada.

—Nada de ferro, nada de ferro! disse d'Artagnan, o ferro é para cavalheiros. E agarrando no carniceiro pelo pescoço disse para Porthos : Porthos, mate este miseravel com um só murro.

Porthos alçou o seu terrivel braço, fel-o sibilar no ar como uma funda e deixou-o cair, como uma pesada massa e fazendo um surdo ruido sobre o craneo do cobarde, que se abriu de meio a meio.

O homem caiu como cáe um boi sob o cutello.

Seus companheiros quizeram gritar, quizeram fugir, mas a voz ficou-lhes pegada nas faces, e as pernas, tremulas de medo, especaram-se-lhé no solo.

—Diga-lhe ainda inda isto, Athos, continuou d'Artagnan: assim morrem todos aquelles que olvidam que a cabeça da um homem preso é sagrada, que um rei captivo é duas vezes o representante do Senhor.

Athos repetiu as palavras de d'Artagnan.

Os dois homens mudos e com os cabellos irrissados; fixaram o corpo do seu companheiro que nadava em ondas do sangue negro; depois, recobrando ao mesmo tempo a voz e as forças fugiram gritando e pondo as mãos.

—Está feita justiça! disse Porthos limpando a testa.

E gora, disse d'Artagnan a Athos, não duvide de mim, e conserve-se tranquillo, eu me encarrego de tudo o que diz respeito ao rei.

IV

White-Hall

O parlamento condemnou Carlos Stuart á morte como era facil de prever. Os julgamentos politicos são ordinariamente vãs formalidades porque as mesmas paixões que fazem acusar fazem condemnar o reu. Tal è a terrivel logica das revoluções.

Posto que os nossos amigos esperassem por esta condemnação, ella encheu-os de dôr. D'Artagnan cujo espirito não tinha recursos senão nos momentos decisivos, jurou de nove que havia de fazer todos os esforços para impedir o desfecho

d'esta sanguinolenta tragedia. Mas por que meios? E' o quo elle não entrevia ainda senão vagamente. Era preciso a todo o custo, para ganhar tempo de traçar um plano completo, pôr obstaculos a que a execução tivesse logar no dia seguinte como os juizes tinham determinado.

O unico meio era desapparecer o carrasco de Londres. Feito isto, a sentença não podia ser executada. Sem duvida iriam procurar o carrasco da cidade mais visinha de Londres, mas isto fazia ganhar ao menos um dia, e um dia, n'estas circumstancias, póde ser a salvação! D'Artagnan encarregou-se d'esta tarefa mais que difficil.

Uma coisa não menos essencial, era de prevenir Carlos Stuart que iam tentar salval-o para que elle ajudasse quanto podesse a seus defensores, ou pelo menos não fizesse nada, que podesse contrariar seus esforços. Aramis tomou a seu cargo este cuidado perigosissimo. Carlos Stuart tinha pedido que se desse ao bispo Juxou a permissão de o ir visitar na sua prisão de White-Hall. Mordaunt tinha ido n'esta mesma noite a casa do bispo para lhe dar a conhecer o desejo religioso espresso pelo rei, assim como a authorisação de Cromwell. Aramis resolvou obter do bispo, quer pelo terror, quer pela persuação, que o deixasse penetrar. em seu logar e revestido com as suas insignias sacerdotaes, no palacio de White-Hall.

Emfim Athos encarregou-se de preparar, fosse qual fosse o resultado, os meios de deixar a Inglaterra tanto em caso de mau como de bom exito.

Tinha sobrevindo a noite, marcou-se a reunião na hospedaria para as onze horas, e cada um se pôz a caminho para executar e sua perigosa missão.

O palacio de White-Hall estava guardado por tres regimentos de cavallaria, e com especialidade pelas incessantes inquietações de Cromwell, que ia, vinha, e mandava seus generaes ou agentes.

Só, e na camara ordinaria, allumiada pelo clarão de duas velas, o monarcha condemnado á morte, contemplava tristemente o luxo da sua grandeza passada como se vê na ultima e derradeira hora a imagem da vida brilhante e mais suave que nunca.

Parry não tinha deixado seu senhor, e desde a condemnação não tinha cessado de chorar.

Carlos Stuart, encostado á mesa olhava para um medalhão sobre o qual estavam um ao pé do outro os retratos de sua mulher e filha. Elle aguardava primeiro Juxou, e após Juxou o martyrio.

Algumas vezes os seus pensamentos se fixavam nos bravos cavalleiros francezes que já suppunha mais de cem legoas distantes, fabulosos, chimericos, e semilhantes ás figuras que se veem em sonhos e que se reunem ao despertar.

E' que na realidade, ás vezes Carlos perguntava a si mesmo, se tudo o que acabava de succeder-lhe não era um sonho, ou pelo menos um delirio febril.

A este pensamento, levantava-se, dava alguns passos como para sair do seu tropor, chegava até á janella ; mas logo por baixo d'esta via luzir os mosquetes dos guardas. Então via-se obrigado a confessar que estava bem acordado, e que o seu sonho sangrento era real e bem real.

—Ai ! dizia elle comsigo, se eu tivesse ao menos por confessor uma d'essas luzes da egreja cuja alma tem sondado todos os misterios da vida, todas as redicularias da grandeza, talvez a sua voz abafaria a que se lastima na minha alma ! Mas hei de ter um padre de espirito vulgar, a quem arrebatei, por minha desgraça, a carreira e a fortuna. Fallar-me-ha de Deus e da morte como falla aos moribundos, sem comprehender que este moribundo real deixa um throno nas mãos de um usurpador, quando seus filhos nem sequer já teem pão.

Depois, aproximando dos labios o retrato, murmurava successivamente o nome de cada um dos seus filhos.

Era como já dissemos, uma noite nublada e sombria. Batiam as horas vagarosamente no relogio da egreja visinha. A pallida luz das duas velas semeava n'esta grande e alta camara fantasmas allumiados de estranhos reflexos. Estes fantasmas eram os antepassados do rei Carlos que se destacavam dos seus quadros de ouro ; estes reflexos eram os ultimos clarões azulados e scintillantes de um fogo de carvão que se apagava.

Uma grande tristeza se apoderou de Carlos. Tapou a cara com as mãos, pensou no mundo tão bello quando se deixa, nas caricias dos filhos tão suavss e tão doces, especialmente quando se está separado d'elles para nunca mais os vêr; e finalmente na sua mulher, nobre e corajosa creatura que o tinha sustentado até ao ultimo momento.

Tirou do peito a cruz de diamantes, e a medalha da Jarreteira que ella lhe tinha mandado pelos officias francezes, e beijou-as: depois, pensando que ella não tornaria mais a vêr estes objectos senão quando elle já estivesse frio e mutilado na campa, sentiu apoderar-se-lhe do corpo um d'aquelles arripios gelados que a morte nos envia como seu primeiro meiro manto.

Então vendo-se n'esta camara que lhe trazia á lembrança tantas recordações reaes, onde tinham passeiado tantos cortezãos, e onde tinha ouvido tantas adulações, só com um servidor cuja alma fraca não era capaz de sustentar a sua coragem até ao nivel d'essa fraqueza, d'essas trevas, e d'esse frio de inverno; e, dir-se-hia que pelas faces d'este rei que morreu tão grande, tão sublime, com o sorriso da resignação nos labios, se deslisou uma lagrima, que caiu sobre a mesa, e que tremia por cima do tapete bordado de ouro.

Repentinamente ouviram-se passos no corredor, a porta abriu-se, a camara foi invadida pela luz famosa de tochas, e um ecclesiastico, revestido de habitos episcopaes, entrou seguido de quatro guardas aos quaes Carlos fez com a mão um gesto imperioso.

Estes guardas retiraram-se; a camara tornou de novo á sua obscuridade.

—Juxon! exclamou Carlos, Juxon! obrigado, meu ultimo amigo, chega a proposito.

O bispo lançou um olhar obliquo e inquieto sobre o homem que solluçava no angulo do fogão.

—Então, Parry, disse o rei, nada de choros, eis aqui Deus que vem ter comnosco.

—Se é Parry disse o bispo nada tenho que receiar; então senhor, dê-me a permissão de saudar vossa magestade, e de lhe dizer quem sou, e para que venho aqui.

A esta vista, a esta voz, Carlos sem duvida ia gritar, mas

Aramis levou um dedo aos labios, e saudou profundamente o rei da Inglaterra.

—O cavalleiro, murmurou Carlos.

—Sim, senhor, interrompeu Aramis levantando a voz, sim, o bispo Juxon, fiel cavalleiro de Christo, e que vem satisfazer aos votos de vossa magestade.

Carlos pôz as mãos : tinha reconhecido d'Herblay, e ficou stupefacto ao pensar n'estes homens que, estranhos, sem mobil algum, mais que um dever imposto pela sua propria consciencia, luctavam d'esta maneira contra a vontade de um povo, e contra o destino de um rei.

—Como chegou a vir até aqui ? disse elle. Meu Deus, se elles o reconhecem está perdido.

Parry estava de pé, toda a sua pessoa exprimia o sentimento de uma natural e profunda admiração.

—Não pense em mim, senhor, recommendando sempre com o gesto o maior silencio ao rei ; não pense senão em si; os seus amigos velam, como vê : o que faremos ainda ; mas quatro homens determinados podem fazer muito. Entre tanto, não feixe o olho de noite, não se espante de nada, e attenda tudo.

Carlos meneou a cabeça.

—Amigo, disse elle, sabe que não tem tempo a perder, e que se quizer proceder é mister apressar-se ? Sabe que é amanhã ás dez horas que devo morrer ?

—Senhor, alguma coisa se passará d'aqui até lá que tornará impossivel a execução.

O rei fixou Aramis com espanto.

N'este momento ouviu-se por debaixo da janãlla do rei um ruido estranho, e como o faria o de uma carreta de madeira que se descarrega.

—Ouve ? disse o rei.

Este ruido foi prolongado e seguido de um grande grito de dôr.

—Ouço, disse Aramis, mas não comprehendo que ruido seja este e sobre tudo este grito.

—O grito, ignoro por quem seria dado, disse o rei, mas o ruido vou já explicar-lh'o. Sabe que devo ser executado da parte de fóra d'esta janella ? accrescentou Carlos apontando

para um logar sombrio, e onde só se viam soldados e sentinellas.

—Sim, senhor, disse Aramis, bem o sei.

—Então!... esta madeira que accarretam é para construir o meu cadafalso. Algum obreiro, feriu-se talvez ao descarregal-a.

Aramis sobresaltou-se mau grado seu.

—Bem vê a inutilidade da sua obstinação; estou condemnado, deixe cumprir o meu destino.

—Senhor, disse Aramis, recuperando a sua tranquillidade por um momento perturbada, elles podem á sua vontade levantar um cadafalso, mas não poderão achar nunca um executor.

—Que quer dizer? perguntou o rei.

—Quero dizer que a estas horas o carrasco, ou está roubado, ou seduzido; ámanhã, o cadafalso estará prompto, mas o carrasco faltará, reservar-se-ha então a execução para depois de ámanhã.

—E então?

—N'este caso! disse Aramis, ámanhã á noite salvamos vossa magestade.

—Como assim? exclamou o rei em cujo rosto fulgurou, sem o querer, um relampago de alegria.

—Oh! senhor, murmurou Parry de mãos postas, bemdito sejam.

—Como assim repetiu o rei, é necessario que eu o saiba para o ajudar em caso de necessidade.

—Eu não sei, senhor, disse Aramis; mas o mais esperto, o mais valente, o mais dedicado de nós quatro, disse-me ao apartarmo-nos: «Cavalleiro, diga ao rei que ámanhã ás dez horas da noite nós o salvaremos.» Uma vez que elle o disse, de certo o fará.

—Diga-me o nome desse generoso amigo, disse o rei, para eu lhe guardar um eterno reconhecimento, ou elle seja bem succedido ou não.

D'Artagnan, senhor, o mesmo que esteve a ponto de o salvar quando o coronel Harrisson entrou em tão má occasião.

—São na verdade uns homens maravilhosos! disse o rei,

e se me contassem façanhas eguaes ás suas, eu não as acretaria.

—Agora, senhor, tornou Aramis, ouvi-me. Não olvide um só momento que nós velamos pela sua salvação: o menor gesto, o menor canto, o menor signal dos que se aproximarem de vossa magestade, tudo espie, commente tudo.

—Oh! cavalleiro! exclamou o rei, que posso eu dizer-lhe? nenhuma palavra, viesse ella do mais intimo do coração, seria capaz de exprimir o meu agradecimento. Se conseguirem o seu intento, eu não lhe direi que salvaram um rei; não, a realesa vista do cadafalso como eu a estou vendo, é uma coisa bem insignificante, mas conservarão um marido a sua esposa, um pae a seus filhos. Cavalleiro, aperte a minha mão, é a de um amigo que os amará até ao derradeiro suspiro.

Aramis quiz beixar a mão do rei, mas este pegou-lhe na sua e apertou-lh'a contra o coração.

N'este momento entrou um homem sem mesmo bater á porta; Aramis quiz retirar a sua mão, porém o rei reteve-a.

O recem-chegado era um d'esses puritanos meio padres, meio soldados, como tantos havia junto de Cromwell.

—Que quer, senhor? perguntou o rei.

—Desejo saber se a confissão de Carlos Sruart está terminada, respondeu o recem-chegado.

—Que lhe importa, disse o rei, nós não somos da mesma religião.

—Todos os homens são irmãos, disse o puritano; um de meus irmãos vae morrer, e venho exhortal-o á morte.

—Basta, disse Parry, o rei não carece das suas exhortações.

—Senhor, disse baixo Aramis, não o escandalise, é certamente algum espião.

—Depois do reverendo doutor bispo, disse o rei, ouvil-o-hei com prazer, senhor.

O homem de olhar vesgo retirou-se, não sem ter observado o bispo com uma minuciosa attenção que não escapou ao rei.

—Cavalleiro, disse elle quando se fechou a porta, parece-me que tinha razão e que este homem veiu aqui com más

intenções; tome sentido quando sair não lhe aconteça alguma desgraça.

—Senhor, disse Aramis, agradeço a vossa magestade; debaixo d'este habito trago uma saia de malhas e um bom punhal.

—Então, vá, senhor, e Deus o tenha na sua santa guarda, como eu dizia no tempo em que era rei.

Aramis saiu: Carlos acompanhou-o até á porta. Aramis lançou a sua benção, que fez inclinar os guardas, passou magestosamente atravez das ante-camaras atulhadas de soldados, subiu para a sua carroagem, onde o seguiram os seus dois guardas, e fez conduzir para casa do bispo, onde o deixaram.

Juxon esperava anciosamente.

—Então, disse elle ao vêr Aramis.

—Então, disse este, tudo saiu conforme os meus desejos, espiões, guardas, satellites, todos me tomaram pelo bispo, e o rei abençoa esperando que o abençôe tambem.

—Deus o proteja tambem, meu filho, porque o seu exemplo, deu-me ao mesmo tempo esperança e coragem.

Aramis toruou a vestir o seu facto e capa, e saiu prevenindo a Juxon que ainda uma vez teria de recorrer a elle.

Apenas tinha dado dez passos, quando notou que era seguido por um homem embuçado n'uma capa; pôz a mão no cabo do seu punhal e esperou. O homem veio direito a elle. Era Porthos.

—Caro amigo! disse Aramis estendendo-lhe a mão.

—Vê, meu caro, disse Porthos, cada um de nós estava encarregado da sua missão; a minha era de o guardar, e guardava-o. Viu o rei?

—Sim, e tudo bom. Agora, onde estão os nossos amigos?

—Temos reunião ás onze horas na hospedaria.

—Então não ha tempo a perder, disse Aramis.

Com effeito dez horas e meia batiam então no relogio de S. Paulo.

Entretanto como elles apressaram o passo, foram ainda os primeiros que chegaram.

Após elles entrou Athos.

—Tudo vae bem, disse elle antes que seus amigos tivessem tido tempo de o interrogar.

—Que tem feito? perguntou Aramis.

—Aluguei uma pequena falua, estreita como uma piruga, leve como uma andorinha; espera-nos em Greenwich, em frente da ilha dos cães; tem um patrão e quatro homens, que, mediante cincoenta libras sterlinas, estarão á nossa disposição tres noites seguidas. Chegados á margem com o rei, aproveitamo-nos da maré, descemos o Tamisa, e em duas horas estamos no mar largo. Então, como verdadeiros piratas, seguimos as costas, escondemo-nos pelos alcantis, ou se o mar estiver navegavel dirigimo-nos para Bolonha. Se eu for morto o patrão chama-se o capitão Boger, e a falua «Relampago». Com estes indicios achará um ou outra. Um lenço atado nos quatro cantos é o signal de reconhecimento.

Um instante depois d'Artagnan entrou tambem precipitadamente.

—Despejem as suas algibeiras até que haja cem libras sterlinas, porque, em quanto ás minhas... E d'Artagnan virou as suas algibeiras completamente vasias.

A somma foi contada n'um momento; d'Artagnan saiu e entrou logo depois.

—Lá, disse elle, está acabado. Irra! não foi sem custo.

—O carrasco deixou Londres? perguntou Athos.

—Ah! sim! Isso não era muito seguro. Podia sair por uma porta e entrar por outra.

—E aonde está elle? perguntou Athos.

—Na adega.

—Em que adega?

—Na adega do nosso hospede! Mousqueton, está sentado no balcão da porta, e a chave eil-a aqui.

—Bravo! disse Aramis. Mas como resolveu o homem a que desapparecesse?

—Como se resolvem todos, com dinheiro; custou-me algum tanto caro, mas consentiu.

—E quanto lhe custou, amigo? disse Athos, porque agora que não somos mais que uns pobres mosqueteiros sem rei nem roque todas as despezas devem ser communs.

—Custou-me doze mil libras, disse d'Artagnan.

—E, onde as foi buscar? perguntou Athos, possuia essa somma?

—E o famoso diamaute da rainha! disse d'Artagnan com um suspiro.

—Ah! é verdade, disse Aramis, eu já o tinha reconhecido no seu dedo.

—Comprou-o ao senhor des Essarts? perguntou Porthos.

—Sim; disse d'Artagnan, mas está escripto lá em cima que eu não poderei guardal-o. Que quer! os diamantes, pelo que parece, teem suas sympathias e antipathias como os homens; parece-me que aquelle aborrecia-me.

—Mas, disse Athos, em quanto ao carrasco vae a coisa bem; desgraçadamente não ha algoz que não tenha o seu ajudante ou criado, que o sei eu.

—Tambem este tinha o seu; mas nós fomos felizes.

—Que diz?

—No momento em que julgava ter um segundo negocio que tratar, eis que entra o meu rapaz com uma perna quebrada. Levando o seu zelo a excesso, tinha acompanhado o carro que anda conduzindo as vigas e tabuas para a construcção do cadafalso; um dos barrotes caiu-lhe em cima de uma perna e quebrou-lh'a.

—Ah! disse Aramis, foi então elle que soltou o grito que eu ouvi da camara do rei?

—E' provavel, disse d'Artagnan; o caso é que elle pensa perfeitamente; vendo-se obrigado a retirar-se, prommetteu que mandaria em seu logar quatro obreiros espertos e habeis para ajudar os que estavam já com mãos á obra, e apenas entrou em casa de seu patrão, mesmo ferido como estava, escreveu logo ao mestre Tom Low, carpinteiro seu amigo, para vir a White-Hall cumprir a sua promoessa. Eis aqui a carta que elle mandava por um portador que devia ganhar dez pences, mas que por um luiz m'a vendeu.

—E que diabo quer fazer d'essa carta? perguntou Athos.

—Não adivinha? disse d'Artagnan com os seus ohlos brilhantes de intelligencia.

—A' fé que não!

—Pois bem! meu caro Athos, já que falla inglez como o

proprio Jonn Bull, é o mestre Tom Low, e nós somos os seus tres companheiros; entende agora?

Athos soltou um grito de admiração e alegria; correu para um gabinete, tirou d'elle fatos de operarios, que immediatamente vestiram os nossos amigos; depois d'isto sairam da estalagem, Athos levando uma serra; Porthos uma alavanca, Aramis um machado, e d'Artagnan um martello e pregos.

A carta do criado do executor provava ao mestre carpinteiro que eram exactamente aquelles que eram esperados.

V

Os operarios

Pela meia noite, Carlos ouviu um grande barulho por baixo da sua janella: eram pancadas de martello e machado, o bater da alavanca no chão e gritos de alegria.

Como elle se tinha deitado vestido, e começava já a adormecer, este ruido fel-o acordar sobresaltado; e como, além d'este sussurro material, este ruido tinha um echo moral e terrivel na sua alma, os horrorosos ponsamentos da vespera vieram assaltal-o de novo. Só no meio das trevas e da solidão, não teve forças para soffrer mais esta tortura que não estava no programma do seu supplicio, e mandou Parry dizer á sentinella que fosse pedir aos obreiros que fizossem menos barulho, e tivessem piedade do ultimo somno d'aquelle que tinha sido seu rei.

A sentinella não quiz largar o seu posto, mas deixou passar Parry.

Tendo chegado ao pé da janella, depois de ter rodeado o palacio devizou ao resvez do balcão, cuja grade tinham arrancado, um largo cadafalso ainda não concluido mas no qual começavam já a pregar uma tapeçaria de sarja negra.

Este cadafalso elevado á altura da janella, isto é, pouco mais ou menos a vinte pés, tinha dois andares inferiores. Parry, não obstante o odio que lhe inspirou esta vista, procurou entre oito ou dez operarios que edificavam a sombria machina, aquelles, cujo ruido era mais incommodo para o rei, e no segundo andar devisou dois homens que, com a ajuda de uma alavanca, arrancavam os ultimos varões do balcão de ferro; um d'elles verdadeiro colosso, fazia o officio do ariete antigo encarregado de deitar abaixo as muralhas.

A cada pancada do seu instrumento a pedra voava em estilhas. O outro, que se conservava de joelhos, tirava-lhe as pedras quebradas.

Era evidente que estes é que faziam o burulho que incommodava o rei:

Parry subiu a escada e foi ter com elles.

—Meus amigos, lhe disse elle, tenham a bondade de trabalhar um pouco mais baixo? o rei dorme, e carece de repouso.

O homem que batia com a alavanca parou, e voltou meio corpo; mas como estava de pé, Parry não poude distinguir-lhe as feições no meio das trevas. O homem que estava de joelhos, voltou-se tambem; e, como estava mais baixo que o seu companheiro, a claridade da lanterna deu-lhe no rosto, e Parry poude vel-o.

Este homem olhou para elle fixamente e levou o dedo aos labios.

Parry recuou estupefacto.

—Muito bem, muito bem, disse o operario em excellente inglez, volta a dizer ao rei que se dorme mal esta noite, a seguinte dormil-a-ha melhor.

Estas rudes palavras, que, tomadas á leira, tinham um sentido tão terrivel, foram acolhidas pelos operarios que trabalhavam nos lados e andar inferior com uma horrorosa expressão de alegria.

Parry retirou-se, julgando que passava por um sonho.

Carlos esperava-o impaciente.

No momento em que elle entrou, a sentinella que vigiava á porta intruduziu curiosamente a cabeça pela abertura para vêr o que fazia o rei.

O rei estava deitado no seu leito.

Parry fechou a porta, e marchou direito ao rei com o semblante brilhante de alegria.

—Senhor, sabe quem são os operarios que fazem tanto ruido?

—Não, disse Carlos meneando melancholicamente a cabeça, como queres tu que eu o saiba? conhecel-os-hei eu?

—Senhor, disse Parry mais abaixo ainda, e inclinando-se sobre o leito de seu amo, senhor, é o conde de La Fére e seu companheiro.

—Que levantam o meu cadafalso? disse o rei espantado.

—Sim, e que ao mesmo tempo que o levantam fazem um buraco na parede.

—Chiton! disse o rei olhando com terror á volta do quarto. Tu vistel-os?

—Fallei-lhes.

O rei poz as mãos e levantou os olhos ao ceu; depois, apóz uma curta e piedosa oração levantou-se e foi direito á janella, cujas cortinas apartou para os lados; as sentinellas do balcão continuavam a estar lá; além do balcão estendia-se uma sombria plata-forma, na qual passavam como que sombras.

Carlos nada pôde distinguir, mas debaixo dos pés sentiu a commoção das pancadas dos seus amigos.

Parry não se tinha enganado, tinha perfeitamente reconhecido Athos. Era effectivamente elle, que, ajudado de Porthos fazia um buraco no qual havia de pousar uma das vigas transversaes.

Este buraco communicava com uma especie de tambor feito no sobrado da camara do rei. Conseguindo-se chegar a este tambor, podia-se, com uma alavanca e uns hombros fortes e isto era com Porthos, fazer saltar uma lagea do parque; o rei então escapava-se por esta abertura, ganhava com os seus salvadores um dos repartimentos do cadafalso inteiramente coberto de uma manta negra, disforçava-se tambem com um trajo de operario que lhe estava preparado, e, sem affectação, sem receio, descia com os quatro companheiros.

As sentinellas, não tendo que suspeitar, vendo operarios que desciam de trabalhar no cadafalso, deixavam passar.

ram-se apparecer os primeiros reflexos da luz. Mazarino tinha deixado a lanterna na estufa das laranjeiras para dar a crer que passeiava, mas tinha levado para o seu mysterioso cofre uma vela de cera.

—Oh! murmurou elle em italiano, em quanto subia os degraus deitando os olhos para o sacco: eis-aqui com que pagar cinco conselheiros do parlamento e dois generaes de Paris. Eu tambem sou um grande capitão, mas faço guerra a meu modo...

D'Artagnan e Porthos tinham-se occultado por detraz de uma caixa.

Mazarino carregou sobre uma mola na parede. A lagea voltou-se e a larangeira sustentada por ella voltou a tomar o seu primitivo logar. Então apagou a vela e pegou na lanterna.

—Vamos ver o senhor de La Fére, disse elle.

—Bom! disse comsigo d'Artagnan, é o que nés queremos; iremos de companhia.

Todos tres se pozeram a caminho. Mazarino seguindo a alea do meio, Porthos e d'Artagnan as parallelas. Estes dois ultimos evitavam cuidadosamente as linhas luminosas que a luz do cardeal traçava no intrevallo de uma caixa á outra.

Este chegou a uma porta envidraçada sem notar que era seguido. Porque a areia não deixava sentir os passo dos dois companheiros.

Depois voltou para a esquerda, tomou por um corredor em que Porthos e d'Artagnan não tinham ainda reparado: mas no momento em que ia a abrir a porta, parou pensativo.

—Ah! diavolo! disse elle, já me esquecia a recommendação de Comminges. E' mister ir chamar os soldados e postal-os a esta porta para me não pôr á mercê d'este diabolico homem. Vamos.

E, com um movimento de impaciencia voltou-se para retrogradar sobre os seus passos.

—Não se dê a esse trabalho, monsenhor, disse d'Artagnan tirando o seu chapeu e fazendo o semblante risonho, nós temos seguido sua eminencia, e aqui estamos.

—Sim, aqui estamos, disse Porthos fazendo a mesma agradavel cortezia.

Como já dissemos, a fallua estava prompta.

Este plano era magnifico, simples e facil, como todas as coisas que nascem de uma resolução atrevida.

Pelo que já vimos, Athos esfolava as suas delicadas mãos em levantar as pedras arrancadas das suas bases por Porthos. Já podia passar a cubaça debaixo dos ornamentos que decoravam a credencia do balcão. Duas horas mais, e passaria todo o corpo. Antes de amanhecer estaria o buraco acabado, e desapparecia debaixo das pregas de uma tapeçaria interior que lhe poria d'Artagnan.

D'Artagnan tinha-se feito passar por um operario francez e batia os pregos com a ligeireza do mais habil tapeceiro. Aramis serrava o excedente da sarja que pendia até ao chão, e por traz da qual se erguia o madeiramento do cadafalso.

O dia appareu finalmente no cume das casas. Um grande fogo de corvão tinha ajudado a passar esta noite tão fria de 29 a 30 de janeiro; a todos os instantes os mais encarniçados na sua obra interrompiam-se para se irem aquecer. Só Athos e Porthos não tinham despegado, e por isso ao primeiro raiar da aurora, o buraco estava acabado. Athos entrou n'elle, levando os fatos destinados para o rei, encobertos com uma manta de sarja negra. Porthos passou-lhe uma alavanca e d'Artagnan pregou-lhe (luxo muito grande mas muito util) uma tapeçaria de sarja interior, que tapou os dois buracos.

Só faltavam duas horas de trabalho para que Athos podesse communicar com o rei; e segundo a previsão dos quatro amigos, elles tinham de seu todo o dia, pois que faltando o carrasco, ver-se-iam obrigados a ir buscar o de Bristol.

D'Artagnan foi vestir o seu fato acastanhado, e Porthos o seu gibão vermelho; quanto a Aramis, partiu para casa de Juxon a fim de penetrar, se fosse possivel, com elle na camara real.

Todos tres tinham marcado reunião para o meio dia na praça de White-Hall para vêr o que se passaria.

Antes de deixar o cadalso, Aramis tinha-se aproximado da abertura onde estava occulto Athos, para lhe annunciar que ia tratar de vêr Carlos.

—Então adeus e coragem disse Athos; diga ao rei em que

estado estão as coisas, e que quando estiver só bata no chão para que eu possa continuar com segurança o meu trabalho.

Se Parry poder ajudar-me arrancando a chapa inferior da chaminé, que sem duvida é uma lage de marmore, seria melhor, Aramis, não desampare o rei. Falle alto, muito alto, muito alto, porque o estarão escutando á porta; se houver uma sentinella no interior do quarto mate-a sem hesitar; se houver duas, cada um que mate a sua: se houver tres, procure a morte, mas salve o rei,

—Fique descançado, disse Aramis, levarei dois punhaes para dar um a Parry. Nada mais?

—Nada mais, vá; mas recommende muito ao rei de não se deixar levar por falsas generosidades. Em quanto se bater, se houver combate, que fuja; posta uma vez a chapa sobre a sua cabeça, e morto ou vivo sobre essa chapa, pelo menos gastarão dez minutos em achar o buraco por onde elle saiu. N'esses dez minutos teremos nós já andado muito, e o rei estará salvo.

—Será feito como diz, Athos. A sua mão, porque talvez nos não tornemos a vêr.

Athos deitou os braços ao pescoço de Aramis, e abraçou-o,

—Para si meu amigo disse elle. Se eu morrer diga a d'Artagnan, que o amo como a um filho, e abraçe-o por mim. Abraçe tambem o nosso bom e bravo Porthos. Adeus.

—Adeus, disse Aramis. Estou agora tão certo que o rei se salvará, como o estou de apertar a mais leal mão que ha no mundo.

Aramis deixou Athos, desceu do cadafalso, e foi para a hospedaria assobiando um hymno de Cromwell. Encontrou os seus dois outros amigos sentados ao pé de um bom fogo bebendo uma garrafa de vinho do Porto, e comendo um frango frio. Porthos comia, soltando continuamente muitas injurias contra os infames parlamentarios; d'Artagnan comia em silencio, mas revolvendo na sua mente os planos mais atrevidos.

Aramis contou-lhe tudo o que se tinha ajustado; D'Artagnan approvou com a cabeça, e Porthos com a voz.

—Bravo! disse elle, e de mais nós estaremos lá na occa-

são da fugida podemos estar muito bem escondidos debaixo do cadafalso. D'Artagnan, eu não fallo de Blaisois, que não serve senão para guardar os cavallos. A dois minutos por cada homem, são quatro minutos; Mousqueton perderá um, são cinco, durante estes cinco minutos, pode ter andado um quarto de legua.

Aramis comeu apressadamente um bocado de frango, bebeu um copo de vinho, e mudou de trajo.

—Agora, disse elle, vou ter com sua grandeza. Encarrego de preparar as armas, Porthos; e d'Artagnan, vigie bem o seu carrasco.

—Fique descançado, Grimaud foi render Mousqueton; elle tem-lhe o pé em cima.

—Não importa, redobre de vigilancia, e nem um momento esteja inactivo.

—Inactivo! meu caro, disse Porthos: estou sem cessar em cima das pernas, pareço mesmo um dansarino. C'os diabos! quanto eu agora amo a França, e quanto é bom ter uma patria, quando tão mal se está na dos outros.

Aramis deixou-os como tinha deixado Athos, isto é, abraçando-os; depois foi a casa do bispo Juxon, a quem transmittio a sua exigencia. Juxon consentio, e muito mais facilmente, porque já tinha prevenido que carecia de um padre, no caso de o rei querer commungar, e sobretudo no caso provavel de querer ouvir missa.

Vestido como Aramis estava na vespera, o bispo subiu para a carroagem. Aramis mais disfarçado ainda por sua palidez e tristeza, que pelo seu habito de diacono, sentou-se ao seu lado.

A carroagem parou á porta de Winte-Hall, seriam pouco mais ou menos nove horas da manhã. Nada parecia mudado; as ante-camaras e os corredores, como na vespera, estavam cheias de guardas, duas sentinellas rondavam á porta do rei, duas outras passeiavam diante do balcão da plata-fórma do cadafalso, onde já estava posto o cepo.

O rei estava cheio de esperança; ao vêr Aramis, esta esperança mudou-se em alegria. Abraçou Juxon, apertou a mão de Aramis.

O bispo affectou fallar alto e diante de todos da sua visi-

ta da vespera. O rei respondeu-lhe que as palavras que elle lhe disséra na vespera tinham produzido fructo, e que elle desejava ainda um egual intretenimento. Juxon voltou-se para os assistentes, e rogou-lhes que o deixassem só com o rei.

Todos se retiraram,

—Senhor, disse Aramis apenas sentiu a porta fechada, está salvo! O carrasco de Londres desappareceu; o seu ajudante quebrou hontem a perna debaixo das janellas de vossa magestade. Aquelle grito qoe nós ouvimos era o seu. Sem duvida hão de ter já notado a desapparição do executor; mas não ha carrasco senão em Bristol e então pelo menos teremos ainda de demora um dia.

—Mas o conde de La Fére? perguntou o rei.

—Está dois pés distante do senhor. Pegue no atiçador do brazeiro, bata com elle tres pancadas, ouvirá que lhe responde.

O rei com uma mão trémula, pegou no instrumento, e bateu com elle tres pancadas de intervallos eguaes. Immediatamente retiniram no sobrado umas pancadas surdas e commedidas.

—Então, disse o rei, aquelle que de lá me responde...

—E' o conde de La Fére, senhor, disse Aramis. Está preparando a via por onde vossa magestade poderá fugir. Parry, pela nossa parte, levantará esta lagea de marmore, e logo está patente uma passagem.

—Mas, disse Parry, eu não tenho nenhum instrumento.

—Pegue n'este punhal, disse Aramis; mas tome cautela em o não amolgar muito, porque poderá carecer d'elle para profundar outra coisa além da pedra.

—Oh! Juxon, disse Carlos, voltando-se para o bispo, e pegando-lhe nas duas mãos, Juxon ouvi os rogos d'aquelle que foi seu rei....

—Que o é ainda, e que o será sempre, disse Juxon, beijando a mão do principe.

—Ora toda a sua vida por este cavalleiro, por outro que ouve debaixo de nossos pés, e por dois outros que em qualquer parte que estejam, estou certo que velam pela minha salvação.

—Senhor, respondeu Juxon será obedecido. Em quanto eu for vivo, todos os dias rezarei a Deus uma oração por estes fieis amigos de vossa magestade.

O mineiro continuou ainda seu trabalho: sentia-se incessantemente a sua aproximação. Mas de repente um ruido inesperado suou na galeria. Aramis pegou no atiçador e deu o signal de interrupção.

O ruido approximava-se; era o de um certo numero de passos eguaes e regulares. Os quatro homens permaneceram na porta, que se abriu vagarosamente e com uma tal ou qual solemnidade.

Na camara que precedia a do rei estavam os guardas formados em ala. Um commissario do parlamento, vestido de negro, e cheio de uma gravidade de mau presagio, entrou, saudou o rei, e, desembrulhando um pergaminho, leu-lhe a sua sentença como é costume fazer aos condemnados que vão para o patibulo.

—Que significa isto? perguntou Aramis a Juxon.

Juxon fez um signal, indicando que elle era áquelle respeito tão ignorante como elle.

—Então é para hoje? perguntou o rei com uma emoção perceptivel só para Juxon e Aramis.

—Não estava prevenido, senhor, que era para esta manhã? respondeu o homem vestido de negro.

—E, disse o rei, devo morrer como um criminoso ordinario, ás mãos do carrasco de Londres?

—O carrasco de Londres, senhor, desappareceu, mas em seu logar offereceu-se um homem. Portanto a execução não se retardará senão o tempo que lhe fôr necessario para pôr em ordem os seus negocios temporaes e espirituaes.

O unico signal de emoção que Carlos deu, ao ouvir esta fatal nova, foi um ligeiro suor que como perolas lhe brilhou na raiz dos cabellos. Mas Aramis tornou-se livido. Seu coração já não pulsava; fechou os olhos e apoiou a mão na mesa. Carlos vendo esta profunda dôr, fingiu esquecer-se da sua.

Foi direito a elle, pegou-lhe pela mão e abraçou-o.

—Vamos, amigo, disse elle com o seu sorriso doce e triste, coragem.

Depois voltando-se para o commissario.

—Senhor, disse elle, estou prompto. Não desejo mais que duas cousas, que, julgo eu, não o retardarão muito. A primeira, commungar ; a segunda abraçar meus filhos e dizer-lhe adeus pela ultima vez. Ser-me-ha isto permittido ?

—Sim, senhor, respondeu o commisssario do parlamento. E saiu.

Aramis, tendo tornado a si, enterrava desesperadamente as unhas na cadeira ; um immenso gemido saiu-lhe do peito.

—Oh! senhor! exclamou elle agarrando as mãos de Juxon, onde está Deus ?

—Meu filho, respondeu com firmeza o bispo, não o vê, porque as paixões da terra não o permittem.

—Meu filho disse o rei a Aramis não te desconsoles d'essa maneira. Perguntas o que faz Deus ? Deus vê a tua dedicação e o meu martyrio, e acredira, que uma e outro terão sua recompensa ; importa-te pois do que disse respeito aos homens e não a Deus. São os homens que te fazem chorar.

—Sim, senhor, disse Aramis, sim, tem razão ; é dos homens que é mister que eu me importe, d'elles é que eu me importarei.

—Sente-se, Juxon, disse o rei ajoelhando, porque resta-lhe ouvir-me, e a mim resta-me confessar-me. Fique, senhor, disse elle a Aramis que fazia um movimento para se retirar, fique Parry, nada tenho a dizer, mesmo no segredo da penitencia, que não possa dizer-se á face de todos ; fique, e o meu unico pesar é que o mundo inteiro não possa ouvir-me.

Juxon assentou-se, e o rei ajoelhando ante elle como o mais humilde dos fieis, começou a sua confissão.

VI

Remember (1)

Acabada a confissão, real, Carlos commungou, depois pediu para vêr seus filhos. Batiam dez horas; como dissera, não tinha tido grande demora.

Entretanto o povo estava já prompto: sabia que ás dez horas era o momento fixo para a execução, amontoava-se nas ruas adjacentes ao palacio, e o rei começava de ouvir o ruido longinquo que fazem a multidão e o mar, quando uma é agitada pelas suas paixões, o outro pelas suas tempestades.

Chegaram os filhos do rei, primeiro a princeza Carlota, depois o duque de Glocester, isto é uma menina loura, bella e com os olhos banhados em lagrimas, e um joven de oito a nove annos, cujo olhar seco e o beiço desdenhosamente levantado, davam a demonstrar a altivez nascente. O joven tinha chorado toda a noite, mas ante toda esta gente não chorava.

Carlos sentiu partir-se-lhe o coração á vista d'estes dois meninos, que ha dois annos não tinha visto, e que só via agora no momento em que estava para ir morrer. Uma lagrima lhe burbulhou nos olhos e virou-se para a enchugar, porque queria ser forte ante aquelles a quem legava uma tão rude herança de soffrimento e de desgraça.

Fallou primeiro á filha; abraçando-a, recommendou-lhe a piedade, resignação e amor filial; depois passando de um a outro, pegou no joven duque de Glocester, e sentando-o no seu joelho para que ao mesmo tempo podesse apertal-o no coração, e beijal-o no rosto.

—Meu filho, vistes pelas ruas e nas ante-camaras muitas pessoas dirigindo-se para aqui; essas pessoas vão cortar a cabeça a teu pae, nunca olvides isto. Talvez que algum dia, vendo-te perto d'elles e tendo-te em seu poder, quererão eleger-te rei com exclusão do principe de Galles ou do duque de York, teus irmãos mais velhos, que estão uns na França,

1 (Lembra-te.)

e outros não sei aonde, mas não és o rei, meu filho, não podes vir a sel-o senão pela sua morte. Jura-me pois de não consentir em pôr a corôa; porque um dia qualquer, attende bem, meu filho, um diá se chegasses a fazer isso, cabeça e corôa rolariam por terra, e n'esse dia não poderás morrer tranquillo e sem remorsos, como eu morro. Jura pois, meu filho.

O joven estendeu a sua pequena mão para a de seu pae, e disse:

—Senhor, juro a vossa magestade...

—Carlos interrompeu-o.

—Henrique, disse elle, chama-me teu pae.

—Meu pae, tornou o menino, juro-lhe que elles me matarão primeiro que me façam rei.

—Bem, meu filho. Agora abraça-me e tu tambem, Carlota, e não me olvides.

—Oh! nnnca! nunca! exclamaram os dois meninos lançando seus braços ao pescoço de seu pae.

—Adeus, disse Carlos; adeus meus filhos. Leve-os, Juxon, as suas lagrimas tirar-me-iam a coragem para poder morrer.

Juxon arrancou os pobres meninos dos braços de seu pae e entregou-os aos que o tinham trazido.

Apenas elles sairam, abriram-se as portas, e todos poderam entrar.

O rei vendo-se só no meio da multidão dos guardas e dos curiosos que começavam a invadir a camara, recordou-se que o conde de La Fére estava tão perto, debaixo do sobrado do quarto, não podendo vêr, e esperando talvez sempre. Tremia que o menor ruido não parecesse um signal para Athos, e que este, continuando com o seu trabalho se não trahisse a si mesmo. Deixou-se por tanto estar immovel, e com o seu exemplo conteve todos os assistentes no silencio.

O rei não se enganava, Athos estava realmente debaixo de seus pés; escutava e desesperava-se de não ouvir o signal, ás vezes começava de novo a quebrar a pedra, mas temendo ser ouvido, parava logo.

Esta horrivel inacção durou duas horas. Um silencio de morte reinava na camara real.

Então Athos decidiu-se a investigar a causa d'esta sombria e muda tranquillidade, perturbada só pelo immenso murmurio da multidão. Entreabriu a tapeçaria que tapava o buraco, e desceu para o primeiro andar do cadafalso. Quatro polegadas acima da sua cabeça estava o cepo que constituia o patibulo.

Este ruido que no seu esconderijo só penetrava surdamente, e que começava de ouvir agora sombrio e ameaçador, fel-o estremecer até á medulla. Foi até á borda do cadafalso, estreabriu o tapete negro na altura do olho, viu innumeraveis cavalleiros rodeando a terrivel machina; além dos cavalleiros uma ala de partasanas; além dos partasanas, mosqueteiros; e além dos mosqueteiros as primeiras fileiras do povo, que, similhante a um sombrio oceano, borbulhava e mugia.

—Que aconteceu? perguntou Athos tremendo mais que o tapete cujas prégas elle amarrotava. O povo amontoa-se, os guardas estão armados, e entre os espectadores, que todos teem os olhos fixos na janella, deviso d'Artagnan! Que espera elle? Para que olha elle? Grande Deus! deixariam elles escapar o carrasco!

De repente na praça ouviu-se rufar o tambor funebremente; um ruido de passos pesados e prolongados resuou por cima da sua cabeça. Parecia-lhe que uma como procissão immensa calcava os sobrados de White-Hall. Bem depressa sentiu ranger as tahoas do cadalso. Lançou um ultimo olhar sobre a mesa, e a attitude dos espectadores lhe demonstrou o que uma derradeira esperança que até alli ainda lhe existira no mais fundo do coração, lhe impedia ainda de adivinhar.

O murmurio da praça tinha cessado de todo. Todos os olhos estavam fixos na janella de White-Hall; as bôcas entre abertas e as respirações comprimidas indicavam que se ia ver algum terrivel espectaculo. O ruído dos passos, que Athos do logar em que estava ouvira debaixo do sobrado dos quartos reaes, reproduziu-se agora sobre o cadafalso. As taboas do patibulo gemeram, e vergaram debaixo dos pés a ponto de quasi tocarem na cabeça do desgraçado cavalleiro. Eram duas alas de soldados que iam collocar-se no seu posto.

No mesmo instante uma voz bem conhecida do cavalleiro, uma nobre voz pronunciou estas palavras:

—Senhor coronel, desejo fallar ao povo.

Athos estremeceu todo; era effectivamente o rei que fallava do cadafalso.

Com effeito, depois de ter bebido algumas gotas de vinho, e cortado um pão, Carlos cançado já de esperar a morte, tinha-se repentinamente resolvido a ir procural-a, e elle mesmo tinha dado o signal de marcha.

Então abriram-se os dois batentes da janella que dava para a praça, e o povo pôde então vêr sair silenciosamente um homem mascarado, que pelo cutello que trazia na mão julgou ser o carrasco. Este homem aproximou-se do cepo e pousou n'elle o cutello.

Era o primeiro ruido que Athos tinha ouvido.

Por detraz d'elle, pallido certamente, mas tranquillo e de passos firmes, caminham Carlos Stuart, entre dois padres, seguido de alguns officiaes superiores, encarregados de presidir á execução e escoltado por duas alas de partasanas, que se postaram pelos dois lados do cadafalso.

A vista do homem mascarado tinha provocado um longo rumor. Todos tinham uma anciosa curiosidade de saber quem era este mysterioso carrasco que se tinha apresentado tão a proposito para que o terrivel espectaculo promettido ao povo podesse ter logar, quando já este julgava que seria reservado para o dia seguinte. Todos por tanto o tinham devorado com a vista, mas a unica coisa que tinham podido vêr é que era um homem de mediana estatura, vestido todo de negro, e que parecia já de uma certa edade, porque no fundo da mascara, que lhe occultava o rosto, percebia-se a ponta de uma barba já parecendo a ruça.

Mas a vista do rei tão tranquillo, tão nobre, tão digno, o silencio restabeleceu-se no mesmo instante, de maneira que todos distinctamente perceberam o desejo que elle tinha de fallar ao povo.

Sem duvida aquelle a quem o pedido foi feito tinha respondido por um signal affirmativo, porque uma voz firme e sonora, e que vibrou as mais reconditas cordas do coração de Athos, começou a fallar.

O rei explicou a sua conducta ao povo, e dava-lhe conselhos pela prosperidade de Inglaterra.

—Oh! dizia consigo Athos, é possivel que eu ouça o que ouço e que eu veja o que vejo?! E' possivel que Deus tenha abandonado o seu representante sobre a terra a ponto de o deixar morrer tão miseravelmente!... E eu que não vi! eu que lhe não disse adeus!...

Ouviu-se estão um ruido semilhante ao que teria feito o movimento do cutello sobre o cepo.

O rei interrompeu-se.

—Não toques no cutello, disse elle.

Em seguida continuou o seu discurso onde o tinha interrompido.

Acabado o discurso, o conde nada sentiu, era tudo um silencio de gelo. Tinha a mão na fronte, e entre a mão e a fronte caiam grossas gotas de suor não obstante o ar estar gelado.

Este silencio indicava os ultimos preparativos.

O rei tendo terminado o discurso, tinha dirigido pela multidão um olhar cheio de misericordia; e tirando a insignia da ordem que trazia, e que era a mesma medalha de diamantes que a rainha lhe enviára, entregou-a ao pabre que acompanhava Juxon. Depois tirou do peito uma pequena cruz do diamantes. Esta, assim como a medalha, provinha de Henriqueta.

—Senhor, disse elle dirigindo-se ao padre que acompanhava Juxon, conservarei esta cruz na minha mão até ao ultimo momento; tirar-me-ha quando deixar de existir.

—Sim, senhor, disse uma voz que Athos reconheceu pela de Aramis.

Carlos, que até então se tinha conservado coberto, pegou no chapeu e atirou-o para o pé d'elle; depois desabotoou um a um todos os botões do seu gibão, despio-o e lançou-o para junto do chapeu. Então, como fazia frio, pediu o seu chambre, que lhe deram.

Todos estes preparativos tinham sido feitos com um socego atterrador. Dir-se-ia que o rei ia deitar-se no seu leito e não no seu esquife.

—Causar-vos-hão estorvo, senhor? disse elle para o car-

rasco levantando os cabellos. N'esse caso poderei atal-os com um cordão.

Carlos acompanhou estas palavras com um olhar que parecia querer penetrar além da mascara do desconhecido. Este olhar tão nobre, tão sereno, e tão traquillo obrigou o homem a voltar a cara. Mas atraz do olhar prescrutador do rei encontrou o olhar ardente de Aramis.

O rei vendo que elle não respondia, repetiu a sua pergunta.

—Bastará, respondeu o homem com uma voz abafada, que os desvie do pescoço.

O rei separou os cabellos com as duas mãos e olhando para o cepo:

—Este cepo é tão baixo, não haveria outro mais alto e melhor?

—E' o cepo ordinario, respondeu o homem mascarado.

—Acredita que me cortará a cabeça de um unico golpe? perguntou o rei.

—Assim o espero, respondeu o executor.

Havia n'estas duas palavras: Assim o espero, uma tal intonação, que todos tremeram á excepção do rei.

—Está bom, disse o rei; agora, carrasco, ouve.

O homem mascarado deu um passo para o rei e levou a mão ao cutello.

—Eu não quero que tu me surprehendas, lhe disse Carlos; ajoelharei para ourar, e por isso não firas ainda.

—E quando deverei ferir? perguntou o homem mascarado.

—Quando eu pousar o pescoço no cepo, estender os braços e disser: Remember, então fere com força.

O homem mascarado inclinou-se levemente.

—E' chegado o momento de deixar o mundo, disse o rei aos que o rodeavam. Deixo-os, senhores, no meio da tempestade precedo-os na patria que não conhece tormenta. Adeus.

Fixou Aramis e fez-lhe com a cabeça um signal particular.

—Agora, continuou elle, desvie-se e deixe-me fazer a minha oração, peço-lh'o eu. Desvia-te tambem, disse elle para o homem mascarado. E' só por um instante, bem sei que te

pertenço; mas recorda-te de não ferires senão quando te fizer o meu signal.

—Carlos ajoelhou então, fez o signal da cruz, aproximou a bocca das taboas, como se quizesse beijar a plataforma, depois apoiando uma da mãos no chão, e a outra no cepo:

—Conde de La Fére, disse elle em francez, está ahi e posso fallar?

Esta voz foi dar direita ao coração de Athos, e feriu como se fosse um ferro gelado.

—Sim, magestade, disse elle tremulo.

—Amigo fiel, coração generoso, eu não podia ser libertado não o devia ser. Agora, commetta eu um sacrilegio, dir-te-hei: sim fallei aos homens, fallei a Deus; e fallo-te a ti em ultimo logar. Para sustentar uma causa que julguei sagrada, perdi o throno de meus paes e estraviei a herança de meus filhos. Resta-me um milhão em ouro: encerrei-o nos subterraneos do castello de Newcastle no momento em que deixei aquella cidade. Este dinheiro só tu sabes que existe, faz uso d'elle quando julgares que será tempo em que mais possa ser util a meu filho mais velho; e agora, conde de La Fére, diz-me adeus.

—Adeus, magestade santa e martyr, balbuciou Athos gelado de terror.

Houve então um instante de silencio, durante o qual pareceu a Athos que o rei se levantava e mudava de posição.

Depois com uma voz cheia e sonora, de maneira que podesse ser percebida não só no cadafalso, mas ainda na praça, pronunciou:

—Remember.

Acabada apenas esta palavra quando uma pancada terrivel fez tremer todo o cadafalso, a poeira que caiu do sobrado e tapeçaria fez cegar o desgraçado cavalleiro. Repentinamente como por um movimento machinal levantou os olhos e a cabeça, uma gotta quente lhe caiu na fronte. Athos recuou tremulo e espantado, e, no mesmo momento, as gottas transformaram-se em negra cascata que rebentava do sobrado.

Athos caiu de joelhos e permaneceu assim durante alguns minutos como que ferido de loucura. Bem depressa pelo murmurio que deminuia, percebeu que a multidão se aparta-

tava ; permaneceu ainda um instante immovel, mudo e consternado. Leventando-se então foi molhar a estremidade do seu lenço no sangue do rei martyr ; depois, como a multidão se apartava mais e mais, desceu abriu a tapeçaria, occultou-se entre dois cavallos, misturou-se por entre o povo cujos fatos elle trazia e foi o primeiro que chegou á taberna.

Quando se achou no seu quarto, olhou para um espelho, viu no rosto uma grande marca negra, levou a mão ao rosto tirou-a cheia de sangue do rei e caiu sem sentidos.

VII

O homem mascarado

Posto que não fossem mais que quatro horas da tarde, era noite fechada, a neve caia espessa e gelada. Aramis entrou tambem e encontrou Athos, senão sem conhecimento, ao menos abatido.

A's primeiras palavras do seu amigo o conde saiu da especie de lethargia em que estava sepultado.

—Estão ! disse Aramis, vencidos pela fatalidade.

—Vencidos ! disse Athos. Nobre e desgraçado rei !

—Está ferido? perguntou Aramis.

—Não, este sangue é o seu.

—Então onde estava ?

—Onde me tinha deixado, debaixo do cadafalso.

—E viu tudo ?

—Não, mas ouvi tudo ; Deus me livre de outra hora egual áquella porque acabo de passar ! Não tenho os cabellos brancos !

—Então sabe que o não deixei ? Ouvi a sua voz até ao ultimo momento.

—Eis-aqui a medalha que elle me deu, disse Aramis, eis aqui a cruz que lhe arranquei da mão ; elle desejava que fossem remettidas á rainha.

—E eis aqui um lenço para as embrulhar, disse Athos.

E tirou da algibeira o lenço molhado no sangue do rei.

—Agora, perguntou Athos, que fizeram d'aquelle pobre cadaver?

—Por ordem de Cromwell foram-lhe prestadas as honras reaes. Deitamos o corpo n'um esquife de chumbo; os medicos occupam-se em embalsamar os desgraçados restos, e, acabado o seu trabalho, o rei será depositado n'uma capella allumiada.

—Irrisão! murmurou sombriamente Athos; as honras reaes áquelle que elles assassinaram!

—Isto prova, disse Aramis, que o rei morre, mas que a realeza não morre.

—Ai! disse Athos, é talvez o ultimo rei cavalheiro que terá o mundo.

—Vamos, conde, não se desconsole, disse uma voz grossa na escada, onde echoavam os largos passos de Porthos, nós somos todos mortaes, meus nobres amigos.

—Chega muito tarde, meu caro Porthos, disse o conde de La Fére.

—Sim, disse Porthos, havia alguem no meu caminho que me retardou. Dançavam, os miseraveis! Agarrei um pelo gasnete, e quasi que o estrangulei, N'este momento appareceu uma patrulha. Felizmente aquelle com quem me diverti, esteve alguns minutos sem poder fallar. Aproveitei-me d'este ensejo para me precipitar por uma viella. Esta viella foi dar comigo a ontra ainda mais estreita e curta que a precedente. Então perdi-me. Eu não conheço Londres, nem sei inglez, julguei que nunca mais atinaria com a hospedaria, mas finalmente eis-me aqui.

—Mas d'Artagnan, disse Aramis, não o viu, e não lhe terá acontecido nada?

—Fomos separados pela multidão, disse Porthos, e apesar dos esforços que fiz, nunca mais pude encontral-o.

—Oh! disse Athos com azedume, vi-o eu, estava na primeira fileira do povo, n'uma posição admiravel para nada perder: e como, digam lá o que disser, o espectaculo era curioso, ha de ter querido vêl-o até ao fim.

—Oh! conde de La Fére, disse uma voz tranquilla, pos-

to que abafada pela precipitação da carreira, é realmente o senhor que calumnia os ausentes.

Esta queixa commoveu Athos. Todavia como a impressão que lhe causára a presença de d'Artagnan nas primeiras fileiras do povo estupido e feroz era profunda, contentou-se com responder:

—Eu não o calumnio, meu amigo. Estavam aqui inquietos pela sua ausencia, eu disse onde estava. O senhor não conhece o rei Carlos, este não passava de um estranho para o senhor, e o senhor não era obrigado a amal-o.

E dizendo estas palavras estendeu a mão ao seu amigo. Porém d'Artagnan fingio não vêr o gesto de Athos, e guardou a sua debaixo da capa.

Athos deixou cair a sua vagarosamente.

—Irra! estou cansado, disse d'Artagnan, e sentou-se.

—Beba um copo de vinho do Porto, disse Aramis, beba, talvez isto lhe dê forças.

—Sim, bebâmos, disse Athos, que sensivel ao descontentamento do gascão, queria bater com o seu copo contra o d'elle, bebâmos e deixemos este abominavel paiz. A falua espera-nos, bem sabe, partamos esta noite; nada mais temos que fazer aqui.

—Está bem apressado, senhor conde, disse d'Artagnan.

—O solo coberto de sangue abraza-me os pés disse Athos.

—Pois a neve não me produz esse effeito, disse tranquillamente o gascão.

—Mas que quer que nós façamos aqui, agora que está morto o rei?

—Então, senhor conde, disse d'Artagnan com negligencia, não vê que lhe resta ainda alguma coisa para fazer na Inglaterra?

—Nada, nada, disse Athos, mais que duvidar da bondade divina, e desprezar as minhas proprias forças.

—Pois eu, disse d'Artagnan, mesquinho, eu basbaque sanguinario que fui collocar-me a trinta passos do cadafalso para melhor vêr cair a cabeça do rei que eu não conhecia, e que, pelo que parece, me era indifferente, eu penso de uma maneira diversa da do senhor conde... eu fico!

Athos empallideceu o mais que era possivel; cada queixa do seu amigo penetrava-lhe até ao mais fundo do coração.

—Ah! fica em Londres, disse Porthos a d'Artagnan.

—Sim, disse este; e o senhor.

—Ora essa, disse Porthos um pouca embaraçado á vista de Athos e d'Aramis, ora essa! se fica, como vim comvosco não irei sem o senhor, eu não o deixarei só n'este abominavel paiz.

—Obrigado, meu excellente amigo. Então, tenho uma pequena empresa a propôr-lhe, a cuja execução nos abalançaremos juntos, quando tiver partido o senhor conde, e cuja idéa me occorreu quando estava vendo o espectaculo que sabe.

—Qual é? disse Porthos.

—E' de saber quem é o homem mascarado, que tão officiosamente se offereceu para cortar o pescoço ao rei.

—Um homem mascarado; exclamou Athos, pois não deixou fugir o carrasco.

—O carrasco? disse d'Artagnan, ainda está na adega, onde presumo que conversa com as garrafas do nosso hospede. Mas fez bem em me lembrar isso...

Foi á porta.

—Mousqueton disse elle.

—Senhor! respondeu uma voz que parecia sair das profundezas da terra.

—Solte o seu preso, disse d'Artagnan, tudo está acabado.

—Mas, disse Athos, quem foi então o miseravel que levantou a mão sobre o seu rei.

—Um carrasco curioso, que, por fim de contas, maneja o cutello com facilidade, porque, como elle o esperava, disse Aramis, não lhe foi preciso mais que um golpe.

—Não lhe viu o rosto? perguntou Athos.

—Trazia uma mascara, disse d'Artagnan.

—Mas o senhor que estava perto d'elle, Aramis?

—Não vi mais que uma barba ruça, que se lhe percebia debaixo da mascara.

—Então é homem já de edade avançada? perguntou Athos.

—Oh! disse d'Artagnan, aquillo não quer dizer nada. Quando se põe uma mascara, póde-se tambem pôr uma barba.

—Estou zangado de o não vêr, disse Porthos.

—N'esse caso! meu caro Porthos, disse d'Artagnan, é esta justamente a idéa que me occorreu.

Athos comprehendeu tudo; levantou-se.

Perdoe-me, d'Artagnan, disse elle; duvidei de Deus, podia muito bem duvidar de si. Perdoe-me amigo.

—Trataremos d'isso mais logo, disse d'Artagnan com um semi-sorriso.

—Então! disse Aramis.

—Então, tornou d'Artagnan, em quanto que eu olhava não o rei, como pensa o senhor conde, porque eu sei o que é um homem que vae morrer, e posto que eu devia estar habituado a esta sorte de coisas, fazem-me sempre mal; mas, apenas vi o carrasco mascarado, occorreu-me a idéa como já lhe disse, de saber quem elle era. Ora, como nós temos o costume de nos completar uns pelos outros, e de chamar-mos pela ajuda uns dos outros, como se chama uma mão em soccorro da outra, olhei machinalmente em torno de mim, para vêr se divisava Porthos; porque Aramis, tinha-o reconhecido junto do rei, e Athos sabia que devia estar debaixo do cadafalso, o que faz com que eu lhe perdoe, porque deve ter soffrido muito. Olhava pois á roda de mim, quando vejo uma cabeça que tinha sido rachada, e que bem, ou mal, estava ligada com um lenço de tafetá preto. «Diabo! disse eu comigo, parece-me que é uma costura á minha moda, e que fui eu que recosi este craneo n'alguma parte.» Effectivamente era o desgraçado escocez, o irmão de Parry, que sabe, aquelle em quem Groslow se entreteve em experimentar as suas forças, e que não tinha senão uma metade da cabeça quando o encontramos.

—Perfeitamente, disse Porthos; o homem das gallinhas negras.

—Esse mesmo; estava fazendo signaes para um outro homem que se achava á minha esquerda; voltei-me e reconheci o honrado Grimaud, tão occupado como eu em devorar com a vista o meu carrasco mascarado.

—Oh! bradei-lhe eu. Ora como esta sylaba é a abreviação de que se serve o senhor conde nos dias em que lhe falla, Grimaud comprehendeu que era a elle que chamavam, e voltou-se como que movido por uma mola; reconheceu-me pela sua parte; então, apontando-me com o dedo para o homem mascarado: Hein? disse elle. O que queria dizer: Tem visto? Ora essa! respondi eu.

«Tinhamos nos comprehendido perfeitamente.

«Voltei-me para o nosso escocez; este tinha tambem olhares falladores. Tendo tudo acabado, como sabe, sobremaneira lugubre. O povo apartou-se; pouco a pouco sobreveio a noite; eu tinha-me retirado para uma esquina com Grimaud e o escocez a quem eu tinha feito signal de ficar comnosco, e vi de lá o carrasco, que, tendo entrado na camara real mudava de fato; o seu sem duvida estava ensanguentado. Apóz isto pôs o chapeu negro na cabeça, embuçou-se na capa, e desappareceu. Advinhei que ia sair, e corri a postar-me em frente da porta. Com effeito, cinco minutos depois, vimol-o descer a escada.

—Seguiu-o? exclamou Athos.

—Que duvida! disse d'Artagnan, mas não foi sem custo. De momento a momento voltava-se; viamo-nos então obrigados a esconder-mo-nos, ou fingir coisas differentes. Ter-me-ia deitado a elle, e matal-o-ia, mas eu não sou egoista e isto era tirar um regalo a Aramis, e a Athos, para o consolar um pouco. Em fim, apoz meia hora de andar atravez de ruas as mais tortuosas da cidade, chegou á frente de uma casa, onde nem um ruido, uma luz sequer annunciava a presença do homem.

«Grimaud tirou das suas largas e extraordinarias calças uma pistola.

«Hein! disse elle mostrando-m'a,

—Não, lhe disse eu, e suspendi-lhe o braço.

«Já lhe disse que eu tinha uma idea.

«O homem mascarado parou diante de uma porta baixa, e tirou uma chave, mas antes de a metter na fechadura, voltou-se para vêr se era seguido. Eu estava escondido atraz de uma arvore, Grimaud atraz de um marco; o escocez que não tinha onde se occultar deitou-se no chão. O homem

julgou-se certamente só, porque ouvi o ranger da chave, a porta abriu-se e elle desappareceu.

—Miseravel! disse Aramis, a estas horas terá fugido, e nós já o não toparemos.

—Então, Aramis, toma-me por um outro.

—Entretanto, disse Athos na sua ausencia...

—Então, na minha ausencia, não tinha eu para me substituir Grimaud e o escocez? Antes que elle tivesse tempo de dar dez passos no interior da casa, tinha eu já dado uma volta á roda d'ella. A uma das portas, aquella por onde elle tinha entrado, colloquei o nosso escocez fazendo-lhe signal que se o homem da mascara negra saisse era mister seguil-o para qualquer parte que elle fosse, em quanto que Grimaud o seguiria tambem e viria dar-nos parte onde nós estivessemos. Emfim colloquei Grimaud na segunda saida, e eis-me aqui! A caça está cercada, agora quem quer ir vêr o hallali?

Athos precipitou-se nos braços de d'Artagnan que limpava a fronte.

—Amigo, disse elle, foi realmente muito bom em me perdoar; fiz mal, cem vezes mal, eu devia conhecel-o; mas ha no fundo de nós alguma coisa de má que sem cessar duvida.

—Hum! disse Porthos, não seria o carrasco o mesmo Cromwel, que para estar mais certo que o trabalho era bem feito, teria elle querido fazel-o?

—Não é possivel! Cromwel é gordo e baixo, e aquelle era magro, e delgado, e mais alto que baixo.

—Algum soldado condemnado a quem offereceriam o seu perdão por aquelle preço, disse Athos como fizeram para o desgraçado Chalais.

—Não, não, disse d'Artagnan a sua marcha não era a compassada de um peão, o seu passo não era tambem o passo largo de um soldado de cavallaria. Havia n'elle uma perna fina, e um porte distincto. Ou eu me engano muito ou nós temos de tractar com um nobre.

—Um nobre! exclamou Athos, impossivel! seria uma deshonra para toda a fidalguia.

—Bella caça! disse Porthos com um riso que fez tremer as vidraças, caspité! bella caça!

—Ainda parte, Athos? perguntou d'Artagnan.

—Não, eu fico, disse o cavalleiro com um gesto de ameaça que nada promettia de bom áquelle a quem ella era dirigida.

—Então, as espadas! disse Aramis, as espadas! e não percâmos um minuto.

Os quatro amigos vestiram ligeiramente os seus trajos de cavalleiros, cingiram as suas espadas, mandaram montar Mousqueton e Blaisois ordenando-lhe de fazer contas com o estalajadeiro e terem tudo prompto para a partida, porque havia toda a probabilidade de deixarem Londres n'aquella mesma noite.

A noite estava ainda sombria, a neve continuava a cair; parecia um vasto lençol estendido sobre a cidade regicida: eram apenas sete horas, e nas ruas difficultosamente se poderia enxergar alguns passos diante dos olhos; todos fallavam em segredo dos terriveis acontecimentos d'aquelle dia.

Os quatro amigos, embuçados nas suas capas, atravessaram todas as praças e ruas da cidade, tão frequentadas n'aquelle dia, e tão desertas esta noite. D'Artagnan guiava-os esforçando-se por distinguir cruzes que elle fizera nas paredes com o seu punhal. Mas o escuro era tão fechado que a muito custo se podiam perceber. Todavia, d'Atagnan tinha tão fixo na memoria cada marco, cada fonte, e cada signal, que ao cabo da meia hora chegou com os seus tres companheiros á vista da casa isolada.

Durante o momento d'Artagnan julgou que o irmão de Parry tinha desapparecido; enganava-se; o robusto escocez, acostumado aos gelos das suas montanhas, tinha-se estendido contra um marco, e, como uma estatua abatida da sua base, insensivel ás intemperies da estação, tinha-se deixado cobrir de neve mas á aproximação dos quatro cavalleiros levatou-se.

—Bom! disse Athos, eis-aqui mais um bom servidor. Os bravos não são tão raros como se pensa. Isto anima.

—Não nos apressemos em laurear o nosso escocez, disse d'Artagnan. Parece-me que o maroto está aqui tambem por sua conta. Ouvi dizer que estes senhores que nasceram do outro lado do Lweed são mui rancorosos. Arreda-te, Gros-

low! Elle passará um quarto de hora pessimamente se o nosso escocez o chega a encontrar.

E adiantando-se dos seus amigos, aproximou-se do escocez e fez-se reconhecer. Depois fez signal aos outros de se aproximarem.

—Então ? disse Athos em inglez.

—Ninguem saiu ainda, respondeu o irmão de Parry.

—Bem, fique com este homem Porthos, Aramis, tambem. D'Artagnan vae conduzir-me a Grimaud.

Este, não menos habil que o escocez, tinha-se deitado de encontro a um salgueiro occo, de que tinha feito guarida. Por um momento como lhe tinha acontecido com a outra sentinella, d'Artagnan acreditou que o homem mascarado tinha saido, e que Grimaud o tinha seguido.

De repente appareceu uma cabeça e soltou um prolundo gemido.

—Oh ! disse Athos.

—Sim, respondeu Grimaud,

Elles aproximaram-se do salgueiro.

—Então ? perguntou d'Artagnan, saiu algnem ?

—Não, mas alguem entrou.

—Um homem, ou uma mulher ?

—Um homem.

—Ah ! ah ! disse d'Artagnan são dois então ?

—Quizera que elles fossem quatro, disse Athos, ao menos o partido seria egual,

—Talvez sejam, disse d'Artagnan.

—Como assim ?

—Não podiam estar lá outros homens, e esperem-nos alli ?

—Póde-se vêr, disse Grimaud mostrando uma janella, atravez dos contraventos da qual filtravam alguns raios de luz.

—E' justo, disse d'Artagnan, chamemos os outros.

E rodearam a casa para fazer signal a Porthos e Aramis de se aproximarem.

Estes vieram apressados.

—Viu alguma coisa ?

—Não, mas vamos vêr, respendeu d'Artagnan mostran-

do-lhe Grimaud, que segurando-se á parede, tinha já subido cinco ou seis pés.

Todos quatro se aproximaram; Grimaud continuava a sua ascenção com a ligeiresa de um gato; chegou por fim a lançar mão a um dos gandrinhos que servem para segurar os contraventos e conserval-os abertos, ao mesmo tempo o seu pé encontrou uma moldura que lhe pareceu servir de ponto de apoio sufficiente, porque acenou que tinha conseguido o que queria. Então aproximou o seu olho da janella.

—Quem vê? perguntou d'Artagnan.

Grimaud mostrou a sua mão fechada tendo abertos só dois dedos.

—Falla, disse Athos, não se percebem os teus signaes? Quantos são elles?

Grimaud fez um esforço sobre si proprio.

—Dois, disse elle, um em frente do outro: um d'elles tem as costas viradas para mim.

—Bem. E quem é aquelle que está virado para ti.

—O homem que vi passar.

—Conhecel-o?

—Julguei que o tinha reconhecido e não me enganava; gordo e baixo,

—Quem é perguntaram em côro e em voz baixa os quatro amigos.

—O general Oliveiro Cromwell.

Os quatros amigos olharam uns para os outros.

—E o outro? perguntou Athos.

—Magro e alto.

—E' o carrasco disseram ao mesmo tempo d'Artagnan e Aramis.

—Eu não lhe vejo senão as costas, tornou Grimaud; mas espere, elle faz um movimento, volta-se: tirou a mascara, poderei vêl-o... Ah!

Grimaud, como se tivesse sido fulminado de um raio, deixou o gancho, e caiu para traz, soltando um surdo gemido. Porthos apanhou-o nos braços.

—Viste o? disseram os quatro amigos.

—Sim, disse Grimaud com os cabellos errissados e o suor no rosto.

—O homem magro e alto? disse d'Artagnan.

—Sim.

—O carrasco emfim? perguntou Aramis.

—Sim.

—E quem era? perguntou Porthos.

—Elle! elle! balbuciou Grimaud pallido como um cadaver e agarrando com as suas mãos trémulas as de seu amo.

—Elle quem perguntou Athos.

—Mordaunt!...

D'Artagnan, Porthos e Aramis soltaram uma exclamação de alegria.

Athos deu um passo á retaguarda e passou a mão pela fronte:

—Fatalidade! murmurou elle.

VIII

A casa de Cromwell

Era effectivamente Mordaunt que d'Artagnan tinha seguido sem conhecer.

Ao entrar na casa tinha elle tirado a sua mascara, arrancado a barba ruça que tinha posto para melhor se desfarçar e subiu a escada. No cimo abriu uma porta e n'uma camara allumiada pelo clarão por uma lampada, achou-se face a face com um homem assentado diante de uma secretária e escrevendo.

Este homem era Cromwell.

Cromwell tinha em Londres dois ou tres d'estes retiros, desconhecidos mesmo para o commum de seus amigos, e cujo segredo elle só confiava aos seus mais intimos. Ora, Mordaunt, se bem se recordam, podia ser contado no numero d'estes ultimos.

Quando entrou Cromwell levantou a cabeça.

—Ah! é Mordaunt, lhe disse elle, vem tarde.

—General, respondeu elle, quiz vêr a cerimonia até ao fim, e foi isto que me demorou.

—Ah! disse Cromwell, eu não o julgava de ordinario tão curioso como isso.

—Eu fui sempre curioso de assistir á queda de um dos inimigos de sua honra, e este não estava no numero dos mais insignificantes. Mas o general, não esteve em White-Hall?

—Não.

Houve um momento de silencio.

—Sabe os detalhes da execução?

—Nenhum. Estou aqui desde manhã. Apenas sei que estava tramada uma conspiração para salvar o rei.

—Ah! sabe isso? disse Mordaunt.

—Pouco importa. Quatro homens disfarçado em obreiros deviam tirar o rei da prisão e conduzil-o a Greenwch, onde uma barca o esperava.

—E sabendo tudo isso, conservava-se aqui tranquillo e inactivo!

—Tranquillo, sim, respondeu Cromwell, mas quem lhe disse inactivo?

—Todavia, se a conspiração chegasse a rialisar-se.

—Era o que eu desejava.

—Eu pensava que vossa honra olhava a morte de Carlos I como uma desgraça necessaria para a felicidade de Inglaterra.

—Sim! e é esse ainda o meu parecer. Mas, morresse elle é o que bastava; mais valia talvez que não fosse no cadafalso.

—Porque, senhor?

Cromwell sorriu-se.

—Perdão, disse Mordaunt, mas sabe, general que eu sou um aprendiz em politica, e desejo aproveitar-me em todas as circumstancias das lições que lhe approver dar-me, meu mestre.

—Porque diriam que o fiz condemnar pela justiça, e que o deixei fugir por misericordia.

—Mas se elle effectivamente fugisse.

—Impossivel.

—Impossivel?

—As minhas precauções estavam tomadas.

—E vossa honra conhece os quatro homens que tinham emprehendido salvar o rei?

—São os quatro francezes, dois dos quaes tinham sido enviados por Henriqueta a seu marido, e dois por Mazarino a mim.

—E julga senhor, que Mazarino os encarregasse de fazer o que fizeram.

—E' possivel, mas elle os desapprovará.

—Acredita?

—Estou certo.

—Porque?

—Porque se sairam mal.

—Vossa honra tinha-me dado dois d'esses francezes quando elles não eram culpados senão de terem pegado em armas a favor de Carlos I. Agora que elles são culpados de uma conspiração contra a Inglaterra, vossa honra quermos dar todos quatro.

—São seus, disse Cromwell.

Mordaunt inclinou-se com um sorriso de triumphante ferocidade.

—Mas, disse Cromwell vendo que Mordaunt se preparava para lhe agradecer, tornemos, se lhe agrada, ao desgraçado Carlos. Gritou-se entre o povo?

—Muito pouco, senão era viva Cromwell.

—Onde estava!

Mordaunt fixou por um instante o seu general para ler nos seus olhos se elle fazia uma pergunta inutil e se sabia tudo. Mas o ardente olhar de Mordaunt não foi capaz de penetrar nas sombrias profundezas do olhar de Cromwell.

—Estava collocado de maneira que podia ver tudo, respondeu Mordaunt.

Coube então a Cromwell olhar fixamente para Mordaunt, e a este o tornar-se impenetravel. Apoz alguns segundos de exame, voltou os olhos com indifferença.

—Parece, disse Cromwel, que o improvisado carrasco fez o seu dever. O golpe, pelo menos segundo me contaram, foi applicado com mão de mestre.

Mordaunt recordou-se que Cromwell lhe dissera que não sabia detalhe algum, e ficou certo então que o general tinha assistido á execução, occulto atraz de algum panno ou de alguma gelosia.

—Não ha duvida disse Mordaunt com uma voz tranquilla e o rosto impassivel, bastou um só golpe.

—Talvez fosse homem de officio.

—Julga-o, senhor?

—Porque não?

—Elle não tinha ares de carrasco.

—E que outro a não ser um carrasco, disse Cromwell, teria querido exercer aquelle horroroso officio?

—Mas, disse Mordaunt, talvez um inimigo pessoal do rei Carlos que teria feito voto de vingança e que cumpriria o seu voto; talvez algum, cavalheiro que tivesse graves razões para odiar o rei caido, e que sabendo que ia fugir e escaparlhe, se portou d'aquella maneira diante dos seus passos, com a fronte mascarada e o cutello na mão, não como um substituto do carrasco, mas como mandatario da fatalidade,

—E' possivel, disse Cromwell.

—E se assim é, disse Mordaunt, vossa honra condemnaria a sua acção?

—Não sou eu o juiz competente, disse Cromwell. E' um negocio entre elle e Deus.

Mas se vossa honra o conhecesse.

—Não o conheço, senhor, e nem quero conhecel-o. Que me importa a mim que seja este ou aquell'outro? Desde o momento em que Carlos estava condemnado, não é um homem que lhe cortou a cabeça, foi um cutello.

—E todavia sem esse homem, disse Mordaunt, o rei ter-se-ia salvado.

Cromwell sorriu-se,

—Certamente, roubavam-n'o.

—Levavam-n'o até Greenwich. Lá embarcava-se n'uma falua com os seus quatro salvadores. Mas na falua estavam quatro homens meus, e cinco toneis de polvora. No mar, os quatro homens desciam para uma chalupa, e Mordaunt, é já muito habil politico, para que eu lhe diga o resto.

—Sim, no mar iam todos pelos ares.

—Justamente. A expulsão faria o que o cutello não tinha querido fazer. O rei Carlos desapparecia afogado. Dizia-se que tendo escapado á justiça humana, tinha sido perseguido e submergido pela vingança celeste ; nós não tinhamos sido mais que seus juizes, e Deus é que era o seu carrasco, Eis o que me fez perder o seu cavalheiro mascarado. Mordaunt. Bem vê que eu tinha razão, porque a despeito das suas boas intenções, não saberia ser-lhe reconhecido pelo que praticou.

—Senhor, disse Mordaunt como sempre me inclino e me humilho: é um profundo pensador, e, continuou elle, a sua idéa da falua é sublime.

—Absurda, disse Cromwell pois que se tornou inutil. Em politica não ha idéa sublime senão a que produz fructos ; toda a idéa que aborta é louca e avida. Irá pois esta noite a Greenwich, Mordaunt, procurará o patrão da falua Relampago mostrar-lhe-ha um lenço branco atado nas quatro pontas, era o signal ajustado ; dirá ás pessoas que desembarquem, e mande conduzir a polvora para o arsenal, salvo se...

—Salvo se... interrompeu Mordaunt em cujo rosto brilhou uma alegria selvagem, durante que Cromwell fallava.

—Salvo se essa falua, como está, lhe fôr prestavel para os seus projectos pessoaes.

—Ah! milord! milord! exclamou Mordaunt, Deus, fazendo-o o seu eleito, deu-lhe o seu olhar, a que nada póde escapar.

—Parece-me que me chama milord! disse Cromwell sorrindo, vá, porque estamos sós, mas é mister attender a que essa palavra lhe não escape diante dos nossos imbecis dos puritanos.

—Não é d'esta maneira que vossa honra será bem depressa chamado ?

—Pelo menos assim o espero, disse Cromwell, mas não é ainda tempo.

Cromwell levantou-se e pegou na capa.

—Retira-se, senhor? perguntou Mordaunt.

—Sim, disse Cromwell, dormi aqui hontem e ante-hontem e sabe que não é meu costume dormir tres vezes no mesmo leito.

—Então, disse Mordaunt, vossa honra, dá-me toda a liberdade durante a noite?

—E mesmo durante o dia de ámanhã, se precisar, disse Cromwell. Desde hontem á noite, acrescentou elle sorrindo, tem feito bastante pelo meu serviço, e se tem alguns negocios pessoaes a regular, é justo que dê o tempo.

—Obrigado, senhor; espero que será muito bem empregado.

Cromwell fez a Mordaunt um signal com a cabeça; depois, voltando-se:

—Está armado perguntou elle.

—Tenho a minha espada.

—E ninguem o espera á porta? Ninguem.

—Então deveria acompanhar-me, Mordaunt.

—Obrigado, senhor; os rodeios que é obrigado a fazer passando pelo subterraneo gastar-me-iam tempo, e, depois do que me acabastes de dizer, tenho quiçá esperdiçado muito. Sairei pela outra porta.

—Então vá; disse Cromwell.

E pousando a mão sobre um botão occulto, fez abrir a porta tambem escondida na tapeçaria que era impossivel ao olho o mais exercitado o reconhecel-a.

Esta porta, movida por uma mola de aço, fechou-se sobre elle.

Era uma das saidas secretas que a historia nos conta que existiam em todas as mysteriosos habitações de Cromwell.

Esta passava debaixo da rua deserta, e ia dar ao fundo de uma gruta, no jardim de uma outra casa situada a cem passos d'esta que o futuro protector acabava de deixar.

Era durante esta ultima parte da scena, que, pela abertura que fazia uma cortina mal corrida, Grimaud tinha descoberto os dois homens e tinha successivamente reconhecido Cromwell e Mordaunt.

Viu-se já o effeito que esta noticia produziu sobre os quatro amigos.

D'Artagnan foi o primeiro que recuperou a plenitude das suas faculdades.

—Mordaunt, disse elle, ah! pelo ceu! é o mesmo Deus que nol-o envia.

—Sim, disse Porthos, arrombemos a porta, e caiamos sobre elle.

—Pelo contrario, disse d'Artagnan, nada de ruido. O barulho attrahe gente, porque se, como disse Grimaud, elle está com o seu digno amo, deve ter a occultas n'alguma distancia algum posto dos costas de ferro. Oh lá! Grimaud, aproxime-se, e trate de se suster nas pernas.

Grimaud approximou-se. O furor tinha-lhe voltado com o sentimento; estava firme.

—Bem, continuou d'Artagnan. Agora suba de novo, e diga-nos se Mordaunt está ainda de companhia, se se prepara para sair ou para se deitar; se está de companhia, esperaremos que esteja só: se sae, agarral-o-he-mos á saida; se fica, arrombaremos a janella. Sempre produz menos barulho que arrombar uma porta.

Grimaud começou a escalar silenciosamente a janella.

—Guarde a outra saida, Athos e Aramis; nós ficamos com Porthos.

Os dois amigos obedeceram.

—Então! Grimaud? perguntou d'Artagnan.

—Elle está só, disse Grimaud.

—Estás certo d'isso?

—Certissimo.

—Nós não vimos sair o seu companheiro.

—Talvez saisse pela outra porta.

—Que faz elle?

—Embuça-se na capa, e põe as luvas.

—A nós! murmurou d'Artagnan.

Porthos poz a mão no punhal, que tirou machinalmente da bainha.

—Socegue amigo Porthos, não se trata de ferir logo. Temol-o seguro, procedamos com ordem. Temos algumas explicações a dar de parte a parte, e isto é uma continuação da scena de Armentieres: mas esperamos que esta não deixará descendencia, e que, se o matarmos, tudo ficará morto com elle.

—Caluda! disse Grimaud. Eil-o que se prepara para sair. Aproxima-se da lampada. Assopra-a. Não vejo nada.

—A terra! então, a terra!

Grimaud saltou e caiu em pé; a neve abafava o som; nada se ouviu.

—Vae prevenir Athos e Aramis, que se colloquem nos dois lados da porta, como Porthos e eu vamos fazer; que o esmaguem nas suas mãos se chegarem a agarral-o, que nós faremos o mesmo.

Grimaud desappareceu.

—Porthos, Porthos, d'Artagnan occulte melhor os seus largos hombros, caro amigo; é mister que elle sáia sem nada vêr.

—Com tanto que elle sáia.

—Chiton!

Porthos collocou-se junto ao muro, d'Artagnan fez o mesmo.

Ouviram-se então na escada os passos de Mordaunt; logo depois sentiu-se o ranger de um postigo occulto nos seus gonzos. Mordaunt olhou, e graças ás precauções tomadas pelos dois amigos nada viu. Então metteu a chave na fechadura; a porta abriu-se, e elle appareceu.

No mesmo instante achou-se face a face com d'Artagnan. Quiz fechar a porta, porém Porthos empurrou-a e abriu-a de par em par.

Porthos bateu tres palmas. Athos e Aramis vieram logo.

Mordaunt tornou-se livido, mas não soltou um grito, não chamou por soccorro.

D'Artagnan avançou direito a Mordaunt, e, impellindo-o por assim dizer com o peito, fel-o subir aos empurrões toda a escada allumiada por uma alapada que permittia ao gascão de não perder de vista as mãos de Mordaunt, porém este comprehendeu, que, matando d'Artagnan, restar-lhe-iam ainda tres inimigos. Não fez pois um só movimento de defeza, um unico gesto de ameaça. Tendo chegado á porta. Mordaunt julgou que era alli o termo da sua vida, mas enganava-se, d'Artagnan estendeu a mão e abriu a porta, Mordaunt e elle acharam-se na mesma camara onde dez minutos antes o joven conversava com Cromwell.

Athos e Aramis appareceram, e fecharam a porta á chave.

Porthos tinha subido depois de d'Artagnan, com a ajuda

do braço arrancára a lampada do tecto, e com esta accendeu a outra.

—Tenha a bondade de se sentar, disse d'Artagnan apresentado uma cadeira ao mancebo.

Este tirou a cadeira das mãos de d'Artagnan e sentou-se, pallido mas tranquillo. A tres passos d'elle, Aramis aproximou tres cadeiras, para si, e para d'Artagnan e Porthos.

Athos foi sentar-se no canto mais desviado, parecendo resolvido a permanecer expectador immovel do que ia passar-se.

Porthos sentou-se á esquerda, Aramis á direita de d'Artagnan.

Athos parecia abatido. Porthos batia nas mãos com uma impaciencia febril.

Aramis mordia, sorrindo, os beiços a ponto de deitar sangue.

Só d'Artagnan se moderava, ao menos na apparencia.

—Senhor Mordaunt, disse elle para o mancebo, já que o acaso, depois de termos perdido tantos dias, nos juntou finalmente, conversemos um pouco, se não lhe causa incommodo.

IX

Conversação

Mordaunt tinha sido surprehendido tão inopinamente, tinha subido os degraus debaixo da impressão de um sentimento tão confuso ainda, que não o tinha deixado reflectir; o que n'elle havia de real, é que o seu primeiro sentimento fôra a emoção, a surpresa, e o invencivel terror que se apodera de todo o homem, a quem um inimigo mortal e superior em forças agarra no braço no mesmo momento em que elle julgava esse inimigo n'um outro logar, e occupado n'outros cuidados.

Mas apenas se sentou, e logo que viu serem-lhe concedidos alguns momentos, pondo de parte a intenção com que lh'os concediam, concentrou todas as suas idéas e chamou todas as suas forças.

O fogo do olhar de d'Artagnan, em vez de o intimidar, electrisou-o para assim dizer, porque este olhar, não obstante as ameaças que parecia estar fazendo-lhe, era franco no seu odio e na sua colera. Mordaunt, prompto a aproveitar-se de toda a occasião que se lhe offerecesse para se tirar d'esta melindrosa situação, ou fosse pela força, ou pela astucia, apoiou-se sobre si mesmo, como faz o urso deitado no seu covil, e que espreita com os olhos immoveis na apparencia todos os gestos do caçador que o tem cercado.

Entretanto este olhar, por um movimento rapido, fixou-se na sua comprida e forte espada que lhe pendia da cinta, poisou sem affectação a mão esquerda sobre os copos, e pondo-a ao alcance da mão direita sentou-se como lhe pedia d'Artagnan.

Este ultimo esperava sem duvida alguma palavra agressora para entabolar uma d'essas conversações zombeteiras ou terriveis que elle tão bem sustentava. Aramis dizia comsigo: «Vamos ouvir banalidades.» Porthos mordia no bigode murmurando: «C'os diabos, tantas cerimonias para esmagar uma serpente!» Athos occultava-se no canto da camara immovel e pallido como um baixo-relevo, e sentindo alagar-se-lhe de suor a fronte, apesar da sua immobilidade.

Mordaunt nada dizia; mas, quando ficou seguro que a sua espada estava sempre á sua disposição, crusou imperturbavelmente as pernas e esperou.

Este silencio não podia prolongar-se por mais tempo sem se tornar ridiculo: d'Artagnan comprehendeu-o, e como tinha convidado Mordaunt para conversar, julgou que a elle é que competia começar a conversação.

—Parece-me, senhor, disse elle com a sua mortal politica, que muda de fato quasi tão rapidamente como tenho visto fazer aos actores italianos que o cardeal Mazarino mandou vir de Bergamo, e que elle sem duvida o levantou a vêr durante a sua viagem pela França.

Mordaunt não respondeu.

—Ha pouco, continuou d'Artagnan, estava disfarçado, quero dizer vestido de assassino, e agora...

—E agora pelo contrario, estou com os trajos de um homem que vão assassinar, não é verdade? respondeu Mordaunt com a sua voz serena e breve.

—Oh! senhor, tornou d'Artagnan, como pode dizer isso, quando está na companhia de cavalleiros e lhe pende ao lado uma tão boa espada!

—Ora, senhor, não ha boa espada que valha quatro espadas e quatro punhaes sem contar as espadas e os punhaes dos seus acolytos que o esperam á porta.

—Perdão, senhor; mas engana-se. Aquelles que nos esperam á porta são nossos criados e não nossos acolytos. Gosto de ter as coisas na sua mais escrupulosa verdade.

Um sorriso que fez enrugar ironicamente os labios de Mordaunt foi a unica resposta d'este.

—Mas não é d'isso que se trata, replicou d'Artagnan, volto á minha questão. Tinha eu a honra, senhor, de lhe perguntar qual a rasão porque havia mudado de exterior. Parece-me que a mascara era-lhe bem commoda; a barba russa fica-lhe a matar, e quanto ao cutello com que d'estes um tão famoso golpe, parece-me que tambem lhe não quadraria mal n'este momento. Então porque está com trajos differentes?

—Porque recordando-me da scena de Armentières, pensei que encontraria quatro cutellos em vez de um, pois que ia achar-me no meio de quatro carrascos.

—Senhor, respondeu d'Artagnan com a maior tranquillidade, se bem que um leve movimento de sobrancelhas provava claramente que o sangue se lhe começava a aquecer; é demasiadamente joven, o que faz que eu nenhuma importancia dê aos seus discursos frivolos. Sim, frivolos, porque o que acaba de dizer ácerca de Armentières, não tem a menor relação com a situação presente. De certo nós não podiamos offerecer uma espada á senhora sua mãe, e pedir-lhe que a crusasse comnosco; mas ao senhor cavalleiro que joga o punhal e a pistolla como nós lhe temos visto fazer. e que traz uma espada do tamanho d'essa, não ha ninguem que não tenha o direito de lhe pedir um encontro.

—Ah! ah! disse Mordaunt então o que que quer é um duello.

E levantou-se com os olhos faiscando, como se se dispose-se a responder no mesmo instante á provocação.

Porthos levantou-se tambem, prompto como sempre para estas aventuras.

—Perdão, perdão disse d'Artagnan com o mesmo sangue frio, não nos apressemos, porque cada um de nós deve desejar que as coisas se façam segundo as formalidades. Torne-se a sentar, Porthos e o senhor Mordaunt, tem a bondade de estar socegados. Vamos regular o melhor possivel este negocio; e vou ser franco comvosco. Confesse senhor Mordaunt, que tinha bastantes desejos de nos matar uns ou os outros?

—Uns e outros, respondeu Mordaunt,

D'Artagnan voltando-se para Aramis disse-lhe:

—Não é uma grande felicidade, caro Aramis, que o senhor Mordaunt saiba tão bem a lingua franceza? ao menos não haverá desintelligencia entre nós, e vamos regular tudo ás mil maravilhas.

Depois voltando-se para Mordaunt:

—Caro senhor Mordaunt, continuou elle, dir-lhe-hei que estes senhores não lhe ficam a dever os seus bons sentimentos, e que teriam um grande prazer em o matar tambem. Dir-lhe-hei mais, que elles provavelmente o matarão; todavia portar-se-hão como leaes cavalleiros, e a melhor prova que posso dar-lhe eil-a aqui.

Dizendo isto, atirou com o seu chapeu para o tapete, recuou a sua cadeira para a parede, fez signal a seus amigos de fazer outro tanto, e saudando Grimaud com uma graça inteiramente franceza, disse-lhe:

—A's vossas ordens, senhor; porque se nada tem que dizer contra a honra que eu reclamo, sou eu que começarei. A minha espada é mais curta que a sua, é verdade, mas é quanto basta! espero que o braço supprirá a falta.

—Alto lá! disse Porthos, avançando, eu é que vou começar, e sem rethorica.

—Permetti, Porthos disse Aramis.

Athos não fez um movimento, dir-se-ia uma estatua; a sua respiração parecia até cumprimida.

—Senhores, senhores disse d'Artagnan, estejam descançados, chegar-lhe-ha a sua vez.

—Olhe para os olhos d'este senhor, e leia lá o odio feliz que nós lhe inspiramos. Veja como elle se desembaraçou tão habilmente! admire com que circumspecção examina tudo ao seu redor a vêr se não encontrará algum obstaculo que o não impeça de romper. Então tudo isso não lhe prova que o senhor Mordaunt é uma fina espada, e que me succederá, com tanto que eu lh'o permitta. Deixe-se portanto estar no seu logar como Athos, cuja tranquillidade não posso recommendar-lhe muito, e deixe-me a mim a iniciativa que eu já tomei. De mais, continuou elle, tirando a sua espada com um gesto terrivel, tenho negocios particulares com este senhor, e eu é que hei de começar. Desejo-o, quero-o.

Era a primeira vez que d'Artagnan pronunciava esta palavra, fallando a seus amigos. Até lá tinha-se contentado só com o pensar.

Porthos recuou, Aramis poz a espada debaixo do braço, Athos permaneceu immovel no sitio onde estava, não tranquillo como dissera d'Artagnan, mas suffocado e ancioso.

—Embainhe a sua espada, cavalleiro, disse d'Artagnan a Aramis, este senhor podia suspeitar intenções que não tem. Senhor, continuou elle voltando-se para Mordaunt, estou ás suas ordens.

—E eu, senhores, admiro-os. Discute sobre quem primeiro se baterá comigo, e não me consulta a mim, a quem, supponho, diz isso algum respeito. Eu tenho-lhe odio a todos quatro, é verdade, mas em differentes graus. Eu espero que hei de matar a todos quatro, mas tenho mais desejo de matar a todos quatro, mas tenho mais desejo de matar o primeiro que o segundo, o segundo que o terceiro, o terceiro que o ultimo. Reclamo por tanto o direito de escolher o meu adversario. Se me nega este direito, matem-me, mas eu não me baterei.

Os quatro amigos olharam uns para os outros.

—E' justo, disseram Porthos e Aramis esperando que a escolha recairia n'elles.

Athos e d'Artagnan não disseram palavra, mas o seu proprio silencio era signal de que concordavam.

N'esse caso ! disse Mordaunt no meio do profundo e solemne silencio que reinava em toda esta mysteriosa casa, n'esse caso, escolho para meu primeiro adversario aquelle de vós, que não se julgando digno de se chamar conde de La Fére adoptou o nome d'Athos.

Athos levantou-se da cadeira como se uma mola o tivesse feito endireitar : mas com grande espanto de seus amigos após um momento de silencio disse meneando a cabeça:

—Senhor Mordaunt, todo o duello entre nós é impossivel, faça a qualquer outro a honra que me destinava. E tornou a sentar-se.

—Ah ! disse Mordaunt, eis-aqui já um que tem medo.

—C'um milhão de diabos, exclamou d'Artagnan dando um salto para o mancebo, quem disse aqui que Athos tinha medo?

—Deixe-o dizer, d'Artagnan, replicou Athos com um sorriso cheio de tristeza e despreso.

—E' a sua decisão, Athos? replicou o Gascão.

—Irrevogavel.

—Então, basta. Ouviu-o, senhor, continuou elle voltando-se para Mordaunt, o conde de La Fére não quer fazer-lhe a honra de se bater comvosco. Escolha entre nós algum que o substitua.

—Logo que eu me não bata com elle, pouco me importa bater-me com este ou aquelle. Deite os seus nomes n'um chapeu e tire ao acaso.

—Eis uma boa idéa, disse d'Artagnan.

—E' verdade, este meio concilia tudo, disse Aramis.

—Não tinha ainda pensado n'elle e todavia é bem simples, disse Porthos.

—Vamos, Aramis, disse d'Artagnan, escreva-nos isso com aquella linda letra com que escreve a Maria Michon para a prevenir que a mãe d'este senhor queria fazer assassinar milord Buckingham.

Mordaunt soffreu este novo attaque sem pestanejar ; estava de pé, com os braços crusados, e parecia tão tranquillo como póde estar um homem em eguaes circumstancias. Se não era coragem ao menos era orgulho ; o que se parece *muito*.

Aramis aproximou-se da secretária de Cromwell, cortou n'ella tres tiras de papel de egual tamanho, escreveu na primeira o seu nome, e nas duas seguintes os de seus companheiros, apresentou-os abertos a Mordaunt, que, sem os ler, fez um signal com a cabeça que queria dizer que se reportava inteiramente a elle; tendo-os depois enrolados, collocou-os n'um chapeu e apresentou-os ao mancebo.

Este metteu a mão no chapeu e tirou d'elle uma tira, que desdenhosamente deixou cair na mesa, sem a ler.

—Ah! maldicto! murmurou d'Artagnan, eu trocaria todas as minhas pretenções á patente de capitão dos mosqueteiros para que essa tira trouxesse o meu nome!

Aramis abriu o papel; mas, não obstante a serenidade e sangue frio que affectou, via-se que a sua voz tremia de odio e de desejo.

—D'Artagnan! leu elle em alta voz.

D'Artagnan soltou um grito de alegria.

—Ah! disse elle, então sempre ha uma grande justiça no ceu!

Depois voltando-se para Mordaunt:

—Espero, senhor, lhe disse elle, que não terá objecção alguma a fazer-me?

—Nenhuma, senhor, disse Mordaunt desembainhando a espada e descançando a ponta sobre a bota.

Apenas d'Artagnan ficou certo que o seu desejo era cumprido, e que o seu homem não lhe escaparia, retomou toda a sua tranquillidade, e mesmo toda a pachora que elle costumava empregar nos preparativos d'este grave negocio que se chama um duello. Levantou elle mesmo as mangas, bateu com a solla do pé direito, o que não o impedio de notar que, pela segunda vez, Mordaunt lançava em torno de si o singular olhar que uma vez já tinha notado.

—Está prompto, senhor? disse elle.

—Sou eu que o espero, senhor, respondeu Mordaunt levantando a cabeça e fixando d'Artagnan com um olhar cuja expressão seria impossivel traduzir.

Então acautele-se, senhor, disse o Gascão, porque eu jogo bem a espada.

—E eu tambem, disse Mordaunt.

—Tanto melhor ; isso tirar-me-ia os escrupulos de consciencia. Em guarda !

—Um momento, disse o mancebo, dão-me a sua palavra, senhores, de que me não accommettem senão uns depois dos outros.

—E' para ter o prazer de nos insultar que nos pede isso, serpente ? ! disse Porthos.

—Não, é para ter como este senhor dizia ha pouco, a minha consciencia tranquilla.

—Não é isso não, murmurou d'Artagnan meneiando a cabeça e olhando com certa inquietação á volta do quarto.

—Palavra de cavalleiro ! disseram ao mesmo tempo Aramis e Porthos.

—N'esse caso, senhor, vão para algum canto como fez o senhor conde de La Fére, que se não quer bater-se, parece-me conhecer pelo menos as regras do combate, e deem-nos logar ; vamos carecer d'elle.

—Vá, disse Aramis.

—Eis bastantes embaraços ! disse Porthos.

Apartem-se senhores, disse d'Artagnan ; é mister, não dar a este senhor o menor vislumbre de pretexto de ser mal succedido, de que, salvo o devido respeito, parece-me terbastantes desejos.

Esta nova zombaria nada abalou a face impassivel de Mordaunt.

Porthos e Aramis collocaram-se no canto parallello em que se achava Athos, de maneira que os dois campeões occupavam o meio da camara, isto é, estavam collocados no centro da casa allumiada ; as duas luzes que allumiavam esta scena estavam postas sobre a secretária de Cromwell. Escusado é dizer que a luz se enfraquecia á medida que se apartára do seu centro.

—Vamos, disse d'Artagnan, está emfim prompto ?

—Estou disse Mordaunt.

Ambos deram ao mesmo tempo um passo á frente, e graças a este mesmo movimento, os ferros cruzaram-se immediatamente.

D'Artagnan era uma mui distincta espada para se entreter, como se diz em phrase academica, em experimentar o

seu adversario. Deu-lhe um bote brilhante e rapido. porém foi aparado por Mordaunt.

—Ah! ah! exclamou elle com um sorriso de satisfação.

E sem perder tempo julgando vêr uma abertura atirou-lhe um golpe direito, rapido e flamejante como o raio.

—Começo a crer que vamos divertir-nos, disse d'Artagnan.

—Sim, disse Aramis, mas divertindo-se jogue acauteladamente.

—Diabo! meu amigo, preste attenção, disse Porthos.

Mordaunt, sorriu-se.

—Ah! senhor, disse d'Artagnan, que vilão sorrisso que tem! foi o diabo que o ensinou a sorrir assim, não é verdade?

Mordaunt não respondeu senão com carregar d'Atagnan com uma força de que elle julgava incapaz este corpo debil na apparencia, mas graças a uma ligeireza não menos debil que a que acabava de executar o seu adversario, encontrou a tempo o ferro de Mordaunt, que resvalou pelo seu sem lhe ir dar no peito.

Mordaunt deu rapidamente um passo á retaguarda.

—Ah! desvia-se, disse d'Artagnan, volta? como quizer, eu mesmo ganho n'isso, já não vejo o seu maligno sorriso. Eis-me de todo na escuridão, tanto melhor. Não faz idéa de quão falso é o seu olhar, sobretudo quando tem medo. Olhe um pouco para os meus olhos, e verá uma coisa que nunca encontrará no seu espelho, isto é um olhar franco, leal e sincero.

Mordaunt a esta torrente de palavras, que não eram talvez de muito bom gosto, mas que eram habituaes a d'Artagnan, que tinha por principio preoccupar o seu adversario, não respondeu uma só palavra; mas atacava, e, voltando-se sempre, chegou por fim a mudar de logar com d'Artagnan. O seu sorrisso era cada vez maior.

Este sorriso começou de inquietar o Gascão.

—Vamos, vamos, é preciso acabar com isto, disse d'Artagnan, ó maroto tens pernas de ferro.

E carregou então sobre Mordaunt, que continuou desviando-se, mas evidentemente por tactica, sem cair em falta

alguma de que d'Artagnan podesse aproveitar-se, sem que a sua espada se desviasse um instante da sua linha.

Entretanto, como o combate era n'uma camara, e o espaço não era demais para os combatentes, bem depressa o pé de Mordaunt tocou na parede, na qual elle apoiou a sua mão esquerda.

—Ah! d'esta vez não se retire mais, meu bello amigo! Senhores, continuou d'Artagnan serrando os labios e carregando o sobr'olho! viram já um escorpião espetado n'uma parede? Não. Então! vão vêl-o.

E, dentro em um segundo, d'Artagnan descarregou tres terriveis golpes sobre Mordaunt. Todos tres lhe deram mas de leve. D'Artagnan nada comprehendia d'este poder. Os tres amigos olharam arquejantes; o suor caia-lhe gotta a gotta.

Emfim d'Artagnan, como tivesse avançado muito, deu tambem um passo á retaguarda para se preparar a dar um quarto golpe, ou antes para o executar; porque para d'Artagnan, as armas, como o xadrez, eram uma vasta combinação, cujos detalhes todos se encadeavam uns aos outros.

Mas no momento em que elle atacava veloz como o raio, o muro pareceu abrir-se; Mordaunt desappareceu pela abertura, e a espada de d'Artagnan, entallada no friso, quebrou-se como se fosse de vidro.

D'Artagnan deu um passo atraz, a parede fechou-se.

Mordaunt, defendendo-se, tinha manobrado de tal maneira qne chegou a aproximar-se da porta pela qual vimos sair Cromwell.

Tendo chegado aqui, procurou com a mão esquerda o botão; depois tinha desapparecido como desapparecem no theatro os máos genios que teem o dom de passar atravez das paredes.

O Gascão soltou uma gargalhada furiosa, á qual, do outro lado da porta de ferro, respondeu um rir selvagem, rir funebre, que fez estremecer até ás veias o sceptico Aramis.

—A mim, senhores! bradou d'Artagnan, arrombemos esta porta!

—E' o demonio em pessoa, disse Aramis, correndo ao chamamento do seu amigo.

—E escapa-nos, c'um milhão de diabos! escapa-nos! gritou Porthos, mettendo os hombros á porta, que, sem duvida sustentada por alguma occulta móla, nem sequer se mecheu.

—Tanto melhor, murmurou surdamente Athos.

—Eu já estava desconfiado d'elle, disse d'Artagnan fazendo baldados esforços, eu já estava desconfiado d'elle; quando o miseravel deu uma volta em torno da camara, previa alguma infame manobra, adivinhava que elle tramava alguma coisa; mas quem poderia imaginar isto?

—E' um mal horrivel que nos manda o diabo, seu amigo! exclamou Aramis.

—E' uma felicidade manifesta que nos envia Deus! disse Athos com uma alegria evidente.

—Na verdade, respondeu d'Artagnan, encolhendo os hombros, e abandonando a porta, que decididamente não queria abrir-se; c'os diabos, Athos, como é possivel que digas semilhantes coisas a homens como nós! Não comprehende então a nossa situação?

—Que? qual situação? perguntou Porthos.

—N'este jogo, quem não mata é morto, replicou d'Artagnan. Vejamos agora, meu amigo, entro nas suas choradeiras expiatorias que o senhor Mordaunt nos sacrifique á sua piedade filial? Se é o seu parecer, diga-o francamente.

—Oh! d'Artagnan, meu amigo!

—E' que realmente, é piedade encarar as coisas debaixo d'este ponto de vista! O miseravel vae-nos enviar cem costas de ferro que nos pilharão como ratos n'esta ratoeira do senhor Cromwell. Vamos, vamos! a caminho! se nos demoramos cinco minutos só que sejam aqui, estamos perdidos.

—Sim, tem rasão, a caminho! responderam Athos e Aramis ao mesmo tempo.

—E aonde vamos? perguntou Porthos.

—A' estalagem, caro amigo, buscar os nossos fatos e cavallos; de lá, se aprouver a Deus, á França, onde, ao menos, conheço a architectura das casas. O nosso batel esperanos; ainda é uma felicidade.

E d'Artagnan, juntando o exemplo ao preceito, embainhou

o bocado da sua espada, pegou no chapeu, abriu a porta da escada e desceu rapidamente, seguido dos seus tres companheiros.

A' porta, os fugitivos encontraram os criados, a quem perguntaram por Mordaunt; mas ninguem o tinha visto sair.

X

A falua Relampago

D'Artagnan tinha adivinhado: Mordaunt não tinha tempo a perder, e não o tinha perdido. Sabia a rapidez da decisão e acção de seus inimigos. Resolveu por tanto obrar immediatamente. D'esta vez os mosqueteiros tinham encontrado um adversario digno d'elles.

Depois de ter cautelosamente fechado a porta, Mordaunt metteu-se pelo subterraneo, embainhando a sua espada inutil, e chegando á casa visinha parou alli para se apalpar e tomar folego.

—Bom! disse elle, nada, quasi nada, apenas arranhaduras, duas no braço, e outra no peito. As feridas que eu faço são melhores! Pergunte-se ao carrasco de Béthune, a meu tio de Whinter, e ao rei Carlos! Agora não ha um segundo a perder, porque um segundo de perca salva-os talvez, e é mister que elles morram todos quatro juntos, de um só golpe, fulminados pelo raio dos homens á falta do de Deus. E' mister que elles desappareçam despedaçados, afogados, dispersos. Corramos em quanto as minhas pernas se poderem ter, em quanto o meu coração palpitar, mas cheguemos primeiro que elles.

E Mordaunt principiou a andar a passos rapidos, mas eguaes, para o primeiro quartel de cavallaria, distante pouco mais ou menos um quarto de legua. Este quarto de legua andou elle em quatro ou cinco minutos.

Tendo chegado ao quartel, fez-se reconhecer, tirou o

melhor cavallo da cavallariça, montou e partiu. Um quarto de hora depois estava em Grenwich.

—Eis-aqui o porto, murmurou elle; aquelle ponto acolá sombrio é a ilha dos Cães. Bom! levo-lhes meia hora de avance... e talvez uma hora! Que tolo eu sou! Por pouco que não me suffoquei com a minha insensata precipitação. Agora, accrescentou elle alçando-se nos estribos, como para vêr ao longe por entre todas as cordas e mastros; o Relampago, onde está o Relampago?

No momento em que elle pronunciava mentalmente estas palavras, como para responder ao seu pensamento um homem deitado sobre um montão de amarras, levantou-se e deu alguns passos para Mordaunt.

Mordaunt tirou o seu lenço da algibeira, e fel-o fluctuar um instante no ar.

O homem pareceu attento, mas ficou no mesmo logar sem dar um passo, nem para a frente, nem para a rectaguarda.

Mordaunt deu um nó em cada um dos cantos do seu lenço, e avançou até elle; era o signal ajustado. O marinheiro estava embuçado em um largo capuz de lã que lhe não deixava perceber o talhe, e que lhe tapava o rosto.

—Senhor, disse o marinheiro, não vem por acaso de Londres para dar um passeio sobre o mar?

—Exactamente, respondeu Mordaunt, do lado da ilha dos Cães.

—E' isso. E sem duvida o senhor ha de ter alguma preferencia? Gostaria mais de um barco que d'outro? Quereria um barco caminheiro, ou um veloz?

—Como o Relampago, respondeu Mordaunt.

—Bem, então é o meu que o senhor procura, sou o patrão que procura.

—Estou em acreditar, sobretudo se o não esquece de um certo signal de reconhecimento.

—Eil-o, senhor, disse o marinheiro tirando da algibeira um lenço com um nó nas quatro pontas.

—Bom! bom! exclamou Mordaunt saltando abaixo do cavallo. Agora não ha tempo a perder. Mande levar o meu cavallo para a primeira estalagem, e leve-me ao navio.

—Mas, os seus companheiros? disse o marinheiro, parece-me que eram quatro sem contar os criados.

—Escute, disse Mordaunt aproximando-se d'elle, eu não sou aquelle que esperava, como o senhor não é o que elles esperam achar. O senhor toma o logar do capitão Roggers, não é verdade? está aqui por ordem do general Cromwell, e eu venho da sua parte.

—De feito, disse o patrão, eu reconheço-o, é o capitão Mordaunt.

Mordaunt estremeceu.

—Oh! nada tema, disse o patrão abaixando o seu capuz, e descobrindo a cabeça, eu sou um amigo.

—O capitão Groslow! exclamou Mordaunt.

—O proprio! o general recordou-se que eu tinha sido outr'ora official de marinha, e encarregou-me d'esta expedição. Ha alguma coisa de novo?

—Não, nada. Tudo está no mesmo estado.

—E' que um instante pensei que a morte do rei...

—A morte do rei não fez senão apressar a sua fugida; em um quarto de hora, em dez minutos, aqui estarão talvez.

—Então que vem fazer?

—Embarcar-me com elles.

—Ah! ah! o general duvidaria do meu zelo?

—Não: mas eu mesmo é que quero assistir á minha vingança. Não tem alguem que me possa desembaraçar do meu cavallo?

Groslow assobiou, um marinheiro appareceu.

—Patrick, disse Groslow, leve este cavallo para a estalagem mais proxima. Se lhe perguntarem a quem elle pertence, diga que é d'um senhor irlandez.

—O marinheiro apartou-se sem fazer reflexão alguma.

—E não receia que elles o conheçam? disse Mordaunt.

—Com este trajo, embuçado n'este capuz, com uma noite d'estas não ha medo; demais, não me conheceu; elles com muito maior rasão, não me hão de reconhecer.

—E' verdade, disse Mordaunt, e tambem longe hão de elles estar de pensar no senhor. Tudo está prompto, não é verdade?

—Sim.

—A carregação está já no navio.

—Sim.

—Cinco toneis?

—E cincoenta vazios.

—A's mil maravilhas. Agora leve-me a bordo e volte para o seu posto, porque elles não tardarão em chegar.

—Estou prompto.

—Seria bom que nenhum dos seus me visse entrar.

—Não tenho mais que um homem a bordo, e estou tão certo d'elle como de mim mesmo. Além de que esse homem não o conhece, e, assim como os seus companheiros, está prompto a obedecer ás nossas ordens, mas ignora tudo.

—Está bom, vamos.

Tendo dito isto dirigiram-se para o Tamiza.

—Uma pequena barca estava amarrada á praia por uma cadeia de ferro presa a uma estaca. Groslow puxou a barca, e segurou-a em quanto Mordaunt saltava para dentro, depois saltou tambem, e immediatamente começou a remar de modo com que provasse a Mordaunt a verdade que ha pouco lhe tinha dito, isto é que ainda não tinha esquecido o seu officio de marinheiro.

Ao cabo de cinco minutos viram-se desembaraçados da multidão de navios, que, n'aquella época já atulhava as immediações de Londres, e Mordaunt divisou então, semilhante a um ponto sombrio, a pequena falua que se balouçava ancorada a quinhentas ou seiscentas braças da ilha dos Cães.

Quando já estavam proximos do Relampago, Groslow assobiou de um certo modo, e por cima do bordo se viu logo apparecer a cabeça de um homem.

—Ah! é o capitão? perguntou esse homem.

—Sim, deita a escada.

E Groslow, subindo ligeiro e rapido como uma andorinha foi collocar-se a bordo com elle.

—Subi, disse Groslow a seu companheiro.

Mordaunt, sem responder agarrou na cerda e subiu para o navio com uma ligeiresa e desembaraço pouco ordinarios ás pessoas de terra; mas o desejo de vingança tornava-o apto para tudo.

Como tinha previsto Groslow, o marinheiro de guarda a bordo do Relampago nem mesmo pareceu notar que o seu patrão, voltava acompanhado.

Mordaunt e Groslow dirigiu-se para a camara do capitão.

Era uma especie de gabinete provisorio, construido sobre taboas na coberta. O quarto de honra tinha sido cedido pelo capitão Roggers a seus companheiros.

—E elles, perguntou Mordaunt, onde estão elles?

—Na outra estremidade do navio, respondeu Groslow.

—E não teem nada que fazer d'este lado?

—Nada absolutamente.

—A's mil maravilhas! Conservo-me occulto em sua casa. Volte a Greenwich e traga-os. Tem uma lancha?

—Aquella em que viemos.

—Parece ligeira e bem talhada?

—Uma verdadeira pirogâ.

—Amarre-a á popa com um cabo de linho, e metta-lhe já os remos para que ao depois nada mais haja a fazer que cortar a amarra. Muni-a de rhum e biscoitos. Se por acaso o mar não estiver bom, os seus homens estimariam achar algum conforto.

—Assim será feito. Quer visitar o paiol da polvora?

—Não, á sua volta. Quero eu mesmo collocar a mecha, para estar certo de que não se demorará muito a arder. Sobretudo occulte bem o seu rosto para que elles o não reconheçam.

—Fique descançado.

—Vá, estão batendo dez horas no relogio de Greewich.

Effectivamente os sons de um sino dez vezes repetidos atravessaram tristemente o ar carregado de grossas nuvens que rolavam pelo ceu, semilhantes a vagas silenciosas.

Groslow empurrou a porta que Mordaunt fechou por dentro, e, depois de ter dado ao marinheiro de guarda a ordem de vigiar com a maior attenção, desceu para a lancha, que se apartou rapidamente, fazendo com os dois remos escumar a agua.

O vento soprava frio e o caes estava deserto quando Groslow abordou em Grrenwich; muitas barcas acabavam

de partir com a maré. No mesmo momento em que Groslow pôz pé em terra, ouviu como o galopar de cavallos.

—Oh ! oh ! disse elle, Mordaunt tinha rasão de me apressar. Não havia tempo a perder, eil-os aqui.

De feito eram os nossos amigos, ou antes a sua vanguarda, composta de d'Artagnan e Athos. Chegados á frente do sitio onde estava Groslow, pararam como se adivinhassem que aquelles com quem tinham a tratar estavam alli. Athos apeou-se e desenrolou tranquillamente um lenço cujas quatro pontas estavam atadas, e fel-o fluctuar no vento, emquanto d'Artagnan sempre prudente, conservou-se inclinado sobre o cavallo e com as mãos nos coldres.

Groslow, que, duvidando se eram effectivamente aquelles os cavalleiros que elle esperava, se tinha escondido por detraz de um dos tubos que se põe no chão, e que servem para enrolar os cabos, levantou-se então, e vendo o signal ajustado marchou direito aos cavalleiros. Estava de tal maneira embuçado que era impossivel ver-lhe o rosto ; de mais o escuro era tão denso que tornou esta precaução superflua.

Entretanto o olho prescrutador de Athos adivinhou, não obstante o escuro, que este homem não era o capitão Roggers

—Que quer ? disse elle a Groslow dando um passo a retaguarda.

—Quero dizer-lhe milord, respondeu Groslow affectando o accento irlandez, que procura o capitão Roggers, mas que debalde o procura.

—Como assim ? perguntou Athos.

—Porque esta manhã caiu do cesto da gavea e quebrou uma perna. Mas eu sou primo d'elle ; contou-me todo o negocio e encarregou-me de reconhecer por elle, e de levar para qualquer parte que queiram, os cavalleiros que me trouxessem um lenço atado nas quatro pontas como o que tem na mão e como o que eu tenho na algibeira.

E dizendo estas palavras Groslow tirou da algibeira o lenço que já tinha mostrado a Mordaunt.

—Só isso ?

—Não, milord ; porque ha ainda setenta e cinco libras

promettidas se eu os desembarcar sãos e salvos na Bolonha ou em qualquer porto de França que me designar.

—Que diz d'Artagnan? perguntou Athos em francez.

—Mas que disse elle? respondeu d'Artagnan.

—Ah! é verdade, esquecia-me que não entendia o inglez.

E contou a d'Artagnan a conversação que acabava de ter com o patrão da falua.

—Isso parece-me bem verosimil, disse o Gascão.

—E a mim tambem, respondeu Athos.

—E de mais se elle nos enganar mettemos-lhe uma bala nos cascos.

—E quem nos conduzirá?

—Athos sabe tantas coisas, que não duvido que saiba tambem governar um navio.

—E' verdade, respondeu Athos sorrindo-se, quasi que atinou; eu estava destinado por meu pae a servir na marinha, e tenho umas vagas noções da pilotagem.

—Veja, exclamou d'Artagnan.

—Vá então procurar os nossos amigos, d'Artagnan, e volte; são onze horas, não temos tempo a perder.

D'Artagnan dirigiu-se para os dois cavalleiros, que com a pistolla na mão conservavam-se de vedeta nas primeiras casas da cidade, esperando encostados a uma especie de telheiro; tres outros rondavam e pareciam tambem esperar.

As duas vedetes do meio da estrada eram Porthos e Aramis. Os tres cavalleiros do telheiro eram Mousqueton, Blasois e Grimaud; mas este ultimo, examinado de mais perto, era duplicado, porque tinha na guarupa o irmão de Parry, que devia conduzir a Londres os cavallos dos quatro amigos e seus lacaios, vendidos ao hospede para pagar as dividas que elles tinham contrahido em sua casa. Graças a este contracto, os quatro amigos tinham conseguido levar comsigo uma somma, senão consideravel, ao menos sufficiente para fazer face a qualquer demora ou acontecimento inesperado.

D'Artagnan convidou Porthos e Aramis a que o seguissem, e estes deram ordem a seus lacaios de se apearem e de tirarem as malas.

O irmão de Parry separou-se, não sem pesar, de seus

amigos; tinham-lhe proposto acompanhal-os para França, mas tinha teimosamente recusado.

—E' muito simples, tinha dito Mousqueton, elle tem suas contas com Groslow.

Hão de recordar-se que tinha sido o capitão Groslow que lhe tinha quebrado a cabeça.

A pequena tropa foi ter com Athos. Mas já d'Artagnan tinha tornado ás suas desconfianças ordinarias; achava o caes deserto, a noite muito negra, e o patrão muito facil.

Tinha contado a Aramis o incidente que nós dissemos, e este não menos desconfiado que elle, não tinha contribuido pouco a augmentar-lhe as suspeitas,

Um pequeno ranger de dentes traduziu a Athos as inquietações do Gascão.

—Não temos tempo de nos entregarmos a desconfianças, disse Athos, a barca espera-nos, entremos.

—Demais disse Aramis, que é que nos impede de ser desconfiados? Tenhamos cautella com o patrão.

—E se não se portar bem, mato-o, e está tudo feito.

—Bem, Porthos, tornou d'Artagnan. Então entremos. Passa, Mousqueton.

E d'Artagnan fez parar os seus amigos, mandando passar os criados adiante para que experimentassem a taboa que conduzia do caes á lancha.

Os tres criados passaram sem accidente.

Athos segui-os, depois Porthos, depois Aramis, d'Artagnan foi o ultimo, sempre meneando a cabeça.

—Que diabo tem, meu amigo? disse Porthos, á fé que será capaz de incutir medo a Cesar.

—Que diabo hei de eu ter! não vejo no porto nem um guarda marinha.

—E lastima-se por isso! disse Porthos. Vamos como sobre um caminho de rosas.

—Tudo vae muito bem, Porthos. Emfim, não importa, á mercê de Deus,

Apenas a prancha foi tirada, o patrão assentou-se ao leme e fez signal a um dos marinheiros, que armado de um croque, começou a manobrar para se desembaraçar do dedalo de navios no meio dos quaes se achava a lancha.

O outro marinheiro estava já a bordo com o remo na mão.

Quando viram que se podiam já servir d'elles, veiu juntar-se-lhe o companheiro, e a barca começou a navegar rapidamente.

—Finalmente, partimos! disse Porthos.

—Ai! respondeu o conde de La Fére, mas partimos sós.

—E' verdade; mas partimos todos quatro juntos, e sem lesão alguma, isto sempre é uma consolação.

—Não se alegre já, que ainda não chegámos! disse d'Artagnan.

—Irra, meu caro! é como os corvos! não canta senão desgraça. Quem é que póde encontrar-nos por uma noite d'estas em que se não lombriga a vinte passos de distancia?

—E' verdade, mas ámanhã de manhã.

—A'manhã de manhã já nós estamos na Bolonha.

—De todo o coração o desejo, disse o Gascão, e confesso a minha fraqueza. Mas em quanto estivermos ao alcance do fuzil da praia ou dos navios que a rodeavam, esperava por alguma horrivel fuzilaria que nos matasse a todos.

—Mas, disse Porthos, era uma coisa impossivel, porque matariam ao mesmo tempo o patrão e os marinheiros.

—E que tem lá isso!? Era uma bella façanha para o senhor Mordaunt! acredita que elle attendesse a isso?

—Em fim, disse Porthos, alegro-me em vêr que d'Artagnan confessa que tem medo.

—Não só o confesso, mas glorio-me d'isso. Eu não sou um rhinoçoronte. Mas, que é aquillo?

—O Relampago, disse o patrão.

—Então já chegámos? perguntou Athos em inglez.

—Chegamos, disse o capitão.

Effectivamente chegavam então ao pequeno navio. O marinheiro esperava, a escada estava preparada; elle tinha reconhecido a barca.

Athos subiu primeiro com a destreza de marinheiro; Aramis com o habito que de ha muito tinha de escadas de corda e outros *quaesquer meios mais ou menos* engenhosos para subir ou descer os espaços prohibidos; d'Artagnan como

um caçador de cabra montez; Porthos com esse desinvolvimento de força que n'elle suppria tudo.

Porém com os criados a operação foi mais difficil, não a respeito de Grimaud, mas de Mousqueton e Blaisois, que os marinheiros foram obrigados a levantar nos braços, até que Porthos lhe chegou com as mãos, o qual aggarrando-os pela gola do seu gibão os pôz de pé sobre a coberta do navio.

O capitão conduziu os seus passageiros ao quarto que lhes estava preparado, e que se compunha de uma só camara que elles deviam habitar em communidade; depois procurou apartar-se sob pretexto de dar algumas ordens.

—Um instante, disse d'Artagnan, quantos homens tem a bordo, patrão?

—Não comprehendo, respondeu este em inglez.

—Pergunte-lhe isto na sua lingua, Athos.

Athos fez a pergunta que d'Artagnan desejava.

—Tres, respondeu Groslow, sem me contar, bem entendido.

D'Artagnan comprehendeu, porque respondendo, o patrão tinha levantado tres dedos.

—Oh! disse d'Artagnan, tres, começo a tranquillisar-me Não importa, em quanto vae preparar-se, vou eu dar um giro pelo navio.

—E eu, disse Porthos, vou occupar-me da ceia.

—Esse projecto é bello e generoso. Porthos, vá pôl-o em execução. Athos, empreste-me Grimaud, que na companhia do seu amigo Parry, aprendeu algariviar um pouco o inglez; servir-me-ha de interpretre.

—Vá Grimaud, disse Athos.

Na coberta estava uma lanterna, d'Artagnan pegou n'ella com uma mão, com a outra n'uma pistola e disse para o patrão:

—Come.

Era com goddam tudo o que elle sabia da lingua ingleza.

D'Artagnan foi á escutilha e d'alli desceu a entrepontes.

Este logar achava-se dividido em tres compartimentos: aquelle para que d'Artagnan descia, e que podia estender-se do terceiro mastareo á extremidade da pôpa, e, que por

conseguinte, era coberto pelo sobrado da camara em que Athos, Porthos e Aramis se preparavam a passar a noite: o segundo que occupava o meio do navio e que era destinado para quarto dos criados; o terceiro que se prolongava debaixo da prôa, isto é debaixo do gabinete improvisado pelo capitão e no qual Mordaunt se achava occulto.

—Oh! oh! disse d'Artagnan, descendo a escada da escutilha e fazendo-se preceder da lanterna que tinha estendida em todo o comprimento do braço, toneis! dir-se-hia a caverna d'Ali-Baba.

As *Mil e uma Noites* acabavam de ser traduzidas pela primeira vez e eram então muito da moda.

—Que diz? perguntou o capitão em inglez.

D'Artagnan comprehendeu-o pela intonação.

—Desejo saber o que ha n'estes toneis? perguntou d'Artagnan pousando a sua lanterna sobre um d'elles.

O patrão fez um movimento para subir a escada, mas conteve-se.

—Porto.

—Ah! vinho do Porto? disse d'Artagnan, ao menos sempre estamos tranquillos de que não morreremos á sede.

Depois voltando-se para Groslow, a quem o suor caia baga a baga do rosto:

—E elles estão cheios?

Grimaud traduziu a pergunta.

—Uns sim e outros não, disse Groslow com uma voz na qual, apesar dos seus esforços, se trahia a sua inquietação.

D'Artagnan bateu com o dedo nos toneis, reconheceu cinco toneis cheios e os outros vazios: depois introduziu, sempre com grande terror do inglez, a sua lanterna nos intervallos das barricas, e vendo que n'elles nada havia:

—Adiante, disse elle, e dirigiu para a porta que dava para o segundo compartimento.

—Espere, disse o inglez que tinha ficado atraz victima sempre da emoção, que nós dissemos, espere, sou eu que tenho a chave d'essa porta.

E, passando rapidamente adiante de d'Artagnan e Grimaud, introduziu com a mão tremula a chave na fechadura,

e acharam-se no segundo compartimento, onde Mousqueton e Blaisois se preparavam para ceiar.

N'este nada havia a que dar busca: com a claridade da lanterna, que alumiava estes dignos companheiros, viam-se claramente todos os cantos e recantos. Sairam d'aqui e foram passar revista ao terceiro compartimento.

Este era a camara dos marinheiros.

Os seus moveis consistiam simplesmente em tres ou quatro redes pendentes do tecto, uma mesa sustentada por uma corda retorcida, e dois bancos carunchosos, e já sem pés. D'Artagnan foi levantar duas ou tres vélas pendentes contra o lado do navio, e não achando ainda nada de suspeito foi pela escotilha para a coberta do navio.

—E esta camara? perguntou d'Artagnan.

Grimaud traduziu ao inglez as palavras do mosqueteiro.

—E' a minha camara, disse o patrão; quer lá entrar?

—Abra a porta, disse d'Artagnan.

O inglez obedeceu, d'Artagnan estendeu o braço armado da lanterna, metteu a cabeça, pela abertura da porta e vendo que a camara era um verdadeiro retiro:

—Bom, disse ellle; se a bordo está um exercito, não é aqui que elle está escondido. Vamos vêr se Porthos achou alguma coisa de que fazer a ceia.

E agradecendo ao patrão com um signal de cabeça, foi para a camara de honra, onde estavam os seus amigos.

Porthos nada tinha achado, pelo que parece, ou, se tinha achado, a fadiga tinha-lhe tirado a fome, e dormia profundamente deitado sobre a capa, quando d'Artagnan entrou. Athos e Aramis embalados pelos brandos movimentos das primeiras vagas do mar, começavam tambem a fechar os olhos; abriram-nos ao ruido que fez o seu companheiro.

—Então? perguntou Aramis.

—Tudo vae perfeitamente, disse d'Artagnan, e podemos dormir descançados.

Com esta segurança, Aramis deixou cair a cabeca, Athos fez com a sua um signal affectuoso; e d'Artagnan, que, como Porthos, tinha ainda mais necessidade de dormir que de comer, despedio Grimaud, e deitou-se na sua capa com a espada nua, de tal maneira que o seu corpo embaraçava a pas-

sagem, e fazia com que não fosse possivél entrar na camara sem lhe tocarem.

XI

O vinho do Porto

Ao cabo de cinco minutos os amos dormiam, mas com os criados não acontecia o mesmo.

Blaisois e Mousqueton preparavam o seu leito que consistia n'uma prancha e n'uma mala, em quanto que sobre uma mesa, suspensa como a da camara visinha tremiam com os balanços do mar um pote de cerveja e trez copes.

—Maldictos balanços! dizia Blaisois. Já estou apresentir que isto vae-me causar enjôo, como quando vim.

—E não ter para resistir ao enjôo do mar responden Mousqueton, senão pão de cevada e cerveja de lupulo! ora esta!

—Mas a sua garrafa de vinho senhor Mousqueton perguntou Blaisois, que tendo acabado de fazer a cama se aproximava da meza extrebuxandor diante da qual estava jâ sentado Mousqueton, e na qual por fim chegou tambem a sentar-se; mas a sua garrafa de vinho, perdeu-a?

—Não, disse Mousqueton, mas Parry ficou com ella. Estes diabos dos escocezes estão sempre com sede. E Grimaud perguntou Mousqueton ao seu companheiro, que acabava de entrar depois de ter acompanhado d'Artagnau na sua visita, tem sede?

—Como um escocez, respondeu laconicamente Grimaud.

E assentou-se ao pé de Blaisois e de Mousqueton e começou de fazer as contas da sociedade de que elle era o dispenseiro.

—Oh lá! oh lá! disse Blaisois, lá começa o meu coração a revoltar-se!

—Se assim é, disse Mousqueton com um tom doctoral, tome um pouco de nutrimento.

—Chama a isto nutrimento? disse Blaisois acompanhando com um ar de compaixão o dedo desdenhador com que elle apontava para o pão de cevada e pote de cerveja.

—Blaisois, replicou Mousqueton, recorde-se que o pão é o verdadeiro nutrimento do francez, e ainda o francez nem sempre o tem, pergunte a Grimaud.

—Sim, mas a cerveja, tornou Blaisois com uma promptidão que dava honra á vivacidade com que respondia, mas a cerveja será ella uma verdadeira bebida?

—Lá em quanto a isso, disse Mousqueton atrapalhado com o dilemma, e assaz embaraçado para lhe responder, devo confessar que não, e que a cerveja é para elle tão antipathica como o vinho o é para o inglez.

—Que! senhor Mousqueton, disse Blaisois, d'esta vez, duvidava dos profundos conhecimentos de Mousqueton, aos quaes com tudo ordinariamente consagrava a mais profunda admiração. Os inglezes não gostam do vinho.

—Detestam-n'o.

—Mas todavia vi-lh'o beber.

—Por penitencia; e a prova, continuou Mousqueton pavoneando-se todo, é que um principe inglez morreu um dia porque o metteram n'um tonel de Malvazia. Ouvi contar isto ao senhor abbade de Herblay,

—Que imbecil! disse Blaisois, eu quizera estar no seu logar.

—Pode-o fazer, disse Grimaud allinhando as suas cifras.

—Como assim? posso?!...

—Sim, continuou Grimaud retendo quatro e levando esta somma para a columna seguinte.

—Posso?... explique-se senhor Grimaud.

Mousqueton guardava silencio durante as interrugações de Blaisois, mas no rosto facilmente se lhe conhecia que não era por indifferença.

Grimaud continuou o seu calculo até que sommou o total.

—Porto! disse elle apontando com o dedo na direcção do primeiro compartimento visitado por d'Artagnan e por elle na companhia do patrão.

—Que! aquelles toneis que eu lombriguei atravez da entre-abertura da porta?...

—Porto! repetiu Grimaud recomeçando uma nova toperação arithemetica.

—Ouvi dizer, tornou Blasois dirigindo-se a Mousqueton, que o Porto é um excellente vinho de Hespanha.

—Excellente, disse Mousqueton limpando os beiços com a ponta da lingua, excellente. Ha-o nas adegas do senhor barão de Bracieux.

—Se pedissemos a estes inglezes que nos vendessem uma garrafa d'elle? perguntou o honrado Blaisois.

—Vender! disse Mousqueton recuperando os seus antigos instinctos de velhacaria. Bem se vê, rapaz, que ainda não tens nenhuma experiencia do mundo. Para que se ha de elle comprar quando o podemos tirar?

—Tirar, disse Blaisois, roubar o bem do proximo! isso é prohibido, me parece a mim.

—Onde é que isto é prohibido! perguntou Mousqueton.

—Nos mandamentos da lei de Deus ou da egreja, eu não sei em quaes. Mas o que sei é que lá se disse:

Ao proximo não roubarás
Nem sua esposa cubiçarás.

—Eis uma rasão de creança, senhor Blaisois, disse Mosqueton com o seu tom mais protector. Sim, repito-o, de creança. Ora pergunto-lhe eu, onde viu nas escripturas que os inglezes fossem o seu proximo?

—Em nenhnma parte, é verdade, disse Blaisois, pelo menos não me recordo.

—Razão de creança, repito-o, tornou Mosqueton. Se tivesse guerreado pelo espaço de dez annos como eu e Grimaud, saberia a differença que ha entre o bem do proximo e o de um inimigo. Ora, um inglez, penso que é inimigo e este vinho pertence aos inglezes. Logo pertence-nos, pois que somos francezes.

—Esta facundia, apoiada com toda a authoridade que Mosqueton possuia da longa experiencia, espantou Blaisois. Baixou a cabeça como para se recolher comsigo, e levan-

tando-a de repente como homem armado de um argumento irresistivel, replicou:

—E os amos serão do seu parecer, senhor Mosqueton?

Mousqueton sorriu-se com desdem.

—Seria acaso mister, disse elle, que eu fosse perturbar o somno d'estes illustres senhores para lhes dizer: «Senhores, o seu servo Mousqueton tem sede, da-lhe licença que beba?» Que importa, pergunto-lhe eu, ao senhor de Bracieux que eu tenha sede ou não.

—E' vinho bem caro, disse Blaisois meneando a cabeça.

—Fosse elle ouro em fio, senhor Blaisois, os nossos amos não se absteriam d'elle. Sabe que o senhor de Bracieux só elle é assaz rico para beber um tonel do Porto, ainda que tivesse de pagar por cada pistola uma gotta. Ora, continuou Mousqueton, mais e mais orgulhoso, já que os amos se absteram d'elle, não acho rasão para que os criados tambem d'elle, se abstenham.

Tendo dito isto, Mousqueton levantou-se pegou no vaso da cerveja, que despejou por uma portinhola até á ultima gotta, e dirigiu-se magestosamente para a porta que dava para o compartimento.

—Ah! ah! fechada. Como estes diabos de inglezes são desconfiados!

—Fechada! disse Blaisois, não menos desapontado que Mousqueton. Diabo! é o diabo! com isso sinto revoltar-se-me o estomago mais e mais.

Mousqueton voltou-se para Blaisois com o rosto tão compadecido, que era evidente, que o desapontamento do bravo rapaz era partilhado por elle em summo grau.

—Fechada! repetiu elle.

—Mas, disse Blaisois, ouvi já contar, senhor Mousqueton, que uma vez na sua mocidade em Chantilly, me parece, alimentou-se e a seu amo com perdizes que pilhava ao laço, com o carpas ao anzol, e garrafas ao laço tambem.

—Certamente, respondeu Mousqueton, é essa a verdade, e aqui está Grimaud que lhe póde rectificar. Mas havia um boraco na adega, e o vinho estava engarrafado. Eu não posso deitar o laço atravez d'este tabique, nem puxar com um barbante uma vasilha que pesa talvez dois quintaes.

—Não, mas pode levantar duas ou tres taboas do tabique, disse Blaisois, e fazer em um dos toneis um furo com uma verruma.

Mousqueton arregalou desmedidamente os seus redondos olhos, fixando Blaisois como homem admirado de encontrar em um outro qualidades que elle não suspeitava.

—E' verdade, pode ser, mas um escopro para levantar as taboas, uma verruma para furar o tunel?

—A aljava, disse Grimaud continuando com as suas contas.

—Ah! sim, a aljava e eu que me não lembrava d'ella!

Grimaud era não só o despenseiro da comitiva, mas de mais a mais o seu armeiro: além de um diario, tinha tambem uma aljava. Ora como Grimaud era homem de excessiva precaução, esta aljava cuidadosamente acommodada na sua mala, estava guarnecida de todos os instrumentos de primeira necessidade.

Continha por tanto uma verruma de uma rasoavel grossura.

Mousqueton apoderou-se d'ella.

Quanto ao escopro, não teve muito trabalho em o procurar, o punhal que trazia á cintura, suppria perfeitamente. Mousqueton procurou um sitio onde as taboas não estivessem bem unidas, o que não lhe custou muito, e metteu immediatamente mãos á obra.

Blasois via-o trabalhar com uma admiração misturada de impaciencia, fazendo de vez em quando sobre o modo de fazer saltar um prego, ou outra qualquer coisa uma multidão de observações cheias de intelligencia e de claresa.

Ao cabo de um instante, Mousqueton tinha arrancado tres taboas.

—Bom, disse Blaisois.

Mousqueton era o contrario da rã da fabula que se julgava mais grossa do que na realidade era. Desgraçadamente, se tinha conseguido diminuir um terço do seu nome, não tinha conseguido o mesmo emquanto á barriga. Esforçou-se por passar pela abertura praticada, mas com dôr viu que para poder passar lhe era mister arrancar mais duas ou tres taboas.

Soltou um suspiro, e tirou-se para continuar a obra.

Mas Grimaud que tinha acabado as suas contas, levantando-se e olhando com profundo interesse para a operação que se estava fazendo, aproximou-se dos seus dois companheiros e chegou a tempo para ver os baldados exforços que Mousqueton fazia para chegar á terra da promisão.

—Eu, disse Grimaud.

Esta palavra valia por si só um soneto, que por si vale, como é sabido, um poema.

Mousqueton voltou-se.

—O senhor, o que?

—Eu passarei.

—E' verdade, disse Mousqueton lançando um olhar sobre o corpo alto e delgado do seu amigo, passará, e mesmo facilmente.

—E' justo, elle sabe quaes são os toneis que estão cheios, disse Blaisois, pois que já esteve na adega com o senhor cavalleiro d'Artagnan. Deixe passar o senhor Grimaud, senhor Mousqeuton.

—Eu passarei tambem como Grimaud, disse Mousqueton um pouco picado.

—Sim, mas demorar-se-ha muito. Sinto revoltar-se o estomago cada vez mais.

—Passe então, Grimaud, disse Mousqueton dando a este o pote de cerveja e a verruma.

—Lave os copos.

—Depois fez um gesto amigavel a Mousqueton para que este lhe perdoasse de acabar uma expedição tão brilhantemente começada por um outro, e como uma cobra se deixou escorregar pela abertura e desappareceu.

Blaisois parecia extasiado. De todas as façanhas praticadas depois da sua chegada á Inglaterra pelos homens extraordinarios a que tinham a felicidade de estar associados, esta parecia-lhe sem contradicção a mais milagrosa.

—Vae vèr, disse Mousqueton olhando para Blaisois com uma superioridade a que este nem mesmo tentou subtrahir-se, vae ver. Blaisois, como nós outros, velhos soldados bebemos quando temos sêde.

—A capa disse Grimaud no fundo da adega.

—Que quer elle? perguntou Blaisois.

—Que se tape a abertura com uma capa.

—Para que?

—Que innocente! e se alguem entrasse?

—Ah! é verdade! exclamou Blaisois, com uma admiração mais e mais vesivel. Mas então elle não verá.

—Grimaud vê tanto de noite como de dia.

—E' bem feliz, disse Blaisois; pois eu quando não tenho luz não dou um passo sem tropeçar.

—E' porque ainda não serviu, porque se tivesse servido, não fallaria assim. Mas silencio vem gente, me parece.

Mosqueton soltou um pequeno assobio de alarma que lhes era familiar nos dias da sua mocidade, e foi sentar-se á mesa, acenando a Blaisois que fizesse o mesmo.

Este obedeceu.

A porta abriu-se. Dois homens embuçados entraram.

—Oh! oh! disse um d'elles, ainda levantados ás onze horas e um quarto? é contra as regras. Dentro em um quarto de hora tudo deve estar apagado, e todos a roncar.

Os dois homens dirigiram-se para a porta do compartimento, no qual se tinha introduzido Grimaud, abriram-n'a, entraram, e fecharam-n'a.

—Ah! disse Blaisois tremendo, está perdido!

—E' uma rapoza muito fina aquelle Grimaud, murmurou Mousqueton.

E pozeram-se á escuta, com o ouvido attento á respiração cumprimida.

Passaram-se dez minutos durante os quaes se não ouviu ruido algum que podesse fazer suspeitar que Grimaud tinha sido descoberto. Passado este tempo, Mousqueton e Blaisois viram abrir a porta, os dois homens embuçados sairam, fecharam a porta com a mesma precaução que tinham feito ao entrar, e apartaram-se repetindo a mesma ordem de se deitarem e apagarem as luzes.

—Obedeceremos? perguntou Blaisois, tudo isto me parece equivoco?

—Disseram um quarto de hora; temos ainda cinco minutos.

—Se prevenissemos os amos?

—Esperemos Grimaud.
—Mas se elles o mataram ? Grimaud gritaria.
—Bem sabe que elle é quasi mudo.
—Teriamos ouvido o golpe.
—Mas se elle não voltar ?
—Eil-o.

Effectivamente Grimaud affastava então a capa que tapava a abertura, e atravez d'essa abertura uma cabeça livida, cujos olhos arredondados pelo terror apresentavam á vista uma pequena pupilla n'um largo circulo branco. Na mão trazia um pote de cerveja cheio de uma substancia qualquer, aproximou-o dos raios da luz, e murmurou este simples monosyllabo: Oh ! com uma expressão de tão profundo terror, que Mousqueton recuou espantado, e Blaisois quasi desmaiou.

Ambos todavia lançaram um olhar curioso para o pote da cerveja : estava cheio de polvora.

Apenas se conveceu que o navio estava carregado de polvora, em logar de vinho, Grimaud lançou-se para a escotilha, e voou até ao quato onde dormiam os quatro amigos. Chegado aqui, empurrou levemente a porta, que immediatamente despertou d'Artagnan.

Apenas este viu a figura desalinhada de Grimaud, comprehendeu que alguma coisa de extraordinario se passava e quiz gritar ; mas Grimaud, com um gesto mais rapido que a mesma palavra, pôz o dedo nos labios, e com um sopro, que parecia impossivel n'um corpo como o seu, apagou a véla que ardia a tres passos de distancia.

D'Artagnan encostou-se ao cotovelo, Grimaud pôz um joelho em terra, e fez-lhe ao ouvido uma narração, que em rigor era assaz dramatica para empregarem o gesto ou jogo de phisionomia.

Durante esta narração, Athos, Porthos e Aramis dormiam como homens que não tinham dormido ha oito dias ; na outra camara, Mousqueton atava por precaução os seus atacadores em quanto que Blaisois, atterrado, e com os cabellos irriçados, tentava fazer o mesmo.

Eis o que se tinha passado.

Apenas Grimaud desappareceu pela abertura, e se achou no primeiro compartimennto, andou ás apalpadellas até que

deu com um tonel. Tocou, estava vazio, passou a outro, o mesmo; mas o terceiro em que tinha repetido a experiencia estava cheio.

Parou, e procurou um logar conveniente para o furar com a verruma, e quando andava na busca d'elle pôz a chave sobre uma torneira.

—Bom! disse Grimaud, aqui está o que me poupa trabalho.

E aproximou o pote da torneira, deu uma volta a esta, e sentiu o suave que fazia o licor a passar de um vaso para o outro.

Grimaud, depois de ter antes de tudo tomado a precaução de fechar a torneira, ia a levar o pote aos labios (tão consciencioso era que não queria levar a seus companheiros um licôr de que elle não soubesse responder-lhe!) quando ouviu o signal de alarma dado por Mousqueton; acreditou que era alguma ronda da noite, e escondeu-se por entre os toneis atraz de uma pipa.

Com effeito um instante depois a porta abriu-se, e fechou-se depois de ter dado passagem aos dois embuçados, que vimos passar e repassar diante de Blaisois e Mousqueton, dando ordem de se apagarem as luzes.

Um dos dois trazia uma lanterna envidraçada, e de uma tal altura que a chamma não lhe podia tocar no cume. De mais os mesmos vidros eram cobertos com uma fita de papel branco que abrandava ou antes absorvia a luz e o calor.

Este homem era Groslow.

O outro trazia na mão o quer que era de comprido, flexivel e enrolado como uma corda alvacenta. O seu rosto estava coberto com um chapeu de abas largas. Grimaud julgou que um desejo egual ao seu os attrahia á adega, e que como elle, vinham fazer uma visita ao vinho do Porto, agachou-se mais e mais detraz da sua pipa, dizendo comsigo, que se fosse descoberto, o crime não era muito grande.

Chegados ao tonel debaixo do qual estava occulto Grimaud, os dois homens pararam.

—Traz a mecha? perguntou em inglez o que trazia a lanterna.

—Eil-a aqui, disse o outro.

A' voz do ultimo, Grimaud estremeceu e sentiu um arrepio mortal vaguear-lhe pelas veias; levantou-se subtilmente, até que os seus olhos podessem vêr este homem, e debaixo. do largo chapeu reconheceu o semblante pallido de Mordaunt.

—Quanto tempo póde durar esta mecha? perguntou elle.

—Mais... cinco minutos mais ou menos, disse o patrão.

Esta voz não era tambem desconhecida a Grimaud. Seus olhos passaram de um a outro, e depois de Mordaunt reconheceu Groslow.

—Então, disse Mordaunt, vá prevenir os seus homens que estejam promptos, sem lhe dizer para quê. A lancha segue o navio?

—Como um cão o seu dono.

—Então, quando o relogio bater um quarto depois da meia noite, reunirá a sua gente, descerá sem ruido para a lancha...

—Depois de ter posto fogo á mecha?

—Isso pertence-me. Quero estar certo da minha vingança. Os remos estão no bote.

—Tudo está preparado.

—Bem.

—Então, está tratado.

Mordaunt ajoelhou, e metteu uma ponta da mecha na torneira, para não ter que fazer mais que pôr-lhe fogo na extremidade opposta. Depois de ter acabado esta operação, tirou o relogio.

—Em vinte minutos.

—Perfeitamente, senhor, disse Groslow; sómente, tenho a observar-lhe uma ultima vez que ha algum perigo na missão que quer tomar a seu cargo, e que seria mais conveniente encarregar um dos nossos homens de deitar fogo ao artificio.

—Meu caro Groslow, disse Mordaunt, sabe o proverbio francez:—Ninguem é bem servido senão por si mesmo. Pois eu quero pol-o em pratica.

Grimaud tinha tudo escutado, senão tudo entendido; mas a vista n'elle suppria a falta de uma comprehensão per-

feita da lingua; tinha visto e reconhecido os dois mortaes inimigos dos mosqueteiros; tinha visto Mordaunt dispôr a mecha; tinha ouvido o proverbio, que para maior facilidade sua, Mordaunt dissera em francez. Finalmente elle apalpava e repalpava o contido na varinha que elle tinha na mão, e, em logar do *liquido* porque esperava Mousqueton e Blaisois, deu com os grãos de uma polvora ordinaria.

Mordaunt apartou-se com o patrão. A' porta parou escutando.

—Ouve como elles dormem? disse elle.

De feito, ouvia-se ressonar Porthos atravez do sobrado.

—E' Deus que nol-os entrega, respondeu Groslow.

—E d'esta vez, disse Mordaunt, o diabo não os salvará.

E sairam ambos.

XII

Ainda o vinho do Porto

Grimaud esperou que ouvisse fechar a porta, e quando se certificou que estava só, levantou-se immediatamente.

—Ah! exclamou elle limpando com a manga as grossas bagas de suor que lhe caiam no rosto, que felicidade que Mousqueton tivesse sêde?

E apressou-se em passar pelo seu buraco, julgando ainda sonhar; mas á vista da polvora no pote da cerveja provou-lhe que este sonho era um pesadelo mortal.

D'Artagnan ouviu todos estes promenores com um interesse progressivo, e sem esperar que Grimaud acabasse, levantou-se sem agitação, aproximou a bocca do ouvido de Aramis, que dormia á sua esquerda, e tocando-lhe ao mesmo tempo no hombro para prevenir qualquer movimento brusco, lhe diz:

—Cavalleiro, levente-se e não faça o menor ruido.

Aramis acordou. D'Artagnan repetiu-lhe o seu convite apertando-lhe a mão. Aramis obedeceu.

—Tem Athos á sua esquerda, prevenio-o, como eu o preveni.

Aramis facilmente acordou Athos, cujo somno era leve como é de ordinario aquelle de todas as naturezas finas e nervozas; mas houve mais alguma difficuldade em acordar Porthos. Ia já a perguntar as causas e os motivos d'esta interrupção do seu somno, que lhe parecia muito desagradavel, quando d'Artagnan, por unica resposta, lhe pôz a mão na boca. Então o nosso Gascão, abraçando pelo pescoço todos os seus tres amigos, fechou n'um circulo todas as quatro cabeças a ponto de se tocarem.

—Amigos, lhes disse elle, immediatamente vamos deixar este navio, onde todos seremos mortos.

—Que! disse Athos. Pois ainda?

—Sabe quem é o capitão?

—Não.

—O capitão, Groslow.

Um estremecimento dos tres mosqueteiros manifestou a d'Artagnan que o seu discurso começava a fazer alguma impressão nos seus amigos.

—Groslow! exclamou Aramis, diabo.

—Quem é esse Groslow? eu não me recordo, disse Porthos.

—O que quebrou a cabeça ao irmão de Parry, e que nos quer quebrar as nossas.

—Oh! oh!

—E o seu tenente, sabe quem é.

—Seu tenente? é coisa que cá não ha, disse Athos. Não ha tenente n'uma falua equipada por quatro homens.

—Sim, mas Groslow não é um capitão como qualquer outro; tem um tenente, e este tenente é Mordaunt.

D'esta vez os mosqueteiros não estremeceram, deram quasi um grito.

Estes homens invenciveis estavam submettidos á influencia mysteriosa e fatal que n'elles exercia este nome, e resentiram-se de terror só ao ouvil-o pronunciar.

—Que fazer? disse Athos.

—Assenhorearmos-nos da falua, disse Aramis.

—E matal-o, disse Porthos.

—A falua está minada, disse d'Artagnan. Os toneis que eu julguei que estavavam cheios de vinho do Porto estão cheios de polvora. Quando Mordaunt se vir descoberto fará ir tudo pelos ares, amigos e inimigos, e, bofé, é um sugeito de muita má companhia para que eu deseje apresentar-me na sua sociedade, ou seja no ceu, ou seja no inferno.

—Tem então algum plano? perguntou Athos.

—Sim.

—Qual?

—Tem confiança em mim.

—Ordene, disseram ao mesmo tempo os tres mosqueteiros.

—N'esse caso, venha!

D'Artagnan foi a uma janella estreita como um embornol, mas que bastava para dar passagem a um homem; fel-a correr levemente sobre os gonzos.

—Eis o caminho, disse elle.

—Diabo! disse Aramis, faz tanto frio, caro amigo!

—Fique, se quizer, mas previno-o que d'aqui a pouco fará aqui muito calor.

—Mas nós não podemos ganhar a terra a nado.

—A lancha vem amarrada com um cabo, ganharemos a lancha e cortemos o cabo. Eis o caso. Vamos, senhores.

Um instante, disse Athos, os criados?

—Eis-nos aqui, disseram Mousqueton e Blaisois, que Grimaud tinha ido procurar, e que tinham passado pela escotilha sem serem vistos.

Entretanto os tres amigos tinham ficado immoveis diante do terrivel espectaculo que lhes tinha descoberto d'Artagnan, abrindo a janella, e que elles viam por esta estreita abertura.

Com effeito, se alguem já viu este espectaculo uma vez, sabe que nada ha mais medonho que um mar agitado, rolando com seus surdos murmurios as negras vagas aos pallidos raios de uma lua de inverno.

—C'os diabos! disse d'Artagnan, pelo que parece hesitamos! Se nós hesitamos que farão os criados?

—Eu não hesito, disse Grimaud.

—Senhor, disse Blaisois, já o previno que não sei nadar senão nos rios.

—E eu absolutamente nada, disse Mousqueton.

Durante isto, d'Artagnan tinha-se safado pela abertura.

—Está então decidido, amigo? disse Athos.

—Sim, respondeu o Gascão. Vamos, Athos, que é já homem perfeito, diga ao espirito que domine a materia. Aramis, mande os criados. Porthos, mate todo aquelle que nos oppozer qualquer obstaculo.

E d'Artagnan depois de ter apertado a mão a Athos, escolheu o momento em que aquelle lado da falua se inclinava mais para o mar, de maneira que não teve mais que deixar-se cair na agua, que lhe dava já pela cintura.

Athos seguiu-o ainda antes que a falua se tivesse levantado; depois d'Athos a falua ergueu-se e viu se sobre a agua o cabo amarrado á lancha.

D'Artagnan nadou para elle e alcançou-o. Aqui esperou com uma mão no cabo e com a cabeça só fóra da agua.

Ao cabo de um segundo Athos veio encontral-o. D'ahi a momentos viram voltear na agua outras duas cabeças. Eram as de Aramis e Grimaud.

—Blaisois, inquieta-me, disse Athos. Não ouviu, d'Artagnan, que elle disse que não sabia nadar senão nos rios.

—Quando se sabe nadar, nada-se em toda a parte, disse d'Artagnan. A' lancha, p'ra lancha!

—Mas, Porthos? eu não o vejo.

—Porthos virá, fique descançado, elle nada como o proprio Leviathan.

Realmente Porthos não apparecia; porque uma scena, semi-burlesca, semi-dramatica, se passava entre elle, Mousqueton e Blaisois.

Estes aterrados pelo murmurio da agua, pelo sibilar do vento, e pela vista do mar, negro, e cujas vagas batiam rijamente de encontro ao navio, recuavam em logar de avançar.

—Vamos, vamos, disse Porthos, á agua!

—Mas, senhor, disse Mousqueton, eu não sei nadar, deixe-me aqui.

—E eu tambem, senhor, disse Blaisois.

—Certefico-lhe que lhe causarei estorvo n'aquelle pequeno barco, tornou Mousqueton.

—E eu afogar-me-hei antes de lá chegar, continuava Blaisois.

—Ah, sim! pois afogo-os a ambos senão saem já, disse Porthos agarrando-os pelo pescoço. Marcha, Blaisois.

Um gemido abafado pela mão de Porthos foi a unica resposta de Blaisois, porque o gigante agarrando pelo pescoço e pelos pés, metteu-o pelo buraco como se fosse uma taboa, e atirou com elle ao mar de cabeça para baixo.

—Agora, Mousqueton, espero que não abandone o seu amo.

—Ah! senhor, disse Mousqueton com as lagrimas nos olhos, para que tornou ao serviço? estavamos tão bem no palacio Pierrefonds!

E sem dar outra resposta, ou fosse por verdadeira dedicação, ou pelo exemplo dado a Blaisois, Mousqueton atirou-se ao mar com a cabeça para baixo. Acção sublime em todo o caso, porque Mousqueton julgava-se morto.

Mas Porthos não era homem para assim abandonar seu fiel companheiro.

O amo seguiu de tão perto o criado, que a queda dos dois corpos não fez mais que um mesmo ruido, de sorte que quando Mousqueton voltou á flôr da agua, achou-se sustentado pela larga mão de Porthos, o pôde sem ter necessidade de fazer algum movimento, dirigir-se para a corda com a megestade de um Deus marinho.

No mesmo instante viu turvilhar alguma coisa n'agua. Agarrou essa coisa pelos cabellos; era Blaisois, a cujo encontro já vinha Athos.

—Vá, vá, conde, disse Porthos, não tenho necessidade de ajuda.

E com effeito, com esforço vigoroso, Porthos levantou-se como o gigante Adamastor sobre as ondas; em breve se achou com os seus companheiros.

D'Artagnan, Aramis e Grimaud ajudaram Mouqueton a subir; depois subiu Porthos, que ao lançar a perna sobre o bordo do barco, por pouco que o não fez virar.

—E Athos? perguntou d'Artagnan.

—Eis-me aqui! disse Athos que como um general sustentando a retirada não tinha querido subir senão em ultimo logar, vindo ao reboque da lancha. Estão todos reunidos?

—Todos, disse d'Artagnan. E Athos, conserva o seu punhal?

—Sim.

—Então corte a amarra e venha.

Athos tirou do cinto um punhal e cortou a corda; a falua apartou-se, a lancha ficou estacionaria sem outro movimento que o que lhe imprimiam as vagas.

—Venha, Athos, disse d'Artagnan.

E estendeu a mão ao conde de La Fére, que por sua vez entrou no barco.

—Era tempo, disse o Gascão; alguma coisa de curioso vão agora vêr!

XIII

Fatalidade

De feito acabava apenas de pronunciar estas palavras, quando a bordo da falua que começava a esconder-se no meio da obscuridade se ouviu um assobio.

—Isto como deve comprehender, disse d'Artagnan, quer dizer alguma coisa.

N'este momento viu-se apparecer na coberta uma lanterna, e desenhar-se umas sombras.

Repentinamente um grito terrivel, um grito de desespero atravessou o espaço, e como se este grito tivesse expulsado as nuvens, o veu que occultava a lua desfez-se, e viu-se então desenhar no ceu, de um pallido prateado, o sombrio velame e as cordas negras da falua.

Pelo navio vagueavam dispersas varias sombras, e gritos lamentaveis acompanhavam estes passeios insensatos.

No meio d'estes gritos viu-se apparecer na coberta da pôpa Mordaunt com uma tocha na mão.

Estas sombras que corriam dispersas pelo navio eram Groslow, que á hora indicada por Mordaunt, tinha reunido os homens, em quanto que este depois de se ter certificado á porta se os mosqueteiros continuavam a dormir, tranquillisado pelo seu silencio, tinha descidido ao porão.

E na realidade quem poderia suspeitar o que se acabava de passar?

Mordaunt tinha por conseguinte aberto a porta e correu á mecha á qual deitou fogo.

Durante este tempo, Groslow e seus marinheiros tinham-se reunido.

—Puche a corda, puche, disse Groslow, e aproxime a lancha.

Um dos marinheiros escarranchou-se no bordo do navio, agarrou no cabo e puchou : o cabo veio sem resistencia alguma.

O cabo está-cortado! exclamou o marinheiro, a lancha foi-se.

—Que! foi-se! disse Groslow precipitando-se para o marinheiro, é impossivel.

—Todavia é uma realidade, veja ; nada, e demais aqui está a ponta do cabo.

Foi então que Groslow soltou o rugido que os mosqueteiros tinham ouvido.

—Que é isso? exclamou Mordaunt, que saia então da escotilha com uma tocha na mão.

—E' que nos escaparam os nossos inimigos, cortaram a corda e fogem com a lancha.

Mordaunt não fez mais que dar um salto para a camara, cuja porta arrombou com um pontapé.

—Vazia! exclamou elle, oh! que demonios!

—Vamos então perseguil-os, disse Groslow ; elles não podem estar muito longe e nos os metteremos no fundo passando-lhe por cima.

—Sim, mas o fogo! eu deitei o fogo!

—A que?

—A' mecha!



Vinte annos depois 2.ª estampa, 3.º vol.

Piedade ! senhores, piedade em nome do eéo !

—Com um milhão de diabos! bradou Groslow precipitando-se para a escotilha. Talvez seja ainda tempo.

A resposta de Mordaunt foi uma terrivel gargalhada; e com as feições transtornadas mais pelo odio que pelo terror, olhando para o ceu como para lhe lançar uma ultima blasphemia, lauçou a sua tocha ao mar e apoz ella, precipitou-se elle.

No mesmo instantan e quando Groslow punha o pé na escada da escotilha, o navio abriu-se como a cratera de um vulcão; uma lavareda immensa subiu ao ceu com uma explosão semilante á que fariam cem peças de canhão que atirassem ao mesmo tempo; o ar viu-se um instante semeado dos pedaços do navio, depois o terrivel relampago desappareceu, os pedaços cairam fazendo ruido uns apoz outros no abysmo, onde se apagaram, e, á excepção de uma vibração no ar, um momento depois julgar-se-ia que nada tinha occorrido.

Mas a falua tinha desapparecido da superficie do mar, e Groslow e os seus tres homens estavam afogados.

Os quatro amigos tinham visto tudo; nenhum dos detalhes d'este terrivel drama lhes tinha escapado. Um instante innundados d'essa luz brilhante que tinha allumiado o mar a mais de uma legua, ter-se-ia podido vel-os cada um n'uma attitude diversa, e manifestando o terror, que, não obstante os seus corações de bronze, nao tinham podido deixar de sentir. Bem depressa a saraivada de chammas começou de cair em torno d'elles; depois extinguiu-se o volcão, como já dissemos, e tudo entrou na obscuridade: a barca fluctuava e o oceano agitava-se.

Permaneceram um instante silenciosos e abatidos. Porthos e d'Artagnan, que tinham cada um pegado n'um remo, sustentavam-n'o machinalmente ao de cimo da agua, carregando-lhe com todo o corpo, e apertando-o com as suas mãos arripiadas.

—Ora, disse Aramis, rompendo primeiro o silencio, d'esta vez parece-me que tudo acabou.

—A mim, milord! ajude-me! soccorra-me! bradou uma voz dolorosa cujos accentos chegaram aos ouvidos dos quatro amigos, semilhante á de algum espirito do mar.

Todos olharam uns para os outros. Athos estremeceu.

—E' elle! é a sua voz, disse este.

Todos guardaram silencio, porque todos como Athos, tinham reconhecido essa voz. Seus olhos se fitaram no sitio onde o navio tinha desapparecido, fazendo esforços inauditos para penetrar na escuridão. D'ahi a pouco começou-se a distinguir um homem. Aproximava-se nadando com vigor.

Athos estendeu vagarosamente os braços para elle, mostrando-o com o dedo a seus companheiros.

—Sim, sim, disse d'Artagnan, bem o vejo.

—Ainda elle, disse Porthos, respirando com tanta força que parecia um folle de ferreiro. Apre! mas então é elle de ferro?

—Oh! meu Deus! murmurou Athos.

Aramis e d'Artagnan fallavam ao ouvido.

Mordaunt fez ainda alguns esforços, e levantando uma mão para o ar, bradou:

—Piedade! senhores, piedade, em nome do ceu! sinto abandonarem-me as forças.

A voz que implorava soccorro era tão tocante que foi despertar a compaixão ao fundo do coração de Athos.

—Desgraçado? murmurou elle.

—Bom! disse d'Artagnan, não lhe resta mais nada que lastimal-o! Na verdade, parece-me que elle nada para nós. Imaginará elle que o receberemos? Reme, Porthos. Reme.

E dando exemplo, d'Artagnan metteu os remos no mar; com duas remadas, a barca tinha avançado mais de vinte braças.

—Oh! não me abandone! não me deixe morrer! não será tão cruel! exclamou Mordaunt.

—Ah! ah! disse Porthos a Mordaunt, parece-me que o temos finalmente seguro, e que não tem para o salvar d'aqui outras portas que as do inferno!

—Oh! Porthos! murmurou o conde de La Fère.

—Deixe-me, Athos; realmente que se torna ridiculo com as suas infinitas generosidades! Eu cá declaro que se elle se aproxima da lancha a ponto de lhe eu chegar com o remo, racho-lhe a cabeça com elle.

—Oh! por favor... senhores, não fujam de mim... por favor... tenha piedade de mim, bradou o mancebo, cuja res-

piração comprimida fazia ás vezes, quando a cabeça, lhe desapparecia debaixo da vaga, borbulhar a agua que parecia gelada.

D'Artagnan, que, seguindo sempre todos os movimentos de Mordaunt, tinha acabado o seu colloquio com Aramis, levantou-se.

—Senhor, disse elle dirigindo-se ao nadador, aparte-se se quer. O seu arrependimento é de uma data mui recente para que nós tenhámos n'elle uma grande confiança; attenda que o navio em que pertendia assar-nos fumega ainda, e que a situação em que se acha é um leito de rosas em comparação da que nos destinava, e da em que lançou Groslow e seus companheiros.

—Senhores, tornou Mordaunt com um accento mais desesperado, juro-lhe que o meu arrependimento é verdadeiro. Senhores, eu sou tão novo, tenho apenas vinté e tres annos! senhores, eu tenho sido arrastado por um resentimento natural, quiz vingar minha mão, e no meu logar teriam feito o mesmo.

Mordaunt para chegar á lancha não tinha mais que bracejar duas ou tres vezes, porque a aproximação da morte parecia dar-lhe uma força natural.

—Ai! tornou elle, vou então morrer! vão então matar o filho, como mataram a mãe! E todavia eu não era culpado: segundo todas as leis divinas e humanas, um filho deve vingar sua mãe. Demais, se é um crime, accrescentou elle pondo as mãos, visto que eu me arrependo, visto que eu peço perdão, devo ser perdoado.

—Então, como se as forças lhe faltassem, fingiu não poder já sustentar-se na agua, e uma vaga lhe passou por cima da cabeça, que lhe suffocou a voz.

—Oh! isto despedaça-me o coração, disse Athos.

Mordaunt tornou a apparecer.

—E eu, tornou d'Artagnan, digo que é mister acabar com elle; senhor assassino de seu tio, senhor carrasco do rei Carlos, senhor incendiario, ordeno-lhe que se deixe ir ao fundo; ou, se ainda se aproxima da barca, uma só braça que seja, racho-lhe a cabeça com o meu remo.

Mordaunt, como que desesperado, avançou mais uma

braça. D'Artagnan pegou no remo com as duas mãos, Athos levantou-se.

—D'Artagnan, d'Artagnan! exclamou elle, eu lhe supplico! o desgraçado vae morrer, e é horroroso deixar morrer um homem sem lhe estender a mão quando só basta isso para o salvar. Oh! o meu coração prohibe-me uma tal acção! eu não posso resistir-lhe, é mister que elle viva.

—C'os diabos! exclamou d'Artagnan, porque se não entrega a esse miseravel atado de pés e mãos? Seria mais apressado. Ah! conde de La Fére, quer morrer por elle; pois eu, seu filho, como me chama não consinto.

Era a primeira vez que d'Artagnan resistia a uma vontade de Athos, quando elle o tratava por filho.

Aramis desembainhou friamente a sua espada, que elle trouxera nos dentes.

—Se elle põe a mão no bordo, disse elle, corto-lh'a como a um regicida que é.

—E eu, disse Porthos, espere...

—Que vae fazer? perguntou Aramis.

—Vou-me lançar a agua para o afogar.

—Oh! senhores, exclamou Athos com um sentimento irresistivel, sejamos homens, sejamos christãos.

D'Artagnan soltou um suspiro, Aramis abaixou a espada, Porthos assentou-se.

—Veja, continuou Athos, veja, a morte pinta-se-lhe no rosto; as forças estão a faltar-lhe, um minuto mais e elle cáe no abysmo. Ah! não me dê este horrivel remorso, não me obrigue a morrer de vergonha tambem; meus amigos, concedam-me a vida d'este desgraçado eu lhe abençoarei, eu os...

—Eu morro! eu morro! murmurou Mordaunt a mim!... a mim!...

—Demoremos um minuto, disse Aramis inclinando-se ao ouvido de d'Artagnan, uma remada accrescentou elle dirigindo-se a Porthos.

D'Artagnan não respondeu nem por gestos nem por palavras: começava de commover-se, metade pelas supplicas de Athos, metade pelo espectaculo que tinha diante dos olhos. Só Porthos deu a remada, e, como esta não teve contra-pe-

so, o bote voltou-se sobre si mesmo, e este movimento aproximou Athos do muribundo.

—Senhor conde de La Fére! exclamou Mordaunt, senhor conde de La Fére! é ao senhor que eu me dirijo, eu lhe supplico, tenha piedade de mim!... onde está senhor conde de La Fére! eu já não vejo... eu morro! Soccorra-me.

—Eis-me aqui! senhor, disse Athos inclinando-se e estendendo os braços para Mordaunt com esse ar de nebreza e dignidade, que lhe era habitual, eis-me-aqui; pegue na minha mão, e entre no nosso barco.

—Antes quero não ver, disse d'Artagnan; esta fraqueza repugna-me.

E voltou-se para os dois amigos, que, da sua parte se agruparam no fundo da barca como se tivessem receio de tocar n'aquelle a que Athos não temia de estender a mão.

Mordaunt fez um vigoroso esforço, levantou-se, pegou na mão que se lhe estendia, e agarrou-se a ella com a vehemencia da ultima esperança.

—Bem! disse Athos, ponha a sua mão aqui.

E apresentou-lhe o hombro como segundo ponto de apoio, de maneira que, a sua cabeça quasi tocava na de Mordaunt, e estes dois mortaes inimigos viam-se abraçados como dois irmãos.

Mordaunt apertou com toda a força a gola de Athos.

—Bom, agora está salvo; tranquillise-se.

—Oh! minha mãe, exclamou Mordaunt com o olhar flamejante e com um acento de odio impossivel de descrever, não posso offerecer-te mais que uma victima, mas esta ao menos será a que terias escolhido.

E em quanto que d'Atagnan soltava um grito, que Porthos levantava o remo, que Aramis procurava um logar paferir, um terrivel abalo dado ao barco, arrastou Athos para a agua; e Mordaunt, soltando um grito de triumpho, apertava o pescoço da sua victima, e para lhe paralysar os movimentos, enroscava-lhe as pernas por entre as suas como teria feito uma serpente.

Athos, sem soltar um grito, sem chamar por soccorro, tentou conservar-se um momente na superficie da agua, mas o peso que o arrastava fel-o desapparecer pouco a pouco;

bem depressa se sumiu de todo, vendo-se apenas fluctuaram os seus longos cabellos; depois desappareceu tudo, um largo redemoinho, e que tambem se extinguiu, foi o unico indicio do sitio onde elles se tinham afundado.

Os tres amigos, mudos de terror, immoveis sulfocados pela indignação e terror, tinham ficado com a bôca aberta, os olhos arregalados e os braços estendidos, e todavia, não obstante a sua immobilidade, ouviam-se-lhe as pulsações do coração. Porthos foi o primeiro que voltou a si, e que arrancando os cabellos, exclamou:

—Oh! oh! Athos, Athos! nobre coração! desgraça! desgraça sobre nós que te deixamos morrer!

—Oh! sim, repetia d'Artagnan, desgraça!

—Desgraça, murmurou Aramis.

N'este momento, no meio do vasto circulo allumiado pelos raios da lua, a quatro ou cinco braças do bote, o mesmo redemoinho que tinha annunciado a submersão dos corpos, renovou-se, e viram-se apparecer primeiro cabellos, depois um rosto pallido com uns olhos abertos, mas mortos, e em seguida logo, um corpo que á superficie da agua se revirou segundo o capricho das vagas.

No peito do cadaver estava enterrado um punhal.

—Mordaunt! Mordaunt! Mordaunt! exclamaram os tres amigos, é Mordaunt.

—Mas Athos? disse d'Artagnan.

De repente o barco inclinou-se para a esquerda cedendo a um peso novo e inesperado, e Grimaud soltou um brado de alegria; todos se voltaram, e viram Athos, com o rosto livido, olhar semi-morto, e a mão trémula, tomar descanço apoiando a mão no bordo do barco. Oito braços nervosos o levantaram logo e o pozeram na lancha onde Athos se sentiu reanimado no meio das caricias de seus amigos embriagados de alegria.

—Não está ferido, pois não? perguntou d'Artagnan.

—Não, respondeu Athos.. e elle?...

—Oh! elle, d'esta vez, graças a Deus! está morto deveras. Olhe, e d'Artagnan, obrigando Athos a olhar na direcção que elle lhe indicava, lhe mostrou o corpo de Mordaunt que fluctuava sobre as ondas, e que, umas vezes sub-

mergido, outras apparecendo á flôr da agua, parecia ainda perseguir os quatro amigos com um olhar insultante, e cheio de um odio mortal. Finalmente abysmou-se. Athos tinha-o acompanhado com os olhos em que se reflectiam a melancolia e a piedade.

—Bravo! Athos; disse Aramis com uma effusão bem rara n'elle.

—Que bello golpe! exclamou Porthos.

—Eu tinha um filho, disse Athos, quiz viver.

—Finalmente, disse d'Artagnan, eis uma coisa onde Deus fallou!

—Não fui eu que o matei foi o destino.

XIV

Mousqueton, depois do ter escapado de ser queimado, salva-se tambem de ser comido

Um profundo silencio reinou longo tempo na lancha depois da terrivel scena que acabamos de narrar. A lua, que por um momento apparecera, como se Deus quizesse que nenhum d'esses detalhes escapasse aos olhos dos quatro amigos, desappareceu por traz de umas nuvens; tudo entrou n'essa obscuridade tão terrivel e medonha em todos os desertos, mas sobre tudo n'esse deserto liquido, chamado oceano, e só se ouvia então o soprar do vento de oeste nas cristas das ondas.

Porthos foi o primeiro a romper o silencio.

—Tenho visto muitas coisas, disse elle, mas nenhuma me commoveu tanto como a que acabo de ver, entre tanto, todo perturbado como estou, declaro-lhe que me sinto extremamente feliz. Tenho tres arrobas de menos sobre o peito, e respiro livremente.

—Com effeito, Porthos respirou fazendo um tal ruido que deva honra ao vigoroso jogo de seus pulmões.

—Quanto a mim, disse Aramis, não direi tanto como Porthos, estou ainda espantado a ponto de não acreditar nos meus olhos, duvido do que vi, e parece-me estar vendo a cada momento apparecer aquelle miseravel tendo na mão o punhal que tinha no coração.

—Oh! quanto a isso estou descançado, tornou Porthos; o golpe foi bem applicado. Eu não lhe faço uma exprobração, Athos, pelo contrario. Quando se fere, é assim que é mister ferir. Por isso agora respiro, estou alegre, muitissimo alegre.

—Não se apresse a cantar victoria, Porthos, disse d'Artagnan. Nunca nos achamos n'um perigo maior que como agora; porque um homem vence outro, mas não um elemento. Ora nós estamos no mar, de noite, sem guia, e n'um fragil barco; faça uma rajada de vento revirar o barco, e estamos perdidos.

Mousqueton soltou um profundo suspiro.

—E' ingrato, d'Artagnan, disse Athos; sim, ingrato por duvidar da Providencia no mesmo momento em que acaba de nos salvar de uma maneira tão miraculosa. Julga que ella nos tenha feito atravessar atravez de tantos perigos, guiando-nos como que pela mão para depois nos abandonar? Não. Nós partimos com o vento d'oeste, e este vento sopra ainda.

Athos orientou-se sobre a estrella polar.

—Acolá é a França, continuou elle. Deixemo-nos ir com o vento, e com tanto que elle não mude, elle nos levará ás costas de Calais ou da Bolonha. Se a barca vira, somos assaz fortes e bons nadadores, pelo menos nós cinco, para a revirar, ou para nos segurarmos a ella se este esforço fôr superior ás nossas forças. Ora nós achamo-nos no caminho de todos os navios que vão de Douvres para Calais e de Portsmouth para Bolonha; se a agua conservasse signaes, no mesmo sitio onde nós estamos, ver-se-ia o sulco dos navios. E' portanto impossivel que de dia não appareça algum barco de pescador que nos recolha.

—Mas se não o encontrarmos, por exemplo, e o vento mudar para o norte?

—Então é outro caso, não acharemos terra senão do outro lado do Atlantico.

—O que quer dizer que morreremos de fome, tornou Aramis.

—E' mais que provavel, disse o conde de La Fére.

Mousquetou soltou um segundo suspiro, mais doloroso ainda do que o primeiro.

—Que diabo é isso, Mousqueton, perguntou Porthos, para assim estar sempre a gemer? Isso torna-se fastidioso! E' que eu tenho frio.

—E' impossivel, disse Porthos.

—Impossivel? disse Mousqueton espantado.

—Certamente. Tem o corpo coberto de gordura que o torna impenetravel ao senhor. E' outra a cousa, falle francamente.

—Pois então, senhor, é essa mesma camada de gordura, que me atterra!

—E porque, Mousqueton? falle sem vergonha, estes senhores dão-lhe licença.

—Porque, senhor, recordo-me que na bibliotheca do castello de Bracieux ha uma multidão de viagens, e entre esses livros de viagens as de João Mocquet, o famoso viajante de Henrique IV.

—E depois?

—E depois, senhor, n'esses livros falla-se muito de aventuras maritimas, e de casos semilhantes ao que nos ameaça agora.

—Continue, Mousqueton, disse Porthos, essa analogia é cheia de interesse.

—Em casos identicos, os viajantes affamados, diz João Mocquet, teem o horroroso costume de se comerem uns aos outros, e de começarem pelos...

—Pelos mais gordos! exclamou d'Artagnan, não podendo suster o riso, não obstante a gravidade da situação em que se achavam.

—Sim, senhor, disse Mousqueton, um pouco atordoado por esta hilaridade, e permitta-me que lhe diga que nada acho n'isto digno de riso.

—E' a dedicação personificada este bravo Mousqueton!

tornou Porthos. Apostamos que te consideravas já retalhado e comido por teu amo?

—Sim, senhor; apesar de que essa alegria que adivinha em mim, não seja, confesso-o, sem alguma mistura de tristeza. Entretanto, eu não teria muito pesar, se com a minha morte lhe podesse ainda ser util para alguma coisa.

—Mousqueton, disse Porthos enternecido, se tornarmos ao castello de Pierrefonds, terá, em toda a propriedade para si e seus descendentes, a vinha superior á herdade.

—E nomeal-a ha a vinha da Dedicação, Mousquueton, disse Aramis, para transmittir aos vindouros a lembrança de seu sacrificio.

—Cavalleiro, disse d'Artagnan, rindo tambem, comeria Mousqueton sem muita repugnancia, não é verdade, principalmente depois de dois dias de dieta!

—Oh! palavra de homem que não, teria comido de melhor vontade Blaisois; ha menos tempo que nos conhecemos.

Concebe-se que durante este jogo de gracejos, cujo principal fim era desviar o espirito d'Athos da scena que acabava de se passar, os criados, á excepção de Grimaud, que sabia que em todo o caso o perigo, qualquer que elle fosse, lhe passaria por cima da cabeça, não estavam tranquillos. Por isso Grimaud, sem perder parte alguma da conversação, remava com toda a força com um remo em cada mão.

—Tu remas ainda? perguntou Athos.

Grimaud fez signal que sim.

—Para que remas tu?

—Para aquecer.

Com effeito em quanto que os outros naufragados tremiam de frio, o silencioso Grimaud suava a bom suar.

De repente Mousquston soltou um grito de alegria levantando até á altura da cabeça a mão armada de uma garrafa.

—Oh! senhor, estamos salvos, disse elle passando a garrafa a Porthos, o barco está guarnecido de viveres.

E remechendo apressadamente debaixo do banco donde tinha tirado a preciosa garrafa, trouxe sucessivamente mais doze semilhantes, pão e um bocado de vacca salgada.

—E' inutil dizer que este achado restituiu a alegria a todos, excepto a Athos.

—Irra! disse Porthos que, como já dissemos, tinha fome ao entrar na falua, é espantoso como as commoções alargam o estomago!

E de um jacto despejou uma garrafa, e á sua parte só comeu um bom terço do pão e da carne salgada.

—Agora, disse Athos, durmam, que eu velarei.

Para outros homens que não fossem os atrevidos aventureiros, uma semilhante proposição teria sido irrisoria. E realmente, estavam todos alagados, soprava um vento de gelo, e as commoções que acabavam de soffrer pareciam prohibir-lhe dormir, mas para estes primores da arte da naturesa, para estes temperamentos de ferro, para estes corpos affeitos a todas as fadigas, o somno vinha em todas as circumstancias quando d'elle careciam, sem nunca faltarem á chamada.

Por isso d'ahi a pouco, cada um cheio de confiança no seu piloto, se tinha deitado conforme melhor podera, e esforçado por se aproveitar dos conselhos de Athos que, assentado ao leme, e com os olhos fixos no ceu, onde não só procurava o caminho de França, mas ainda o dedo de Deus, ficou só como tinha promettido, pensativo e acordado, dirigindo a lancha pela via que devia seguir.

Após algumas horas de somno os viajantes foram despertados por Athos.

Começava a romper a aurora e a dez tiros de mosquete via-se uma massa negra, sobre a qual se estendia uma vela triangular fina e comprida como a aza de uma andorinha.

—Uma barca! disseram a uma voz os quatro amigos, em quanto que os lacaios pela sua parte, exprimiam tambem a sua alegria por differentes maneiras.

Era effectivamente uma barca dunkerqueza que navegava para a Bolonha.

Os quatro amos, Blaisois e Mousqueton uniram suas vozes n'um só grito que vibrou sobre a surperficie elastica das ondas, emquanto que Grimaud, sem nada dizer, punha o seu chapeu na ponta de um remo para attrahir os olhos d'aquelles a quem ia ferir o som da voz.

Um quarto de hora depois a lancha da barca, rebocava a dos quatro amigos, que subiram para a coberta. Grimaud offereceu vinte guineos ao patrão da parte de seu amo, e ás nove horas da manhã punham o pé no solo da patria.

—C'os diabos! Que poder ha lá em cima! disse Porthos enterrando os seus largos pés na areia. Que venham agora cá entender comigo, olhar-me de revez ou adular-me, e verão com quem brincam.

—E eu, disse d'Artagnan, aconselho-o a que não repita mui alto o seu desafio, Porthos, porque parece-me que nos examinam aqui.

—Ora essa, disse Portos, admiram-n'os.

—Pois eu, respondeu d'Artagnan, não tenho n'isso amor proprio. Mas deviso uns homens de opa negra, e na nossa situação os homens de opa negra, espantam-me, confesso-o.

—São os escripturarios das mercadorias do porto.

—No tempo do outro cardeal, no tempo do grande, disse Athos, dar-se-ia mais attenção a nós que ás mercadorias; mas no d'este, fiquem descançados, amigos, attenderão mais ás mercadorias do que a nós.

—Não me fio n'isso, disse d'Artagnan, e saffo-me pelas dunas.

—E pela cidade porque não? Eu estimaria mais uma estalagem que todos esses horrorosos desertos de areia que Deus creou sómente para os coelhos, disse Porthos. E além d'isso tenho fome.

—Faça o que quizer Porthos! disse d'Artagnan, mas quanto a mim estou convencido que para homens na nossa situação o que ha de mais seguro é o campo largo.

E d'Artagnan certo de reunir a maioria, metteu-se pelas dunas sem esperar pela resposta de Porthos.

A pequena comitiva seguiu-o e desappareceu bem depressa por detraz dos monticulos de areia, sem ter attrahido a attenção publica.

—Agora, disse Aramis quando teriam avançado um quarto de legua pouco mais ou menos, conversemos, pois temos negocios que tratar.

—Ainda não, disse d'Artagnan, fujamos. Escapamos a Cromwell, a Mordaunt, ao mar, tres abysmos que nos queriam

tragar, mas não escaparemos ao sior Mazarino, a esse maldicto Mazarino!

—Tem rasão, d'Artagnan, disse Aramis, e o meu parecer é que, para maior segurança, nos separemos.

—Sim, sim, disse Aramis, separemo-nos.

Porthos quiz fallar para se oppôr a esta resolução, mas d'Artagnan fez-lhe comprehender por um aperto de mão que se devia callar. Porthos era muito obediente a estes signaes do seu companheiro, cuja superioridade intellectual elle com a sua bonhomia reconhecia. Por tanto recolheu as palavras que lhe iam a sair da boca.

—Mas porque nos havemos de separar, disse Athos.

—Porque, disse d'Artagnan, nós, Porthos e eu, fomos enviados a Cromwell por Mazarino, e em logar de servirmos a este, servimos o rei Carlos I, o que não é o mesmo. Voltando com os senhores de La Fére e d'Herblay, o nosso crime fica incerto, e com a incertesa leva-se os homens a muito longe. Ora quero levar Mazarino a vêr o paiz.

—E' verdade! disse Porthos.

—Esquece, disse Athos, que nós não nos julgamos desligados da nossa palavra para comvosco, e que levando-nos presos a Paris...

—Realmente, Athos, interrompeu d'Artagnan, estou zangado que um homem de espirito como é, esteja sempre a dizer essas miserias que fariam corar de vergonha estudantes do terceiro anno. Cavalleiro, continuou elle dirigindo-se a Aramis, que, não obstante ha pouco ter emittido uma opinião contraria, parecia ter concordado com a do seu companheiro, cavalleiro, comprehende que aqui como sempre o meu caracter desconfiado redobra. Mas se todavia por acaso tentassem prender-nos na sua presença, oh! sete homens não se prendem tão facilmente como tres; as espadas seriam desembainhadas, e a questão, de mau resultado para todos, torna-se-ia uma enormidade que nos perderia a todos quatro. Além de que, se nos acontecer alguma desgraça a nós dois, não é melhor que estejam os outros em liberdade para nos fazerem todos os esforços por nos libertar? E depois quem sabe se obterão da rainha o perdão, e nós de Mazarino, que reunidos nos refusariam? Vamos, Athos e Aramis, para a direita,

Porthos á esquerda comigo, deixe estes senhores dirigirem-se para a Normandia, e nós pela estrada mais curta tomemos para Paris.

—Mas se nos prendem no caminho, como nos preveniremos mutuamente d'essa catastrophe? perguntou Aramis.

—Nada mais facil, respondeu d'Artagnan; marquemos um itenerario de que nós não nos desviemos nem uma linha. Athos e Aramis, vão d'aqui a Saint Valery, depois a Dieppe e d'aqui seguem a estrada direita a Paris; nós vamos por Abbeville, Amiens, Peronne, Compiegne e Senlis e em cada estalagem, em que pararmos, escreveremos na parede com a ponta de um punhal, ou no vidro com o gume de um diamante um signal que possa servir de guia ás investigações dos que estiveram livres.

—Ah! meu amigo, disse Athos, como eu admiraria os recursos da sua cabeça, se eu não adorasse os do seu coração.

E estendeu a mão a d'Artagnan.

—Terá por ventura a raposa gemo, Athos? disse o Gascão fazendo um movimento de hombros. Não, sabe comer as gallinhas, fazer perder a pista aos caçadores e achar o seu caminho tanto de noite como de dia. Então, está dito?

—Está dito.

—Então dividamos o dinheiro, tornou d'Artagnan, deve pouco mais ou menos restar duzentas pistolas. Quanto ha de resto, Grimaud?

—Cento e cincoenta meios luizes, senhor.

—E' isso. Ah! viva! eis o sol! Bom dia, amigo sol! Posto que tu não sejas o mesmo que o da Gasconha, reconheço-te ou finjo reconhecer-te. Bom dia. Havia tanto tempo que eu te não tinha visto.

—Vamos, vamos, d'Artagnan, disse Athos, não se faça forte, tem as lagrimas nos olhos. Sejamos sempre francos entre nós, mostra essa franquesa as nossas boas qualidades.

—Então, disse d'Artagnan, acredita, Athos, que se deixem a sangue frio e n'uma occasião em que se não está isempto de perigo dois amigos como Athos e Aramis?

—Não, disse Athos, e por isso venha a meus braços, meu filho!

—Que diabo! disse Porthos soluçando, parecem-me que choro: que estupidez!

E os quatro amigos lançaram-se nos braços uns dos outros formando um só grupo. Estes quatro homens, reunidos pelo vinculo fraternal, não tinham de certo senão uma alma n'este momento.

Blaisois e Grimaud deviam seguir Athos e Aramis. Mousqueton bastava para Porthos e d'Artagnan.

O dinheiro foi divido, como sempre se tinha feito, com uma fraternal regularidade, e depois de terem apertado a mão uns aos outros, e reiterado mutuamente os protestos de uma amisade eterna, os quatro cavalleiros separaram-se para cada um seguir a estrada convencionada, não sem se voltarem, não sem se renovarem ainda effectuosas palavras que os echos do cabedelo repetiam.

Finalmeute perderam se de vista.

—D'Artagnan, disse Porthos é mister que eu lhe diga já tudo, porque en nunca saberia reservar no coração alguma coisa contra o meu amigo eu não o reconheci n'esta circumstancia.

—Porque? perguntou d'Artagnan sorrindo.

—Porque se, como diz Athos e Aramis correm um verdadeiro perigo, não era occasião de os abandonar. Eu confesso-lhe que estava prompto a acompanhal-os, e que ainda o estou para os encontrar, mau grado todos os mazarinos da terra.

—Teria razão, Porthos, se fosse assim; mas deve notar uma cousita, que, pequena como é vae mudar todo o encadeamento das idéas; é que não são esses senhores que correm o perigo mais serio, somos nós, deixamol-os não pelos abandonar, mas sim para os não comprometter.

—Deveras! disse Porthos arregalando os olhos.

—Oh! de certo: se os prenderem só terão a Bastilha simplesmente; emquanto se nós o formos podemos ir á praça de Gréve.

—Oh! oh! está longe d'isso a coroa de barão que me premettia d'Artagnan!

—Não tão longe como acredita, talvez, Porthos; sabe o proverbio. Todo o caminho vae dar a Roma.

—Mas porque corremos nós perigos maiores que os que correm Athos e Arrmis?

—Porque elles não fizeram mais que seguir a missão que tinham recebido da rainha Henriqueta, em quanto que nós trahimos a que recebemos de Mazarino; porque, tendo sido enviados como mensageiros a Cromwel, tornamo-nos partidarios do rei Carlos, porque em logar de concorrermos para a queda da sua cabeça real condemnada por esses pedantes chamados Mazarino, Cromwel, Joycei, Pridge, Fairfax, etc., etc., estivemos quasi a salval-o.

—E' verdade, disse Porthos, mas como quer, caro amigo que no meio das suas grandes preocupações, o general Cromwell pense...

—Cromwell pensa em tudo, Cromwell tem tempo para tudo, e não percamos nós o nosso, e elle é precioso. Não estaremos em segurança senão depois de ter visto Mazarino, e ainda...

—Diabos! disse Porthos, e que diremos a esse malvado Mazarino?

—Deixe isso á minha conta, eu tenho cá um plano. Cromwell é bem forte, Mazarino bem manhoso, mas eu estimo mais pelejar diplomaticamente contra elle, do que contra o fallecido senhor Mordaunt.

—Olhe! disse Porthos, como é agradavel dizer fallecido senhor Mordaunt.

—E' verdade que sim, mas para diante.

—E ambos, seguidos de Monsqueton, que depois de ter tido muito frio durante toda a noite, ao cabo de um quarto de hora tinha já muito calor, se dirigiam, sem perder um instante, para a estrada de Paris.

XV

Regresso

Athos e Aramis seguiram o itenerario que lhes tinha indicado d'Artagnan, e caminharam tão depressa como poderam. Parecia-lhe que seria mais vantajoso para serem presos ao pé de Paris que longe.

Todas as noites, com o receio de serem presos em quanto dormiam, traçavam, ou na parede, ou nos vidros, o signal ajustado; mas pela manhã acordavam livres com grande espanto seu.

A' medida que se aproximavam de Paris, os grandes acontecimentos a que acabavam de assistir, e que acabavam de assolar a Inglaterra riscavam-se da memoria como se tivessem sido sonhos, em quanto que pelo contrario aquelles que durante a sua ausencia tinham amotinado Paris e a provincia lhe vinham ao encontro.

Durante as seis semanas de ausencia, tinham-se passado na França um tal numero de pequenos acontecimentos que quasi tinham composto um grande. Os parisienses, ao acordarem pela manhã sem rainha e sem rei, ficaram muito atormentados com este abandono, e a ausencia de Mazarino, tão vivamente desejada, não compensou a dos dois augustos fugitivos.

O primeiro sentimento em Paris quando se soube a fugida para S. Germano, fugida a que fizemos assistir nossos leitores, foi essa especie de terror que se apodera das creanças quando acordam de noite ou na solidão. O parlamento amotinou-se, e decidiu-se que se enviaria uma deputação á rainha a rogar-lhe que não privasse por mais tempo Paris da sua real presença.

Mas a rainha sentia ainda a impressão do triumpho de Lens, e o orgulho da sua fuga tão felizmente executada.

Os deputados não só não conseguiram a honra de não serem recebidos, mas ainda fel-os esperar na estrada, onde o chanceller, o mesmo chanceller Séguier que vimos na primeira parte d'esta obra perseguir tão obstinadamente uma

carta no espartilho da rainha, veio entregar-lhe o ultimatum da côrte, dizendo que se o parlamento senão humilhasse ante a magestade real, condemnando todos os motins que tinham originado esta divisão. Pariz seria cercada no dia seguinte; que mesmo já, na previsão d'esse cêrco, o duque d'Orleans occupava a ponte de Saint Cloud, e que o senhor principe ainda na força do enthusiasmo pela sua victoria de Lens, occupava Charenton e S. Diniz.

Desgraçadamente para a côrte a quem uma resposta moderada teria talvez attrahido grande numero de partidarios, esta resposta ameaçadora produziu um effeito totalmente contrario ao que se esperava. Ferio o orgulho do parlamento que sentindo-se vigorosamente apoiado pela burguezia, respondeu a estas cartas regias, declarando Mazarino autor de todas as desordens, inimigo do rei e do estado, e ordenava-lhe de se retirar no mesmo dia da côrte, e da Frauça em oito dias; expirado este praso, se elle não tivesse obedecido, permittia a qualquer subdito do rei o matal-o.

Esta resposta energica, porque a côrte nunca esperava, punha ao mesmo tempo Pariz e Mazarino fóra da lei. A côrte fez então todos os seus preparativos de ataque, e Pariz todos os de defeza.

Os burguezes estavam preoccupados nos seus trabalhos ordinarios em tempo de revolta quando viram chegar em seu soccorro, conduzido pelo coadjutor, o senhor principe de Conti, irmão do principe de Condé, e o duque de Longueville, seu cunhado. Desde então ficaram tranquillisados, porque tinham por si dois principes de sangue, e de mais a mais a vantagem do numero.

Foi a 10 de janeiro que os parisienses receberam este inesperado soccorro.

Apoz uma tempestuosa discussão, o principe de Conti foi nomeado generalissimo dos exercitos do rei fóra de Paris, com os duques d'Elbeuf e de Buillon e o marechal La Motte como tenentes generaes. O duque de Longueville, sem cargo e sem titulo, contentou-se com o emprego de assistir a seu cunhado.

Quanto ao duque de Beaufort, tinha chegado do Vendemois, trazendo, diz a chronica, o seu porte altivo, bellos e

longos cabellos e essa popularidade que lhe produzido a realeza das praças.

O exercito parisiense tinha-se então organisado com essa ligeireza que os burguezes empregavam ás vezes em transformar-se em soldados, quando são levados a essa transformação por um sentimento qualquer.

A 19, o improvisado exercito tinha tentado uma sortida mais para se certificar e certificar os outros da sua existencia que para tentar alguma coisa de serio, fazendo fluctuar uma bandeira em que se lia esta singular divisa: Nós procuramos o nosso rei.

Os dias seguintes foram occupados em pequenas operações parciaes, que não tiveram outro resultado mais que o incendio de duas ou tres casas.

Passou-se assim até aos principios de fevereiro, e foi no primeiro d'este mez que os nossos quatro companheiros desembarcaram na Bolonha, seguindo para Paris cado um pelo seu lado.

No fim do quarto dia de marcha evitavam Nanterre com precaução para não irem dar com algum partido da rainha.

Era bem contra vontade que Athos tomava todas estas precauções, mas Aramis tinha-lhe mui judiciosamente observado que não tinham o direito de ser imprudentes, que estavam encarregados de uma missão suprema e sagrada da parte do rei Carlos I, e que esta missão recebida ao pé do cadafalso não seria conhecida senão aos pés da rainha.

Athos então cedeu.

Nos arrabaldes os nossos viajantes encontraram uma boa guarda; toda a cidade de Paris estava armada. A sentinella recusou deixar passar os dois cavalleiros e chamou pelo seu sargento.

O sargento appareceu immediatamente, e tomando toda a importancia que costumam tomar os burguezes que teem a felicidade de se acharem revestidos de uma dignidade militar; disse com altivez.

—Quem são, senhores?

—Dois cavalleiros respondeu Athos.

—D'onde vem?

—De Londres.

—Que vem fazer a Paris?

—Cumprir uma missão junto de sua magestade a rainha de Inglaterra.

—Oh! oh! então todo o mundo hoje vae ao palacio da rainha de Inglaterra! tornou o sargento. Temos já no posto tres cavalleiros cujos passaportes estão visitando e que vão ao palacio da rainha de Inglaterra.

—Onde estão os seus?

—Nós não os trazemos.

—Que! não os trazem?

—Não; nós chegamos da Inglaterra como já lhe dissemos: ignoramos completamente o estado dos negocios porque deixamos Paris antes da partida do rei.

—Ah! disse o sargento com um ar malicioso, são mazarinistas que querem entrar para nos expiar.

—Meu caro amigo, disse Athos, se fossemos mazarinistas, então teriamos todos os passaportes possiveis. Na sua situação acredite-me que deve desconfiar mais dos que veem com todos os requisitos.

—Entrem no corpo da guarda, disse o sargento e ahi explicarão as suas razões ao chefe do posto.

E fazendo um signal á sentinella, esta perfilou-se; o sargento passou adiante, os dois cavalleiros seguiram-n'o.

O corpo da guarda estava inteiramente occupado por populares; uns jogavam, outros bebiam, outros harengavam.

N'um canto e guardados á vista estavam os tres cavalleiros que primeiro tinham chegado, e cujos passaportes estava vendo o official. A importancia do seu posto concedia a este official um quarto particular, e por isso estava em seperado n'uma camara visinha.

O primeiro movimento dos recem-chegados, como dos que já estavam na sala, foi lançarem uns aos outros um olhar envestigador de uma a outra extremidade da salla. Os primeiros estavam cautelosamente embuçados em longas capas, e um d'elles mais baixo que seus companheiros, conservava-se atraz d'elles na sombra.

Ao annuncio que fez o sargento quando entrou, de que, provavelmente, conduzia dois mazarinistas, os tres cavalleiros levantaram a cabeça e prestaram attenção.

O msis pequeno dos tres, que tinha dado dois passos para diante, deu um para traz e achou-se outra vez na sombra. Quando se disse que os recem-chegados não traziam passaportes o parecer unanime do corpo da guarda pareceu ser que elles não entrassem.

—Pelo contrario, disse Athos, é provavel que entraremos, porque segundo parece, tratamos com pessoas razoaveis. Ora não ha a fazer senão uma coisa muito simples, e é de dizer os nossos nomes a sua magestade a rainha de Inglaterra, e, se ella responder por nós, espero que não terão difficuldade alguma em nos deixar passar.

Ao ouvir estas palavras a attenção do cavalleiro occulto na sombra redobrou, e foi mesmo acompanhada de um movimento de surpreza tal, que o seu chapeu impellido pela capa, em que elle se embuçava cada vez mais caiu ; abaixou-se e apanhou-o apressadamente.

—Oh ! meu Deus ! disse Aramis acotevelando Athos, viu ?

—O que ?

—O rosto do mais pequeno dos tres cavalleiros ?

—Não.

—E' que me pareceu... mas é impossivel...

N'este momento, o sargento, que tinha ido á camara particular receber as ordens do official do posto, saiu e designando os tres cavalleiros, a quem entregou um papel disse:

—Os passaportes estão conformes, deixe passar estes tres senhores.

Aramis acompanhou com os olhos os tres cavalleiros, e no momento em que o mais pequeno passava por diante d'elle, apertou vivamante a mão de Athos.

—Que tem, meu caro ? perguntou este.

—Tenho... é uma visão, sem duvida.

Depois dirigindo-se ao sargento :

—Diga-me senhor conhece os tres cavalleiros que acabam de sair ?

—Conheço-os pelo seu passaporte : São os senhores de Flamarens, de Chatillon e de Bruny, tres cavalleiros frondistas que vão fallar ao senhor duque de Longueville.

—E' singular, disse Aramis respondendo mais ao seu

proprio pensamento que ao sargento, pareceu-me reconhecer o proprio Mazarino.

O sargento soltou um gargalhada.

—Elle, atrever-se assim a apparecer no meio de nós, para ser enforcado! isto é tão estupido!

—Ah! murmurou Aramis, póde ser que eu me enganasse, eu não tenho o olho infallivel de d'Artagnan.

—Quem falla aqui de d'Artagnan? perguntou o official que n'este momento assomava ao limiar da porta:

—Oh! exclamou Grimaud arregalando os olhos.

—Que é? perguntou ao mesmo tempo Aramis e Athos.

—Planchet! tornou Grimaud, Planchet com banda de official.

—Senhores de La Fére e d'Herblay, exclamou o official, de volta a Paris! Oh! que alegria sinto, porque sem duvida vem juntar-se aos senhores principes?

—Como tu vês, meu caro Planchet, disse Aramis, em quanto que Athos sorria ao vêr o importante posto que occupava na milicia burgueza o antigo camarada de Mousqueton, Bazin e de Grimaud.

—E o senhor d'Artagnan, de quem fallava ha pouco, senhor d'Herblay, será atrevimento perguntar-lhe se tem noticias d'elle?

—Deixamol-o ha quatro dias, meu caro amigo, e tudo nos levava a crer que elle nos precedeu em Paris.

—Não, senhor: tenho certeza de que elle ainda não entrou na capital; depois d'isso talvez elle ficasse em S. Germano.

—Não acredito, temos uma entrevista na Chevrette.

—Fui hoje mesmo lá

—E a bella Magdalena não recebeu noticias d'elle? perguntou Aramis sorrindo.

—Não, senhor, não lhe ocultarei mesma que me pareceu muito inquieta.

—E' que, disse Aramis, viemos tambem muito depressa, e por isso ainda não ha tempo perdido. Permitta então, caro Athos, sem que me informe mais do nosso amigo, que eu faça os meus cumprimentos ao senhor Planchet.

—Ah! senhor cavalleiro! disse Planchet inclinando-se.

—Tenente ! disse Aramis.

—Tenente e promessa para ser capitão.

—Está bom disse Aramis, e como lhe vieram todas essas honras?

—Sabe que fui eu que fiz libertar o senhor de Rochefort ?

—Sim, é verdade ; elle contou-nos isso.

—N'essa occasião estive em riscos de ser enforcado por Mazarino, o que naturalmente me tornou mais popular do que eu já era.

—E graças a essa popularidade...

—Não, graças a alguma coisa melhor. Sabe tambem que eu servi no regimento do Piemonte onde tive a honra de ser sargento ?

—Sim.

—Pois bem ! um dia que ningnem era capaz de pôr em ala uma multidão de burguezes armados, e que marchavam uns com o pé esquerdo, outros com o pé direito, eu cheguei, fiz com que marchassem todos com o mesmo pé, e fizeram-me então tenente no campo da... manobra.

—Eis a explicação, disse Aramis.

—De sorte, disse Athos, que tem comvosco uma multidão de nobres.

—Sem duvida ! Temos em primeiro logar, como deve saber, o principe de Conti, o duque de Longueville, o duque de Beaufort, o duque d'Elbeuf, o duque de Boillon, o duque de Chevreuse, o senhor de Brissac, o marechal de La Motte, o senhor de Luynes, o marquez de Vitry, o principe de Marcillac, o marquez de Noismoutiers, o conde de Fiesque, o marquez de Laigues, o conde de Montrésor, o marquez de Sévigné, e muitoso utros de que me não recordo agora.

—E o senhor Raul de Bragelonne? perguntou Athos com uma voz commovida ; d'Artagnan disse-me que, quando partiu lh'o tinha recommendado, meu bom Planchet.

—Sim, senhor conde, como se fosse seu proprio filho, e devo dizer-lhe que o não tenho perdido de vista um só instante.

—Então, tornou Athos com a voz alterada pela alegria, passa bem ! nenhum accidente lhe aconteceu?

—Nenhum, senhor.

—E mora?

—Ainda no grande Carlos Magno.

—E passa os seus dias?...

—Umas vezes em casa da rainha de Inglaterra, outras, na da senhora de Chevreuse. Elle e o duque de Guiche nunca se separam.

—Obrigado, Planchet, obrigado! disse Athos apresentando-lhe a mão.

—Oh! senhor conde, disse Planchet tocando na mão com a ponta dos dedos.

—Que faz, conde? a um antigo criado! disse Aramis.

—Amigo, elle dá-me novas de Raul.

—E agora, senhores, perguntou Planchet que não tinha ouvido esta observação, que conta fazer?

—Entrar em Paris, se todavia o concede, meu caro senhor Planchet.

—Como! se eu lh'o conceder? zomba de mim, senhor conde; eu não passo de ser seu servidor.

E inclinou-se. Depois voltando-se para os seus homens, disse:

—Deixe passar estes senhores, conheço-os, são amigos do senhor de Beaufort.

—Viva o senhor de Beaufort! bradou todo o posto de uma só voz e abrindo passagem a Athos e Aramis.

Só o sargento se aproximou de Planchet.

—Que! sem passaporte! murmurou elle.

—Sem passaporte, disse Planchet.

—Attenda, capitão, continuou elle dando antecipadamente a Planchet, o titulo que lhe estava promettido, attenda que um dos tres cavalleiros que ha pouco d'aqui sairam, disse-me ao ouvido que desconfiasse d'estes senhores.

—E eu, disse Planchet com magestade, conheço-os e respondo por elles.

Dito isto, foi apertar a mão a Grimaud que pareceu muito honrado com esta distinção.

—Até á vista, capitão tornou Aramis com o seu tom chocarreiro, se nos acontecer alguma coisa, viremos ter comvosco.

n'este momento audiencia a cavalleiros que lhe traziam novas de Inglaterra, por isso viram-se obrigados a esperar.

—E nós tambem, disse Athos ao servidor que lhe dava esta resposta, nós tambem, não só trazemos novas da Inglaterra mas até chegamos de lá.

—Como se chamam senhores?

—O conde de La Fére e o cavalleiro de Herblay.

—Ah! então, senhores, disse o servidor, ao ouvir estes nomes que a rainha tantas vezes tinha pronunciado na sua esperança, então, é outro caso. e parece-me que sua magestade me não perdoaria de os ter feito esperar um só momento. Tenham a bondade de seguir-me.

E foi adiante, seguido d'Athos, e Aramis.

—Chegando á camara onde estava a rainha, elle acenou-lhes de esperar, e abrindo a porta, disse:

—Senhora, espero que vossa magestade me perdoará de ter desobedecido ás suas ordens, quando souber que os que venho annunciar são os senhores conde de La Fére, e cavalleiro de Herblay.

Ao ouvir estes dois nomes a rainha soltou um grito de alegria que chegou aos ouvidos dos dois cavalleiros no sitio aonde estavam.

—Pobre rainha! murmurou Athos.

—Oh! que entrem, que entrem! exclamou a joven princeza precipitando-se para a porta,

—A pobre menina nunca deixava sua mãe, e fazia todos os exforços por lhe fazer esquecer com os seus cuidados tiliaes a ausencia de seus dois irmãos e de sua irmã.

—Eutrem, entrem, senhores, disse a princeza, abrindo ella mesmo a porta.

Athos e Aramis apresentaram-se. A rainha estava sentada n'uma poltrona, e diante conservavam-se de pé dois dos tres cavalleiros que elles tinham encontrado no corpo da guarda.

Eram os senhores de Flamarens e Gaspard de Coligny, duque de Chatillon, irmão do que tinha sido morto sete ou oito annos antes em um duello na praça real, duello que tinha tido logar por causa da senhora de Longueville. Ao ouvirem pronunciar o nome dos dois amigos, recuaram um pas-

so e trocaram com inquietação algumas palavras em voz baixa.

—Então! senhores? exclamou a rainha apenas deu com os olhos em Athos e Aramis. Até que em fim, amigos fieis, mas os correios de estado andam mais depressa que os senhores. A côrte foi informada dos negocios de Londres no mesmo momento em que tocavam ás portas de Paris, e eis aqui os senhores de Flamarens e de Chatillon que me trazem da parte de sua magestade a rainha Anna d'Austria as mais recentes informações.

Aramis e Athos olharam-se admirados; esta tranquillidade, esta mesma alegria que brilhava atravez dos olhos da rainha, espantava-os sobremaneira.

—Queiram continuar, disse ella dirigindo-se aos senhores de Flamerens e de Chatillon, diziam pois que sua magestade Carlos I, meu augusto senhor, tinha sido condemnado á morte, não obstante o voto da maioria dos subditos inglezes?

—Sim, senhora, balbuciou Chatillon.

Athos e Aramis olharam-se mais e mais espantados.

—E que conduzido ao cadafalso, continuou a rainha, conduzido ao cadafalso! ó meu senhor! ó meu rei!... e que, conduzido ao cadafalso, foi salvo pelo povo indignado?

—Sim, senhora, respondeu Chatillon em voz tão baixa, que a custo pôde ser ouvida pelos dois cavalleiros, não obstante estarem mui attentos.

A rainha poz as mãos mostrando um generoso reconhecimento, em quanto que sua filha lhe passava os braços á roda do pescoço, e lhe beijava os olhos arrasados de lagrimas de alegria.

—Agora só nos resta apresentar a vossa magestade os nossos humildes respeitos, disse Chatillon, a quem parecia pesar este papel, e córava perceptivelmente com o olhar fixo e prescrutador d'Athos.

—Um momento ainda, senhores, disse a rainha, retendo-os com um signal. Um momento, por favor! porque estão aqui os senhores de La Fére e d'Herblay, que como pôde ouvir, chegam de Londres e que lhe darão talvez como testemunhas oculares detalhes que não sabiam. Levaram essas

noticias á rainha, minha boa irmã. Fallem, senhores, fallem, eu os escuto. Não me occultem nada ; nada poupem. Desde que sei que sua magestade vive, e que a honra real está salva, tudo o mais me é indifferente.

Athos empallideceu, e apoiou a mão no coração.

—Então! disse a rainha, que viu este movimento e esta pallidez ; falle, senhor, eu lh'o rogo.

—Perdão, senhora, disse Athos ; mas eu não quero accrescentar nada á narração d'estes senhores antes que elles mesmos tenham reconhecido que se enganaram.

—Que se enganaram ! exclamou a rainha quasi suffocada, enganaram!... Que aconteceu então? oh! meu bom Deus !

—Senhor, disse de Flamerens a Athos, se nos enganámos é da parte da rainha que provém esse erro, e supponho que não terão a pertenção de a rectificar, porque seria desmentir a sua magestade.

—Da rainha, senhor? tornou Athos, com a sua voz tranquilla e vibrante.

—Sim, murmurou Flamerens, baixando os olhos.

Athos suspirou tristemente.

—Não será este engano proveniente antes d'aquelle que os acompanhava, e que vimos na sua companhia na barreira de Roule ? disse Aramis, com a sua politica insultante. Porque, se não nos enganamos, eram tres quando entraram em Paris.

Chatillon e Flamerens estremeceram.

—Mas explique-se, conde ! exclamou a rainha, cuja angustia augmentava de momento a momento ; na sua fronte leio a desesperação, a sua boca hesita em annunciar-me alguma terrivel noticia, as suas mãos tremem... Oh ! meu Deus! meu Deus ! que aconteceu ?

—Senhor ! disse a joven princeza, caindo de joelhos junto de sua mãe, tenham piedade de nós !

—Senhor, disse Chatillon, se traz alguma noticia funesta, procede cruelmente se a annuncia á rainha.

Aramis aproximou-se de Chatillon quasi a tocal-o.

—Senhor, lhe disse elle, com os labios cerrados e o olhar flammejante, supponho que não tem a pertenção de ensinar

ao senhor conde de La Fere e a mim o que havemos de dizer aqui?

Durante esta curta altercação, Athos, sempre com a mão no coração e a cabeça inclinada, tinha-se aproximado da rainha, e com uma voz commovida, disse:

—Senhora, os principes, que, por sua naturesa, são superiores aos outros homens, receberam do ceu um coração feito para supportar maiores infortunios que os do vulgo. Parece-me pois, que uma tão grande rainha como é vossa magestade, não deve haver-se do mesmo modo que se haveria uma mulher do nosso estado. Rainha, destinada a todos os martyrios sobre a terra, eis-aqui o resultado da missão com que nos honrou.

E Athos, ajoelhando-se ante a rainha palpitante e gelada, tirou do seu seio a ordem de diamantes que antes da sua partida a rainha tinha entregado a lord de Winter, e o annel nupcial que Carlos entregara a Aramis antes da sua morte, encerrados na mesma boceta; depois que os tinha recebido, Athos nunca deixara estes objectos.

Abriu a boceta, e apresentou-os á rainha com uma muda e profunda dôr.

A rainha estendeu a mão, pegou no annel, levou-o convulsivamente aos labios, e sem poder soltar um suspiro, sem poder articular uma palavra, empallideceu, e caiu sem sentidos nos braços de suas aias e de sua filha.

Athos beijou o vestido da desgraçada viuva, e levantou-se com uma magestade que fez sobre os assistentes uma profunda impressão, e disse:

—Eu conde de La Fere, cavalleiro que nunca menti, juro primeiro, na presença de Deus, e depois na d'esta desgraçada rainha, que tudo o que era possivel fazer para salvar o rei, nós o fizemos no solo da Inglaterra. Agora, cavalleiro, accrescentou elle virando-se para d'Herblay, partamos, o nosso dever está cumprido.

—Ainda não, disse Aramis; resta-nos ainda dizer uma palavra a estes senhores. Senhor, disse elle, voltando-se para Chatillon, peço-lhe a fineza de sair, ainda que não seja senão por um instante, para ouvir essa palavra que não posso dizer diante da rainha.

Chattillon inclinou-se sem responder como signal de consentimento ; Athos e Aramis sairam primsiro, Chatillon e Flamerens seguiram-nos ; atravessaram o vestibulo sem dizer uma palavra, mas tendo chegado a um terraço ao nivel de uma janella, Aramis dirigiu-se para esse terraço de todo solitario, e á janella parou voltando-se para o duque de Chatillon.

—Senhor, lhe disse elle, tomou ha pouco a liberdade, me parece a mim, de nos tratar um pouco cavalheirosamente. Isto não tinha logar algum, e menos ainda da parte de pessoas que vinham trazer á rainha a mensagem de um mentor.

—Senhor ! exclamou Chatillon.

—Que fez do senhor de Bruy ? perguntou ironicamente Aramis. Não terá elle por ventura ido mudar de figura que se parece muito com a de Mazarino ? E' sabido que no Palacio Real ha um sortimento de mascaras italianas de reserva, desde a de Arlequim até á de Pantalon.

—Mas provoca-nos, julgo eu ? disse Flamarens.

—Ah ! só o julga senhores ?

—Cavalleiro ! cavalleiro ! disse Athos.

—Deixe-me, deixe-me, disse Aramis, bem sabe que eu não gosto de deixar as coisas no meio.

—Então acabe, senhor, disse Chatillon com uma altivez que em nada cedia á de Aramis.

Aramis abaixou a cabeça.

—Senhores, disse elle, um outro que não fosse eu ou o conde de La Fére, fal-o-ia prender, porque nós temos alguns amigos em Paris; mas nós offerecemos-lhe um meio de partir, sem ser inquietados. Venham conversar comnosco cinco minutos com a espada na mão sobre este terreno deserto.

—Com muito gosto, disse Chatillon.

—Um momento, senhores ! exclamou Flamarens. Bem sei que a proposição é tentadora, mas agora é impossivel acceital-a.

—E porque ? disse Aramis com o seu tom chocarreiro, será a visinhança de Mazarino que os torna tão prudentes ?

—Oh ! bem ouve, Flamarens, disse Chatillon, não responder seria uma nodoa indelevel na minha honra e no meu nome.

—E' o meu parecer, disse friamente Aramis.

—Todavia não responda, e estes senhores, estou certo que d'aqui a pouco hão de ser do meu parecer.

Aramis meneou a cabeça com gesto de incrivel insolencia.

Chatillon viu esse gesto e levou a mão á espada.

—Duque, disse Flamarens, olvida que ámanhã commanda uma espedição da mais alta importancia, e que designado pelo principe, approvado pela rainha, até ámanhã á noite não pode dispor de si.

—Vá. Então depois de ámanhã pela manhõ, disse Aramis.

—Depois de amanhã pela manhã, disse Chatillon, é muito tarde, senhores.

—Não sou eu que marco o termo e que peço demora, tanto mais que me parece que nos encontraremos n'essa expedição.

—Sim, senhor, tem rasão, exclamou Chatillon, e com grrnde prazer se quer ter o incommodo de vir até ás portas de Chareton.

—Oh ! senhor, para ter a honra, de os encontrar iria ao cabo do mundo, com a maior resão farei com o mesmo intento uma jornada de uma ou duas leguas.

—Então ! ámanhã, senhor.

—Conto com isso. Vá pois ter com o seu cardeal. Mas antes jure-me pela sua honra de que lhe não dará parte do nosso regresso.

—Condições ?

—Porque não.

—Porque só aos vencedores pertence impol-as, e não o são, senhores.

—Então cruzemos já as espadas. Para nós é indifferente que não commandamos a expedição de ámanhã.

Chatillon e Flamerens crusaram um olhar ; havia tanta ironia na palavra e no gesto de Aramis, que Chatillon com especialidade a grande custo sustinha a sua cólera. Mas a uma palavra de Flamerens conteve-se.

—Pois bem ! seja, disse elle, o nosso companheiro, quem quer que elle seja nada saberá do que se passou. Mas pro-

mette-me tambem de se achar ámanhã em Charenton, não é verdade ?

—Ah ! quanto a isso fiquem descançados, senhores, disse Aramis.

Os quatro cavalleiros saudaram-se, mas d'esta vez foram Chatillon e Flamerens que sairam do Louvre primeiro, e Athos e Aramis que os seguiram.

—Quem lhe causou todo este furor, Aramis ? disse Athos.

—Ora essa ! aquelles com quem questionei.

—Que lhe fizeram elles ?

—Fizeram-me... Então não viu ?

—Não.

—Sorriram-se de chacota quando jurámos que tinhamos feito na Inglaterra o nosso dever. Ora ou elles acreditaram, ou não. Se acreditaram, era para nos insultar, que nos chacoteavam, se não acreditaram, insultam-nos tambem e é mister provar-lhe que somos bons para alguma coisa... Em quanto ao mais não estou zangado que elles reservassem a entrevista para ámanhã ; parece-me que esta noite temos de fazer alguma coisa melhor que desembainhar a espada.

—Que temos então a fazer ?

—Ora essa ! temos que prender Mazarino.

Athos sorriu-se com desdem.

—Essas expedições não são para mim, bem o sabe, Aramis.

—Porque?

—Porque se assimelham a surpresa.

—Na verdade, Athos, seria um singular general de exercicio; não se bateria senão de dia; mande prevenir o seu adversario da hora em que tencionava atacal-o, e abstenha-se de tentar alguma coisa entre elle de noite, com receio de que elle o accusasse de ter tomado partido da escuridão.

Athos sorriu-se.

—Bem sabe que não se póde mudar de natureza, disse elle, demais, sabe por ventura qual o estado dos negocios politicos, e se a prisão de Mazarino não será antes um mal que um bem, um embaraço que um triumpho?

—Diz, Athos, que não approva a minha proposta.

—Não pelo contrario, julgo que ella é licita na guerra, entretanto...

—Entretanto, o que?

—Parece-me que não deveria fazer jurar a estes senhores de nada dizer a Mazarino; fazendo-lhe jurar isso, quasi que se comprometteu a nada fazer.

—Eu não me comprometti em nada, considero-mo pois perfeitamente livre. Vamos, vamos, Athos vamos.

—Aonde?

—A casa do senhor de Beufort ou de Bouillon, contar-lhe-hemos o que ha.

—Sim, mas com uma condicção; é que começaremos pelo coadjuctor. E' um padre e é sabio sobre os casos de consciencia, e nós lhe contaremos o nosso.

—Ah ! exclamou Aramis, elle transtornará tudo, de tudo se apropriará ; acabemos por elle em logar de começar-mos.

Athos sorriu-se, via-se que no fundo do coração lhe existia um pensamento que elle não revelava.

—Vá ; por qual começaremos então ?

—Pelo duque de Bouillon ; é o primeiro que se nos offerece.

—Agora permitte-me uma coisa, não é assim ?

—Qual ?

—E' que eu vá á hospedaria do Grande Imperador Carlos Magno para abraçar Raul.

—Como assim ! eu tambem vou, abraçal-o-hemos ambos.

Metteram-se no batel que os tinha conduzido, e dirigiram-se para as praças. Aqui acharam Grimaud e Blaisois com os seus cavallos, e partiram para a rua de Guenegaut.

Mas Raul não estava na hospedaria, tinha recebido n'aquelle dia uma mensagem do principe e partira com Olivain apenas a recebera.

XVII

Os tres tenentes do generalissimo

Segundo o que tinham convencionado, ao sairem do Grande Imperador Carlos Magno, Athos e Aramis dirigiram-se para o palacio do duque Bouillon.

A noite estava escura, e, posto que já a deshoras, continuava ainda a ouvirem-se milhares d'esses ruidos que despertam em sobresalto uma cidade cercada. A cada passo encontravam-se barricadas, a cada virar de esquina topavam-se cadeias estendidas, a cada encrusilhada davam com os olhos em bivaques; as patrulhas crusavam-se, trocavam as palavras da senha e passavam, os mensageiros expedidos pelos differentes chefes voavam pelas praças; emfim dialogos animados, e que indicavam a agitação dos espiritos, travavam-se entre os habitantes que se conservavam ás janellas e seus concidadãos mais bellicosos que corriam pelas ruas, com a partasana ao hombro ou o arcabuz no braço.

Athos e Aramis não tinham andado ainda cem passos sem que fossem sustidos pelas sentinellas collocadas nas barricadas, que lhes tinham perguntado pela senha; mas elles responderam que iam a casa do senhor de Bouillon annunciar-lhe uma importante noticia, e contentaram-se de dar-lhe um guia, que, sob pretexto de os acompanhar e de lhes facilitar a passagem, estava encarregado de vigiar sobre elles. Este partiu precedendo-os e cantando:

Este bravo de Bouillon
E' achacado da gotta.

Era uma redondilha das mais recentes, e que se compunha de não sei quantas coplas onde todos tinham sua parte.

Ao aproximarem-se do palacio do duque, encontraram tres cavalleiros, que sabiam a senha completa, porque marchavam sem guia e sem escolta, e ao chegarem ás barrica-

das apenas diziam algumas palavras e logo os deixavam passar com todas as deferencias devidas ao seu alto posto.

A' vista d'elles, Athos e Aramis pararam.

—Oh! oh! vê conde?

—Sim, disse Athos.

—Que lhe parecem estes tres cavalleiros?

—E Aramis?

—Que são os nossos homens.

—Não se enganou, não, reconheci perfeitamente Flamarens.

—E eu Chatillon.

—Quanto ao cavalleiro da capa...

—E' o cardeal.

—Em pessoa.

—Como diabo se atrevem elles a aproximarem-se assim do palacio de Bouillon? perguntou Aramis.

—Athos sorriu-se, mas não respondeu. Cinco minutos depois batiam á porta do principe.

A porta estava guardada por uma sentinella, como é costume para com pessoas revestidas de graus superiores; até mesmo um pequeno posto se via no pateo promto a obedecer ás ordens do principe de Conti.

Como dizia a cantiga, o duque de Bouillon era achacado de gotta e conservava-se de cama; mas não obstante esta grave indisposição que o impedia de montar a cavallo havia um mez, isto é, desde que Paris estava cercada, não o impediu de receber o conde de La Fére e o cavalleiro d'Herblay.

Os dois amigos foram introduzidos na camara do duque, que estava deitado, mas cercado de um apparato o mais militar que se póde vêr. Nas paredes não se viam senão pistolas, couraças e arcabuzes, e era facil de vêr que logo que elle não tivesse a gotta, daria bem que fazer aos inimigos do parlamento. Entretanto, com grande pesar via-se obrigado a estar de cama.

—Ah! senhores, exclamou elle ao vêr os dois visitadores e fazendo por se sentar na cama, esforço que lhe arrancou uma medonha careta, ah! são bem felizes; podem montar a cavallo, ir, vir, combater pela causa do povo. Mas eu, ve-

jam, estou pregado na cama. Ah! diabo de gotta! exclamou elle fazendo uma nova careta, diabo de gotta!

—Senhor, disse Athos, chegamos da Inglaterra, e o nosso primeiro cuidado ao entrar em Paris foi de vir saber novas da sua saude.

—Muito obrigado, senhores, muito obrigado. Pessima, como vêem... Diabo de gotta! Ah! então chega da Inglaterra? e o rei Carlos passa bem segundo acabo de saber?

—E' morto, senhor, disse Aramis.

—Que! exclamou o duque espantado.

—Morto sobre um cadafalso, condemnado pelo parlamento.

—Impossivel.

—E executado na nossa presença.

—Que me dizia então o senhor de Flamarens?

—O senhor de Flamarens! exclamou Aramis.

—Sim, saiu agora d'aqui.

—Athos sorriu-se.

—Com dois companheiros, disse elle.

—Com dois companheiros, sim, tornou o duque, depois accrescentou com alguma inquietação: encontraram-n'o?

—Mas... parece-me que sim, disse Athos, olhando com um sorriso para Aramis que da sua parte o fixou tambem com um ar um pouco espantado.

—Diabo de gotta ! exclamou o duque.

—Senhor, disse Athos, realmente é mister toda a sua dedicação á causa parisiense para se conservar, no meio dos soffrimentos que o attormentam, á testa dos exercitos, e essa perseverança é que causa a nossa admiração.

—Que querem, senhores ! é mister, e os senhores d'isso são um exemplo, são tão bravos e tão dedicados, a quem o meu caro collega de Beaufort deve a liberdade e talvez a vida, é mister fazer um sacrificio pela causa publica. Por isso, como vêem sacrifico-me, mas tenho as minhas forças exhaustas. O coração está bom, a cabeça, boa, mas este diabo de gotta, mata-me, e confesso que se a côrte fizesse justiça aos meus pedidos, pedidos aliás bem justos, pois que não faço senão pedir uma indemnisação promettida pelo proprio antigo cardeal quando me tiraram o meu principado de Sedam; sim,

confesso-o, se me dessem dominios equivalentes, se me indemnisassem do tempo em que não tenho desfructado essa propriedade, isto é ha oito annos; se fosse concedido o titulo de principe ás pessoas da minha casa, e se meu irmão de Turenne fosse reintegrado no seu commando, retirar-me-ia immediatamente para as minhas terras e deixaria a côrte e o parlamento arranjarem-se uns com os outros como quizessem.

—E teria muita razão, senhor, disse Athos.

—E' o seu parecer, não é verdade, senhor conde de La Fére.

—De certo.

—E o seu tambem, senhor cavalleiro d'Herblay?

—Sim, senhor.

—Pois então, senhores, certifico-lhe que provavelmente é o que eu adoptarei. A côrte faz-me agora propostas, só depende de mim o acceital-as. Até agora tinha-as regeitado: mas já que uns homens como os senhores me dizem que faço mal, e visto que este diabo de gotta me pôe na impossibilidade de fazer algum serviço á causa parisiense, á fé que dessejo bem aproveitar-me do seu conselho e acceitar a proposição que acaba de me fazer o senhor de Chatillon.

—Acceite, principe, acceite, disse Aramis.

—Sim, sim. Estou mesmo zangado de as ter esta noite quasi que repellido... mas ámanhã temos conferencia e então veremos.

Os dois amigos saudaram o duque.

—Vão, senhores, lhe disse este, devem estar fatigados da jornada. Pobre Carlos! Mas emfim elle foi algum tanto culpado em tudo isto, e o que deve desculpar-nos é que a França não tem a exprobrar-se n'esta occasião, e que fez tudo o que pôde para o salvar.

—Oh! quanto a isso, disse Aramis, nós somos testemunhas, Mazarino com especialidade...

—Oh! vêem, estou bem contente de que lhe façam este testemunho; o cardeal não é mau de todo, e se não fosse estrangeiro... Mas far-se-lhe-ha justiça. Ai! diabo de gotta.

Athos e Aramis sairam, mas até á ante-camara acompa-

nharam-os os gritos de Boillon: era evidente que o principe soffria como um condemnado.

Então! perguntou Aramis quando chegaram á porta da rua, que pensa?

—De quem?

—Ora, de quem! do duque de Bouillon.

—Meu amigo, penso, o que pensa a cantiga do nosso guia?

Este pobre Bouillon
E' achacado da gotta.

—Por isso, viu que eu não lhe toquei no objecto que nos conduzia.

—E procedeu com prudencia; ter-lhe-hia produzido um accesso. Vamos a casa do senhor de Beaufort.

E os dois amigos se dirigiram para o palacio de Vendome.

Batiam dez horas quando elles chegavam.

O palacio estava não menos guardado e apresentava um aspecto não menos hellicoso que o de Bouillon. Tinha n'elle sentinellas, postos no pateo, armas em montões, cavallos á argola e todos sellados, etc. Dois cavalleiros que saiam quando Athos e Aramis entravam, foram obrigados a fazer recuar as suas cavalgaduras para deixar passar estes.

—Ah! ah! senhores, disse Aramis, é decidamente a noite dos encontros; confesso que seriamos bem infelizes, se, depois de nos termos encontrado tanta vez esta noite, não chegassemos a encontrarmo-nos ámanhã.

—Oh! quanto a isto, senhor, respondeu Chatillon?... porque era exactamente elle que saia com Flamarens de casa do duque de Beaufort.... pode ficar descançado, se nós nos encontramos esta noite tanta vez sem nos procurarmos com muito maior razão nos encontraremos ámanhã que nos procuramos.

—Assim o espero, senhor, disse Aramis.

—E eu estou certo, disse o duque.

Chatillon e Flamarens continuaram o seu caminho, Athos e Aramis apearam-se.

Apenas tinham elles atirado com as redeas aos braços dos

seus criados, e se tinham desembaraçado das suas capas que um homem se aproximou d'elles, e depois de os ter examinado um instante á incerta luz de uma lanterna pendurada no centro do pateo, soltou um grito de surpresa e precipitou-se-lhe nos braços.

—Conde de La Fére, exclamou elle, cavalleiro d'Herblay! como estão aqui, em Paris?

—Rochefort! disseram os dois amigos.

—Sim, sem duvida.

—Chegamos, como deve saber, ha quatro ou cinco dias do Vendemois, e preparamo-nos para coçar o Mazarino. Continua a ser dos nossos, presumo eu?

—Mais que nunca, e o duque?

—Está desesperado contra o cardeal. Sabe o que tem acontecido ao nosso caro duque! E' o verdadeiro rei de Paris; não póde sair sem correr risco de ser abaffado.

—Ah! tanto melhor, disse Aramis; mas diga-me não foram os senhores de Flamarens e de Chatillon que sairam d'aqui.

—Sim; acabam de ter audiencia com o duque; de certo vinham da parte de Mazarino, mas affianço-lhe que acharam um bom adversario.

—Muito embora! disse Athos, e não poderiamos ter a honra de vêr sua alteza?

—No mesmo instante, bem sabe que aos senhores nunca elle se nega. Sigam-me, reclamo a honra de os apresentar.

Rochefort foi adiante. Todas as portas se abriram ante elle e os dois amigos. Acharam o duque prompto a ir para a mesa.

As immensas occupações d'aquella noite tinham-lhe retardado a ceia até então; mas, não obstante a gravidade da circumstancia, o principe apenas ouviu estes dois nomes que Rochefort annunciava, largou a cadeira que se preparava a levar para a mesa, e correu apressadamente ao encontro dos dois amigos.

—Ah! bem vindos sejam, senhores, disse elle. Veem tomar parte na minha ceia, não é verdade? Boisjoli, previne Noirmont que tenho mais dois convivas para a ceia. Julgo que devem conhecer muito de perto Noirmont, não é assim,

senhores? é o meu cozinheiro, o successor do tio Marteau, que faz os excellentes pasteis que sabem. Boisjoli, que nos traga um feito por elle, mas não no genero do que elle fez para La Ramée. Graças a Deus! não temos agora necessidade de escadas de corda, de punhaes, e de peras agonisantes.

—Senhor, disse Athos, não incommode por nossa causa o seu illustre cozinheiro, cujos numerosos e variegados talentos nós conhecemos a fundo. Esta noite, com permissão de vossa alteza, teremos sómente a honra de lhe perguntar pela sua saude, e de receber as suas ordens.

—Oh! quanto á minha saude é excellente, como vêem. Uma saude que resistiu a cinco annos na Bastilha acompanhados de Chavigny, é capaz de tudo, Quanto ás minhas ordens, a fallar a verdade, vejo-me bem embaraçado para lh'as dar, visto que todos as dão, e, se isto continua, acabarei por não dar nenhumas.

—Deveras?! disse Athos, j lgava entretanto que era com a sua união que o parlamento contava.

—Ah! sim, nossa união! ella é bonita! Com o duque de Bouillon, ainda vá lá, tem gotta, e não deixa a cama; mas com o senhor d'Elbeuf e seus elephantes de filhos... Sabem a copla a respeito do duque d'Elbeuf, senhores?

—Não, senhor.

—Oh homem!

O duque começou a cantar.

O senhor d'Elbeuf e seus filhos
Iram-se na praça real,
Todos quatro ostentando
Um forte humor marcial;
Mas, apenas sôa o canhão,
E bate a hora fatal,
O senhor d'Elbeuf e seus filhos
Somem-se da praça real.

—Mas, tornou Athos, julgo que não acontece o mesmo com o coadjuctor?

—Ah! é verdade? com o coadjuctor, é peior ainda Deus os defenda de prelados embrulhadores, principalmente quan-

do esses prelados trazem uma couraça sobre a sua cimarra! Em logar de se deixar estar tranquillo no seu bispado cantando *Te-Deum* pelas victorias que alcançamos, ou por aquellas em que somos derrotados. sabem o que elle faz?

—Não.

—Levanta um regimento a que dá o seu nome, o regimento de Corintho. Faz tenentes e capitães nem mais nem menos como um marechal de França e coroneis como o rei.

—Sim, disse Aramis, mas quando é necessario combater, espero que elle se conserve no seu arcebispado.

—Eis onde se engana, meu caro d'Herblay! Quando é necessario combater, combate; de maneira que como a morte de seu tio lhe deu assento no parlamento, anda sempre a caminhar para o parlamento, para o conselho, para o combate. O principe de Conti é general em pintura, e que pintura! Um principe coreovado! Ah! isto tudo vae muito mal.

—De maneira, senhor, que vossa alteza está descontente? disse Athos lançando um olhar sobre Aramis.

—Descontente, conde! diga que estou furioso, a ponto de que, olhe, eu não digo isto a mais ninguem, a ponto de que se a rainha, reconhecendo o mal que se tem portado comigo, chamasse minha mãe do desterro, e me desse a mim a sobrevivencia do almirantado, que pertencia a meu pae, e que me foi promettido á sua morte, eu não teria duvida em ensinar aos cães que na França ha ainda maiores ladrões que Mazarino.

Não foi então só um olhar, foi um olhar e um sorriso que trocaram Athos e Aramis; e ainda que os não tivessem encontrado, de certo adivinhariam que Chatillon e Flamarens tinham por lá passado. Por isso não pronunciaram uma palavra ácerca da estada de Mazarino em Paris.

—Senhor, disse Athos, estamos satisfeitos. O nosso fim quando viemos agora a casa de vossa altesa, não era outro que provar-lhe a nossa affeição, e dizer-lhe que estamos sempre á sua disposição como seus mais fieis vassallos e servidores.

—Como meus mais fieis amigos, senhores, como meus mais fieis amigos! provaram-n'o; e se eu chego a acommodar-me com a côrte, espero provar-lhe que eu tambem sou

seu amigo, assim como d'aquelles senhores: como diabo os chamam, d'Artagnan e Porthos?

—D'Artagnan e Porthos.

—Ah! sim, é isso. Então, comprehende, conde de La Fére, comprehende, cavalleiro d'Herblay, em tudo e sempre me acharão ao seu dispôr.

—Athos e Aramis inclinaram-se e sairam.

—Meu caro Athos, disse Aramis, parece-me que não consentiu em acompanhar-me, Deus me perdoe! senão para me dar uma lição.

—Espere, meu caro, disse Athos, será occasião de reparar n'isso quando sair de casa do coadjutor.

—Vamos então ao arcebispado.

—Ao chegarem ás proximidades do rio, Athos e Aramis acharam as ruas innundadas, e viram-se obrigados a entrar n'um barco. Passava das onze horas, mas sabia-se que não havia hora certa para entrar em casa do coadjuctor; a sua incrivel actitude fazia, segundo as necessidades, da noite dia e do dia noite.

O palacio archiepiscopal saia do seio das aguas, e pelo numaro de barcos amarrados de todos os lados em torno d'esse palacio, dir-se-ia que se estava em Veneza, e não em Paris.

Estas barcas iam, vinham, crusavam-se em todas as direcções, mettendo-se no dedalo das ruas da cidade, ou apartando-se na direcção do Arsenal ou do caes S. Victor, onde nadavam como sobre um lago. D'esses barcos, uns eram mudos e mysteriosos, outros ruidosos e brilhantes. Os dois amigos metteram-se pelo meio d'essa immensidade de barcos, e chegaram a abordar.

Todo o rez do chão do palacio estava innuadado, mas viam-se encostadas ás paredes immensidades de escadas; a unica mudança que a inundação tinha operado, é que em logar de se entrar pelas portas, entrava-se pelas janellas.

—Meu Deus! disse Aramis quando chegaram á antecamara do prelado, olhe Athos, como este presumido coadjuctor querter o prazer de nos fazer esperar na antecamara?

Athos sorriu-se

Meu caro amigo, lhe disse elle, é preciso tratar as pes-

soas com todas as conveniencias da sua posição ; o coadjutor é presentemente um dos sete ou oito reis que regem Paris, tem por isso uma corte.

—Sim, mas nós não somos cortezãos.

—E por isso vamos mandar-lhe os nossos nomes, e se elle então nos não mandar uma resposta conveniente, n'esse caso deixemol-o com os negocios da França, e com os seus ; não se trata senão de chamar um criado, a metter-lhe na mão meia pistola.

—Oh ! justamente, exclamou Aramis, não me engano ... sim... não é verdade, Bazin, chega-te cá, maroto !

Bazin que atravessava n'este momento a antecamara, magestosamente revestido dos seus habitos ecclesiasticos, voltou-se com o sobr'olho carregado, para vêr quem era o impertinente que o apostrophava d'esta maneira. Mas apenas reconheceu Aramis, que o tigre se transformou em cordeiro, e que aproximando-se dos dois cavalleiros, dise-lhe :

—Como assim ? disse elle, senhor cavalleiro ! senhor conde ? Chegam no momento em que estavamos inquietos pelos senhores. Ah ! quanto sou feliz em os tornar a vêr !

—Está bom, está bom, sôr Bazin, disse Aramis, basta de cumprimentos. Vimos para vêr o senhor coadjuctor, estamos com pressa, é mister vêl-o.

—Como assim ! immediatamente sem duvida não se fazem esperar senhores da sua qualidade. Mas agora está em conferencia secreta com o senhor de Bruy.

—De Bruy ! exclamaram ao mesmo tempo Athos e Aramis.

—Sim, fui eu que lh'o annunciei e recordo-me perfeitamente do nome. Conhece-o ?

—Parece-me que sim.

—Não digo eu o mesmo, porque estava tão embuçado, que não obstante os meus esforços não lhe pude vêr nem o mais pequeno bocadinho da cara. Mas eu vou entrar para os annunciar, e d'esta vez serei mais feliz.

—E' innutil, disse Aramis, renunciamos a vêr o coadjutor por esta noite, não é verdade, Athos.

—Como quizer, disse o conde.

—Sim, elle tem muito que tratar com o senhor de Bruy.

—E annunciar-lhe-hei que vieram procural-o?

—Não, não vale a pena, disse Aramis, venha Athos.

—Então disse Athos a Aramis quando estavam já dentro do barco, acredita que teriamos feito mal a todos estes senhores com a prisão de Mazarino?

—E' a sabedoria encarnada, Athos.

O que mais que tudo, tinha sensibilisado os dois amigos, era a pouca importancia que na corte de França se dava aos terriveis successos da Inglaterra, e que a elles lhes parecia que deviam occupar a attenção de toda a Europa.

Na verdade, á excepção de uma infeliz viuva, e de uma orphã real, que choravam n'um canto do Louvre, ninguem parecia saber que tinha existido um rei Carlos I, e que este rei acabava de morrer n'um cadafalso.

Os dois amigos marcaram entrevista para as dez horas da manhã do dia seguinte, porque, não obstante a noite ir muito avançada quando chegaram á porta da hospedaria, Aramis pretendeu que ainda tinham algumas visitas de importancia a fazer, e deixou Athos entrar só.

No dia seguinte á hora marcada estavam reunidos. Desde as seis horas que Athos tinha saido.

—Então! colheu algumas noticias? perguntou Athos.

—Nenhumas: d'Artagnan não foi encontrado em parte nenhuma, e nem mesmo ainda apdareceu Porthos E o senhor?

—Nada.

—Diabo! exclamou Aramis,

—Na verdade, esta demora não é natural; elles tomaram o caminho mais direito, e por consequencia deviam chegar primeiro que nós.

—Accrescente a isso, disse Aramis, que conhecemos d'Artagnan pela rapidez das suas manobras, e que não é homem de perder *uma hora sabendo que nós o esperavamos...*

—Elle contava, se se recorda estar aqui no dia cinco.

—E estamos a nove, esta noite expira o praso fixado.

—Que conta fazer, perguntou Athos, se esta noite não recebermos ainda noticias?

—Ora essa! irmos em sua busca.

—Bem, disse Athos.

—Mas Raul? perguntou Aramis.

—Raul dá-me muito cuidado, recebeu hontem uma mensagem do principe de Condé, foi ter com elle a Saint Cloud e não voltou.

—Não viu a senhora de Chevreuse?.

—Não estava em casa. E o amigo, Aramis, parece-me que deve ter ido a casa da duqueza de Longueville.

—Não ha duvida.

—E então?

—Não estava tambem em sua casa, mas ao menos tinha deixado o adreço da sua nova habitação.

—Onde estava ella?

—Adivinha? dou-lhe mil partes.

—Como quer que eu adivinhe onde está á meia noite (presumo que foi a casa d'ella quando me deixou) a mais bella e a mais activa de todas as frondistas?

—Na casa da camara.

—Que! na casa da camara! nomear-se-ia ella preboste dos mercadores?

—Não, mas fez-se a rainha de Paris interinamente, e como não teve a ousadia de se ir estabelecer no Palacio Real, ou nas Tulherias, installou-se na casa da camara, onde vae dar um herdeiro ou uma herdeira ao caro duque.

—Não me tinha dado parte d'essa circumstancia, Aramis, disse Athos.

—Deveras? então perdoa-me, foi esquecimento. Agora esta noite vamos a Charenton! Espero lá encontrar segundo a sua promessa, um certo senhor de Chatillon, que detesto ha muito.

—Porque?

—Porque é irmão de um tal senhor de Coligny.

—Ah! é verdade, eu não me lembrava... o qual pretendeu a honra de ser seu rival. Foi bem cruelmente punido d'essa audacia, e na verdade, meu caro, isto devia bastar-lhe.

—Sim, mas que quer! não me basta. Sou rancoroso; é o unico ponto pelo qual me pareço com a egreja. Além de quê, Athos, não é obrigado a seguir-me.

—Então graceja!

—N'esse caso, se está decidido a acompanhar-me, não

ha tempo a perder. O tambor rufou, encontrei as peças que partiam, vi os burguezes postarem-se em ordem de batalha na praça da casa da camara; vão provavelmente bater-se junto a Charenton, como hontem disse o duque de Chatillon.

—Julguei, disse Athos, que as conferencias d'esta noite tivessem mudado estas disposições bellicosas.

—Sim, sem duvida, mas não deixarão de bater-se, ainda que não fosse senão para mascarar essas conferencias.

—Pobre gente! disse Athos, vão deixar-se matar para que se restitua Sedan ao senhor de Boillon, para que se dê o almirantado ao duque de Beaufort, e para que o coadjuctor seja cardeal!

—Vamos, vamos, meu caro acredite que não é tão philosopho se o seu Raul não se achasse intromettido em toda esta trapalhada.

—Talvez que diga a verdade.

—Então, vamos ao combate, é um meio seguro de achar d'Artagnan, Porthos, e talvez Raul.

—Ai! disse Athos.

—Meu bom amigo, agora que estamos em Paris, é mister perder esse costume, que tem, de suspirar incessantemente. Na guerra como na guerra, Athos! Deixaria de ser guerreiro para se converter em ecclesiastico? Olhe, eis burguezes que passam: c'os diabos, como é attractiva a sua vista! E o capitão, vê-o! tem quasi um porte militar.

—Sáem da rua de Mouton.

—Tambores na frente, como uns verdadeiros soldados! Mas não vê o modo garrido do tal capitão?

—Ai! exclamou Grimaud.

—Que é? perguntou Athos.

—Planchet, senhor.

—Tenente hontem, disse Aramis, capitão hoje, coronel sem duvida ámanhã, em oito dias o maroto será marechal de França.

—Vamos pedir-lhe alguns indicios.

E os dois amigos aproximaram-se de Planchet, que mais altivo que nunca por se vêr em exercicio, disse aos dois cavalleiros que tinha ordem de se postar na Praça Real, com

duzentos homens formando a retaguarda do exercito parisiense, e de se dirigir para Charenton em caso de necessidade.

Como Athos e Aramis iam para o mesmo lado, acompanharam Planchet até ao seu sitio.

Este fez habilmente manobrar os seus homens na praça, e collocou-os por detraz de uma longa ala de burguezes estendida pela rua e bairro de Santo Antonio.

—O dia será quente, disse Planchet em tom bellicoso.

—Sim, sem duvida, respondeu Aramis, mas será longe d'aqui.

—Senhor, aproximar-se-ha a distancia, disse um cabo.

Aramis saudou-o, depois voltando-se para Athos.

—Não tenho desejos de ficar por aqui com toda esta multidão; quer ir para a frente, veremos de lá melhor.

—E além de que Chatilloh não virá procural-o á Praça-Real, não é verdade? Então vamos para a frente, meu amigo.

—Não tem tambem duas palavras a dizer a Flamarens?

—Amigo, disse Athos, fiz um protesto, e é de não tornar a desembainhar a espada, sem ser a'isso obrigado absolutamente.

—Bom! ainda uma lembrança de Mordaunt! não lhe faltaria mais que ter remorsos de o matar.

—Caluda! disse Athos pondo o dedo na boca com esse sorriso triste que só a elle pertencia, não fallemos mais de Mordaunt, isso trazer-nos-ia alguma desgraça.

E tomaram para Charenton.

XVIII

O combate de Charenton

A' medida que Athos e Aramis avançavam, viam succeder-se ás armas enferrujadas as couraças polidas e brilhan-

tes, e os mosquetes resplandecentes ás variadas partasanas.

—Parece-me que é aqui o verdadeiro campo de batalha, disse Aramis; vê aquelle corpo de cavallaria que se conserva na frente do ponto, com a pistola na mão? E' lá! tome sentido, chega artilheria.

—Ah! meu caro, onde nos trouxe? parece-me que todas estas figuras á roda de nós são officiaes do exercito realista. Não, será aquelle o senhor de Chatillon que avança com dois brigadeiros.

E Athos levou a mão á espada, em quanto que Aramis julgando que effectivamente tinham ultrapassado os limites do campo parisiense, poisava cautelosamente a mão nos coldres.

—Bom dia, senhores, disse o duque aproximando-se, vejo que nada sabem do que se passa, mas uma palavra lhe explicará tudo. Estamos por ora em treguas. O senhor principe, Retz, Beaufort e Boillon estão n'uma conferencia politica. Ora, de duas uma; ou os negocios não se arranjarão, e então nos encontraremos, cavalleiro, ou concluir-se-hão, e como então estou desembaraçado do meu commando, encontrar-nos-hemos da mesma fórma.

—Senhor, disse Aramis falla ás mil maravilhas. Permitta-me que lhe faça uma pergunta?

—Pois não, senhor.

—Onde estão os plenipotenciarios?

—Em Charenton, na segunda casa á direita entrando pelo lado de Paris.

—E essa conferencia não está prevista.

—Não, senhores. Segundo parece, é o resultado de novas propostas que *Mazarino hontem á noite* fez aos parisienses.

Athos e Aramis olharam-se rindo.

—E essa casa a quem pertence?

—Ao senhor de Chaulieu que commanda as suas tropas em Charentton. Digo suas tropas, porque supponho que é frondista.

—Mas... pouco mais ou menos, disse Aramis.

—Que? pouco mais ou menos.

—De certo, bem sabe que agora ninguem póde dizer precisamente o que é.

—Nós somos pelo rei e os senhores principes, disse Athos.

—E' mister entretanto que nos entendamos, disse Chatillon; o rei está comnosco, e tem por generalissimos os senhores de Orleans e de Condé.

—Sim, disse Athos, mas o seu logar é nas nossas fileiras com os senhores de Conti, de Beaufort, d'Elbeuf e de Bouillon.

—Talvez, disse Chatillon; eu cá pela minha parte tenho tambem pouca sympathia para com Mazarino; os meus interesses mesmo estão em Paris; trago lá um grande processo d'onde depende toda a minha fortuna e assim como me vê, venho de consultar o meu advogado... e preparar todos os meus negocios.

—Em Paris?

—Não, em Charenton... O senhor Viole, que conhece de nome, um excellente homem, um pouco cabeçudo... Contava vel-o hontem á noite, mas o nosso encontro obstou a que me occupasse dos meus negocios. Ora, como é necessario que os negocios se façam aproveitei-me das treguas, e eis a rasão porque me acho no meio do senhor.

—O senhor Viole dá então os seus conselhos no meio da rua? perguntou Aramis rindo.

—Sim, senhor e mesmo a cavallo. Commanda hoje quinhentos pistoleiros, e visitei-o acompanhado, para o honrar, d'estas duas pequenas peças de artilheria, que lhe occasionou a sua admiração. Ao principio, devo confessar, que o não reconheci; tem uma longa espada e duas pistolas á cinta sem fallar no seu comprido casaco; o que lhe dá um formidavel ar, que o encheria de prazer, se tivesse a felicidade de o encontrar.

—Se é tão curioso de ver, merece a pena ir procural-o de proposito, disse Aramis.

—Então apresse-se, porque as conferencias não podem demorar-se muito tempo.

—E se ellas se acabarem sem resultado, disse Athos, vá tentar apoderar-se de Chatillon.

—E' a minha ordem ; commando tropas de attaque, e farei o que poder para o conseguir.

—Senhor, disse Athos, visto que commanda a cavallaria...

—Perdão, senhor, eu commando em chefe.

—Melhor ainda!... Deve então conhecer todos os officiaes, quero dizer todos os de distincção.

—Sim, com pouca differença.

—Terá então a bondade de me dizer se tem ás suas ordens o senhor cavalleiro d'Artagnan, tenente dos mosqueteiros ?

—Não, senhor, não esta comnosco ; ha seis semanas que deixou Paris ; diz-se que está com uma missão para a Inglaterra.

—Eu sabia isso, mas julgava-o já de volta.

—Não, senhor, nem sei que alguem o tenha visto. Posso mesmo dizer-lhe que os mosqueteiros são dos nossos e que é o senhor de Cambon que interinamente occupa o logar de d'Artagnan.

—Vê, disse Athos para Aramis.

—E' estranho.

—E' forçoso que lhe acontecesse no caminho alguma desgraça.

—Estamos a oito, acaba esta noite o prazo, se até então não recebermos noticias suas, ámanhã partiremos.

Athos baixou a cabeça em signal affirmativo.

—E o senhor de Bragellonne, disse elle voltando-se para Chatillon, um joven de quinze annos, addido ao senhor principe, terá elle a honra de ser conhecido pelo senhor duque ?

—Sim, de certo, respondeu Chatillon, chegou esta manhã com o senhor principe. Um joven formoso, é dos seus amigos, senhor, conde ?

—Sim, senhor, tornou Athos um pouco embaraçado, a ponto que eu teria mesmo desejo de o ver. Será possivel?

—Muito possivel. Acompanhe-me e eu o levarei ao quartel general

—Oh lá ! disse Aramis voltando-se, que ruido e este.

—Reconheço o coadjuctor com o seu chapeu á Fronda.

—E eu o senhor de Beaufort com as suas plumas brancas.

—Veem a galope. O senhor principe vem com elles. Eis que os deixa.

—Tocam á chamada, exclamou Chatillon. Ouve? é mister ir saber o que é.

Com effeito, os soldados corriam ás armas, os cavalleiros que estavam a pé montavam a cavallo, as trombetas soavam, o senhor de Beaufort desembainhou a espada!

—Senhores, disse Chatillon, romperam-se ás treguas: vae começar o attaque. Entre então para Charentton, d'aqui a pouco começará o ataque. Eis o signal que o senhor principe me dá.

Effectivamente um porta-estandarte elevava tres vezes consecutivas o guião do principe.

—Até á vista, senhor cavalleiro.

Athos e Aramis voltaram á redea e foram saudar o duque de Beaufort. Quanto ao senhor de Bouillon tinha no fim da conferencia tido um tão terrivel accesso de gota, que se vira obrigado a voltar para Pariz n'uma liteira; porém em compensação, o duque d'Elbeuf cercado dos seus quatro filhos como de um estado maior, percorria as fileiras do exercito parisiense.

—Este Mazarino é uma verdadeira segonha para a França! disse o coadjuctor apertando o punho da espada, que elle trazia á moda dos antigos padres militares, por cima da samarra archi-episcopal. E' um pedante que queria governar a França como se a trouxesse arrendada. Por isso a França não póde esperar socego senão quando elle tiver saido d'ella.

—Parece que não se entenderam a respeito da côr do chapeu, disse Aramis.

No mesmo instante, o duque de Beaufort levantou a espada.

—Senhores, disse elle, conferenciamos em balde! quizemos livrar-nos do velhaco de Mazarino; mas a rainha, que é teimosa, quer absolutamente guardal-o para ministro; de maneira que só nos resta um recurso é de o bater congruamente.

—Bom! disse o coadjutor, eis a eloquencia costumada do senhor de Beaufort.

—Felizmente, disse Aramis, que corrige as suas faltas de francez com a ponta da espada.

—Prrrr! exclamou o coadjuctor com despreso, juro-lhe que n'esta guerra tem sido muito pêco. E desembainhou a espada tambem. Senhores, eis o inimigo que se aproxima, espero que lhe pouparemos bem metade do caminho.

E sem se importar se era ou não seguido, partiu. O seu regimento, que tinha o nome de Corintho, do seu arcebispado, precipitou-se atraz d'elle.

Pela sua parte, Beaufort conduzia a sua cavallaria, debaixo do commando do senhor de Noirmontiers para Etampes onde devia encontrar um comboio de viveres impacientemente esperado pelos parisienses.

O senhor de Chanleu, que commandava a praça, conservava-se, com o melhor das suas tropas, prompto a resistir, e mesmo, no caso do inimigo ser repellido, a tentar uma sortida.

Meia hora depois o combate estava travado em todos os pontos. O coadjuctor, a quem exasperava a reputação de coragem de Beaufort, tinha-se precipitado para a frente e fazia prodigios de coragem.

E' sabido que a sua vocação era a espada, e era feliz todas as vezes que a podia tirar da bainha não importa por quem ou para quem. Mas n'esta circumstancia se tinha cumprido bem o dever de soldado, tinha feito mal o de coronel. Com tres mil homens, os quaes tinham caido em massa sobre os soldados do coadjuctor, que retiravam em desordem para as trincheiras. Mas o fogo da artilheria de Chanleu fez parar o exercito real, que por algum tempo pareceu debandar. Entretanto isto durou pouco, e o exercito realista foi formar-se atraz de um grupo de casas.

Chanleu julgou a occasião propicia; lançou-se á testa de dois regimentos em perseguição do exercito realista, mas, como já dissemos, elle tinha-se reforçado, e voltava á carga commandado por Chatillon em pessoa. O attaque foi rudo e tão habilmente dirigido que Chanleu e os seus viram-se quasi cercados. Chanleu ordenou a retirada.

Desgraçadamente ao cabo de um minuto Chanleu caiu mortalmente ferido.

O duque de Chatillon viu-o cair, e annunciou em alta voz esta morte, que redobrou a coragem do exercito, e desanimou completamente os dois regimentos, á testa dos quaes Chanleu tinha feito a sortida. Por consequencia cada um não procurou senão salvar-se, precipitando-se para as trincheiras, ao pé das quaes o coadjuctor se esforçava por formar o seu regimento.

De repente um esquadrão de cavallaria saiu ao encontro dos vencedores, que entravam nas trincheiras de roldão com os fugitivos.

A' sua frente vinham Athos e Aramis. Aramis com a espada e a pistola na mão, Athos com a espada na bainha, e as pistolas nos coldres. Athos estava tranquillo e sereno como n'uma parada, mas o seu bello e nobre olhar entristecia-se ao vêr trucidar tantos, que se sacrificavam, de um lado á teima real, do outro ao rancor dos principes.

—Aramis, pelo contrario, matava e embriagava-se pouco a pouco, segundo o seu costume, com a vista do combate. Seus olhos vivos tornavam-se ardentes; sua boca surria-se lugubremente; suas ventas abertas aspiravam o cheiro do sangue; cada um de seus golpes de espada batia á justa, e se o ferido ainda tentava levantar-se, a coronha da pistola acabava o que a espada começára.

Do lado opposto e em frente das fileiras do exercito realista viam-se dois cavalleiros, um coberto com uma couraça dourada, outro com uma simples pelle de que saiam as mangas de um gibão azul. O cavalleiro da couraça dourada veio ter com Aramis, e lhe atirou um golpe de espada, que este aparou com a sua habilidade ordinaria e costumado sangue frio.

—Ah! é o senhor de Chatillon! exclamou o cavalleiro; bem vindo seja, eu esperava-o.

—Julgo não o ter feito esperar muito, senhor, disse o duque; em todo o caso, eis-me aqui.

—Senhor de Chatillon, disse Aramis tirando dos seus coldres uma outra pistola que elle tinha reservado para esta occasião, creio que se a sua pistola está descarregada é um homem morto.

—Graças a Deus senhor, não o está.

E o duque, apontando a sua pistola para Aramis, fez fogo. Mas Aramis curvou a cabeça, quando viu o duque pousar o dedo no gatilho, e a balla passou-lhe por cima sem lhe tocar.

—Oh! erraste-me, disse Armis. Mas eu juro que não lhe errarei.

—Se eu lhe der tempo! exclamou Chatillon picando o cavallo e levantando a espada.

Aramis esperou-o com esse sorriso terrivel que lhe era natural em semilhantes occasiões; e Athos, que via o senhor de Chatillon avançar para Aramis com a rapidez do raio, abria a boca para gritar: « Atire! mas atire já! » quando o tiro partiu, o senhor de Chatillon abriu os braços, e caiu sobre a garupa do cavallo.

A balla tinha-lhe entrado no peito pelo chanfro da couraça.

—Estou morto! murmurou o duque.

E caiu do cavallo a terra.

—Bem lhe tinha dito, senhor, e agora estou descontente de cumprir tão bem a minha palavra. Posso ser-lhe util para alguma coisa?

Chatillon fez um signal com a mão; e Aramis preparava-se a descer, quando de repente recebeu do lado um choque violento; era uma espadeirada, mas a couraça apparou o golpe.

Voltou-se apressadamente, agarrou pelo punho o aggressor, quando dois gritos partiram ao mesmo tempo, um soltado por elle, outro por Athos:

—Raul.

O mancebo reconheceu ao mesmo tempo o semblante do cavalleiro d'Herblay e a voz de seu pae, e deixou cair a espada.

Muitos cavalleiros do exercito parisiense se precipitaram n'este momento sobre Raul, mas Aramis cobriu-o com a sua espada.

—Meu prisioneiro! passe de largo! bradou elle.

Athos, durante este tempo, pegava nas redeas do cavallo de seu filho, e arrastava-o com energia para fóra do logar do combate.

N'este momento o principe, que sustentava o senhor de Chatillon na segunda linha, appareceu no meio da confusão, viram-se brilhar os seus olhos de aguia e foi reconhecido pelos seus gritos.

A' sua vista, o regimento do arcebispo de Corintho, que o coadjuctor apesar de todos os esforços, não conseguira reunir, lançou-se no meio das tropas parisienses, deitou tudo por terra e entrou fugindo em Charenton, que atravessou sem parar. O coadjuctor arrastado por elle passou junto do grupo formado por Athos, Aramis e Raul.

—Ah! ah! disse Aramis, que não podia no meio do seu ciume, deixar de se alegrar pelo infortunio do coadjuctor; na sua qualidade de arcebispo, devia ter conhecimento das escripturas.

—E que ha de commum nas escripturas com o que hoje me succede?

—Que o principe trata-o hoje como S. Paulo, na primeira aos corinthios.

—Deixemo-nos d'isso! disse Athos. Para a frente! ou melhor para a retaguarda, porque os vencidos parecem ser os frondistas.

—Isso é-me indifferente! disse Aramis eu não vinha aqui senão para encontrar o senhor de Chatillon. Encontrei-o, estou satisfeito; um duello com um Chatillon, é muito lisongeiro!

—E de mais a mais um prisioneiro, disse Athos mostrando Raul.

Os tres cavalleiros continuaram a galope.

—Que vae fazer tanto para o meio da batalha? perguntou Athos ao mancebo, quando estavam já longe do logar do combate; parece-me que não era lá o seu logar, não estando mais bem armado.

—Hoje não devia bater-me, senhor. Estava encarregado de uma missão para o cardeal, e partia para Rouil, quando vendo avançar o senhor de Chatillon tive desejos de ir ao seu lado

Foi então que elle me disse que dois cavalleiros do exercito parisiense me procuravam, e que elle nom ou o conde de La Fére.

—Como assim! Sabia que nós estavamos lá, e quiz matar o seu amigo?

—Eu não tinha reconhecido o senhor cavalheiro com a sua armadura, disse Raul corando, mas devia tel-o reconhecido pela sua destreza e sangue frio.

—Obrigado pelo cumprimento meu joven amigo! vê-se que lhe deram lições de cortezia. Mas ia a Reuil, disse?

—Sim.

—A casa do cardeal?

—Certamente. Levo um officio do principe para sua eminencia.

—E' mister entregal-o, disse Athos.

—Oh! quanto a isso, nada de falsas generosidades, conde. Que diabo! a nossa sorte, e, o que é mais, a sorte dos nossos amigos está n'esse officio.

—Mas este joven não deve faltar ao seu dever, disse Athos.

—Não se lembra, conde, que este joven é prisioneiro. O que nós fazemos é permittido na guerra. Dê-me esse officio, Raul.

Raul hesitou, olhando para Athos como para lhe pedir conselho nos seus olhos.

—Dê o officio, Raul, disse Athos, visto que é prisioneiro do cavalleiro de Herblay.

Raul cedeu com repugnancia; mas Aramis, menos escrupuloso que o conde de La Fére, abriu o officio apressadamente, percorreu-o e entregou-o a Athos.

—Athos, disse elle, visto que é tão crente leia, e, pensando n'essa leitura, veja alguma coisa que a Providencia julga importante que nós saibamos.

Athos pegou na carta carregando no seu bello sobr'olho, mas a lembrança do que n'ella se trataria de d'Artagnan, lhe ajudou a vencer a repugnancia que tinha de a ler.

Eis o seu conteudo:

Monsenhor

«Mandarei esta noite a vossa eminencia os dez homens que me pede, para reforçar a tropa do senhor de Comminges,

São bons soldados, a manter os dois rudos adversarios, cuja habilidade e resolução vossa eminencia receia.»

—Oh! oh! disse Athos.

—Então! que diz d'estes dois rudos adversarios, para guardar os quaes são necesserios dez bons soldados, além da tropa do senhor de Commìnges? não se perecem, mas claro que agua, como d'Artagnan e Porthos?

—Vamos então correr Paris por todo o dia, disse Athos, e se não colhermos noticias suas até á noite, tomamos o caminho da Picardia, e, graças á imaginação de d'Artagnan, affianço que não tardará muito em acharmos algum indicio que nos tirará todas as nossas duvidas.

—Vamos então para Paris, e informemo-nos sobre tudo de Planchet, se ainda não teve noticias do seu antigo amo?

—Falla bem, Aramis! Pobre Planchet! certamente a estas horas estará morto. Todos os burguezes bellicosos hão de ter saido, e provavelmente mataram-nos a todos.

Como isto era muito provavel, foi com um sentimento de inquietação que os dois amigos entraram em Paris pela porta do Templo, e que se dirigiram para a Praça Real onde contavam saber noticias d'esses pobres burguezes. Mas foi grande o espanto dos dois amigos, quando foram dar com elles bebendo e gracejando com o seu capitão, sempre acampados na Praça Real e chorados sem duvida pelas suas familias que ouviam o ruido do canhão de Charenton, e os faziam no fogo.

Athos e Aramis informaram-se de novo com Planchet; mas este nada tinha sabido de d'Artagnan. Quizeram leval-o, elle declarou-lhes que não podia deixar o seu posto sem ordem superior.

Sómente ás cinco horas poderam os nossos burguezes entrar em sua casa, dizendo que vinham da batalha; elles não tinham perdido de vista o cavallo de bronze de Luiz XIII.

—Com um milhão de diabos! disse Planchet ao entrar na sua loja na rua dos Confeiteiros. Fomos derrotados completamente. Nunca me consolarei!...

XIX

A estrada da Picardia

Athos e Aramis, muito em segurança em Paris, sabiam perfeitamente que apenas pozessem um pé fóra d'ella, se arriscavam aos maiores perigos; mas é sabido que o perigo para semilhantes homens era coisa de que elles nunca tratavam.

Demais conheciam que se aproximava o desfecho d'esta segunda Odyssea, e que não restava senão a dar, como se costuma a dizer, uma arrancada. A mesma Paris não estava tranquilla: os viveres começavam a escacear, e quando qualquer dos generaes do principe de Conti tinha necessidade de tomar a sua influencia, originava-se um pequeno motim que elle acalmava, e que lhe dava por um instante a superioridade sobre os seus collegas.

N'um d'esses motins, o duque de Beaufort tinha mandado saquear a casa e bibliotheca de Mazarino para dar, como elle dizia, alguma coisa que roer ao pobre povo.

Athos e Aramis deixaram Paris quando teve logar este acontecimento, isto é na noite do mesmo dia em que os parisienses foram derrotados em Charenton.

Ambos deixavam Paris na miseria e em riscos de fome, agitada pelo terror, dividida pelas facções.

Parisienses e frondistas, esperavam achar as mesmas miserias, o mesmo terror, as mesmas intrigas no campo inimigo, por isso grande foi a sua admiração quando ao passarem S. Diniz, souberam que em S. Germano se ria, se cantava e se passava uma vida alegre.

Os dois cavalleiros tomaram os caminhos desviados, primeiro para não cairem nas mãos dos Mazarinos, espalhados pela ilha de França, depois para escapar aos terriveis frondistas que occupavam a Normandia que os conduziam, á presença do duque de Longueville para os reconhecer como amigos ou como inimigos. Logo que se vissem livres d'estes dois perigos, metter-se-iam pela estrada de Bolonha e seguiriam passo a passo os vestigios dos dois amigos.

Depois de terem passado por duas ou tres estalagens, em que nada notaram que lhes servisse de esclarecimento ás suas buscas, Athos foi dar a Montreuil; aqui sobre uma mesa notou elle uma coisa um tanto aspera. Levantou a toalha, e sobre a taboa leu os seguintes hyerogliphos gravados profundamente com a folha de um punhal:

Part... d'Art... 2 de fevereiro.

—A's mil maravilhas, disse Athos mostrando a incrispção a Aramis, queriamos dormir aqui, mas é inutil. Vamos mais longe.

Montaram a cavallo e partiram para Abbeville. Aqui, pararam muito perplexos por causa da grande quantidade de estalagens. Como adivinhar em a qual tinham estado os dois amigos?

—Acredite-me, Athos, disse Aramis, não pensemos achar esclarecimento algum em Abbevilte. Se nós estamos embaraçados, os nossos amigos tambem o estariam. Se fosse só Porthos, este teria ido dormir á melhor estalagem, e nós, pedindo que nol-a indicassem, estavamos certos de lá achar signal da sua passagem. Mas d'Artagnan não tem d'essas fraquezas; Porthos observar-lhe-ia que morria de fome, elle continuaria o seu caminho, inexoravel como o destino, e é mais longe que o devemos ir procurar.

Continuaram o seu caminho, mas nada de novo. Era uma missão das mais penosas e principalmente das mais fastidiosas que Athos e Aramis tinham emprehendido, e senão fosse esse triplice mobil da honra, da amisade e do reconhecimento, gravado na sua alma, os nossos viandantes teriam centenares de vezes renunciado a remecher na areia, a interrogar os passageiros, a commentar os signaes e a espiar os gestos.

Foram assim até Perronne.

Athos começava a desesperar-se. Estavam já quasi para retrogradar quando, ao atravessarem um arrabalde que ia dar ás portas da cidade, Athos lançou os olhos sobre um muro novo, que fazia o angulo de uma rua que volteava a muralha, e viu n'elle um desenho com a candidez das primeiras tentativas de uma creança, tendo pintados dois cavalleiros gallopando com frenezi: um d'elles tinha na mão um car-

taz onde estavam escriptas em hespanhol estas palavras:

«Seguem-nos.

—Oh! oh! exclamou Athos, eis uma coisa clara como agua. Apezar de seguido, d'Artagnan não se demorou aqui menos de cinco minutos; isto prova de que elle não era seguido de mui perto, e talvez chegasse a escapar-se.

Aramis meneou a cabeça.

—Se elle tivesse escapado, já o teriamos visto, ou pelo menos ouvido fallar d'elle.

—Tem razão, Aramis, continuemos.

Dizer a inquietação de Athos, e a impaciencia de Aramis seria uma coisa impossivel. Ao cabo de quatro horas, que elles avançaram galopando com o frenezi dos dois cavelleiros do muro, deram com os olhos n'uma pedra que quasi obstruia a passagem do caminho.

O seu logar primittivo estava indicado sobre um dos lados do declive e tudo dava a demonstrar que ella não tinha caido por si só, mas tambem que para a fazer mover teria sido necessario o braço de um Encelada ou de um Briaée.

Aramis parou.

—Oh! disse elle fixando o penedo, aqui ha o Ajax de Talemon ou de Porthos. Se quer apee-mo-nos, conde e examinemos este penedo.

—Ambos se apearam.

A pedra tinha sido evidentemente ali posta, com o fim de embaraçar a passagem aos cavalleiros.

Examinaram a pedra por todos os lados expostes á luz; nada offerecia de extraordinario. Chamaram então Blaisois e Grimaud, e elles quatro conseguiram virar a pedra; no lado virado para o chão, estava escripto:

«Oito soldados de cavallaria ligeira nos perseguem. Se chegamos até Compiegne, paramos no Paon Conronné; o estalajeiro é dos nossos amigos.»

—Partamos então para o Paon Conronné, disse Athos.

Seis horas depois Athos e Aramis entravam em Compiegne e tomavam informações do Paon Conronné. Moustrou-se-lhe uma insignia mostrando o deus Pan com uma coroa na cabeça.

Os dois amigos apearam-se parando só onde viram a insignia, que n'outra occasião, Aramis teria criticado muito. Acharam um honrado estalajadeiro, calvo e pançudo como uma figura chineza, a quem perguntaram se na sua estalagem tinham estado alojados dois cavalleiros perseguidos por soldados de cavallaria ligeira. O estalajadeiro, sem responder uma palavra, foi buscar a um bahu metade da folha de uma espada.

—Conhece-a? disse elle.

Athos não fez mais que deitar um lance de olhos sobre a folha.

—E' a espada de d'Artagnan, disse elle.

—Do grande, ou do pequeno, perguntou o estalajadeiro.

—Do pequeno, respondeu Athos. Vejo que é dos seus amigos.

—Então! que lhe aconteceu?

—Que entraram no men pateo com os cavallos estafados e antes que tivessem tempo de fechar a grade, oito soldados de cavallaria ligeira que os perseguiam, entraram apoz elles.

—Oito disse Aramis, espanta-me que d'Artagnan e Porthos, dois bravos d'aquella naturesa se deixassem prender por oito homens.

—De certo, senhor, e os oito não teriam conseguido o seu fim, se não tivessem recrutado pela cidade coisa de vinte homens do regimento Real Italiano, então de guarnição aqui. de maneira que os seus dois amigos foram, litteralmente fallando, cercados pelo numero.

—Presos! disse Athos, e sabe-se porque?

—Não, senhor; levaram-nos immediatamente, sem terem tempo sequer de me dizer uma palavra; mas, quando partiram achei este fragmento de espada no campo de batalha no meio de dois mortos, e cinco ou seis feridos.

—E a elles perguntou Aramis não lhe aconteceu nada.

—Pelo menos segundo penso, não.

—E sabe para onde os conduziram, perguntou Athos.

—Para o lado do Louvre.

—Deixemos Blaisois e Grimaud aqui, disse Athos, voltarão ámanhã para Paris com os cavallos, que nos deixariam hoje a meio caminha, e nós vamos pela posta.

Mandaram-se procurar cavallos. Durante isto jantaram os dois amigos á pressa ; o seu intento era de poderem, no caso de acharem em Louvres alguns indicios, continuar o seu caminho.

Chegaram a Louvres ; não havia mais que uma estalagem. Bebia-se alli um licor que tem conservado a sua reputação até agora, e que já se fabricava então.

Apiemo-nos aqui, disse Athos. D'Artagnan, não teria esperdiçado esta occasião, não de beber um copo de licor, mas de nos deixar um indicio.

Entraram e pediram dois copos de licor sobre o balcão, como os deveriam ter pedido d'Artagnan e Porthos.

O balcão onde se costumava beber era coberto com uma chapa de estanho. N'essa chapa estava escripto com a ponta de um grosso alfinete ; Reuil, D.

—Estão em Reuil, disse Aramis a quem esta inscripção feriu primeiro a vista.

—Vamos, então a Reuil, disse Athos.

—Isso é lançar-nos na guella do lobo.

—Se eu tivesse sido amigo de Jonas como de d'Artagnan, disse Athos, tel-o-ia seguido até ao ventre da baleia, e Aramis fazia o mesmo.

—Decididamente, meu caro conde, parece-me que me faz melhor que eu sou. Se eu estivesse só, não sei se iria a Reuil sem tomar grandes precauções, mas onde fôr, irei eu tambem.

Montaram e partiram para Reuil.

Reuil èstava então atulhada das maiores personagens, tanto de um como de outro partido ; foi pois facil aos dois entrarem sem ser notados no meio d'esta confusão ; demais tinham-se estabelecido treguas, e prender dois cavalleiros n'esta occasião, ainda dos primeiros chefes dos frondistas, era ir de encontro ao direito das gentes.

Os dois amigos julgavam todos occupadas do pensamento que os atormentava ; metteram-se de permeio pelos grupos, julgando que ouviriam fallar d'Artagnan e Porthos ; porém todos só se occupavam de artigos e melhorias. Athos foi de parecer que fossem direitos ao ministro.

—Meu amigo, objectou Aramis, o que diz é muito bello,

mas acautele-se com isso; a nossa segurança provém do nosso incognito. Se nos damos a conhecer de qualquer maneira, iremos immediatamente ter com os nossos amigos a alguma enxovia, d'onde nem o diabo será capaz de nos tirar. Façamos todos os esforços pelos achar, mas segundo melhor nos parecer. Presos em Compiegne, foram conduzidos a Reuil, como adquirimos a certeza em Louvres; conduzidos a Reuil, foram interrogados pelo cardeal, que depois d'esse interrogatorio os guardou ao pé de si, ou os enviou para S. Germano. Na Bastilha não estão elles, pois que está em poder dos frondistas, e é o filho de Broussel que alli governa. Não estão mortos porque a morte de d'Artagnan faria ruido. Quanto a Porthos, creio-o eterno como Deus, posto que menos paciente. Não desesperemos, fiquemos em Reuil, porque a minha convicção é que elles estão aqui. Mas que tem? impallidece!

—Que tenho! disse Athos com uma voz quasi tremula: Lembro-me que o cardeal de Richelieu tinha mandado fabricar em Reuil uma horrivel masmorra secreta...

—Oh! fique descançado, disse Aramis; Richelieu era um cavalleiro, nosso egual pelo nascimento, nosso superior pela posição. Como um rei, podia tocar nas maiores cabeças, e tocando-as, fazel-as vacillar nos hombros. Mas Mazarino é um poltrão que póde quando muito agarrar-nos pela gola como um quadrilheiro. Fique pois descançado, persisto em dizer que d'Artagnan e Porthos estão em Reuil, vivos e muito vivos.

—Não importa, disse Athos, é mister alcançarmos do coadjuctor authorisação de entrarmos nas conferencias, para assim nos entretermos em Reuil.

—Com todos estes horriveis ministrinhos! pois pensa n'isso, meu caro! e acredita que assim se trataria mais da liberdade e da prisão de d'Artagnan e de Porthos? Não, eu sou de parecer que procuremos outro meio.

—Pois eu, tornou Athos, volto á primeira; não vejo outro meio melhor que obrar franca e lealmente. Irei procurar não já Mazarino, mas a rainha, e lhe direi: Senhora, entregue-nos os seus dois servidores, e os nossos dois amigos!

Aramis meneou a cabeça.

—E' um ultimo recurso de que sempre terá a liberdade de usar, Athos; mas não use d'elle senão em ultimo caso: sempre terá occasião para isso. Entretanto, continuemos nas nossas buscas.

Depois de terem feito muitas buscas; e depois de terem inventado os meios mais engenhosos para fazerem fallar milhares de pessoas, conseguiram finalmente achar um soldado da cavallaria ligeira, que lhes confessou ter escoltado d'Artagnan e Porthos, de Compiegne para Reuil. Sem os soldados da cavallaria ligeira, nem mesmo se saberia que elles tinham entrado.

Athos tornou ao seu pensamento de ir ter com a rainha.

—Para vêr a rainha, dizia Aramis, seria necessario vêr primeiro o cardeal, e apenas elle nos deitasse o olho, nós veriamos immediatamente os nossos amigos, mas não da maneira que queremos. Ora esta maneira de nos reunirmos a elle, confesso que me agrada pouco. Procedemos em liberdade para proceder bem e depressa.

—Hei de vêr, a rainha, disse Athos.

—N'esse caso, meu amigo, se está decedido a commetter essa loucura, rogo-lhe que me previna um dia antecipado.

—Porque?

—Porque me aproveitarei do ensejo para ir fazer uma visita a Paris.

—A quem?

—Eu sei lá! talvez que á senhora do Longueville. Ella é lá tão poderosa, que me ajudará. Mas, no caso de ser preso mande-m'o dizer. Eu voltarei como poder.

—Porque não arrisca a prisão comigo, Aramis?

—Não, obrigado.

—Presos todos quatro, e juntos, parece-me que nenhum risco mais correriamos. Ao cabo de vinte e quatro horas estavamos livres.

—Meu amigo, depois que matei Chatillon, a adoração das damas de S. Germano, temo duplicadamente a minha prisão. A rainha será capaz n'essa occasião de seguir os conselhos de Mazarino, e o conselho que lhe dará, ha de ser de me mandar sentenciar.

—Mas pensa, Aramis, que ella ame esse italiano ao ponto que se diz.

—Ella, meu caro, amou um inglez!

—Oh! ella é mulher!

—Não ha tal, engana-se, Athos ella é rainha!

—Caro amigo sacrifico-me: vou pedir audiencia a Anna d'Austria.

—Adeus, Athos, vou levantar um exercito.

—Para quê?

—Para vir cercar Reuil.

—Onde nos acharemos?

—Ao pé da forca do cardeal.

E os dois amigos se separaram, Aramis para voltar a Paris, Athos para fazer alguns preparativos a fim de penetrar até Anna d'Austria.

XX

O reconhecimento de Anna d'Austria

Athos achou menos difficuldade que pensava em penetrar até Anna d'Austria; pelo contrario, a audiencia que elle desejava foi-lhe logo concedida para o dia seguinte, depois de sua magestade se levantar, a que o seu nascimento lhe dava direito de assistir.

Uma grande multidão enchia os quartos de S. Germano; nunca, nem no Louvre nem no palacio real, Anna d'Austria tinha tido maior numero de cortezãos. Em todos os rostos se pintava a alegria.

O caracter particular d'esta guerra foi que houve mais coplas feitas que tiros de canhão disparados. A corte cantava os parisienses e os parisienses cantavam a côrte, porém as feridas, feitas como eram pela arma do ridiculo, por não serem mortaes, não eram monos dolorosas.

Mas no meio de tudo isto, todos estavam muito preoccupa-

dos. Mazarino ficaria ministro e favorito, ou Mazarino vindo do sul como uma nuvem, seria levado pelo mesmo vento que o tinha trazido? Todos o esperavam, todos o desejavam, de maneira que o ministro conhecia que todas as homenagens e cortezias era a capa do odio mal disfarçado com o receio e com o interesse. Sentia-se em má posição não sabendo em que fiar-se, e com quem contar.

O mesmo principe que combatia por elle, não perdia nunca a occasião de o mutijar ou de o humilhar; e em duas ou tres occasiões lhe tinha dado a conhecer que se o defendia não era por convicção, nem por enthusiasmo.

O cardeal então dirigia-se á rainha, o seu unico apoio. Mas tambem por duas vezes lhe pareceu sentir vacillar este unico apoio.

Chegada a hora da audiencia, annunciou-se ao conde de La Fère, que ella teria logar, mas que devia esperar alguns momentos, porque a rainha estava no conselho com o ministro.

Era verdade.

A preoccupação era grande entre as altas personagens do estado. Athos não podia pois escolher peior momento para fallar de seus amigos, insignificantes creaturas perdidas no meio d'este turbilhão desencadeado.

Mas Athos era um homem inflexivel, que não vacillava quando tinha tomado uma resolução, quando esta lhe parecia emanada da sua consciencia, e ditada pelo seu dever. Insistiu para ser introduzido, dizendo que, não obstante não ser deputado nem do senhor Conti, nem do senhor de Beaufort, nem do senhor de Bouillon, nem do senhor d'Elbeuf, nem do coadjuctor, nem da senhora de Longueville, nem do senhor Broussel nem do parlamento, e vir por sua propria conta, não tinha coisas menos importantes a dizer a sua magestade.

Acabada a conferencia, a rainha mandou-o chamar ao seu gabinete.

Athos foi introduzido, e pronunciou o seu nome. Tinha elle muitas vezes soado aos ouvidos de sua magestade, e muitas mais vibrado no seu coração, para que Anna d'Austria não o reconhecesse; entretanto ficou impassivel, conten-

tando-se com olhar para o cavalleiro de um modo que só é permettido ás rainhas ou pela bellesa ou pelo posto.

—E' então um serviço que vem offerecer-me, conde? perguntou Anna d'Austria apoz um instante de silencio.

—Sim, senhora, ainda um serviço, disse Athos, picado de que a rainha o não reconhecesse.

Athos tinha uma alma grande, e por isso era um fraco cortezão.

Anna carregou o sobr'olho. Mazarino, que estava assentado diante de uma mesa como se fosse um simples secretario, levantou a crbeça.

—Falle, disse a rainha.

Mazarino continuou folheando nos seus papeis.

—Senhora, tornou Athos, dois dos nossos, amigos, dois dos mais intrepidos servidores de vossa magestade, o senhor d'Artagnan e du Vallon, enviados á Inglaterra pelo senhor cardeal desappareceram repentinamente no mesmo momento em que punham o pé no solo da França, e não se sabe o que é feito d'elles.

—Então o que quer?

—Que quero! disse Athos! Dirijo-me á benevolencia de vossa magestade, para saber o que é feito d'esses cavalleiros reservando-me, se necessario for de me derigir á sua justiça.

—Senhor, disse Anna d'Austria com essa altivez que á vista de certos homens, tornava-se impertinencia, é esse o motivo que o levou a perturbar-nos no meio das grandes preocupações que nos agitam! um negocio de policia! Oh! senhor, bem sabe, ou deve sabel-o, que não temos policia desde que já não estamos em Paris.

—Parece-me que vossa magestade, disse Athos inclinan-se com um frio respeito, não teria necessidade de se dirigir á policia para saber onde estão os senhores d'Artagnan e du Vallon, e que se quizesse interrogar o senhor cardeal a respeito d'estes dois cavalleiros, o senhor cardeal poderia responder-lhe sem consultar mais que a sua propria memoria.

—Mas, Deus me perdoe! disse Anna d'Austria com o desdenhoso movimento de labios que lhe era particular, parece-me que o senhor mesmo interroga.

—Sim, senhora, e quasi que tenho direito d'isso, porque se tracta dos senhores d'Artagnan e du Vallon, ouve bem, senhora? disse elle com um modo de fazer curvar debaixo das recordações da mulher a fronte da ranha.

Mazarino comprehendeu que era occasião de virem soc corro de Anna d'Austria.

—Sôr conde, disse elle, quero dizer-lhe uma coisa que sua magestade ignora. Esses dois cavalleiros desobedeceram e estão na prisão.

—Supplico a vossa magestade, disse Athos sempre impaciente e sem responder a Mazarino, de fazer um favor pelos senhores d'Artagnan e du Vallon.

—O que pede é um negocio de desciplina, e não me pertence, disse a rainha.

—O senhor d'Artagnan nunca respondeu isso quando se tractava do serviço de vossa magestade, disse Athos saudando profundamente.

E deu dois passos para a porta. Mazarino chamou-o immediatamente.

—Vem tambem da Inglaterra? disse elle fazendo um signal á rainha, que empallidecia vesivelmente e se preparava para dar uma ordem rigorosa.

—Assisti aos ultimos momentos de Carlos I. disse Athos. Pobre rei! Culpado quando muito de fraqueza, e a quem seus vassalos puniram bem severamente; porque os thronos presentemente estão bem abalados, e não é muito bom, para os corações dedicados, servir os interesses dos principes. Era a segunda vez que d'Artagnan ia á Inglaterra, a primeira pela honra de uma grande rainha a segunda pela vida de um grande rei:

—Senhor, disse Anna d'Austria a Mazarino, veja se se póde fazer alguma coisa por esses cavalleiros.

—Senhora, respondeu elle, farei tudo o que aprouver a vossa magestade.

—Faça o que exige o senhor conde de La Fére. Não é assim que como se chama?

—Tenho ainda um outro nome, senhora: chamo-me Athos.

—Senhora, disse Mazarino com um sorriso que indicava

com que facilidade elle comprehendia meia palavra, pode estar tranquilla, os seus desejos serão satisfeitos.

—Ouve, senhor? disse a rainha.

—Sim, senhora, e eu não esperava menos da justiça de vossa magestade. Então vou tornar a vêr os meus amigos; não é verdade, senhora? é assim que vossa magestade o intende?

—Sim, vae vêr os seus amigos, senhor? Mas a proposito, é da Fronda não é verdade?

—Senhora, eu sirvo o rei.

—Sim, á vossa maneira.

—A minha maneira é a de todos os verdadeiros cavalleiros, e eu não conheço duas, respondeu Athos com altivez.

—Vá então, senhor; obteve o que desejava obter e nós soubemos o que desejavamos saber. Depois dirigindo-se a Mazarino, quando a porta se fechou: Cardeal, mande prender este insolente, antes que saia do paço.

—Era esse o meu voto, disse Mazarino, e estou muito contente em ver que vossa magestade me dá uma ordem que lhe ia sollicitar. Estes impertinentes que trazem á nossa época as tradições do outro reinado, estorva-nos muito; e já que estão dois presos, juntemos-lhe um terceiro.

Athos retirou-se para uma camara onde esperava ou que lhe conduzissem d'Artagnan e Porthos, ou que o levassem a elle até onde estavam os dois amigos; aproximou-se de uma anella, e d'alli olhou para o pateo; viu entrar a deputação dos parisienses, que vinha regular o logar difinitivo das conferencias e saudar a rainha. Havia n'ella conselheiros do parlamento, presidentes, advogados, entre os quaes se viam alguns de espada. Uma forte escolta os esperava fóra das grades.

Athos olhava com mais attenção porque no meio d'essa gente, julgara reconhecer alguem, quando sentiu tocar-lhe levemente no hombro.

Voltou-se.

—Ah! senhor de Comminges!

—Sim, senhor conde, e encarregado de uma missão, da qual rogo acceite todas as minhas escusas.

—Qual, senhor disse Athos.

—Tem a bondade de me entregar a sua espada.

Athos sorriu-se e abriu a janella.

Um cavalleiro voltou-se. Era o que elle julgára reconhecer.

—Aramis, disse Athos, prendem-me.

—Bem, respondeu lleugmaticamente Aramis.

—Senhor, disse Athos voltando-se para comminges e entregando-lhe cortezmente a sua espada pelo punho: aqui tem a minha espada; rogo-lhe que a guarde com cuidado para me entregar quando eu sair da prisão. Foi dada por Francisco I, a meu avô. No seu tempo armavam-se os cavalleiros, não se desarmavam. Agora, para onde me leva?

—Para a minha camara primeiro. A rainha depois fixará o logar do seu domicilio ulterior.

Athos seguiu Comminges sem accrescentar uma palavra.

XXI

A Realesa de Mazarino

A prisão não tinha feito ruido, nenhum escandalo e até mesma ficou quasi ignorada. Nada tinha pois interrompido a marcha dos negocios, e a deputação enviada pela cidade de Paris foi advertida solemnemente que ia apparecer diante da rainha. Esta recebeu-a, muda e soberba como sempre escutou as queixas e supplicas dos deputados, mas quando estes acabaram o seu discurso, tão indifferente ficou o rosto de Anna d'Austria que nenhum d'elles poderia dizer, se ella os tinha ouvido.

Em compensação, Mazarino que assistia á audiencia, ouvia perfeitamente o que os deputados pediam; era, em termos claros e precisos, a sua demissão pura e simples.

Acabado o discurso a rainha permaneceu muda:

—Senhores, disse Mazarino, unir-me-hei aos senhores pa-

ra supplicar á rainha de pôr um termo aos males de seus subditos. Fiz tudo quanto pude pelos mitigar, e entretanto, segundo dizem a crença publica é que elles provem de mim, pobre estrangeiro que não pude conseguir agradar aos francezes. Ai! não se me tem comprehendido, e era justo: eu succedia ao homem mais sublime que até agora tem sustentado o sceptro dosreis de França. A lembrança de Rechelieu esmaga-me. Em balde, se fosse ambicioso, luctaria contra a lembrança, mas eu não o sou e quero dar d'isso uma prova. Declaro-me vencido. Farei o que o povo pede. Se os parisienses commeteram algumas loucuras, e quem é que as não commette, senhores? Paris está assás punida, bastante sangue se tem derramado a miseria opprime de mais uma cidade privada do seu rei e da justiça. Não serei eu simples particular que pretenda tomar tanta importancia, como de dividir uma rainha do seu reino. Uma vez que exigem que eu me retire, retirar-me-hei.

—Então, disse Aramis ao ouvido do seu visinho, está feita a paz e as conferencias são inuteis. Não ha mais que enviar com uma boa guarda a Mazarino até á fronteira mais remota e vigiar que elle não torne a entrar nem por essa nem por outra.

—Diabo! respondeu o homem a quem Aramis se dirigira como caminha depressa! Bem se conhece que é dos homens de espada. E o capitulo das remunerações e indemnisações...

—Senhor chanceller, disse a rainha voltando-se para o mesmo Seguier, o nosso antigo conhecimento. Póde abrir as conferencias; terão logar em Reuil. O senhor cardeal disse coisas que muito me commoveram; eis porque lhe não respondo mais extensamente. Quanto a ficar ou partir, tenho muito reconhecimento ao senhor cardeal para o não deixar livre em todas as suas acções. O senhor cardeal fará o que quizer.

O rosto intelligente do primeiro ministro fez-se momentaneamente pallido. Fixou a rainha com inquietação, mas o rosto d'ella estava de tal maneira impassivel, que elle, assim como os outros, nada podia ler do que se lhe passava no coração.

—Mas, accrescentou a rainha, em quanto se espera pela

decisão do senhor de Mazarino, não haja questão a respeito do rei!

Os deputados inclinaram-se e sairam.

—Eh la! disse a rainha, cederia a estes ministrolas e advogados?!

—Pela felicidade de vossa magestade, senhora, não havia sacrificio a que eu me não espozesse.

Anna baixou a cabeça, e caiu n'uma das suas distracções. Veio-lhe á memoria a lembrança de Athos. O porte corajoso do cavalleiro, a sua voz firme e nobre ao mesmo tempo, os fantasmas que elle tinha evocado com uma só palavra, recordavam-lhe um passado inteiro de uma poezia embriagadora: a mocidade, a belleza, o brilho dos amores de vinte annos, os rudes combates dos seus defensores, e o sanguento fim de Buckingham, o unico homem que ella realmente tinha amado, e o heroismo de seus obscuros defensores que a tinham salvado dos terriveis odios de Rechelieu e do rei.

—Seria então mister, murmurou Anna d'Austria, ceder á tempestade, comprar a paz, esperar religiosa e pacientemente por melhores tempos?

A esta proposta, que annunciava que ella tinha tomado ao serio a do ministro, Mazarino sorriu-se.

Anna tinha a cabeça inclinada e não viu esse sorriso: mas notando que a sua pergunta não tinha resposta, levantou a cabeça.

—Então, não me responde, cardeal; em que pensa?

—Eu penso, senhora, que esse insolente cavalheiro que mandámos prender por Comminges, fez allusão ao senhor de Buckingham, que vossa magestade deixou assassinar, á senhora de Chevreuse que deixou exilar; ao senhor de Beaufort que deixou prender. Mas se elle fez allusão a mim, é porque elle não sabe o que eu sou para vossa magestade.

Anna d'Austria estremeceu como sempre lhe acontecia quando lhe feriam o seu orgulho, córou e enterrou, para não responder, as suas niveas unhas nas bellas mãos que tinha.

—E' homem prudente, de honra e de espirito, sem contar de resolução. Sabe d'isso alguma coisa, não é verdade, senhora? Quero pois ir dizer-lhe, é um favor pessoal que lhe faço, em que elle se ha enganado a meu respeito. E' que na

verdade, o que me propõe é quasi uma abdicação,e ninguem deve abdicar sem primeiro reflectir um pouco.

—Uma abdicação ! julgava, senhor, que só os reis abdicavam.

—E então, tornou Mazarino, não sou eu quasi um rei e rei da França? La..çada ao pé de um leito real a minha samarra de ministro semelha-se muito de noite a um manto de rei.

Era esta uma das humilhações que incessantemente lhe estava fazendo Mazarino e sob as quaes ella curvava a cabeça. Não houve senão Isabel e Catharina II, que permanecessem ao mesmo tempo amantes e rainhas para os seus apaixonados.

—Senhor, disse ella, não disse eu, e não me ouviu dizer a essa gente que d'aqui foi, que faria o que quizesse !

—N'esse caso, parece-me que o devo querer é ficar. E' não só o meu interesse, mas ouso dizer, que a sua salvação.

—Fique então, senhor, eu não desejo outra coisa, mas então não me deixe insultar.

—Quer fallar das pretenções dos revoltosos e do tom com que elles se exprimiram? Paciencia ! elles escolheram um terreno em que eu sou general mais habil que elles, as conferencias. Nós os venceremos não fazendo mais que addiar. Elles teem já fome, d'aqui a oito dias será peior.

—Oh ! meu Deus ! sim senhor, nós acabaremos por isso. Mas não são só elles que me insultam.

—Ah ! comprehendo-o. Quer fallar das recordações que perpetuamente lhe trazem esses tres ou quatro cavalleiros. Mas nós temol-os seguros, e elles são assás culpados, para que os deixemos no captiveiro todo o tempo que quizermos. Ainda está um de fóra : mas por fim virá juntar-se a seus companheiros. Parece-me que temos feito coisas mais difficeis que isso ; os dois mais perigosos, tenho-os encerrados em Reuil, á minha vista, e ao alcance da minha mão. Hoje mesmo se lhe juntará o terceiro.

—Em quanto elles estiverem presos, vae bem, mas um dia sairão,

—Se vossa magestado os soltar.

—Oh! continuou Anna como que respondendo ao seu pensamento, é n'isso que se deseja Paris.

—E porque?

—Pela Bastilha, que é tão forte e tão discreta.

—Senhora, com as conferencias temos a paz, com a paz temos Paris; com Paris a Bastilha; os nossos quatro fanfarrões alli poderão estar.

Anna d'Austria carregou levemente o sobr'olho em quanto que Mazarino lhe beijava a mão para sair.

—Desprezei, murmurou ella depois de Mazarino ter saido e acompanhando-o com um olhar desdenhoso; despresei o amor de um cardeal, que nunca dizia «farei.» mas «fiz» Este conhecia segredos mais seguros que Reuil, mais e mais mudos ainda que a Bastilha! Oh! como o mundo degenera.

XXII

Percauções

Mazarino tendo deixado Anna d'Austria, dirigin-se para Reuil, onde era sua casa, ia acompanhado em rasão dos movimentos politicos, muitas vezes mesmo, ia disfarçado. Nós já dissemos que o cardeal vestido bellicosamente, era um bellissimo cavalleiro. Partiu pois acompanhado por cincoenta soldados de cavallaria, que o principe lhe tinha enviado, não tanto para o guardar, como para mostrar aos deputados quanto os generaes da rainha dispunham facil e caprichosamente das suas tropas.

Athos, guardado á vista, a cavallo e sem espada, seguia o cardeal silenciosamente. Grimaud, que tinha ficado á porta do paço, ouvira a noticia da sua prisão, quando Athos fallara da janella a Aramis, e a um signal d'aquelle tinha ido collocar-se ás ordens d'este, como se não tivesse havido occurrencia alguma.

Os deputados logo depois da audiencia partiram para Pa-

ris, isto é precediam o cardeal coisa de quinhentos passos. Por esta rasão Athos podia olhar e vêr Aramis, cujo cinturão dourado e o porte altivo lhe attrahiam as vistas por entre essa multidão, não contando a esperança de soltura que n'elle posera, o habito, e frequencia e a especie de attracção que resulta de uma verdadeira amisade.

Aramis, pelo contrario, parecia fazer pouco caso de saber se era ou não seguido por Athos. Uma unica vez se virou, é verdade que foi quando chegavam ao castello, e é porque suppunha que Mazarino deixaria ali o seu novo preso. Mas não aconteceu assim. Athos passou Chaton seguindo o cardeal.

Aramis voltou-se outra vez quando o caminho partia tambem para Paris. D'esta vez as suas previsões não o tinham enganado, o cardeal tomou a direita, e Aramis viu desapparecer o preso por entre as arvores. Athos, movido por um egual pensamento, olhou para traz. Os dois amigos trocaram um simples signal de cabeça, e Aramis levou o dedo ao chapeu como para o saudar. Athos comprehendeu que elle tinha um pensamento.

Dez minutos depois entrava Mazarino no pateo do castello que o cardeal seu predecessor tinha mandado construir em Reuil.

No momento em que se apeava ao fundo da escada, Comminges aproximou-se d'elle e disse-lhe:

—Senhor, onde quer vossa eminencia que alojemos o senhor de La Fére?

—Onde? no pavilhão da estufa, em frente do pavilhão onde está o posto. Quero que se faça honra ao senhor conde de La Fére, se bem que seja preso de sua magestade a rainha.

—Senhor, disse Comminges, elle pede o favor de ser levado para ao pé do senhor d'Artagnan, que está, conforme as ordens de vossa eminencia, no pavilhão da casa em frente do da estufa.

Mazarino reflectiu um instante.

Comminges viu que elle se consultava.

—E' um posto muito forte, accrescentou elle: quarenta homens seguros, soldados experimentados, quasi todos alle-

mães, e por consequencia sem terem relações de qualidade alguma com os frondistas.

—Se pomos estes tres homens juntos, sôr de Comminges, ser-nos-ia mister dobrar o posto, e bem sabe que não somos muito ricos em defensores para fazer d'essas prodigalidades.

Comminges, sorriu-se. Mazarino viu esse sorriso e comprehendeu-o.

—Não os conhece, sôr de Comminges, mas eu conheço-os, por elles mesmos, e por tradicção. Tinha-os encarregado de levar soccorros ao rei Carlos, e fizeram para o salvar coisas milagrosas, foi preciso que se intromettesse o destino para que o querido rei Carlos não estivesse agora em segurança no meio do nós.

—Mas se elles serviram tão bem a vossa eminencia, para que os retem na prisão?

—Na prisão! disse Mazarino. E desde quando é Reuil uma prisão.

—Desde que ha n'ella presos.

—Estes senhores não são meus presos, Comminges, são meus hospedes; hospedes tão preciosos que lhe mandei gradear as janellas, e pôr ferrolhos nas portas com receio de que elles se cancem na minha companhia. E tanto assim é que, sem embargo das apparencias de presos, estimo-os muitissimo, e a prova é que desejo hoje fazer uma visita ao senhor conde de La Fére para conversar com elle de cara a cara. Portanto para que não sejamos estorvados na nossa conversação, leve-o como ja lhe disse, para o pavilhão da estufa do laranjal; bem sabe que é o meu passeio do costume. Apesar de meu inimigo, como elle pretende ser, tenho sympathia para com elle e, se fôr rasoavel, talvez façamos algum ajuste.

Comminges inclinou-se e voltou a ter com Athos que esperava com uma serenidade apparente, mas com uma inquietação real, o resultado da confereucia.

—Então? perguntou elle ao tenente das guardas.

—Senhor, respondeu este, parece-me que é impossivel.

—Senhor de Comminges, disse Athos, toda a minha vi-

da tenho sido soldado, sei portanto o que é a senha do militar, mas a fóra esta podem prestar-me um grande serviço.

—Com muito gosto, senhor; desde que sei quem é e os serviços que prestou outr'ora a sua magestade; desde que sei quanto lhe toca esse mancebo, que tão valentemente me soccorreu no dia da prisão d'aquelle velho de Broussel, confesso-me todo seu, com tanto que não offenda a senha.

—Obrigado, senhor, eu não desejo tanto, mas só pedir-lhe uma coisa que não o comprometterá de sorte alguma.

—Ainda que ella me comprometta um pouco, disse sorrindo Comminges, pedi sempre. Eu não tenho muito mais estima ao senhor Mazarino que ao senhor; sirvo a rainha o que naturalmente me leva a servir o cardeal; mas sirvo uma com alegria, o outro contra vontade. Falle, eu lh'o rogo.

—Já que não ha inconveniente algum, disse Athos, que eu saiba que o senhor d'Artagnan, está aqui, presumo que tambem o não haverá em que elle saiba que eu da mesma sorte estou aqui?

—Não recebi ordem alguma a esse respeito, senhor.

—N'esse caso, faça-me o favor de lhe apresentar os meus respeitos, e de lhe dizer que eu sou seu visinho. Annunciar-lhe-heis ao mesmo tempo o que me annunciou ha pouco, isto é que o senhor de Mazarino me collocou no pavilhão da estufa do laranjal para me fazer uma visita, e dar-lhe-heis que me aproveitarei d'essa honra que elle se apraz conceder-me; para obter algum allivio ao nosso captiveiro.

—Que não póde durar, accrescentou Comminges; o cardeal disse-me, que aqui não havia prisão.

—Ha segredos, disse sorrindo Athos.

—Oh! isso é outra coisa, disse Comminges. Sim, eu sei que ha umas tradicções sobre isso; mas um homem de tão baixo nascimento como é o cardeal, um italiano que veio procurar fortuna a França, não ousaria chegar a taes extremos para homens como nós; seria um acaso estupendo. Isso era bom para o outro cardeal, que era um grande senhor; mas Mazarino! ora essa! os segredos são vinganças reaes em que não deve tocar um poltrão como elle. Sabe-se da sua prisão, senhor, saber-se-ha bem depressa a dos seus amigos, e toda a nobreza de França lhe pediria conta da sua des-

apparição. Não, não, tranquillise-se, os segredos e masmorras de Reuil converteram-se ha dez annos a esta parte em tradicções para intretenimento das crianças. Pela minha parte prevenirei o senhor d'Artagnan da sua chegada. Quem sabe se em quinze dias me prestará um serviço analogo.

—Eu senhor?

Que duvida? não posso tambem vir a ser prisioneiro do coadjuctor?

—N'esse caso, senhor, acredite que farei todos os meus esforços para o satisfazer.

—Dar-me-heis a honra de ceiar comigo, senhor conde?

—Muito lhe agradeço, senhor; sou de um humor sombrio, e far-lhe-ia passar uma triste noite. Agradecido.

Comminges conduziu então o conde para uma camara do pavilhão ao rez do chão, e que estava ao cabo de uma estufa de larangeiras. Ia-se para ella por meio de um pateo atulhado de soldados e de cortezãos. Athos, apenas entrou na camara, divisou logo atravez da janella, cautelosamente gradeada, muros e telhados.

—Que quarto é este? perguntou elle.

—O ultimo do pavilhão da casa onde os seus amigos estão retidos. Desgraçadamente as janellas que dão para este lado foram tapadas no tempo de Richelieu, e Mazarino, encerrando-o aqui, não fez mais que restituir estes quartos ao seu primitivo destino. Se estas janellas não estivessem tapadas, teria a consolação de se corresponder por signaes com os seus amigos.

—E está certo que o cardeal me fará a honra de me visitar.

—Pelo menos assim m'o affirmou,

Athos suspirou olhando para as janellas gradeadas.

—Sim, é verdade, disse Comminges, é quasi uma prisão nada lhe falta, nem mesmo as grades. Mas tambem que estranha idéa foi essa que lhe suggerio, ao senhor que é a flor da nobreza, de ir murchar a sua bravura e lealdade por entre todos esses cogomellos da Fronda. Um frondista, o conde de La Fére, do partido de um Broussel, de um Viole! Safa! Ser um frondista!

—Mas que, senhor, era mister ser frondista ou mazari-

nista. Muitas vezes fiz soar aos ouvidos estes dois nomes, e decidi-me pelo primeiro; ao menos é um nome francez. E além de que, eu sou frondista, não com Broussel, Blancmesnil, e com Viole, mas com o senhor de Beauforl, de Bouillon e d'Elbeuf, com principes e não com presidentes, conselheiros e advogados. Demais, que agradaveis resultados se tiram em servir ao senhor cardeal! Olhe para essa parede sem janellas, ella lhe dirá boas coisas ácerca do reconhecimento mazarinista.

—Sim, respondeu rindo Comminges, e sobretudo se ella repetir as maldições que lhe lança ha oito dias o senhor d'Artagnan.

—Pobre d'Artagnan! um homem tão bravo, tão bom, tão terrivel para aquelles que não amam o que elle ama! Tem á sua guarda dois rudes prisioneiros, senhor de Cominges, e lastimo-o se pozeram debaixo da sua responsabilidade esses dois homens indomaveis.

—Indomaveis! disse sorrindo Comminges. Oh! senhor, quer metter-me medo. No primeiro dia da sua prisão, o senhor d'Artagnan provocou todos os officiaes e soldados certamente para vêr se conseguia uma espada; isto durou até ao dia seguinte, e mesmo até ao terceiro dia; mas depois tornou-se tranquillo e dôce como um cordeiro. Presentemente canta tantas modas gasconhas que nos fazem estalar de riso.

—E o senhor do Vallon?

—Ah! esse é outra coisa. Confesso que é um cavalleiro temivel. No primeiro dia arrombou quantas portas havia, encostando-lhe apenas os hombros, e eu já contava vel-o sair como Sansão saiu de Gaza. Mas tomou o exemplo do senhor d'Artagnan, e agora não só se afaz ao seu captiveiro, mas até mofa d'elle.

Tanto melhor, tanto melhor.

—Esperava outra coisa, perguntou Comminges, que, combinando o que lhe havia dito Mazarino a respeito dos seus presos com o que lhe dizia o conde de La Fére, começava a conceber algumas inquietações.

Athos, roflectindo que esta mudança no moral dos seus amigos provinha mui provavelmente de algum plano forma-

do por d'Artagnan, não quiz prejudical-o com os exaltar muito.

—Elles? são cabeças ardentes; um é Gascão, o outro picado; ambos se inflamam facilmente, mas apagam-se depressa, e o que ha pouco acabou de contar-me serve de prova ao que lhe digo.

Era tambem a opinião de Comminges; por isso retirou-se mais tranquillisado, e Athos ficou na vasta camara, onde conforme as ordens do cardeal, foi tratado com todos os respeitos devidos a um cavalheiro.

Para se fazer uma precisa idéa da sua situação, deve-se dizer mais que elle esperava a famosa visita promettida pelo proprio cardeal.

XXIII

O espirito e o braço

Agora passemos ao pavilhão de caça.

No fundo pateo erguia-se um quarto oblongo, e que parecia estender-se como um braço em frente de outro braço, o pavilhão de estufa das larangeiras.

E' n'este pavilhão ao rez do terreno, que estavam presos Porthos e d'Artagnan, passando as longas horas de um captiveiro antipathico para estes dois temperamentos.

D'Artagnan, passeiava como um tigre, com o olhar fixo, e fazendo ás vezes zumbir surdamente os caixilhos da janella que dava para o pateo do serviço.

Porthos comia em silencio um excellente jantar, cujos restos acabavam de levantar da mesa.

Um parecia privado da rasão, e meditava; outro parecia meditar profundamente e dormia. Mas o seu somno era um pesadelo, o que se podia colligir da maneira incoherente e intercortada com que elle roncava.

—Declina o dia, disse d'Artagnan. Devem ser pouco

mais ou menos quatro horas. Ha portanto cento e oitenta e tres horas que nós estamos aqui mettidos.

—Hum! disse Porthos para fingir que respondia.

—Ouve, eterno dorminhoco? disse d'Artagnan zangado de que um outro se pudesse entregar ao somno de dia, quanto elle sentia o maior enfado em dormir de noite.

—O que? disse Porthos.

—Que diz?

—Digo que ha cento e oitenta e tres horas que estamos mos aqui.

—E' culpa sua.

—Que! culpa minha?...

—Sim, eu propuz-lhe de nos retirar-mos.

—Arrancando um varão ou arrombando uma porta?

—Está visto.

—Porthos, pessoas como nós não se vão pura e simplesmente.

—Bofé! disse Porthos, eu ir-me-ia com essa pureza e simplicidade que parece tanto desdenhar.

D'Artagnan encolheu os hombros.

—E depois, disse elle, não basta sair d'esta camara.

—Caro amigo disse Porthos, parece-me hoje de melhor humor que hontem; explique-me como é que não basta sair d'esta camara.

—Não basta, porque como não possuimos armas, nem sabemos a senha, não daremos cincoenta passos no pateo, sem ir esbarrar com uma sentinella.

—Muito bem! matamol-a, e teremos já armas.

—Sim, mas antes de a ter acabado de matar, e olhe que um suisso tem a vida dura, ella soltará um grito, ou ao menos um gemido, que fará acudir o posto; e nós, que somos uns leões, seremos agarrados e presos como raposas; metter-nos-hão n'alguma enxovia, onde nem mesmo teremos a consolação de vêr este horrivel sol de Reuil, que se parece tanto com o sol de Tarbes, como a lua com o sol. Que diabo! se ao menos tivessemos alguem que nos désse umas minuciosas instrucções sobre a topographia moral e phisica d'este castello, sobre o que Cesar chamava os costumes e os logares, pelo menos segundo me teem dito... Parte-se-

me a cabeça quando penso que em vinte annos, que eu não sabia o que havia de fazer, me não lembrei de vir gastar uma hora em estudar Reuil.

—Que se ha de agora fazer?

—Meu caro d'Artagnan, sabe porque os mestres pastelleiros nunca trabalharam!

—Não, disse Porthos, mas não se me dava sabel-o.

—E' que diante de seus discípulos elles recearíam fazer alguma asneira.

—E depois?

—Eepois, mofariam d'elles, e é mister que isso nunca aconteça.

—É a que vem isso a proposith de nós!

—Porque em aventuras nunca devemos falhar, nem dar que rir aos outros Na Inglaterra ultimamente perdemos, fomos batidos, e isto é uma nodoa na sua reputação.

—Por quem fomos nós batidos?

—Por Mordaunt.

—Sim, mas nós afogamol-o.

—Bem o sei, e isso rehabilitar-nos-ha um pouco para com a posteridade, dando o caso que esta se occupe de nós. Mas escute-me, Porthos: sem embargo de que Mordaunt não fosse para despresar, Mazarino ainda me parece muito mais forte do que elle, e a este não o afogaremos tão facilmente. Tenhamos pois cautela, porque, accrescentou d'Artagnan com um suspiro, nós dois valemos muito bem, oito, mas não valemos os quatro que sabe.

—E' verdade, disse Porthos correspondendo por um suspiro ao suspiro de d'Artagnan.

—Então! Porthos, faça como eu, passe até que nos chegue alguma, noticia dos nossos amigos, ou que nos sugira uma boa idéa; mas não se deite a dormir como costuma fazer; nada ha que embruteça mais o espirito que o somno. Quanto ao que nos espera, é provovelmente menos sér io que ao principio julgavamos. Eu não cuido que Mazarino tenha tenção de nos mandar cortar a cabeça, porque não nos cortariam a cabeça sem fazer processo, o processo faria ruido, este attrahiria os nossos amigos, e embargariam a Mazarino.

—Como raciocina bem! disse Porthos com admiração

—Menos mal, menos mal, disse d'Artagnan. Se não nos fazem processo, se nos cortam a cabeça, teem de nos guardar aqui, ou transportar-nos para outra parte.

—Infallivelmente.

—Pois bem! é impossivel então que Aramis, aquelle fino sabujo, e que Athos, aquelle sabio cavalleiro, não descubram o nosso retiro; e quando o conseguirem será então occasião.

—Sim, e mesmo porque não estamos absolutamente mal aqui; á excepção de uma coisa.

—Qual?

—Não notou que nos deram carneiro assado tres dias a fio?

—Mas se m'o apresentarem pela quarta vez, queixar-me-hei; fique descançado.

—E ás vezes tambem tenho saudades da minha casa; ha tanto tempo que não vejo os meus castellos.

—Esquecei-os por em quanto; nós acharemos, salvo se os mandar arrasar o senhor de Mazarino,

—Julga que seria permittida essa tyrannia? perguntou Porthos com inquietação.

—Não; essas resoluções eram boas para o outro cardeal. O nosso é muito mesquinho para se arriscar a tanto.

—Tranquillisa-me, d'Artagnan.

—N'esse caso, torne-se alegre como eu; gracejemos com os guardas; façamos por attrahir os soldados, porque podemos corrompel-os; adule-os mais do que costuma, Porthos, quando elles vierem até ás grades, e deixe de lhes mostrar continuamente o punho, e quanto mais o seu punho é respeitavel, Porthos, tanto menos attrahe. Ah! eu daria muito por ter sómente quinhentos luizes.

—E eu tambem, disse Porthos, que não queria ficar em divida de generosidade para com d'Artagnan, daria bem quinhentas pistolas.

Estava n'estes pontos o conversação quando Comminges entrou, precedido de um sargento e de dois homens que traziam a ceia.

XXIV

Ainda o espirito e o braço

—Bello ! disse Porthos, ainda carneiro !

—Meu caro senhor de Comminges, disse d'Artagnan, saberá que o meu amigo, o senhor du Vallon, está decidido a chegar aos ultimos extremos, se o senhor de Mazarino se obstina em alimental-o sempre com esta carne.

—Declaro mesmo, disse Porthos, que não comerei se me não trazem outra coisa.

—Leve o carneiro, disse Comminges, quero que o senhor du Vallon ceie a seu gosto, e tanto mais porque tenho a darlhe uma noticia que lhe dará appetite.

—Morreria Mazarino? perguntou Porthos.

—Não, tenho até o pesar de annunciar que passa ás mil maravilhas.

—Tanto peior.

—E que noticia é? perguntou d'Artagnan. E' esse um fructo tão r aro na prisão, que espero me perdoará a minha impaciencia, senhor de Comminges, e com muito maior rasão porque deu a entender que a noticia era boa.

—Gostaria de saber que o senhor conde de La Fère passa bem ? respondeu Comminges.

Os olhos de d'Artagnan esgazearam-se desmesuradamente.

—Se gostaria ! exclamou elle ; ainda mais que isso, farme-ia feliz.

—Então, estou encarregado por elle de lhe apresentar os meus cumprimentos, e de lhe dizer que está de boa saude.

D'Artagnan por pouco que não deu um salto de alegria. Um lance de olhos rapido traduzio a Porthos o seu pensamento : «Se Athos sabe onde estamos, dizia esse olhar, e consegue fallar-nos, em pouco Athos procederá.»

Porthos não tinha muita habilidade para comprehender os lances de olhos, mas d'esta vez, como elle tinha sentido a mesma impressão que d'Artagnan, ao ouvir o nome d'Athos, comprehendeu-o.

—Mas, perguntou timidamente o Gascão, diz que o se-

nhor conde de La Fére o encarregou de nos apresentar os seus cumprimentos?

—Sim, senhor.

—Então viu-o?

—De certo.

—Onde? se não é indiscripção.

—Bem perto d'aqui, disse Comminges sorrindo.

—Bem perto d'aqui, repetio d'Artagnan, a quem os olhos faiscaram.

—Tão perto, que se as janellas que deitam para o laranjal não estivessem tapadas, poderia vêl-o do logar onde está.

—Anda rondando nas visinhanças do castello, pensou d'Artagnan. Encontrou-o talvez á caça no parque? perguntou elle a Comminges.

—Não, mais perto, mais perto ainda. Lhe, detraz d'esta parede; disse Comminges batendo na parede.

—Detraz d'esta parede? Que ha então detraz d'essa parede? Trouxeram me para aqui de noite, de maneira que os diabos me levem se eu sei onde estou.

—N'esse caso! supponha uma coisa.

—Supporei tudo o que quizer.

—Supponha que ha uma janella n'esta parede.

—Muito bem!

—D'essa janella veria o senhor de La Fére na sua.

—Então o senhor de La Fóre está no castello?

—Sim.

—Com que titulo?

—Com o mesmo que nós.

—Athos está preso?

—Bem sabe que aqui não ha presos, porque em Reuil não ha prisão.

—Não façamos questão de palavra. Athos foi preso?

—Hontem em S. Germano, ao sair do paço da rainha.

D'Artagnan deixou pender os braços inertes, como se tivesse sido fulminado; a sua trigueira tez cobriu-se-lhe de uma pallidez mortal, mas que bem depressa desappareceu.

—Preso! repetiu elle.

—Preso! repetiu Porthos abatido.

—Vamos, vamos, disse Comminges, que sentia para d'Artagnan, desde que elle o tinha salvado das mãos dos parisienses no dia da prisão de Broussel, um sentimento de verdadeira affeição; vamos não se desconsole, eu não tive nunca o intento de trazer uma triste noticia. Ria pois do acaso que aproxima de si e do senhor du Vallon o seu amigo, em logar de o desesperar.

Mas este convite não teve influencia alguma sobre d'Artagnan, que continuou com o seu ar lugubre.

—E como estava elle? perguntou Porthos, aproveitando-se do silencio de d'Artagnan para tambem dizer uma palavra.

—Muito alegre primeiramente, depois muito desesperado; mas quando soube que o senhor cardeal devia fazer-lhe uma visita esta mesma noite.

—Ah! exclamou d'Artagnam, o senhor cardeal faz uma visita ao conde de La Fére?

—Sim, já o mandou prevenir, e o senhor conde de La Fére, apenas o soube, encarregou-me de lhe dizer, que se aporveitaria do favor que lhe fazia o cardeal para advogar a sua causa.

—Ah! que querido conde!

—Que honra, murmurou Porthos, que grande favor! Ora essa! o senhor conde de La Fére, cuja familia foi alliada aos Montmoreucy e aos Rohan, vale bem Mazarino.

—Não importa, disse d'Artagnan com o seu modo indolente, se reflectir-mos bem, meu caro du Vallon, é muita honra para o senhor conde de La Fére, e póde-se conceber muita esperança, uma visita! e até, segundo o meu parecer é uma honra tão grande para um preso que creio que o senhor de Comminges se engana.

—Que! que me engano!

—Não será talvez Mazarino que vá visitar o conde de La Fére, mas sim este que será chamado por Mazarino?

—Não, não, não, disse Comminges. Ouvi perfeitamente o que me disse o senhor cardeal. Elle é que ha de ir visitar o conde de La Fére.

—Então costuma o senhor cardeal ir passeiar para a estufa? perguntou d'Artagnan.

—Todas as noites para lá vae. Parece que é lá que elle medite sobre os negocios do estado.

—Então começo a acreditar que o senhor conde de La Fere receberá a visita de sua eminencia ; além de que elle ha de ir acompanhado, sem duvida.

—Por dois soldados.

—E conversará assim de negocios diante de dois desconhecidos?

—Os soldados são snissos, e não fallam senão allemão, e provavelmente hão de ficar á porta.

—Que tome cautela o senhor de Mazarino em entrar assim só ao pé do senhor conde de La Fere, disse d'Artagnan, elle deve estar furioso.

Comminges poz-se a rir.

—Ah ! ah ! realmente dir-se-hia que são antropophagos ! O senhor conde é cortez; e além d'isso está inerme ; ao primeiro grito de sua eminencia acudiriam os dois soldados.

—A ! senhor, disse d'Artagnan como para resumir a conversação, oxalá que o senhor cardeal se aplaque e conceda ao senhor de La Fére a nossa liberdade.

—De todo o coração o desejo, disse Comminges.

—Então se elle se esquecesse da visita, não teria inconveniente algum em lhe recordar ?

—Nenhum, pelo contrario.

—Isso tranquillisa-me.

Esta habil mudança de conversação teria parecido uma sublime manobra a qualquer que tivesse podido ler na alma do Gascão.

—Agora, continuou elle, um ultimo favor, eu lh'o rogo, senhor de Comminges.

—A's suas ordens.

—Tornará a vêr o senhor conde de La Fére ?

—A'manhã de manhã.

—Terá a bondade de lhe dar os bons dias da nossa parte e de dizer-lhe que sollicite para mim o mesmo favor que elle tiver obtido ?

—Deseja que o cardeal venha aqui ?

—Não, não sou tão exigente. Que sua eminencia me faça a honra de me ouvir, é quanto desejo.

—Fal-o-hei, senhor.

—Certifico-o tambem que passo perfeitamente, que me viu triste, mas resignado.

—Agrada-me dizendo isso, senhor.

—Dirá o mesmo pelo senhor du Vallon.

—Por mim, não! exclamou Porthos.

—Eu não estou de todo resignado.

—Mas resignar-se-ha meu amigo.

—Nunca!

—Elle se resignará, senhor de Comminges Eu conheço-o melhor do que se conhece a si proprio, e sei que possue excellentes qualidades que elle nem mesmo suspeita. Calle-se, caro du Vallon, e resigne-se.

—Adeus, senhores, disse Comminges. Boa noite!

Comminges saudou e saiu. D'Artagnan acomponhou-o com os olhos na mesma posição humilde e com o semblante resignado. Mas apenas sentiu a porta fechada, precipitou-se nos braços de Porthos, e abraçou-o com uma explosão de alegria, que este bradou espantado:

—Oh! oh! que é lá isso? torna-se louco, meu poubre amigo?

—Estamos salvos!

—Não vejo eu isso; pelo contrario, vejo que todos estamos presos, á excepção de Aramis, e que as probabilidades de nós escaparmos se diminuiram logo que um de mais entrou nos calabouços do senhor de Mazarino.

—Não é tanto assim, Porthos; esta ratoeira era sufficiente para dois, mas muito fraca para tres.

—Não comprehendo.

—Nem precisa, vamos para a mesa, e restauremo-nos porque á noite havemos de carecer de forças.

—Que faremos então á noite?

—Provavelmente viajaremos.

—Mas...

—Vamos para a mesa, caro amigo, as idêas occorrem-me com a comida. Depois da ceia, en as communicarei.

XXV

O braço e o espirito

A ceia foi silenciosa mas não triste ; de tempos a tempos, pelos labios de d'Artagnan deslisava-se um d'aquelles seus sorrisos tão habituaes nos seus momentos de bom humor. Porthos não perdia de vista, um só, e, sem embargo de os não comprehender, soltava sempre uma exclamação apenas o via sorrir, para dar a demonstrar ao seu amigo que elle não perdia de vista o pensamento que lhe volteava no cerebro.

A' sobremesa, d'Artagnan reclinou-se para traz, cruzou uma perna sobre a outra, e começou de balancear-se como homem perfeitamente satisfeito de si mesmo.

Porthos apoiou a barba nas suas duas mãos, poisou os seus dois cotovellos na mesa, e olhou para d'Artagnan com aquelle olhar de confiança que dava a este collosso uma tão admiravel expressão de bonhomia.

—Então? exclamou d'Artagnan.

—Então? repetiu Porthos.

—Dizia então, caro amigo...

—Eu não dizia nada.

—Oh, se dizia ! dizia que tinha desejos de sair d'aqui.

—Ah ! lá isso sim ; desejo não me falta.

—E accrescentava que, para sair d'aqui, bastava arrombar uma porta ou uma parede.

—E' verdade, diria isso e ainda o digo.

—E eu respondia-lhe, Porthos que era um pessimo meio, e que não dariamos cem passos sem que fossemos presos ou mortos, salvo se tivessemos fatos com que nos disfarçassemos e armas com que nos defendesse-mos.

—E' verdade, era mister isso, era.

—Pois bem ! disse d'Artagnan, levantando-se, temos tudo, e mesmo alguma coisa mais.

—Hem! disse Porthos olhando á volta da camara.

—Não procura que é inutil; tudo isso ha de nos vir na occasião opportuna. A que horas pouco mais ou menos vimos hontem passeiar os dois guardas suissos?

—Uma hora, parece-me a mim, depois do fechar da noite.

—Se saem hoje como hontem, não teremos que esperar um quarto de hora para ter o gosto de os vêr.

—E' verdade, e d'aqui, a um quarto de hora quando muito.

—Continua a ter os seus braços rijos, não é verdade?

Porthos arregaçou as mangas e olhou com complacencia para os seus braços nervosos, grossos como a coxa de um homem ordinario.

—Oh! se tenho!

—De maneira que, sem muito custo, faria um arco d'esta tenaz e um saca rolha d'esta pá.

—Certamente.

—Vejamos.

—O gigante pegou nos dois objectos designados, e operou com a maior facilidade e sem esforço algum apparente as duas metamorphoses desejadas pelo seu companheiro.

—Prompto, disse elle.

—Bravo! disse d'Artagnan, verdadeiramente é um homem prendado, Porthos!

—Tenho ouvido fallar, disse Porthos de um tal Milon de Crotona, que fazia coisas muito extraordinarias, como por exemplo de apertar a cabeça com uma corda e quebral-a, matar um boi com um murro e leval-o para sua casa ás costas, fazer parar um cavallo pelas pernas trazeiras, etc. etc. Ouvi contar todas estas proezas em Pierrefonds, e fiz tudo o que elle fazia á excepção de quebrar a corda fazendo inchar as fontes.

—E' porque a nossa força não está na cabeça, Porthos.

—Não, ella está nos meus braços e nos meus membros.

—Então, meu amigo, aproximemos-nos da janella, e sirva-se da sua força para arrancar um varão. Espere que eu apague a luz.

XXVI

Ainda o braço e o espirito

Porthos aproximou-se da janella, pegou n'um varão com as duas mãos, puchou-o para si e dobrou-o como um arco, de tal maneira que as duas extremidades sairam da alveola de pedra onde havia trinta annos que estavam agarradas.

—Muito bem, meu amigo! disse d'Artagnan, eis-aqui uma coisa que nunca chegaria a fazer o cardeal, não obstante o genio de que é dotado.

—E' preciso arrancar mais? perguntou Porthos.

—Não, bastar-nos-ha este: um homem póde passar agora.

Porthos experimentou e saiu perfeitamente.

—Sim, disse elle.

—Bem! agora metta o seu braço.

—Por onde?

—Por essa abertura.

—Para que?

—Sabel-o-ha d'aqui a pouco. Metta-o.

Porthos obedeceu docil como um soldado e passou o seu braço atravez dos varões.

—A's mil maravilhas! disse d'Artagnan.

—Bom. Agora que é mister que eu faça.

—Nada.

—Então já está acabado?

—Ainda não.

—Desejava todavia compreender isto, disse Porthos.

—Escute, meu caro Porthos, e em duas palavras estaria ao facto. A porta do posto abre-se, como vê.

—Sim, vejo.

—Vão passar pelo nosso pateo que Mazarino ha de atravessar para ir fallar a Athos, os dois guardas que o acompanham.

—Eil-os que sáem.

—Oxalá que elles fechem a porta... bom! lá fecham.

—E agora? Caluda! podem ouvir-nos.

—Então não entenderei nada.

—A' medida do que fôr fazendo, assim iria executando.

—Entretanto, preferiria...

—Terá o prazer da surpreza.

—Basta, é verdade.

—Chiton!

Porthos ficou mudo e immovel.

Os dois soldados avançavam para o lado da janella esfregando as mãos, porque estava-se no mez de fevereiro, e fazia frio.

N'este momento a porta do posto abriu-se e um dos soldados foi chamado.

—Aquelle foi-se.

—Melhor, respondeu d'Artagnan. Agora ouvi. Eu vou chamar este soldado, como fiz hontem com um dos seus camaradas, recorda-se?

—Sim, mas eu não entendia uma palavra do que elle dizia.

—E' verdade que tinha uma pronuncia, algum tanto ratona. Mas não perca uma palavra das que eu vou dizer, de tudo depende a execução, Porthos.

—Bom! a execução é o meu forte.

—Sei-o perfeitamente; por isso conto comvosco.

—Diga.

—Vou portanto chamar este soldado e conversar com elle.

—Isso já disse.

—Voltarme-hei para a esquerda, de maneira que elle ficará á sua direita no mesmo momento em que elle subir o banco.

—Mas se elle não subir?!

—Fique descançado que ha de subir, e apenas o fizer, estenderá o seu formidavel braço e agarral-o-ha pelo pescoço. Depois, levantando-o como Tobias levantou o peixe pelas guelras, arrastal-o-ha para a nossa camara, tendo cautela em o apertar de maneira que elle não grite.

—Sim, disse Porthos, mas se o afogo.

—E que tem lá isso! é um suisso de menos; mas espe-

ro que o não afogar Poisal-o-hei mui suovemente aqui, pomos-lhe uma mordaça, e prendemol-o pouco importa aonde, aqui temos já um fato de uniforme e uma espada.

—Perfeitamente ! disse Porthos olhando para d'Artagnan com a mais profunda admiração. Mas não basta um fato, esse não chega para dois.

—E elle não tem um camarada !

—E' verdade.

—Então, quando eu tossir, estenda o braço, e faça o que lhe disse.

—Bom !

Os dois amigos tomaram cada um o seu logar, ficando Porthos inteiramente occulto.

—Boa noite, camarada, disse d'Artagnan suavisando a voz.

—Faz muito frio para passeiar.

—Boa nôte, monsir, respondeu o soldado.

—Brrrrrrr, exclamou o soldado.

—Parece-me que não desgostaria de um copo de vinho.

—Um copo de vinho, vinha do ceu.

—O peixe morde ! o peixe morde ! murmurou d'Artagnan e Porthos.

—Comprehendo, disse este.

—Tenho acolá uma garrafa, disse d'Artagnan.

—Uma garrafa !

—Sim.

—E cheia ?

—Até ao gargalo, e é para o senhor se a quizer beber á minha saude.

—Eh ! pois non, mim querer bem, disse o soldado aproximando-se.

—Então, venha tomal-a, meu amigo.

—De bôa vontade ; crêo que ha aqui um banco.

—Oh! meu Deus, dir-se-ia que foi ahi collocado de proposito para isso..... Suba então... Muito bem, meu amigo.

E d'Artagnan tossio.

No mesmo instante Porthos estendeu o braço, pegou no soldado pelo pescoco, arrebatou-o pela abertura em riscos de o afogar, e pol-o sobre o sobrado, onde d'Artagnan, dando-

lhe primeiro o tempo preciso para tomar folego, lhe metteu uma mordaça feita da sua banda, e logo depois se pôz a despil-o com a ligeiresa de um homem que aprendeu o seu officio no campo da batalha.

—Eis aqui já uma espada e um fato, disse Porthos.

—Este é para mim, disse d'Artagnan. Se quizer tambem um, é mister começar a operação. Espero! Lá sáe o outro soldado do posto e se dirige para este lado.

—Parece-me que seria imprudente repetir a mesma manobra. Raras vezes se sáe bem de duas empresas pelo mesmo meio. Se eu o errasse, tudo estava perdido; por isso vou descer, e agarral-o no momento em que elle não suspeitar, e hei de trazel-o já com mordaça.

—E' melhor, respondeu o Gascão.

—Esteja álerta, disse Porthos deixando-se cair pela abertura.

A coisa effectuou-se como Porthos promettera. O gigante occultou-se no caminho, e quando o soldado lhe passava defronte, agarrou pelo pescoço, tapou-lhe a bôca e introduziu-o pela abertura.

Fizeram-lhe exactamente o mesmo que ao primeiro.

—Muito bem! disse d'Artagnan. Agora experimente esse fato Porthos; duvido que elle lhe sirva; mas se lhe fôr muito estreito, não se inquiete, o boldrié lhe bastará, e sobretudo o chapeu de plumas vermelhas.

Casualmente este segundo era um gigante suisso, de maneira que á excepção de alguns pontos que estalaram nas costuras, os fatos serviram perfeitamente.

—Prompto, disseram elles ao mesmo tempo. Quanto a vocês camaradas, accrescentaram elles dirigindo-se aos dois soldados, nada lhe acontecerá, se estiverem quietos, porém se se mecherem morrerão infallivelmente.

Os soldados conservaram-se quietos Pelo punho de Porthos tinham comprehendido que a caisa era séria e bem séria.

—Agora, Porthos, estimaria que eu o fizesse comprehender.

—Desejo-o.

—Pois bem, nós descemos para o pateo.

—Bem.

—Depois começamos a passeiar.

—Bem entendido que faz um frio capaz de gelar tudo.

—Depois o camarista chama.

—Nós respondemos?

—Pelo contrario, nós não respondemos.

—Como quizer. Eu não me importa responder.

—Nós não respondemos; entrerramos sómente o chapeu na cabeça, e escoltamos sua eminencia.

—Para onde?

—Para onde elle vae, para Athos.

—Oh! exclamou Porthos, comprehendo!

—Espere com essas exclamações, Porthos; porque nos ainda não chegámos ao fim, disse o Gascão chalaçando.

—Que vae então acontecer?

—Siga-me, respondeu d'Artagnan. Quem viver verá.

E passando pela abertura saltou ligeiramente para o pateo. Porthos, supposto que com mais custo segui-o tambem.

—Ouviram-se tremer de medo os dois soldados amarrados na camara.

Apenas d'Artagnan e Porthos tocaram em terra, abriu-se uma porta, e um escudeiro disse:

—A patrulha.

Ao mesmo tempo a porta do posto abriu-se e tambem uma voz bradou:

—La Bruyére e du Barthois, parta!

—Parece que me chamo La Bruyére, disse d'Artagnan.

—E eu du Barthois, disse Porthos.

—Onde estão? perguntou o escudeiro, cujos olhos, sem duvida offuscados pela luz, não podiam distinguir os nossos dois heroes na obscuridade.

—Eis-nos aqui, disse d'ArtagnanDepois voltando-se para Porthos. Que diz a isto, senhor du Vallon?

—Com tanto que isto dure, digo que é muito lindo.

Os dois soldados improvisados marcharam gravemente por detraz do escudeiro, que lhes foi abrir a porta do vestibulo, depois uma outra que parecia ser a de um salão de espera, e apontando-lhe para dois tamboretes, lhes disse:

—A senha é muito simples, limita-se a não deixar entrar senão uma unica pessoa, entende? Mais nenhuma; obedecerá a essa pessoa. E para sair esperará que eu volte.

D'Artagnan era muito conhecido d'este escudeiro, que era o mesmo Bernouin, que seis mezes antes o tinha annunciado mais de doze vezes ao cardeal. Por conseguinte, em logar de responder contentou-se em rosnar ia menos Gascão e mais allemão possivel.

Porthos conservou-se mudo, como d'Artagnan tinha exigido d'elle.

Bernouin retirou-se fechando a porta.

—Oh! oh! disse Porthos ouvindo ranger a fechadura, parece que aqui é moda fechar as pessoas. Creio que não fizemos mais que mudar de prisão; porém em logar de estarmos presos no outro sitio, estamos aqui. Não sei se ganhamos.

—Porthos, meu amigo, não duvide da Providencia e deixe-me reflectir.

—Medite e reflecta então, disse Porthos zangado.

—Nós andámos oitenta passos, murmurou d'Artagnan, subimos seis degraus, por tanto aqui, é, como ainda agora disse o meu illustre amigo du Vallon, outro pavilhão egual ao nosso, e que é designado pelo nome do pavilhão da estufa. O conde de La Fère não deve estar longe, mas as portas estão fechadas.

—Olha que difficuldade! Em lhe metendo os hombros...

—Deus nos livre! disse Porthos, poupe todas as suas forças aliás, quando ellas forem necessarias, não terão o valor que merecem; não ouviu dizer que vinha aqui alguem?

—Ouvi.

—Então, esse alguem nos abrirá as portas.

—Mas, meu caro, se esse alguem nos reconhecer, se esse alguem reconhecendo-nos se põe a berrar, estamos perdidos. Porque emfim supponho que não teria a intenção de matar um ecclesiastico. Esses modos são bons para os inglezes e para os allemães.

—Oh! Deus nos defenda d'isso disse d'Artagnan. O joven rei ficar-nos-ia talvez com algum reconhecimento, mas a rainha nunca nos perdoaria; e além de que, para que era

sangue inutil! nunca! Eu tenho um plano, deixe-me pois isso por minha conta e teremos que rir.

—Tanto melhor, que sinto necessidade de rir.

—Chiton! eis o tal alguem.

Ouviram-se então passos no vestibulo. A porta rodou sobre os gonzos e um homem appareceu vestido de cavalleiro. embuçado n'uma capa, com um largo chapeu sobre os olhos e uma lanterna na mão.

Porthos coseu-se á parede, mas não de tal maneira que o cavalheiro não o percebesse; apresentou-lhe a sua lanterna e disse-lhe:

—Accenda a lampada do tecto.

—Sabe a senha? perguntou elle a d'Artagnan.

—Ia, tornou o Gascão.

—Tedesco, exclamou o cavalleiro, va bene.

E dirigindo-se para a porta situada em frente d'aquella por onde tinha entrado, abaiu-a e desappareceu fechando-a.

—E agora, disse Porthos, que deveremos fazer?

—Agora, servimos-nos dos seus hombros se a porta estiver fechada, amigo Porthos. Cada coisa por sua vez. Primeiro trincheiremos a porta, depois sigamos o cavalleiro.

Os dois amigos arrastaram então para ao pé da porta quantos moveis acharam na sala, embaraço que tornava a passagem muito impraticavel por isso que a porta se abria para dentro.

—Por aqui estamos seguros, disse d'Artagnan, agora vamos para a frente,

XXVII

Os segredos de Mazarino

Aproximaram-se da porta porque tinha desapparecido Mazarino; estava fechada; d'Artagnan tentou inutilmente abril-a.

—Aqui está onde é mister empregar os seus hombros. Empurre, Porthos, mas de vagar, e sem ruido; veja se consegue desunir sómente as duas portas.

Porthos abalou-as com os hombros, d'Artagnan metteu a ponta da espada entre a lingueta e a chapa da fechadura. A lingueta cedeu e a porta abriu-se.

—Não lhe dizia eu, amigo Porthos, que das mulheres e das portas tudo se obtem levando-as com doçura.

—O facto é que é um grande moralista.

—Entremos.

—Nada de cardeal, disse d'Artagnan; só a sua lanterna; onde diabo está elle então?

De repente, quando d'Artagnan andava explorando por um dos lados da estufa e Porthos pelo outro, viu á sua esquerda uma caixa arredada do seu logar, e no d'ella um buraco aberto. Dez homens a custo fariam mover essa caixa; mas por um mecanismo qualquer, ella tinha-se desviado com a lage que a sustentava,

D'Artagnan, como nós já dissemos, viu um buraco no logar da caixa, e no buraco uma escada de caracol.

D'Artagnan chamou Porthos e mostrou-lhe o buraco e a escada.

—Se nós só quizessemos oiro, lhe disse elle, bastar-nos-ia descer e estavamos ricos para sempre.

—Como assim?

—Não adivinha, Porthos, que no fim d'esta escada é, provavelmente, o famoso thesouro do cardeal, de que tanto se falla; bastar-nos-ia descer, vasar uma caixa, metter-lhe dentro o cardeal, fechal-o á chave e safar-mo-nos com todo o oiro que podessemos, para sermos ricos, e que ninguem no mundo nos viesse perguntar d'onde tinha vindo a nossa riquesa, nem mesmo o cardeal.

—Seria uma bella façanha para villões, disse Porthos, mas indigna-me parece, de dois cavalheiros.

—E' tambem o meu parecer, disse d'Artagnan: e por isso disse: Se nós só quizessemos ouro... mas nós queremos outra coisa.

No mesmo momento ouviu-se o som metalico e secco como de um saco de ouro. Immediatamente a porta fechou-se vi-

ram-se apparecer os primeiros reflexos da luz. Mazarino tinha deixado a lanterna na estufa das laranjeiras para dar a crer que passeiava, mas tinha levado para o seu mysterioso cofre uma vela de cera.

—Oh! murmurou elle em italiano, em quanto subia os degraus deitando os olhos para o sacco: eis-aqui com que pagar cinco conselheiros do parlamento e dois generaes de Paris. Eu tambem sou um grande capitão, mas faço guerra a meu modo...

D'Artagnan e Porthos tinham-se occultado por detraz de uma caixa.

Mazarino carregou sobre uma mola na parede. A lagea voltou-se e a larangeira sustentada por ella voltou a tomar o seu primitivo logar. Então apagou a vela e pegou na lanterna.

—Vamos ver o senhor de La Fére, disse elle.

—Bom! disse comsigo d'Artagnan, é o que nés queremos; iremos de companhia.

Todos tres se pozeram a caminho. Mazarino seguindo a alea do meio, Porthos e d'Artagnan as parallelas. Estes dois ultimos evitavam cuidadosamente as linhas luminosas que a luz do cardeal traçava no intrevallo de uma caixa á outra.

Este chegou a uma porta envidraçada sem notar que era seguido. Porque a areia não deixava sentir os passo dos dois companheiros.

Depois voltou para a esquerda, tomou por um corredor em que Porthos e d'Artagnan não tinham ainda reparado: mas no momento em que ia a abrir a porta, parou pensativo.

—Ah! diavolo! disse elle, já me esquecia a recommendação de Comminges. E' mister ir chamar os soldados e postal-os a esta porta para me não pôr á mercê d'este diabolico homem. Vamos.

E, com um movimento de impaciencia voltou-se para retrogradar sobre os seus passos.

—Não se dê a esse trabalho, monsenhor, disse d'Artagnan tirando o seu chapeu e fazendo o semblante risonho, nós temos seguido sua eminencia, e aqui estamos.

—Sim, aqui estamos, disse Porthos fazendo a mesma agradavel cortezia.

Mazarino levou os seus olhos espantados de um ao outro, reconheceu-os ambos, e deixou cair a sua lanterna soltando um gemido de terror.

D'Artagnan apanhou-a, por felicidade não se tinha apagado.

—Que imprudencia, senhor disse d'Artagnan, não é bom andar aqui sem luz. Vossa eminencia poderia bater n'alguma caixa, ou cair n'algum buraco.

—Senhor d'Artagnan! murmurou Mazarino.

—Sim, senhor, eu mesmo, e tenho a honra de lhe apresentar o senhor du Vallon, meu excellente amigo por quem vossa eminencia teve a bondade de se interessar ião vivamente.

E d'Artagnan dirigiu a luz pera o rosto risonho de Porthos que começava a comprehender e que estava todo altivo.

Vae ter com o senhor de La Fére? continuou d'Artagnan. Não queremos estorval-o, monsenhor. Tenha a bondade de nss mostrar o caminho e nós o seguiremos.

—Ha muito tempo que estão na estufa, senhores? perguntou Mazarino com uma voz tremula lembrando-se da visita que elle fôra fazer ao seu cofre.

Porthos abriu a bocca para responder, d'Artagnan fez-lhe um signal e a bocca de Porthos fechou-se gradualmente.

—Chegamos agora mesmo, disse d'Artagnan.

Mazarino respirou, porque não receiava já pelo seu thesouro, nem temia por si. Um tal ou qual sorriso se lhe deslisou.

—Vamos, disse elle, apanharam-me no laço, declaro-me vencido; quer a sua liberdade, não é assim? eu lh'a dou.

—Oh! senhor, é muito bom; mas a nossa liberdade, temos nós; o que desejamos pedir-lhe é outra coisa.

—Tem a sua liberdade? disse Mazarino espantado.

—Que duvida?! pelo contrario, perdeu a sua e agora.. que quer, senhor, é lei de guerra... trata-se de resgatar.

Mazarino estremeceu. Seu olhar prescrutador fixou-se inutilmente sobre a face do Gascão, e sobre o rosto impassivel de Porthos. Ambos estavam occultos com a sombra, e a propria sibylla de lumas não teria podido ler n'elles.

—Resgatar a minha liberdade!

—Sim, senhor.

—E quanto me custará ella, senhor d'Artagnan?

—Ora essa! ainda não sei. Vamos perguntar isso ao conde de La Fére se vossa eminencia consentir. Digne-se pois vossa eminencia de abrir a porta, e em dez minutos estará fixado o preço.

Mazarino estremeceu.

—Senhor, disse d'Artagnan, vossa eminencia bem vê, que não olvidamos formalidade alguma, mas todavia somos obrigados a prevenil-o que não ha tempo a perder. Abra portanto, e tenha a bondade de não deixar esquecer, que ao menor movimento que faça para fugir, ao menor grito que solte para se escapar, ver-nos-hemos obrigados a chegar aos ultimos extremos.

—Fiquem descançados, senhores, disse Mazarino, nada tentarei, dou-lhe a minha palavra de honra.

D'Artagnan fez signal a Porthos que redobrasse de vigilancia.

—Agora, senhor, faça-nos o favor de entrar.

XXVIII

Conferencia

Mazarino abriu nma porta, ao limiar da qual appareceu Athos prompto para receber o seu illustre visitador, segundo Comminges lhe tinha dito.

Ao ver Mazarino inclinou-se.

—Vossa eminencia, disse elle, podia dispensar-se de vir acompanhado: a honra que eu recebo é muito grande para que eu a esqueça.

—Em attenção a isso meu caro conde, disse d'Artagnan sua eminencia não queria absolutamente que o acompanhas-

semos: foi du Vallon e eu que insistimos, de uma maneira indecorosa talvez, tão grande era a ancia que tinhamos de o vêr.

Athos ao ouvir este acento zombeteiro, este gesto tão seu conhecido deu um salto de surpresa.

—D'Artagnan! Porthos! exclamou elle,

—Em pessoa caro amigo.

—Em pessoa, repetiu Porthos.

—Que quer isto dizer? perguntou o conde.

—Isto quer dizer, respondeu Mazarino fazendo por se sorrir, que se trocaram os papeis, e que em vez d'estes senhores serem prisioneiros, sou eu que sou prisioneiro d'elles, tão certo que me vê obrigado a acceitar aqui a lei, em logar de ser eu que a imponha. Mas já os previno, senhores, a não me matarem, a sua victoria será ephemera; ver-se-ha que tambem me ha de chegar a vez...

—Ah! senhor disse d'Artagnan, não ameace, é um mau exemplo. Somos tão doceis com vossa eminencia. Ponhamos de parte todo o mau humor, deixe-mo-n'os de odio, e conversemos agradavelmente.

—Isso desejo eu, senhores, tornou Mazarino, mas na discussão do meu resgate, eu não quero que tome a sua posição por melhor do que ellaseja; apanhando-me na ratoeira, caiu n'ella comigo. Como sairá, ja d'aqui? vê as grades, vê as portas, vê ou antes adivinha as sentinellas que rondam por traz d'essas grades. Repare que sou leal... Offerecia-lhe ha pouco a liberdade, offereço-lh'a ainda. Quere-a? Antes de uma hara serão descobertos, presos, obrigados a matar-me, o que seria um crime horrivel, e indigno de honrados cavalleiros que são.

—Elle tem rasão, pensou Athos.

E o pensamento d'esta nobre alma se lhe reflectiu nos olhos.

—Tambem, disse d'Artagnan para corrigir a esperança que a tacita adhesão de Athos tinha dado a Mazarino, não commetteremos tal violencia senão na ultima extremidade.

—Se pelo contrario me deixam ir acceitando a sua liberdade...

—Como, interrompeu d'Artagnan, como quer que accei-

temos a sua liberdade, pois que a pode tirar, segundo me disse, cinco munutos depois de a ter dado? E, accrescentou d'Artagnan, pelo conhecimento que tenho de vossa eminencia sei que seria capaz d'isso.

—Não, palavra de cardeal!... Não me acredita?

—Senhor, eu não creio nos cardeaes que não são pobres.

—Então! palavra de ministro.

—Já o não é, senhor, é prisioneiro.

—Então palavra de Mazarino! sou-o e serei sempre, julgo eu.

—Hum!... Tenho ouvido fallar de um tal Mazarino que tinha pouca religião para os seus juramentos, e receio que seja algum dos antepassados de vossa eminencia.

—Senhor d'Artagnan, disse Mazarino, tem muito espirito, e estou agora zangado de me ter indisposto comvosco.

—Senhor, reconciliemo-nos, é o meu maior desejo.

—Então! disse Mazarino, se eu os ponho em liberdade de uma maneira evidente, palpavel?...

—Ah! isso é outro caso, disse Porthos.

—Vejamos, disse Athos.

—Vejamos, disse d'Artagnan.

—Mas primeiro diga-me, acceita?

—Explique-nos o seu plano, e então veremos.

—Attendam, senhores, a que estão fechados, presos...

—Bem sabe, disse d'Artagnan, que nos resta sempre um ultimo recurso.

—Qual?

—O de morrer juntos.

Mazarino estremeceu.

—Tome sentido: disse elle, ao cabo do corredor está uma porta, cuja chave tenho aqui; essa porta deita para a tapada. Parta com esta chave. São espertos, vigorosos e enthusiasmados. Quando tiverem andado cem passos voltem para a esquerda e encontrarão o muro da tapada; e n'um abrir e fechar de mão estão na estrada. Por ultimo tenho a dizer-lhe que tenho sufficiente conhecimento dos senhores, para saber que se os attacarem não será isso um obstaculo á sua fuga.

—Muito bem, muito bem! disse d'Artagnan isso é que é fallar. Onde está a chave que lhe appraz offerecer-nos.

—Eil-a aqui.

—Ah! senhor guiar-nos-ha até essa porta?

—De muito boa vontade, se é mister isso para os tranquillisar.

Mazarino não cabendo em si de alegria por se julgar livre de uma maneira que elle não esperava dirigiu-se para o corredor e abriu a porta.

Com effeito dava para uma tapada, e os tres fugitivos conheceram isso pelo vento que lhe veio açoutar as faces e pela neve que lhe caiu no rosto.

—Diabo! disse d'Artagnan que horrivel noite! Não temos conhecimento da localidade, e de certo nunca chegamos a dar com o caminho. Já que vossa eminencia ha tido a bondade de vir até aqui, alguns passos mais... acompanhe-nos até ao muro.

—Vá lá, disse o cardeal. Estão satisfeitos? perguntou Mazarino ao chegarem ao muro.

—Parece-me que sim! era Preciso sermos muito!... Hein! que honra! tres pobres cavalleires acompanhados por um principe da egreja! Ah! a proposito, senhor; ha pouco dizia que nós eramos espertos, bravos, e que estavamos armados?

—Sim.

—Engana-se, não estão armados senão o senhor du Vallon e eu; o senhor conde não o está, e se formos encontrados por uma patrulha, é preciso que nos possamos defender.

—E' muito justo.

—Mas onde acharemos nós uma espada? perguntou Porthos.

—Sua eminencia dará ao conde a sua, que lhe é inutil.

—Com muito gosto; rogarei mesmo ao senhor conde de a querer guardar como recordação minha.

—Prometto a vossa eminencia de nunca jámais a largar, disse Athos.

—Bonito! disse d'Artagnan, que de etiqueta! como isto é tocante! Não tem as lagrimas nos olhos, Porthos?

—Não ha duvida, disse este ; mas não sei se é isto ou se é o vento que me fez chorar. Parece-me que é o vento.

—Agora suba Athos, disse d'Artagnan, e suba de pressa.

Athos, ajudado de Porthos, que o levantou como se fora uma penna, subiu para o muro.

—Agora salte, Athos.

Athos saltou, e desappareceu do outro lado do muro.

—Está em terra ? perguntou d'Artagnan.

—Sim.

—Sem novidade ?

—Perfeitamente são e salvo.

—Porthos observe o senhor cardeal em quanto eu subo : não, não tenho necessidade de si, subirei só. Observe sómente o senhor cardeal.

—Eu o observo.

—Tinha razão ; é mais difficil do que eu julgava. Deixe-me firmar no seu hombro, mas sem largar o cardeal.

—Eu não o largo.

D'Artagnan, com o apoio de Porthos, em um momento estava escarranchado no muro.

Mazarino affectava a rir.

—Já lá está ? perguntou Porthos.

—Sim, meu amigo, e agora...

—Agora o quê ?...

—Agora passe-me o senhor cardeal, e ao menor grito que elle soltar afogue-o.

Mazarino quiz gritar ; mas Porthos apertou-o, com as suas duas mãos e levantou-o, até que d'Artagnan o agarrou pela gola e o sentou ao pé de si.

—Senhor, lhe disse elle em tom ameaçador, salte no mesmo instante para ao pé do senhor conde ou mato-o, á fé de cavalleiro !

—Sior, sior, exclamou Mazarino, falta ao que prometteu.

—Eu ! Quando é que eu lhe prometti coisa alguma ?

Mazarino soltou um gemido.

—Estão livres por mim, senhores ; a sua liberdade era o meu resgate.

—Seja ! mas o resgate d'aquelle immenso thesouro en-

terrado na galeria, e para o qual se desce empurrando uma mola, occulta na parede, a qual faz voltar uma caixa, deixando então ver uma escada? não devemos fallar tambem um pouco d'elle?

—Jesous! disse Mazarino quasi suffocado, e pondo as mãos, Jesous mon Diou! estou perdido, estou completamente perdido.

Mas d'Artagnan, sem se importar com as suas queixas, agarrou-o, e deixou-o cair levemente nos braços de Athos, que tinha permanecido impassivel.

—Pegue-me na mão, Porthos: suba.

Porthos fez um exforço que fez tremer a parede, e chegou ao cimo do muro.

—Ha pouco não tinha comprehendido, disse elle; mas agora comprehendo; é muito engraçado!

—Julga? disse d'Artagnan, tanto melhor! Mas para que isto seja engraçado até ao fim não percamos tempo.

E saltaram o muro.

—Acompanhe o senhor cardeal, disse d'Artagnan, eu vou explorando o terreno.

E desembainhando a espada tomou a dianteira, com altivez.

—Senhor, disse elle, por onde se deve ir para chegar á estrada real? reflecti bem, porque um engano de vossa eminencia podia trazer comsigo graves csnsequencias para nós todos.

—Costeie o muro, não tenha receio de errar.

Apoz alguns instantes de marcha, apressada primeiro, e depois mais vagarosa, d'Artagnan esbarrou com certa coisa que fez um movimento.

—Oh lá! um cavallo, acabo de achar um cavallo, senhores.

—E eu tambem, disse Athos.

—E eu tambem, disse Porthos, conservando sempre o cardeal agarrado pelo braço.

—Isto é que se chama fortuna, disse d'Artagnan, vieram na mesma occasião em que vossa eminencia se queixava de ser obrigado a caminhar a pé...

Mas no momento em que elle pronunciava estas palavras,

um cano de pistolla lhe foi apontado ao peito, e uma voz bradou:

—Não toque!

—Grimaud! exclamou elle, Grimaud! Que fazes tu aqui? E' o ceu que te envia?

—Não, senhor, disse o honrado servo, foi o senhor Aramis que me mandou guardar estes cavallos.

—Então Aramis está aqui?

—Sim, senhor, desde hontem.

—E que faz aqui?

—Espreitavamos.

—Que! Aramis está aqui? repetiu Athos.

—A' porta pequena do castello. Era lá o seu posto.

—São muitos?

—Sessenta.

—Mande-o chamar.

—No mesmo instante, senhor.

E pensando que ninguem fazia a commissão melhor que elle, partiu a correr, em quanto os tres amigos ficavam á espera, alegres por se verem alfim reunidos todos.

Em todo o grupo só Mazarino estava de mau humor.

XXIX

Começa-se a acreditar que Porthos será em fim barão, e d'Artagnan capitão

Ao cabo de dez minutos chegou Aramis acompanhado de Grimaud e de oito ou dez cavalleiros. Vinha todo contente e lançou-se nos braços de seus amigos.

—Estão então livres, irmãos! livres, sem minha ajuda! Não obstante todos os meus esforços nada pude então fazer!

—Não se desconsole, meu bom amigo. O que é differido não é perdido. Se o não pôde fazer, fal-o-ha.

—Todavia tinha tomado as minhas precauções. Alcan-

cei do coadjuctor sessenta homens; vinte guardam os muros da tapada, vinte a estrada de Reuil a S. Germano, viute estão espalhados pelo bosque. Graças a estas disposições strategicas, consegui interceptar dois correios de Mazarino para a rainha.

Mazarino prestou attenção.

—Mas, disse d'Artagnan, reinviou-os honradamente ao senhor cardeal?

—Pois não! era agora com elle que eu tinha similhantes delicadezas! N'um dos officios dizia o cardeal á rainha que os cofres estavam esgotados, e que sua magestade não tinha dinheiro algum; no outro annnnciava-lhe que ia fazer transportar para Melun os seus prisioneiros, porque Rueil não lhe parecia local sufficientemente seguro. Já devem comprehender, meus bons amigos, a esperança que esta carta me deu. Embusquei-me com os meus sessenta homens, cerquei o castello, mandei preparar uns cavallos, que confiei á guarda do intelligente Grimaud, e aguardei a sua saida. Eu não contava com isto senão ámanhã, esperava sempre que houvesse alguma escaramuça; mas estão livres já, e sem combate, melhor é assim! como pôde escapar áquelle poltrão de Mazarino? Deve ter muitas queixas d'elle.

—Não é tanto assim, disse d'Artagnan.

—Deveras!

—Até mesmo direi que lhe somos devedores de obsequios.

—Impossivel!

—E' verdade; graças a elle é que estamos livres.

—Graças a elle?

—Sim, mandou-nos guiar á estufa das larangeiras por Bernouin seu escudeiro, depois seguimol-o até onde estava o conde de La Fére. Alli offereceu-nos a nossa liberdade, que nós acceitamos, e seguiu a sua complacencia a ponto de nos vir mostrar o caminho e de nos guiar até ao muro da tapada, até que encontramos Grimaud.

Ah! ah! disse Aramis, isso reconcilia-nos com elle, e quizera que elle aqui estivesse para lhe dizer que o não julgava capaz de uma tão boa acção.

—Senhor, disse d'Artagnan que se não podia suster por mais tempo, permitta que eu lhe apresente o senhor cava-

lheiro d'Herblay, que, como ouvirá, deseja apresentar-lhe as suas respeitosas felicitações.

E retirou-se deixando vêr Mazarino confuso aos olhos espantados de Aramis.

—Oh ! oh ! oh ! exclamou este, que boa presa! o cardeal! oh! lá! oh lá! amigos! os cavallos! os cavallos !

Alguns cavalleiros aproximaram-se.

—Ora esta ! disse Aramis, então sempre eu teria sido util para alguma coisa. Senhor, digne-se vossa eminencia acceitar todos os meus cumprimentos ! Aposto que foi o S. Christovão de Porthos que fez ainda este milagre! A proposito, esquecia-me... E deu em segredo uma ordem a um cavalleiro.

—Parece-me que seria prudente partir, disse d'Artagnan.

—Sim, mas eu espero alguem... um amigo de Athos.

—Um amigo? disse o conde.

—E olhe... eil-o que chega.

—Senhor conde! senhor conde! bradou uma voz que fez estremecer Athos.

—Raul! Raul! exclamou o conde de La Fére.

Durante um momento o joven esqueceu o seu respeito habitual: lançou-se ao pescoço do pae.

—Veja, senhor cardeal, não seria crueldade separar pessoas que se amam como nós nos amamos ! Senhores, continuou Aramis dirigindo-se aos cavalleiros, que se tornavam mais e mais numerosos, senhores, rodeae sua eminencia para lhe fazer honra, já que quer fazer-nos obsequio da sua companhia; espero que me serão agradecidos. Porthos, não perca de vista sua eminencia.

E Aramis reuniu-se a d'Artagnan e Athos que deliberavam e deliberou com elles.

—Vamos, disse d'Artagnan após cinco minutos de conferencia, a caminho.

—E para onde vamos, perguntou Porthos.

—Para sua casa, em Pierrefonds; o seu bello castello é digno de offerecer a sua hospitalidade senhorial a sua eminencia, muito bem situado, e nem muito longe, nem muito perto de Paris ; de lá facilmente se poderão estabelecer com-

municações com a capital. Venha senhor, estará lá como um principe que é.

—Principe decaido, disse lastimosamente Mazarino.

—A guerra tem seus revezes, senhor, respondeu Athos, mas fique certo que não abusaremos d'elles.

—Não, mas usaremos, disse d'Artagnan.

Em todo o resto da noite os raptores correram com essa rapidez infatigavel d'outr'ora; Mazarino sombrio e pensativo, deixava-se arrastar no meio d'esta carreira de fantasmas.

Ao romper de alva tinham andado sem descançar doze leguas; a metade da escolta estava estafada, alguns cavallos cairam.

—Os cavallos de agora não são como os de outr'ora, disse Porthos; tudo degenera.

—Mandei Grimaud a Dammartin, disse Aramis; deve trazer-nos cinco cavallos repousados, um para sua eminencia, e os mais para nós. O principal é que nós não deixemos sua eminencia, o resto da escolta unir-se-nos-ha mais tarde; uma vez que passemos S. Diniz, não ha perigo.

Grimaud trouxe effectivamente cinco cavallos; o sugeito a quem elle se tinha dirigido, era um amigo de Porthos, promptificou-se, não para lh'os vender como elle lhe propozera, mas a offerecer-lh'os. Dez minutos depois parava a escolta em Ermonville; mas os quatro amigos corriam com novo ardor, escoltando Mazarino.

Ao meio dia entravam na avenida do castello de Porthos.

—Ah! exclamou Mousqueton que vinha atraz de d'Artagnan e que não tinha pronunciado uma só palavra em todo o caminho, acreditar-me-ha se quizer, senhor, mas é esta a primeira vez que respiro depois da minha partida de Pierrefonds.

E metteu o seu cavallo a galope para annunciar aos outros servos a chegada do senhor du Vallon e seus amigos.

—Somos quatro, disse d'Artagnan a seus amigos, revesar-nos-hemos para guardar sua eminencia; cada um de nós velará tres horas. Athos vae visitar o castello que se trata de tornar impenetravel no caso de cerco; Porthos cuidará nos viveres, e Aramis nas entradas das guarnições; quero dizer,

Athos será o engenheiro em chefe, Porthos commissario geral, e Aramis governador da praça.

—Senhores, disse Mazarino quando se viu installado no mais bello quarto do castello, espero que não terá tenção de me conservar muito tempo o incognito?

—Não, senhor, respondeu d'Artagan, inteiramente o contrario, tencionamos publicar bem depressa que o temos em nosso poder.

—Então virão cercal-os.

—Contamos com isso.

—E que fareis?

—Defender-mo-nos. Se o defunto cardeal de Rechilieu vivesse ainda, elle lhe contaria uma certa historia do forte de S. Gervasio, onde nós quatro, com os nossos quatro lacaios e doze mortos, resistimos contra um exercito inteiro.

—Essas proezas fazem-se uma vez, senhor, não se renovam.

—Tambem hoje não teremos necessidade de ser tão heroicos: ámanhã o exercito parisiense estará prevenido, depois de ámanhã estará aqui. A batalha, em logar de ser dada em S. Diniz ou em Clarenton, travar-se-ha em Compiegne ou Villers Cotterets.

—O senhor principe os derrotará, como sempre o ha feito.

—E' possivel, senhor, mas antes da batalha, passaremos vossa eminencia para outro castello do nosso amigo du Vallon, que tem tres como este. Nós não queremos expôr vossa eminencia aos acasos da guerra.

—Então, disse Mazarino, vejo que é mister capitular.

—Antes do cerco?

—Sim, as condições serão talvez melhores.

—Ah! senhor, emquanto a isso, verão como somos rasoaveis.

—Vejamos, que condições são as suas?

—Descance primeiro, senhor; vamos reflectir.

—Eu não tenho necessidade de repouso; tenho necessidade de saber se estou entre mãos amigas ou inimigas.

—Amigas, senhor, amigas!

—Pois bem! Diga então já tudo o que quer, para que eu

possa saber se é possivel um arranjo entre nós. Falle, senhor conde de La Fere.

—Senhor, disse Athos, não tenho nada a pedir para a França. Recusa-me por tanto, e passo a palavra ao senhor cavalleiro d'Herblay.

—Falle então, senhor cavalheiro d'Herblay, disse o cardeal. Que deseja? nada de ambiguidades. Seja claro, comciso e preciso.

—Eu, senhor, fallo franco.

—Vamos a vêr.

—Tenho no bolso o programma das condições que hontem lhe veio propor a S. Germano a deputação de que eu fazia parte. Respeitemos em primeiro logar os direitos antigos; as reclamações serão satisfeitas.

—Nós estamos quasi de accordo sobre isso, passemos ás condições particulares.

—Acredita que as haverá? disse sorrindo Aramis.

—Creio que não terão todos o mesmo desinteresse do senhor conde de La Fere, disse Mazarino voltando-se para Athos e saudando-o.

—Ah! senhor, tem rasão, e alegro-me em vêr que finalmente faz justiça ao conde. O senhor conde de La Fere é um espirito alheio aos desejos vulgares e paixões humanas; é uma alma antiga e altiva; o senhor conde é um homem á parte. Tem rasão, senhor, nós não valemos o senhor conde, somos os primeiros a confessal-o.

—Aramis, disse Athos, zomba?

—Não, meu caro conde, digo o que pensamos e o que pensam todos os que o conhecem. Mas diz bem, não é d'isso que agora se trata, é de sua eminencia e do seu indigno servo o cavalleiro d'Herblay.

—Pois bem! que deseja, senhor, além das condições geraes sobre o que nós fallaremos?

—Desejo que se dê a Normandia á senhora de Longueville e quinhentos mil francos. Desejo que sua magestade o rei se digne ser padrinho do filho que acaba ou está para ter; desejo finalmente que vossa eminencia, tendo assistido ao baptismo, vá offerecêr as suas homenagens ao nosso santo padre o papa.

—Isto é querer que eu me dimitta de primeiro ministro, que deixe a França, que me exile.

—Quero que vossa eminencia seja papa na primeira vagatura, reservando-me para então lhe pedir as indulgencias plenarias para mim e para os meus amigos.

Mazarino fez uma careta intradusivel.

—E o senhor? perguntou elle a d'Artagnan.

—Eu, senhor, sou em tudo do mesmo parecer do senhor cavalheiro d'Herblay, excepto sobre o ultimo artigo, em que discordo inteiramente d'elle. Longe de querer que vossa eminencia deixe a França, quero que vossa eminencia se conserve em Paris; longe e muito longe de desejar que venha a ser papa, desejo que permaneça primeiro ministro, porque vossa eminencia é um grande politico. Farei até todos os meus esforços para que tenha poder sobre a Fronda; mas com a condição que se lembrará alguma coisa dos fieis servidores do rei, e que dará a primeira companhia dos mosqueteiros a quem eu designar. E o senhor du Vallon?

—Sim, disse Mazarino, falle?

—Eu quizera que o senhor cardeal, para honrar a minha casa que lhe prestou asylo, em memoria d'esta aventura, eleve a minha terra em baronia, com promessa de ordem para um dos meus amigos, na primeira promoção que sua magestade fizer.

—Bem sabe, senhor, que para receber a ordem, é mister dar provas.

—Esse amigo as dará; demais, se fosse absolutamente preciso, dir-lhe-ia vossa eminencia como se evita essa formalidade.

Mazarino mordeu os beiços.

—Tudo isto dizia elle, combina-se muito mal, segundo julgo, senhores, porque satisfaço a uns, descontento necessariamente aos outros. Se fico em Paris não posso ir para Roma, se sou papa, não sou ministro, não posso pois fazer capitão ao senhor d'Artagnan, e barão ao senhor du Vallon.

—E' verdade, disse Aramis. Por isso como eu sou minoria, retiro a minha proposta no que diz respeito á viagem a Roma, e demissão de vossa eminencia.

—Então permaneço ministro?

—Permanece ministro; disse d'Artagnan; está claro; a França tem necessidade do senhor.

—E eu desisto das minhas pretenções, tornou Aramis; sua eminencia permanecerá primeiro ministro, e mesmo favorito de sua magestade se ella quizer conceder a mim, e aos meus amigos o que pedimos para a França e para nós.

—Occupem-se de si senhores, e deixe a França arranjar-se comigo.

—Nada! nada! tornou Aramis, é mister um tractado com os frondistas, e vossa eminencia redigil-o-ha e assignará na nossa presença, compromettendo-se pelo mesmo tractado a obter a ractificação de sua magestade.

—Eu não posso responder senão por mim, pela rainha não. E se sua magestade recusa?

—Oh! disse d'Artagnan, vossa eminencia bem sabe que sua magestade nada lhe recusa.

—Aqui está o tractado proposto pela deputação dos frondistas, disse Aramis, terá vossa eminencia a bondade de lêr, e examinar.

—Já o vi, disse Mazarino,

—Então assigne-o.

—Reflecti, senhores, que uma assignatura feita nas circumstancias em que nos achamos, podia ser considerada como arrancada á força.

—Vossa eminencia estará lá para dizer que foi feita voluntariamente.

—Mas, emfim, se eu recuso?

—Então, senhor, disse d'Artagnan, vossa eminencia não imagina as consequencias que trará a sua recusa.

—Ousará levantar a mão para um cardeal?

—O senhor tambem a levantou para os mosqueteiros de sua magestade.

—A rainha ha de vingar-me, senhores.

—Não o creio; posto que não julgo que faltarão desejos; mas nós viemos para Paris com vossa eminencia, e os parisienses são pessoas capazes de nos defender.

—Que inquietações, não irão agora em Reuil e em S. Germano! disse Aramis, como se deve agora perguntar onde está o cardeal, o que é feito do ministro, para onde iria o fa-

vorito! como procurarão vossa eminencia por todos os cantos e recantos! Que commentarios não estarão agora fazendo, e se a Fronda sabe da desapparição de vossa eminencia, como ella triumpha!

—E' horrivel! murmurou Mazarino.

—Então, assigne, senhor, tornou Aramis.

—Mas se eu assigno, e a rainha recusa ractificar?

—Eu encarrego-me de ir ter com sua magestade, e de obter a sua assignatura.

—Acautele-se, disse Mazarino, de não receber em S. Germano o acolhimento que julga ter o direito de esperar.

—Ah! eu me arranjarei de maneira que seja bem recebido; eu sei um meio.

—Qual?

—Levarei a sua magestade a carta em que vossa eminencia lhe annuncia o esgotamento completo das finanças.

—E depois disse Mazarino empallidecendo.

—Depois, quando eu vir sua magestade no cumulo do embaraço, leval-a-hei a Reuil, fal-a-hei entrar na estufa, e lhe indicarei certa mola que faz mover uma caixa.

—Basta, senhor, basta; onde está o tractado.

—Eil-o aqui, disse Aramis.

—Veja que somos generosos, tornou d'Artagnan, porque nós poderiamos fazer muito com um tal segredo.

—Então assigne, disse Aramis apresentando-lhe a penna.

—E quando eu tiver assignado, qual será a minha garantia?

—A minha palavra de honra, senhor, disse Athos.

Mazarino estremeceu, voltou-se para o conde de La Fére, examinou um instante aquelle rosto nobre, franco e leal, e pegou na penna.

—Isso me basta, senhor conde.

E assignou.

—E agora, senhor d'Artagnan, prepare-se para partir para S. Germano a levar uma carta minha á ranha.

XXX

Onde se mostra que com uma penna e uma ameaça se procede mais depressa e melhor que com a espada e a dedicação

D'Artagnan em breve organisou um systema de viagem, de maneira que pudesse estar em Paris d'alli a cinco ou seis horas, mandando antecipadamente cavallos para o esperarem em Chantilly. Mas antes de partir, reflectio que, para um rapaz de espirito e de experiencia, era uma singular posição a de marchar para o incerto deixando atraz de si o certo.

—Com effeito, dizia elle comsigo no momento em que estava montando a cavallo para ir cumprir a sua perigosa missão. Athos é um heroe de romance para a generosidade; Porthos, uma natureza excellente, mas facil de influenciar; Aramis, um rosto hieroglyphico, isto é, sempre illegivel. Que produzirão estes tres elementos separado eu d'elles?... a soltura do cardeal. Ora, a soltura do cardeal é a ruina de todas as nossas esperanças, e as nossas esperanças são até ao presente a unica recompensa de vinte annos de trabalhos, a par dos quaes os de Hercules são obra de grandes pygmeos.

Foi ter com Aramis.

—Meu caro cavalleiro d'Herblay, lhe disse elle, é em tudo a fronda em carne e osso. Desconfie pois de Athos, que não quiz advogar os interesses de ninguem nem mesmo dos seus. Desconfie sobre tudo de Porthos, que para agradar ao conde que olha como a divindade na terra, contribuirá para a evasão de Mazarino, se Mazarino tem apenas a lembrança de chorar ou de se mostrar cavalleiro.

Athos sorriu-se.

—Nada tema, disse elle, eu tenho as minhas condições a propôr.

—E como não trabalho para mim, mas para os outros, é mister que a minha ambiçãosinha remate em utilidade do que tem o direito.

—Bom, pensou d'Artagnan, por este lado estou descançado.

Apertou a mão a Aramis e foi ter com Porthos.

—Amigo, lhe disse elle, tem trabalhado tanto commigo para edificar a nossa fortuna, que seria um logro rediculo que, no momento em que estamos para lhe recolher o fructo, se deixasse dominar por Aramis, cuja finura conhece, finura que aqui, para nós, não é sempre isempta de egoismo; ou por Athos, homem nobre e desinteressado; mas tambem embotado, que, como não deseja nada para si, não comprehende que os outros tenham desejos. Que diria se um outro dos nossos amigos lhe propozesse de deixar ir o Mazarino?

—Mas, dir lhe-hia que elle custou muito a agarrar para o deixar assim ir.

—Bravo! Porthos, e teria rasão, meu amigo; porque com elle deixaria fugir a sua baronia, não contando tambem que Mazarino logo que se visse fóra d'aqui o mandaria enforcar.

—Julga que seria capaz d'isso?

—Estou certo.

—Então mais facilmente mataria tudo que o deixaria escapar. Por isso, nada receie, meu amigo, d'aquella janella vejo-o montar a cavallo, sigo-o com os olhos até que tenha desapparecido, depois volto a postar-me á porta do cardeal, a uma porta envidraçada que deita para a camara. De lá verei tudo e ao menor gesto suspeito mato-o.

—Bom! pensou d'Artagnan, por este lado julgo o cardeal bem guardado.

Apertou a mão do senhor de Pierrefonds, foi ter com Athos.

—Parto, meu caro Athos. Não tenho senão uma coisa a dizer-lhe: conhece Anna d'Austria: o captiveiro de Mazarino é a unica garantia da minha vida; se o deixa ir, estou morto.

—Só uma tal consideração, meu caro d'Artagnan, é que seria capaz de me decidir a fazer o officio de carcereiro. Dou a minha palavra que achará o cardeal onde o deixou.

—Eis aqui uma coisa que me tranquillisa mais que todas as assignaturas reaes. Agora que eu tenho a palavra de Athos posso partir.

D'Artagnan partiu effectivamente só, e sem outra escolta mais que um salvo conduto de Mazarino até chegar a sua magestade. Seis horas depois entrava em S. Germano.

A desapparição de Mazarino era ainda ignorada; só Anna d'Austria a sabia e occultava a sua inquietação aos seus mais intimos. Tinham achado na camara d'Artagnan e Porthos os dois soldados amarrados e com mordaças; inquiriram, porém elles só tinham a dizer o que sabiam, isto é, como tinham sido amarrados e despojados. Mas o que tinham feito Porthos e d'Aatagnan, depois que sairam da sua camara, é o que ninguem podia adivinhar.

Só Bernouin sabia um pouco mais; ouviudo bater meia noite, e não vendo chegar Mazarino, deu-lhe a vontade de penetrar na estufa. A primeira porta intrincheirada com os moveis, inspirou-lhe logo algumas suspeitas; mas entretanto não tinham querido dar parte das suas suspeitas a ninguem; chegou ao corredor, viu todas as portas abertas, depois as pégadas da neve que terminavam no muro; viu que ellas continuavam no outro lado; distinguiu depois os traços de cavallos que iam na direcção de Englien. Desde então acreditou como certo que os tres cavalleiros tinham levado o cardeal, pois que este tinha desapparecido com elles, e correu a S. Germano a dar parte a sua magestade.

Anna d'Austria recommendou-lhe silencio, e Bernouin tinha-o escrupulosamente guardado; mas ella mandou chamar o principe, contou-lhe tudo, e este immediamente mandou apromptar quinhentos ou seiscentos cavalleiros, com ordem de explorar todos os arrabaldes e de conduzirem a S, Germano qualquer tropa suspeita que se apartasse de Reuil.

Ora, como d'Artagnan, não era tropa, pois que vinha só, como não se apartava de Reuil, porque vinha para S. Germano, ninguem lhe embaraçou a passagem, e o nosso embaixador entrou no pateo do velho castello, sendo a primeira pesssoa que viu Bernouin.

A' vista de d'Artagnan, que entrava a cavallo no pateo de honra, Bernouin esfregou os olhos, julgando enganar-se. Mas d'Artagnan fez-lhe com a cabeça um signal amigavel, e lançando as redeas do seu cavallo ao braço de um criado que passava avançou para o escudeiro.

—Senhor d'Artagnan! exclamou este como um homem que tem um pezadello e que falla a dormir; senhor d'Artagnan!

—Elle mesmo, senhor Bernouin.

—E que vem aqui fazer.

—Trazer novas do senhor de Mazarino e das mais recentes.

—E que é feito d'elle?

—Passa como o senhor e eu.

—Não lhe aconteceu então nada?

—Nada absolutamente. Sentiu a necessidade de dar um gyro pela Ilha de França e rogou, ao senhor conde de La Fêre, du Vallon e a mim, que o acompanhassemos. Não haviamos de recusar. Partimos hontem á noite e eis-me aqui.

—Eil-o aqui.

—Sua eminencia tinha que dizer a sua magestade uma coisa de segredo, uma missão que não podia ser confiada senão a um homem seguro, de maneira que mandou-me a S. Germano Por isso meu caro senhor Bernouin, se quer fazer alguma coisa que seja agradavel a seu amo, vá prevenir sua magestade que cheguei e para que fim.

Bernouin foi dar parte d'esta singular embaixada e a rainha deu-lhe ordem de introduzir immediatamente o senhor d'Artagnan.

D'Artagnan aproximou-se da sua soberana com todos os signaes do mais profundo respeito. Tendo chegado a tres passos d'ella dobrou o joelho e entregou-lhe a carta.

A rainha como via que na carta nada se dizia do que se tinha passado, perguntou pelos promenores.

D'Artagnan contou-lhe tudo com um ar ingenuo e simples que elle tão bem sabia tomar em certas occasiões.

A rainha á medida que elle fallava examinava-o com um espanto progressivo; ella não podia comprehender que um homem ousasse conceber uma tal empresa, e ainda menos que tivesse a audacia de a contar áquella, cujo interresse e quasi dever era de a punir.

—Que, senhor! exclamou ella, quando d'Artagnan acabou, e vermelha de indignação, ousa confessar-me o seu crime! revellar-me a sua traição!

—Perdão, senhora, parece-me, ou que eu me expliquei mal, ou que vossa magestade ha mal comprehendido: aqui não ha crime nem traição. O senhor de Mazarino conservava-nos na prisão a mim e ao senhor du Vallon, porque nós não tinhamos podido acreditar que elle nos mandasse á Inglaterra para ver tranquillamente cortar o pescoço ao rei Carlos I, cunhado do defunto rei seu marido, esposo da senhora Henriqueta sua irmã e sua hospeda, e para salvar o rei martyr. Estavamos convencidos que havia aqui um erro de que nós eramos victimas, e que era necessaria e indispensavel uma cathegorica explicação entre nós e sua eminencia. Ora, para que uma explicação produza os seus fructos é necessario que seja feita com socego e tranquillidade, e, em attenção a isto levamos sua eminencia para o castello do meu amigo, e lá nos explicamos. Effectivamente, senhora, o que tinhamos previsto era verdade existia um erro. O senhor de Mazarino pensara que nós tinhamos servido o general Cromwell em logar de servir o rei Carlos, o que seria uma vargonha que de nós salpicaria n'elle, e d'elle em vossa magestade; uma cobardia que teria manchado na haste a realesa do seu illustre filho. Ora, nós demos-lhe a prova do contrario, e promptos estamos a dal-a a vossa magestade tambem, apellando para a augusta viuva que chora no Louvre onde a alojou a real munificencia de vossa magestade. Essa prova julgou-a elle tão satisfatoria, que como signal de satisfação me enviou para conversar com vossa magestade ácerca das reparações devidas naturalmente a cavalleiros mal apreciados e perseguidos injustamente.

—Ouço-o e admiro-o, senhor, disse Anna d'Austria. Poucas vezes tenho ouvido um tal excesso de impudencia.

—Vamos, ahi está vossa magestade tambem enganada sobre as nossas intenções, como esteve o senhor de Mazarino.

—Não ha tal, senhor; disse a rainha, tanto não estou enganada, que em dez minutos será preso, e em uma hora partirei á testa do meu exercito para livrar o meu ministro.

—Estou certo que vossa magestade não commetterá uma tal improdencia, não só porque seria baldada, mas porque trazia comsigo graves resultados. Antes de ser libertado, o

senhor cardeal seria morto, e sua eminencia está tão convencido do que digo, que pelo contrario me rogou que fizesse todas as instancias para que vossa magestade mudasse de projecto no caso em que eu a visse com taes disposições.

—Então! contentar-me-hei com o fazer prender.

—Tambem não, senhora, porque o caso da minha prisão está da mesma fórma previsto como o da soltura do cardeal. Se a ámanhã, a uma hora fixa, não estou de volta, depois de ámanhã o senhor cardeal será conduzido a Paris.

—Vê-se que está pouco ao facto das coisas; aliás teria sabido que o senhor cardeal esteve cinco ou seis vezes em Paris, depois que nós de lá saimos, e que elle viu o senhor de Beaufort, e de Bouillon, o coadjuctor, d'Elbeuf, e que nenhum teve a idéa de o prender.

—Perdão, senhora, sei tudo isso; e por isso não é a esses senhores que os meus amigos conduzirão o senhor cardeal, pois que esses fazem a guerra por sua conta, e que concedendo-lhes o senhor cardeal o que elles querem, não pretendem saber de mais nada; mas sim ao parlamento, que, sem duvida, se póde comprar dividido, mas que em massa nem toda a riqueza do senhor de Mazarino chegaria para comprar.

—Creio, disse Anna d'Austia fixando o seu olhar, que desdenhoso n'uma mulher se tornava terrivel n'uma rainha, creio que ameaça a mãe do seu rei?

—Senhora, disse d'Artagnan, ameaço porque me obrigam a isso. Engrandeço-me porque é mister que eu me colloque ao nivel dos sucessos e das pessoas. Mas acredite, senhora. que, tão certo como haver n'este peito um coração que palpita por vossa magestade, tem sido o idolo da nossa vida, que vinte vezes temos arriscado.

—Deus é testemunha! Ora vamos senhora, vossa magestade não terá compaixão de seus servidores, que ha vinte annos vegetam na sombra, sem deixarem escapar um só suspiro dos segredos que tiveram a honra de partilhar comvosco. Olhe para mim que lhe fallo, senhora, para mim que accusa de levantar a voz e tomar um tom ameaçador. Que sou eu? Um mesquinho official sem fortuna, sem abrigo, sem futuro, se o olhar da minh a soberana, ha tanto tempo por

mim procurado, se não fixar um momento sobre mim. Olhe para o conde de La Fére, um typo de nobresa, uma fellor de cavallaria; elle tomou um partido contra a sua rainha, ou antes, não, elle tomou o partido contra o seu ministro, e elle não tem exigencias, creio eu. Veja emfim, o senhor du Vallon, essa alma fiei, esse braço de ferro; ha vinte annos que espera da sua bocca uma palavra que o faça pelo brazão o que é pelo sentimento e pelo valor. Veja emfim o seu povo que é alguma coisa para uma rainha, o seu povo que a ama, e que entretanto soffre, que todavia tem fome, que não deseja mais que abençoal-a e que não obstante a senhora... Não, disse mal, o seu povo nunca a amaldiçoará, senhora! Pois bem? diga uma palavra e tudo está acabado. a paz succede á guerra, a alegria ás lagrimas, e a felicidade, ás calamidades.

Anna d'Austria olhou com certo espanto para o semblante marcial de d'Artagnan, onde se podia ler uma expressão singular de ternura.

—Porque não disse tudo isso antes de proceder?

—Porque era mister provar a vossa magestade uma coisa de que duvida, julgo eu; é que nós temos ainda algum valor, e que é justo que se faça algum caso de nós.

—E esse valor não recuaria diante fosse do que fosse?

—Até agora não tem recuado diante de nada; porque não será assim d'aqui para diante?

—E esse valor em caso de recusa, e por consequencia em caso de lucta, chegaria até a roubar-me do meio da minha côrte para me entregar a Fronda, como quer entregar o meu ministro?

—Nunca pensamos n'isso, senhora, mas se nós quatro o tivessemos resolvido, fal-o-iamos de certo.

—Devia sabel-o, murmurou Anna d'Austria, são homens de ferro.

—Ail senhora, isso prova-me que só hoje vossa magestade concebeu uma justa idéa de nós.

—Bem, mas essa idéa, se emfim a concebi...

—Vossa magestade nos fará justiça. Fazendo-nos justiça não nos tratará mais como homens vulgares. Verá em mim um embaixador digno dos altos interesses que está encarregado de discutir comvosco.

—Onde está o tractado?
—Eil-o aqui.

XXXI

Ainda se prova que com uma penna e uma ameaça se procede mais depressa e melhor que com a espada e a dedicação

Anna d'Austria lançou os olhos para o tratacdo.

—Não vejo aqui, disse ella, senão condições geraes; o interesse dos senhores de Conti, de Beaufort, d'Elbeuf de Bonillo e do coadjuctor, mas os seus?

—Nós fizemo-nos justiça, collocando-nos no nosso logar. Pensamos que ao pé d'esses grandes nomes não eram dignos de figurar os nossos.

—Mas presumo, que não renunciou a expôr-me as suas pretenções de viva voz?

—Eu creio que é uma grande e poderosa rainha, e que seria só digno da sua grandeza e do seu poder não recompensar os braços que conduziram sua eminencia a S. Germano.

—E' a minha tenção: falle.

—O que ha tractado, (perdão senhora, se começo por mim, mas é necessario que eu dê a mim mesmo a importancia, não que eu tome, mas que se me ha dado). O que ha tractado do resgate do senhor cardeal para que a recompensa não seja inferior á magnanimidade de vossa magestade, devo ser nomeado chefe de guardas, por exemplo capitão dos mosqueteiros.

—E' o logar do senhor de Tréville que me pede!

—O logar está vago, senhora; ha um anno que o senhor de Tréville o deixou e ainda não foi substituido.

—Mas é um dos primeiros cargos militares do corpo d'elrei.

—O senhor de Tréville era um simples filho segundo natural da Gasconha, e occupou esse cargo vinte annos.

—Tem resposta para tudo, senhor.

E Anna d'Austria tirando um alvará de cima de uma mesa, encheu-o e assignou.

—Eis uma bella e nobre recompensa, senhora, disse d'Artagnan inclinando-se. Mas as coisas d'este mundo são cheias de instabilidade, e um homem que caisse na desgraçada de vossa magestade, perderia esse cargo ámanhã.

—Então que quer? disse ella córando de ser entendida por aquelle espirito tão subtil como o seu.

—Cem mil francos para o pobre capitão dos mosqueteiros, pagaveis no dia em que os seus serviços não agradarem a vossa magestade.

Anna hesitou.

E dizer que os parisienses, tornou d'Artagnan, offereciam, por decreto do parlamento, seiscentos mil francos a quem lhe entregasse o cardeal morto ou vivo, vivo para o enforcar, morto para o arrastar pelas immundices.

—Vamos, disse Anna d'Austria, é rasoavel, pois que não pede a uma rainha senão a sexta parte do que propunha o parlamento.

E assignou uma promessa de cem mil francos.

—Depois? disse ella.

—Senhora, meu amigo du Vallon é rico e por consequencia nada tem a desejar em quanto a fortuna; mas parece-me recordar-me que tratou com o senhor Mazarino de elevar a sua terra em baronia. Um feianchão! causaria riso!

—Causaria! mas estou certo que aquelles que se rissem diante d'elle, não se ririam duas vezes.

—Vá a baronia. E Anna assignou.

—Agora, resta o cavalleiro ou o abbade d'Herblay, como vossa magestade quizer.

—Elle quer ser bispo?

—Não, senhora, deseja uma coisa mais facil.

—Qual?

—E' que o rei se digne ser padrinho do filho da senhora de Longueville.

A rainha sorriu-se,

—O senhor de Longueville é de sangue real senhora.

—Sim, disse a rainha ; mas seu filho ?

—Seu filho, senhora... deve-o ser pois que o marido de sua mãe o é.

—E o seu amigo nada tem mais que pedir para a senhora de Longueville?

—Não senhora; porque presume que sua magestade el-rei, dignando-se ser padrinho de seu filho, não póde dar-lhe um presente de menos de quinhentos mil francos, conservando, bem entendido, ao pae o governo da Normandia.

—Quanto ao governo da Normandia creio poder comprometter-me ; mas quanto aos quinhentos mil francos, o senhor cardeal não cessa de repetir-me que não ha dinheiro nos cofres do estado.

—Nós o procuraremos juntos, se vossa magestade permittir, e nós o acharemos.

—Que mais?

—Nada mais senhora.

—Não tem um quarto companheiro ?

—Sim, senhora ; o conde de La Fére.

—Que pede elle ?

—Nada.

—Nada?

—Nada.

—Ha por ventura no mundo um homem que podendo pedir não pede?

—Ha o conde de La Fére, senhora: o conde de La Fére não é um homem.

—Que é então ?

—O conde de La Fére é um semi-deus.

Não tem um filho, um joven, um parente, um sobrinho, de que Commirges lhe fallou como de um bravo e que trouxe com o senhor de Chatillon as bandeiras de Lens ?

—Ha, como vossa magestade diz, um pupilo, que se chama visconde de Bragellonne.

—Se se desse a esse jeven um regimento, que diria o seu tutor ?

—Talvez que acceitasse.

—Talvez !

—Sim, se vossa magestade mesma lhe rogasse para o acceitar.

—Singular homem! Pois bem, rellectiremos n'isso, e talvez mesmo que roguemos. Está contente senhor?

—Sim, senhora. Mas ha uma coisa que vossa magestade não assignou, e é a mais importante.

—A ractificação do tractado?

—Sim, senhora.

—Bem está. A'manhã assigno o tractado.

—Ha uma coisa que julgo poder affirmar a vossa magestade, e é que se não assigna a ractificação hoje, ámanhã talvez que já seja tarde. Tenha pois a bondade, rogo-lh'o eu, de assignar por baixo d'esse programma, todo escripto pela mão do senhor Mazarino, como vê.

«Consinto em ractificar o tratado proposto pelos parisienses.»

Anna estava presa, não podia recuar e por isso assignou. Mas apenas assignou, seu orgulho rebentou como uma tempestade, e poz-se a chorar.

D'Artagnan estremeceu ao ver as suas lagrimas. Desde então as rainhas choravam como simples mulheres.

O Gascão meneou a cabeça. Essas lagrimas reaes pareciam queimar-lhe o coração.

—Senhora, disse elle apontando, olhe para o desgraçado cavalleiro que está a seus pés; acredite que a um gesto de vossa magestade tudo lhe será possivel. Tem fé em si, tem fé em seus amigos, quer tambem ter fé na sua rainha, e a prova de que elle nada teme, que elle não especula em nada, é que elle trará o senhor de Mazarino a vossa magestade sem condições. Aqui tem, senhora, as assignaturas sagradas de vossa magestade; se julgar que m'as deve restituir, fal-o-ha, Mas, a partir d'este momento, não a compromettem em nada.

E d'Artagnan, sempre de joelhos, com um olhar flamejante de orgulho e de energica intrepidez, entregou juntos a Anna d'Aurtria os papeis que lhe tinha arrancado um a um e com tanto custo.

Ha momentos, porque se n'este mundo nem tudo é bom, nem tudo é mau, ha momentos em que nos corações os mais

secos e os mais frios, germina, regado pelas lagrimas de uma emoção extrema, um sentimento generoso, que o egoismo e o orgulho suffocam, se um outro sentimento se não apodera d'elles ao nascer.

Anna estava n'um d'esses momentos. D'Artagnan, cedendo á sua propria emoção, em harmonia com a da rainha, tinha realisado a obra de uma profunda diplomacia.

—Tinha rasão, senhor, disse ella, eu tinha-o despresado. Eis-aqui os actos assignados que lhe entrego livremente; vá e traga-me o mais depressa que fôr possivel, o cardeal.

—Senhora, disse d'Artagnan, ha vinte annos... eu tenho boa memoria... que, de traz de uma tapeçaria da casa da camara, tive a honra de beijar uma d'essas bellas mãos.

—Eis aqui a outra, disse a rainha, e para que a esquerda não seja menos liberal que a direita (e tirou do dedo um annel pouco mais ou menos semilhante ao primeiro) tome e guarde este annel como lembrança minha.

—Senhora, disse d'Artagnan levantando-se, não tenho mais que um desejo, e é que a primeira coisa que me pedisse fosse a minha vida.

E saiu.

—Tenho despresado estes homens, disse Anna d'Austria vendo d'Artagnan apartar-se, e agora é muito tarde para que me utilisse d'elles; dentro em um anno, o rei será maior.

—Quinze horas depois, d'Artagnan e Porthos traziam Mazarino á rainha, e recebiam a sua patente de tenente-capitão dos mosqueteiros, o outro o seu diploma de barão.

—Estão satisfeitos? perguntou a rainha.

D'Artagnan inclinou-se. Porthos virou e revirou o seu diploma nas mãos.

—Que ha ainda? perguntou o ministro.

—Que ha senhor! é que nós fallamos de uma promessa de cavalliro de ordem na primeira promoção.

—Mas, disse Mazarino, bem sabe, senhor barão, que se não póde ser cavalleiro de ordem sem dar provas.

—Oh! senhor não foi para mim que eu pedi o cordão azul.

—Então para quem? perguntou Mazarino.

—Para o meu amigo, o conde de La Fère.

—Oh! isso é outro caso, disse a rainha, as provas estão dadas, fique descançado que o terá.

. . . . . .

No mesmo dia era assignado o tratado em Paris, e proclamava-se por toda a parte que o cardeal estivera fechando tres dias para o redigir com mais cuidado.

Eis o que cada um ganhava com esse tratado:

O senhor de Conti Damvilliers, e, como tivesse dado as suas provas de general, obtia ficar no exercito e não vir a ser cardeal. Além d'isto tinham pronunciado algumas palavras ácerca de um casamento d'elle com uma sobrinha de Mazarino; estas palavras tinham sido favoravelmente acolhidas pelo principe, que se importava pouco com quem o casavam, com tanto que o casassem.

O duque de Beaufort faria a sua entrada na côrte com todas as reparações devidas ás offensas que lhe tinham sido feitas, e todas as honras que tinha direito a reclamar.

O duque de Bouillon recebia dominios equivalentes ao principado de Sedan, uma indemnisação pelo uso-fructo perdido, e o titulo de principe para elle e seus descendentes.

O duque de Longueville o governo de Pont-de-l'Arche, quinhentos mil francos para sua mulher, e a honra de vêr seu filho tocado nas fontes pelo joven rei e a joven Henriqueta de Inglaterra.

Aramis estipulou que seria Bazin que officiaria n'esta solemnidade, e que seria Planchet que forneceria os confeitos.

O duque d'Elbeuf obteve o embolço de certas sommas devidas a sua mulher, cem mil francos para o mais velho de seus filhos, e vinte mil para cada um dos outros.

Só o coadjuctor nada obteve; prometteu-se-lhe negociar o seu chapeu *com o papa*, mas sabia-se que fracas esperanças se podiam ter, vindo estas promessas da rainha e de Mazarino. Por isso quando toda a cidade se regosijava pela entrada do rei, fixada para o dia seguinte, Gondy, só, estava de mau humor, e mandou chamar no mesmo instante dois homens que tinha o costume de mandar chamar quando tinha assim o espirito.

Estes homens eram o conde de Rocheford, e o mendigo de Santo Eustaquio.

Vieram com a sua pontualidade ordinaria, e o coadjuctor passou com elles parte da noite.

XXXII

Onde se prova que é algumas vezes mais difficil aos reis entrar na capital do seu reino que sair d'ella

Em quanto d'Artagnan e Porthos acompanhavam o cardeal para S. Germano, Athos e Aramis entravam em Paris.

Cada um d'elles tinha sua visita a fazer.

Aramis correu logo onde estava a duquesa de Longuiville. A' primeira nova de paz a duquesa soltou altos gritos; a guerra fazia-a rainha, a paz trazia-lhe a abdicação; declarou que nunca assignaria o tratado, e que queria uma guerra eterna.

Mas quando Aramis lhe apresentou essa paz debaixo do seu verdadeiro nome, isto é, com todas as suas vantagens; quando se lhe mostrou em troca da sua realesa precaria e contestada de Paris, a vice-realesa de Ponte-de-l'Arche, isto é de toda a Normandia, quando lhe fizeram soar aos ouvidos os quinhentos mil francos promettidos pelo cardeal; quando lhe fizeram brilhar a seus olhos a honra de o rei ser padrinho de seu filho, a senhora de Longueville não contestou senão pelo habito que teem as bellas de sempre contestarem, e não se defendeu mais senão para se render.

Aramis fingiu acreditar na realidade da sua opposição; e não quiz a seus proprios olhos arrogar-se o merito de a ter persuadido.

—Senhora, lhe disse elle, quiz uma vez derrotar o senhor principe seu irmão, isto é o maior general da época, e quando as mulheres de genio o querem conseguem-n'o sempre.

Consegui-o, o senhor principe está derrotado, pois que já não póde continuar com a guerra. Agora attrahi-o para o nosso partido. Desligue-o docemente da rainha que elle não ama, e de Mazarino que elle despresa. A Fronda é uma comedia de que ainda não representamos senão o primeiro acto. Aguardemos o senhor de Mazarino até ao desenlace, isto é no dia em que o senhor principe, se voltar contra a corte.

A duqueza foi facilmente persuadida. Estava tão convencida do poder de seus bellos olhos a duqueza frondista, que não duvidou da sua influencia, mesmo sobre o senhor de Condé, e a chronica escandalosa d'então diz que ella não se enganava.

Athos tinha ido a casa da senhora de Chevreuse. Era uma frondista para persuadir, mãs esta mais difficil de convencer que a sua joven rival: porque nenhuma condição se tinha estipulado em seu favor. O senhor de Chevreuse não era nomeado governador de provincia alguma, e se a rainha consentia em ser madrinha, não podia ser senão de seu neto ou neta.

Por isso, á primeira palavra de paz, a senhora de Chevreuse carregou o sobrolho, e não obstante toda a logica de Athos insistio a favor das hostilidades.

—Senhora, disse Athos, permitta que lhe diga que todos estão cançados da guerra; que, á excepção da senhora e o coadjuctor, todos desejam a paz. Fará com que o expatriem como no tempo de Luiz XIII. Acredite, senhora, que nós já não temos a edade propria das intrigas, e os seus bellos olhos não estão destinados a murcharem chorando Paris, onde haverá duas rainhas em quanto aqui estiver.

—Oh! disse a duqueza, eu não posso fazer a guerra só, mas posso vingar-me d'essa rainha ingrata e d'esse ambicioso favorito, e... á fé de duqueza! hei de vingar-me.

—Senhora, snpplico-lhe que não faça um mau futuro a Bragelonne; eil-o já na sua carreira, o principe quer-lhe bem, é joven, deixemos sentar-se no throno o joven rei. Ai! desculpe a minha fraquesa, vem tempo em que o homem revive nos seus filhos.

A duqueza sorriu-se, meio enternecida, meio ironica.

—Conde, disse ella, estou com bastantes receios que o

attrahissem para o partido da côrte. Não tem algum cordão azul no seu bolso?

—Sim, senhora, disse Athos, tenho o da Jarreteira, que Carlos I me deu alguns dias antes da sua morte.

O conde dizia a verdade; ignorava ainda o pedido de Porthos, e não sabia que tinha um outro além d'este.

—Vá lá! é mister fazer-me velha, disse a duqueza como meditando.

Athos pegou-lhe na mão e beijou-lha. Ella suspirou deitando-lhe os olhos.

—Conde, disse ella, deve ser uma encantadora habitação a de Bragelonne. E' um homem de gosto; deve ter agua, bosques, e flores.

E suspirando de novo, apoiou a sua formosa cabeça na sua bella mão galantemente curvada, e sempre de uma fórma e brancura admiraveis.

—Senhora tornou o conde, que dizia ha pouco? nunca a vi tão joven, nunca a conheci mais bella.

A duqueza meneou a cabeça.

—O senhor de Bragelone está em Paris?

—Que pensa d'elle? perguntou Athos.

—Deixe-me, tornou a duqueza.

—Não, senhora. Se esqueceu a historia de OEdipe, eu lembro-me bem d'ella.

—Na verdade, e encantador, conde, e estimaria de viver um mez em Bragelonne.

—Não tem receio de me attrahir invejosos, duqueza?

—Não, irei incognita, conde, sob o nome de Maria Chichon.

—E' adoravel senhora.

—Mas Raul não o tenha junto de si.

—Porque?

—Porque está namorado.

—Elle, uma creança.

—E tambem uma creança que ama!

Athos tornou-se pensativo.

—Tem rasão, duqueza, esse amor por uma creança de sete annos póde tornal-o bem desgraçado um dia; irá para Flandres, onde agora vae haver guerra.

—Depois, á sua volta, enviar-mo-ha, que eu o fortificarei contra esse amor.

—N'este momento entrou Raul; vinha annunciar ao conde e á duqueza que o seu amigo, o conde de Guiche, o tinha prevenido que a entrada solemne do rei, da rainha, e do ministro era no dia seguinte.

No dia seguinte, ao romper da aurora, preparava-se effectivamente a côrte para deixar S. Germano. Na vespera á noute, tinha a rainha mandado chamar d'Artagnan.

—Senhor, lhe disse ella, dizem-me que Paris não está tranquilla. Receio pelo rei; colloque-se á portinhola da direita.

—Fique vossa magestade descançada; respondo por elrei.

E saudando a rainha, saiu.

Ao sair, Bernouin veio chamal-o da parte do cardeal para negocios importantes.

Foi immediatamente ter com elle.

—Senhor, lhe disse elle, falla-se de motins em Paris, eu irei á esquerda do rei, e como hei de ser o principal ameaçado, colloque-se á portinhola da esquerda.

—Fique vossa eminencia tranquillisado; não tocarão n'um unico cabello da sua cabeça.

—Diabo! exclamou elle ao sair, como me tirarei d'estes embaraços; eu não posso estar ao mesmo tempo á portinhola da esquerda e á portinhola da direita. Ah! é verdade! eu guardarei o rei, Porthos o cardeal.

O cortejo poz-se a caminho como já estava disposto: Guitant e Comminges, á testa dos guardas, marchavam na dianteira; depois vinha o coche real, tendo a uma das portinholas d'Artagnan, á outra Porthos, seguiam-se os mosqueteiros, os velhos amigos de d'Artagnan ha vinte e dois annos, seu tenente, e seu capitão desde a vespera.

Ao chegar á barreira, o conde foi saudado por grandes gritos de viva o rei! e viva a rainha! alguns gritos de viva Mazarino, mas não tiveram echos.

Entraram na egreja de Nossa Senhora, onde devia ser cantado um Te Deum.

Todo o povo de Paris estava pelas ruas. Tinham colloca-

do os suissos por todo o comprimento do caminho, mas como este era longo, estavam separados uns dos outros seis e oito passos de distancia e de tempos a tempos as ondas do povo rompiam este fraco dique que difficultosamente se tornava a unir.

A cada ruptura, não obstante a intenção com que era feita, pois manifestava só os vivos desejos que os parisienses tinham de tornar a ver o seu rei, de que estavam separados havia um anno, Anna olhava para d'Artagnan com inquietação e este tranquillisava-a com um sorriso.

Mazarino que tinha distribuido um milhar de luizes para fazer gritar viva Mazarino! e que não tinha avaliado os gritos a vinte pistolas, olhva tambem com inquietação para Porthos; mas o gigantesco guarda de corpo respondia a este olhar com uma tão bella voz de baixo:

«Esteja descançado, senhor,» que Mazarino tranquillisava-se cada vez mais.

No Palacio Real a multidão era maior ainda, porque tinha affluido para aqui de todas as ruas adjacentes. Quando chegaram á praça, retumbaram pelo ar grandes gritos de vivam suas magestades! Dois ou tres, viva Mazarino! se ouviram tambem, mas foram logo abafados por assobios e estrondosos apupos. Mazarino impallideceu e inclinou-se immediatamente para traz.

—Canalha! murmurou Porthos.

D'Artagnan nada disse, mas alisou o seu bigode com um gesto particular pue indicára que o seu bello humor gascão começava a aquecer.

Anna d'Austria inclinon-se ao ouvido do joven rei, e disse-lhe em voz baixa.

—Faça um gesto gracioso e dirija alguma palavra ao senhor d'Artagnan, meu filho.

O joven inclinou-se á portinhola.

—Não lhe tinha ainda dado os bons dias, senhor d'Artagnan, disse elle, e todavia já o tinha reconhecido. Era o senhor que estava detraz das cortinas do meu leito, n'aquella noite em que os parisienses me quizeram vêr dormir.

—E se o rei o permittir, disse d'Artagnan, sou eu que estarei junto d'elle todas as vezes que correr algum perigo.

—Senhor, disse Mazarino a Porthos, que faria se toda a multidão se precipitasse sobre nós?

—Mataria os mais que podesse, senhor.

—Hum! não obstante toda a sua bravura e vigor, não poderia matar todos.

—E' verdade, disse Porthos alçando-se nos estribus para melhor descobrir a immensidade da multidão; são muitos.

—Parece-me que gostaria mais do outro, disse Mazarino. E metteu-se para o fundo do coche.

A rainha e principalmente o ministro tinham razão de sentir alguma inquietação. A multidão, conservando sempre todas as apperencias de respeito para o rei e regente, começava a agitar-se tumultuosamente. D'Artagnan voltou-se para os mosqueteiros, e fez-lhes, com os olhos, um signal imperceptivel para a multidão, mas muito comprehensivel para este bravo corpo.

Na barreira dos Sargentos viram-se obrigados a fazer alto, Comminges deixou a testa da escolta e veio ao coche da rainha. Esta interrogou d'Artagnan com o olhar; d'Artagnan respondeu-lhe na mesma lingua.

—Vá para a frente, disse a rainha.

Comminges foi para o seu posto. Fez-se um esforço e a barreira movediça foi rota violentamente.

—A'vante! bradou d'Artagnan.

—A'vante! repetio Porthos.

De repente os gritos retumbaram com maior estampido: Abaixo Mazarino! Morra o cardeal!

Ao mesmo tempo pelas ruas de Grenelle, Saint-Honoré e du Coq, rompeu uma onda mais violenta e que veio quebrar-se até ás pernas dos cavallos de d'Artagnan e Porthos.

Esta nova erupção era mais perigosa, porque se compunha de pessoas melhor armadas do que era de esperar de paisanos; isto manifestava uma combinação, de um espirito hostil que tinha organisado um ataque.

Estas duas massas eram commandadas cada uma por um chefe, um que parecia pertencer, não ao povo, mas mesmo á respeitavel corporação dos mendigos; outro que não obstante querer affectar de homem do povo, era facil de reconhecer por um nobre.

—A mim, mosqueteiros! bradou d'Artagnan.

A escolta separou-se em duas alas; uma passou para a direita do coche, a outra para a esquerda; uma veio em soccorro de Porthos, a outra de d'Artagnan.

Então travou-se um combate terrivel porque não tinha fim, e tanto mais funesto porque se ignorava porque, e por quem se batiam.

XXXIII

Onde se prova qué é algumas vezes mais difficil aos reis entrar na capital do seu reino que sair d'ella

Como todos os movimentos da populaça, o choque d'esta multidão foi terrivel; os mosqueteiros, pouco numerosos, mal alinhados, não podendo, no meio fazer manobrar os seus cavallos, foram involvidos pela multidão. D'Artagnan quiz mandar abaixar as portinholas do coche, mas o rei estendeu o braço, dizendo:

—Não, senhor d'Artagnan, quero vêr.

—Se vossa magestade quer vêr, então repare.

E virando-se com aquella furia que o tornava tão terrivel, deu um pulo para o chefe dos amotinados, que com uma pistola na mão, e uma espada na outra, tentava abrir uma passagem até a portinhola, luctando com dois mosqueteiros.

—Arreda, c'os diabos! disse d'Artagnan, arreda!

A esta voz o homem levantou a cabeça, mas já era tarde, o galope de d'Artagnan tinha partido, a espada tinha-lhe atravessado o peito.

—Ah! c'um milhão de diabos! bradou d'Artagnan, tentando já tarte reter o galope, que diabo vinha aqui lazer, conde?

—Cumprir o meu destino, disse Rochefort caindo sobre um joelho. Levantei-me já de tres espadeiradas suas, mas da quarta não me levantarei.

—Conde, disse d'Artagnan com certa emoção, feri sem saber que era o conde. Affligir-me-ia se morresse com sentimentos de odio contra mim.

Rochefort estendeu-lhe a mão. D'Artagnan pegou n'ella. O conde quiz fallar, mas uma golfada de sangue abafou-lhe a palavra; fez uma derradeira convulsão e expirou.

—Arreda, canalha! gritou d'Artagnan. O seu chefe está morto, e não tem nada que fazer aqui.

De feito, como se o conde de Rochefort fosse a alma do ataque que se travava d'este lado do coche real, que o tinha seguido e lhe obedecia, retirou-se vendo-o cair. D'Artagnan carregou-os com vinte mosqueteiros, e esta parte dos amotinados desappareceu como o fumo.

D'Artagnan voltou para soccorrer Porthos, se elle carecesse de soccoro; mas este tinha manobrado com a mesma consciencia de d'Artagnan. A esquerda do coche estava não menos desembaraçada que a direita e levantava-se a portinhola que Mazarino, menos bellicoso que o rei, tinha tomado a precaução de abaixar.

Porthos tinha o ar muito melancolico.

—Com que diabo de cara está, Porthos? e que singular modo tem para um vencedor?

—Mas tambem me parece commovido.

—Tenho motivos! acabo de matar um antigo amigo.

—Deveras! quem era então?

—O pobre conde de Rochefort.

—E' como eu acabo tambem de matar um homem, cujas feições não me são desconhecidas; desgraçadamente feri-o na cabeça, e immediatamente o rosto se lhe cobriu de sangue.

—E não disse nada ao cair?

—Oh se disse! disse... Ai!

—Comprehendo, disse d'Artagnan, não pedendo suster o riso, se não disse mais que... Ai! isso não o esclarece muito.

—Então, senhor? perguntou a rainha.

—Senhora, disse d'Artagnan, a passagem está perfeita-

mente livre, e vossa magestade póde continuar o seu caminho.

De feito, todo o cortejo chegou sem outro accidente á egreja de Nossa Senhora, a cujo portal todo o clero, com o coadjuctor na frente, esperava o rei, a rainha e o ministro, pela feliz entrada dos quaes se ia cantar o *Te-Deum*.

Durante as cerimonias um garoto entrou na egreja appressadamente, correu á sachristia vestiu-se de menino do côro, e fendendo a multidão aproximou-se de Bazin, que, vestido com a sua sobrepeliz azul, estava magestosamente collocado em frente do suisso á entrada do coro.

Bazin sentiu que lhe pucharam pela manga. Abaixou para a terra os seus olhos religiosamente levantados para o ceu e reconheceu Friquet.

—Eh lá, maroto! para que ousas tu perturbar-me no exercicio das minhas funcções?

—Senhor Bazin, o senhor Maillard, que o senhor sabe, o que dá agua benta em Santo Eustachio...

—Sim, depois?...

—Recebeu na barafunda uma espadeirada na cabeça, que lhe deu aquelle gigante que acolá vê.

—Sim? n'esse caso deve estar bem doente.

—Tão doente que morre, e queria antes de morrer, confessar-se ao senhor coadjuctor, que, segundo se diz, tem poder para perdoar grandes peccados.

—E parece-lhe que o senhor coadjuctor se estorvará por causa d'elle?

—De certo, porque o senhor coadjuctor prometteu.

—E quem t'o disse?

—O senhor Maillard mesmo.

—Vistel-o então?

—Sim, senhor; estava lá quando elle caiu.

—E que fazias tu lá?

—Ora! eu berrava abaixo Mazarino! morra o cardeal! forca ao italiano! Não era isto que disse que gritasse?

—Queres tu calar-te meu tratante! disse Bazin olhando com inquietação á volta de si.

—De maneira que o pobre senhor Maillard disse-me: «Vae procurar o senhor coadjuctor, Friquet, se tu o trazes,

faço-te, meu herdeiro.» Repare bem, tio Bazin! herdeiro do senhor Maillard! o que dá agua benta em Santo Eustachio! hem! é crusar os braços e mais nada! mas não me importa, tinha bastantes desejos de lhe fazer este serviço.

—Vou prevenir o senhor coadjutor.

E aproximando-se respeitosa e vagarosamente do prelado disse-lhe ao ouvido algumas palavras a que este respondeu por um signal affirmativo; e voltando com o mesmo passo com que tinha ido, disse:

—Vae dizer ao moribundo que não se impaciente; o senhor coadjutor estará em sua caza d'aqui a uma hora.

—Bom! disse Friquet, eis feita a minha fortuna.

—A proposito, disse Bazin, onde está elle?

—Na torre Saint-Jacques-la-Boncherie.

E Friquet, saltando de alegria pelo bom successo da sua embaixada, sem despir os seus trajos de menino do côro, que aliás lhe davam facilidade para correr mais velozmente, saiu da basilica e tomou com toda a rapidez de que era capaz, o caminho da torre Saint-Jacques-la-Boncherie.

Acabado o *Te-Deum*, o coadjutor cumprio a palavra, dirigindo-se para a velha torre, que elle tão bem conhecia, sem mesmo largar os habitos sacerdotaes. O moribundo ainda não estava morto, e por isso ainda chegou a tempo.

Abriu a porta do quarto onde estava o agonisante mendigo. Um instante depois, Friquet saiu levando na mão um pesado sacco de couro, que abriu apenas se viu fóra do quarto e que com grande espanto seu achou cheio de ouro.

O mendigo cumprira a sua palavra fazendo-o seu herdeiro.

—Ah! mãe Annica, exclamou Friquet suffocado, ah! mãe Annica!

—Não pôde dizer mais; mas a força que lhe faltou para a palavra passou-lhe toda para as pernas. Tomou pois uma carreira desesperada até chegar a casa do conselheiro, a cuja porta, como outr'ora o grego de Marathon caindo na praça de Athenas com o loureiro na mão, caiu espalhando-se-lhe pelo sobrado os luizes que se lhe despejavam do sacco.

A mãe Annica começou por levantar os luizes, e depois levantou Friquet.

Durante este tempo o cortejo entrava no Palacio Real.

—E' um bem vallente homem, minha mãe, o senhor d'Artagnan, disse o joven rei.

—Sim, meu filho, e que fez bastantes serviços a seu pae. Poupae-o pois para o futuro.

—Senhor capitão, disse o joven rei a d'Artagnan ao descer do coche, a senhora rainha encarrega-me de o convidar para jantar hoje, e a seu amigo o barão du Vallon.

Era uma grande honra para os dois amigos, e que fez exultar Porthos. Todavia, durante todo o festim o digno cavalleiro pareceu preoccupado.

Que tinha barão? lhe disse d'Artagnan ao descer a escada do Palacio Real; estava com tanto cuidado.

—Procurava recordar-me onde é que eu vi o mendigc que a estas horas deve estar morto.

—E não pode recordar-se?

—Não.

—Então! procure, meu amigo, procure; quando o tiver achado, diga-m'o, não é verdade?

—Ora essa!

CONCLUSÃO

Ao entrar em casa, os dois amigos acharam uma carta de Athos, que lhes marcava entrevista para o dia seguinte no Grande Carlos Magno.

Ambos se deitaram cedo, mas sem um nem outro dormir. Ninguem chega assim ao cumprimento de todos os seus desejos, sem que ao menos durante a primeira noite esse conseguimento não tenha a influencia de lhe expulsar o somno.

No dia seguinte á hora marcada estavam em casa de Athos. Acharam o conde e Aramis em fatos de viagem.

Oh! exclamou Porthos, partimos todos? eu tambem fiz os meus arranjos para esta manhã.

—Oh! meu Deus, sim, disse Aramis, nada ha que fazer

em Paris desde o momento em que acabou a Fronda. A senhora de Longueville convidou-me para ir passar alguns dias á Normandia, e encarregou-me de lhe ir preparar a sua habitação a Rouen, em quanto durava o baptisado do filho. Vou cumprir esta commissão, e depois se nada houver de novo venho outra vez metter-me no meu convento de Noisy-le-Sec.

—E eu disse Athos, volto para Bragelonne, sabe, meu caro d'Artagnan, eu não sou mais que um bom e bravo companheiro. Raul não tem outra fortuna além da minha, pobre creança! e é mister que eu vigie sobre ella.

—E Raul, que fez d'elle?

—Deixo-lh'o, meu amigo. Vão guerrear para Flandres, leve-o comvosco: tenho medo que a sua permanencia em Blois lhe seja perigosa.

—E eu, disse d'Artagnan, não terei junto a mim, Athos, mas ao menos terei aquelle querido louro, e posto que não seja mais que uma creança, como a sua alma reine toda n'elle, acreditarei sempre que está junto de mim acampanhando-me e sustentando-me.

Os quatro amigos abraçaram-se com as lagrimas nos olhos. Depois separam-se sem saber se se tornariam a vêr.

D'Artagnan voltou para a rua Tiquetonne com Porthos, sempre preoccupado. e sempre vendo se se recordava de qnem era o que elle tinha morto. Ao chegarem diante da hospedaria de Chevrette, encontraram as equipagens do barão promptas e Mousqueton já montado.

—D'Artagnan, disse Porthos, deixe a espada e venha comigo para Pierrefonds, para Bracieux ou du Vallon vellaremos juntos fallando dos nossos companheiros.

—Não posso; vão abrir a campanha, e eu quero lá acharme; espero alli ganhar alguma coisa!

—E que espera vir a ser?

—Marechal de França, pois quê!

—Ah! ah!

—Venha comigo, Porthos; fal-o-hei duque.

—Não, Mouston não quer guerrear mais. Além de que, preparam-me uma entrada solemne em minha casa, que fará estourar de ciume todos os meus visinhos.

—A isso nada tenho que responder, disse d'Artagnan que conhecia a vaidade do novo barão, Até á vista, meu amigo.

—Até á vista, querido capitão. Bem sabe que quando me quizer ir ver, será sempre bem recebido da minha baronia.

—Sim, á volta da campanha lá irei.

—As equipagens do senhor barão esperam, disse Mousqueton?

E os dois amigos separaram-se depois de terem apertado a mão. D'Artagnan ficou á porta, seguindo com um olhar melancolico Porthos que se apartava.

Mas ao cabo de vinte passos, Porthos parou de repente, esfregou a testa e voltou.

—Já me recordo, disse elle.

—De quê? perguntou d'Artagnan.

—Do mendtgo que matei.

—Devéras! e quem é?

—Aquelle maroto do Bonacieux.

E Porthos, alegre por se vêr com o espirito livre, foi juntar-se a Mousqueton, com que desappareceu.

D'Artagnan permaneceu immovel e pensativo durante alguns instantes; voltando-se depois, deu com os olhos na bella Magdalena, que, inquieta pelas novas grandezas de d'Artagnan, se conservava de pé no limiar da porta.

—Magdalena, disse o gascão, dê-me o quarto do primeiro andar; vejo-me obrigado a figurar, agora que sou capitão dos mosqueteiros; mas guarde-me sempre a minha camara do quinto; ninguem sabe ao que poderá chegar.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

INDICE

Pag.

I—O lasquenete 3
II—Londres 10
III—O processo 17
IV—White-Hall 28
V—Os operarios 38
VI—Remember 47
VII—O homem mascarado 54
VIII—A casa de Cromwell 64
IX—Conversação 72
X—A falua Relampago 83
XI—O vinho do Porto 95
XII—Ainda o vinho do Porto 105
XIII—Fatalidade 110
XIV—Mousqueton, depois de ter escapado de ser queimado, salva-se tambem de ser comido .. 118
XV—Regresso 128
XVI—Os embaixadores 136
XVII—Os tres tenentes do generalissimo 145
XVIII—O combate de Charenton 158
XIX—A estrada da Picardia 169
XX—O reconhecimento de Anna d'Austria 176
XXI—A Realeza de Mazarino 181
XXII—Precauções 185
XXIII—O espirito e o braço 191
XXIV—Ainda o espirito e o braço 195
XXV—O braço e o espirito 200
XXVI—Ainda o braço e o espirito 202
XXVII—Os segredos de Mazarino 208
XXVIII—Conferencia 212
XXIX—Começa-se a acreditar que Porthos será emfim barão, e d'Artagnan capitão 218

XXX—Onde se mostra que com uma penna e uma ameaça se procede mais depressa e melhor que com a espada e a dedicação..... 227
XXXI—Ainda se prova que com uma penna e uma ameaça se procede mais depressa e melhor que com a espada e a dedicação..... 234
XXXII—Onde se prova que é algumas vezes mais difficil aos reis entrar na capital do seu reino que sair d'ella..... 240
XXXIII—Onde se prova que é algumas vezes mais difficil aos reis entrar na capital do seu reino que sair d'ella..... 246

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Pag.
1.ª—O duque d'Elbeuf..... 4
2.ª—Piedade ! senhores, piedade, em nome do ceu..... 113